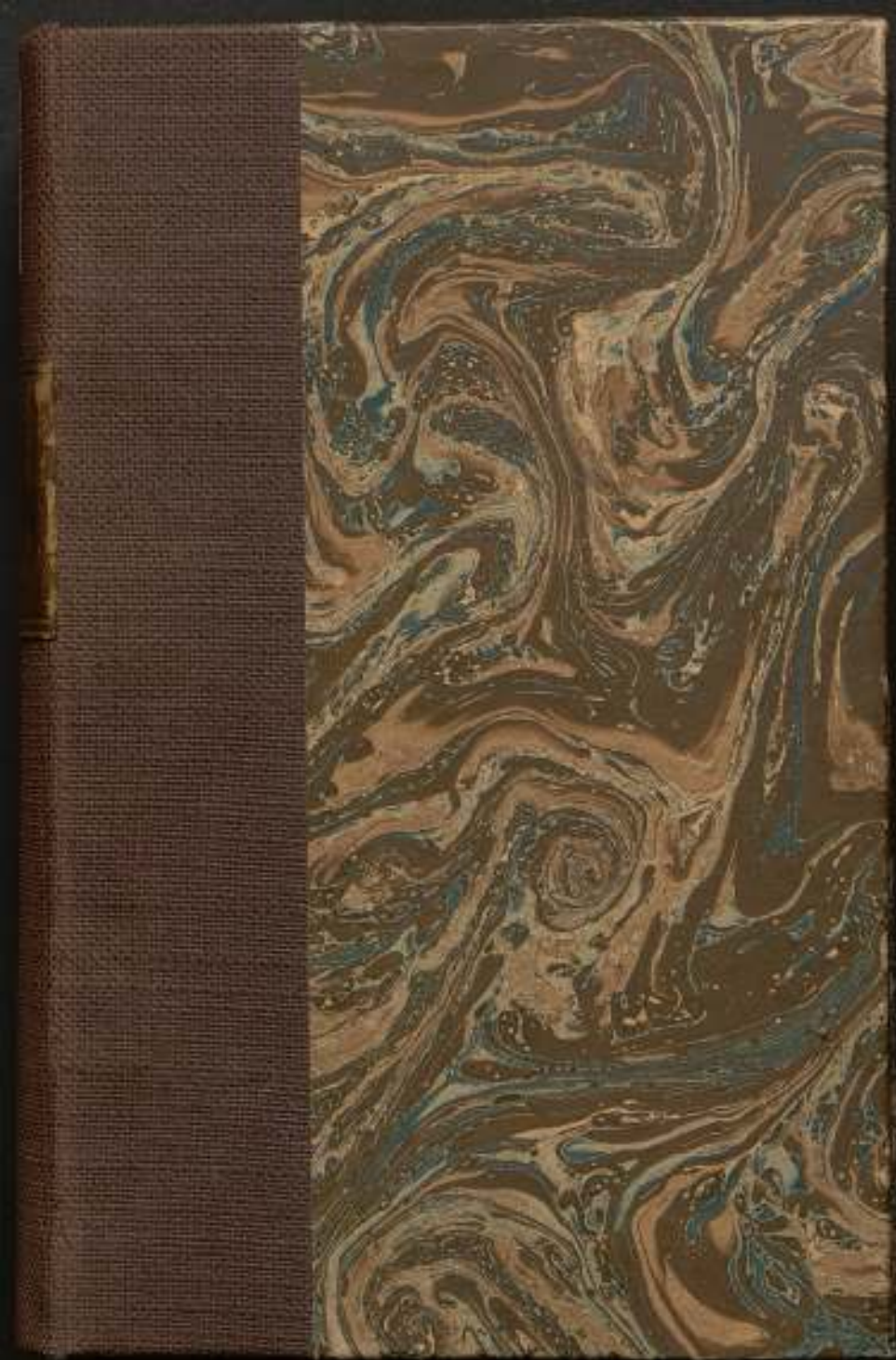




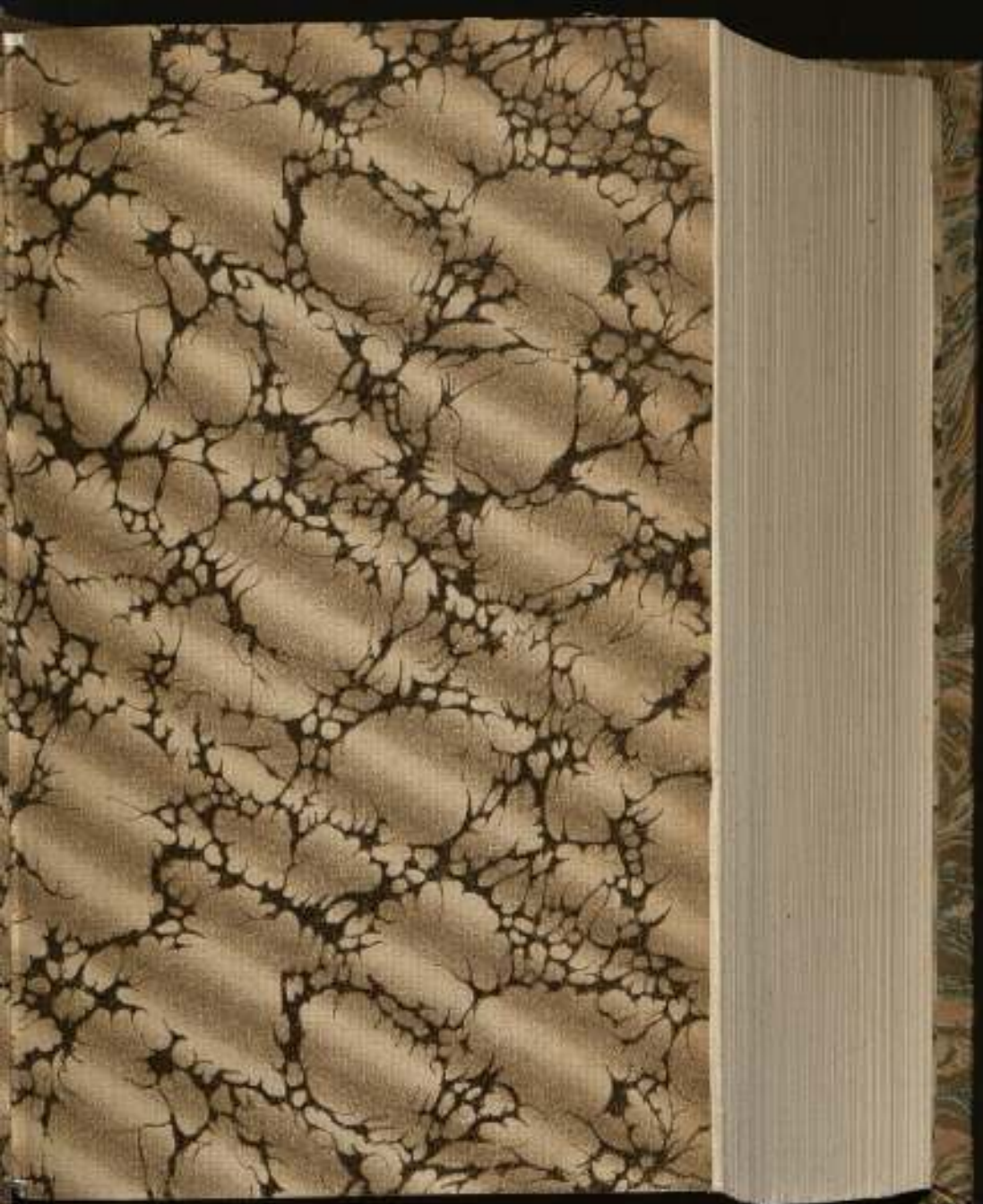
53.653

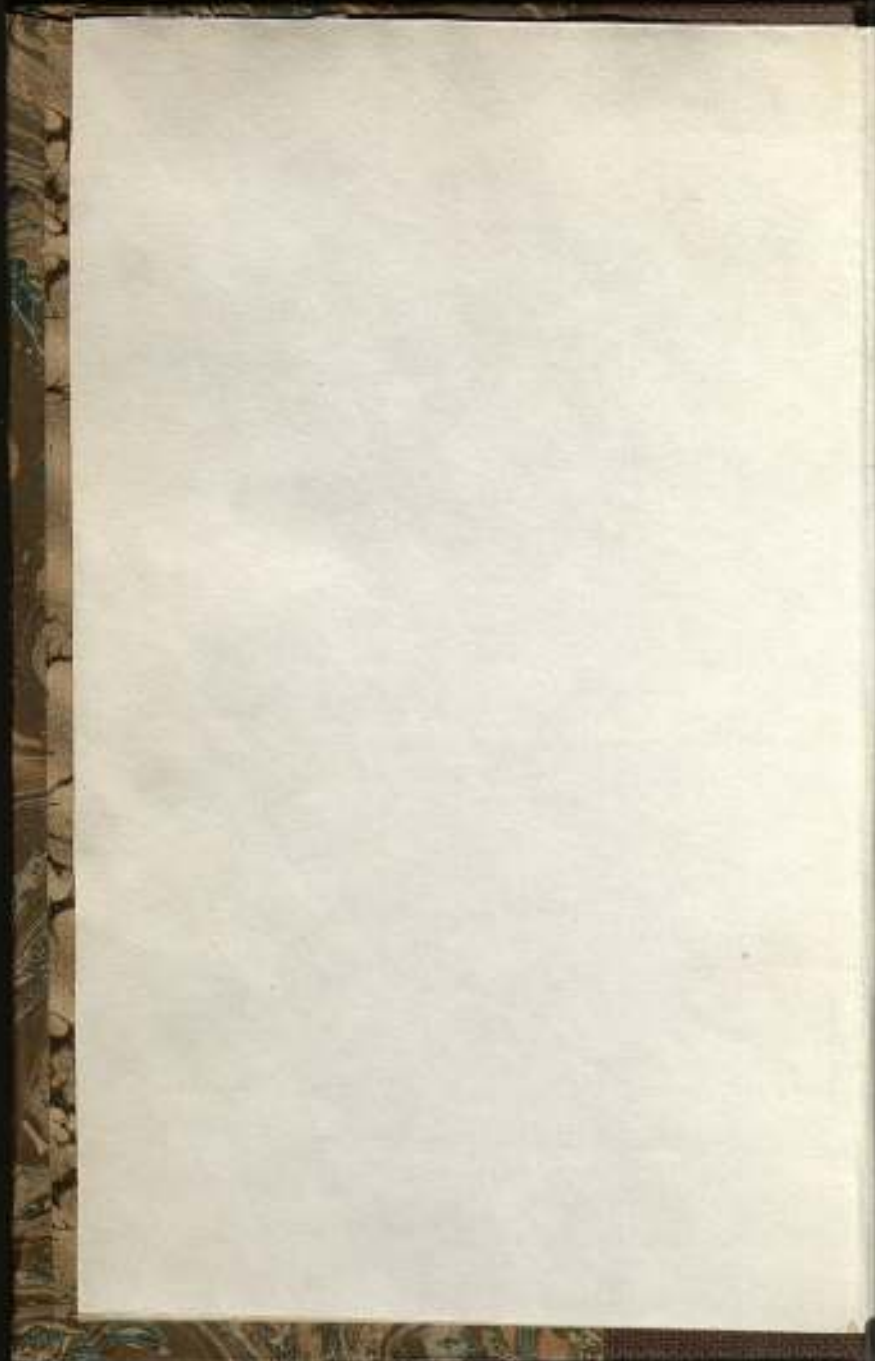
FABULARIO  
FOR  
HENRIQUE O'NEILL.

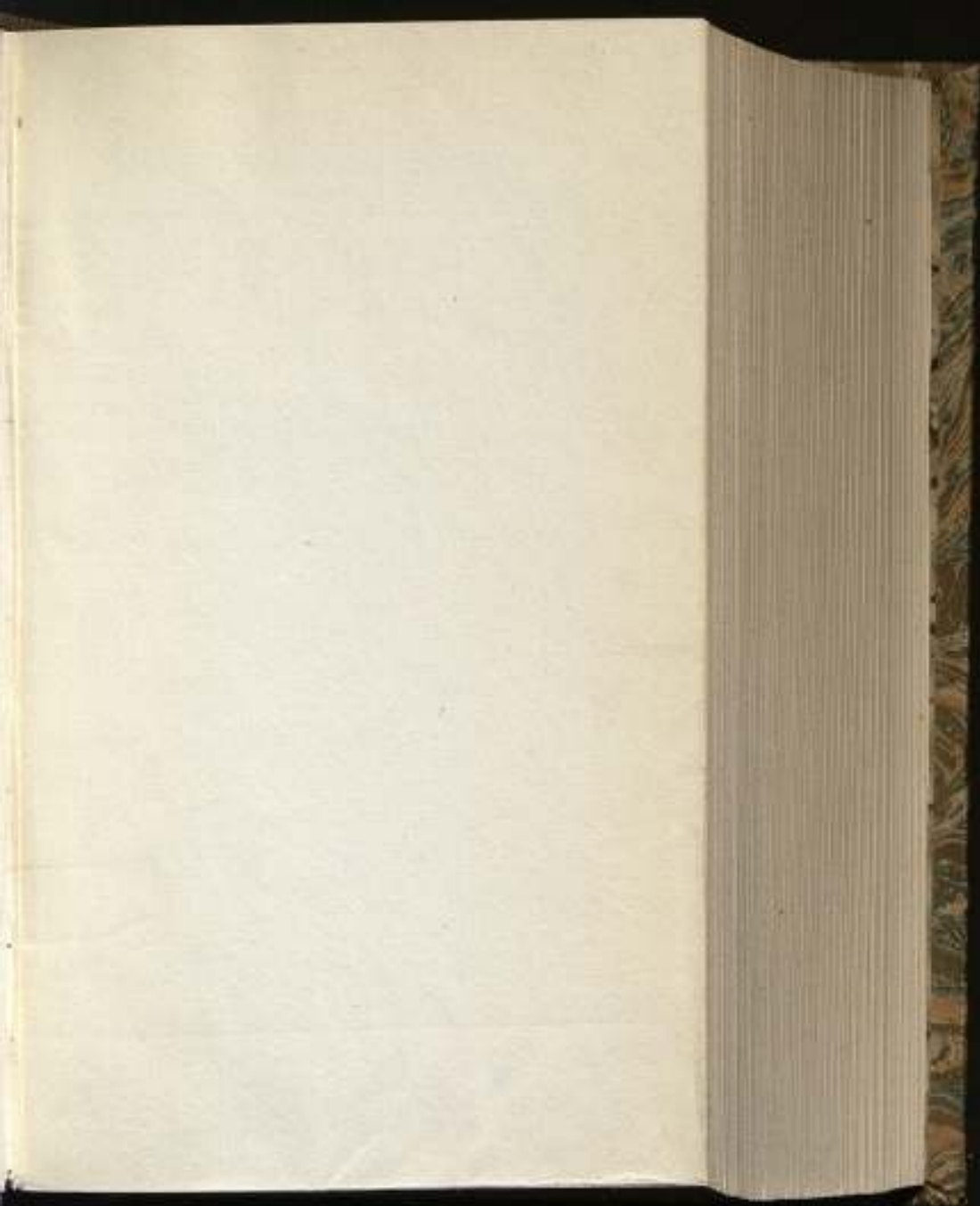


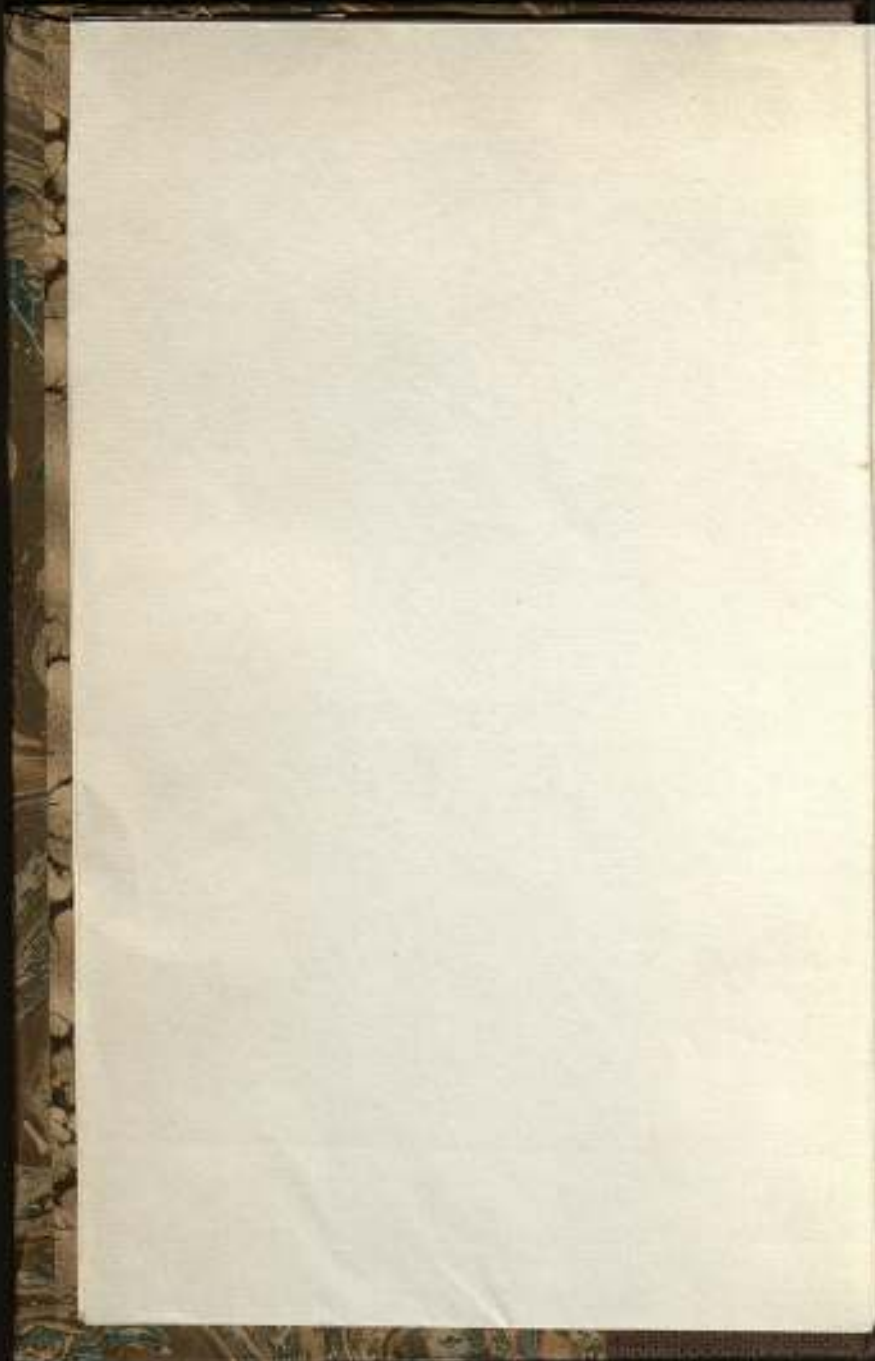






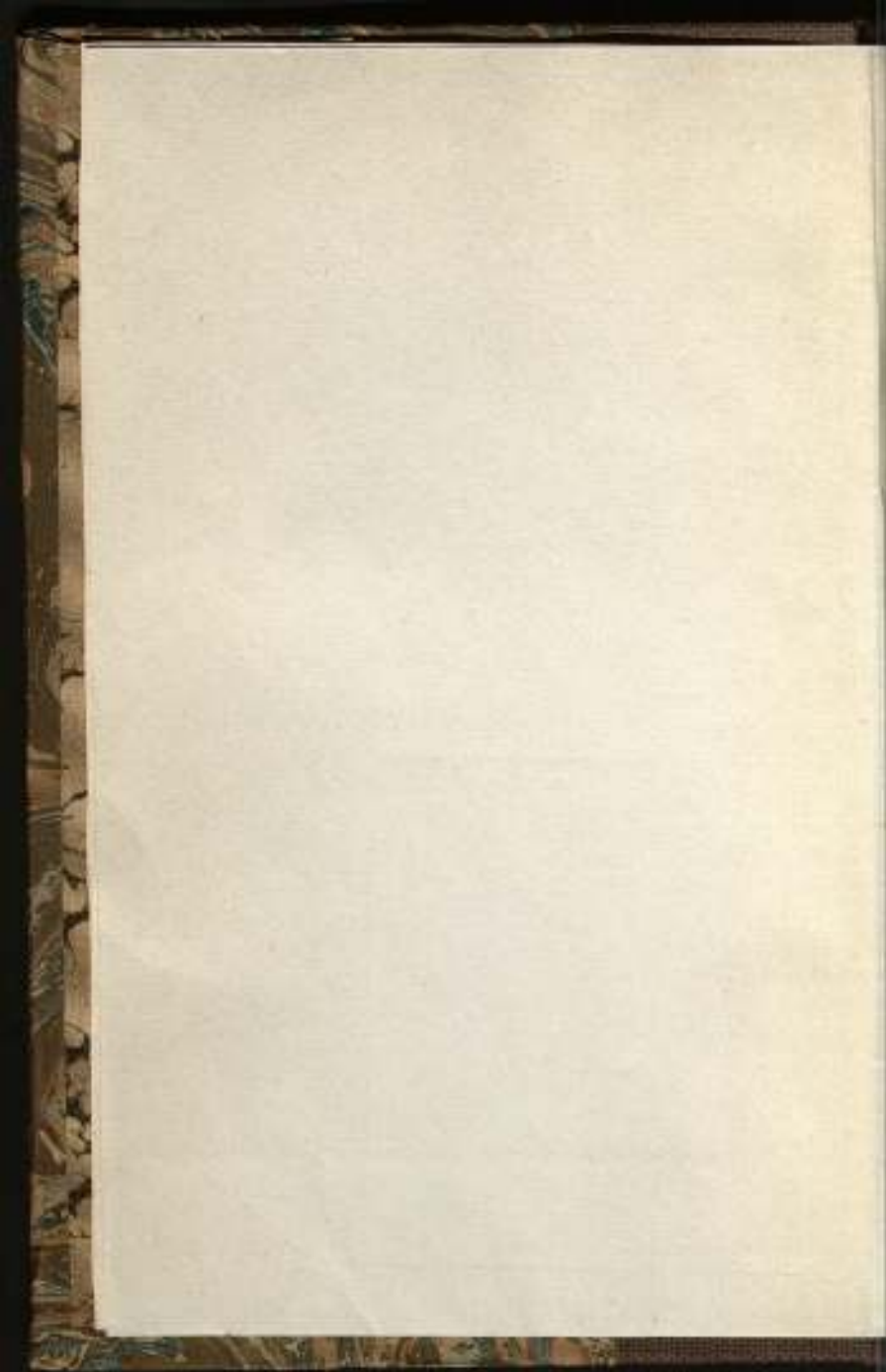








STANDARD



A Monsieur  
Ferdinand Denis,  
à l'illustre Ami des  
Portugais

~ ~ ~

FABULARIO

hommage respectueux

à l'auteur

ESTABLISHED

△ 53.653

# FABULARIO

COMPOSTO

E DEDICADO A SUA ALTEZA REAL

## O PRÍNCIPE D. CARLOS

POR

### HENRIQUE O'NEILL

Visconde de Santa Monica

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra,  
Director Geral Honorario dos Negocios da Justica,  
do Conselho de Sua Magestade,  
Preceptor aposentado de Sua Alteza,  
Veador Honorario de Sua Magestade A Realha,  
Ajadante do Conselheiro Procurador Geral da Corôa e Fazenda.



LISBOA

**LIVRARIA FERREIRA**

132 — Rua Auresa — 134

1885 M<sup>c</sup>

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

D. CARROLL

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE

## D. CARLOS

*PRINCIPE,*

*Acabada a educação de Vossa Alteza, e não podendo eu por falta de saúde continuar a concorrer para a de Sua Alteza Serenissima o Senhor Infante D. Affonso Henriques, occupei as horas de forçado ocio escrevendo o Fabulario que tenho a honra de offerecer a Vossa Alteza, ousando esperar que se dignará de aceitar o livro destinado á educação dos filhos do Povo Portuguez Aquelle que ha de ser o seu primeiro Magistrado.*

*Deus Guarde a Vossa Alteza Real.—Lisboa  
28 de Setembro de 1885.*

*De Vossa Alteza  
antigo e dedicado preceptor*

*Henrique O' Neill.*

*Visconde de Santa Monica.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

COURSE OF

LECTURES

ON THE HISTORY OF THE UNITED STATES

DELIVERED BY

PROFESSOR

OF HISTORY

AND

OF THE HISTORY OF THE UNITED STATES

BY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



## PROLOGO

Por meio de exemplos, expostos sob fórma ingenhosa e agradável, intentam as fabulas applicar ao procedimento dos homens as lições da experiencia. Devem, pois, aquelles exemplos ser, alem de moraes quanto á doutrina, tambem applicaveis na pratica, embora revestidos de fórma phantasiosa. E porisso uma fabula ou é verdadeira e util, ou esteril, senão prejudicial, segundo podér, ou não, admittir-se o exemplo que apresenta.

Dizem, e é muito provavel, que as antigas fabulas nos vieram quasi todas do Oriente. Estou porém convencido de que, embora não as houvessemos herdado, outras e muito semelhantes teriamos composto, visto serem de ordinario as fabulas paraphrases de dictados que muitas vezes até se vêem expressos na respectiva moralidade.

Das trezentas e sessenta e seis que formam a presente collecção um terço são novas, isto é, tratam assumptos que ainda não foram apresentados, ao menos que eu saiba, debaixo d'esta fórma. Muitas das outras, que fui buscar ao fundo commum e já explorado por Pilpay, Lokman, Esopo, Babrius, Phedro, La Fontaine, Florian, Lessing, Yriarte . . ., vesti-as, quanto pude, á moderna, tirando d'ellas não poucas vezes moralidade diversa da que tiraram outros, por me parecer mais conforme com o presente estado social.

Não pretendi escrever uma serie de contos pueris e frívolos; mas, seguindo o espirito do meu tempo, desejei organizar um todo harmonico e util, onde reunisse a maior copia de idéas sãs e praticas, destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de memento ás outras edades mais adiantadas.

Quanto á maneira de encarar os assumptos e á fórma que mais convinha dar-lhes, dois grandes modelos se me offereciam entre os fabulistas modernos — La Fontaine e Lessing. Este ultimo, verdadeiro philosopho e observador verdadeiro, escreveu em prosa quasi todas as suas fabulas (algumas novas ou escassamente conhecidas) dando-lhes extrema concisão e desprezando atavios, como expressamente o declara na primeira — A aparição. La Fontaine aproveitou as fabulas attribuidas a Esopo e já magistral-

mente, mas de modo conciso, tratadas por Phedro; e, narrador incomparavel, bordou a tela sem se importar com a verdade d'ellas, nem ainda, por vezes, com a dos mimosos atavios de que as adornava. Procurei seguir o pensar do primeiro, quanto á materia; pois, como o disse e creio, a fabula deve ser verdadeira. Pelo que respeita á fórma, quem póde imitar a La Fontaine? Empreguei contudo o verso como mais proprio em taes assumptos, escolhendo o de oito syllabas por se accommodar melhor ao estylo familiar. Ainda assim, cortei-o de quando em quando para lhe diminuir a monotonia e, diga-se a verdade toda, tambem obrigado a isso não poucas vezes, pois entendo que no verso o som final d'uma palavra não póde encontrar outro identico sem com elle rimar necessariamente; e muito menos póde desprezar esse que primeiro encontrou, para ir rimar com terceiro. E d'ahi deduzo que deverá evitar o concurso de desinencias eguaes dentro do mesmo verso, ou ainda nos seguintes, quem não quizer aproveitar para rima a segunda desinencia; e mais concio que semelhantes consonancias repetidas devem proscriver-se dos versos heroicos, pois necessariamente os fraccionam e lhes alteram a indole.

Dicto isto para descargo de consciencia, e prompto a confessar o meu erro quando m'o demonstrarem, acrescentarei que o presente Fa-

bulario foi escripto nos annos de 1883 e 1884; as idéas porém nelle apresentadas, recebi-as e meditei-as muito antes.

Alem dos defeitos apontados nas emendas e alterações, outros escaparam de certo nesta edição. O mesmo aconteceu e ha de acontecer a ingenhos com os quaes não tenho a louca vaidade de me comparar; e todos quantos publicaram alguma obra de certa extensão, principalmente em verso, sabem que a primeira edição, ao menos quanto á fôrma, é apenas uma prova mais limpa.

Ainda assim, muitissimo mais imperfeito sahiria este livro se não fossem os conselhos de alguns amigos que me coadjuvaram na tarefa, e mais do que tudo o inapreciavel auxilio do meu presado amigo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Com.<sup>o</sup> Joaquim Alves de Souza, o qual á erudição que ninguem lhe pôde negar, reuniu, para me ser util, paciencia e dedicação inexcediveis as quaes gostosamente aqui confesso, em que pése á sua modestia.

No ultimo quartel da vida não me moveu a escrever o interesse: bem mesquinho fôra elle, ainda quando a obra tivesse o merecimento que não tem. Escrevi este livro, porque sobrando-me vagar, senti vontade de escrever; e publico-o hoje, porque o amor de pae me cega até o ponto de suppor que não fiz obra de todo inutil.

Se alguém quizer indicar-me os defeitos que

nelle descobrir, grande favor me fará a fim de eu, tendo vida e saúde, os emendar em nova e menos imperfeita edição. Peço porém, para que possa ser justo na apreciação do meu trabalho, que queira ler primeiro as erratas e alterações, as notas e o índice por materias, a fim de não me condemnar sem eu ser ouvido, attribuindo-me erros alheios, idéas diferentes das minhas, ou ainda contradicções que procurei evitar.

---

# FABRICATION

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

THE FABRICATION OF THE

# FABULARIO

---

## FABULA 1.ª

### A Verdade e a Fabula

Segundo os gregos, num poço  
Mettida estava a Verdade:  
Ou para lhe combater  
A terrível qualidade  
De ser mais dura que um osso,  
E só se poder  
Roer

Depois de estar bem de molho;  
Ou isso significava  
Que num poço muito fundo  
Cahia quem procurava  
A verdade neste mundo;  
Ou que, se lançar o olho  
A velha ao poço ou á poça,  
Ha de ver a realidade  
De já não ser bella e moça  
Estampada num espelho,

Em que lhe pese á vaidade;  
(E o mesmo digo do velho.)  
Seja qual fôr o sentido

A Verdade

Num poço tinham mettido

Mergulhada.

Sem vestido

Nem camisa,

Fôra do banho sabiu

Numa bella madrugada.

Ao vê-la tudo fugiu:

Era caso de fugir,

Pois quem não se scandaliza

De assim vêr,

De assim ouvir,

A verdade toda nua

E, de mais a mais, na rua?!  
Ninguem a quiz receber.

Alli gelada tremia,

Não tendo onde se acolher;

Alli morrido teria,

Se não houvera passado,

Mollemente recostada

Em lindo carro dourado,

A Fabula arrebicada,

Coberta de pedraria

Toda falsa, mas luzia...

Teve dó. É da mulher

Sempre caridosa ser:

Caridade, abnegação,



Rara a mulher que não tenha  
Num canto  
Do coração.

— « Coitadinha! nua assim!  
Cubra-se com este meu manto,  
Venha para ao-pê de mim:

Ande, venha,  
Não seja bicho do matto:  
Para casa a levo já,  
Quero dar-lhe um lindo fato,

E verá  
Que a matar  
Lhe ha de ficar,  
Que bem parece vestida.

Minha amiga, nesta vida  
Valemos  
Quanto par'cemos (1)»

Deixou-se a outra levar  
E enfeitar  
De trapos e d'ouros, e de  
Da moda segundo as leis,  
Respeitadas muito mais  
Que as civis e que as penaes  
E sem muito lhe doer,  
Porque, enfim, era mulher.  
Depois de assim revestida (2),  
Foi muito bem recebida  
Logo nos paços reaes  
E, portanto, nas demais  
Casas de gente graúda.

Depois a arraia miuda,  
Que os reis e os grandes imita,  
Ou busca sempre imitar,  
(Boa manha,

Se bons exemplos apanha!)  
Embora d'elles maldiga,  
Achou-a tambem bonita,  
Quando a viu assim vestida  
Com tão vistoso trajar.

Quer o leitor que eu lhe diga  
Se gósto d'ella garrida,  
Se foi um bem adornal-a?  
Nem por isso: mas conheço  
Que assim lhe dão mais apreço;  
Pois, sabendo bem doural-a,  
Pilula a mais amargosa  
Até gente não gulosa  
A vai sem custo engulir.  
Estou que tempo ha de vir,  
Em que a verdade se diga  
Nua e livre do rodeio  
Com que tanto se mitiga;  
Tempo serio, qual desejo,  
De pão—pão e queijo—queijo.  
Mas tal tempo inda não veiu  
E, enquanto elle não vier,  
(Sabe Deus quando virá)  
Cumprimentos haverá,  
Fabulas se hão de escrever.

Se te enfadam, meu leitor,  
Qual esteril passatempo  
De creanças e de velhos,  
Fecha o livro, ainda é tempo;  
É melhor,  
E vae-o dar  
A quem o deseje ler  
E não o possa alcançar:  
Matas assim dois coelhos.

## FABULA 2.ª

## O esculptor e o invejoso

Em bronze, que pertencera  
A estatua muito famosa  
Que um incendio derretera,  
Outra, menos primorosa,  
De fôrma muito diferente,  
Porém tendo algum valor,  
Diligente  
E estudioso  
Esculpiu  
Outro esculptor.  
Invejoso  
Que tal viu,  
Procurando criticar,

Depois de longo scismar  
Disse: — «Muito bem andou,  
Ou foi bem aconselhado,  
Este artista, que empregou  
Bronze já acostumado  
A taes obras. O valor  
D'esta estatua, menos má,  
Vem todo d'ahi... Não ha  
Merito em ser esculptor,  
Quando o acaso assim nos dá  
Tão prestimoso  
Metal.»

Não imagine o leitor  
Sensato e consciencioso,  
Que lhe pretendo applicar  
D'esta fabula a moral,  
Se das minhas não gostar:  
Fallo só para o invejoso (2).

## FABULA 3.ª

## O sapo e o pyrilampo

Entre a macia verdura  
D'um vallado do meu campo,  
Brilhava por noite escura

Innocente pyrilampo,  
 Sapo asqueroso, que o viu,  
 Approximou-se e cuspiu  
 Sobre elle a nojenta baba.  
 O pyrilampo, que a vida  
 Assim cruelmente acaba,  
 Lastimando a sua sorte  
 Diz-lhe em voz enfraquecida:  
 «Porque me dás tu a morte?  
 Que te fiz, de que me accuses?  
 Diz-lhe o sapo:—«E porque luzes...?»  
 —«Imagem da vil inveja,»  
 Bradei eu, que estava ao-pé;  
 «Que tudo o que bello seja  
 Destruir sempre tomara;  
 De bom grado te esmagara,  
 Se não me sujasse o pé.»

FABULA 4.ª

O leão, o lobo e a rapoza

Ao lobo voraz e hirsuto  
 E á manhosa  
 Da rapoza  
 Disse o leão uma vez:  
 —«Vamos caçar todos tres,

E entre nós d'esta caçada  
Repartamos o producto.»  
Foi a lembrança approvada  
Por ambos. Podêra não,  
Quando vinha do leão!  
Partem: mal tinham andado,  
Eis que lhes sai um veado,  
Correram todos sobre elle,  
Deram-lhe conta da pelle.  
Em tres partes é cortado  
(Deseguaes,  
Pois que taes  
Os socios são,)

Pelas garras do leão,  
Que em seguida perguntou:  
—«Como ha de isto agora ser?»  
—«Não tem muito que saber,»  
Disse o lobo, que lançou  
A preza os olhos glutões:  
«Somos tres e ha tres quinhões,  
Por signal, dois pouco eguaes.  
Como és rei dos animaes,  
Tu queres ter o maior;  
O segundo me convem,  
Pois o não tenho melhor:  
Coma a rapoza o menor.»  
Acabado  
Elle não tem,  
Recebeu tal cachação  
Puxado

Pelo leão,  
 Que lhe deixa pendurada  
 Toda a pelle do pescoço,  
 Escorrendo ensanguentada  
 E mostrando quasi o osso.  
 A rapoza, que tal viu,  
 Muito depressa acudiu:  
 — «O segundo é da leão;  
 O terceiro, julgo eu,  
 Deve ser do filho teu.»  
 — «A lembrança é muito boa!»  
     Brada o leão:  
     «E põe fim  
 A toda e qualquer questão.  
 Mas porque pensaste assim?»  
 A rapoza respondeu:  
     — «Um doutor  
 (Parece que eston a vel-o  
     Com o seu capello  
     Vermelho.)  
     «Este conselho  
     Me deu,  
 Não te vás com teu senhor  
 Metter a jogar as peras;  
     O que espêras?  
 Vê nos outros um espelho (†).»

## FABULA 5.ª

## O lobo e o cordeiro

Fuja do lobo a correr  
O cordeiro tresmalhado ;  
Pois, se o consegue apanhar  
O malvado  
Nem lhe deixará provar  
Culpas não ter  
No cartorio,  
E morre, sem oratorio (2),

Um cordeiro malfadado,  
Novato  
Perdido por esse mundo,  
Para beber, em regato  
Pouco fundo  
Sequioso se metten.  
Apenas elle beben,  
D'onde aquella agua vinha  
Se avizinha  
Um grande lobo esfaimado,  
—«Atrevido e mal creado!»  
Grita a fera a bom gritar:  
«Pois tiveste a ousadia



De o regato, que corria  
Limpo, com teus pés sujar,  
Quando eu quiz nelle beber;

Vais morrer!»

—«Ó meu senhor!»

Lhe diz tremendo o cordeiro:

«Queria reparar primeiro  
Que estas aguas vêm d'ahi.»

—«Essa agora é que é melhor!»

Brada o lobo: «então menti?»

Tu é que mentes, meu traste,

E bem sei que me cortaste

Ha mais d'um anno na pelle.»

—«Não posso ser eu aquelle

Que tal ousou:... eu nascido

Ainda não era então.»

—«Pois seria um teu irmão,

Pelo qual tu vais pagar.»

—«Não tenho irmãos.» —«Atrevido!

Que sempre has de resmungar!

Se por acaso

Os não tens,

Tanto monta;

Nem isso faz nada ao caso:

Vocês, pastores e cães,

Trazem-me sempre de ponta,

E não me podem tragar:

Mas eu hei de os ensinar,

E tu serás o primeiro

Que pague o atrevimento.»

Dicto isto, num momento  
Atassalhou o cordeiro (5).

## FABULA 6.

## O leão e o burro á caça

Foi el-rei leão caçar  
E escolheu o jumento  
Para a caça levantar.  
Escondido  
Entre a ramada,  
O burro foi um portento;  
Pois toda a caça, espantada  
Com o seu tremendo ruido,  
Vinha cabir na cilada,  
Onde a esp'rava o leão.  
— «Que tal?» diz o fanfarrão  
Do burro, no fim da festa:  
«A trompa é boa ou não presta?»  
— «Zurraste qual grande burro,»  
Disse o leão; «e esta caça,  
Não te conhecendo a raça,  
Tomou a serio o teu zurro.»

## FABULA 7.ª

## O lobo e a cegonha

Era tão comprido um osso,  
 Ou tão grosso,  
 Que o lobo o não enguliu;  
 E ficou atrapalhado,

Esgasgado,  
 Dando tractos ao pescoço.  
 Neste aperto lhe acudiu  
 A cegonha, que passava  
 Quando em vão elle acenava  
 A quanto bicho alli via;  
 E nem um só lhe acudia.

Com destreza  
 E de seu bico as tenazes  
 Tirou das fauces vorazes  
 O tal osso, e assim salvou  
 O lobo de cruel morte.

Finda a empreza  
 A cegonha perguntou  
 Ao lobo, se lhe pagava.

—« Ora! cõrte  
 Já d'ahi!  
 Nunca vi  
 Tammanha ingrata!

Pois você inda pensava,  
 Quando a cabeça tirou  
     Sã e intacta  
 D'esta terrivel guela,  
 Que esse favor não bastava  
 Para muito bem pagar  
 Uma triste bagatela?  
 Se eu a pudesse apanhar...  
 (A cegonha se afastara)  
 Fôra você que pagara,  
 Por ser commigo atrevida  
 Depois de dever-me a vida.»

Quando algum homem de bem  
 Vir um malvado  
     Engasgado,  
 Deixe-o ficar, que está bem (?).

## FABULA 8.ª

## O cysne e o cosinheiro

Nesses tempos fabulosos,  
 Quando o cysne moribundo  
 Seus cantos melodiosos  
 Soltava deixando o mundo (8),  
 Um cosinheiro, que tinha

Bebido o sumo da vinha  
Mais do que era regular,  
Estava quasi a cortar  
O pescoço a um dos taes  
Sobredictos animaes.  
Começa o cysne a cantar  
Seu triste rondó final (9).  
—«Não son inda tão boçal»  
Disse então o cosinheiro,  
Que logo cabiu em si;  
«Que vá matar um gaiteiro,  
Como nunca assim ouvi.»  
Larga o cysne, e procurar  
Vai um ganso que apanhou;  
Grasnou  
Este a bom grasnar,  
Mas nem por isso escapou.

Expôr as suas razões  
Sem gritos nem palavões  
E, até, de bom humor  
Tem muitas vezes valor (10).

## FABULA 3.ª

## Os pastores e os lobos

Em tempos muito distantes,  
Num paiz desconhecido  
Dos modernos viajantes,  
E que nos mappas não vem,  
Dizem ter acontecido  
Que os pastores mais os lobos  
Houveram todos por bem  
Acabar mortes e roubos.  
Foi o tractado  
Assignado  
Com todos os barbicachos:  
Os pastores os seus cães  
Entregaram em refens;  
Os lobos os seus lobachos,  
Correu tudo muito bem  
Por algum tempo. Fechado  
Esteve o templo de Jano.  
Mas diz o velho dictado:  
«Atraz d'um tempo outro vem.»  
Isto levou mais d'um anno,  
Até que os lobos poseram,  
Apezar das convenções,  
Com toda a pouca vergonha

Em obra as suas tenções,  
 E eis o que elles fizeram:  
 Por uma noite medonha  
 Dão conta da pelle aos cães  
 Que retinham em refeas,  
 E vão direito aos curraes  
 Sem rafeiros nem zagaes;  
 (Dormiam estes fiados  
 Na sancta fé dos tractados.)  
 Alli, com os filhos que então  
 Quasi lhes eram eguaes,  
 Matam, ferem sem perdão,  
 E levam grande farnel.

Lembre-se d'este painel  
 Quem me lêr; e com malvados  
 Não queira nunca tractados.

FABULA 10.ª

O leão moribundo

Depois de largo reinado,  
 O leão  
 Velho e alquebrado  
 Jazia no duro chão,  
 Nem signal de corteção

No seu antro se mostrava,  
Arquejava  
Sósinho! . . . Sósinho não:  
Eis que entrava  
Para vingança tomar  
Grande chusma de animaes,  
Entre os quaes  
Não poucos o adulavam  
Quando d'elle receiavam.  
Era o terrivel momento,  
Em que injustiças passadas  
Vinham, letras protestadas,  
Exigir o pagamento (14).  
O tigre não foi presente;  
Pretendente,  
(Assim diz a tradição)  
Andava apertando a mão  
Até aos mais inferiores  
E promettendo favores,  
(Era já costume enlão)  
Para que fosse aclamado  
Em logar do rei finado.  
Mas voltemos ao monarcha:  
Prostrado embora no chão,  
Com a morte brioso arca.  
Quer  
Morrer  
Sempre leão (15).  
O cavallo deu-lhe um coice  
Sem nada dizer, e foi-se:



Deu-lhe o lobo uma dentada,  
 Em memoria da caçada (13);  
 A raposa mal se riu,

E fugiu

Logo que el-rei a fitou;  
 Assim, á chucha calada,  
 Muitos outros animaes  
 Cada qual menos ou mais

Se vingou;

Porém o urso

Esse lá botou

Discurso,

E massou,

Como sempre os ursos massam,  
 Sobre as grandezas que passam,  
 Sobre as mundanas vaidades  
 E outras banalidades;

Um longuissimo rosario:

(Era urso e *doutrinario*) (14),

Poi o peor de aturar.

Acabou... por acabar,

Dando a el-rei um grande murro.

De orelha tesa e a zurrar,

Eis que por fim chega o burro:

—«Matae-me!» rugiu então

Aos demais el-rei leão:

«Vossas garras, vossos dentes,

Tudo, tudo é accetavel:

Mas, por honra dos valentes,

Não me deixeis insultar,

Aviltar,  
Por aquelle miseravel!

## FABULA 11.ª

## O pastor e o mar

Não se deve chamar «pobre»  
A quem certo tenha o pão,  
Muito embora não  
Lhe sóbre;  
Chamo-lhe «remediado»  
Que me parece melhor (15).  
Assim vivia um pastor  
Com o seu cão  
E com o seu gado.  
Do monte por onde andava  
Se avistava  
Um grande porto de mar;  
E nelle sempre se via  
A sahir ou a entrar  
Muita náu  
Para o norte, ou meio-dia,  
Para o leste,  
Ou o sueste,  
Para Londres ou Macão,  
Para aqui, para acolá.  
Isto claro lhe dizia

Os grandes lucros que dá  
O negocio pelo mar.  
Começou elle a scismar,  
A dizer:—«Se eu tenho pão,  
Tambem o tem o meu cão;  
E para, qual elle, o ter  
Hei de sempre trabalhar  
Toda a vida até morrer.  
Que vida tão desgraçada!  
Emquanto outros regalada  
A levam sempre: e porque?

Já se vê  
Que o herdaram  
Ou ganharam.

Herdar! Eu bem pouco herdei.  
Trabalhar! Eu trabalhei,  
Não posso trabalhar mais  
Do que faço. E os demais?  
Pois não se ganha com o ocio,  
Esses têm outro trabalho,  
Sendo o melhor o negocio  
Com as possessões do ultramar.  
Isso hei de eu tambem tentar,  
Pois menos que elles não valho <sup>(15)</sup>.»  
Assim disse e assim o fez.  
Do rebanho se desfez,  
De quanto tinha dispoz.  
Comprou fazenda, que poz  
Toda a bôrdo d'um navio:  
Perdeu-se este num baixio,

E levou-lhe tudo o mar!

.....  
Eil-o de novo a guardar

Ovelhas, suas já não;

Eil-o tirando ao seu pão

Para de novo as comprar;

Tanto fez,

Que o conseguiu:

E, quando outra vez

Se viu

Guardando um rebanho seu,

Dava mil graças ao céu

Por voltar

Ao antigo estado,

E nunca mais foi tentado

Com os negocios pelo mar.

De pão seguro bocado

Ninguem queira aventurar;

Que pode ficar

Logrado.

Quantas vezes, desgraçado

Carpindo se julga alguem

Ató vir maior desgraça,

Que lhe faça

Achar um bem

O que teve e já não tem!

## FABULA 12.

## O hortelão e os caçadores

Um hortelão abastado,  
Por muito bem situado  
Estar da cidade á porta,  
Andava desesperado,  
Pois iam alguns coelhos  
Comer-lhe as couves da horta.  
Não dormia socegado:  
Assim é com muitos velhos,  
(Elle moço já não era)  
A quem a idade exaggera  
A menor contradicção;  
Querem só quietação,  
É proprio d'aquella idade.  
Ora o velho na cidade  
Tinha, entre outros, um freguez,  
Com quem fallando uma vez,  
Dos coelhos se queixou.  
— «Você porque não fallou  
Mais cedo? Já seus cuidados  
'Stavam todos acabados.  
E eu cá então que me pello  
Por uns coelhos guizados!...  
Amanhã vou-lhes ao pello:

E desde já lhe asseguro  
Que você para o futuro  
Nem um laparo ha de ter  
Para amostra, se o quizer.  
Amanhã aqui me tem.»  
Assim foi. Ao amanhecer  
Eis que o tal caçador vem  
Com meia duzia d'amigos,  
E não sei com quantos cães:  
Tractam logo de almoçar.

Dizer os figos

E os pães

Que comeram,

Fôra um nunca se acabar;

E beberam

Menos mal

Para os figos afogar (17).

— «Comecemos a caçada,»

Diz o amigo a final.

Com effeito é começada,

E, depois de um bom jantar,

Felizmente se acabou.

Mas se a caça deixou

Morta,

Foi-lhe a morte bem vingada,

Pois ficou

Em tal estado

A desgraçada da horta,

Que nem paiz conquistado

Pelo povo Huno ou Vandalo.

Foi um verdadeiro escandalo,  
Um raio que alli passou ;  
Nem uma couve escapou  
Direitinha no seu talo:  
Todo calcado no pò !  
O velho, depois de sô,  
Rogando pragas que eu calo,  
Chorou, diga-se a verdade,  
Dos coelhos com saudade...

Às vezes o curativo,  
Não a doença, é que mata :  
Ha erro menos nocivo  
Do que a emenda na errata.

FABULA 13.

O burro e o cãesinho

Quem com graça não nasceu  
Não se metta a engraçado.  
Olhe o caso que se deu  
Com certo burro, estafado  
De trabalho e de pancadas,  
Que, vendo quanto estimadas  
Eram d'um cãesinho as graças,  
Que todos d'ellas se riam ;

Não attendendo a que as raças  
E os tamanhos differiam;  
Na grande sabedoria  
De que nascera dotado,  
Imaginou que seria,  
Do mesmo modo estimado,  
O momento aproveitando  
Em que vê 'starem folgando  
Os patrões com o tal cãosinho,  
Entra na sala zurrando,  
Aos coices e pretendendo  
Dar tambem o seu pêsinho,  
Às caras a pata erguendo.  
Imagem em que estado  
Ficaram todos na sala!  
Cai a senhora sem falla...!  
— «Acudam!» gritam afflictos:  
«Acudam já com um arrocho!  
Que 'stá damnado  
O carocho!»

(Por ser preto, assim chamado.)  
Ouvindo tamanhos gritos  
Um labrego, seu mentor,  
Que, dando-lhe a palha e a herva,  
Não lhe soffria tolices,  
Qual noutro tempo Minerva  
Ao filho do sabio Ulysses,  
Acabando com as meiguices  
Fez calar logo o cantor,  
E poz na folia ponto



Com um bom rufo de tambor  
No lombo do burro tonto.

FABULA 14.ª

**O macaco e o golinho**

Segundo Plinio <sup>(15)</sup>, os golfinhos  
Não só não eram damnhinhos,  
Mas até uns animaes  
De certo mui serviçaes,  
Pois cuidavam de salvar

Quem ao mar

Cabido tinha,

Ou quem estava alli em p'rigos.

D'onde vinha

Serem tidos por amigos

Dos homens em outras eras.

Hoje são isso chimeras

D'aquelles tempos passados:

Os golfinhos são fígados,

E lhes tiram as gorduras,

Que muito máo cheiro deitam,

Mas de que alguns se aproveitam

Por não ficar às escuras <sup>(16)</sup>.

Ora contam que um navio,

Pelas alturas

De Athenas,

Dando com a quilha em baixo  
Se afundou. Os desgraçados,  
Marinheiros  
Passageiros,  
Pelas antenas  
Trepados,

Já se julgavam perdidos,  
Quando foram soccorridos  
Pelos bondosos golfinhos,  
Que fizeram mil caminhos,  
Em cima do seu costado  
À terra os homens levando.  
Um d'elles, que ia montado  
Por macaco, que julgara  
Ser homem ao vêr-lhe a cara,  
Foi com este conversando:  
— «É d'Athenas?» — «Sim, senhor;  
Nem o ha alli melhor  
Aparentado do que eu.  
O meu pae è magistrado,  
Meu irmão grande letrado;  
Descendemos de Theseu (2º).  
Em mim tem um homem seu,  
Que muito desejaria  
Servir-lhe ao menos de guia  
Para Athenas lhe mostrar.»  
— «O que me diz do Pireu? (3º)»  
— «Amigo velho: elle e eu  
Junctos fomos almoçar,  
Quando eu estava de partida.»

Ouvindo tal descabida  
 Olha o golfinho, pasmado,  
 Quem nelle estava montado;  
 E, vendo que era um macaco,  
 Que tirava assim do charco,  
 Mergulha sem mais cavaco,  
 E volta direito ao barco

A buscar  
 Um homem para o salvar.

Quantos macacos não ha,  
 Que, por muito bem calados,  
 Têm de sabios alvará,  
 E não morrem afogados (22)?  
 Mal lhes não quero, coitados!  
 Pois, se merito não têm,  
 Não incommodam ninguem.

FABULA 15.

O camelo

O primeiro que avistou  
 Um camelo,  
 Tão assustado ficou  
 Só de vê-lo,  
 Que espavorido fugiu.

O segundo, quando o viu,  
Perto d'elle se achegou  
Sem ter lá maior receio.  
O terceiro poz-lhe um freio  
E, qual besta, o carregou.  
O camelo assim ficou  
Sendo um dos mui serviçaes  
Entre os outros animaes.

Muitos homens ha que, ao vêl-os,  
Parecem grandes portentos,  
E não passam de camelos,  
Sem ter os merecimentos  
Que estes têm mais os jumentos<sup>(23)</sup>.

## FABULA 16.ª

**O velho e seus filhos**

Sentindo a morte chegar  
Um velho mandou chamar  
A seus tres filhos; e disse,  
Que desejava saber,  
Qual tinha tanto poder  
Nos pulsos, que lhe partisse  
Um mótho, de varas feito,  
Que mostrou juncto do leito.

Todos tentaram a empresa;  
Mas nem força nem destreza  
Lhes valeu: não se quebrou  
Do tal feixe uma só vara.  
Então o velho as separa,  
E uma após outra partiu.

— «Cada qual  
De vocês viu  
Quanto val'  
Serem unidos;

Aquelles páos, se o ficassem,  
Nunca seriam partidos.»  
Disse o velho: e lhes pediu  
Que do feixe se lembrassem.  
Prometteram; e morreu.  
Mas do que foi prometido  
Nenhum mais se recordou;  
E porisso succedeu  
Vér-se cada um perdido,  
E só então lhes lembrou,  
Mas tarde, o feixe partido  
Apenas se desatou (24).

## FABULA 17.

## O rachador e Mercurio

Tendo perdido o machado,  
E nelle o seu ganha-pão,  
Rachador já não rachava;  
Mas partia o coração  
Com os queixumes que soltava.  
Como havia de elle obter  
Outro? mal lhe chegava  
O ganho para comer.  
Nada o acalma:  
—«Ó machado  
Da minha alma!  
Sem ti  
De que hei de viver?  
Oh! maldicta seja a hora  
Em que nasci,  
Desgraçado,  
Para de fome morrer!  
Dá-me, Jove, sem demora  
A morte, ou o meu machado!»  
Eis Mercurio lhe appar'ceu:  
—«Aqui o tens todo inteiro;  
Acaba-me esse berreiro;  
Será isso?»

E lhe metteu  
 Á cara um d'oiro massiço.  
 — «Deixe vér...  
 Bem pôde ser:»  
 Responde o triste acalmando,  
 E limpando  
 Os olhos com a suja mão.  
 «Aí! esse nunca foi meu.»  
 — «De certo que é este então:»  
 E um de prata lhe offreceu.  
 — «Tambem não.»  
 Mas solta um berro  
 Apenas vê o de ferro,  
 Que Mercurio lhe mostrou:  
 — «Ó machado! Ó meu machado!»  
 E com elle se abraçou.  
 — «Pois todos tres eu t'os dou;  
 Deves ser recompensado,  
 Que és homem de boa fé.»  
 Espalhado  
 Pelo sitio o caso é.  
 Eis começam rachadores  
 Levantando mil clamores  
 Por ter perdido o machado;  
 E eis Mercurio que vem  
 A estes tambem  
 Com os tres,  
 Assim como ao outro fez.  
 Mas não pôde resistir  
 Nenhum, quando vê luzir

O d'ouro: muito depressa,  
 Julgando tê-lo já certo,  
 A gritar: — «Esse é o meu!»  
 Então Mercurio lh'o deu...  
 De riço, pela cabeça.

Mais d'um, por esperto  
 Havido,  
 Se tem assim extendido.

FABULA 18.ª

O burro carregado de reliquias

Ao som de gaita e tambor  
 Iam reliquias d'um sancto;  
 Se martyr, se confessor,  
     Não ousarei  
     Dizer tanto (23);  
     Apenas sei  
     Que um jumento,  
     Corpulento,  
 Coberto de rico manto,  
 Levava reliquias sanctas  
 Em solemne procissão.  
 Vendo o burro às suas plantas  
 Tantos joelhos no chão,



Vendo tanto adorador,  
Pensou que enfim a razão  
Começava a governar,  
Pois já lhe sabiam dar,  
A elle, o justo valor,  
Que sempre julgou immenso,  
Como o julga e ha de julgar  
Quem nasceu sem nenhum ter.  
(Cada vez mais me convenço,  
Por tudo o que estou a ver,  
De quo é a compensação  
Dada pela natureza  
A quantos ineptos são.)  
Respirava pois o incenso  
O tal burro, na certeza  
De que o tinha bem mer'cido.  
Voltando enfim á egreja,  
Da qual havia sahido,  
A devota procissão,  
Eis que o jumento forceja  
Por entrar de cantochão,  
Já sem reliquias embora;  
E, quando o poseram fóra  
Á paulada e a pontapé,  
Disse: — «Assim foi e assim é  
Dos homens sempre a toleima:

Ora

Adora

O que queimou,

Ora queima

O que adorou (26):  
Mas ficou,  
Como d'antes, convencido  
De que o incenso lhe é devido.  
Ao burro se dá razão  
Toda a vez que se faz caso  
De idiota muito raso  
Só por ser um figurão.

FABULA 19.<sup>a</sup>

## A serpente e a lima

Uma serpente malvada  
Entrou de noite fechada  
Na loja d'um serralheiro;  
De comida nem o cheiro  
Encontrando  
Se lançou  
A uma lima que topou,  
Na qual se poz a morder.  
— «Melhor não podes fazer»  
Lhe diz a lima zombando,  
«Do que estás ahí fazendo:  
Vae mordendo  
Nesse meu aço, vae dando  
Cabo dos dentes maldictos.»

Quanto infame maldizento  
 Felizmente  
 Se tem assim enganado,  
 Julgando com torpes dictos,  
 Ou escriptos  
 Indecentes,  
 Cravar venenosos dentes:  
 Nalgum character honrado?  
 Mas tal raça não acaba;  
 E, se não pode roer,  
 Vai sempre tendo o prazer  
 De sujar com a immonda baba (37).

## FABULA 20.

## Os animaes atacados da peste

Doença cruel, medonha,  
 A peste!... (e que dizer mais?)  
 Com sua negra poçonha  
 Tinha eivado os animaes:  
 Ferozes ou innocentes,  
 Os que não iam puxando  
 Andavam todos doentes.  
 Julgando  
 Que os céos irados  
 Enviavam tal flagello

Em castigo de peccados,  
Por lembrança d'um camelo,  
Semprè nas graças reaes  
Na côrte dos animaes,  
Manda el-rei tirar devassa,  
Porque justiça se faça,  
Sendo logo castigados  
O auctor,

*Quemquer que fôr,*

Ou os perfidos auctores  
Dos mofendos attentados;  
E que cessem os rigores  
De Jove assim satisfeito.  
Fez-se isto *com muito geito,*  
Como era bem natural,  
Não fosse algum animal  
Mais graúdo o peccador.  
Todo correu ao sabor  
Do justo e sabio camelo;  
Ficaram assignalados  
Sua prudencia e seu zelo.

Condemnados

Com solemne espalhafato,  
Com juridico berreiro,  
Por supposto desacato  
Foram dois burros e um pato.

Foi um carneiro

Accusado

Do crime de desordeiro;  
Escapou, mas infamado

E muito bem tosquiado,  
Para não ficarem restos  
    Dos infestos  
    Peccadores,  
    Causadores  
Dos celestes desagrados,  
Os corpos dos infelizes  
Foram logo sepultados...  
No ventre de seus juizes <sup>(28)</sup>....  
A peste continuou  
    A grassar,  
    E cessou  
Quando tinha de cessar,  
Como sempre o ha de fazer  
    Quer dizer,  
A contento ou a pesar  
Dos que tomam o camelo  
    Por modelo <sup>(29)</sup>.

## FABULA 21.\*

**O cordeiro tosquiado**

Quando a primavera volta  
Trazendo cantos e flores,  
Dos rebanhos com a tosquia  
    Andam de volta

Os pastores.  
Isto via,  
Arrepiado,  
Cheio de medo um cordeiro:  
Chegara o anno primeiro  
De tambem ser tosquiado.  
Mais morto que vivo andava;  
Só pensava  
Nos tormentos  
Que os medonhos instrumentos,  
Tezouras  
Aterradoras,  
Haviam de lhe causar,  
Quando o fossem tosquiar.  
Soou a hora fatal!  
Mesmo á entrada do curral,  
Sobre um banco  
Meio manco,  
Foi o triste collocado,  
Bem preso de pés e mãos;  
Tosquiado,  
A pesar de esforços vãos.  
Contente porém ficou,  
Depois de solto, o cordeiro:  
O vello, que lhe cortou  
O rude cabelleireiro,  
Não lhe fez falta nenhuma;  
Pôde, em summa,  
Dizer até que lucrrou  
Com aquelle temido corte!

Não será assim a morte?...  
Deve ser. Se o bom pastor,  
Protector  
Do seu rebanho,  
Por tamanho  
Que elle seja,  
Nem carneiro nem um anho  
De certo perder deseja;  
Quanto mais quem tudo cria?  
É necessaria a tosquia,  
Assim tambem é a morte,  
Fatal sorte  
De tudo quanto nasceu:  
Mas a morte não é nada  
Mais que vida transformada,  
Planta que reverdeceu.  
Não temas pois um morrer  
Que é nascer;  
E, quando houveres soltado  
Teu alento derradeiro,  
Has de surgir... melhorado,  
Como ficou o cordeiro (22).



## FABULA 22.

## O jardineiro e os caracoes

Tractar todos como amigos,  
Perdoar aos inimigos,  
Isso tudo é muito bom;  
É de almas nobres o dom,  
E até mui pouco lhes custa:  
Mas comtanto  
Que, quem queira assim ser sancto,  
Só o seja á sua custa.

Jardineiro, perseguido  
Pelos caracoes, lhes faz  
Guerra assidua, e conseguido  
Tem encher grande cabaz  
Com milheiros  
Dos nocturnos ratoneiros (24),  
Matal-os  
Lhe repugna ao coração,  
Julga o vingar-se mesquinbo,  
E vai então  
Atiral-os  
Para o quintal do vizinbo (25).



## FABULA 23.

## O burro e o cão

Ha um burro e mais um cão,

Noite feia,

Para a aldèa

Por um atalho da serra :

Eis que enterra

O segundo pela mão

O damnhinho

D'um espinho.

—«Eu assim mal posso andar,

Amigo,» diz elle ao burro :

«Bem me podias levar

Atè ao alto da encosta ;

Facil te fôra de certo.»

—«Amigo,» diz-lhe o casmurro,

Que da lembrança não gosta :

«Estamos de casa perto ;

Vae tu caminhando em tres,

Como o fazes muita vez.

Quando te sentes caçado

D'um dos pés.»

Nada responde, coitado,

O pobre cão; vai andando:

Mas eis que sentem, nivando,

No matto um lobo esfaimado.

—«Não te arredes do meu lado,»

Diz então,

A tremer, o burro ao cão;

«Ou de certo devorado

Pelo lobo sou em breve.»

—«Não sei porquê? Tu vais leve,

Muito bem podes fugir,

Ou te podes defender

A valer,»

Responde o cão: «'stas ferrado

De novo dos quatro pés.

Eu é que vou já partir,

Poisque me sinto aleijado,

Caminhando só em tres,

Como o faço muita vez,

Quando tenho um pé cançado.»

O cão vai-se. Num momento

Chega o lobo; e justo fim,

Porque foi villão ruim,

Teve em paga o tal jumento.

FABULA 24.<sup>a</sup>

## A canna de foguete

«Olhem como eu vou subindo  
Nobremente pelo ar!»

Toda ufana

Grita a canna

D'um foguete,

Acabado de deitar.

Este estoira; e rebolindo

Cai ella, e fica servindo

Aos garotos de juguete.

As vezes succede aquelle,

A quem a fortuna impelle

Apesar de ser ruim,

Ir subindo muito tesoz;

Mas, por fim,

Dá no chão com o proprio peso <sup>(33)</sup>.

## FABULA 25.ª

## A gamella

Homem mui velho e já tonto,  
Um filho casado e um neto  
Debaixo do mesmo tecto,  
Nos diz um conto,  
Viviam.  
Junctos, porém, não comiam :  
O velho, poisque a tigela  
Quebrava  
E o caldo entornava,  
Comia numa gamella  
De pão, e fóra  
Da mesa;  
Com asp'rezza  
Era tractado  
Pelo filho, pela nora  
Desprezado.  
Um dia, ao canto da casa,  
Estando o neto entretido,  
(Era ainda pequenote)  
Muito attento a ver se vasa  
Com uma goiva e um serróte  
Um pedaço de madeira ;  
Interrompido

Pelo pae foi, que indagou  
 O fim de tal brincadeira? »  
 — « Aqui 'stou, »  
 Lhe responde o innocente,  
 « A fazer uma gamella,  
     Qual aquella  
 Em que come meu avô,  
 Para meu pae comer nella  
 Quando for velho e demente. »  
 Accrescenta mais o conto :  
 Revirou o coração (24)  
 Ao pae aquella lição ;  
     Cuidadoso  
     E respeitoso  
     Desde então  
 Tractou do velhinho tonto.

## FABULA 26.\*

## O arminho e o porco

À beira de charco immundo,  
 Embora mui pouco fundo,  
 Um branco arminho parou ;  
 E, para não se manchar,  
     Não ousou  
     Além passar (25).  
 E quanto elle o desejava !

Que o tentava  
 O campo do outro lado,  
 De honinas esmaltado,  
 Tudo em tórno embalsamando!  
 E os pomares, que vergando  
 Se mostravam com seus fructos!  
 Eis que chega d'entre os brutos  
 O mais porco, e assim chamado,  
 Longe de lhe dar cuidado  
 Se a lama o pode sujar,  
 Fica muito consolado  
 De nella se retorçar,  
 Depois o charco passou,  
 E ao arminho assim gritou:

— «Anda, vem!

Já viste como eu passei;  
 Podes passar muito bem.»  
 — «O que tu fizeste eu vi,  
 Mas passar assim não sei;  
 Nem de certo passarei,  
 Porque porco não nasci:»  
 Lhe respondeu o arminho.

Não pode o mesmo caminho  
 A todos aproveitar:  
 Por onde ignobil pedante,  
 Um tartufo, um traficante,  
 Um galopin descarado,  
 Sabem com gosto passar,  
 Não passa um homem honrado (26).

## FABULA 27.

## Os dois machos

Dois machos iam andando,  
Carregando  
Um com carga mui pesada,  
Eram saccos de cevada;  
O outro, bem mais ligeiro,  
Numas bolsitas de coiro  
Levando  
Pouco dinheiro,  
Mais a prata do que o oiro;  
Era dinheiro do Estado.  
Porisso desvanecido  
Ia o macho, convencido  
De ser publico empregado;  
E lançava, muito teso,  
Um certo olhar de desprezo  
Ao pobre do outro macho,  
Que seguia cabisbaixo  
Seu caminho caminhando.  
Elle, as mãos arregaçando  
Que nem brioso cavallo;  
No chocalho não parava  
Um só instante o badalo.  
Eis, quando menos se esp'rava,

Apparecem uns ladrões,  
Os quaes, sem ouvir razões,  
Põem a murro e á bordoadá  
Os guardas em debandada,  
E vão direito aos dobrões;  
Sem lhes importarem nada  
Os taes saccos de cevada.  
O macho não quer ceder;  
Julga mesmo seu dever,  
    Como empregado  
    Do Estado,  
Com denodo resistir  
Até alguém lhe acudir.  
Nada, porém, lhe valeu:  
    Tão cerrada  
    Saraivada  
    De paulada  
    E pontapé  
Sobre o coiro lhe choveu,  
Que não pôde ter-se em pé;  
Por um triz o não mataram.  
Os ladrões foram-se embora,  
    Do dinheiro  
Mais recibo não deixaram.  
O outro macho então correu  
    Sem demora  
Para ao-pé do companheiro,  
Que o seu infortunio chora;  
E diz-lhe: — «Amigo, a riqueza  
    E a nobreza



Estes funestos revezes  
 Acarretam bastas vezes.  
 Melhor podéra dizer :  
 — «Se, cumprisses teu dever,  
 Acarretando o dinheiro,  
 Qual um macho de moleiro,  
 De cevada carregado  
 E nunca te supposeses  
 Um notavel figurão ;  
     Talvez ahí não  
     Estivesses  
     Estatelado  
     No chão.»

Por vaidade ou ambição  
 Quem se fór assim metter  
     Aonde não  
     É chamado,  
 Bem lhe pôde acontecer  
 Apanhar egual lição (27).

FABULA 28.\*

A carriça

Decidiu a passarada  
 Que havia de ter um réi.

Se foi lembrança acertada,  
Se parvoice, não sei  
Nem me importa. Ella junctou-se  
Toda um dia; e decretou-se  
Que, quem mais alto voasse,

Governasse:

(Sancta lei!)

Foram jury — o avestruz,  
E seu primo casoar,  
E outras mais aves de truz  
Que, mal sabendo voar,  
Não quizeram fazer d'urso <sup>(28)</sup>  
Em tão solenne concurso.  
Dado o signal, voam todos  
Segundo as forças e os modos  
Que cada um d'elles tem:  
Desde a aguia ao beijaflor  
E desde o pisco ao condor,  
Não faltava alli ninguem:  
Tammanha nuvem se ergueu,  
Que toldou a luz do céu.  
Pouco e pouco vão caçando  
Alguns, outros protestando  
Contra certas nullidades,  
Faltas de solemnidades;  
(Sempre protestos eguaes  
Em concursos se hão de dar,  
Quantas vezes com razão <sup>(29)</sup>?)  
A final, quem voou mais  
A aguia foi, sem questão.

Cançada ella de voar,  
 A carriça, que se tinha  
 Escondido agarradiuha  
 Às suas valentes pennas,  
 Voou mais umas dezenas  
 De palmos acima d'ella;

E appella  
 Da decisão,  
 Que declara

A agua ser a primeira  
 E das aves a rainha;  
 Mas ninguem a enxergara,  
 E ficou por trapaceira.

Desde então

Esta avesinha,  
 Que se julga preterida,  
 É como sob'rana tida  
 Por si e outras que taes:  
 E... d'isto não direi mais<sup>(42)</sup>.

FABULA 29.\*

O urso e o macaco

«Se dançar bem eu não sei,  
 Tampouco ainda dancei  
 Por vontade: sou forçado,

Não devo ser apupado.  
O homem porque se ri?  
Sei dançar?  
Que razão tem de zombar?  
Este problema explicado  
Quizera vê-lo por ti:»  
Dizia um urso ao velhaco  
D'um macaco.  
— «Olha, urso,  
O teu discurso»  
Lhe diz este, «é doutrinal;  
Mas eu vou-lhe responder.  
O facto é que danças mal,  
Que peor não pôde ser,  
De modo até indecente;  
Eis porque se ri a gente:  
Porém,  
Se dançasses bem,  
Do mesmo modo se ria.  
Eu danço perfeitamente,  
E faço rir  
A cahir.  
Ou se dance muito mal,  
Ou se dance com mestria,  
O resultado é igual:  
Dos homens a maioria  
O que quer  
É ver  
Dançar;  
Só procura divertir-se,

Rir-se  
Para não chorar.»

## FABULA 30.

## O urso civilizador

Fugiu um urso a seu dono,  
Que o trazia mais um mono  
Pelas ruas a dançar.  
Fugiu e pôde voltar  
À cara patria o tal urso.  
Alli abre logo um curso  
Para aos outros ensinar  
Quanto elle pôde apprender  
Durante o seu captiveiro.

Primeiro

Ensina o saber

Bem direito ter-se em-pé

(E já é);

Depois vêm as cambalhotas,

E no fim o *balancé*.

Dos caros compatriotas

A maioria

Lá ia,

Menos mal

Levantando as mãos do chão;

(Como as maiorias vão) <sup>(41)</sup>.

Nas cambalhotas, melhor:

(Cousa é mui natural,

No physico e no moral,

Aos homens e aos animaes.)

Dançar com geito, peor,

(Geito d'urso ainda assim;)

Por mais

Que o mestre fizesse

E dissesse:

«Ponham os olhos em mim,

Deitem para fóra o pé,

Vejam bem este *entrechat* <sup>(42)</sup>;

Que magnifico exercicio!»

Mas qual chá

Nem qual café?

Mal sabendo ter-se em-pé

Haviam de dançar bem?

A cada instante — zâs

Trás!

Com o frontispicio

No chão!

O mestre se ria

Então,

(No que muito mal fazia <sup>(43)</sup>.

Vendo que geito não têm,

Os ursos deram cavaco;

Concluem que o mestre é fraco <sup>(44)</sup>,

Que não presta.

Breve se vê apupado,

Alcunhado  
De franduno  
E de alumno  
De *mações* <sup>(45)</sup>:  
Dão-lhe cresta  
A alguns tostões,  
Que lhes havia apanhado  
Com o seu curso;  
Se não foge, como fez,  
Era uma vez  
O tal urso.  
Tem que voltar  
Para o dono,  
Na rua dançar  
Com o mono;  
E foi-lhe isso bem melhor  
Do que ser legislador  
De nação.  
Quaes muitas ainda são.

D'aqui se tira, leitor,  
Mais d'uma boa lição:  
Quem se mette a educar,  
Deve saber; e tambem  
Ter o geito de ensinar,  
(Dote que só poucos têm <sup>(46)</sup>.)  
Ha gente que não se ensina,  
E, mais dô que se imagina,  
Incapaz de ensinamento  
Por falta de entendimento;

Que, para o progresso morta,  
 Não passa da cepa torta;  
 De gente tem o feitio,  
 Mas fica sempre *gentio* (47).

## FABULA 31.ª

## A lebre

«De todos os animaes,  
 (Eu fallo dos principaes  
 Em forças e valentia,)  
 Nenhum se pode gabar  
 De não ter sua fraqueza,  
 Impossivel de curar,  
 Pois lhe vem de natureza:»  
 A coelha assim dizia,  
 Em conversa, á lebre um dia:  
 —«Ao leão um triste gallo  
 É capaz de afugental-o;  
 E com que? com o seu cantar.  
 Ao elephante o grunhir  
 D'um porco o vai affligir  
 A ponto de sossobrar (48).  
 —«E eu então?»  
 Atalha a lebre:  
 «Se vejo um cão,



É tal febre,  
Que não me posso conter,  
E deito logo a correr.»

## FABULA 32ª

## A rã e o toiro

N'um charco, formoso  
Toiro  
Sequioso  
Foi beber;

Boas carnes, liso coiro,  
Um bicho de appetecer!  
— «Assim é que eu hei de ser,»

Coaxon invejosa rã:  
«Não quero ficar anã.»  
Chama então suas vizinhas,  
Diz-lhes que busquem palhinhas  
Bem ócas, para assoprar  
O seu corpo e o alargar.

Começa a operação:  
Todas ellas, quantas são,  
Assopram mesmo a matar.  
E a rã brada sem cessar:  
— «Olhem para aquelle toiro;  
Emquanto eu igual não fór,

Assoprem, façam favor.»  
Assim fazem: mas, no colro  
Não cabendo mais o vento,  
Morreu victima do intento  
A rã, dando um grande estoiro.

Ha no mundo muita rã,  
Que não quer ficar  
Anã,  
Mettida sempre em folias,  
Em altas cavallarias,  
Atê que á força de vento  
Tem por fim de rebentar;  
E esse mal  
Vai em augmento.  
Com rapidez sem egual  
D'antes muito se ralhava,  
Se um sapateiro tocava,  
Sem saber, o rebecão:  
Será possível contar,  
Ou inda só calcular,  
Quanto hoje o tocarão,  
Quando ha orchestras inteiras,  
Ha concertos aos milheiros,  
Compostos de sapateiros  
E até... de sapateiras?!  
Se taes rãs por sua conta  
Estoiram, isso que monta?  
Deixál-as: perde-se pouco,  
Se morre um nescio ou um louco.

Bem peior é quando as rãs,  
 Por mais que entesem os coiros,  
 Que nem peros, ficam sãs:  
 Não egualam nunca os toiros,  
 E com o seu parvo coaxar  
 Não cessam de importunar.

Eu, de certo, acho mui justo  
 Que todos, embora a custo,  
 Sem quebra de honra e com tino,  
 Melhorem o seu destino;  
 Julgo até isso um dever.  
 É um nobre sentimento  
 Que o homem aspire a ser  
     Sempre mais  
 Do que foram os seus paes.  
 Mas ande com muito tento...  
 E não caia em imitar  
 Da tal rã o louco intento,  
 Se não quizer estoirar (49).

FABULA 33.

Os dois sujos

Um moleiro  
 E um carvoeiro  
 Sé travaram de razões;

Um era da côr da neve,  
 Outro da côr dos carvões;  
 Cada qual d'elles teimava  
 Que o outro mais sujo estava.  
 Tinham ambos a mão leve,  
 Choveram os bofetões:  
 E qual foi o resultado?  
 Um ao outro se sujou;  
     Pois ficou,  
     O carvoeiro  
     Empoadado;  
     E o moleiro  
     Enfarruscado.

Assim fazem as comadres,  
 Se começam a raliar;  
 Assim fazem os *compadres*,  
 Se a politica os separa:  
 Cada qual, sem se limpar,  
 Consegue o outro sujar;  
 Nem é isso cousa rara <sup>(59)</sup>.

FABULA 34.<sup>a</sup>

## A raposa e o veado

«Se eu tua força apanhasse  
 E mais esses grandes galhos,

Qualquer cão que se achegasse  
Deixava-o feito em frangalhos;

Mas tu logo

Dás ás de Villa-Diogo,  
Mal te apparece um tótó,  
Ainda que venha só:»

Disse a raposa ao veado.

«É devêras covardia,  
Nascendo tão bem armado.

Eu fujo: podera não!

Tenho en as forças d'um cão (31) ?

Ninguem me via

Fugir,

Se podesse resistir.»

— «Olha,» responde o veado,

«Estou bem capacitado  
De que tu pensas assim;  
Mas não o exijas de mim.

Antes de nascido ser,  
Já costumado a tremer  
Com susto dos cães andava;  
Pois minha mãe abalava  
E lá ia esbaforida,

Em corrida

De matar,

Só de ouvir

Um cão ladrar.

Nascido, fui educado

Desde então

Sempre assim, vendo a meu lado

Quem fugia,  
Quando ouvia  
O latir  
D'um triste cão,  
A trompa do caçador:  
Como hei de, pois, ter  
Valor?

Eu fujo sem o querer,  
Embora às vezes me zangue  
Contra mim: está no sangue,  
É filho da educação;  
E tu, se forças tivesses,  
Talvez que o mesmo fizesses  
E pela mesma razão.»

Os instinctos são herdados,  
Feios... bellos  
Necessarios resultados  
De educações ant'riores (52).  
Mãos, é difficil vencel-os,  
Mas podem ser emendados;  
Bons, ainda melhorados:  
Ficarão

Os bons mãos, estes peiores,  
Sendo má a educação (53).

## FABULA 83.ª

## A inundação

'Stava a cousa muito feia  
Em volta de certa aldeia :  
Séccas eram as campinas,  
Os prados não se vestiam  
Já de mimosas boninas;  
Murchavam na cepa as uvas  
E, se não viessem chuvas,  
As searas se perdiam.  
Afflicto os lavradores  
Tristes baldados clamores  
Noite e dia aos céos erguiam.  
Perto havia uma represa,  
    Só formada  
Pelas mãos da natureza,  
D'agua das chuvas e fontes  
De continuo accumulada  
Entre dois erguidos montes.  
Lembrou-se prudente velho  
De dar ao povo um conselho :  
— «Ide a represa sangrar,  
Mas vede como o fazeis ;  
Bastará um furosinho,  
    E tereis

Com que salvar  
Vosso pão e vosso vinho,  
Se de rega precisar.»  
Depois lhes quiz ensinar  
Como o deviam fazer.  
Deitam, porém, a correr  
Sem mais o velho escutar,  
E mettem mãos á empresa.  
Furam, cavam na represa,  
Mas a eito,  
Sem preceito,  
E tanto, que desabou.  
De repente  
Enorme enchente  
Os campos lhes alagou;  
E tal foi a inundaçào  
Que prostrou  
Rasos no chão  
Arvoredos  
E vinhedos,  
E lhes varreu todo o pão,  
Fôra os gados que sfogou.  
Voltam-se todos então  
Contra o velho,  
E o seu prudente conselho.

Muito embora seja boa  
Uma lei, pode causar  
Graves males, quando á lóa  
A quizerem applicar <sup>(54)</sup>.



## FABULA 36.ª

## A raposa e o macaco

O mono disse á raposa:  
—«És esperta e és manhosa,  
Mas não tens o meu talento,  
Nem no mundo ha outro igual;  
Não encontras animal  
Que eu te não possa imitar  
Num momento;  
Negal-o fôra cegueira.»  
—«Nem  
Tampouco o negarei,»  
Lhe respondeu a matreira  
«Mas também  
Nunca encontrei  
(Se é possível encontrar)  
Animal tão desprezível  
Que te fosse copiar.»

Se sincera respondia,  
(O que me parece incrível,)  
Por certo não conhecia  
Este mundo  
Bem a fundo.

## FABULA 37.

## O carvalho

Da serra sobre o coruto  
Nasceu,  
Cresceu,  
Um carvalho;  
Aos homens deu  
Sombra e fructo <sup>(33)</sup>,  
As aves o agasalho.  
As gerações que passavam  
Ignoravam  
Qual a era  
Em que o gigante nascera.  
Quantos seculos o viu  
O mundo sem ter rivaes!  
Até que por fim morrea,  
Não podendo viver mais;  
E cahiu  
Com o estampido d'um trovão!  
Tremeu  
E gemeu  
O chão:  
Tão grande abalo soffreu  
Do peso descommunal!  
Um ratinho,

Que vivia  
 Em mesquinho  
 Buraquinho  
 Do tronco monumental,  
 Julgando  
 Que o céu cabia  
 Quando  
 O carvalho cahiu,  
 Espavorido fugiu.  
 Passadas horas voltou:  
 Muito e muito tempo andou  
 Em volta d'elle á matroca,  
 Com trabalho,  
 Até dar com a sua toca,  
 Exclamando então pasmado:  
 — «Eu nunca tinha pensado  
 Que era tão grande o carvalho (56)!»

## FABULA 38.º

## Os dois dragões

Dois dragões: mas, olhem bem,  
 Não d'aquelles que hoje tem  
 Capacete e grande espada,  
 E que são,  
 Se não  
 Me engano,

Cavallaria pesada.  
 Estes eram dos dragões  
 Que, já lá vai muito anno,  
 Foram os guarda-portões  
     Afamados  
 De palacios encantados,  
     Guardadores  
     Atterradores  
 De thesouros enterrados <sup>(57)</sup>,  
 Dragões, nos quaes o diabo  
 Gostava de disfarçar-se,  
 Por isso elles tinham rabo  
 E cornos de metter medo;  
 O que prova que o folguedo  
     De mascarar-se  
     Inda é  
 Muito mais velho que a sé.

Dois dragões, pois, mas dos taes  
 Tremebundos animaes,  
     Teimaram  
     E apostaram  
 Sobre qual d'elles chegava  
 Primeiro á faldá d'um monte  
 Que de longe se avistava.  
 Um tinha, se bem lh'o conte,  
     Cem cabeças  
     De tremer,  
 Enquanto o outro, ás avessas,  
 Tinha de rabos um cento,

De notavel comprimento.  
O terrano a percorrer  
Era muito accidentado,

Cortado

De pedregaes

E charcos e mattagaes.  
Eis começam a carreira,  
Ou, antes, eis a começa  
O que tinha uma cabeça.  
O das cem mal pode andar,  
Pois cada qual a primeira  
Quer ser e as mais governar:  
E, se por acaso anda,  
Vai d'uma para outra banda  
Esbarrar,

Impedido a cada instante  
Por algum tronco ou penedo  
Atravessado deante,  
O outro vai caminhando,

Avançando

Sem estorvo ter

Nem medo;

Cabe á cabeça mandar,  
Aos rabos obedecer.  
Indo assim pôde chegar,

Á vontade,

Até á meta indicada;  
Quando outro nem metade  
Logron vencer  
Da jornada.

Nos negocios d'esta vida  
 Vale mais uma cabeça,  
 Quando essa  
 Tenha juizo,  
 (Bem que com pouco talento)  
 De todos obedecida,  
 Do que um cento,  
 Sem ter siso,  
 (Muito embora talentosas (58).)  
 E que com balofas prosas  
 Vem a dar, por nossa magoa,  
 A final com as burras n'agua.

## FABULA 39.\*

## O lobo moribundo

Um lobo, vendo chegada  
 A sua hora fatal,  
 Dizia com voz maguada:  
 — «Fui um grande peccador,  
 Mas não sempre fiz o mal,  
 Tambem  
 Dei  
 Valor  
 Ao bem,  
 Que não raro pratiquei.

Não fui eu que perdoei  
 Aquella ovelha atrevida,  
 Que inda em cima me insultava,  
 Quando comsigo levava  
 Vivo o filho a quem a vida  
 Poupei?»

— «Eu mesma o presenciei:»

Diz rapoza descarada,  
 Á cabeceira sentada,  
 Servindo de confessor

Ao contrito peccador:

«Até o posso

Ir jurar;

Foi quando se atravessou,

Por comeres sem cautela,

Aquelle terrivel osso

Tão fundo nessa guela,

Que para o poder tirar

Muito a cegonha suou (39).»

#### FABULA 40.ª

### O conselho de Salomão

Apesar da muita idade  
 E de haver grande calor,  
 Andava um bom lavrador  
 (Mais do que remediado)

Occupado  
 No trabalho d'uma herdade.  
 Passando alli o prior  
 Encostado  
 Ao seu bordão,  
 Lhe bradou com voz amiga:  
 — «Ora diga  
 Lá, porque  
 Trabalha ainda você?»  
 — «Porque o manda Salomão:  
 Bem sabe vossa mercê  
 Que elle diz:  
 «Mandrião!  
 Olha a formiga;  
 Admira, e busca imital-a (60).  
 Assim fiz:  
 De copial-a  
 Nesta lida  
 Não cessei,  
 Não me poupando a fadiga;  
 Nem de certo cessarei,  
 Enquanto Deus me der vida.»  
 — «Permittirá que eu lhe diga,  
 Meu freguez,  
 Que d'esta vez  
 Não foi lá grande copista,  
 Ou não teve boa vista  
 Para tudo perceber.  
 Pois, se a formiga  
 No v'rão



Trabalha a mais não poder,  
Tambem no inverno descança,  
E goza então  
Da abastança  
Que ajuntou com a dura lida.  
E, como de a imitar  
O freguez teve a lembrança,  
Deve tambem descançar,  
Gosar,  
Da vida  
No fim,  
O que soube assim  
Ganhar (61).»

Não tinha entendido  
O velbo  
De Salomão o conselho;  
Só metade do sentido,  
Que não todo, percebeu.  
Isso que lhe aconteceu  
Vemos dar-se a cada instante  
Com quem, ou por ignorante  
Ou por falto de attenção,  
Só percebe, só repara  
Em metade  
Do que vê,  
Do que lê  
Sem reflexão:  
Ignorancia, ou leviandade,  
Que muitas vezes sai cara (62).

## FABULA 41.\*

## O philosopho e o mocho

Um philosopho escapou  
Otr'ora d'uma cidade  
Ao povo, que o acossou  
    A pedrada,  
Depois da eschola queimada,  
Onde ensinava a verdade (63),  
E num bosque se escondeu.  
    Alli deu  
Com um pobre mocho,  
    Velho e chôcho  
    E perseguido  
Por um bando desabrido  
De insolente passerada,  
Que em tórno d'elle fazia  
Uma infernal ingresia  
Não lhe poupando bicada (64).  
Depois de os ter enxotado,  
Ao mesquinho perguntou,  
Porque era assim conspurcado?  
    — «Porque sou  
    Capaz de ver  
Durante a noite fechada,  
Quando elles não vêem nada.»

—«Sim, por isso è que ha de ser.»  
 O sabio diz, «mocho amigo;  
 O mesmo se deu commigo.»

## FABULA 42.\*

## O Jogo

Um lanzado, que jogou,  
 Por acaso em sociedade  
 Na cidade,  
 Teve fortuna e ganhou.  
 Mas, não 'stando acostumado  
 A tentos, pois com tremeços  
 Marcavam os padre-nossos <sup>(65)</sup>  
 Na aldeia, todo o ganhado  
 Embolsou  
 E os tentos com que jogou,  
 Feitos de cobre doirado,  
 Julgando,  
 Muito crendeiro,  
 Serem seus e bom dinheiro.  
 Porém quando,  
 Ao outro dia,  
 Varias cousas foi comprar,  
 E viu não os acceitar  
 O vendedor, que se ria

De tanta simplicidade,  
Desaton em herrarria  
Contra a *betta* sociedade  
Da cidade,  
Que só tracta de enganar  
A quem alli vai jogar.  
Voltou para a sua terra,  
Para a patria parvalheira,  
Onde inda hoje á lareira  
Crua guerra  
Move á sociedade inteira,  
Na qual seu fino criterio  
Nãõ vê mais que ladroeira.

Assim é quem toma a serio  
O louvor ou vituperio  
Que mutuamente se dão  
Estadistas,  
Jornalistas...  
Quantos politicos são.  
Quem os ouve, e não vê logo  
Que são os tentos *do jogo*,  
Será homem muito honrado,  
Mas é um parvo chapado <sup>(68)</sup>.

## FABULA 43.\*

## As duas cadellas

Lá diz o dictado: «O bem  
Faze, não cates a quem.»  
Justo é que assim façamos;  
Mas não vamos,  
Pelo nosso bem-querer,  
Expôr-nos a receber  
Paga tão má como aquella  
Que teve certa cadella  
De que lhes passo a fallar (67).

Um dia chegou-se a ella,  
A chorar,  
Muito afflicta e atrapalhada  
Outra que estava pejada.  
Pedindo que lhe emprestasse  
A casa, e alli a deixasse  
Residir uns *diasinhos*  
Até ter  
Os seus filhinhos;  
E assim logo o pôde obter.  
Findo um mez, a senhoria  
Vai com muita cortezia  
Pedir a casa: outro mez

A inquilina requer;  
Não tem onde se metter;  
Os filbinhos  
São ainda moi fraquinhos  
Mal se podem ter nos pés.  
Lá volta segunda vez,  
E terceira e quarta... até  
Que a outra lhe bate o pé  
E rosna, mostrando o dente:  
— «Sempre é muito impertinente!  
Mas, já que assim me atenaza  
Pelo chaveco da casa,  
Ha de provar-me que é sua,  
Ou pôr-me os quartos na rua:  
Pois, amiga,  
Ha boa gente que diga,  
E que o prove com verdade,  
Uma burla, uma cantiga  
Ser a tal *propriedade*;  
Ou antes um grande roubo,  
Que o ricasso e mais o nobre  
Fizeram sem dô ao povo (68),  
Que por isso vive pobre  
Na moderna sociedade:  
E, por tanto, esta casinha  
De má morte  
Tanto é sua como é minha.  
Veja lá se forças tem  
Para os filhos pôr e a mãe  
Por aquella porta fóra?

Se não, córta!  
 Vá-se embora,  
 E não me torne a moer:  
 Olhe que pouco me custa  
 Ensinar-lhe, à sua custa,  
 As regras de bem viver.  
 E ficou a senhoria,  
 (Só, com tantos não podia)  
 Sem casa, e a outra cadella,  
 Inda em cima, diz mal d'ella (69).

## FABULA 44.

## O javardo e os passarinhos

Um javardo procurava,  
 Fossando a terra, raizes  
 E d'ellas se contentava,  
 Pois não o tinha melhor.  
 Ao redor  
 Se lhe juntava  
 Um bando de chamarizes,  
 Pintaroxos, tentilhões,  
 Cantando  
 Sobre os torrões,  
 Alegres ahi buscando  
 O pasto desenterrado.

Eis que o javardo, cançado  
Ou farto, no chão se estende,  
E pretende

Taes harmonias gozar,  
Enquanto o somno não vem.  
Eis que os passaros, tambem,  
Tractam de se pôr a andar.

— «Não se vão, *podem* ficar.»

Diz o porco: «cantam bem  
Gosto d'o seu canto ouvir.»

— «Quando acabes de dormir  
E tornes a trabalhar,

Voltaremos,  
Cantaremos.»

Os passarinhos respondem;

«Pois sabes desenterrar

Com o teu valente focinho

Os vermes que fazem ninho

Na terra, e nella se escondem.»

Javardos ha que percebem,

D'este modo, qual o fim

Das zumbaias que recebem;

Mas muitos, nem inda assim.



## FABULA 45.ª

## A abelha, ou os beneficios

«A nenhum dos animaes  
Deves tu por certo mais  
Do que a mim;  
Não é assim?  
Dou-te a cera que alumia,  
E que, mal se esconde o dia,  
Da noite mitiga os tedios.  
Remedios  
Mil e cerotos  
D'ella são tambem e os côtos  
Que, bentos,  
Afastam os mãos intentos  
Do diabo:  
E com isto não acabo.  
Serve até para *milagres* (70):  
Pernas, braços e cabeças,  
Porque aos santos os off'reças,  
Os consagres,  
Em signal de gratidão.  
E o mel então?  
Ha nada mais agradavel?  
Cousa é que a ninguem trava,  
E já Plinio o proclamava,

No seu tempo delectavel (74).»

Isto zumbia á orelha

D'um lavrador

Mestra abelha.

— «É melhor

Estares calada,

Impostora d'uma figa!

Obrigas-me a que te diga

Que nunca te devi nada.

*Dás-me a cera? dás-me o mel?*

Sim; mas com a mesma vontade

Iam lá pela cidade

*Voluntarios a cordel (75).*

Eu bem sei o que me custa

Se von crestar-te

A colmeia;

Sei o quanto isso me assusta,

Que tenho de atordoar-te (76).

A deitar por fóra cheia

Do teu mel, não és capaz

De commigo

O repartir.

É pois verdade

O que digo:

Abelha, nada me *dás*.

Deixa-te de assim mentir;

Essa generosidade

Só dá vontade

De rir.»

Has de muitos encontrar  
 Egoistas, mentirosos,  
 Que só dão  
 O que não  
 Podem negar;  
 Porém sempre a blazonar  
 De seus actos generosos.

## FABULA 46.ª

## O gallo e o pavão

«Olha, gallinha, alli vem»  
 Disse o pavão: «teu marido,  
 Sempre é muito presumido!  
 Que vaidade de si tem!  
 Mas, vaidoso  
 Nunca lhe chamou ninguem,  
 Só eu sou o presumçoso  
 Malsinado.  
 Por isso diz o dictado:  
 Uns os figos vão comendo,  
 Aos outros rebenta a bocca.»  
 —«Meu marido não defendeu,  
 Nem elle d'isso carece,»  
 Diz a gallinha: «mas pouca,  
 Me parece,

Razão tens de assim fallar,  
 Pois não ha que comparar.

Orgulhoso  
 Talvez seja  
 (Não vaidoso (?);)  
 Nem me peja  
 Confessal-o.

Todos estimam o gallo  
 Pelos meritos que tem;  
 Será por isso que o é,  
 E de mostral-o  
 Não foje:  
 Mas até  
 A data de hoje  
 Descobriu em ti alguém  
 Motivos de grande gabo?  
 Apenas  
 Tens essas pennas  
 Que Juno te pôz no rabo.»

FABULA 47.\*

Os coxos e os gagos

Homem são e escorreito  
 Lembrou-se de viajar.  
 Dicto é feito:  
 Sem parar

Muito e muito viajou;  
Correu terras, passou  
Mares,  
Só faltou  
Subir aos ares.

Até que, um dia, foi dar  
A uma immensa cidade,  
Onde grande novidade,  
E nunca vista, encontrou  
Pois, com assombro notou  
Que todos os habitantes,  
Quantos por allí andavam,  
Eram coxos d'uma perna,  
E que todos gaguejavam,  
Ainda os mais bem-fallantes!  
Pela cidade se interna.  
Eis lhe fazem grossa

Troça

Uns garotos coxeando,  
Gaguejando:

— «Olhem! vai a coxeart!»

Era tambem novidade  
Para a gente da cidade  
Ver alguém direito andar.  
Começam a reparar  
Logo todos e a dizer:

«É verdade!

O pobre estrangeiro é coxo».  
O homem, que se vê roxo  
Por ser

Posto na berlinda,  
 Pela troça que não linda,  
 Lhes gritou:  
 — «Coxo não sou!  
 Vocês sim, que taes nasceram  
 E gagos, pois coxeando  
 Todos vejo e gaguejando,»  
 Logo os outros se offenderam.  
 — «Cala a bocca, ou tens o pago  
 Do teu grande atrevimento,»  
 Lhe disseram:  
 «Estrangeiro morrinhento;  
 Coxo, gago  
 E insolente,  
 Que se atreve a criticar  
 Raça nobre e intelligente,  
 Que só devera imitar!»

E coxo e gago ficou,  
 Enquanto não se safou,  
 Receiando em desenlace  
 Gago que a valer ficasse (75);  
 E, pois já nisso fallavam  
 Seriamente,  
 Que uma perna lhe quebravam,  
 Para que, ao menos, andasse  
 Como via andar a gente,  
 E não d'um modo indecente.

Quem no mundo quer

Viver  
Socegado,  
Tem de andar  
E de fallar,  
De bom grado,  
Tal e qual o vir fazer:  
Se não, ha de  
Muito espinho,  
Muita injustiça soffrer.  
Defender  
A sã verdade  
É nobre; mas custa  
Caro  
O seguir esse caminho,  
Que não raro  
A muitos por isso assusta;  
(Não se é martyr baratinho...)  
Mas é nobre, e tanto basta.  
Quem da verdade se afasta,  
Ainda apparentemente,  
É um covarde que mente,  
Um desprezível traidor.  
O mais seguro e o melhor,  
Se alguem  
Não quizer  
Soffrer  
E não *pôde* resistir,  
É fugir  
De conviver  
Com quem

Não sabe fallar  
Nem andar (76).

## FABULA 48.\*

## O leão e o mosquito

Dormindo estava um leão;  
D'elle em volta multidão  
De mosquitos,  
Que voavam  
E dançavam  
Sua eterna contradança (77).  
Eis que um dos mais pequenitos  
Diz aos outros:—«Vou morder-lhe,  
Vou matal-o!»  
E a creança  
Numa venta se lhe lança:  
Porém o maior abalo  
Que assim consegue fazer-lhe  
É forçal-o  
A espirrar,  
Com que ao longe foi parar  
O mosquito atordoado.  
D'ahi a um bom boccaão  
O leão, quando acordou,  
Se espojou



Duas, tres, vezes a-fio.  
 — «Olhem, 'stá com um calafrio!»  
 O mosquitinho bradou:  
 «É da morte que lhe dei  
 Quando, ha pouco, lhe cravei  
 O meu temivel ferrão;  
 'Stá aqui e 'stá no chão!»  
 E embora ficasse a fera  
 Com a mais perfeita saude,  
 O mosquito sempre allude,  
     Desde então,  
 Aquella notavel era  
 Em que matou um leão!

Quanto critico  
 Rachitico  
 Tem, com parvas reflexões,  
 Morto *assim* muitos leões!

FABULA 49.

O gato e o espelho

Num espelho a vez primeira  
 Que vê a sua figura  
 Um gato, cheio de brio,  
 Vai logo numa carreira,

Direitinho  
Qual um foso,  
Com bravura  
Chamar a um desafio  
Aquelle bichano intruso.  
Porém, zás!  
Dá no vidro com o focinho.  
Volta atraz;  
Devagarinho  
Torna ao espelho, d'esta vez  
Com menos intrepidez.  
Nas pernas se ergue de traz  
Contra o vidro; apalpa e cheira,  
E não vencendo a barreira  
Entre os dois que suppõe 'star,  
Em tórno começa a olhar.  
Nada encontra: dá um salto;  
E eil-o do espelho no alto.  
Alli encarrapitado  
Mãi sorrateiro se agacha;  
Extende a mão, outra vê,  
Olha para o opposto lado,  
E só acha  
A sua mão  
Não percebendo o *porquê*,  
O gato já assanhado  
Se lança á imagem e no chão,  
Cahindo, dá com o costado.  
Põe-se em pé e sem demora,  
Não pensando mais no gato,

Vai-se embora  
 À procura d'algum rato.

Assim, teve mais juizo  
 Que Narciso,  
 Que de si se enamorou;  
 E mostrou  
 Muito mais siso  
 Que os sabios, aos quaes cançou  
*Poesia mal cosinhada,*  
 Metaphysica chamada (78),  
 Quando buscaram insanos,  
 Tantos annos,  
 Construir ou sustentar  
 Frageis castellos no ar.

FABULA 50.

A questão da precedencia  
 entre os animaes

Houve certos animaes  
 (Dos que desejam ser mais  
 Do que podem, e que são)  
 Que levantaram um dia  
 Entre todos  
 A questão  
 Acerca da primasia.

Foram principaes  
 Auctores,  
 Pelos modos,  
 D'aquella resolução,  
 Com outros que taes  
 Senhores,

Que se julgavam lesados  
 Por menos considerados,  
 O burro, o pato, a toupeira  
 E a rapozinha matreira,  
 (Esta jogando de fóra,  
 O que faz ainda agora),  
 Mas o juiz quem seria  
 De entre tanta bicharia?

*Hoc opus, hic labor est.*  
 Ou, por outra: «Oh diabo!  
 Aqui torce a porca o rabo!  
 Quem havemos de chamar  
 Para dar  
 O seu juizo?»

Como o latim é conciso <sup>(72)</sup>!  
 (Mas, por isso que é latim,  
 Não tem rima e fica assim.)  
 O burro e o pato lembraram  
 (Nem sempre é parvo o sandeu,  
 Quando tracta do que é seu <sup>(80)</sup> )  
 Ir o homem convidar.  
 Nisto á uma concordaram:  
 Alem da capacidade  
 Por todos reconhecida,

Havia de bem julgar,  
 Com muita imparcialidade  
 Aquella questão renhida,  
 Pois estava fóra d'ella.  
 Ainda assim, á cautela,  
 Tanto que o homem chegou,  
 O leão o interpellou  
 E, affectando ar de indifferença,  
 Perguntou:

— «Que norma intentas seguir  
 Na sentença  
 Que ha de  
 O pleito decidir?»  
 — «A maior  
 Utilidade

Que de vocês eu obtenho;  
 Melhor  
 De certo não acho.»

Prompto lhe responde o homem.

— «E quantos furos abaixo»

Pergunta fúlo o leão,

«Venho  
 Eu então  
 A ficar,

Des que vocês montam, comem? —

O burro, o porco nojento,

O perú, ou a gallinha?

Não convenho

Em que nos possas julgar:

Muitissima graça tinha!

Nem admitto julgamento.  
 Isso é bom para o jumento,  
 O pato, e outros que taes.  
 O meu merito é sabido;  
 Eu sou rei dos animaes,  
 De ha muito reconhecido:  
 E quem inda o não souber,  
 Eu lh'o ensino, se quizer.»

— «Rei leão!

Talvez que tenhas razão,»  
 A sorrir o homem diz;  
 «Mas, se tu fosses juiz,  
 E se tractasse de mim  
 (Isto é da humanidade)  
 Em que te pese a verdade,  
 Julgavas de certo assim (84).»

O leão não disse nada,  
 E foi-se. Pela calada  
 Traz d'elle foram os demais  
 Animaes;

Primeiro iam os valentes,  
 Logo depois os prudentes,  
 De genio serio e pacato,  
 E por fim os descontentes:  
 O burro, o mono e o pato,  
 O camelo... e outros taes  
 Furiosos, o qual mais,  
 Por não haver julgamento  
 Sobre o seu merecimento.

## FABULA 51.ª

## O arco

O arco d'um caçador  
Era forte, era certoiro,  
Emfim arma de valor;  
Mas, grosseiro.  
De o polir, de o adornar  
O dono então se lembrou,  
E por isso o foi levar  
A casa d'um escultor  
Para mui bem o lavar,  
Como de facto lavrou,  
Com relevos, com figuras,  
Primorosas esculpturas...  
Ficou  
Um arco bonito,  
Mas fraquito:  
Tanto o artista lhe cortou!  
Isto em breve o dono viu;  
Quiz armal-o,  
E, dando o arco um estalo  
Pelo meio se partiu.

Deve ser bem educado  
O homem; porém cuidado

Em fugir a demasia;  
Não vá ficar acanhado,  
Perdida toda a energia (82).

## FABULA 52.

## O astrologo

Entre o astronomo d'agora  
E o astrologo d'outr'ora,  
Entre um sabio e um charlatão,  
As mesmas differenças vão.  
Um que estuda, que calcula  
A lei que os mundos regula,  
Descreve no firmamento  
Dos astros o movimento,  
E nos vai com o estudo seu  
Explicando a terra e o céu,  
É um sabio verdadeiro,  
O outro, ler pretendendo  
Nos astros que apenas via,  
E horoscopos vendendo  
Aos grandes por bom dinheiro,  
Mui serio prognosticando  
Se haveria  
Chuva, sol ou neveiro,  
A tal hora de tal dia,



E até prophetizando  
Guerras e revoluções  
As aterradas nações,  
Era grande charlatão,  
Que de ignaros abusou.

Tal raça não  
Se acabou,

Porém segue outros caminhos;  
Se mais, se menos daminhos,  
Cousa é pouco para aqui:  
Que ha fartura por ali  
De introjões de toda a casta  
É sabido, e tanto basta.

Um dos taes, por noite escura,  
Mas muito bem estrellada,  
Fingindo andar á procura  
De horoscopo ou prophesia,  
Com que fizesse redada,  
Na borda rasa d'um poço,

Que não via,  
Tropeçou;

Nelle cahiu, e ficou  
Com agua até ao pescoço.

Assim no mundo acontece,

Ao pedante,

(Embora de boa fé.)

Se lhe esquece,

O que de si tem deante,

O que tem de si ao-pé,  
 E pretende aos ceos subir,  
 Descobrir  
 O que ninguem  
 Pôde ver  
 Nem  
 Entender.

Tê que vai enfim cahir,  
 Num poço, com grande susto,  
 D'onde saia muito a custo,  
 Se acaso poder sabir (<sup>83</sup>).

## FABULA 53.\*

**O burro flautista**

Numa flauta, que topou,  
 Cheirando um burro lirou  
 Som mui terno e mavioso.  
 — «Sou flautista!»  
 Grita o burro,  
 Encantado  
 Com o achado:  
 •Deixo o zurro  
 Vergonhoso,  
 E vou ser um grande artista!»  
 Volta á flauta, mas em vão

Rojou com ella no chão;  
Nunca mais se repetiu  
Tal acaso, que o serviu  
Naquelle inesp'rado solo.

O dizer uma tolice  
Não prova que seja tolo  
    Quem a disse,  
Nem o dicto mais correcto  
Prova que um parvo é discreto (24).

## FABULA 54.

**O pavão, os perús e o gato**

Um pavão empavesado,  
Da cauda ostentando as côres,  
Era o alvo dos louvores  
Do povo em-tôrno apinhado.  
Dois perús, que tal notaram,  
Não se julgando inferiores,  
    Se enrufaram:  
Mas d'elles ninguem fez caso.  
    Furiosos  
Começam a pôr mais raso  
    Que o pó da terra  
    O pavão:

— «Olha os pêsinhos mimosos  
 Que elle tem! que perfeição!»  
 Diz um — «E como elle berra,  
 Quando pretende cantar?»  
 Accrescenta o companheiro.  
 Era um nunca se acabar  
 De epigrammas e dicerios.  
 — «Perús!» lhes gritou um gato  
 Que estava, muito pacato,  
 Extendido ao soalheiro:  
 «Perús! esses vituperios  
 Nascem só da vil inveja,  
     Que forceja  
     Por achar  
 Algo para criticar:  
 Os defeitos do pavão  
     Tambem são  
     Os de vocês;  
 A sua voz, os seus pês  
     Que os d'elle não  
     Valem mais;  
 E as bellezas que elle tem  
 Em perús não vê-ninguem.  
     Invejosos  
     Animaes!  
 Se aqui vivem sustentados,  
 Não é por serem formosos;  
 Vocês só prestam... assados.  
 Acabem pois com a censura  
 E reconheçam que são

Do pavão  
A triste caricatura (88).»

## FABULA 55.º

## A ovelha e o passarinho

Para ferrar  
O seu ninho  
E o tornar  
Macio e quente,  
Foi pousar  
Um passarinho

Numa ovelha, á qual puxou  
Pela lã: impaciente  
Esta logo o enxotou.  
— «Dás a lã toda ao pastor,»  
O passarinho exclamou;  
«E negas-me um fio a mim!  
Não será isso injustiça?»  
Ao que a ovelha respondeu:  
— «Sabe tiral-a melhor  
Do que tu; não me derraça,  
Nunca assim  
Me fez doer;  
E eu  
Posso dar,

Ou negar,  
 O que é meu  
 A quem quizer (86).»

## FABULA 56.\*

**O pastor, o lobo, o burro e a rapoza**

Um pastor o bom rebanho,  
     Que tioha,  
     Bello e tammanho,  
 Em poucos dias perdeu  
     Com morrinha  
 Ou outro mal que lhe deu.  
     Chorava o seu  
     Triste fado,  
 Sua ruina total.  
     Pelo seu lado,  
     O curral  
 O lobo quando avistava,  
     Desatava  
     A bom chorar:  
 Era magua de pasmar,  
 Cossa assim nunca se viu!  
 O burro, que tal ouviu,  
 (Sempre grave, moralista)  
 Diz:—«Tudo é menos ruim

Depois, que á primeira vista.  
 Olhem o lobo, que par'cia  
 Um malvado empedernido;  
 Pois chora (quem tal diria!)  
 Por ter o pastor assim  
 O seu rebanho perdido.  
 É um verdadeiro lucto,  
 Sem sombra de hyprocrisia.»  
 Sempre has de ser  
 Muito bruto;  
 Diz-lhe a rapoza: «nem vês  
 O que é tão facil de vêr:  
 Chora aquelle *bom freguez*,  
 Por perder  
 A *freguezia* (97).»

## FABULA 57.\*

## O leão e o moscardo

«Vae-te! da terra excremento,  
 Insecto vil e nojento!  
 Não me atordas os ouvidos  
 Com teus ignaros zumbidos.  
 Vae-te já d'aqui; se não. . . .»  
 Isto bradava um leão  
 A moscardo mui teimoso.

—«Se não... o quê, meu senhor?»

Responde em tom desdenhoso

O despresado cantor:

«Eu não sei que mal lhe fiz,

Para subir-lhe ao nariz,

Ou ao seu real focinho,

Tanta e tão forte mostarda.

Se eu sou insecto mesquinho,

Se o senhor tem força em barda,

Isso lá não põe nem tira:

Porque será que me atira

À cara com os meus defeitos?

Quando todos somos feitos

    Todos nós,

Sem mais nem menos,

    (Tambem vós,

    Real senhor)

Os grandes e os pequenos,

Pelo mesmíssimo auctor,

Embora lhe não pareça.

Mas, seja assim ou assado,

E apesar d'esse costado,

Da juba d'essa cabeça,

Das fortes garras e dentes,

    E de tão

    Fero rugido;

Porque fique convencido

    De que não

    Mette mais medo

Com seus dictos insolentes,



Do que um burro  
 Com seu zurro,  
 Ou do que o ladrar d'um cão;»  
 Disse elle com tom azedo:  
 «Guarda-te lá! Rei Leão!»  
 E, zombindo em som de guerra,  
     Eis lhe enterra  
     No focinho  
     O seu damnhinho  
     Ferrão.

Procura a fera esmagal-o,  
 As faces rasga com a garra  
 Sem conseguir alcançal-o,  
 Furiosa ruge e salta.  
 O ontro que mais se exalta  
 Lhe grita: — «Veja se agarra,  
 Meu senhor, o vil moscardo.»  
 Não lhe dá tregoss: com o dardo  
 Morde-lhe onde mal o espera.  
 Em sangue por si vertido  
 Escorrendo está a fera,  
 E cai a final vencido,  
     Extendido  
     Alli no chão  
 Por quem tanto desprezou  
 Esse orgulhoso leão!  
 Eis que o moscardo voou  
 Para ao mundo annunciar  
 Sua victoria tammanha:  
 Mas na teia d'uma aranha

Foi esbarrar  
E morrer!

Muitas vezes vem o p'riço  
De inimigo  
Desprezível;  
E não poucas, invencível  
Se reputa,  
Por vencer  
Em combate o mais renhido,  
Quem ha de em obscura lucta  
Vencido  
Tudo perder (58).

## FABULA 58.\*

## O manto do santo

Era uma vez um santo  
Muito pobre. Tinha um manto  
Dos mais velhos, remendados  
E rafados,  
Que mesmo assim lhe servia  
Para bem se agasalhar.  
Quando muito frio havia,  
Dos hombros logo o tirava  
E ficava

Algun tempo a tiritar:  
Depois que o tornava a pôr,  
Que suavissimo calor,  
Que doce consolação!

O santo fazia bem  
Pois ha males, que maiores  
Nos parecem do que são,  
Té que vem  
Outros peiores (<sup>89</sup>).

## FABULA 59.

**O mar e o naufrago**

Um homem, que naufragado  
Tinha, andava desesp'rado;  
Pois salvára só a vida:  
Toda a fazenda sumida  
Vira nas aguas do mar.  
Noite e dia amaldiçoava  
Elle o perfido elemento;  
E, se era vão seu lamento,  
Ao menos desabafava;  
Quantos ha a quem chorar  
É meia consolação!  
Um dia, na solidão

Da praia, que d'um penedo  
 O viu todo mudo e quedo,  
 Mal se lhe sentia o arfar;  
 — «Os homens 'stás a tentar?  
 Ó maldito!» lhe gritou:  
 «Escusas de te cançar  
 Commigo. Olha que eu sou  
 Aquelle a quem tu roubaste,  
 Uma só vez, uma baste;  
 Não me tornas a roubar.»  
 — «Injusto é teu lamento  
 Contra mim:» responde o mar;  
 «Mas de vocês sestro velho:  
 A culpa toda é do vento,  
 Contra elle seja a queixa,  
     Pois, cada vez  
     Que me deixa,  
 Liso estou qual um espelho,  
 Como agora aqui me vês.»

Quando me dizem d'alguem,  
     Que elle tem  
     Coração  
     D'ouro;  
 Mas, se o contradizem, que é  
     Um leão,  
     Um tigre, um toiro;  
     E lhe vem  
     Cada repente,  
 D'aquelles de matar gente. . . .

«Apagê!»  
 Digo eu então,  
 «Com o tal nobre coração  
 De vai-vem!  
 Fico-lhe muito obrigado:  
 Antes ser  
 O d'um malvado,  
 Sem fazer  
 Damno a ninguém (90).»

## FABULA 00.ª

## O grillo e o rouxinol

Disse o grillo ao rouxinol:  
 — «Eu bem sei que os namorados,  
 E os poetas, enlevados  
 Estão quando ao pôr do sol  
 Ouvem teus meigos trinados.  
 Mas, olha, que também eu  
 Tenbo o meu  
 Cortejo de admiradores:  
 No campo ha trabalhadores  
 Que preferem o meu canto.  
 Ser melhor... não direi tanto;  
 Porém  
 Vê-se muito bem

Que ha dois juizos oppostos  
 Sobre o teu  
 E o cantar  
 Meu.

Não se pôde pois negar  
 Que depende isso *dos gostos.*  
 —«E das *peçoas* tambem :»  
 O outro lhe respondeu (<sup>91</sup>).

## FABULA 61.\*

## A macieira brava

No tronco já carcomido  
 D'uma macieira brava,  
 Que o fructo ruim que dava,  
 Era fel,  
 Não se engalia,  
 Tinha-se um enxame acolhido,  
 E alli feito a cera e mel.  
 Grande foi a ufania  
 Da bravia  
 Macieira:  
 Tanto se ensoberbeceu  
 D'aquelle doce producto,  
 O qual sem cessar gabava  
 (Já o dava

Como seu,)
   
 Que lhe disse uma videira,
   
 Vivendo mui perto d'ella:
   
 — «Olha cá; e esse teu
   
 Fructo,
   
 Azedo
   
 De dizer: — credo!
   
 Inda trava na guela?
   
 Ou o azedume perdeu,
   
 Melhorado
   
 Com o doce mel, emprestado,
   
 Que um acaso em ti metten?»

O que vive em
   
 Companhia
   
 De quem
   
 Tem
   
 Maior valia,
   
 E d'isso tira vaidade
   
 Sem contudo melhorar,
   
 Consegue apenas provar
   
 A sua incapacidade,
   
 A sua loucura cega;
   
 Pois parece ter a crença
   
 De que o merito é doença
   
 Que, qual a sarna, se pèga (22).

## FABULA 62.

## O corvo e a aguia

O corvo uma vez  
Notou  
Que estava a aguia no choco  
Durante um mez,  
E pensou:  
— « Bem me par'cia ser pouco  
O tempo que eu fico lá.  
Comparem o resultado  
Que um ou outro choco dá:  
Fortes aguias, ou mesquinhos  
Corvos. Está pois provado;  
Deve isto ser emendado,  
São mais sò uns diasinhos. »  
Desde então não se enfastia  
A chocar um mez inteiro;  
E 'staria  
Mez e meio  
Só com o cheiro  
De ser pae d'aguias um dia.  
Mas esse ainda não veio:  
Até hoje não logrou  
Alterar  
O que chocava,



Pois sempre continuou  
A tirar  
O que tirava,  
Uma agoirenta  
Corvada  
Muito nojenta  
E... mais nada.

Pilriteiros dão pilritos,  
Fructos muito pequenitos,  
E de todos desprezados ;  
Contra a raça não se lucta  
Nem adubos nem cuidados  
Lões fazem dar boa fructa <sup>(23)</sup>.

## FABULA 63.\*

**O lobo feito pastor**

Os tempos muito apertados  
Se tornaram para um lobo,  
Pois andavam os rafeiros  
Todos tão acutelados  
Que dias, mezes inteiros,  
Se passavam sem um roubo.  
Julgou ser cousa melhor  
Fazer-se tambem pastor

E ter um bello  
Rebanho.  
Sendo loucura pensar  
Em obtel-o  
De arreganho,  
Lembrou-se de o alcançar  
Usando de arte e de manha.  
Logo para tal se amanha:  
Veste japona e calção,  
Calça bota de canhão,  
E, porque nada lhe esqueça,  
Tambem leva o seu surrão,  
Carapuço na cabeça,  
Grande cajado  
Na mão.  
Bellamente mascarado  
Eil-o vai mui sorrateiro,  
Quando o guardador do gado  
E o rafeiro  
Resonavam ao soalheiro,  
Ver se o rebanho levava  
Com geitinho ao seu covil.  
Que inutil era o ardil,  
E nada assim alcançava,  
Logo porém reconhece:  
As malditas das ovelhas,  
Pois não era o seu pastor,  
Abanaram-lhe as orelhas,  
Cheio de raiva se esquece  
Do papel que representa,

Volta o instincto roubador:  
Larga o cajado da mão,  
A uma se lança e intenta  
Leval-a á força: o pastor  
Acorda e acorda o cão.  
Quer fugir; atrapalhado  
Pelas botas e o vestido,  
A dente e mais a cajado  
A vida perdeu  
Assim,  
Por ter sido  
Actor  
Ruim.

Cada qual tem seu valor  
Para aquillo que nasceu,  
Se não fór  
Algun sandeu.  
D'esses mesmos não  
Mui poucos,  
Tidos por parvos ou loucos,  
Lá se vão  
Abotoando,  
Comendo,  
À grande vivendo,  
E sensatos jejuando,  
De miseria alguns morrendo,  
Ou não coalham vintem.  
O que instinctos tem  
De lobo

E não quer viver de roubo,  
 Acho que faz muito bem:  
 Mas olhe que leva tosa,  
 Se se metter a rapoza;  
 Nem esta procure obter  
 A sua presa á má cara,  
 Pois lhe pode sabir cara  
 A tentação, se a tiver (24).

## FABULA 64.

## O pato

«Quem mais do que eu é prendado?»  
 Grasnava um pato marreco:  
 «Eu corro, eu voo, eu nado!  
 Quem dotado  
 Mais do que eu?»  
 — «Cala o bico, badameco!»  
 Um gallo lhe respondeu:  
 «Tuas prendas tão gabadas,  
 Men pateta,  
 A final são uma peta,  
 Quando ás de outros comparadas:  
 Tu qual o peixe não nadas,  
 Não voas qual a andorinha,  
 E qual o gamo não corres.

És um trapalhão chapado,  
E prestas só quando morres,  
Triumphando na cosinha  
Com arroz de forno, e assado.  
O pato não disse nada:  
Mas ficou capacitado  
De que corre e voa e nada  
Muito melhor que ninguém;  
Pois quem  
Marreco nascer  
Pato será t'ê morrer.

Hoje é preciso saber  
De quasi tudo um boccado;  
Mas o homem deve ter  
Uma profissão em fito,  
Para a qual seja educado,  
Perfeito  
Quanto poder.  
Tudo o mais será bonito,  
Porém de menos proveito.  
Quem assim não estudar,  
Muito embora seja esperto,  
Bem de certo  
Ha de ficar  
Um trapalhão, badameco,  
Como era o pato marreco (93).

## FABULA 65.ª

## O lobo e a velha

«Deixa estar,  
Que ainda hoje te hei de dar  
A comer  
Ao lobo, se Deus quizer,  
Maroto! pois és tão máo,  
Que não queres, nem a páo,  
Aprender  
O á-bê-cê,  
Por mais e mais que eu te dê;  
Elle t'ó dirá então:»  
Gritava em alto berreiro  
Tola e veneranda velha  
De cangalhas no nariz,  
Cartilha na esquerda mão,  
E na dextra com a orelha  
Do bregeiro  
D'um rapaz,  
Que sabe serem cantigas  
O que a avózinha lhe diz,  
E por detraz  
Lhe faz  
Figas.  
Não longe, um lobo escondido,

De ter piteo para a ceia  
Fica muito convencido.  
Meia-noite, e noite feia,  
Uma hora, hora e meia,  
E o lobo ainda á espera;  
(Já não ha lobos assim!)

Até que enfim  
Desespera

E volta ao covil sem nada.  
Diz-lhe a esposa avinagrada:  
— «Por onde tens tu andado?  
Não ganhei eu com as demoras,  
Pois voltas tarde e ás más horas  
Sem nada a casa trazer.»  
Responde o lobo enfadado:  
— «Não me tivesse eu fiado  
Em promessas de mulher!»

Ninguem se fie em balela,  
Tão parva como era aquella;  
Que lhe pôde acontecer  
Muito peor, se o fizer (30).

## FABULA 66.

## O cavallo e o toiro

Um toiro, vendo um cavallo,  
Que um rapazito montava,

Diz:

— «Não tinha esse regalo  
Commigo, pois o atirava  
Logo de nariz  
Ao chão.»

— «Foras grande valentão,  
Se tal fizesses, devéras!  
Ser tanto não quero eu;»  
O cavallo respondeu:

«Mas, sendo assim, o que esperas,  
Grande domador de feras,  
Para ao homem resistir,  
Quando te colhe e te ferra  
E a outro te vai jungir,  
Porque lhe lavrem a terra?»

Ha muita gente  
Covarde

Que com os fracos faz alarde  
De valente;

Mas de viola no sacco,  
Se leva para tabaco <sup>(97)</sup>.



## FABULA 67.

## A rapoza e o bode

Nem sempre as barbas juizo  
Indicam; famosas tem  
Bastantes parvos tambem.  
Um bode de pouco siso,  
Mas barbado a mais não ser,  
    Com rapoza  
    Mui manhosa  
    Foi beber  
A poço algum tanto fundo.  
    O descer  
Sempre, no mundo,  
Mais facil foi que o subir;  
Até se lê em Camões.  
Quando quizeram sahir,  
Disse ella:—«Vê se te pões  
Sobre os pés, muito direito,  
Pois que assim me darás geito  
De por ti poder trepar,  
    E saltar  
    Fôra  
    Do poço:  
Quando lá, verás que posso  
Livrar-te sem mais demora.»

Grita o bode:—«Nunca a mim  
Lembráram cousas assim!  
Quem me dêra esse miolo  
Em vez do meu, tão obtuso!»  
Dito isto, ergue-se o tolo,  
Direitinho qual um fuso,  
Contra as pedras da parede,  
Como a rapoza lhe pede.  
Trepá esta e sai do p'riço  
E diz-lhe, vendo-se fóra:  
—«Devêras não posso agora  
Tirar-te d'ahi, amigo;  
Tenho pressa, vou-me embora:  
Mas, sabes o que te digo?  
Pouco perdes com a demora,  
Nem ella pôde durar,  
Pois que vem aqui buscar  
Muitos agua a este poço.»

Quem assim se fôr metter  
Com um tratante, o vê comer  
A carne, e deixar-lhe o osso (28).

## FABULA 68.

## O sol e o homem

Ao sol disseram um dia  
Que o homem, pois se mettia  
Tudo a eito a decidir,  
Afirmava que elle tinha  
(E, se alguém fosse medir,  
Lá veria)  
Em altura  
Ou em largura,  
Sem sobejar-lhe uma linha,  
Um palmo só, tem medido.  
— «Nem mais curto, nem comprido,»  
Responde o sol: «fico eu,  
Porque me mede um sandeu.»

Quanto critico ruim  
Merece resposta assim? (20)

## FABULA 69.

## As cabras

Não com pouca herrarria  
Dizem as cabras um dia  
A Jove: «Cornos queremos!  
Não somos menos que os hodes;  
    Não sabemos  
Como os tem e nós não temos.  
    Tu bem podes  
E nos deves cornos dar;  
Uma de nós a mamar  
Te deu, bem sabes, seu leite:  
Não nos negues esse enfeite.»  
«Dou!» diz Jove; «mas, cuidado!  
A elles anda aggregado  
    Um barbicacho,  
    Que eu acho  
Não lhes deve agradar nada.»  
    A cabrada  
    Grita, berra,  
Atordôa cêos e terra,  
'Té que por fim despachada  
    Vê a sua petição.  
Mas agora é que ellas são!  
Com os taes cornos que lhes crescem

Aparecem  
 Barbas, quaes os bodes tinham !  
 A Jove tornam berrando  
 Que barbas lhes não  
 Convinham,  
 Mas em vão :  
 Por mais berros que soltaram,  
 Usando  
 Barbas ficaram.

Quando algo nos appetee,  
 Com mil cuidados se veja;  
 Dar-se pode que não seja  
 Tão bom quanto nos parece.  
 É mai raro o bem  
 Com o qual  
 Algum mal  
 Não vem  
 Também (100).

FABULA. 70.\*

O pardal prudente

Gato dos mais atilados  
 Arte inventou de apanhar  
 Os roxineos dos telhados.

(Dos pardaes quero fallar)  
 E eis-abi o que elle fez :  
 A mão esquerda com pez  
 Untou e foi-a metter

Em alpista,  
 Até coberta ficar.  
 Ia depois esconder  
 Todo o corpo bem da vista,  
 Menos a mão que extendia;

E, se algum pardal  
 Sentia  
 Nella pousado, era — zás !  
 Com a outra mão, e o sumia  
 Logo em si sem mais demora.

D'essa fatal  
 Engenhoca  
 Por modo tão eficaz,  
 Assim destruir a vida  
 Um que testemunha fôra,  
 Nunca mais topou comida  
 Que não julgasse ser  
 Moca.

Ao gato assim escapou ;  
 Porém nada aproveitou,  
 De fome vindo a morrer.

Olha não dês em demente,  
 A força de ser prudente <sup>(104)</sup>.

## FABULA 71.

## O homem e a mula

Um homem, quando passou  
Por traz de roim muar,  
Um par de coices levou;  
E ficou  
A coxear;  
Porém, ainda assim côxo,  
Pegou  
Lego d'um arrôcho  
E fartou-se de bater,  
A valer,  
Naquelle besta manhosa;  
Deu-lhe formidavel tosa!  
Um zoophilo, dos taes  
Protectores de animaes  
Contra o direito *das Gentes*,  
Que até dosherdam parentes  
A favor de cães e gatos,  
Com brutos gastando os cobres  
Que podiam dar aos pobres,  
(Eu não fallo dos cordatos,  
Que com justiça os defendem  
E pretendem  
Combater a crueldade,

Deshonra da humanidade)  
Um homem, muito prudente,  
D'essa gente  
De juizo,  
Sempre prompta a desculpar  
Prejuizo  
Que não a possa lesar,  
Ou mal que nunca a molesta :  
—« Culpa não vejo na besta, »  
Disse elle ao pobre pisado :  
« Você é que foi culpado,  
Que por traz d'ella passou. »  
—« Pois está muito enganado,  
Não houve um, mas dois culpados,  
Por isso dois castigados : »  
O frido lhe replicou :  
« Eu, que d'ella atraz passei  
Descuidado,  
Dois grandes coices levei  
(Se por milagre estou  
Vivo,  
O mais certo é ficar coxo !)  
E ella, por m'os ter dado  
Sem motivo,  
Apanhou  
Sóva de arrocho,  
Para vér-se tem emenda,  
E perde tão boa prenda. »

Leitor, se te acontecer



Que um bruto, um villão ruim,  
Te dê dois coices assim;  
Não tenhas que duvidar,  
Dá-lhe que dá-lhe a valer,  
Com vontade,  
É serviço á humanidade:  
Se eu perto de alli 'stiver,  
Prometto de te ajudar (<sup>102</sup>).

## FABULA 72.

## O avestruz

O avestruz quiz brilhar:  
Não se contentou de ser  
Enorme, descommunal,  
Ave etnilim mesmo de *truz*;  
Quiz voar  
O avestruz!  
Não se podia conter,  
Nem dormir, nem socogar,  
Ao ver  
Voando o pardal,  
A andorinha  
Mesquinha...  
Sem elle o poder  
Fazer.

Mandou pois apregoar  
Que a taes horas de tal  
Dia

O avestruz voaria !

Ajuntou-se

A bicharia,

E postou-se

Para ver a exhibição.

O avestruz não voou,

Mal tiron

Os pés do chão:

O que deu

Em resultado

Ser justamente apupado

Aquelle que até então

Sempre fóra respeitado.

Quem nasceu

Só para andar,

Ou quem mal pôde voar,

Não se metta a voador;

Vá andando que é melhor (103).

## FABULA 73.

## A ovelha

Vendo que todos na terra  
Lhe moviam crua guerra,  
A Jovê se queixa a ovelha,  
Este ao vê-la torce a orelha,  
E ao ouvir a triste historia  
Dá as mãos á palmatoria:  
—«Tens razão!»  
Responde elle á infeliz:  
«Inerme de mais te fiz,  
Bem digna de compaixão!  
Mas já remedeio tudo,  
Num volver d'olhos te modo.  
Vou dar-te garras e dentes  
Com que se hão de ver bem quentes  
Teus inimigos.» — «Senhor!  
Não me faças tal favor,»  
Brada a ovelha: «arrepiada  
Toda estou, só de pensar  
Que d'elle posso abusar,  
Ser malvada  
Quaes  
As carnicieras feras.»  
—«Ovelha! tu exageras:

Mas, se taes  
Armas não queres,  
Vê lá então se preferes  
Que te faça esse pescoço  
Muito rijo e muito grosso:  
Que te dê cornos graúdos,  
Tão agudos,  
Que ninguém se chegue a ti.»  
—«Senhor, eu não te pedi  
Que todos de mim fugissem,  
Mas só que não me aggradissem;  
E receio  
Que tal meio  
De lesar  
Me possa também tentar.»  
—«Pois para defesa tua»  
Diz-lhe Jove (que já sua  
Por não vêr  
Que lhe off'recer):  
«Vou derramar nos teus dentes  
O veneno das serpentes...»  
—«Isso não; que amaldiçoada  
Como ellas não quero ser;»  
Mui depressa diz a ovelha.  
Jove quasi que se enfada,  
Vendo que ella  
Não quer nada  
Do que pode defendel-a;  
E franzindo a sobrançelha:  
—«Escuta, pobre innocente!

Sem um veneno mortal  
 Garras, dente,  
 Força enfim,  
 Para que possas pagar  
 Aos outros o mal com o mal,  
 Quando t'o queiram fazer,  
 Sem cessar  
 Has de soffrer.

Foi o mundo feito assim,  
 Já não o posso emendar.»

—«Se tal é,

Eu soffrerei»

Torna a ovelha: «até á morte,  
 A mesquinha  
 Sorte  
 Minha.»

—«Isso queres, isso tenhas»  
 Conclue Jove: «mas não venhas  
 Outra vez queixar-te a mim.»

Leitor não sejas ruim,  
 Não faças mal a ninguém:

Mas, se alguém

T'o vai fazer,

E te podes defender,  
 Defendendo-te andas bem;  
 (E quasi que é teu dever.)

Se o não queres

Terás muito que soffrer;  
 E certo podes ficar

De que nada val' chorar,  
Se o soffrimento escolheres (104).

FABULA 74.<sup>a</sup>

## As rãs

Cançado já da anarchia,  
    Bem que mausa,  
    Em que vivia,  
O povo rã não descança  
De pedir a Jove um rei,  
Como outr'ora a Samuel  
Todo o povo d'Israel.  
    Eu não sei,  
Não ousou dizer, se erraram  
    Os que de tal  
    Se lembraram.  
    Quem 'stá bem,  
    (Soffrivelmente)  
Será de certo imprudente  
    Se não se deixar  
    Ficar;  
E aquelle que estiver mal  
    É tambem  
    Mui natural  
Que procure melhorar.

Porém,  
Se sofre o doente  
De certo modo deitado,  
Virar-se para outro lado  
Não lhe sára o mal interno,  
Só o deixa alliviado  
Por tempo que pouco dura;  
Da mudança de governo  
Não vem aos povos a cura,  
Quando o mal não 'stá no pello,  
Mas na raiz do cabello...  
Voltemos á vacca fria:  
O tal rei, que se pedia,  
Jove lhes lança do céu  
Mais negro que o negro breu:  
Com o estampido do trovão  
Dá no chão  
Ou antes lama,  
E faz cama  
Larga e funda.

Em tórno o campo se iaunda  
Do charco aonde cabiu.  
Todo em breve socegou;  
E o tal monarcha... boitou.  
Quanta rã allí havia  
Aterrada se sumiu;  
Largo tempo não se ouvia  
Rã nenhuma a coxar,  
Foi um compasso d'espera.  
Finalmente, uma surdiu

Do lodo onde se escondera,  
E começou a nadar,  
Para ver el-rei, primeiro  
Senhor d'aquelle lameiro.  
A susto embora, nadando,  
Lá se foi aproximando.  
Pensava achar um guerreiro,  
Cesar ou Napoleão,

Senão

Fosse Numa, ou Tito,  
Que leis dêsse

E as mantivesse:

Mal pôde suster um grito,  
Quando viu que era um... madeiro!  
Não sendo nenhuma tola,  
(Tanto, que deixou eschola...)  
Calou-se muito calada  
E, depois de aproximada  
Estar bem da Majestade,  
Com toda a seriedade,  
Braços no peito cruzados,  
Fingiu ouvir-lhe os mandados.  
As outras depois voltou,,

E contou

O que tinha visto e ouvido:  
El-rei... Oh! que grande rei!  
Cuja palavra era a lei,  
Qual um raio o olhar seu,  
(Era forte admiração!

Vinha



Cabido  
Do céu)  
Em sabença um Salomão !  
El-rei tinha  
Decretado  
Que fosse o povo regido  
Só por ella, em seu lugar.  
Começou  
Pois a mandar,  
Sendo ministro d'Estado  
De quantas pastas creou  
Para o immundo lodaçal.  
Em nome da divindade,  
Já se sabe, governou  
Ou de Sua Majestade,  
(Era uma á outra igual  
Nesses tempos que lá vão;  
E fossem dizer que não...)  
Mas em breve se acabou  
A sua grande influencia,  
Morta pela concorrência.  
Outras se foram chegando;  
Foram os olhos abrindo,  
Descobrimdo  
Que o monarcha venerando  
Não passava d'um... madeiro !  
Emfim, ralhando  
As comadres,  
Descobriram-se as verdades,  
Ficando todas sabidas,

Ainda as mais escondidas,  
 Por aquelle charco inteiro.  
 Recomeça a herraria  
 A Jupiter noite e dia:  
 — «Senhor! o que o povo quer  
 É um rei para o reger,  
 Justo, sabio, mas guerreiro;  
 Um senhor de mando e posso,  
 Que seja de carne e osso  
 E não inerte madeiro.»

Aturdido

Jove com tanto alarido,  
 Manda áquella parva gente  
 Uma terrivel serpente!  
 Essa sim que *governara*,  
 Essa sim que se mexia,

Manducava

Quanta rã lhe não fugia.  
 Começa nova ingresia,  
 Jove lhes brada:— «É demais,  
 Pestilentes animaes!

Quando vos mandei

Um rei

Que reinava

Mal ou bem,

Porém

Que não governava,

Não o quizestes guardar:  
 Haveis de agora soffrer  
 Quem vos ha de governar,

A valer;  
Ou tereis outro peior.»

Percebeste, meu leitor (105)?

FABULA 75.ª

O gato e a rata velha

Morriam de medo os ratos  
E de fome. *Robindó,*  
Elle só  
Peior que trezentos gatos,  
Peior que trinta diabos  
Com cornos, garras e rabos,  
Como dizem que elles tem  
Nos infernos: (eu, porém,  
Só conheço os baptizados,  
Que d'isso nada apresentam,  
Nem cruzes os afogentam)  
Os dava por acabados.  
E dizia: — «Embalsamados  
Nos museus os devem ter,  
(Ou não sei que mais esperam)  
Para depois se saber  
Quando esta raça acabar,  
De que feitio elles eram.»

Por ainda aproveitar  
As restantes rapaduras,  
    Pendurado  
    Das alturas  
Finge-se um dia enforcado.  
Deram vivas, deram palmas,  
Aquellas crendeiças almas!  
Causas mil inventam varias,  
Productoras do castigo  
Do seu feroz inimigo,  
E decretam luminarias.  
Porém velha ratazana,  
D'essas de rabo pellado,  
    Não se engana  
Com a comedia do malvado,  
E diz aos ratos:—«Eu cá  
De apostar não se me dá,  
Que tudo aquillo é tramoia  
Que nos arma aquella joia;  
E, pelo sim pelo não,  
Aqui fico.» Os outros dão  
À rata uma gargalhada,  
    E lá vão  
    De cambalhada,  
Quebrar o longo jejum:  
Salta me o gato no chão  
E lhes corta a retirada,  
Aqui dois, acolá um:  
Fez d'elles grande caçada.

As cegas acreditar  
 Tudo quanto se deseja,  
 Por mais absurdo que seja,  
 É pouco tino mostrar (106).

## FABULA 76.

## O porco e o carvalho

Um porco que se cevava  
 Sem trabalho  
 Com a boleta d'um montado,  
 Extendido um dia estava  
 Á sombra d'alto carvalho,  
 Depois de ter bem jantado;  
 E, o seu jantar digerido,  
 Grunhindo  
 Se acalentava  
 Para conciliar o somno.  
 D'isso o carvalho se agasta,  
 E lhe brada com entono:  
 — És um porco e tanto basta,  
 Sempre has de mostrar que o és;  
 Pois que o bem  
 A quem  
 T'o fez  
 Não cuidas de agradecer.

Devoras porções enormes  
Do meu fructo, depois dormes  
E acordas para comer;  
De mais não queres saber.»  
— «Pois de certo agradecia.»

O porco diz : «se não visse  
Que cahia  
Com fartura  
A bolota de madura,

E não por tu desejares  
Que cahisse

Para sustento me dares,  
Não tomes pois esses ares  
De generoso offendido ;  
Essa generosidade

É só apparente  
E mente ;  
A verdade

É que teu fructo perdido  
No chão ficava, sem mim ;  
Pois só se aproveita assim.»

Affectando charidade,  
Quantos ha que buscam dar,  
O que não podem negar (107) ?

FABULA 77.<sup>a</sup>

## A dupla demonstração

Dois figurões escreveram,  
Em termos os mais abjectos,  
Um contra o outro pamphletos  
Com que as impressas generam  
E o senso commum tambem:  
Manha velha e indecente,  
Mas ainda hoje seguida  
Entre gente  
Que se diz esclarecida.  
Nenhum d'elles ficou  
Bem  
No final do desafio;  
Mas o publico lucrrou,  
E zombou  
Do desvario,  
(Como lucra muitas vezes,  
E se ri, com os entremezes)  
Vendo mui bem demonstrado,  
Por um e por outro lado,  
O que se não saberia  
Sem aquella chularia,  
Sem tão immundos cavacos;  
Que eram ambos os athletas

Ignorantes e patetas  
E, de mais a mais,... velhacos (108).

## FABULA 78.

## Os dotes das fadas

Convidadas

Duas fadas

Foram para o baptizado  
D'um principe, o qual fadado  
Tinha de por ellas ser,  
(Eram duas fadas bentas,  
E não bruxas agoirentas.)  
Eis que depois de o benzer  
E com a vara de condão  
Segura na dextra mão,  
A mais velha diz assim :

— «Aqui vim,

Meu nobre infante,

Para te dar

Um olhar

Tão seguro e penetrante,  
Qual a aguiá só o tem;  
Que vê a presa distante,  
Ainda a mais pequenina,  
Como se perto estivesse;  
E muito bem,



Se o quizesse,  
 A podia saltear.  
 Falla a outra e vaticina,  
 Depois dos taes gatimanhos :  
 — «Infante! pelos poderes  
 Da minha vara tammanhos,  
 Depois de tu assim veres  
 Qual a aguia, longe e bem,  
 Dou-te em partilha a nobreza  
     D'alma, que ella tem  
     Tambem.  
     Despreza  
     Pois ninharias,  
 Miseraveis valentias;  
 Tracta só de praticar  
 Acções grandes, bizarras,  
     De promulgar  
     Sabias leis  
 Dignas de homens e de reis;  
 E que assim te ajude o céu.»

Outro tanto direi eu  
     A quem  
     Tem  
     De governar :  
 Não se vá amesquinhar  
 Com negocios sem valor,  
 Tracte dos grandes apenas,  
 Pois que das cousas pequenas  
 Não se occupava o Pretor <sup>(109)</sup>.

## FABULA 79.\*

## Jupiter e Apollo

«Não ha no Universo inteiro  
Melhor frêcheiro  
Do que eu!»  
Apollo uma vez dizia  
Aos outros deuses no céu.  
—«Veremos!» lhe respondeu  
Jupiter, que a ambrosia  
Talvez tivesse regado  
Com nectar demasiado.  
Foi logo dia  
Aprazado;  
E então Apollo atirou  
Ao alvo com tal mestria  
Que até Jove embasbaçou.  
Mas, prudente, disfarçou  
E soube voltar  
Atraz:  
—«Bravo!» lhe diz,  
«Meu rapaz!  
Acceita o meu parabem.  
Eu só quiz  
Ver-te brilhar;  
Pois tu sabes muito bem

Que ao arco jámais atiro,  
Cuidados tenho maiores:  
Governar  
Devo, e prefiro,  
Todos os atiradores.»

Jove com prudencia andou,  
Pois que assim não se arriscou  
A que alguem talvez podesse  
Seriamente acreditar  
Que não sabia atirar,  
Se o quizesse,  
Muito bem  
E melhor do que ninguém (110).

FABULA 80.<sup>a</sup>

## A educação

Filhos da mesma cadella,  
Dois cães que tinham nascido  
Ambos numa só ninhada,  
Teve um d'elles sorte bella,  
Outro sorte desgraçada;  
E foi isto acontecido  
Como aqui lh'o vou contar.  
Um, sempre sob a tutela  
De famoso caçador

A caçar,  
Tornou-se cão afamado  
A cem legoas em redor,  
Desejado  
Para propagar a raça  
Dos famosos cães de caça,  
Valido do cosinheiro  
O outro foi um matreiro,  
Tedo rouha,  
Sem valor e sem vergonha,  
(Ou com vergonha de cão);  
Um goloso,  
Torpe goso,  
Apanhando ora o seu pão,  
Ora algum bom pontapé;  
Progenitor de ralê,  
Qual por ahí anda a rôdo,  
Nem tem modo  
De acabar.

D'aquí se pôde tirar  
Como justa conclusão  
O valor da educação:  
E ainda que o instinto mau  
Custe muito a combater,  
Tem ella sempre poder  
De algum tanto o melhorar.  
Assim pulem o calhao  
De que essas praias 'stão cheias,  
As areias

E as ondas do largo mar;  
 Pois se elle calhou ficou,  
 E portanto não logrou  
 De natureza mudar,  
     Ao menos ganhou  
     Ser liso,  
     E não causa prejuizo  
 Á mão que nelle tocar <sup>(11)</sup>.

## FABULA 81.

## O cavallinho do xadrez

Ninguem ha que faça falta,  
 Impossivel de supprir;  
 Se um dá baixa, outro dá alta,  
 Forçoso é prescindir  
 D'aquillo que não se tem,  
 Ou se ha de substituir,  
 Por algum expediente,  
     Quer bem  
     Quer soffrivelmente.

Uma vez  
 Dois rapazinbos  
 Foram jogar o xadrez:  
 Faltava um dos cavallinhos,

Não lhes deu isso cuidado :  
 Um peão, que havia a mais,  
 Com signal por differença-o  
 Dos demais,  
 Foi arvorado  
 Em cavallo.

Os outros tres com ditinhos,  
 Começam a caçoal-o :

— «O gallocho

Pequerracho,

Não andes como os podões  
 Dos peões,

Repara bem no que fazes ;  
 Tens de dar

Dois passinhos cada vez. »

— «É calar ! »

Lhes bradou um dos rapazes :

«Vale o mesmo que voces,

Já que o puz no seu logar» (112).

FABULA 52.ª

O homem e os animaes

Quando Adão

E Eva foram

Expulsos do paraiso,

Por lhes faltar o juizo  
E não

A fazerem limpa,  
Os brutos, que até alli  
Os respeitam, os adoram,  
Ergueram, segundo li,  
Contra elles logo a grimpá,  
(Sempre assim foi e ha de ser  
Com quem deixou de valer):  
E, não fôra decretado

O contrario, bem de certo  
Lhes davam cabo das pelles.  
Afastam-se todos d'elles,  
Ou quasi, para o deserto;  
Mas julgaram acertado,  
Antes de se pôr a andar,  
Bem claro patentear  
O seu odio ou má vontade.

Conspicado  
O homem se viu então:  
Pouco lhe disse o leão  
(Valha a verdade)

E os demais  
Poderosos animaes.  
(A força e a covardia  
Mal andam de companhia)  
Declarando-lhe só guerra,

Mais  
À sua geração,  
De extermínio em toda a terra.

Porém entre a multidão  
Se distinguiram na glosa  
O jumento,  
O urso, o porco nojento,  
A serpente venenosa,  
E o desprezível velhaco  
Do macaco.  
—«Eu não sei,»  
Disse a Adão  
Mui serio o burro:  
«Como tu imaginaste  
Que podias dar a lei  
A Ião  
Numerosa grei?  
Com este meu sonoro zurro  
De certo não comparaste  
Tua voz effeminada.  
Bem pouco valem, ou nada,  
Essas orelhas mesquinhas,  
Se comparadas às minhas.  
Com dois pés só, e inda assim  
Desarmados,  
Sem cascos bem alentados,  
Terás que te defender  
Com as mãos, arma bem ruim,  
Que mal pôde proteger  
A cara. Ao inimigo  
Eu sempre costas voltando,  
E no duro chão ficando  
As mãos, ou pés dianteiros,



Facilmente evito o perigo  
Largando  
Coices certos  
Té ás estrelas do céu...»  
— «Deixa-o lá,» interrompeu  
Do sabio burro o discurso  
O hirsuto e nédio urso:  
«Repara que o desgraçado  
Quasi sem pello nasceu,  
E que se vê obrigado  
Para não morrer de frio,  
Apenas nos foge o estio,  
Coitado!  
A aproveitar  
Qualquer pelle  
Que deixou,  
Quem d'entre nós se finou.»  
— «Não o posso lastimar»  
Diz o porco: «a culpa é d'elle,  
Que sabio assim se proclama  
E não gesta do chiqueiro;  
Eu muito pello não tenho,  
E com a lama  
Cá me avento:  
De mais, é todo biqueiro  
E quer  
Só comer  
Com a mão,  
Em vez de fossar  
No chão,

De apanhar  
 O pasto a dente,  
 Como o faz bem boa gente,  
 Do que elle com mais juizo.»  
 — «D'isso não me escandaliso,  
 Grita

O mono; «pois imita  
 O meu modo de o fazer:  
 Porém não posso soffrer  
 Que me queira exagerar.

Reparando  
 Que eu, por um acaso, ando  
 Em dois pés,  
 Tem a louca pretensão,  
 Tanta vez,  
 De tirar  
 As mãos do chão...»

— «Como ha de elle ser alguem,»  
 Interrompeu a serpente;  
 «Se o meu denta,  
 Tão pequeno,

Pode mais com o seu veneno  
 Que quanta força elle tem?»

.....  
 De bequilha bem calada  
 O homem não disse nada;  
 Deixou-os desabafar  
 E, depois de os ver  
 Partir,  
 Começou

A trabalhar.  
 Muito e muito trabalhou,  
 Até poder  
 Conseguir,  
 Elle tão inerte nascido,  
 Tão despido,  
 Mais do que todos valer.  
 Albarda sobre o costado  
 O burro se viu  
 Montado,  
 Serviu  
 Para acarretar.  
 Teve o urso de apprender  
 A dançar,  
 A divertir,  
 À custa de boas sóvas;  
 E da pelle o homem fez  
 Manto para se cobrir,  
 Capacho para os seus pés.  
 Do chiqueiro  
 Subiu o porco ao fumeiro,  
 As sedas deram escovas.  
 O mono só lhe prestou  
 Para bobo, e tal ficou.

.....  
 Assim foi elle vencendo,  
 Escolhendo  
 Entre os demais  
 Os que lhe eram serviçaes  
 Dos indif'rentes

P'rigosos,  
 Ai d'esses! Ai das serpentes!  
 Dos ferozes, dos manhosos!  
 A guerra, que inda hoje dura,  
 Não deixa que duvidar  
 Da sua sorte futura.  
 Tanto pode o ter valor,  
 Tanto pode o trabalhar  
 Com ventade e com amor!

Trabalha, pois, sem cessar  
 Se com merito te sentes;  
 Não te importem julgamentos  
 De ursos, macacos, jumentos,  
 Sujos porcos, vis serpentes  
 Rojando torpes no chão:  
 Has de calca-os aos pés,  
 Reconheçam o que são,  
 Demonstrando-lhes quem és <sup>(115)</sup>.

FABULA 83.

A manteiga e a margarina

Com voz unctuosa e meiga  
 Disse um dia á margarina  
 A manteiga:

— «Olhe, menina,  
 Uma cousa é nascer  
 Pura,  
 Filha de leite de vacca;  
 Outra é ser  
 Qualquer  
 Gordura.  
 Uma imitação velhaca.  
 Se você  
 De boa fé  
 A vender  
 Se apresentasse  
 De carinha descoberta,  
 Não se mettendo a esperta  
 E a fingir o que não é;  
 Nada tinha que dizer  
 Quem no mercado a comprasse,  
 E eu não lhe pedia meças.  
 Mas você, por fim, com essas  
 Velhacarias nojentas,  
 Feita capa de ladrões,  
 Vai levando pelas ventas  
 E passa por vergonhões.»

Não é justa  
 A pretensão  
 De subir á alheia custa;  
 E se alguém  
 Isso tentar,  
 Podê achar

Quem,  
Com razão,  
Lhe dê severa lição,  
Peior que a manteiga fina  
A foi dar  
A margarina (114).

## FABULA 84.

## A gralha

Gralha atrevida e vaidosa,  
Quaes as gralhas todas são,  
Para se tornar formosa  
Apanhou  
Quantas pennas de pavão  
Encontrou  
Espalhadas pelo chão;  
D'ellas  
Mui bem se enfeitou.  
Uns pavões que a encontraram,  
A bicada  
Lhe arrancaram  
Toda a belleza roubada;  
Não lhe largando as costellas  
Em quanto luzentes pennas  
Vêem nellas.

— «É demais!

As mais

Pequenas,

Inda que bellas,

São minhas»

Grita a pobre depennada.

— «Impostora! tu não

Tinhas

Cousa que valesse nada»

Os pavões lhe retrucaram:

«Porisso lançaste mão

Sem vergonha, do que é nosso.»

E tosquia foi então

Que a deixaram

Quasi em osso.

Quem assim se for vestir,

Na praça o hão de despir

Do roubado

E até do bem grangeado,

Apanhando sorriada,

Sendo um pensamento alheio

A cousa surripiada:

Ou talvez grande tarefa,

E com os ossos na cadeia,

Quando o caso for mais feio (113).

## FABULA 85.\*

## As duas panelas

Duas panelas viviam,  
Ou ferviam,  
(Tanto monta  
Quando se falla em panelas)  
Segundo a historia nos conta,  
Ambas na mesma lareira,  
Mas irmãs não eram ellas :  
Uma côr de pederneira,  
De barro e bastante velha,  
Com a outra não se emparelha,  
De ferro, bem rija e forte,  
E seus tres pés de suporte.  
Viviam em harmonia,  
(O que eu acho  
Acontecia  
Por alli não haver tacho.)  
Um dia,  
Quando acabada  
Do jantar 'stava a canceira,  
A loucinha já lavada,  
Os patrões tendo sahido,  
E a cozinheira  
Corrido



A ver passar o derricko,  
 (Não consta havel-as sem isso)  
 Disse a panella de ferro  
 Á de barro:—«Estamos sós;  
 Vamos nós

Dar por ahí uma volta?  
 Farta estou de tal desterro,  
 Quero andar um pouco á solta.  
 A lareira tão baixinha  
 Facil será de descer;  
 Saíamos pois da cozinha,  
 Vamos as casas correr.  
 Venha commigo vizinha,  
 Que me 'stá pulando o pé.»

—«Isso é lá

Para quem é»

Lhe responde a companheira:  
 «Póde fallar de cadeira,  
 Por ser rija das costellas,  
 É rainha das panellas:

Mas eu cá...

Não sou assim;

Feita de barro ruim,  
 Qualquer carolo... e estou prompta.»  
 —«Com bem pouco se amedronta»

Lhe torna a outra: «Você,  
 «Basta que se chegue a mim,  
 Que sou forte como cré,  
 Para eu lhé servir de escudo;  
 E ver-se livre de tudo

Que mal lhe possa fazer.  
 Deixou-se enfim convencer  
 A de barro. Lá vão ellas  
 Julgando  
 Dar volta ao mundo;  
 Uma estirando  
 As canelas,  
 E a outra arrastando  
 O fundo.

Mas a volta não foi grande:  
 Embora de vagar ande  
 Com todo o geito e cautela.  
 A cada instante a panella  
 De barro tropeça e cai;  
 E peor ainda lhe vai  
 Quando a outra, sem querer,  
 Lhe dá o seu encontrão,  
 Em lugar  
 De protecção,  
 Para a livrar  
 D'algun risco.

Já mal se pôde mexer.  
 Já tem rachas, tem buracos,  
 Até que se fez em cacos;  
 E a outra... nem um belisco.

Cada qual com seus eguaes  
 Viva-me de par a par,  
 Não se metta a acompanhar  
 Com quem pode muito mais <sup>(116)</sup>.

FABULA 86.<sup>a</sup>

## O cão com as orelhas cortadas

Vendo-se desorelhado  
E com enorme colleira  
De pregos, um cão de gado  
Deu ao demo a brincadeira,  
    Ou o máo gosto  
De quem o tinha assim posto.  
Revoltou-se contra a póda;  
E, se o collar era moda,  
Passava mui bem sem ella,  
Pois um cão não é cadella.  
Breve porém enxergou  
    Que o patrão  
    Teve razão  
Quando assim o amanhou;  
E foi na lucta primeira  
Que contra um lobo travou.  
Não podendo este encontrar  
Orelhas onde filar,  
Nem os pregos da colleira  
Lhe permittindo maneira  
De ás goellas se lançar,  
    Deu  
    A lucta por baldada

E bateu  
Em retirada.

Não nos aconteça assim:  
Julgarmos, sem tom  
Nem som,  
Ruim  
O que é muito bom <sup>(117)</sup>.

FABULA 87.<sup>a</sup>

## A galinha cega

Tanto e tanto esg'ratou  
Que, á força de esg'ratar  
E muito pó levantar,  
Uma galinha cegou.  
Porém, embora cegasse  
E já nada aproveitasse,  
Ia sempre esg'ratando:  
Muito pode a costumeira!  
Outra galinha, notando  
Da pobre a grande cegueira,  
Mui sorrateira,  
A seguia  
E assim bem aproveitava  
O que ella desenterrava.

Mais de um ha que noite e dia  
 Trabalha e cança a matar,  
 Sem de nada aproveitar  
     Por não ser  
     Capaz de ver;  
 E o que faz alguma vez  
     Não ficar  
 Todo o trabalho perdido,  
 É ser o fructo comido  
 Por mais esperto freguez (118).

## FABULA 88.

**O milhafre e o rouxinol**

Uma tarde, ao pôr do sol,  
 Acabando de cantar  
 Mavioso rouxinol,  
 Um milhafre o empolgou :  
     — «Quem  
 Assim canta tão bem,  
 Delicado paladar  
 Com toda a certeza tem.»  
 Disse; e, quando o devorou,  
     Pennas  
     Apenas  
     Achou.

Se foi serio ou a zombar  
 Que o milhafre discursou,  
 Não sei; mas vejo julgar  
 Em geral todos assim,  
     Sem pensar  
     Que alguém  
     Ser bom ou ruim  
 Depende muito do fim  
     Que tem  
     De desempenhar.  
 Um decantado poeta,  
 Um orador eloquente  
 (De que ha muita e muita grosa  
 Por ahí infelizmente)  
 Pode ser grande pateta,  
     Quando se tratar  
     De *prosa*,  
     Ou quando empregar  
     Convenha  
 Quem obras, não phrases, tenha (<sup>119</sup>).

## FABULA 89.\*

## O lobo e a viola

Por não ter onde se acoite  
 Vai um homeni, alta noite,

Noma estrada a caminhar:  
Eis que sente um lobo a uivar.  
Por armas só um cajado  
Tinha e, muito assustado,  
Julga que, pelo seguro,  
Deve trepar a um muro  
Alto bastante, e trepou.  
O lobo pouco tardou:

Deixou-se ficar  
A olhar,  
De alcateia,  
Poisque esp'rava  
Boa prêa.

Ora o tal homem levava  
As costas uma saccoia,  
Onde tinha a sua ceia  
E tambem uma viola.  
Julgou, por ser muito tolo,  
Que se o seu farnel deitasse  
Ao lobo, este o deixasse  
Ficar quite.

Assim fez: mas foi um bolo  
Para abrir mais appetite.  
O lobo não se mecheu  
Esp'rando maior pitêo,  
E com a esp'rança se lambia.  
Então, para se entreter  
Até ver  
Raiair  
O dia,

O homem poz-se a cantar  
E na viola a tocar.

O lobo, que tal ouviu,  
Mais não quiz ouvir, fugiu.

— «Ó ladrão!»

Grita-lhe o homem então:  
«Se eu soubesse que gostavas  
De me ouvir tocar assim,  
Não to guardava para o fim  
Nem a ceia me gramavas.»

A certa gente,

Leitor,

Muito tola,

Mal creada, impertinente,

Que a paciencia nos amola

E sempre anda descontente,

É melhor

Tocar-lhe logo a viola (120).

#### FABULA 90.\*

#### A torrente e o rio

Furiosa uma torrente  
Seu clamor tão alto erguia,  
Que assustava toda a gente,



Inda de longe se a ouvia !  
Um viajante imprudente  
(Talvez por necessidade)  
Tenta passal-a, e passou.  
Pasmado depois ficou  
Vendo que, em realidade,  
Muito pouco lhe custou ;  
Não deu nem um só mergulho ;  
    Barulho  
    Com barafunda  
Era a furia da torrente  
    Nada funda,  
Muita parra pouca uva :  
Um cano d'agua da chuva.  
O homem, muito contente,  
Continua a caminhar  
    E vai dar  
À beira d'um rio ameno  
Que, nem grande nem pequeno,  
    Sem cachôpos  
    Ou ruido,  
    Serpeava  
    Pelos prados  
    Esmaltados  
E quasi que adormecido,  
Entre salgueiros e choupos,  
Par'cia que convidava  
    Quem passava  
Nas suas aguas a entrar,  
Não tendo que receiar.

Assim fez o viajante,  
A quem o p'rito vencido  
Tornara mais destemido.  
Em má hora se fiou  
Naquelle falsa doçura;  
    Num instante  
    Se afogou  
Das aguas na grande altura!

Bem nos pôde metter medo  
Cousa que não vale nada;  
    Um brinquedo,  
    Comparada  
Com outras que não assustam,  
Mas a vida ou a honra custam.  
    Quanta vez  
Se esconde um bom coração  
Debaixo de casca bruta;  
E debaixo de ar cortez,  
    Delicado,  
    Um intrujão  
    Refalsado,  
Alma felina e corrupta (421)!

## FABULA 91.ª

## O santo na aldeia

Passava por muito má,  
De crimes, de vícios cheia,  
Certa aldeia.  
Para lá  
Se muda um santo  
De lei,  
Como sei  
Os tem havido.  
Visital-o  
E lastimal-o

Foi um tartufo com pranto,  
Por elle se haver mettido  
Em covil peccaminoso.  
Ao que responde, bondoso,  
O verdadeiro christão :

— «Irmão!

Deixemos a Deus  
Os cuidados

De abrir os olhos a quem  
Assim os quer ter fechados  
Para não titar os céos.  
Cada qual de nós o bem  
Que poder faça também,

Cumprindo os deveres seus  
 Para bons exemplos dar  
 Aos grandes e aos pequenos.  
 Havemos de ambos lograr,  
 Sem enfado nem clamores,  
     Tenho fê,  
 Que esta aldeia, desgraçada,  
     Pelo menos  
 Não seja escandalisada  
 Por dois grandes peccadores:  
 Quaes somos—eu e você.»

Quem quer o mundo emendar  
 Por si deve começar (122).

— FABULA 92.ª

**O busto e a raposa**

Para se formar conceito  
 De qualquer cousa, o direito  
 Se deve olhar e o avesso;  
 E os que não fazem assim  
 Bem não andam, quanto a mim.

Um grande busto de gesso,  
 Que bom marmore fugia,

Era de todos gabado  
 Por seu bello modelado  
 Tido como obra famosa  
 Por muita gente que o via.  
 Passa alli uma rapoza  
 E, tendo bem reparado,  
 Diz: — «És bello, porém ôco;  
       Ês de gesso  
       E vales pouco.»

Quanto busto, que eu conheço,  
 Anda ali empertigado,  
 Muito bello e muito ôco,  
 Por toda a gente gabado,  
 Apesar de valer pouco (123)!

## FABULA 93.

## Os oculos

Um parvo e analphabeto,  
 Enfim um sandeu completo,  
 Foi uns oculos comprar  
 A loja d'um oculista  
 Neuhuns porém encontrava  
 Proprios para a sua vista,  
 D'entre quantes foi buscar

O paciente logista,  
E que elle experimentava  
Olhando para um jornal;  
Mas isto de tal  
Maneira,  
Que a final

O outro desconfiou  
De que não soubesse lèr;  
Tantò, que lh'o perguntou.  
—«Não é má a sua asneira!»  
Torna-lhe o homem pasmado:  
«O que havia de eu fazer

Se o soubesse,  
Tomára que m'o dissesse,  
Enfeitado  
Com esses seus instrumentos?  
Foi por ver  
Certos sujeitos,

Que não passam d'uns jumentos,  
A lerem muito direitos  
De cangalhas no nariz,  
Que eu os quiz;  
Julgando que, se os tivesse,  
Com elles lesse  
Tambem,

E nessa fé aqui vim;  
Mas, visto não ser assim,  
Passe por cá muito bem.»

Quanto parvo ahí não ha,

Trapalhão  
 Analfabeto,  
 Introjão  
 Enriquecido,  
 Julgando que um alvará,  
 Um decreto,  
 O pode tornar discreto,  
 Devêras enobrecido (194)!

## FABULA 94.

## A maré

A primeira vez que o mar  
 Um velho e o filho avistaram,  
 Grande foi o seu pasmar;  
 E d'elle se aproximaram.  
 A custo  
 Por abertura  
 Cavada na rocha dura  
 À praia poderam ir.  
 A maré vendo subir  
 O rapaz, cheio de susto,  
 Não pensa mais que em fugir.  
 O velho tendo notado  
 Que, assim como a onda vinha  
 Um bocadinho

D'aquella praia cobrir,  
Muito pouco se detinha  
E voltava logo atraz;  
Junto a si chama o rapaz  
E o phenomeno lhe indica.  
O moço desata a rir  
E sem medo  
Vai brincar.  
Fica  
O velho a meditar,  
Sentado  
Sobre um penedo,  
De cuidados descuidado,  
Sem de nada receiar.  
Mas vai a marê subindo,  
Cada vez diminuindo  
A praia mais, 'lê que emfim  
D'ella chega mesmo ao fim...  
Foi então que se assustou:  
O filho chama, e buscou  
D'aquelle p'rigo sabir;  
Não o poderam conseguir.  
Já coberta a abertura  
De agua muito funda estava,  
E nenhuma outra havia,  
Pois lisa a rocha se erguia  
E toda a praia cercava  
Com invencivel altura.  
Cresce  
O mar



E se enforece  
 Na rocha vindo quebrar,  
 Até que os dois desgraçados  
 Morrem alli afogados!

Muitas vezes acontece  
 O homem não ver  
 (Não crer)  
 Que do mal a maré cresce,  
 A tempo de se salvar;  
 Até vir  
 O preamar  
 A praia toda cobrir,  
 E com elle então soffrer  
 A desventura, ou morrer (125).

FABULA 95.\*

**O pastor e o rouxinol**

Um rouxinol que cantava,  
 Perto do ninho pousado,  
 De repente se calou.  
 Um pastor, que o escutava,  
 Pesaroso perguntou:  
 — «Stás cansado  
 De cantar?»

Pois eu não, de te escutar:  
 Desejo sempre ouvir mais.»  
 — «Não percebes d'os pardaes  
 O maldoso reboiço  
 Para o canto me abafar?»  
 — «Só agora dou por isso  
 (Amanhã hei de ir á caça  
 E dar-lhes cresta na raça)  
 Mas fica desenganado  
 De que não teria ouvido  
 Seu insolente alarido,  
 Se não te houvesse calado.»

Poeta, vae tu cantando,  
 Deixa os miseros pardaes:  
 Elles e outros que taes,  
 Criticando  
 Teu mavioso cantar,  
 Coitados! podem piar  
 Fazer bulha e... nada mais (120).

## FABULA 96.\*

## O burro e o seu dono

«Porque me dá berva ou palha,  
 E mais nada?  
 Porque não

Me dá razão

De cevada

De fava ou cousa que a valha?»

Perguntou com triste zorro

Um pobre burro

Ao patrão.

— «Porque era mal empregada:

Tu, dos asnos capataz,

Por certo não és capaz

D'o que é bom apreciar;

Não é para ti o mel.

Quanto a mim,

Fôra o mesmo que deitar

Per'las ao porco ruim:

Era dinheiro perdido,

Não o tenbo eu a granel,

E não estou resolvido

A tratamento

Escusado.»

— «Pois está muito enganado,

Com tal crença, meu senhor»

Lhe respondeu o jumento:

«Se com as hervas me contento,

E até como duros talos,

É por fome e não por gosto.

Comia muito melhor

O que se dá aos cavallos;

A fresca e bella chicorea,

A boa cevada e a fava.

E, se duvida, eu aposto,

(Quero dizer, apostava  
Podendo) levar á gloria  
Num instante, meio alqueire,  
E que inda a pouco me cheire.»

Ha de certo quem prefira  
Ao que é bom o que é ruim,  
Á sã verdade a mentira.  
Pode haver gostos assim  
E quem goste do peor:  
Mas tambem ha quem se ageite  
Ao que é máu, e só o accete  
Por falta de o ter melhor (<sup>127</sup>).

## FABULA 97.\*

## O toiro e o vitello

Um bravo toiro sahio  
Num rompante  
Pela porta do curral,  
Á qual  
A verga partiu.  
Um bezerrito pedante  
(Embirrenta creatura,  
Todo modos, compostura)  
Que tal viu,  
Disse ao pastor

Com um certo ar de pudor :

—«Aquillo não é decente,

Aquillo não faço eu!»

—«Nem nunca serás

Capaz

De tal fazer, maldizente!»

O dono

Lhe respondeu :

«Nem prestar

Para o trabalho.

Não posso crear

Um mono,

'Stás aqui e estás no talho!»

Erros ha que commetter

Só pode quem

Valor tem

De cousas grandes fazer,

Nanja qualquer

João-Ninguem (183).

#### FABULA 98.\*

### O rio e o dique

Um rio, por ser caudal,

Nos invernos transbordava;

Alagava

Tudo em tórno e assim fazia,  
Em vez de bem, muito mal.  
O povo, que alli vivia,  
Para aos estragos fugir  
Lembrou-se de construir  
Durante a sécca do v'rão  
Um enorme paredão,

E ficou

Muito contente,

Quando o inverno lá voltou,  
De ver a grande corrente

Alli chegar

E parar.

Pouco porém lhe durou  
Este vão contentamento,  
Pois, indo a cheia em augmento,  
Por cima e por cada lado

Tanto galgou,

Que deixou

A final tudo alagado,  
Como era de uso ficar.

Começam a trabalhar  
Levantando mais e mais  
A parede, e a segural-a

Com gigantes

Colossaes,

Para assim não desabar.  
Dinheiro deitado á rua!

A galgal-a,

Como d'antes,

Sempre o rio continúa  
E, no inverno que se segue,  
Enche tanto que consegue  
O dique atirar ao chão.  
Convencido o povo então  
De que era inútil tentar

O embargar

De repente

A caudalosa corrente,  
Lembrou-se de a ir sangrar.

Foi subindo

Rio

Acima,

E conseguindo

Por fim

Com muito e muito desvio  
O seu fim.

E ainda em cima

Fertil, por ser regadio,  
Grande sequeiro tornar.

A torrente é a maldade,

É a caudalosa arteria

Do crime, vicio e miseria:

O dique é a boa vontade

De lhe obstar,

De a superar,

Tantas vezes mallograda

Por ser menos bem pensada:

É o desvio

Prudente  
 Uado á corrente  
 Do rio

A *sensata* educação.  
 As chagas da sociedade  
 Não se curam de repente:  
 Remedios muitos e varios  
 Tentados são  
 É verdade,

Uteis e até necessarios,  
 Contra o mal  
 Já feito, seja qual  
 For:

Mas prevenil-o é melhor.  
 Ensinem a *ganhar*  
 Pão

Honradamente, e terão  
 Menos prantos a seccar,  
 E crimes que castigar (<sup>129</sup>).

FABULA 99.\*

O leão e o homem

Numas ruinas havia  
 Um grupo bem conservado  
 Onde, em marmore lavrado



Por arte insigne, se via  
Prostrado

No duro chão

Pelo homem o leão.

Um d'estes, que descansou

Alli durante o calor,

Da raposa em companhia,

Na 'sculptura reparou.

—«Muito differente seria

A scena,» diz com desdem:

«Se escultor

O leão fosse tambem.»

—«Mas não é:» volta a raposa

Que, qual hobo, tambem ousa

Metter a sua verdade:

«E porisso e muito mais

Verá Vossa Majestade,

Que este grupo é verdadeiro;

Falta-lhe só um letreiro,

Onde em letras garrafaes

Claro se podesse ler:

—«A tudo vence o saber,

O trabalho e a razão.»

Nada disse el-rei leão (130).

## FABULA 100.

## O falcão e o frango

Um falcão,  
Bem ensinado  
A descer, pousar na mão,  
Quando a isso era chamado,  
Que se tinha  
Empoleirado  
Na janella da cosinha,  
Viu um frango que fugia  
À chamada  
Do mestre que pretendia,  
Com fereza disfarçada,  
Encaixal-o numa empada,  
E por isso repetia,  
Acenando-lhe com a mão:  
— «Vem cá, menino! menino!»  
Quanto mais elle chamava,  
Mais o frango se esgueirava.  
— «Mofino!»  
Grita o falcão;  
«Nem sabes obedecer?  
Ou és surdo, ou és de certo  
Muito parvo: uma das duas.»  
— «E tu serás muito esperto.»

Lhe torna o frango a correr :  
 «Ouço o mestre, mas as suas  
 Intenções também conheço,  
 Porisso não obedeco:

Sei demais

Quaes

Ellas são.

Vejo esvoaçar as pennas,  
 Vejo os pés, mais  
 As cabeças,  
 As dezenas

Espalhadas pelo chão,  
 E digo : *não é com essas !*»

Quem é feliz, que se gose,  
 Não glose  
 Do desgraçado :

Só elle sabe, coitado!  
 As linhas com que se cose <sup>(131)</sup>.

FABULA 101.ª

**O encontro**

Depois de feitas as pazes  
 E de tudo quedo estar,  
 Quando vinham estudar,

As centenas,  
Os rapazes  
Do Brazil á Lusa Athenas,  
Um caloiro brasileiro  
Tinha ás vezes por consolo  
Bello *doce-de-tijolo*  
Que a familia lhe mandava,  
E sorrateiro  
O guardava  
Dos maganos  
Veteranos.  
Assim fez com a goiabada  
Em caixa de corrediça,  
Mui azada,  
Que de casa recebem,  
E menos bem escondeu  
De remissa,  
Para que d'ella gozassé  
Cada vez que só se achasse.  
Da tal caixa então puxava  
A tampa, mas poucochinho,  
E cortava  
Um delgado boccadinho.  
Na fina que logo deram  
Os veteranos operam  
De muito differente modo:  
Puxam a tampa de todo,  
Depois cortam do outro lado  
Um grandissimo boccado.  
Isto mesmo repetiam

Toda a vez que tal podiam,  
E ao rapaz  
De quando em quando  
Diziam  
Assim zombando:  
— «Veja você o que faz;  
Temos de nos encontrar...»  
Não lhes percebendo o dicto,  
O caloiro andava afflicto,  
A seismar  
Com medo de caçoada,  
Até que viu  
A charada  
Bem claramente explicada;  
Poisque um dia,  
Quando ia  
Cortar o tal boccadinho,  
Todo o resto lhe cabiu,  
Por já 'star mui delgadinho:  
Foi então que percebeu.

Cousa igual aconteceu,  
Não com *doce-de-tijolo*,  
Com a grande desigualdade  
Nas classes da sociedade.  
Eram senhores do *bolo*  
Uns que bem o não guardaram,  
E nelle foram gramando  
Com mais ou menos prudencia:  
Os outros, aproveitando

O descuido, se gosaram  
 Do tal  
 Bolo mal  
 Guardado,  
 Comendo com appetencia.  
 Cedo ou tarde, em resultado,  
 De certo se hão de encontrar...  
 A final  
 Tudo se ha de nivelar (122).

## FABULA 102.

## A raposa e o lobacho

«Em toda a historia não acho»  
 Dizia a uma raposa  
 Um lobacho:  
 «Quem a meu pai comparar.  
 Que vida tão gloriosa!  
 Aquillo é que foi matar,  
 Aquillo é que foi vencer,  
 Sempre, sempre, até morrer!  
 Porque, enfim, era mortal.  
 Mas que gloria sem egual,  
 Neste mundo elle deixou!...»  
 A raposa lhe atalhou  
 O discurso, e assim disse:  
 — «Quanto aldravaste é tolice,

Verdade nenhuma tem.  
O defender a memoria,  
Se offendida, de seu pae,  
Fica a um filho muito bem:  
    É porém  
    Quando não vai  
    Dar  
    Por mentirosa a historia;  
Senão, é melhor calar-se  
    Ou buscar  
    Algun disfarce.  
    Ninguem  
    D'isso sabe mais  
Do que eu, pois o conheci:  
    Sempre o vi  
    Lobo, quaes  
    São os demais;  
Ja evitando os rafeiros,  
Se fortes e expeditos;  
    Era valente  
    Sómente  
    Com cabritos  
    E cordeiros;  
    Chegava  
A ovelhas, carneiros,  
Porém d'ahi não passava,  
Salvo se com algum jumento  
Ou cavallo lazarento.  
Esse pasmo dos valentes  
    Morreu nos dentes

D'um cão!»

D'esta raposa a lição  
 Também se pôde applicar  
 A muitos graves auctores,  
 Chamados historiadores,  
 Que *historias* querem contar (133).

FABULA 103.ª

A raposa e o lynce

Ao lynce diz a raposa:  
 — «Não te dou os parabens  
 Por essa vista que tens;  
     É de certo cousa  
     Bella,  
 Mas de que te serve a ti?  
     Nunca te vi  
     Usar d'ella,  
     Meu rapaz,  
 Que não fosse para veres,  
 Como qualquer outro o faz  
     Com aquella  
     Que Deus lhe deu,  
 (Por mais que de ti se diga)  
 Se algum burro ou cão morreu,



E encheres  
 Bem a barriga.  
 Para tanto, cá me avenho  
 Eu com esta vista que tenho.»

Se fulano é um talento,  
 Um portento,  
 Não é bastante dizel-o,  
 Em que o prova no que faz,  
 De fazel-o  
 Sé um João-Ninguem é capaz? (134)

## FABULA 104.ª

**O rato, o gato, o gallo e a rata velha**

Do seu buraco sahira  
 Pela vez primeira um rato,  
 Voltando com espalhafato  
 Contar á mãe o que vira,  
 E lh'o contou mesmo assim:  
 — «Ai! mamansinha, que susto!  
 Escapei a muito custo,  
 Ainda não 'ston em mim...  
 Pouco me tinha mettido  
 Por esse mundo de Christo  
 Quando avisto,

Dormindo ao sol extendido  
Um magnifico animal,  
Sem igual:  
Era mesmo um gosto vel-o.  
Imagine um rato immenso,  
Um colosso,  
Coberto de lindo pello;  
Até penso  
Que seja parente nosso,  
Mas affirmar-o não posso,  
Não o vi bem á vontade.  
Par'cia  
São e robusto;  
Com toda a chanternidade  
Dormia  
O somno do justo;  
Resonando mansamente  
Mal se via  
O seu arfar:  
As mãos, cruzadas na frente,  
(Adormecera a rezar!)  
Sem unhas, eram velludo:  
O rosto tinha pelludo,  
Qual o nosso, com bigode.  
Por mais que queira, não pode  
Imaginar-lhe a belleza,  
Prodigio da natureza!  
Talvez já entrado em idade,  
Gozava alli satisfeito  
Do ocio com a dignidade.

Dormia o somno do justo,  
Como disse. Eu com respeito  
Contemplal-o de mais perto  
la...: mas pregou-me um susto  
Bruto atrevido, coberto  
De pennas arrepiadas,  
Dando tremendas pancadas  
No corpo com os curtos braços:  
Batia, assim, os compassos,  
Emquanto com voz de ferro  
Soltava medonho berro!  
Na cabeça o tal malvado  
Tinha barrete encarnado;  
Aquillo, se não me engano,  
Era algum republicano,  
Ou quem sabe se o diabo,  
Pois lhe vi alçado um rabo?  
Má peste mate o molino!  
Sem elle talvez gozasse,

Eu do outro o *fino*  
*Trato,*

Apenas elle acordasse.»  
—«Como te enganas, menino!»  
Diz-lhe a mãe: «pelo retrato,  
O tal que estava dormindo  
Ou fingindo,  
É o malvado  
Do gato,  
Das feras a mais cruel.  
Se elle estivesse

Acordado,  
Se te tivesse  
Sentido,

Meu filho, estavas perdido!  
É por fóra todo mel,  
Manso, tratavel, ameno...  
Por dentro é todo veneno,  
Nasceu para o nosso mal:  
Sempre dos ratos á caça,  
Inimigo figadal,  
Quer acabar-nos com a raça.  
Emquanto o do espalhafato  
É um animal  
Pacato,  
O parlapatão  
Do gallo,  
Incapaz de fazer mal,  
Que talvez  
Inda uma vez  
Nos sirva de bom regalo.

Aproveita esta lição:  
Com mais prudencia repara;  
Nunca julgues pela cara,  
Qual será o coração <sup>(133)</sup>.

## FABULA 105.

## O oiro e o cobre

— «Porque te escondes assim?»

Perguntou o cobre ao oiro:

«Sumido qual um thesoiro,

Não te deves esconder.

Anda cá, liga-te a mim,

Vamos o mundo correr.»

E ligou-se o oiro nobre

Imprudente ao torpe cobre.

Ficou desacreditado,

Alcunhado

De *bisoiro*,

Quer dizer:

Que faz barulho e é loiro,

Porém fraco o seu valor.

Conservando a antiga côr,

Não é oiro é oitropel,

Dos enfeites a ralé;

Pois também o zangão é

Côr da abelha, e incapaz

A cera e o doce mel

De fazer como ella faz.

Bom e pouco é bem melhor

Do que muito sem valor;  
Quem se liga a um ruim  
Cedo ou tarde tem máo fim (136).

## FABULA 106.

## O cão desenganado

Contam que, tendo nascido  
E vivido  
Na casa d'om lavrador,  
Da qual era o guardador,  
Um valente e fiel cão  
Tinha sincera afeição  
Ao dono e mais moradores.  
Se vendido foi ou dado,  
Não estou  
Bem informado;  
Mas o certo é que passou  
Ao poder d'outros senhores.  
A saudade lhe ficou  
D'aquella familia amiga,  
Pois é justo que se diga:  
Ás vezes, os animaes  
Mostram sentimentos taes  
Que de bom exemplo são.  
Mezes se passam; o cão  
Pôde fugir, e voltou

À sua antiga morada,  
Pasmado  
Porém ficou:  
Foi recebido  
À paulada,  
E corrido  
Como se fôra damnado!  
Então lhe gritou  
Um gato  
Lá de cima do telhado:  
— «Tu sempre és um grande pato!  
Tão tolo, que até julgavas  
Que gozavas  
Da estima cá d'esta gente,  
À tua correspondente!  
É só por necessidade,  
E nunca por amizade,  
Que nos criam  
E avaliam,  
Que nos dão  
O triste pão:  
Julgam que tudo nascem  
Só para proveito seu:  
Não tivesse o mundo ratos,  
Quem se importava  
Com os gatos,  
E onde estaria eu?»  
  
Muito não exaggerava  
O gato; que o homem é

Um abysmo  
 De egoismo:  
 E ha quem pense que, até  
 (Mas tanto não direi eu)  
 Chorando d'um amigo a morte,  
 Só lastima a propria sorte  
 Pela perda que soffreu.  
 É comtudo muito certo  
 Que será bem pouco esperto  
     O que for  
     Acreditar  
     Que todos lhe tem  
     Amor,  
     Sem  
     Attender ao valor  
 Que d'elle possam tirar.  
 Raras as occasiões  
     De encontrar  
     Taes corações:  
 Não ha um só entre cem,  
 Embora de homens de bem <sup>(127)</sup>.

## FABULA 107.\*

## A aguia

— «Porque tammanhas alturas  
 Procuras



Ao ninho teu ?»  
A aguia se perguntou;  
Ao que logo respondeu:  
—«Com os meus filhinhos estou  
Alli mais perto do céu;  
Pois os pretendo educar  
A voar  
Mais alto ainda do que eu,  
Se o poderem,  
Não para que degenerem  
Acostumando-se ao chão.»

Os resultados se esperem  
Como for a educação (188).

## FABULA 108.\*

## As alabardas e as albardas

Eu ouvi  
Já não sei onde,  
Que de Coimbra o afamado  
Bispo Conde,  
Sendo alli  
Tambem prelado  
Ou reitor da Academia,  
Certo dia

Precisou  
Para os guardas,  
Ou archeiros, de alabardas;  
E umas vinte encommendon,  
Cousa boa,  
A um foño que lh'as comprasse  
Ou no Porto ou em Lisboa.  
Com vinte guapas albardas  
Não tardou  
Que o homem se apresentasse!  
O Bispo ficou  
Passado!  
Como não quiz  
Ser injusto,  
Nem  
Tambem  
Ser albardado,

Paga ao outro o meio custo  
Da compra, e assim lhe diz  
Com muita serenidade:  
—«Leve-as todas: a metade  
Pagará por tolo ser;  
Eu pago a outra, porque  
Sem tino me fui metter  
Com um parvo como você.»

Quiz o Bispo castigar-se,  
E isso só por fiar-se  
Num tolo sem o conhecer.  
Muitos que vão recorrer

A parvos reconhecidos,  
A velhacos afumados,  
Desatam em alaridos  
Porque soffreram revezes,  
Ou porque foram lesados;  
Isto, quando muitas vezes  
São egualmente culpados (<sup>133</sup>)!

## FABULA 109.

## O rouxinol e o beijaflor

Alvo de invejas, não tendo  
O rouxinol um amigo  
Entre os passaros cantantes,  
Disse: «Vou ver se o consigo  
Entre os que, sendo  
Formosos  
E não podendo  
Cantar,  
Antes  
Que ser invejosos  
Me saibam apreciar.»  
(Se alguém, que merito sinta,  
Ahi houver  
Que disser:  
«Não me apraz ser escutado,  
E louvado,

Em termos;» e que não minta  
Se tal diz,  
Tem  
De certo mais valor  
Do que o rouxinol que o quiz:  
Porém  
E ave tão rara,  
Que nunca lhe vi a cara).  
Foi pois ter com o beijafior,  
Com quem travou  
Amizade.  
Cada qual sua vaidade  
Conservou  
Sem ver  
Pisada,  
Por outra talvez maior,  
E porisso despeitada.  
O beijafior  
Escutava  
Com indizível prazer,  
Sem gana de o criticar,  
Se cantava,  
O rouxinol:  
Nem a este acontecia  
Que o pudesse enfastiar  
O outro, brilhando ao sol  
Coberto de pedraria.  
  
Se muitos são inimigos,  
Por mestres do mesmo officio,

Não pode haver dois amigos,  
 Se um ao outro não soffrer,  
 Sem lhe fazer  
 Commentario,

E embora com sacrificio,  
 Se tanto fôr necessario,  
 Alguma fragilidade,  
 Filha da humana vaidade,  
 Algum pequeno defeito,  
 Poisque ninguem é perfeito.  
 Arrenego d'um amigo  
 Que censure a cada passo  
 O que eu digo  
 Ou o que eu faço (160).

FABULA 110.

A rosa e o monturo

— «Commigo tão desdenhosa!»  
 Dizia o monturo à rosa:  
 «Isso não te fica bem;  
 Somos ainda parentes  
 Por parte de tua mãe  
 Que d'estas entranhas quentes  
 A vida e força tirou,  
 Quasi seu pae fui assim:  
 Depois é que te gerou,

Fiquei quasi teu avô,  
 Apesar de tão ruim.»  
 —«Isso negar não pretendo»  
 Lhe responde a linda rosa:  
 «Nem me mostro desdenhosa  
 Por pobre seres e horrendo;  
 Mas, se és pae de minha mãe,  
 Se te julgas meu equal,  
 Para que cheiras tu mal  
     Em logar  
     De cheirar  
     Bem?»

—«Se o meu cheiro é tão sêdiço»  
 Lhe retorquiu o monturo  
 Em tom insolente e duro;  
 «Se cheiro mal, orgulhosa,  
 E dos perfumes rainha,  
 Não me cabe a culpa d'isso.»  
 —«Muito menos será minha:  
 Eis porque te não aturo,  
 Amigo!» conclue a rosa (141).

FABULA 111.

A raposa e o leão

—«Quem me dêra ser tão forte  
 Qual tu és entre os valentes,

Que pudesse dar a morte  
 Com as minhas garras e dentes  
 À vitella ou ao carneiro  
 Em que me fosse cevar;  
     E não andar  
     À piranga  
 Atraz de gallinha ou franga,  
 Em volta do gallinheiro  
 Curtir fome de rapar:»  
 Disse ao leão a raposa.  
 — «E mais nenhuma outra cousa  
 Em mim vês que desejar?  
 Esta juba majestosa  
     Te havia de ir  
     A matar;  
 Este garbo, esta estatura,  
 Esta fêra catadara  
 Não te podiam servir?»  
 — «Isso não!» disse a matreira,  
 «Pois fora chapada asneira  
 Tal desejar para mim.  
 Ser fraca me desespera,  
 E tuas forças quizera;  
 Porém sem perder assim  
 As apparencias, que tenho,  
 Conformes ao meu engenho;  
 Que as desejo conservar  
 Ou, se pudesse, augmentar  
 Unindo a um forte peito,  
 Capaz de grandes façanhas,

O meu geito  
 (Ou minhas manhas,  
 Como lhe queiram chamar).  
 E longe de desejar  
 Tão grande força e fereza  
 Ostentar,  
 Quizera que a natureza  
 Me disfarçasse inda mais  
 Entre os outros animaes.»

O que a raposa pedia  
 Tanto orça  
 Como seria  
 Casar  
 A força  
 Com a covardia,  
 Que não se podem tragar (142).

## FABULA 112.

## O burro

## XXXLOGXA

I.<sup>a</sup> PARTE

## O leão com o burro

El-rei Leão foi caçar  
 Levando consigo um burro



Para com o valente zurro  
 A caça lhe levantar;  
 Uma raposa, que os viu  
 Com ar de mofa sorriu.  
 — «Julguei mais do teu juizo,  
 Da tua clara razão»  
 Lhe diz á parte o leão;  
     «Pois não vês  
 Que, se vou com este *freguez*,  
 É porque d'elle preciso,  
     E que o não  
     Mandava embora,  
 Mil vezes que burro fóra?»

2.<sup>a</sup> PARTE

## O burro com o leão

Servir de trompa de caça  
 Indo o burro a el-rei Leão,  
 De gaudío em si não cabia  
 E para os da sua raça  
 A vista grossa fazia.  
 — «Olha o grande toleirão!»  
 Disse outro que alli passou,  
 E a quem elle não pagou  
 Uma grande cortezia:  
 «De que é burro já se esquece!  
 Talvez julgue que enobrece,  
 Que 'stá aqui, 'stá barão,

Porque vai na companhia  
Do leão,  
Que o foi chamar  
Só por d'elle precisar!»

## 3.ª PARTE

**Os dois burros**

O burro, que cortejado  
Não fora pelo outro burro,  
Quando este ia com seu zurro  
Servir de trompa ao leão,  
Tendo-o de novo encontrado,  
Mas agora só, gritou:  
— «Vê lá bem se me conheces  
Paspalhão!  
Já que tão breve te esqueces  
De quem sou,  
Dos que são  
Da tua raça,  
Quando vais com el-rei á caça;  
E assim não  
Me conhecias  
Aqui ha bem poucos dias!»  
— «Isso fiz»  
O outro burro lhe diz:  
«Só porquê  
Vi que você  
Foi cortez

D'aquella vez  
 Por me ver  
 Com el-rei andar.  
 Cortejar  
 Se me não quer,  
 Fica d'isso dispensado:  
 Porém, se você quizer  
 Ver-se por mim cortejado,  
 Ha de ser  
 Quando egualmente o fizer,  
 Indo eu só ou acompanhado (143).»

## FABULA 113.\*

## A aguia e o mocho

«Não te chegues para mim,  
 Agoireiro, tanto assim!  
 Cheiras aos ratos que embaças.  
 Põe-te ao largo, não me faças  
 Perder toda a paciencia,  
 Dar-te cabo da sciencia.»  
 Pespegou com altivez  
 A aguia ao velho freguez  
 Do mocho, quando este entrou  
 No Olympo, e se lhe achegou  
 Julgando que tinha nella

Com quem desse á taramella.

Logo o mocho se abespinha :

— «Se você da passarada

Foi rainha,

Isso aqui não vale nada,

Aqui somos nós eguaes :

Senão diga,

Orgulhosa d'uma figa,

Em que presta você mais ? »

— «Eu t'o digo,

Mono feio,

Amigo

Do bem alheio :

Eu voei

E até ao céu

Ceguei

Só com o esforço meu ;

E tu, mocho, se cá 'stás,

Foi porque te trouxe Palas :

Vê agora se te calas,

Ou ainda aqui não fico. »

Assim lhe deu

Sota e ás,

E lhe fez calar o bico.

Nem os méritos se pegam,

Nem todo o matto é ouregam (144).

## FABULA 114.

## A cigarra e a formiga

Alegre levára o v'rão

A cigarra, sem cessar

De cantar

Seu eterno

Cantochão;

Comendo ia e cantando,

Em guardar

Nunca pensando

Um bocadinho de pão.

Até que chegando

O inverno,

Eil-a de fome a chorar

Sem almoço nem jantar;

E lá vai, triste mendiga,

Ter a casa da formiga

A pedir que lhe emprestasse

Com que a vida atamancasse

'Tê o tempo melhorar:

— «Eu pago-lhe, e pago bem»

Diz o faminto animal:

«O juro que me levar

Mais o capital também.»

A formiga não empresta,

E nisso não anda mal:

— «Que fizeste tu no v'rão?»

Lhe pergunta pela fresta.

— «A minha alegre canção

O dia todo cantava,

Mal o comer

Me colava:

Quem sabe se não gostava

A vizinha de me ouvir?»

— «Não tinha eu mais que fazer!...»

Responde a formiga

A rir:

«Minha amiga,

Emquanto eu me não poupava

Trabalhando

Como escrava,

Pensavas tu em cantar,

Em dormir,

Ou em comer

De boa vida gozando:

Pois vai agora dançar,

Não é mau para aquecer.»

Se me pedes que te diga

D'esta fabula a moral:

— Não andou bem a formiga,

Mas a cigarra peior;

Pois não se deve queixar

Do seu mal,

Nem de sorte desgraçada,

Nem dos outros, com rancor  
 Quem assim  
 Vida levar  
 Regalada,  
 E tiver  
 O mesmo fim.  
 Quem ruim  
 Cama fizer  
 Nella terá de gemer <sup>(145)</sup>.

## FABULA 115.\*

**O cordeiro protegido**

Tinha ficado  
 Cançado  
 No caminho  
 Um cordeirinho;  
 Também ficar  
 Um rafeiro  
 Ao pé d'elle se deixou,  
 Para o poder  
 Proteger  
 E ao curral acompanhar.  
 Outro cão atraz voltou  
 Que ao primeiro  
 Quiz tirar

O protegido,  
Levado  
De sentido  
Interesseiro,  
Para assim vir  
A cair  
No agrado  
Do seu pastor.  
Não quer  
O outro ceder,  
Deseja o mesmo proveito;  
E, a meu ver,  
Tinba até melhor  
Direito.

Um ao outro se lançou,  
E com tal força puxou  
Pelo triste do cordeiro,  
Que delle ficou  
Meeiro!

Isto mentira parece,  
Mas vezes mil acontece:  
Quanto mal se está fazendo,  
Quanto bem se está perdendo,  
E tudo pelo interesse,  
Quando ha mais d'um pretendente!  
E quem paga?... O innocente <sup>(142)</sup>!



## FABULA 116.\*

## Os dois ratos

Dois genios não ha eguaes  
Entre os homens; não se apontam  
Nem entre os irracionaes.

Dois ratos, segundo contam,  
Dois irmãos, tinham vivido  
Juntos até certa idade;  
Depois havia ficado  
Um morando na cidade,  
O outro o campo escolhido  
Para estar mais socegado.  
Passados porém uns annos,  
Visitaram-se os dois manos.  
Primeiro foi o burguez  
Que a sua visita fez.  
Muito alegre o recebeu  
O outro na sua toca:  
    Não lhe deu  
    Café de moka,  
Depois de fino jantar,  
Com sopa de ravioes  
E bicos de rouxioes,  
Que pouco podia dar:

Demais, não fora avisado,  
Estava desprevenido,  
O mano tinha appar'eido  
Sem que fosse convidado.  
Azeitonas, avelãs,  
Meio-podres meio-sãs,  
Foi o que pôde off'recer  
O pobre, por mais não ter.  
Depois de curto passeio  
Disse o cidadão: — «Ó mano!  
Ês feliz, assim o creio;  
Mas esta amosira do panno  
Pouco tenta na verdade.  
Eu, vivendo na cidade,  
Só me falta companhia:  
Sou, como sabes, solteiro,  
E quanto desejaria  
Que fosses meu companheiro!  
Que vida não levarias  
Vivendo das hucharias,  
Como eu vivo ha tanto anno,  
E como espero morrer!»  
Responde o outro: — «Não, mano!  
Lá isso não pôde ser.  
Tambem eu muito gostava,  
Deixando esta vida brava,  
De junto de ti viver;  
Mas os taes malditos gatos,  
As malditas cozinheiras  
Com venenos, ratoeiras,

Me dão ao miolo tratos,  
E me conservam nos matos  
Onde esses p'rigos não ha.»  
— «Se toda a duvida está  
Só nisso, vence o meu plano:  
Obra temos, pois engano  
Grande é teu o imaginares  
Esses terriveis azares,  
Essa grande ladainha  
De p'rigos assustadores,  
Historias da carochinha!  
Os taes gatos caçadores,  
A que chamam bons rateiros,  
Vivem só em pardieiros,  
Ou nas casas da pobreza  
Onde nunca é farta a mesa.  
Um gato que se respeita,  
Que vive em casa de gente,  
Nunca deita  
Unha ou dente  
A nenhum rato *grande*;  
Vai fingindo que os não vê  
Quando lhe passam ao-pé,  
Ou vê-os... por um canudo.  
Só algum pobre ratinho,  
Bem mesquinho,  
Lhes serve de brincadeira.  
Quanto à moça cozinheira,  
Onde não ha cozinheiro  
Ella mais o despenseiro

Bem lhes importam os ratos,  
 Quando são qual eu pacatos;  
 Tem mais com que se entreter.  
 Emfim sou exemplo vivo,

E motivo

Nenhum tens de duvidar.\*  
 Deixou-se o outro vencer  
 E prometeu de ir ceiar  
 (Para se desenganar)  
 Com o mano em noute aprasada.  
 Chegou á hora marcada,  
 Provando por uma vez  
 Não ser rato portuguez.  
 Recebido na despensa,  
 Pasmado quasi que pensa  
 Ser alli o céu dos ratos!  
 Oh que cheiro! Que perfume!

Que cardume

De pratos

De cousas boas!

— «Aqui terás em que roas»  
 Lhe diz o outro, «á vontade;  
 Aqui a dificuldade  
 Está só no escolher.  
 Anda, vem commigo ver,  
 Pois quero mostrar-te tudo.»  
 Vai na frente, satisfeito  
 De ostentar tanta riqueza;  
 Segue-o mudo,  
 Com respeito

Da grandeza

Nunca vista,

Seu irmão, ouvindo a lista  
De nomes mal cozinhados,  
Em francez de cozinheiros,  
Com os quaes se viam christmados  
Pratos, embora caseiros,  
Alem d'um *menu* selecto  
De moi finas igoarias,  
Sem fallar nas mercearias  
De que tudo estava cheio  
Desde o chão até ao tecto.

Mas no meio

Do passeio

Eis que se sente ruido:  
O camponio espavorido,

A correr,

Não sabe onde se metter,  
Onde possa achar abrigo.

—«Não ha p'rigo»

Diz o mano: «não é nada,  
Conheço os pés da creada,  
Ella nunca vem aqui.»

—«Seja creada ou quem for,»

Lhe responde o outro a custo,

Num tremor:

«Não ganhei

Para tal susto,

Nem sei

Como não morri!

Safo-me já sem demora ;  
 Se me vejo d'aqui  
 Fóra,  
 Na minha  
 Toca mesquinha,  
 Onde a pobreza me espera,  
 Prometto pezar-me a cera.  
 Á custa do meu socego  
 De taes grandezas renego.  
 Dito e feito: foi-se embora  
 E não voltou 'té agora <sup>(147)</sup>.

## FABULA 117.

## O estatuário

D'algo marmore comprou  
 Um magnifico pedaço  
 Estatuário famoso ;  
 Depois ficou  
 Duvidoso  
 A scismar  
 Em que o havia de empregar.  
 — «D'aqui faço  
 Causa digna de se ver  
 Que ha de ser...?  
 Um mausoleo?»

Um heroe... Cesar? Pompeo?...

Seja um Deus!

Athens!

Haveis de tremer.»

Se disse bem, melhor fez.

O 'statuario d'esta vez

Tanto e tanto se esmerou

Que, assombrado,

Depois do Deus acabado,

Elle proprio o adorou!

Quantos no mundo estarão

Adorando

Entes, que a imaginação

Sem cessar lhes vá creando (148)?

#### FABULA 118.

### O santo e o frade

Uma vez um frade e um santo

(E não quer

Isto dizer

Que santo não fosse o frade,

Porém como afirmar tanto,

Sem certeza de verdade?)

Iam a Roma aportando.

O segundo em romaria;  
 O primeiro não cabia  
 Na pelle e impando  
 la,

Por ter sido nomeado  
 Abbade, e demais mitrado,  
 De muito rica abbadia.

O santo lembrou-se então  
 De lhe dar  
 Uma lição,

Pois é tambem caridade.  
 — «Vai vossa paternidade  
 Entrar

Na eterna cidade,  
 E entra com o pé direito;  
 'Stá aqui e está eleito  
 Da sua ordem Geral,  
 Por influencia papal;  
 Visto Sua Santidade  
 Ser grande apreciador  
 Dos que mostram ter valor.»

— «Isso é só de quem  
 O tem...»

Diz o frade, e os olhos baixa,  
 (Modestia mal affectada)  
 Puxa depois pela caixa  
 E sorve grande pitada.

— «Fica-lhe bem»

Diz o santo,  
 «Mostrar-se assim tão modesto;



Mas onde estará  
O espanto?  
Melhor virá  
Inda o resto,  
Pois que ha de ser cardeal.»  
—«Senhor! não me diga tal!»  
Lhe volve o frade e côrou,  
Vendo que lhe adivinhou  
O que na mente elle tinha.  
—«Da massa d'essa farinha  
Se devem sempre fazer»  
Responde o santo, «e os tem feito.»  
—«Será o que Deus quizer!»  
O frade diz, e ao peito  
Cruzadas as mãos levou:  
«Sei que um servo indigno sou,  
Sô me cabe obedecer.»  
E outra pitada tomou.  
—«Amigo, sem ser propheta,  
Bem me parece que 'stou  
Da carreira a ver-lhe a meta:  
Não será eterno o Papa,  
Que Deus queira conservar...»  
—«Senhor! que vai futurar!»  
Atalha o frade, que tapa  
O rosto com as gordas mãos.  
—«Ambos uôs somos christãos,  
Meu padre, e, louvado Deus,  
Bons catholicos; os seus  
Terrorés são naturaes:

Mas o dever  
Póde mais;  
E se o conclave inspirado  
O elevasse ao Papado,  
Que havia de lhe fazer?  
—«Ai de mim! obedecer.»  
Diz o frade, suspirando  
E outra pitada tomando.  
—«Depois...» continua o santo  
—«Inda mais!» brada com espanto  
O frade: «Não pode ser!»  
—«Póde, póde... ha de morrer  
Após um sonho tão lindo»  
Conclue o outro sorrindo,  
«Como se fosse um... donato,  
Salvo só o espalhafato  
Que se der  
No seu enterro.»  
O frade não disse nada;  
Ficou perro  
Com a *pitada*:  
Que havia de elle dizer (44)?

## FABULA 119.

## A hera e o tumilho

Num carvalho entrelaçada  
Ao tumilho disse a hera:  
— «Creatura desgraçada!  
Coitadinha,  
És de muito baixa esphera.  
Bem mesquinha  
Te foi mãe a natureza.  
Não tens força nem destreza;  
D'esse chão  
Nunca te has de levantar  
Como eu sei,  
Que me lignei  
Ao carvalho secular.»  
— «Lá isso de certo não:»  
Lhe respondeu o tumilho,  
«Como tu, nem que o podera,  
Eu tal quizera,  
Maldita!  
Miseravel parasita  
Que só serve de empecilho  
Que vivendo á custa alheia,  
Alardeia  
Do seu immenso valor

Matas o teu bemfeitor,  
 Sugando-lhe a força e a vida  
 E, quando elle desabar,  
 Tambem tu has de ficar  
 Por este chão extendida;  
 Mas serás aos pés calcada,  
 Despresivel, despresada,  
     Porque és má,  
 Porque prestimo não tens,  
 E do alheio te mantens.»

Quantos parasitas ha  
     Impostores,  
 Que vivendo á custa alheia  
 Se julgam mui sup'riores,  
     Com desdem,  
 A qualquer homem de bem,  
 Que honradamente grangeia  
 A vida com os seus suores (150) ?

## FABULA 130.ª

## O ganso

Nasceu mais alvo que a neve  
 Um ganso, e por isso teve  
 Comichões de cysne ser.

Com os cysnes se foi metter  
 A nadar,  
 Dando tractos ao pescoço,  
 Curto e grosso,  
 Para o d'elles imitar.  
 Deu-lhe tal volta o miolo  
 Que enfim  
 Cysne se julgou;  
 Mas assim  
 Só alcançou,  
 Com seus esforços baldados,  
 Ser um ganso muito tolo.

Quantos gansos não tens visto  
 Por cysnes apregoados,  
 Que nunca passaram d'isto <sup>(154)</sup>?

FABULA 121.\*

Os tempos e os costumes

Das aves os veteranos,  
 Os corvos, duram com annos:  
 Assim dizem, que eu não sei,  
 Ainda nenhum comprei  
 Para ver se isto é verdade.

Um corvo, que á tal idade

Já quasi chegado  
Tinha,  
E que muito se entretinha  
Contando  
A um seu neto e afilhado,  
Como ia  
Tudo mudando  
Disse-lhe um dia:—«Affirmado  
Me foi pelo meu avô,  
Mais velho do que hoje sou,  
Que em pequeno ouviu dizer  
Muita vez ao tris-avô,  
O qual o dizia  
Ter  
De continua tradição,  
Passando de mão em mão,  
Que em muito remotas eras  
Neste mundo não  
Havia  
Nem inda as menos certeiras  
D'essas armas caçadeiras,  
Com as quaes perseguem as feras,  
Com que tambem nos atiram.»  
—«Oh! que tempo que elles viram,  
Nossos felizes avós!  
Assim os vissemos nós!  
Aquillo è que era viver  
Até de velho morrer.»  
Exclama immediatamente  
O neto de *D. Vicente*.

Este, dando-lhe um carolo,  
 Lhe disse:—«Não sejas tolo:  
 Em vez d'armas caçadeiras,  
 Balas, quartos, escumilhas,  
 Sobravam settas ligeiras,  
 Arcos e mil armadilhas;  
 Em vez d'uma, havia cem,  
 Que matavam muito bem.»

Entre o passado e o presente  
 Não é *tammanha* a differença,  
 Como o pensa  
 Muita gente (189).

## FABULA 122.

## A serpente e a criança

Brincando com uma serpente  
 Que mais não tinha veneno  
 Um rapaz, inda pequeno,  
 Tomando o serio lhe diz:  
 —«Vocês são ingrata gente!  
 Lembre-te aquella que quiz  
 No seu bemfeitor morder  
 E mordeu....  
 Tanto, que o homem morreu,  
 Por ser bom, mas imprudente.

Não m'o podes tu fazer,  
 Pois que os dentes te arrancaram  
 Porém para igual maldade  
 Talvez te sobre vontade.»

—«É um falso testemunho  
 Esse que nos levantaram.»  
 Lhe respondeu a serpente:  
 «Uma fabula que mente  
 E tem da mentira o cunho.  
 Pois tu, que não és pateta,  
 Podes engulir a peta

De que *innocente*  
 Aldeão

Fosse levantar do chão  
 Uma serpente,  
 E leval-a

No seio, para a aquecer  
 E de frio não morrer?!  
 Não seria mais verdade

O querer  
 Elle esfolai-a

Em casa, muito á vontade,  
 E a pelle então lhe vender,

Visto ser

Bella por mui bem pintada?  
 Pois foi tal e qual assim:

Essa acção  
 Elogiada  
 Era a d'um vilão  
 Ruim,



Que para lucros obter  
 Não se lhe dá de enganar  
 Os outros e os esfolar.  
 E, quando o pago levou,  
 Procurou  
 Calumniar

Aquella que o foi morder  
 Só para se defender.

Ha muito ruim villão  
 Da 'schola do aldeão (133).

FABULA 123.\*

A divisão do trabalho

Viviam em companhia  
 Na casa d'uns bons burguezes  
 Em menos má harmonia  
 Dois *freguezes* :  
 Um bichano e um macaco ;  
 Este muito mais velhaco,  
 Intrujão e trapaceiro  
 Do que o era o companheiro.  
 Para si só desejava  
 Uma vida sybaritica,  
 E quasi que o alcançava  
 A força de manha e geito.

Da economia politica  
 Ao tão famoso preceito  
 —Do trabalho a divisão,—  
 (A seu sabor o entendendo,)  
 Dava esta interpretação:  
*Puxa tu, que eu vou gemendo.*  
 (Muitos no mundo assim são:  
 Para si, o bem supremo,  
 E para os demais, um demo.)  
     No contracto,  
 Que uma noite fez com o gato,  
 Quix pôr em pratica as manhas.  
 'Stavam ambos ao borralho,  
     Onde havia  
     Bellas castanhas  
     A assar.  
 Para ver se as comeria  
 Sem os dedinhos queimar,  
 «A divisão do trabalho»  
 Disse ao outro, «amigo gato,  
 Como sabes bellamente,  
 Suaves torna de facto  
 As veredas d'esta vida;  
 É verdade mathematica,  
     Tão assente  
 Que ninguem d'ella duvida.  
 Pois nós vamos pôl-a em pratica  
 Comendo aquellas castanhas.  
 Tu com essas unhas tammanhas  
 Que a natureza te deu

As vais das cinzas tirar  
Com geitinho, de vagar,  
E bem pouco te incommodas;

E então eu  
Com estas minhas mãosinhas  
As ponho logo limpinhas  
Tirando as cascas a todas.»

Pelo gato  
Acceite foi o contracto.  
Começam logo na lida.  
Porém o mono, á medida  
Que o gato alguma tirava,  
Apenas ella esfriava,

Com mestria  
A descascava  
E, em seguida,  
A comia:

Atè que tendo voltado  
A cabeça por acaso,  
O gato percebeu tudo;  
E, vendo-se assim logrado,  
Mais não quiz continuar.  
—«Amigo! dar-se-ha o caso,  
Muito e muito de estranhar,  
Que sejas tão botucudo»  
Disse o mono: «que renegues  
Os principios da sciencia...?»  
Julguei-te menos novato.»  
—«Tratante!» responde o gato:  
«Não é ella que tu segues,

Mas tuas manhas malditas  
 E a toa conveniencia,  
 Por isso a désacreditas.»

Quantos buscam encobrir,  
 Para conseguir  
 Seus fins,  
 Com o manto  
 De sabio ou santo

As suas tenções ruins?  
 Hypocritas, doutrinaris,  
 Cobertos de relicarios,  
 Ou com a capa da prudencia:  
 Uns só fallando no céo,  
 Outros no publico bem,  
 Todos tem  
 O mesmo véo:  
 Malvados sem consciencia,  
 Com a sabença, com o tregeito,  
 Explorando em seu proveito  
 O mundo, que é todo seu <sup>(154)</sup>.

FABULA 124.<sup>a</sup>

### Hercules e Juno

Quando Hercules deu entrada  
 Na côrte dos Immortaes,

Tratou  
 Assim por demais  
 Juno, que escandalizada  
 Lhe bradou:  
 «Se você aqui entrou  
 Grande ingrato, a mim o deve.  
 Por minha causa é que teve  
 Occasiões de brilhar,  
 De mostrar  
 Quanto valia:  
 Agradecer-m'o devia,  
 Em vez de assim me tratar!»  
 Hercules não respondeu,  
 (A tolas não se responde)  
 Fez o que lhe corresponde  
 Em tal caso,  
 Pois que os hombros encolheu;  
 E disse baixo a Morfeu,  
 Que estava meio-acordado  
 (Mau grado seu)  
 Por acaso:  
 —«Que lhe parece o recado?  
 Tentou dar cabo de mim,  
 Não o tendo conseguido  
 E vendo-me agora assim  
 No Olympo bem repimpado,  
 Quer lhe seja agradecido!»

De Juno ha muitos da raça;  
 Se podem a vão

Pregando,  
E, se não  
Pegou  
Foi graça;  
Porém sempre apregoando  
O seu nobre coração,  
Que só mão pago levou,  
De quem d'elles.... escapou (155).

## FABULA 125.

## O espadim e o espeto

A folha d'um espadim  
De Toledo, verdadeira  
E do mais subido preço,  
Foi por fim  
Parar, após muitos tombos,  
Às mãos d'uma cozinheira,  
A qual não lhe dando apreço  
A metten abjecto  
Espeto  
A assar frangos e lombos  
Na lareira  
Da cozinha.  
Certo espadeiro querendo  
Um espadim completar,  
Ao qual a folha faltava

Para completo ficar,  
 Sendo  
 Os copos e a bainha  
 Ao que somente se olhava  
 E não ao ferro ou ao cõrte  
 Quando era espadim do cõrte,  
 As salas só destinado,  
 D'um espeto lançou mão,  
 E o vendeu bem enfeitado  
 A um illustre figurão.

Quantas folhas nobres, bellas,  
 Estarão  
 Entre as paneillas?  
 Quantos espetos ornados  
 Andam nos paços dourados (156)?

## FABULA 126.ª

## O fundador e o conquistador

Dois rapasitos briaçavam,  
 (Eram horas de recreio.)  
 Numa sala onde no meio  
 Junto a uma mesa estavam  
 Sentados o pae e a mãe  
 E tambem

O mais velho dos rapazes.  
 Este de antigos baralhos  
 Edificava um castello,  
 Fragil sim, mas alto e bello  
 (Quaes os faço e tu os fazes  
 Fugindo a serios trabalhos).  
 Montado numa bengala,

Picadeiro

Fazia o outro da sala.

Eis que o primeiro

Acabou

O edificio e bradou

Orgulhoso :— « Edifiquei

Aqui um nobre solar,

Digno d'um grande ou d'um rei! »

— « Teu castello conquistei! »

Diz-lhe o irmão,

Que a mesa foi empurrar

E deitar

Todo o trabalho no chão.

O mais velho não gostou;

O pequeno larga a rir,

E a mamã de se sorrir

Tanta gracinha lhe achou.

— « Mal sabem » O pae lhes diz,

Que assim quiz

Dar a um e a outro irmão

Uma salutar lição :

« Mal sabem quanto imitou

Cada qual bem o modelo



Que tomou,  
 De grande conquistador  
 Ou de sabio fundador:  
 Tu fazendo esse castello,  
 Tão fragil e miseravel,  
 Cheio de orgulho julgavas  
 Que nos davas  
 Cousa bella e perduravel;  
 Tu avesso a trabalhar,  
 Mas invejoso do irmão,  
 Foste deitar  
 Pelo chão  
 O seu castello no ar <sup>(137)</sup>.

## FABULA 127.ª

## A serra

Pouco depois da invenção  
 Do podão,  
 Tanta bocca um homem fez  
 No que elle tinha alcançado,  
 Que o julgou,  
 Por uma vez  
 De todo inutilisado  
 E assim o abandonou.  
 Outro homem o encontrou,  
 O qual tendo em vão tentado

Com elle talhar, notou  
 Que, esfregando  
 Na madeira,  
 Cortava d'outra maneira,  
 E talvez que ainda melhor.  
 Eil-o as bocças augmentando,  
 Igualando,  
 Até que enfim  
 Da serra foi inventor!  
 Uma das mais preciosas  
 D'entre as cousas  
 Inventadas!

E quantas assim  
 Achadas  
 (Ou que ainda o hão de ser  
 No porvir)  
 Por quem busca discernir  
 As causas dentre os effeitos,  
 Onde nada sabem ver  
 Os outros senão defeitos.  
 E quantas vezes tambem  
 Do que nos parece um mal,  
 A final  
 Nos provem  
 Inda algum bem;  
 Que o mau, quando aproveitado,  
 Rende mais do que o melhor,  
 Que não for  
 Bem governado (188).

## FABULA 128.ª

## O cão culpado

Com a fatal corda ao pescoço  
Ia um cão  
Ser enforcado.  
Todos são  
De carne e osso;  
Todos somos peccadores:  
Porém era o seu peccado  
Certamente dos maiores:  
—Sendo cão dum lavrador,  
Em vez  
De guardar o gado  
Tinha matado  
Uma rez,  
E atacado  
O seu pastor!—  
Contrito e arrependido  
Pede, e é-lhe concedido,  
A turba-molta fallar;  
Não para se desculpar  
(Elle muito bem sabia  
Que o seu castigo mer'cia);  
Porém para que servisse  
De lição o caso seu,  
E, como este aconteceu,  
Soluçando assim o disse:

— «Tinba o lobo  
Feito o roubo  
D'um cordeiro:  
Pelo cheiro  
O fui seguindo  
E achei-o,  
Que, fugindo,

A preza deixou em meio.  
'Stava sò, ninguem me via;  
Tentou-me a carne macia  
E nella me fui cevando.  
Vem a ovelha, procurando  
O cordeiro, tive medo  
Que o segredo  
Ella fosse divulgar;  
Talvez, quem sabe, accusar  
De lhe ter morto o seu filho!  
Entrei do crime no trilho:  
Matei-a, por me salvar:  
Eis nessa  
Scena  
De horror  
Que apparece o meu pastor!  
Desvairado  
Como eu estava.  
Certo de que me matava,  
De todo perco a cabeça,  
Lancei-me a elle; o cajado  
Sobre mim descarregou...  
Não me quiz alli matar

Para assim um exemplo dar.»

Nada mais contou

O cão

Tambem pouco mais direi,

Só apenas que tirei

D'este caso uma lição

Muito diferente, leitor,

Do que talvez a tiraste,

E porventura maior:

Notaste

Quão facilmente

De leve culpa escorrega

Culpado, quasi innocente,

Que até chega.

Criminoso mais e mais,

A crimes taes

Commetter!

Eu, porém, não julgo errar

Quando te fizer

Notar

A grande, immensa

Differença

Que se dá

Entre o libelo

Singelo

Dos crimes d'aquelle cão,

E os crimes, quaes elles são.

A verdade onde estará?

Que o réo é grande culpado,

Que tudo lhe foi provado,  
Ninguém o pôde negar,  
Elle proprio o confessou:  
Resta só *avaliar*  
Como o caso se passou,  
Por isso as nações modernas,  
Seguindo as regras eternas  
Da Justiça e da razão,  
Te chamaram, cidadão,  
Para tudo avaliares,  
E para assim abrandares  
Da lei os duros rigores.  
Quando o fôres,  
Não te esqueça  
Pesar bem as intenções  
Dos réos ante ti trazidos:  
Nem sempre serão ladrões  
(Ao menos endurecidos)  
Aquelles que a lei processa  
Por lançarem mão do albeio;  
Nem sempre será tão feio  
O crime como é pintado,  
Provado  
Porem se fôr  
Que o réo  
De facto é malvado,  
Não podés fazer favor,  
Perdoando,  
Dando  
Do que não é teu (139).

## FABULA 129.\*

## A mutua apresentação

— «A noivado  
E a baptizado»  
Diz um antigo rifão:  
«Não  
Vás sem ser convidado.»  
Despresando tal dictado  
Certo intrujão  
Sem real  
Com outra firma que tal  
Assocou-se uma vez  
Para de conserva irem  
A casa d'um bom burguez  
E lá bem se divertirem,  
Nam sarão  
Que lhes não cheirava a mau.  
Nem um nem outro intrujão  
Conhecia o amphitrião:  
Entram, vai logo direito  
Ter um d'elles com o sujeito  
Que lhe indicou um creado,  
E diz-lhe mui descarado:  
— «Que eu tenha a honra permita  
De apresentar-lhe meu mano

O conselheiro  
Fulano.»

—«Agora que tenho a dita  
De ser conhecido seu,»  
Ao burguez o companheiro  
Diz:—«espero me conceda  
Que tambem assim proceda  
E gostoso lhe apresente  
Um mano meu,  
Eminente  
Jornalista  
E estadista.»

O burguez, que *via pouco*,  
Não percebeu  
O descoco,  
E deu-se por satisfeito.

Isto mesmo se tem feito,  
Isto a cada passo vês,  
Não  
Com sarões de burguez,  
Com a vulgar opinião.  
Existe uma associação,  
Cujos membros apresentam  
Uns aos outros, sem pudor  
Dos parvos á admiração  
E della assim se alimentam.  
Este é grande historiador,  
Aquelle illustre estadista,  
Não



Falta o insigne pintor,  
 Nem o talentoso artista,  
 O exímio professor...

É um pasmo!

Uns contra os outros se coçam,  
 Quaes os dois mulos de Erasmo;  
 E as lettras, que assim endossam  
 Na praça tem o valor  
 D'ouro bom, ou inda maior <sup>(160)</sup>!

FABULA 130.<sup>a</sup>

O pavão e o corvo

Qual mais voava dos dois  
 Para se ver, apostaram  
 O negro corvo e o pavão;  
 E, depois  
 Que a exp'riencia tentaram,  
 Mostrou  
 Que tinha razão  
 O corvo, pois  
 Mais voou.  
 — «Agoureiro!» lhe gritou  
 O pavão:  
 «Ave nojenta!  
 E tanto, que se alimenta  
 De corpos que podres 'stão!»

— «A questão»  
 Interrompendo-o lhe diz  
 A aguia, que era juiz:  
 «É saber quem mais voou:  
 Foi o corvo que ganhou.»

Muito mau que seja eu,  
 Não me tirem o que é meu (164).

## FABULA 131.

## O deputado em herva

Um rapasito engraçado,  
 E filho d'um deputado  
 Orador  
 Muito afamado,  
 Um dia depois do almoço  
 Disse: — «Eu posso  
 Também ser  
 Dos povos o defensor,  
 Tal qual é o meu papá.  
 — «Querem ver?»  
 «Pois vamos lá»  
 Brada encantada a maman.  
 Não foi a promessa vã:  
 Numa cadeira trepado,

Que em tribuna logo arvora,  
Eis o novo deputado  
Que diz:

— «Senhor presidente!

Hei-de salvar o paiz.

O povo de fome chora,

Quer ser vestido e calçado.

Anda por 'hi indecente,

Roto, com os dedos de fóra.

Tudo por não ter dinheiro;

Seus meninos, coitaditos,

Não podem comprar *bonitos!*

É por isso que requeiro,

Com licença do papá.

Que uma boa lei se faça

Aqui já,

Para que se dê de graça

A casa, o fato e o comer

A qualquer

Que o precisar;

Para nunca se mandar

Que jante fóra da mesa

Ou fique sem sobremesa

Quem não souber a lição;

Para que os meninos vão,

Pelos bazares buscar

Cada qual o que quizer

Dos *bonitos* que allí ha;

Ficando eu autorizado

A ir primeiro ao *Chiado*,

Com a mamã ou o papá,  
E para casa trazer  
O que mais me appetecer.  
Isto feito muito bem,

    Será feliz

    O paiz,

E os seus meninos tambem.»

Disse, e foi logo a correr  
À mamã que o abraçou  
Com muito e muito beijinho,  
Pelo seu discarso bello:  
O papá deu um risinho  
    Amarello,  
Pois da graça não gostou.

Quem filho de peixe for  
Será um bom nadador.  
Para si vai procurando  
Muito bom procarador  
Negocios d'outrem tratando (102).

FABULA 132.<sup>a</sup>

A andorinha e os passarinhos

Muito apprende viajando  
Quem viaja, e não é tolo;

Pois, tendo fraco o miolo,  
Dinheiro e tempo esbanjando,  
Burro vai e burro vem,  
Qual o outro a Santarem;  
Ou pôde vir peiorado  
Mui ancho e empertigado  
Com fumaças de... cavallo.  
Mas d'esses aqui não fallo;  
Sim de uma certa andorinha  
Que muito apprendido tinha  
No seu longo viajar.

Ora um dia

Em que via

Andarem a semear  
Num campo muita linhaça  
— «Olhem a sua desgraça»  
Disse ella á passarinhada  
«Para mim aquillo é nada  
Para vocês, porém, é  
Ou a morte ou a *galé*.  
Do linho que vai nascer  
Vejo nascerem cordeis  
De que em breve hão de fazer  
Laços e redes fataes;  
Muitas machinas crueis  
Em que apanham os pardaes,  
E a vocês hão de apanhar.

Por isso sem

Mais tardar,

É comer toda a linhaça,

Com cautela  
Nem  
Rastos deixando  
D'ella,  
E bom proveito lhes faça.»  
Cantarolando  
E comendo  
Comida muito melhor,  
Ouvidos de mercador  
A isto os passaros dão;  
Não  
Temendo  
P'riço, que por longe estar,  
Segundo a sua razão,  
Era pouco de assustar.  
Cresce o linho e a andorinha  
Recomeça a ladainha:  
—«Meus conselhos despresaram  
E deixaram  
Aquella peste crescer?  
Agora resta morrer  
Ou todo o linho arrancar.»  
—«Não deixarás de prègar  
Teus agoiros infelizes,  
Bruxa velha e impertinente!»  
Lhe respondem d'esta vez:  
«Onde è que nós temos gente,  
Onde a vés,  
Para fazer o que dizes?»  
E não pensaram em tal.

Maduro o linho a final,  
 — «Fujam!» lhes diz a andorinha:  
 «Tratem de se pôr a andar  
 Sem tardar:

Ou terão sorte mesquinha.»  
 Eis que a passarada toda  
 Se amontoa d'ella em roda  
 E lhe faz vil assuada  
 Surriada:

Era um temporal desfeito  
 Que par'cia,  
 Em decencia  
 E ingrezia.

(Salvo o devido respeito)  
 Sessão d'algum parlamento;  
 E os conselhos da prudencia  
 Levou-os consigo o vento.  
 Tarde, coitados! piando  
 Muitos com a vida pagaram  
 Aquella sua demencia;  
 Outros, tristes se finaram  
 Acabando  
 De gaiola, em penitencia.

Assim pelo mundo vai  
 Caminhando  
 A leviandade,  
 Até que no abysmo cai:  
 Fecha os olhos á verdade,  
 Foge de se incommodar

Em quanto pode vencer  
Alguma difficuldade:  
Esta cresce de vagar,  
Mas tammanha chega a ser  
Que só resta emfim chorar,  
Ou na desgraça morrer.

Escutae-me mães e paes:  
Quando os filhos que educaes  
Não forem por bons caminhos,  
Lembrae-vos dos passarinhos  
E da sorte que tiveram.  
Se não sois obedecidos,  
Seguindo as idéas velhas,  
(Algumas sensatas eram,  
Em termos; só o abuso  
Foi que lhes matou o uso)  
Não lhes falleis aos ouvidos,  
Puxae-lhes bem as orelhas (163).

## FABULA 133.

**O cego e o paralytico**

Quando  
Andavam legalmente  
Muitos pobres mendigando



(Hoje é isso contrabando)  
Coisa feia  
Certamente;  
Da qual, porém, o remedio  
— Um asylo ou a cadeia —  
Não me agrada  
Mesmo nada;  
Sentindo não ter havido  
Quem achasse um termo medio,  
Pelo qual o desvalido  
Não fosse, como culpado,  
Da liberdade privado.  
Nesse tempo, um pobre cego  
Ao seu bordão encostado  
Ia com todo o socego  
Por onde estava deitado  
Paralytico a pedir;  
No doente tropeçou  
E foi-lhe em cima cabir.  
— «Não vê que eu aqui estou!»  
Lhe grita o pobre tolhido,  
Que contra o cego se agasta  
Não sabendo que elle o é.  
— «E você,  
Que 'stá ahí extendido  
A grunhir,  
Porque  
De mim não se afasta?»  
Responde o cego: «não vê  
Que de todo cego estou?»

Como havia de o enxergar ?  
 — «Deixam-me aqui a pedir  
 Até me virem buscar»  
 O outro lhe replicou:  
 «Que não me posso mexer.»  
 — «Irmão!» O cego lhe diz:  
 «Já que a natureza quiz  
 Que você não possa andar  
     Nem eu ver,  
 Não deixando de lhe dar  
     Vista boa,  
 E a mim pernas sans e fortes,  
 Unamos as nossas sortes:  
 Eu, por toda essa Lisboa  
     Vou carregar  
     Com você;  
     Por si ando, por mim  
     Vê;  
 E vivamos sempre unidos,  
 Dos ganhos bem repartidos.»  
     Dito e feito  
 De ambos com grande proveito.

Cego  
 Perspicaz assim  
 Sabia  
 Ver  
 A valer;  
 Claramente  
 Percobia

O que ha tanto anno en prêgo,  
 Toda a vida prégarei:  
 Não á força, ou de repente  
 Se hade  
 Revogar  
 A lei,  
 Impossivel de negar,  
 Da humana desigualdade.  
 Enquanto tal não se der,  
 Uns só capazes de ver,  
 Outros só de caminhar,  
 Em vez de se combater  
 Cruamente,  
 Tratem de se associar  
 De bom grado e irmãmente ;  
 Todos nisso hão de ganhar  
 Em vez de muito perder (164).

## FABULA 134.

## Os cães valentes

Cercado  
 De canzoada  
 Que pasmada  
 O attendia,  
 'Stava um cão d'agua sentado.

Tinha elle viajado  
 As cinco partes do mundo,  
 E sabia  
 O que dizia,  
 Pois tudo estudara a fundo.  
 —«Amigos!» lhes brada então:  
 «Em que me custe dizel-o,  
 Pois tambem me chega ao pello,  
 Forçoso é confessal-o:  
 Degenerados estão  
 Os cães  
 Da nossa nação,  
 E os de muitas terras mais.  
 Porém na India o regalo  
 Tive de os ver sem eguaes  
 E dar-lhes os parabens.  
 Que valentes animaes!  
 Accometter até vão  
 O leão  
 Nos mattagaes!»  
 —«E logram elles vencel-o?»  
 Pergunta, a um canto mettido,  
 Rafeiro  
 Velho e prudente,  
 Que um verdadeiro  
 Valente  
 No seu tempo havia sido.  
 —«Tanto não posso dizel-o:»  
 Lhe responde o orador;  
 «Porém ha de conceder

Que já é  
 Mostrar valor  
 Combater  
 Tê  
 Com o rei dos animaes!  
 — «Eu só acho ser  
 Demais,

Quando o não possam vencer,  
 Lhe torna o velho censor:  
 «Valentia sem prudencia  
 Tem seus visos de demencia.  
 Trata, pois, só de contar  
 Quanto se deva imitar,  
 Nobre sim mas de razão.  
 Essas loucas ousadias

Não

Passam de poesias,  
 Deixam a gente pasmada  
 Mas de si não valem nada.»

Incriveis heroicidades,  
 Lendas d'antigas edades,  
 Podem, se tanto, servir  
 A creanças divertir.  
 Todas as forças que tem  
 Deve cada qual medir,  
 Para ver  
 Quanto lhe cabe fazer,  
 E depois fazel-o bem (163).

## FABULA 135.ª

## O protesto

Uma cabra e um carneiro  
Mais um porco eram levados  
    À cidade  
Num carro puxado a bois.  
Os primeiros mui calados  
    De vontade,  
O porco em alto berreiro.  
— «Não pôdes» diz-lhe o carreiro  
«Como fazem esses dois,  
Mudos que ninguém os ouve,  
Calar a porca da bocca?»  
    — «Vae prégar  
    A uma horta,  
E ganharás uma couve,  
Pelas tuas prégações;»  
Responde o porco a berrar:  
«Esses tem cabeça ôca,  
    Se assim ir  
    Lhes não importa;  
Ou talvez suas razões,  
Que os levem a acreditar,  
Um, que o querem tosquiar,  
A outra, que vão mungir

O leite de porta em porta:  
E póde ser que assim seja.  
Eu, já sinto nas guelas  
A dura faca espetada,  
    Já á carqueja  
    Queimada  
Me cheira tudo; em morcelas,  
Em chooriços me 'stou vendo  
    Feito já  
    E ao fumeiro;  
    Pois eu cá  
    Mai bem entendo,  
Que me querem chacinar  
E a carne e o sangue comer.  
Contra isso e num berreiro  
    Protestar  
Quero eu, até morrer.»

Tinha de certo razão  
O porco, que protestava  
Contra aquella que julgava  
Injusta condemnação.  
Protestar é um direito,  
O qual se deve exercer,  
Seja ou não certo o proveito  
Que d'elle se possa obter.  
Direi mais: é o dever  
    De sempre ao mal  
    Resistir.  
Um só protesto, ainda justo,

Do fraco, sem protecção,  
Em geral  
De nada  
Val';  
Quem não  
O queira attender  
D'elle se vai  
Rir  
Sem susto;  
Comêço apenas de escada,  
Degrão só mal  
É notado;  
Com um só golpe de machado  
Não cai  
O roble no chão:  
Porém  
Os tristes gemidos  
De quem  
Soffre injustamente,  
Que nos parecem perdidos  
Muito tempo em vão  
Nos ares,  
Lentamente  
Reunidos,  
Aos milhares,  
Os degrãos,  
Os golpes são,  
Com que vai a humanidade  
Cortando os costumes mãos,  
Derruindo



A iniquidade;  
E subindo  
À perfeição.

Os protestos, quando justos,  
Crescendo chegam a ser  
Os preceitos mais angustos  
Para o mundo se reger (166).

## FABULA 136.\*

## A lagarta e o bicho da seda

Das artes industriaes  
Numa grande exposição,  
Que o leão  
Promovera em seus estados,  
Os diversos animaes  
Ficaram muito pasmados  
Vendo o tazulo da seda,  
Obra tão bem acabada  
De industrioso bichinho.  
—«Talvez haja quem exceda  
No fiado  
Essa teia tão gabada :»  
Disse baixinho  
Com enfado  
A lagarta,

Mais que farta  
 Já com tanto  
 Elogiar  
 Alto o dito repetiu,  
 A raposa  
 Quando o ouviu  
 Accrescentando-lhe:—«Espanto  
 Não deve causar  
 A glosa  
 Que nós ouvimos agora;  
 Sabemos que esta senhora  
 Também se mette a fiar (167).»

## FABULA 187.

## O argueiro

O grande Jove chamou  
 Um dia em roda de si  
 A quantos bichos creou  
 E assim lhes disse:—«Eis-me aqui  
 Para reparar aggravos  
 A todos os animaes:  
 Sejam mansos, sejam bravos,  
 Racionaes ou irracionaes,  
 Não reconheço excepções;  
 Exponham suas razões

Francamente e sem  
Receio,

Que eu buscarei algum meio  
De attender a queixas justas,  
Não levando a ninguem  
Custas.

Falla primeiro, macaco;  
Muitas queixas has de ter  
A fazer;

Anda lá, despeja o sacco.»  
—«Nenhuma tenho, Senhor,»  
Diz o mono: «pois melhor  
Do que eu não vejo ninguem.  
Se o homem duas mãos tem,  
Quatro eu tenho e sou capaz  
De duas erguer do chão,

O que nem  
Sempre elle faz;

E tal é a admiração  
Que consagra ao meu talento,  
Que o vejo a cada momento  
Tratando só de imitar.  
O plebeu imita o nobre;  
Vê-se o homem abastado

Copiado  
Pelo pobre,

Até te quer egualar!  
Depois de desfigurado  
Segundo a sua razão  
Com quantos defeitos tem;

Donde vem  
Seres norma e imitação.  
Sem  
Do apreço aqui fallar  
Que chegada a occasião  
Mostra pelo meu dançar;  
Peloticas, attitudes,  
Que só trata de imitar.  
Peço pois que não me mudes;  
Lembra-te antes de emendar  
Meu primo urso, coitado!  
Foi muito mal acabado...  
E quer-se photographar!  
—«Chamem esse desgraçado!»  
Disse Jove», sem se rir,  
«Quero ouvir  
O seu recurso.»  
—«Prompto!» respondeu o urso:  
«Deixa fallar o macaco,  
Que bem a fundo conheces,  
E que, se aqui não 'stivesses,  
Levava para tabaco.  
Embora me chame hirsuto,  
Em menos não me reputo  
Do que elle, do que os demais  
Animaes  
Que tenham fino criterio.  
E que em torao de ti vejo.  
Apesar  
Do meu ar

## Serio

Da minha chanternidade,  
 Como elle posto nos pés  
 Eu sou capaz de dançar  
 A toque de realejo,  
 Com applauso da cidade,  
 Elegantes *balancés*.  
 Em mim não quero mudanças:  
 O elephante carrancudo,  
 Esse sim, que é um massodo,  
 E não nasceu para danças,  
 Pedaco d'um grande mono!  
 Parece ter sempre somno  
 Naquelle olhinho mortiço,  
 Sem rasto de sobranceibas;  
 E que dentoça, que tromba!  
 Era bem grande serviço  
 O de aparar-lhe as orelhas,  
 E o rabo tão apoucado

Accrescentar  
 Com uma tomba.»  
 É chamado

O elephante, que vem  
 Jurar  
 Que 'stá muito bem;  
 Que em nada quer  
 Ser  
 Madado,

Pois é gentil, comparado  
 Com a baleia,

Tão grande, tão gorda e feia,  
Que até se vai esconder  
Onde não a possam ver.  
Vem esta afirmar  
Que tem,  
Muito mais do que ninguém,  
Razão de estar  
Satisfeita:  
Que é grandita, mas perfeita:  
Gorda sim,  
Mas sem  
Gordura  
Nunca vira formosura;  
Antes assim  
Que formiga.  
Esta  
Citada  
Protesta:  
Que em nada  
Do que ella veja  
Deseja  
Ser emendada,  
Embora a baleia o diga,  
Pois, se falla, é por inveja:  
Que está deveras contente  
Com o seu tamanho; é decente,  
Gosa de boa saúde,  
E tem,  
Mais do que ninguém,  
Da providencia a virtude.

—«Olha!» diz ella: «O oução,  
Esse sim lá tem razão  
De se queixar, coitadito!  
Sempre é muito pequenito...»

E assim vão

Fallando todos:

Cada qual só tem apodos  
Para os outros animaes,  
Em si vê só perfeição.  
Mas de todos o que mais  
Mostrou sua sem-razão  
Foi o rei da criação.

Em seu orgulho e tolice

Tanto disse

Eufatuado,

Tanta cousa parva e ôca,  
Que, por fim, Jove enfadado  
Mandou-o calar a bocca.  
Tendo assim todos fallado  
Sem nenhum se lhe queixar  
Foram logo despedidos,

Convencidos

Do seu merito profundo,

E do alheio a criticar.

Assim foi sempre e ha de ser  
Enquanto o mundo fôr mundo:

Cada qual procura ver

No olho d'outrem o argueiro,

Mas sem

Nunca perceber  
Que tem  
No seu um madeiro (168).

## FABULA 138.\*

## A culpa armada

'Stavam dois irmãos brincando :  
Ora um d'elles, desejando,  
Accusar,  
Ver castigado  
Seu irmão,  
Que lhe não  
Fizera mal,  
Viu-se obrigado  
A buscar  
À queixa alguma causal.  
E assim poz-se-lhe deante  
Com um dedo pouco distante  
Dos olhos d'elle, dizendo :  
— « Sendo  
De todos o ar,  
Não é mais teu  
Do que meu,  
E não tenciono arredar  
Tão cedo



D'aqui o dedo.»  
 Toda a paciencia perdendo  
 O irmão  
 Na mão  
 Lhe deu  
 Um tabefe — «Ai! ai! ai!»  
 O outro correndo  
 Vai  
 A mamã: «que lhe bateu  
 O mano, sem ter  
 Razão,  
 E deve ser  
 Castigado.»  
 Assim o foi, attendendo  
 A mãe ao denunciado  
 Attentado  
 De bater,  
 De modo algum ao motivo  
 Do mesmo provocativo,  
 Percebel-o não podendo.  
  
 Cada dia se 'stá vendo  
 Empregar aquelle meio  
 (Que lejo,  
 De antigos mui praticado.)  
 Arma-se bem o enleio,  
 Segundo for conhecido  
 O genio do desgraçado,  
 Votado  
 A perdido

Ser,

Tê que, por mais não poder  
 Supportar com paciencia,  
 Perca emfim as estribeiras,  
 Galgue todas as barreiras  
 Da prudencia;  
 Dê por pedras, dê por páos;  
 Então  
 É que bons e máos  
 Todos á uma lhe dão (149).

FABULA 139.

### A responsabilidade

Quem da causa é causador  
 A causa é do causado:  
 Porisso é *quasi* culpado,  
 Tanto  
 Quanto  
 O roubador,  
 O que fór  
 Desmaselado,  
 Quem a porta não fechar  
 E se deixe assim roubar.

Um quinteiro, um lavrador,

Que boas gallinhas tinha,  
Ia deitar-se à noitinha,  
Contando que o seu criado  
Tivesse todo o cuidado  
(Como de certo devia)  
De ver bem, se não havia  
Alguma porta a fechar,  
Dando para o gallinheiro;  
Ia se o moço deitar  
Fiado num bom rafeiro;  
E este farto do trabalho,  
    Todo o dia  
    Atraz do gado,  
    Ia  
    Dormir seu boccado  
De vez em quando ao borralho.  
D'esses taes num intervallo  
Veiu a raposa matreira,  
    Como ha tantas,  
    E furtou  
    Da capoeira,  
    Op matou,  
    Quantas  
    Gallinhas havia,  
Não poupando nem o gallo.  
    No outro dia  
    O quinteiro,  
    Por se ver  
    Assim roubado,  
Levantou alto berreiro;

Quiz despedir o criado,  
A quem, para o castigar,  
E elle assim menos perder,  
Fez á custa do ordenado  
Parte do furto pagar.  
O moço foi-se vingar  
Dando uma tosa no cão;  
Que, sendo o menos culpado  
Foi então  
Mais castigado!

Quem o que é seu descurar,  
De si se deve queixar;  
E quem maus exemplos der,  
Terá de se arrepender:  
Reproduzidos,  
Seguidos  
Os pode contra si ver.  
O mal, assim como o bem,  
De cima é sempre que vem <sup>(170)</sup>.

FABULA 140.<sup>a</sup>

### Os extremos

Um homem, por muito olhar  
Para o sol, veio a cegar;

Outro, que tal caso viu  
 E a mesma sorte temeu,  
 Da luz do dia fugiu,  
 Em negro antro se metteu,  
 D'onde nunca mais saiu.  
 Por modos muito differentes  
 Ambos foram padecentes,

A final,

Do mesmo mal;  
 Pois nem um nem outro via,  
 Privado da luz do dia.

Muitas vezes assim vemos  
 Encontrarem-se os extremos (171).

FABULA 141.\*

O relógio de parede

Vendo pela vez primeira  
 Um relógio numa feira,  
 Dos que chamam de parede,  
 Chega-se um lapuz e pede  
 Lhe digam o que é aquillo.  
 — «Um relógio; assim se chama.  
 Pode você star na cama  
 Muito ás escuras, e ouvil-o

Dizer as horas que são.»  
Repara então,  
Mais attento,  
No relógio o tal lapuz  
E responde:—«Eu cá suppoz  
Ser cousa de catavento,  
Pois muda a cada momento,  
Ora á esquerda ora á direita.  
Será obra mui perfeita,  
Mas eu vejo que desfaz  
O que faz;  
Por mais que você m'o atteste,  
Não me parece que preste.»  
—«Venha cá, faça favor,»  
Lhe dizem: «Olhe você  
Mais acima; e alli vê  
Uma chapa com signaes,  
Que se chama o mostrador,  
Pois mostra a hora que fór;  
E dois braços deseguaes,  
Chamados os dois ponteiros,  
Pois nelle apontam certos,  
Um todas as horas dadas,  
Outro os minutos passados.  
Anda para ambos os lados  
Isso que ahí vê mexer,  
Sessenta vezes contadas;  
E então  
Um dos ponteiros andou  
Um só passo, e pode ver,

Olhando  
O círculo inteiro,  
Que sessenta quando  
São

Deu um passo o companheiro,  
E nenhum atraz voltou...»

— «O que me esteve a contar  
Tanto monta para mim  
Como se ouvisse miar

Em janeiro

Um gato no meu telhado,»  
Brada o labrego enfadado:  
«Isso será tudo assim;  
Mas, se o olho não me mente,  
O que eu vejo é mui diferente:

É fazer

E desfazer:

Adeus! Temos conversado.»  
E foi-se mui convencido  
De que lhe haviam mentido.

Vejo o mesmo acontecer  
Com muitos, que não lapuzes;  
E que, embora tenham luzes,  
Não podem, não querem ver,

Que o processo  
Natural à humanidade  
No conseguir a verdade

É a acção

E a reacção,

Que o verdadeiro progresso  
Em resultado lhe dão (179).

## FABULA 142.

## O juiz «ad hoc»

—«Se a agúia sabe voar,  
Tambem eu sei; sou capaz  
De fazer quanto ella faz;  
Não duvido de apostar;»  
Disse á toupeira o pardal:  
«Tu inda assim não vés mal,  
Vais julgar.  
Alli a tens: ao abrir  
As azas, heide a seguir.»  
Assim fez,  
Gritando: «Vés?»  
A toupeira mal os viu,  
Quando um e o outro partiram;  
Um só momento os seguiu  
No principio da jornada,  
Pois logo ambos se sumiram  
Ao seu tão debil elhar.  
Ficando capacitada  
De que podia o pardal  
Bem qual



A aguia voar.

Segundo fôr o juiz  
Que qualquer  
Quiz  
Escolher,  
Assim julga e lhe dará  
Alvará  
De propheta  
Ou de pateta,  
De portento  
Ou de jumento (173).

FABULA 143.

O lobo e o cão

Só com a pelle e o osso estava  
Um lobo que jejuava,  
Mas não por sua vontade,  
Em desconto de peccados:  
Tanto andavam resguardados  
Da sua ferocidade  
Quantos rebanhos havia  
No cantão.  
Era o dô de quem o via;  
E porisso um cão

De gado,  
Grande, forte e anafado  
Encontrando-o certo dia  
Lhe disse: — «Teu inimigo  
Devêras  
Eu já não sou;  
Por signal que hoje te dou  
Este conselho d'amigo:  
Deixa o matto e as demais feras:  
De tal viver o que esperas?  
Fome certa: cada vez  
É mais raro que uma rez  
Se extravie e tu a colhas:  
Não comeservas nem folhas  
Nem bolotas nem raizes,  
Nem tens lá mui bons narizes,  
Embora da nossa raça,  
Para viver só de caça.  
Guerra sempre; crua guerra  
D'exterminio em toda a terra,  
Que todos os dias é  
Pelos homens mais e mais  
Conquistada  
E occupada,  
Onde podem pôr o pé.  
Entre os varios  
Animaes  
Escolheram  
Aquelles que lhes par'ceram  
Uteis, senão necessarios;

Os demais  
São inimigos,  
Dão-lhes caça  
Para acabar-lhes com a raça.  
D'aquelles  
Só são amigos,  
Quando mansos se sujeitam,  
Porque d'elles,  
Se aproveitam  
Para o trabalho, ou sustento,  
Ou para divertimento;  
Nem as pelles  
Lhes engeitam:  
Vão vivendo á sua custa,  
(Na humana sociedade  
Chama-se a isto — amizade.)  
Não quero saber se é justa  
Essa guerra, ou se o não é:  
Tenho por ponto de fé  
Que os homens hão de vencer,  
Pois tem muito mais saber,  
E nós somos animaes  
Menos que elles racionaes.  
Porisso, meu caro lobo,  
Antes ser sabujo e hobo  
E regalado viver,  
Do que metter-se a valente  
Não tendo em que atole o dente,  
E no fim vir a morrer  
Ou de fome ou de algum tiro.

D'aqui é que eu não me tiro:  
O meu bestunto me diz  
Que, se tudo isto assim 'stá,  
É porque Jupiter quiz,  
O qual, certo, a força dá

A quem

Tem

Melhor razão;

Ou esta dará

À força,

Tanto orça

Para mim.

Se não

Queres acabar

Ou d'um tiro ou de laseira,

Assim

Deverás

Pensar;

E verás

Quanto fagueira

Te vai correr

Esta vida.»

— «Porém, como hei de aprender

Esse modo de viver?»

Diz o lobo, decidido

A deixar a dura lida

Em que havia encanecido.

— «Facilmente,

Meu irmão,»

Responde contente

O cão:

«Eu num instante t'ó ensino,  
E não sou grande doutor,  
Nem me tenho por ladino:  
Fazer festas ao senhor,  
Mas sem lhe sujar  
Os fatos;  
Respeitar  
Muito a senhora  
(Elas gostam mais dos gatos);  
Aturar  
Tudo ao menino,  
Por mais que seja molino;  
Correr pela porta fóra,  
Muito bem esmordaçado,  
Quanto pobre esfarrapado  
Em casa se introduzir;  
Perseguir  
A quem passar  
A cavallo ou de cajado;  
Agradar  
Muito ao creado  
E não menos á creada,  
E ter a casa guardada.  
Em troca terás decente  
Cama; e para o teu dente  
Bellos ossos de tutano,  
Fartas sopas e bem gordas,  
Com que engordas,  
E tua festa á mistura.

É um viver franciscano!  
 Chora o lobo de ternura  
 Pensando em tanta ventura,  
 Que mal parece verdade.

— «Partamos já para a herdade»

Disse elle: «meu caro irmão!»

— «Vamos, lhe responde o cão.»

Marcham ambos de conserva.

O lobo que tudo observa,

Vê ao outro mui rapado

Um pedaço

Do cachaço.

— «Estás ahí tão

Pellado!

O que é isso?»

— «Não

É nada:

Sempre és muito espantadiço!

São effeitos da colleira,

Que está um pouco apertada,

Mas é ligeira

E dourada.»

— «Pois tu não andas á solta?»

— «Nem sempre: dou minha volta.

E depois sou amarrado.»

— «Fico-te muito obrigado

Por tuas boas tenções;

Mas foram-se as illusões

Que eram bellas em verdade,

Para mim, sem liberdade,

Sempre é mau qualquer contracto.  
 Adeus cão, eu volto ao matto,  
 Pois prefiro alli morrer  
 De fome, á vida algemada.  
 E, sem que resposta ouvisse,  
 O lobo deita a correr  
 Mais que se ao rabo sentisse,  
 Alguma lata amarrada.

Entre a morte e a escravidão  
 Quem duvida de escolher  
 A primeira, com denodo?  
 Por certo só quem tiver  
 O vil modo  
 De pensar, que tinha o cão (174).

FABULA 144.

A leoa e a coelha

«Leoa!» disse a coelha:  
 «Não vejo porque será  
 Que eu, indo já  
 Para velha,  
 Tenho ainda em cada um anno  
 Tantos filhos que... sei lá?  
 Ás dezenas!

Enquanto, se não me engano,  
Tu para amostra do panno

Um apenas

Podes ter.»

— «É facil de perceber,»

A outra lhe respondeu:

«Teus filhos laparos são;

Um leão

O filho meu.»

Vale a boa qualidade

Muito mais que a quantidade (175).

#### FABULA 145.\*

### Esopo e o burro

Foi o burro ter com Esopo

E disse-lhe:— «Eu não me poupo

O mundo a moralizar,

Poisque a tudo me sujeito;

Nisso te quero ajudar,

Como julgo tenho feito.

Mas vamos lá: o zurrar

Sempre, sempre, não tem geito.

Vê se me podes metter

Nalgum conto,



Sem fazer  
 Papel de tanto,  
 De-ignorante patarata:  
 Causa chistosa  
 E sensata  
 Diga, embora faça rir;  
 Uma glosa  
 Apimentada,  
 Um dito bem acerado,  
 Me podes attribuir  
 Contra essa infame cambada  
 Que me quer sempre albardado.»  
 —«Amigo!» Esopo lhe diz:  
 «Eu não quiz  
 Nunca offender-te;  
 Talvez mesmo não acerte  
 Quando te pinto, qual julgo  
 Que tu és, e o cre o vulgo:  
 Mas, se eu te fosse pintar  
 Outro, punham-se a gritar  
 Que havia errado a pintura,  
 E que tínhamos ficado  
 Tu, moralista assisado,  
 Eu, com a tua embocadura.»

Se quem  
 Fizer boa cama  
 Nella pôde bem  
 Dormir;  
 Destruir

A ruim fama  
Facil não é conseguir (170).

## FABULA 146.\*

## A caridade economica

Eu conheci um sujeito  
Que nunca deu uma esmola  
A ninguém:  
Tinha arranjado a seu geito  
Norma de fazer o bem  
Não gastando um só vintem,  
E vejo que deixou 'schola.  
Extremava o tal amigo  
Muito o pobre do mendigo:  
Era este sempre um vadio  
Que trabalhar bem podia,  
Um sadio  
Que doente se fingia,  
Rico, talvez, encoberto,  
Que não car'cia  
De certo  
D'essa esmola que pedia,  
Senão de ser castigado.  
Era o outro um desgraçado,  
Bem digno de compaixão:

Esse sim,  
Pobresinho envergonhado,  
Escondido, sem ter pão,  
Sem ter nada,  
Nalguma agua-fortada  
Onde morria  
Por fim.

A sorte d'este chorava ;  
Porém nunca o procurava  
Nem sabia  
Onde existia.  
Quem não apparece  
Esquece:  
Porisso nada lhe dava.

Ser melhor não te parece  
Desprezar a tal escola,  
Pois Deus sabe quem merece?  
E darmos  
A nossa esmola,  
(A pobres envergonhados  
Sem deixarmos  
De acudir)  
Aos velhos aos aleijados,  
Aquelles que desgraçados  
Por ahí vemos soffrer?  
Emquanto lei não vier  
(Deve vir,  
Se querem ser  
Coherentes...)

Que puna como malvados,  
 Com penas pouco diferentes,  
 Tanto quem esmolas dá  
 Como quem as vai pedir?...  
 Pois a todos claro está

Que ambos elles são  
 Culpados:

Um por estender a mão,  
 O outro por lhe dar pão.  
 E, que se a lei impedisse  
 De esmolas dar a mania,

Não  
 Havia

Tanto pobre que as pedisse (177)?

FABULA 147.\*

O cão, o lobo e o pastor

Atraz d'um lobo gritava  
 (Que prudente se afastava)

Certa tarde

Um cão de gado,

O qual ia acompanhado,

A distancia, do pastor

D'um enorme chuço armado.

—«Não fujas de mim, covarde!...»

— «Não faças tão grande alarde,  
 Impostor,  
 D'essa tua valentia!  
 Como vens com as costas quentes  
 Já não temes estes dentes...»  
 Brada o lobo, que sabia  
 Porque o outro assim fallava:  
 «Olha que estás enganado;  
 Não fujo  
 De ti, sabujo;  
 Nem do pastor se me dava,  
 Se estivesse desarmado  
 (Achou isso mais prudente,)  
 Vocês veriam então...»

Valente  
 Como era o cão,  
 Ha por ahí muita gente (178).

FABULA 148.\*

A aguiá e o mocho

Depois de feitas as pazes  
 E dado o fraternal chocho,  
 Disse á aguiá o negro mocho:  
 — «Vê lá agora o que fazes!  
 Os meus filhos não devores,

Tão espertos!  
De lindas pennas cobertos,  
Olha, são mesmo umas flores!  
Mostram ter tanto talento  
Que de fazel-os doutores  
Eu não desisto do intento.  
Mal te podes enganar,  
Se não 'stás de todo cega.»  
Responde a aguia:—«Socega!  
Para que has de dizer mais;  
Com todos esses signaes  
Não t'os posso devorar.»

E dizia

Com verdade

A aguia quanto sentia.

Quem é fraco

Tem maldade,

É velhaco,

Trapaceiro,

Seja lá elle quem for:

É a matreira raposa,

A serpente venenosa,

Tartufo, calumniador.

Quem é forte é verdadeiro;

Honrado, porque é brioso,

Tem nojo do mentiroso.

Não as forças corporaes,

O valor

Inspira o forte,

Que antepõe soffrer a morte

A vilezas praticar...  
Para que hei de dizer mais?

Foi ella encontrar

Um dia

Em toca mui holorenta

Ninhada

Féa e nojenta:

Vontade não lhe mettia

De a comer; mas, apertada

Da fome, enguliu a empada

Muito pouco estomacal.

Tinha-a apenas

Devorado,

Deixando só pés e pennas,

Quando lhe apparece ao lado

O mocho!... Imaginem qual

Foi o seu grito de dôr,

Seu brado de indignação,

Vendo espalhados no chão

Os restos dos filhos seus!

Erguendo os olhos aos ceos

Pede um raio vingador

Sobre o impio malador.

Pesarosa então

Lhe diz

A aguia:— «Amigo, eu não

Quiz,

Juro ao céu, causar-te lucto;

Isto foi o triste fructo

De ta me informares mal,

Poisque nem um só signal  
 Tinham elles de entre tantos  
 Signaes que um dia me deste.»  
 —«Ai de mim! que não soubeste»  
 Lhe responde o mocho em prantos:  
 «Quando me estavas ouvindo,  
 Perceber que os meus filhitos  
 Eram para mim bonitos,  
 Embora não para os mais;  
 E que um filho sempre é lindo,  
 Visto com os olhos dos paes.»

Inda mal  
 Que esta cegueira,  
 Infeliz, é verdadeira;  
 Bem como o seu resultado  
 Muitas vezes é fatal.  
 Não seja o filho educado  
 Só com os mimos de seus paes,  
 Que nelle não vêem mais  
 Do que raras perfeições:  
 Eu não fallo de feições,  
 Mas do brio e qualidades  
 Moraes,  
 Intellectuaes.  
 Fojem as tenras edades,  
 Vem os annos que os ensinam,  
 (Quantas vezes cruelmente?)  
 Que não é o que imaginam  
 O modo de educar gente (179).



## FABULA 149.ª

## A velha e a gallinha

Mulher avarenta e velha,  
(De dotes feia parelha!)  
Sustentava uma gallinha,  
Na qual um thesouro tinha,  
Pois lhe punha cada dia  
Um ovo e quem tal diria?  
De boa prata massiça!  
— «Se muito o papo lhe enchesse,  
Talvez dois ovos possesse;  
Maiores eram meus ganhos:»  
Movida da vil cobiça  
Pensou ella; e assim o fez.  
Cada dia duas, tres,  
Vezes com os torpes gadanhos  
De comer o atafulhou,  
Até que tudo perdeu:  
O papo lhe rebentou,  
E a gallinha assim morreu ((180)).

## FABULA 150.\*

## O lobo e o homem

Um lobo,  
Vendo que o roubo  
Cada dia menos dava,  
Porque mais e mais estava  
Elle já cansado e velho;  
Quiz seguir outro caminho  
Menos p'rigoso e damninho.  
O conselho  
Foi prudente;  
Mais que o *nunca* vale o *tarde*:  
Porem  
Que ninguem  
Retarde  
O que lhe cumpre fazer  
Diligente;  
Não lhe aconteça perder  
As boas occasiões,  
E fique tudo em tenções,  
Até que venha o morrer.  
Este lobo andou melhor:  
Procura certo pastor  
Que o seu cão tinha perdido,  
(Inda assim falla afastado

Com receio do cajado,  
 Que era comprido  
 E ferrado.)

—«Pastor!» lhe diz: «venho aqui,  
 Porque enfim me resolvi  
 A deixar  
 De ser ladrão:  
 Dá-me o lugar  
 D'esse cão

Que te morreu, e verás  
 Nunca te arrependerás.  
 Já 'stou maduro, é verdade,  
 Mas muito pôde a vontade:  
 E, andando eu bem tratado,  
 Pasmarás

Ao vêr-me guardar o gado.  
 Nada terás  
 Que temer,

Dormindo mui descaçado.»

—«E, se eu te fosse metter  
 Em casa, quem guardaria  
 Contra ti o meu rebanho?  
 És esperto!

Tinha graça se eu cabia  
 Em tamanho  
 Desacerto!»

—«Pastor!» continua o lobo:

«Não quero viver  
 De roubo,  
 Mas eu não hei de morrer

À fome. Se não me queres  
Em casa, vê se preferes  
Ao mal que posso fazer-te  
A paz que venho offer'cer-te.  
Ovelhas inda te posso.  
Muitas no anno matar;  
É carne que tem seu osso,  
Sempre é a pelle arriscar...  
Mas assim tenho vivido  
Das muitas que te hei comido,  
E posso ainda viver  
Das que te venha a comer.  
Façamos pois um ajuste,  
Que julgo ser razoavel:  
Tu dás-me (em que te custe,  
Pois dar não te é agradável,)  
Cada um anno seis ovelhas,  
Sejam magras, sejam velhas,  
Ou ainda adoentadas;  
E temos feitas as pazes.»  
—«Se outra proposta não trazes,  
Perdeste, vindo ora aqui.»  
Diz-lhe o pastor: «as passadas.»  
—«Se tu achas que pedi  
Muitas, olha, eu não me affinco  
Em serem seis; dá-me cinco.  
Dá-me quatro, dá-me tres...»  
O pastor  
De cada vez  
Lhe diz que não, com a cabeça.

—«Essa

Agora era melhor!»  
Brada enfim: «ir eu pagar  
Tributo para evitar

Que o meu gado  
Me fosse por ti roubado!  
Nem uma te quero dar,  
Nem um cordeiro sequer.»

—«E, quando alguma morrer  
De doença,  
Dás licença

Que eu a venha aqui buscar?»  
—«Nem licenças, nem conselhos,  
Nem nada te quero dar.

Inimigos somos velhos,  
E mui bem diz o dictado:  
Quem seu inimigo poupa  
(Muito mais quem o soccorre)  
As mãos de certo lhe morre:  
Para ti só um forcado,

Uma choupa,  
Ou um tiro, e nada mais.»  
—«Pastor! pastor! é demais:

Nem um osso  
Me queres dar! Eu não posso  
Comer hervas; só as come  
Quem nasceu para as comer:

Não hei de morrer  
À fome;  
Tu não me deixas viver:

Abusando da destreza  
Que te deu a natureza,  
Tomaste conta de tudo,  
Quer pequeno quer graúdo,  
Nada deixando aos demais

Desgraçados  
Animaes;

Senão aos escravizados  
Por ti, em proveito teu:  
Ao mundo para viver  
De certo também vim eu.  
Usurpaste toda a terra:  
Hei de pois mover-te guerra,  
Ou de fome hei de morrer.»

-- «Morre!»

Lhe brada o pastor:  
«Melhor

Não podes fazer;

Que eu de ti não tenho dó.»  
O lobo perde a cabeça,  
Furioso ail-o corre:  
— «Pois não hei de morrer  
Só!»

Grita; e ao homem se arremessa.

Travam lucta: o homem brada,

Gente armada

Lhe acudiu,

E morto o lobo cahiu:

Mas, se o pastor não morreu,  
Das friidas o resultado

O deixou em tal estado  
Que toda a vida soffreu.

Teriam ambos razão?

Uns dizem: sim,

Outros: não.

Sempre assim

Foi e ha de

Ser

Em toda e qualquer

Questão.

A que chamam social  
Com respeito á humanidade  
(Aquella algum tanto egual)

A meu ver

Mal

Se pode resolver.

Que decidam

Os que sabios se appellidam  
O que convenha fazer.  
E seja para melhor;  
Ou taremos que soffrer  
Sorte egual á do pastor.  
Quando não seja peor (184)...

## FABULA 151.

## As aranhas e as boas-novas

Em casa d'uns agoirentos  
Guerra faziam de morte  
As aranhas, que nojentos  
Insectos de veras são;  
Mas por mera embirração  
De as terem como funestas.  
Melhor sorte  
Alli tinham borboletas,  
Não as pretas  
(Tambem estas  
São mofinas  
E levavam suas sóvas);  
Mas as brancas, pequeninas,  
As quaes chamam boas-novas,  
Porque trazem novas boas  
A pessoas,  
As vezes das mais machochas,  
Que são tementes a... bruxas.  
Até as iam  
Salvar,  
Se as viam  
Presas estar  
Das vis aranhas nas teias.



Santa gente!  
 Andavam as casas cheias  
 Do tal bichinho... innocente.  
 Porém, quando um dia abriram  
     Gavetas  
     Onde guardavam  
 Roupas de lã, então viram  
     Que eram petas  
 Tudo quanto acreditavam;  
 Poisque o fato lhes traçavam  
 As presadas borboletas,  
     Emquanto as feias  
     Aranhas,  
 Ao contrario, as ajudavam,  
     Já com as teias,  
     Já com as manchas,  
 A dar cabo de inimigos  
 Que passavam por amigos (182).

FABULA 152.\*

### O burro e o espelho

Burro que, embora já velho,  
 Muito bem não conhecia  
 As feições com que nascera,  
     Nem sabia  
     O que era

Espelho;  
Quando se viu retratado  
Num grande, que pendurado  
Estava

Em sala de espera  
Onde por acaso entrou,  
Exclamou,  
Pois julgava  
Que fallava

A outro pobre animal,  
Embora da sua raça;  
— «A tua ignobil caraça,  
Teu aspecto bestial,  
Imagem da estupidez!  
Mostram bem o que tu és,  
O que ha de d'ahi surdir  
Escoria da natureza!»

— «Olha que tu 'stás a rir  
De ti, da tua belleza!»  
Pousada sobre uma mesa  
Pêga mordaz lhe gritou.

O burro ficou  
Passado,

Quando a pêga se explicou:  
Depois, tendo bem fitado  
A sua imagem, bradou:

— «Já aqui não 'stá quem fallou:  
Reparado  
Agora  
Tenho melhor,

Sim, senhor!  
 Fora  
 Mais que vituperio  
 Zombar  
 D'aquelle olhar  
 Serio;

Conhecimento do mundo  
 Apresenta e bem profundo:  
 Aquella orelha cahida,  
 Aquelle cahido labio,  
 Signaes são de quem a vida  
 Levou sempre a meditar;

Quem quizer  
 Pintar  
 Um sabio,  
 Assim o deve fazer,  
 Ou será fraco pintor.»

Ambos nos rimos, leitor,  
 Do burro: não somos sós,  
 Elle a todes causa riso

O peor  
 Será se nós

Mostrarmos egual juizo  
 Fazendo amargas censuras  
 Aos outros por seus defeitos,  
 Os quaes, se nossos achamos  
 Muito depressa julgamos  
 Virtudes e formosuras,  
 Porque nós somos perfeitos (182).

## FABULA 159.

## Os altos e os baixos

Para o bem  
E para o mal,  
Seja lá para o que fór,  
De cima os exemplos vem:  
É o homem animal,  
Mais que tudo, imitador.

Amanhando um lavrador,  
Já de idade,  
A sua herdade  
D'altos e baixos composta,  
Adubava  
Bem a encosta  
Dos oiteiros 'té ao cimo,  
Mas aos valles nem um limo  
Para adubo ministrava.  
Reparando, alguém lhe disse:  
—«De tuas cousas pouco entendo,  
Mas parece-me tolice  
O que você 'stá fazendo,  
Pois aduba só metade  
Da terra da sua herdade.»  
—«Amigo!» responde o velho:

«Ou seja tolice ou não, »  
 Eu cá sigo este conselho  
 Que me deixou  
 Meu avô  
 E que a razão  
 Dá também;

Pois, assim que as chuvas vem,  
 Acarretam dos oiteiros  
 Para os valles os nateiros,  
 E fica tudo adubado.»

Seguido seja o conselho,  
 Para o bem da sociedade,  
 Que o tal velho  
 Ajuizado

Seguia na sua herdade:  
 Tenha a metade  
 Mais alta

Moral com educação,  
 E verão

Como á outra nada falta (184).

FABULA 154.\*

O burro com a pelle do leão

Jazia no duro chão,  
 Morto de velho, um leão:

Eis que se chega o sendeiro  
D'um jumento,  
Que, á falta de testamento,  
Se declara seu herdeiro.  
Era bem pobre o espolio  
De quem occupára o solio...  
Revestindo a velha ossada,  
Deixava a pelle, e mais nada!  
(Nem sempre assim acontece.)  
Não houve pois sahimento  
D'este rei, ou testamento,  
Ou quem a pelle quizesse!  
Outr'ora tão respeitada,  
Foi então  
Aproveitada  
Por vil burro lazarento!  
D'ella vestido parece  
Um leão  
Mesmo a valer:  
Corre logo a bom correr  
Sêca,  
Mêca,  
Olivaes de Santarem;  
E ninguem  
Que, ao vê-lo, não fuja d'elle  
Ou antes do fardamento.  
Mas tanto corre o jumento  
E, cedendo á manha velha,  
Tantos coices dá, que a pelle  
Se lhe entorta e mostra a orelha.

Sendo assim reconhecido,  
 Apupado e bem zurzido,  
 Abandona a nobre farda  
 E volta a envergar a albarda.

Meu leitor, não te parece  
 Que assim nem sempre acontece  
 Neste mundo, infelizmente?  
 E que muitos figurões,  
 Por mais que mostrem orelhas,  
 Déem coices ás parelhas,  
 Não deixam de ser leões  
 Para muita e muita gente (485)?

FABULA 150.ª

**O leão com a albarda do burro**

A rompantes de leão  
 Furibundo  
 Quantas sucedem no mundo  
 Retiradas de jumento  
 Lazarento!

Os filhos do pae Adão,  
 Ou antes  
 Seus descendentes  
 Porém não

Dos mais distantes,  
Lá por esses Orientes  
Onde ha tigres e leões,  
Tinham suas relações,  
Se bem que um tanto forçadas,  
Com feras, hoje acossadas  
Tê á beira dos sertões,  
Nesses tempos um leão,  
O terror  
Do seu cantão,  
Se sente  
Mui seriamente  
D'amor  
Um dia doente  
Por uma bella  
Cachopa  
Com quem por acaso  
Topa,  
E ao pae  
D'ella  
A vai  
Pedir.  
Para rir  
Não era o caso:  
O pae tinha medo d'elle,  
Muito amor á sua pelle,  
E aos seus rebanhos tambem,  
Para ousar  
Francamente  
Recusar



Tão temível pretendente.  
 Uma lembrança lhe vem,  
 Que o salvou d'aquelle p'rigo:  
 Foi pedir ao tal amigo  
 Uns diasinhos d'espera,  
 Para a filha resolver,  
 Para aos parentes fallar.

Consente a fera  
 Em esp'rar;

No intervallo tecer  
 O outro pôde a traição.  
 Pois, quando volta o leão,  
 Lhe diz com ar satisfeito:  
 — «O casamento 'stá feito;  
 Porém ha de consentir  
 No que lhe vou exigir  
 Da parte da rapariga.  
 (Ella é muito sua amiga!)  
 Mas, meu genro, que ha de ser  
 Se esse amor é a valer,

'Stou que não deseja  
 Ter

Cousa nenhuma que a assuste?  
 Porque, sem vontade aleija,

Veja  
 Pois, em que lhe custe,  
 Se consente

No perder a garra e o dente;  
 Se não,  
 Retiro a palavra;

Temos o caldo entornado.»  
Cegado  
Pela paixão,  
Que no sangue em fogo lavra,  
Por tudo esteve o leão.  
Não foi chloroformizado,  
Porém  
Bem  
Magnetizado  
Pelos olhos da donzella  
Durante a operação.  
Finda ella,  
Transportado  
Foi para tomar alento  
A telheiro onde dormiu  
Até o seguinte dia,  
Em que havia  
De ser  
O seu casamento,  
E os olhos á luz abriu.  
Indignado  
Fica o leão de se ver  
Albardado,  
Como se fora um jumento!  
Quiz ainda reagir;  
Mas, sem garras e sem dentes,  
Teve de se persuadir  
Às pauladas... eloquentes,  
De que era furia baldada,  
Pois já não podia nada.

Então  
 Um burro lhe diz  
 (Aquelle mesmo que quiz  
 Ser havido por leão,  
 E agora  
 Seu camarada :)  
 —«Embora  
 Provoque risos,  
 O que eu fiz  
 Tinha visos  
 De razão;  
 Procurava ennobrecer:  
 Tu porém nobre qual oras,  
 O primeiro de entre as fêras,  
 Foste assim tudo perder  
 E descer,  
 Levado pela paixão,  
 Abaixo do pó do chão!»  
 O triste nem teve um urro  
 Para responder ao burro;  
 Tanto elle tinha razão.  
 E um leão!  
 Que outr'ora forte e temivel,  
 Temido tanto, viven,  
 Chorou em vão  
 Seu peccado,  
 E assim morreu,  
 Desprezivel  
 Desprezado,  
 Quaes os tristes burros são (188).

## FABULA 156.\*

## Os presos innocentes

Nessas antigas edades,  
Quando os reis pelas cidades  
A fazer  
Justiça andavam,  
(Isso então podia ser,  
Governavam  
Quasi que a seu bel-prazer.  
E o processo  
Era summario,  
Dando largas ao excesso  
Tentações ao arbitrario.)  
Foi um rei ver a cadeia;  
'Stava cheia  
De accusados,  
Condemnados,  
Por diversos maleficios.  
Chamados  
Pedem a el-rei,  
Cada qual mais impudente,  
Que salve aquelle innocente,  
Por dura lei  
Castigado  
Sob os mais falsos indicios.

Porém um, envergonhado,  
De olhos no chão  
Nada disse.

Notou el-rei que este só  
Justiça lhe não  
Pedisse,

E d'aquella bisonhice  
Muito estranha teve dô.

—«E tu» lhe diz: «és

Culpado?»

Foi então

Que o desgraçado

Lhe cahio aos pés

Bradando:

O meu castigo mer'ci,

Sêde commigo clemente!»

—«Ponham já

Fôra d'aqui,

Que me está

Contaminando

Tanto vassallo innocente»

Grita el-rei: «este malvado!

E foi-se sem dar signaes

De se importar com os demais.

Quem seu peccado

Confessa,

Diz um antigo

Dictado,

Não merece ter

Castigo.  
Essa  
Doutrina não sigo;  
Só approvo que o culpado,  
Se é sincero,  
Capaz de se arrepender  
Se o fizer,  
(Vamos lá... um sobre com?)  
O tenha menos severo.  
Mas haja muita cautela,  
Não se vá soltar  
A trela  
A um malvado.  
Que chora bem  
Amestrado,  
Para a justiça enganar (187).

FABULA 157.<sup>a</sup>

## O rato e a ostra

Um rato foi viajar,  
Rato pouco experiente,  
Como o é, naturalmente,  
Quem viaja a vez primeira.  
Julgou-se no fim do mundo  
Quando teve de parar,

Depois de muita canceira,  
À beira  
D'um mar  
Profundo:  
Era qual o *Tenebroso*,  
Esse pégo fabuloso  
Que os antigos aterrou.  
Pela praia foi andando  
E notou  
Muitas ostras bocejando,  
Que julgou  
Deverem ser papa-fina:  
Imagina  
Ter achado um bom almoço.  
D'uma se vai achegando,  
Ao que mostra,  
Cousa boa, e a atacou;  
Invadida fecha a ostra  
Entalando-lhe o pescoço;  
Quanto mais elle estrebucha,  
Mais se fecha a viva hucha,  
Até que o rato,  
Coitado!  
Em vez de ter almoçado  
Fino prato,  
Alli morreu enforcado!

Tu, ratinho de dois pés,  
Que me lês,  
Foge sempre de arriscar,

Entalar,  
Tão  
À tonta,  
Essa  
Cabeça  
Em cousa para ti nova,  
Não  
Te venha a morte ou sóva...  
Tenta primeiro o caminho  
Só com a ponta  
Do rabinho (188).

## FABULA 158.

## A raposa cõta

Apesar de archimanhosa,  
A final  
Certa raposa  
Foi apanhada num laço,  
No qual  
Um grande pedaço  
Do rabo, ou todo, deixou.  
Para sanar  
O fracasso,  
Sem tratar  
De o pôr postigo



(Só mais tarde se usou  
D'isso)

Do seguinte se lembrou:

Convocou

Em certo dia

*Meeting* que ella pretendia

(O reclamo não é novo)

Ser de maximo int'resse

Para o bem

Geral do povo:

Que tudo, pois, appar'cesse.

Assim foi. D'aqui, d'além,

Corre toda a raposada,

Ao tal

Local

Indicado,

Onde encontra já sentada

Em logar mais elevado

A raposa, que lhes diz:

— «Senhoras! eu hoje quiz

Vê-las aqui reunidas

Para serem discutidas

Algumas graves questões;

Uma de certo hem séria,

Ácerca da qual, talvez,

Em muitas occasiões

Pensaram Vossas Mercês.

Eu vou entrar na materia:

Stamos vendo

Em toda a parte

Quanto a arte  
Vai vencendo  
A natureza

Em commodos e em belleza.  
Quem nega hoje o progresso?  
Tudo o que lhe fôr avesso  
Seja por nós combatido.  
Logo, é forçoso dar cabo  
D'este incommodo, comprido,  
Nosso inutil, feio rabo.»  
(Aqui ouviu-se um ganido,  
Talvez d'alguma raposa  
Mais nervosa,  
Que toda se arripou.)  
«Senhoras!» continuou  
Eloquente o orador:  
«Muito embora ser maior  
Não possa a gana que temos  
Aos homens, pensais commigo  
Que devemos

Imitar um inimigo  
No que faça com juizo.  
Dizer-se não é preciso  
Que o homem rabo não tem:  
Mas pergunto:—nunca o teve?  
Não decidamos de leve  
Para decidirmos bem.  
Mui sabios sociologistas  
E philologos peritos,  
Que vos não apontarei

Por serem longas as listas,  
Mas dos quaes sempre direi —

Ninguem

Os tem

Por farcistas, —

Nos provam com seus escriptos

Que as antigas tradições

Não se perdem nas nações,

Conservando-se em vocabulos,

Em phrases, que são retabulos

Onde o passado se mostra.

Vou dar-vos mais d'uma amostra:

Aos homens ouço afirmar

Ser o peor de esfolar

O rabo: tanto é dizer

—Foi o ultimo signal

Que ficou do animal,

Custando a desappar'cer. —

Pois aquella locução

—*Quem tem rabo não se senta*—

Que idéa nos representa?

O que quer

Dizer

Senão,

Que os reis, os ricos, os nobres,

Quando já bem derrabados,

Não soffriam que os creados,

Os vassallos, ou os pobres,

Aquelles

Que ainda o usassem,

Perante elles  
Se sentassem?  
E por encurtar cavaco  
Muito fica ainda no sacco.  
Isto são  
Provas ou não?  
Argumentos categoricos  
De que rabos houve humanos,  
Ha talvez milhares d'annos,  
Nesses tempos prehistoricos?  
Hoje em dia não os ha;  
E porquê? Bem claro está:  
Mais não quiz o homem soffrel-os.  
Assim trata elle os cabellos  
Que corta de quando em quando,  
Assim vai rapando  
Os pellos  
Que lhe nascem pela cara,  
Assim as uoñas aparta...  
Initemos-lhe a prudencia;  
Dêmos a devida cresta  
A esta  
Incommoda excrescencia.  
Com brado tão  
Aziago,  
Qual o *delenda Carthago*  
Do venerando Catão,  
Por mim sempre repetido  
Até que seja attendido,  
Senhoras! aqui acabo:

— Dé côrte perpetuo ao rabo  
O catello da razão !»

Acabou: e, de pasmadas  
Ao ouvir-lhe aquellas prosas,  
Ficam todas as raposas  
Por algum tempo caladas.

Uma emfim  
Ousou fallar;  
E erguendo-se, assim  
Lhe diz:

— «A lembrança é mui feliz;  
Mas tenho de lhe pedir  
Que queira o côto mostrar,  
Para bem se poder  
Vêr

Como havemos de ficar.»  
Teve a outra de se erguer.  
Eis tado desata a rir,

A ganir,  
A regougar;

Emfim foi tal matinada  
Que a pobre da derrabada  
A tanto não resistiu,  
E fugindo se sumiu,  
Dando o *meeting* ao diabo,  
Aos gritos de — «Não tem rabo!»

Que todo o *meeting*, assim  
Convocado

Por tratante  
 Disfarçado  
 Em prestante  
 Patriota,  
 Sempre o corresse por fim  
 Com chacota  
 E até a bico de bota (189).

## FABULA 159.

## O urso, o macaco e o burro

Alvo de grande concurso  
 De animaes, dançava um urso,  
 Quando um macaco lhe diz:  
 — «Imagino  
 Que a natureza não quiz  
 Que tu fosses dançarino,  
 Visto que danças tão mal;  
 Obedece-lhe submisso,  
 E nunca mais penses nisso.»  
 Eis brada um burro:— «Alto lá!  
 Animal  
 Que melhor dance não ha,  
 Com graça mais natural;  
 E poucos verão  
 Eguaes.»  
 Ouvindo esta burrical,

Doutrinal,  
Opinião  
O urso não dançou mais.

Um homem doto e prudente

    'Stando  
    Em publico a fallar  
Deante de muita gente  
    Que attentamente  
    Escutava :  
    Notando  
    Quanto approvava  
    Com ruido  
    E riso alvar,

Um parvo já conhecido

Pela muita haboseira  
Que de continuo soltava ;  
    Estacou,

E baixinho perguntou

A quem o acompanhava :

— «Eu diria alguma asneira (190) ?»

FABULA 160.\*

### A desmoralização

«Isto está tudo perdido!

Isto é tudo engano e roubo!»

Enfurecido

Dizia

A raposa um dia

O lobo:

— «Sabes o que me acontece?

Até mentira parece,

Mas é a pura verdade;

Nunca minto.

Vinha eu hontem, noite velha,

Trazendo da grande herdade,

Onde criam muita ovelha,

Detraz d'aquelle cabeça...

Sabes? a do bom arinto,

Um borrego que apanhei,

(Pesava quasi uma arroba!)

Eis no caminho encontrei

O leão, que d'arremesso

Se lança a mim e me rouba

O que era meu! Nem me deixa

Soltar, sequer, uma queixa

Contra a sua prepotencia!»

— «É precisa paciencia

Para este mundo soffrer.»

Lhe respondeu a raposa

Com voz muito pesarosa:

«Deixa tambem que eu te diga

O que vem de acontecer

Entre mim e uma mulher,

Trapalhona d'uma figa,

Que vai á praça vender.



Ella tinha  
 Uma soberba gallinha,  
 Creada a sêmeas e milho,  
 A que eu já chamava miôha;  
 Com tenções de a ir buscar  
 Amanhã, o mais tardar.  
 Pois, senhor, foi dal-a a um filbo,  
 Que tratou de a degolar  
 Cruelmente,  
 (Parece que lhe ouço os pios!)  
 E d'ella caldos fazer,  
 Pois tem a mulher  
 Doente,  
 E eu fiquei a ver navios!»

Quantos lobos  
 E raposas  
 Se queixam, em eguaes prósas,  
 De grandes furtos e roubos (191)?

## FABULA 161.\*

## O charlatão

Charlatão, como os havia  
 Com fartura antigamente,  
 E ainda os ha

Infelizmente,  
Com a diff'rença que hoje em dia  
    Todo está  
    Mais apurado;  
    Hoje mente  
    Um estadista  
Um ministro, um jornalista,  
Sempre, porém, escudado  
De armadilhas muito artisticas,  
    Disfarçadas,  
Que elle diz fundamentadas  
Em milhares de estatisticas;  
Impingindo, bem ou mal,  
A pedra philosophal  
A quem a pôde vender,  
(A maioria estes são  
Desde o nosso pae Adão)  
E ao povo rude, coitado!  
(Sempre aquelle que soffrer  
Breve será enganado.)  
Mas tornando á vacca fria,  
Quer dizer, ao charlatão  
D'os tempos que já lá vão:  
Affirmava elle sem pejo  
    Que podia  
Ensinar quanto sabia  
A qualquer animalejo,  
Ou manso fosse ou do mato,  
Fosse cão ou fosse gato,  
    Burro enfim,

(O caso era bem pagar)  
Que lhe fossem confiar  
Para o sobredito fim.  
Um rei, dos que havia então,  
Mas onde, certo não

E

(Nem vale a pena saber)  
'Stando de b'a maré,  
O sabio manda chamar  
Para lhe bem ensinar  
Só a ler  
E a escrever,  
Pois esse pouco bastava  
(De sabios cançado estava)  
Um burro d'os afamados  
Burro d'os quatro costados.  
Aceitou o charlatão,  
Debaixo da condição  
De lhe serem concedidos  
Dex annos e bem contados,  
Findos os quaes, se cumpridos  
Os ajustes não 'stivessem  
Na parte que lhe tocava,  
Concordava  
Em que lhe dessem  
Feia morte de enforcado,  
Recitando  
O abecedario,  
No tal jumento montado;  
Porém, no caso contrario,

Seria  
 Recompensado;  
 Não cuidando  
 De mais nada,  
 A la grande passaria  
 'Tê então vida folgada.  
 — «A força tem  
 Você certa,  
 Já lhe vejo a cova aberta»  
 Disse alguém.  
 — «E eu vejo a sua também»  
 Retorquiu o embusteiro:  
 «Só Deus sabe quem  
 Primeiro  
 D'esta vida sahirá.  
 Por mim você não se assuste;  
 O mais provavel será  
 Que algum dos tres d'este ajuste  
 Não chegue a viver dez annos.»

É verdadeiro o dictado,  
 Tantas vezes esquecido  
 Apesar  
 D'os desenganos:  
 — Sempre se ha de  
 Acreditar  
 Cegamente  
 E com agrado  
 (Embora destituido  
 Torpemente

De verdade)  
 Quanto for apresentado  
 Que nos vá com o paladar.—  
 Os intrujões tem os *prós*  
 Bem seguros  
 Todos em seu benefício,  
 (Um batoteiro de officio  
 Nunca joga a padre-nossos;)  
 Os *contras* são para nós,  
 Duros  
 Sempre que nem ossos (193).

## FABULA 162.

## Os ratos e as dõninhas

Os ratos e as dõninhas  
 Por serem nações  
 Vizinhas  
 (Que se saiba, por mais nada)  
 Resolveram dar pancada  
 Mutuamente; batalhar,  
 Verter sangue em borbotões,  
 Té ficar,  
 Depois de final victoria,  
 Uma d'ellas arrasada  
 E a outra impando de gloria,

Mas muito mal amanhada.  
Em ambos os parlamentos  
Foi votado  
Affrontar mares e ventos.  
Brilharam grandes talentos,  
Rasgos houve de heroismo  
Futurado,  
Brados de patriotismo  
Em sonoros palavrões,  
Com que muitos valentões  
Se illustraram,  
E Demosthenes lembraram,  
Quer na tribuna a orar,  
Quer no campo a... pelejar.  
Entre a sabença  
E o valor  
Grande foi sempre a diff'reça.  
Quizera eu que o orador,  
(Ou quem melhor  
E mais berra),  
Quantos votassem a guerra,  
Sempre fossem alistados,  
E forçados,  
Não lhes chegando a vontade,  
A mostrar a heroicidade  
Em que ardem, tambem por factos:  
Em casa feitos pacatos,  
Não ficando de reserva.  
Começa a taponar:  
Os ratos

Guiados pelo deus Marte  
 E sua mana Bellona,  
 As dóninbas por Minerva,  
 Quer dizer (se não me engano,  
 Já vi isto em qualquer parte)  
 Uns tinham valor insano  
 Valor os outros e arte.

Ter a cythara de Homero                      3  
 Agora sim eu cubiço,  
 Pois, sem ella, como espero  
     Cantar tammanbas  
     Façanhas,  
     Tanto valor,  
     Tantas manbas?  
     É melhor  
     Deixar-me d'isso,  
 E dizer com o bom Camões  
     (Que de côr  
     Virgilio tinha:)  
 Ao mover dos batalhões,  
 Quando as trombetas soaram,  
 Quer no exercito dóninha  
 Quer no exercito arganaz,  
     Voltaram  
     Rios atraz!  
 E os filhinhos apertaram  
 Aos seus peitos, coitadinhas,  
 Ouvindo taes serenatas,  
     Mães ratas

E mães dóninhas,  
Toca-se pois a rebate,  
Trabalham unhas e dentes,  
E só findou o combate  
Por falta de combatentes!  
(Se o que disse é disparate,  
Lido em Corneille é belleza).  
Depois de muita proeza  
A Minerva cedeu Marte,  
Nem sua mana Bellona  
Se mostrou mais valentona,  
Fugiram por toda a parte  
Os ratos em debandada:  
Porém, não seja alcunhada  
Sua fuga de fraqueza,  
Pois foi de animo grandeza,  
Visto  
Não desesperarem  
Em tanta desgraça publica,  
Mas esp'raem  
Salvar ainda a republica.  
Nisto  
A historia muito abunda:  
Assim fez Caio Varrão  
Depois da tunda  
De Cannas;  
E Roma louvou-lhe a acção,  
(Estas minhas ratazanas  
Tinham seu quê de romanas.)  
Emfim quem pôde escapar,



Dar  
As de Villa Diogo,  
E o fez logo  
Se salvou,  
Foi louvado.  
Quem morreu, por lá  
Ficou,  
Ou bem ou mal enterrado :  
Mas não será  
Esquecido,  
Antes bem commemorado  
Em brilhante centenario,  
E com monumento erguido  
Nalgum seu anniversario,  
A pedido  
De eloquentes  
Descendentes  
Dos que por casa ficaram,  
Dos prudentes  
Que á patria se conservaram.  
Alguns, porém, figurões  
Indo na fuga deixaram  
Alli, d'esta vez,  
A ossada;  
Tantas atrapalhações  
Tiveram suas mercês  
Com os arnezes e pennachos  
E guerreiros barbichos,  
Para os quaes era a entrada  
Dos buracos apertada ;

Em tanto que os ratos rasos  
Soffreram menos acasos.

Quando ha publicos revezes,  
É peor ser grande ou nobre  
Do que pequenino e pobre,  
Se não sempre, muitas vezes (193.)

FABULA 163.

O velho e o burro

Um velho, que se deitara  
À sombra d'alta sobreira  
Para fugir da soalheira,  
E o seu burrico deixara  
Pastando a herva viçosa,  
Viu gente vir duvidosa  
(Talvez amigos do alheio)  
E julgou  
Que o melhor meio  
D'aquelle p'rigo evitar  
Era d'alli se mudar.  
Porisso logo chamou  
O burro, e disse: — Fugamos!  
Não percamos  
Um momento,

Que alli vem ladrões em barda!

— «Foge tu» volta o jumento:

«De certo que aquelles amos

Não me põem mais d'uma albarda.

Para que me incommodar?

    Ou contigo,

    Ou com qualquer inimigo,

    Burro sempre hei de ficar.»

Quando correm algum p'rigo

Ha espertalhões assim,

Que á sua sorte ruim

Procuram associar

Os que não tem que fazer

    Com o seu ganhar

    Ou perder <sup>(182)</sup>.

#### FABULA 164.

### Os premios

Esbracejava animado

Com outro fallando um dia,

Certo sujeito e dizia

Fôra sempre premiado

Em quantas aulas cursara;

Porém que nada lucrara

Com isso, pois preterido  
Sempre e sempre havia sido.

E por quem?

Por muito João-Ninguem,  
Que premio algum recebido  
Tinha nunca em seus estudos.

Bradava,

Gesticulava

Citando exemplos frizantes

D'estudantes

Nas aulas uns botocudos,

Que hoje via figurões

Empregados,

Collocados

Nas mais altas posições;

E mais ia

*Por diante o monstro horrendo...*

O outro já não podendo

De tanta semsaboria

Com a torrente,

Tira o chapeo

De repente,

E brada fitando o céu:

—«Senhor! muito te agradeço!

Só agora reconheço

Como grato devo estar

De em rapaz

Não ser capaz

De premio algum alcançar!»

—«E porque?»

Pergunta o outro, pasmado!

— «Por nunca me poder

Ver

Conspurado,

Qual você

Hoje se vê.»

Os premios podem provar

(Quando não ha valimento)

Que um rapaz

Era capaz,

Ou por ter maior talento,

Maior desenvolvimento,

Ou porque se applicou mais

Que os demais,

De passar d'elles além;

Tem

Valor

Na occasião;

Porém

Não

Podem servir de penhor,

Bem

Seguro,

De seu merito futuro.

Entre os cysnes que nasceram,

Como costumam nascer,

Negros, d'uma deitadura,

Gabou-se a alvura

## Nevada

De dois, que quando cresceram,  
Mostraram cysnes não ser:  
Eram patos, e mais nada (195).

## FABULA 165.

## O rouxinol e o milhafre

—«Para que me has de matar?  
Pouco mais tenho que pennas,  
E não valho um caracol;  
Como eu sou, muitas dezenas  
Mal te podiam fartar.»  
Dizia já empolgado  
Por milhafre esfomeado  
Um mesquinho rouxinol:  
«Não me mates; sei cantar,  
Todos gostam de me ouvir;  
Jove, quando me creou  
Só com o canto me dotou;  
Assim te posso servir  
Muito melhor que de pasto.»  
—«Eu de musica não gasto»  
Diz-lhe o milhafre: «creado  
Fui por Jove com ouvido  
Desgraçado,

Não aprecio um gorgeio;  
Mas deu-me papo insofrido,  
Que nunca admite demoras  
Quando chegam certas horas  
E não se sente bem  
Cheio.»  
Disse e prompto o devorou.

Ninguem  
Deve censurar  
Do milhafre o proceder,  
Elle andou  
Segundo o seu natural;  
Tem  
De matar  
Ou morrer.  
Distinguir do bem  
O mal  
De repente  
Não é facil, mesmo a gente  
Embora muito illustrada.  
Deve a cousa ser olhada  
Por mais d'um lado primeiro,  
Para depois se julgar  
Com justiça ou equidade;  
Não se vá como maldade,  
De ligeiro,  
Condemnar  
O que é só necessidade (196).

## FABULA 166.

## A pèga e a rola

Num ceo aberto viviam  
Duas rolas em seu ninho:  
Todo era paz e carinho.  
Os gemidos que se ouviam  
Signaes não eram de dôr,  
Mas gemidos só de amor  
D'aquelle casal tão terno.  
    Não longe havia  
    Um inferno,  
Uma horrivel gritaria,  
Que não cessava um momento,  
Quer de noite quer de dia:  
Emfim de pègas casal,  
Casadas para seu mal  
E dos vizinhos tormento.  
Um dia a pèga mulher  
Com a rola femea vai ter  
Pedindo se lhe explicava  
Porque tudo assim andava  
Naquelle bemdita casa;  
Pois d'alli jámais sahia  
    Berraria,  
Nem bater de bico ou de aza



Tampouco por lá se via.

—«Difficil não me parece  
Que vivam como vivemos.»

Responde a rola: «ambos temos  
De viver em paz o intr'esse;

Nenhum de nós tem vontade  
Seaño a que o outro tem,

D'onde vem

Que ha sempre conformidade.»

—«Isso era bem

Bom de ver

Lá em casa...» diz a péga:

«Temos péga

Por dá cá aquella palha,

As vezes sem tom

Nem som,

E nenhum de nós ceder.

Um grita, se o outro ralha;

O meu genio não é bom,

Mas o do tal senhor meu

É de tirar-lhe o chapeo!

E, como somos *paulistas*,

Segue-se o jogar as cristas.

Eu

Sem mais demora é — zás!

Nas ventinbas para traz.»

—«Se a vizinha começasse»

Lhe diz a rola: «a ceder,

Bem podia acontecer

Que o seu homem se emendasse...»

—«Com que então»  
Atalha a péga raivosa:  
«Eu é que sou a teimosa,  
As culpas só de mim são!  
Pois para haver um teimoso  
É forçoso  
Que teime com elle alguém.  
Olhe! Você, que 'stá bem  
Com um marido  
Que, segundo tenho ouvido,  
Não passa d'um papa-moscas,  
Julga que as demais são toscas  
E que não sabem viver.  
Pois está muito enganada  
Commigo, que fui creada  
Com gente e gente a valer;  
E desde então 'té agora  
Não me contam entre as tolas.  
Fico-lhe muito obrigada;  
Mas sempre lhe hei de dizer:  
Nem todas nascemos... rolas.  
Adeus! que me vou embora,  
Tenho muito que fazer.»

Chegamos a confessar,  
Às vezes nossos defeitos;  
Mas ouvimos contrafeitos  
Quem os ouse confirmar (197).

## FABULA 167.ª

## A raposa moribunda

Moribunda

Uma raposa

Diz á malta das damninhas

Raposas e raposinhas

Que a circumda:

— «Horrenda cousa

É peccar!

Oh! quem me dera voltar

Aos dias da mocidade,

Para viver

Sem maldade

E socegada morrer!

Eu vejo! eu vejo passar

Quantas gallinhas matei!

Onço os lugubres *grugrus*

Dos perus

Que devorei!

Eil-os todos que allí vem

Em bandos, conta não tem!

Quem d'elles me livrará?»

A raposada

Pasmada,

Sentindo fome não pouca,

E á qual  
 Tammsuho maná  
 Faz crescer agua na bocca,  
 Grita:—«Nós não vemos nada!  
 Quem pilhara tal  
 Caçada!»  
 E vai baixinho rosnando:  
 «Nossa avósinha treslouca...»  
 —«Desgraçadas!  
 'Stais ahí, 'stais condemnadas  
 Como eu 'stou!»  
 A raposa lhes bradou.  
 Umás gallinhas piando,  
 Chamando  
 Pelos pitinhos,  
 Então de perto se ouviram.  
 Erguem todas os focinhos  
 Té a orelha arrebitou  
 A tartufa,  
 E disse quando sahiram  
 Para as gallinhas caçar:  
 «Ah! lá vão ellas  
 Á ufa  
 Atafolbar  
 As guelas,  
 Comer  
 Talvez sobre posse,  
 E eu negra fome a soffrer!  
 Neuhuma se ha de lembrar  
 De guardar

Para mim um bocadinho,  
 Um pintainho  
 Que fosse;  
 Talvez me salvasse a vida,  
 Era azeite na torcida...  
 Mas nenhuma appareceu;  
 E ella dando  
 Um gemido  
 Morreu,  
 Qual  
 Tinha vivido,  
 Sempre em gallinhas pensando.

Diz santo bem conhecido:

— «Tal

A vida, assim

O fim» (188).

FABULA 168.

A gallinha e os patinhos

Deitaram a uma gallinha,  
 Em vez dos ovos que tinha  
 Posto, os ovos d'uma pata;  
 A qual, por menos pacata,  
 Menos boa criadeira,

Ou massadas não querer,  
Ficara na capoeira  
Sem nada ter  
Que fazer:  
(Tambem ás vezes se dá  
Nas capoeiras de cá,  
Premiar  
O mau  
Ou a má.  
Em vez de lhe dar  
Com um páo)  
Findos os dias fataes,  
Poucos mais  
Do que para os pintainhos,  
Sabiram pois os patinhos,  
E foi a mãe putativa  
Conduzindo a comitiva  
Para a ensinar  
A comer,  
O que fez sem se cançar,  
(Custa pouco a aprender)  
E quiz-lhe depois mostrar  
Como devia beber.  
Mal  
Elles avistam a agua  
Eis os patinhos que correm  
E nella entram a nadar.  
Avaliem qual  
A magna  
Da gallinha, que imagina

Que lhe morrem,  
 Ali se vão afogar!  
 Desatina.

Corre aqui, corre acolá,  
 Em torno ao grande alguidar  
 À procura de os salvar,  
 Mas acudir-lhes não ha:  
 Andou até se cançar  
 E soccorro lhes não deu.  
 A final, nenhum morreu  
 Então d'aquella a ninbada;  
 Que ali vinha  
 Todos os dias nadar,  
 A pesar  
 Da atribulada  
 Gallinha.

Quantas vezes  
 Se vêem taes entremezes  
 Em familias abastadas  
 Que, pretendendo educar  
 Suas filhas, vão chamar  
 Preceptoras  
 A nações civilizadas?  
 De amargores saciadas  
 Perdêm as pobres senhoras  
 Seus cuidados e passadas,  
 Pois sempre as meninas têm,  
 Quer na tia quer na mãe,  
 Nas amigas ou vizinhas,

Finalmente em  
 Mil logares  
 (Nunca faltam)  
 Maus exemplos — alguidares  
 Onde de continuo saltam  
 Ficando sempre patinhas <sup>(192)</sup>.

## FABULA 169.\*

## O pastor e os passarinhos

Nos tempos em que pastores  
 Descantando seus amores  
 Teciam lindas capellas  
 Das mais perfumadas flores  
 Para c'roarem com ellas  
 Pastoras  
 Encantadoras;  
 Quando á falta de papel,  
 De pennas e de tinteiro  
 E, de certo, de correios  
 Tinham meios  
 De escrever  
 Terno aranzel  
 No tronco d'algum ulmeiro,  
 Para alli a *ingrata* ler  
 De seus olhos o poder...



Tempos que já longe vão:  
(Hoje elles e ellas são  
O que vemos  
E sabemos,  
E por aqui ficarei:  
Só direi  
Que os seus amores  
São, embora inda com flores,  
Menos ternos e... cheirosos),  
Pois nesses tempos ditosos  
O mais bello dos pastores  
Louco andava,  
Tanto amava  
A pastora a mais formosa  
(Ele um cravo, ella uma rosa,  
Como se dizia então)  
E lhe soffria os rigores!  
Em madrugada de v'rão  
Lembra-se elle de ir buscar  
Aquelles bosques vizinhos  
Uns mimosos passarinhos,  
Para á bella os offertar  
E lhe embotar  
Os espinhos.  
(Não havia então modistas  
Nem rua dos Capellistas,  
Onde podesse feirar  
Alguns trapos bem garridos,  
Capazes de enternecer  
Corações empedernidos,

Quando sejam de mulher.)  
 Tendo pois no bosque entrado,  
 Assim começa a dizer  
 O pastor enamorado:

— «Passarinhos!

Deixae vossos brandos ninhos,  
 Deixae amores  
 E flores,  
 Vinde viver  
 Mais ditosos,

Onde eu quizera morrer,  
 Junto a Marília formosa...»  
 E outros ditos amorosos,  
 Tão safados,

Com que em versos, que são prosa,  
 Nos estafam namorados  
 Vendo a final que baldados  
 Ficam seus ternos pedidos,  
 Tiron d'alli os sentidos,  
 E foi armar grande rede  
 Sobre as aguas d'uma poça.

Na moça

Mais não lbes falla  
 Nem no seu infausto amor.  
 Quando apertou o calor,  
 Os passarinhos com sêde,  
 Alli procuram mata-la.  
 Puxa a guita e num momento  
 Apanhou talvez um cento  
 Que aos pés da bella

Depoz;  
Tão gordos que ella  
Podia  
Comel-os feitos de arroz  
(Eu cá de certo o fazia.)  
Ninguem sabe se os papou;  
Consta porém que ficou  
Muito, muito enternecida...

Nesta vida  
A poesia,  
Tendo verdade e belleza;  
Não é cousa sem  
Valia;  
Mas, equal à sobremesa  
Tem  
Logar  
Em cima do bom jantar:  
Dá prazer mas de momento,  
Sustenta a imaginação,  
De illusões sempre gulosa,  
Não serve para alimento:  
Dá pouco alento  
À razão.  
A vida  
Quer  
Ser  
Regida  
Por boa sensata prosa (200).

## FABULA 170.ª

## Os ladrões e o burro

Chovia  
E a bom chover:  
Mas não  
Era d'esta vez  
Chuva de agua em chão  
Maninho

Que se fosse alli perder,  
Pois do molho que vertia  
Nem pinguiño  
Se perdia.

Choviam os pontapés  
A valer,

Os cachações de tremer,  
O murro  
De crear bicho,

Que por motivo d'um burro  
Furtado dois ratoneiros,  
Ambos cheios de capricho,  
Pelas ventas e cabeça  
E pelos quartos trazeiros  
Davam mutuamente e á pressa.  
Votára um que vendido  
Fosse o asno, e repartido

Logo entre elles o dinheiro,  
 Dissera o outro: — «É p'rigoso  
 Irmos já vender o burro.»  
 — «É!» — «Não é!» — começa o murro,  
     E d'ahi  
     O tal chuveiro.  
 Entretanto um curioso,  
 Que passando por alli  
 Tão entretidos os viu,  
 Montou no burro e... fugiu.  
 Depois de bem esmurrados  
 É que os ladrões, estafados,  
     Perceberam  
 Quanto com a balha perderam.

O mesmo nos acontece  
 A nós e vezes não poucas,  
 Quando o verdadeiro in'resse  
     Nos esquece  
 Por causa de questões ôcas (301).

## FABULA 171.

## As verdadeiras economias

Vendo que o seu orçamento  
 Não podia

Equilibrar,  
 Pois da despesa o augmento  
 Ia  
 Em termos de assustar,  
 Estando todos á mesa  
 Disse, linda a sobremesa,  
 (Hora propria do cavaco)  
 D'uma familia abastada  
 Chefe sensato, mas fraco:  
 — «Vamos nós agora ver  
 O melhor modo de ser  
 Nossa despesa minguada?»  
 Ficaram  
 Silenciosos  
 Um boccado  
 Bem puxado...  
 Mas filhas e mãe trocaram  
 Entre si certos esgares  
 E desdenhosos  
 Olhares.  
 — «Habitamos» continúa  
 O marido: «cum casarão,  
 Que nos leva um dinheirão  
 Por causa tambem da rua...»  
 — «É no bairro onde nasci,  
 Menina,  
 Nelle cresci,  
 Me eduquei  
 E me casei.»  
 (Na voz com certa inflexão)

Lbe responde

D. Maria Justina,

Sua *esposa*: «nem eu sei,

Onde

Possas encontrar

Por menos, casa *decente*

Na qual mettas tanta gente.»

— «Femos, agora... a parelha...»

O marido contintia,

Que não ousa replicar:

— «Coitadinha, já bem velha,

E quasi que uma vergonhar:

Mas... serve. Olha! não

Ponha

Eu o pêsinho na rua,

Salvo á confissão

E á missa,

Se um dia sem

Trem

Ficar.»

— «A modista...»

E estacou!

Tal o olhar

Que a *esposa* então

Lbe lançou

— «Não

Ha maior injustiça!»

Brada, erguendo a vista

Ao céu:

«Passam-se dias e mezes

(Com que sacrificio ás vezes...)  
 Que não se faz um vestido,  
 Nem se encommenda um chapéo!  
 Tire d'ahi o sentido;

Ou, se quer  
 Que sua mulher  
 É filhas

Andem umas maltrapilhas,  
 Só para sua vergonha  
 Não serei eu que me opponha.\*  
 E depois de tal coartada,  
 Resignada,

Limpa os olhos de aguadilhas.  
 — «S. Carlos... banhos do mar...»  
 Diz, julgando conjurar  
 A tempestade, o marido:  
 Mas viu logo ter cahido  
 Qual um cego  
 Noutro pego...

Tudo estando discutido,  
 Ficou por fim resolvido,  
 Do bello sexo a contento,  
 A favor do orçamento,  
 Que se devia mandar  
 Metter no asylo um creado,  
 Pobre velho estuporado:  
 Que as meninas, já crescidas,  
 Estavam muito instruidas,  
 Podiam lições poupar;  
 Virtuosas e preñdadas



(Da mãe  
 O vivo retrato)  
 Estavam já bem  
 Dotadas.

— «Sempre tenho visto e lido,»

Disse Maria Justina:  
 (Dote não havia tido)  
 «Ser a virtude e o recato  
 O dote de uma menina.»  
 Quanto ao tal explicador  
 Dos filhos, era melhor  
 Despedil-o sem tardar.

Sós podiam  
 Estudar,

Que assim muitos o faziam.

Quando se pôde passar  
 Sem o que é indispensavel,  
 Para que se ha de poupar  
 No que for só agradavel (202).

FABULA 172.

A aranha e a andorinha

Quantas teias, paciente,  
 Fiado uma aranha tinha,

Outras tantas de repente  
 Lhe levava uma andorinha  
 Em seu rapido voar.  
 Lá iam de moscas cheias

Pelo ar

Voando as teias

Da aranha, já meio-louca,  
 Fazendo cruces na bocca.  
 Mais raivosa que prudente,  
 Decidiu teia fazer

Tão valente,

Que pudesse

'Tê andorinhas prender.

Uma fortissima fez;

Mas porisso lhe acontece

O que previsto não tinha,

Foi morrer:

Teia e aranha d'esta vez

Tudo levou a andorinha.

Não te vás nunca metter  
 Com inimigo valente

A lutar;

Não tendo forças eguaes

(Só se a honra te obrigar:)

Sé prudente,

Até vir a occasião

Em que possas tanto ou mais.

É saber

Esp'rar,

E então  
 Assentar-lhe bem a mão:  
 E, se ella nunca vier,  
 Não  
 Luctes, que lhe vais dar  
 O gaudió de te perder (203).

## FABELA 173.

## O fogão

Reinava grande anarchia  
 Numa villa muito fria:  
 A questão  
 Era saber,  
 Se sim ou não  
 Se devia  
 Com um bom fogão  
 Aquecer  
 A egreja parochial.  
 Levavam muitos a mal  
 Similhante innovação;  
 E diziam que com frio,  
 Se tal cousa lá havia,  
 Se podia  
 A Deus resar,  
 Talvez com mais devoção.

Um tamanho desvario,  
Bradavam certos devotos,  
Ninguem vira praticar  
Desde os tempos mais remotos:  
Que essa e outras novidades,  
Inventadas nas cidades  
Produziam mau effeito  
Diminuido o respeito  
A santa religião:  
Que depois do tal fogão  
Lá viria  
O canapé,  
Onde tomassem café  
Feito pelo sacristão:  
Que talvez até  
Traria  
Isso comsigo heresia...  
E mil outros argumentos  
Bolorentos,  
Todos do mesmo jaez,  
A saber:  
Que se não deve fazer  
O que ainda não se fez.  
Mas vencidos d'esta vez  
Foram os obscurantistas;  
Mandaram os progressistas  
O fogão na igreja pôr.  
Decidia, sempre calor  
Ter o partido  
Vencido.

Ora, a fallar  
Com justiça,  
Quando houve a primeira missa  
Era o frio de tremer;  
Mas gritava a opposição

Estar  
Um caler de v'ção,  
De morrer:

Todas as damas então  
Com os leques a abanar,  
E uma até a esbracejar  
Cabiou com o seu faniquito.  
Levanta-se um grande grito:

—«É já! é já apagar  
Aquelle fogão  
Maldito!»

Eil-os correm de roldão,  
Soltando grande alarido,  
Sobre o negro excommungado,  
Que encontraram... apagado!  
Alli posto havia sido,

Porém não  
Fora acendido (204)!

FABULA 174.\*

## O carvalho e o caniço

—«Tu não pasmas do que eu valho?»

Disse a um caniço um carvalho:

«Domino toda a montanha,

O mundo é minha peanha!

Eu lucto com os elementos,

Desprezo a furia dos ventos,

Roubo á terra a luz do sol;

Enquanto, pobre caniço,

Tu és das auras d'erriço,

Um mesquinho caracol

Te faz vergar

Ou tremer:

Deves em mim acatar

Do grande Jovê o poder,

Poisque lhe fui coosagrado;

Imagem d'elle sou eu,

Adorado

Devo ser!»

—«Cousa não é de pasmar

Quanto acabas de dizer»

O caniço respondeu:

«E sei o pouco que valho;

Pasma só de ver

## Nascer

Por ahí tanto carvalho,  
Do qual brota  
Vil bolota,  
Ou desprezível bugalho, v  
Dias depois, um tufão  
Varreu o roble e o caniço,  
Ao longe deixando o chão  
Sem signal de nada d'isso.

Quando penso  
Que esta terra, comparada  
A todo o Universo immenso,  
Não é nada;  
Dá-me vontade de rir  
Ver  
E ouvir  
Certos carvalhos humanos,  
Tão  
Ufanos  
Por serem um pouco mais  
Que os demais  
Tristes guzanos.  
Que a terra estão  
A roer (202).

## FABULA 175.º

## A camisa do homem feliz

No tempo em que não havia  
Tantos  
Sabios quantos  
Ha,  
Nem porisso se morria  
Sô com a carta de alforria  
Que a natureza nos dá.  
Não, senhor: a medicina  
Mui pouco tem de menina;  
Já varias... curas fazia,  
Postoque lançasse mão,  
Como era costume então,  
As vezes de bruxaria.  
Isto fez na occasião  
Que, estando um rei a morrer,  
Não sabendo a faculdade  
Já que havia de fazer,  
Se lembrou (valha a verdade,  
Sem se rir)  
De receitar-lhe o vestir  
A camisa  
De homem que fosse feliz;  
Porém  
Quiz



Que fizessem muito bem  
A pesquisa  
Se em verdade o era, ou não.

Lá vão  
Pois indagadores,  
Primeiro pelos senhores  
Da corte toda, á procura,  
(Alli não tem muita dora!)

Era um dô:  
Por pobreza,  
Por inveja,  
Seja  
Com razão  
Ou não,

E por más causas tambem  
Na nobreza  
Não encontram nem  
Um só.

O gyro vão  
Alargando,  
Procurando

Pelas classes inferiores  
E até entre os proletarios,  
Isto por todo o paiz;

Encontrando  
Os commissarios,  
Só misérias, dissabores  
E nenhum homem feliz!  
Voltavam no desalento  
De não

Poder encontrar  
 Tão  
 Raro medicamento,  
 Quando, uma serra ao passar,  
 Pelas brechas se perderam.  
 Sem carreiro  
 Muito andaram,  
 'Tê que deram  
 Com um miseravel cabreiro,  
 E a sorte lhe lastimaram,  
 Tão ruim  
 Nunca viram cousa assim!  
 — «Como é possível viver,  
 Por aquillo que se vê,  
 Do modo que vive aqui?»  
 Lhe diz um: «Isto é morrer  
 A fogo lento; que sorte  
 Infeliz coube a você!»  
 — «Não 'stá  
 Má  
 A sua morte:  
 Ha um par d'annos nasci!»  
 Responde o cabreiro rindo:  
 «E cá  
 Lhe vou resistindo.»  
 — «Mas deve ser infeliz  
 Por força» o outro lhe diz.  
 — «Ou por força ou por vontade,  
 Para fallar  
 A verdade,

Quando recolho a cabrada  
Ceio e me vou deitar;  
Nada  
Tenho a desejar  
Que não seja um bom dormir;  
E bem pouco tarda a vir.  
—«Temos homem!» grita então  
Encantada  
A comissão.  
Ao pobre lançam a mão  
Para tirar-lhe a camisa:  
Pasmados porém ficaram,  
Pois entre o coiro e a farpella  
Nem sombras acharam  
D'ella!  
Dando por linda a pesquisa,  
Voltam d'orelha caída  
À corte que... está de gala!  
Que se diverte e regala,  
Entretida  
Em festins e serenatas  
Luminarias,  
E mil outras festas varias.  
Eirei estava... umas natas!  
Poisque a doença o deixára,  
Talvez por já enfadada  
(Cousa dizem pouco rara)  
De lhe não fazerem nada.

Ser feliz

Depende de cada qual

(Quer

Dizer

Do seu feitio)

Mais do que se pensa e diz: —

Não lhe importar calma ou frio

Nada haver

Que muito dêa

Nenhum mal

Seja physico ou moral.

(Corra a sorte má ou boa.)

Quanto é bom de appetecer,

Muita saúde, dinheiro,

O lisongeiro

Poder,

Tudo que se compra ou vende...

De nada d'isso depende.

Tudo, só parece um bem

Aquelles que ainda o não têm

Ou, se o chegam a perder (206).

FABULA 176.

A raposa e a cegonha

—«Conta lá:» disse a raposa

A cegonha viageira:

«Tu tens visto  
Muita cousa

(Não és nenhuma zoupeira,  
Por esse mundo de Christo,  
Andas sempre a viajar:  
Conta, que eu quero apprender.»  
E a cegonha começou

A dizer

Quanto encontrou  
Nas terras por onde andou,  
Isto é, a desflar  
Um *menu* uniyersal.  
Cada paiz seu manjar  
Tinha muito especial:  
Aqui bichos saborosos,  
Alli bichas,  
Bellas rãs e lagartixas,  
Caracoés deliciosos,  
Não esquecendo as serpentes  
Lá por esses Orientes.

Seu dizer

Não tinha fim:

Era porém sempre assim,  
Tratando só de comer.  
—«Tá! tá! tá!» diz a raposa:  
«Ouvir-te não quero mais,  
Fico-te muito obrigada:  
Tu comeste muita cousa,  
Do demais  
Não sabes nada.

Julguei que a gente por lá  
Algum tanto differia  
Da de cá;  
O que pensava  
E fazia  
Eu desejava  
Saber

Para algo mais apprender,  
E não só o que comia.\*

Áquelles que em seu paiz  
Pouco sabem perceber  
A dois palmos do nariz,  
Que lhes pôde interessar  
Quando andam a viajar?  
Como hão de elles entender  
De outros povos o viver?  
Viajam muito; porém  
Qual o burro a Santarem (207)...

## FABULA 177.\*

## O sino e a sineta

Em cidade episcopal,  
Na mais elevada torre  
De soberba cathedral,

## Colocado

Ha sino monumental,  
Que toca sô quando morre  
Algum rei, algum prelado,  
Ou se dá  
Caso raro e pouco visto.  
Uma aldeia, que alli 'stá  
Muito pertinho e viu isto,  
Para a cidade egualar  
Manda a sineta tocar  
D'uma ermídiinha que tem,  
Só quando toca tambem  
O tal majestoso sino,  
Que sôme no seu tanger  
Aquelle som pequenino.  
Para então o perceber  
O povo todo da aldeia  
A pobre ermida rodeia,  
E julga em sua vaidade  
Que a terriola é cidade  
E um grande sino a sineta,  
Que alli tem; á qual então,  
Quando vê tantas cabeças  
Em pasmada adoração  
Ao tanger do seu badalo,  
Se encasqueta  
Que é um sino, pede meças  
Com o outro, e julga egualal-o:  
Perdem porém seu trabalho;  
Fica a aldeia

Pequenina sempre e feia  
E a sineta um vil chocalho.

Servir pôde esta lição  
Para pequena nação,  
Quando pretenda hobrear  
Com quem mal pôde imitar;  
E para os seus governantes  
Estadistas,  
Pedantes,  
De *largas vistas* (\*08).

FABULA 178.\*

### Os dois calvos

Iam no mesmo caminho  
Dois calvos a conversar;  
Eis que notam num cantinho,  
Muito com o sol a brilhar,  
Cousa que parece ser,  
Porisso, de algum valor.  
Qual será d'ella senhor,  
Levantam logo questão  
A valer.  
Aos dictos segue-se a mão  
E após esta vem o pé,



Cachação  
E pontapé:  
E, para não  
Faltar nada,

A final chove pedrada.  
Outras armas não havia,  
Ou... Deus sabe o que seria:  
Lucta foi monumental!

A final,

O que menos apanhou,  
E consigo inda podia,  
Embora muito alejado,  
Para o sitio se arrastou  
E reconhecer emfim  
Que o thesouro desejado,  
Causador

De tanta dôr

Que por todo o corpo sente,  
Era... um pente  
De marfim (209)!

FABULA 179.<sup>a</sup>

**A raposa e o lobo**

Os espertos tambem  
Cahem

Às vezes nos atoleiros;  
Muitos porém,  
De lá sabem  
Salvos por certos crendeiros  
E novatos,  
A quem elles chamam *patos*  
Pois, por muito que os esfolem,  
Quaes marrecos tudo engolem.

Havia  
Um poço no campo,  
Bastante fundo e sem tampo,  
Com os dois baldes competentes  
D'uma roldana pendentes.  
Um subia  
Cheio d'agua, se o puxavam,  
Enquanto o outro descia  
A buscar igual despacho;  
E constantemente andavam  
Qual acima qual abaixo,  
Tão direitinhos e serios  
Como andam os ministerios.  
Era noute: uma raposa  
Sequiosa  
Num dos baldes se metten,  
E assim descen,  
Sem pensar  
No que fazia.  
Depois de a sêde matar,  
Começou a matutar

Como d'alli sahiria;  
Mas, por mil voltas que desse

Ao miolo

Nada achour

Resolveu por fim esp'rar,  
(Que é o mais seguro guia  
Na grande diplomacia,)

Até que viesse...

Um tolo:

Logo o demo lh'o mandou.

Um lobo se debruçou

Com séde

Do poço á beira.

A matreira

Sen auxilio não lhe pede.

— «Não caias, toma cautela!»

Gritou ella:

«E, se quizeres beber,

Podes no balde descer,

Assim fiz

Eu, quando o quiz.

Nunca vi aguas tão bellas!

E, o que talvez não sabias,

Têm

Enguias

Com fartura,

Já me regalei eu d'ellas.

Pois, sendo pouca a fundura,

Nada custam a pescar;

Tambem

Te podes fartar.  
Ora o lobo, com as guelas  
Ardendo em sêde, e a barriga  
A dar horas, que prosiga  
A raposa não esp'rou:  
Logo no balde saltou,  
Num instante ao fundo vai,  
E assim sôbe a onzeneira  
Que do poço, mui lampeira,  
    Prompto sai;  
E da borda ao lobo diz:  
«Quando quizeres saber,  
    Deves fazer  
    O que eu fiz;  
Mais alguém ha de aqui vir  
Com vontade de beber,  
    Sabe esp'rar;  
Adeus.» O lobo ficou  
Furioso. Não esp'rou,  
(Lobos tem outro pensar)  
    Sem saber  
    O que fazia  
O balde e a corda mordis;  
Tanto safanão lhe deu  
Que, por fim, esta quebrou  
E afogado alli morreu.

Quando, sem justo motivo  
De te servir ou ser  
Grato,

Um negocio lucrativo  
 Te vier  
 Propor alguém;  
 Cautela, não sejas *pato!*  
 Pois é muito natural  
 Que lhe corra tudo bem,  
 Tu porém  
 Que fiques mal (219).

## FABULA 180.\*

## A mosca e a mula

Repimpada no temão  
 D'um arado alemtejano,  
 Mosca insolente, ou tavão,  
 (Pouco importa, se ha engano)  
 Às mulas quiz ensinar  
 Como haviam de lavar.  
 E agora é que a ouvireis  
 Dando  
 Leis,  
 Ameaçando  
 Quem lhe não cumprisse  
 O mando.  
 Uma das mulas lhe disse:  
 —•Quanto zumbes, é fôfice

De que não fazemos caso:  
 Bem sei que podes ferrar;  
 Mas, se acaso  
 De mais perto,  
 Eu te pilho com este rabo  
 Da raça te darei cabo.  
 É mais que certo,  
 Doutora,

Não nos poderes mandar:  
 Se soubesses, bem podias;  
 E, direi mais, que o devias  
 Mas não sabes, impostora!  
 Com tantas pedanterias  
 Não passas d'um vil nónada.\*

A quanta mosca insolente,  
 Que quer governar a gente,  
 É tal resposta bem dada (110)!

FABULA 181.\*

O avarento

Berrava um velho avarento  
 Com razão,  
 Porque cadimo ladrão  
 Lhe furtara

Num momento  
 O thesouro que juntara,  
 Sofrendo mil privações,  
 Aos patacos e tostões,  
 Um vizinho lhe censura,  
 Aquella grande amargura:  
 Pois de nada lhe servia  
 Quanto dinheiro  
 Mettia

Na burra ou no mealheiro,

— «Porque chora

E a sua vida maldiz?

Ponha uns calhãos no logar

E tão rico ha de ficar

Como o tem sido 'tê agora.»

— «Você não sabe o que diz»

Grita o velho: «e é um sandeu

Quando, mui ancho, pretende

Julgar do que não entende.

Pensa que eu

Só me lamento

Por ser um vil avarento,

E que todos estes são

Malvados, nem coração

Tendo mesmo para si;

Que cegos pela avareza

Vivem na maior pobreza

Só por indole ruim:

Porisso d'elles se ri.

Julga ser

Um Salomão  
Sem perceber  
A razão  
Que os leva a viver  
Assim.

Se o meu thesouro guardava  
Era por saber  
Que estava

Alli todo o meu valor.  
Ninguem despreza valer  
Seja lá pelo que for:

O saber  
A qualidade,

E mais que tudo o dinheiro:  
Assim do tempo primeiro  
Foi sempre na humanidade.  
E não me venha dizer:

—«Porém

Tendo a burra cheia,

Se a vil miseria o rodeia,  
De que modo ha de valer?  
Não o saberá ninguem.»

Chegam a exaggerar  
E não pouco, essa riqueza  
Que se esconde na pobreza.

—«Mas, se o dinheiro que tem

Arrecada

Sem

Cessar,

Claro está não valer nada.»



Basta podel-o deixar  
Em seu testamento a alguém.  
O dinheiro é um poder  
E de todos o maior,  
Tudo nos pôde alcançar,  
Tudo ahi vejo a vender,  
O pão, as honras, o amor,  
E ha gente capaz de crer  
Que se compra o proprio céu!  
Quem com fortuna nasceu  
Ou quem a soube ganhar  
    E poupar,  
Hombreia até com os melbores;  
Os que d'elle a occultas raltham  
Por agradar-lhe trabalham,  
São os seus aduladores;  
Pois leva-se inteira a vida  
Trabalhando em dura lida  
Para dinheiro alcançar.  
Se o moço o vai esbanjar,  
É só porque ainda sente  
    Em si o vigor  
    Bastante  
    Para vencedor  
    Sahir  
Da vida na grande lucta;  
    E loucamente  
    O desfructa,  
Pois julga muito distante  
O tempo cruel da vida,

Quando a velhice o pungir:  
Proprio é d'aquella idade  
O julgar  
Tão comprida  
A mocidade  
Que nunca se ha de  
Acabar.

Procura o velho poupar,  
Porque septe já não ter  
Forças para combater.  
Vê no ouro o arrimo, o escudo;  
Quando o perde, perdeu tudo:  
É porisso que antes quer

Privações  
Cruéis soffrer  
Por vontade,  
Rodeado  
D'attenções,

Do que por necessidade  
E de todos desprezado.

Isto me ha de  
Acontecer;  
Velho assim  
E sem  
Vintem,  
Ai de mim !  
Hei de morrer  
A final

De fome ou num hospital !

Em parte tinha razão  
O velho e em parte não.  
A prudencia  
Nunca mate a caridade;  
Pode chamar-se demencia  
(Salvo se por penitencia)  
De si proprio não ter dó.

Porém  
É tambem  
Verdade

Que um velho alquebrado, e só  
Com o dinheiro por garante  
Qual a prancha ao naufragante

Que no mar  
Luctando está,  
Se o vai perder  
Ficará

Exposto um dia a morrer  
De fome, ou a mendigar.

Devemos tambem  
Notar

Que muitas vezes o mundo  
Se lem

Um odio profundo  
Ao avarento é porque  
Nelle encontra ou nelle vê

Quem

Não quer

Os seus int'resses servir;  
Mas trata de lhe sorrir

(E até mesmo de adular  
 A mais sordida avareza)  
 Toda a vez que elle entender  
 Algo assim vir,  
 A lucrar ;  
 Enquanto em geral despreza  
 O pobre e o desgraçado.  
 Se o avarento é culpado  
 Não menores culpas tem  
 Que as d'elle o mundo tambem <sup>(215)</sup>.

## FABULA 182.\*

## Os pardaes

Enquanto se atamancava  
 Na igreja de certa ableia  
 Uma torre arruinada,  
 De buracos muito cheia,  
 Fugiu toda a pardalada  
 Que alli contente morava ;  
 Depois que se concertou  
 A pardalada voltou.  
 Encontrando bem tapadas  
 Soas antigas moradas,  
 Dizem todos, voz em grita :  
 — «Está bonita !

Limpem as mãos á parede,  
 Foram a torre estragar.  
 Que patada!  
 Não serve agora de nada.»

Assim mil vezes procedo,  
 Em seu louco avaliar,  
 D'este mundo a pardalada (213).

## FABULA 183.

## O coelho e o ouriço

Out'ora, o ouriço e o coelho  
 Travaram  
 Conhecimento;  
 A cousa foi em augmento  
 Até que determinaram  
 Juntos viver.  
 Mau conselho!  
 Imprudentemente  
 Andaram:  
 Mui diferente  
 É conhecer-se  
 E boas relações ter  
 De ir metter-se  
 A conviver

Com alguém.

Lá foram vivendo bem  
Uns dias; não se largavam:  
Mas algum tempo depois

Já os dois

Raras vezes se achegavam;  
Ou melhor, já se afastava  
Sempre o coelho do ouriço,

Porisso

Que este o picava:

E tanto o fez, que a final  
Tiveram explicações.

—«Amigo! não é por mal»

Disse ao coelho o cacheiro:

«Não tenho más intenções;

Se te pico,

Até consternado flico:

É feito, não vontade.»

—«Nem» lhe torna o companheiro:

«Eu te accuso de maldade;

É contra a realidade

Dos factos que me revolto,

Por me ver

Assim picado.

Volta pois que eu também volto

Ao nosso viver

Passado.»

—«A familiaridade»

Diz auctor que muito préso,

«É uma formosa mãe,  
Da qual, não raro, provem  
Um filho horrendo—o desprezo (314).»

## FABULA 184.

## Os pesames

A leoa, que rugia  
A bom rugir, pois perdido  
Havia  
Seu filho qu'rido,  
Unico filho que tinha;  
Nada ouvia,  
Nem a dôr lhe minorava  
Quanta prosa  
E poesia  
Em solemne ladainha  
A raposa  
Lhe embutia,  
Que serenal-a buscava.  
—«Senhora!» dizia  
Esta:  
«Veja Vossa Majestade  
Que lhe resta  
Consoladora certeza  
De estar

Hoje sua Alteza  
Sendo nova divindade.  
Jove não quiz demorar  
Por mais tempo a apotheose ;  
E assim pois o foi chamar  
Ainda em tão tenra idade,  
Para que mais cedo goze  
Entre os deuses immortaes  
D'aquelle premio devido,  
Como é de todos sabido,  
Sempre ás Pessoas Reaes  
Por suas altas virtudes.

Os reis tambem

São mortaes ;

Só eguaes

Nisso aos povos vis e rudes :

Mas tem

Certo

O céu aberto

Para elles sempre estar.

Deveis-vos pois consolar :

Esta vida é um momento,

Que passa

Qual leve vento ;

A ventura é a desgraça,

O prazer e o soffrimento,

Em breve tudo se esvai,

Tudo cai

No esquecimento.

Erguei pois ao firmamento



Os vossos olhos reaes,  
E vêde se nelle achais  
    Já o brilho  
D'esse vosso Augusto filho,  
Patente num astro novo  
    As adorações do povo.»  
—«Fallas que nem prégador,  
Ou talvez ainda melhor»  
Diz a leoa: «mas eu  
Não quizera ver no céu  
Meu filhinho tão depressa,  
Embora alli appareça  
Dos astros o mais brilhante:  
Basta de mim 'star distante  
Sem eu já poder senti-lo,  
    Fallar-lhe, ouvir-o  
    Beijal-o:  
Tu discorres com juizo;  
Eu qual uma louca fallo,  
    Porque estalo  
Com a dôr que me tolhe o siso.  
    Se é um mal,  
    Que a todos vem,  
O morrer; se é natural,  
Assim é o amor de' mãe,  
Que me faz tanto soffrer.  
    Quem  
    O seu filho perder  
Ha de queixar-se como eu,  
Embora o julgue no céu.

Deixa, deixa-me chorar,  
Não me queiras consolar,  
Que não podes,  
Por muito que te incomodes.»

É loucura ou crueldade  
Insistir  
Em illudir  
Um afflicto coração,  
Quando chora com razão.  
É melhor  
Deixar  
A dôr  
À vontade  
Em prantos desabafar;  
Para consolo só basta  
O tempo que tudo gasta (215).

FABULA 185.º

### Esopo e o parvo

Atravessava o mercado  
D'Athenas, e dando á perna  
Muito e muito azafamado  
Esopo com uma lanterna,  
Que tinha acesa na mão,

Sendo ainda claro dia,  
(Para o seu lume acender)  
Eis que um parvo (já então  
Muito a faltar os havia.)  
Se lhe atravessa  
O detem.  
E diz muito zombeteiro  
Eu quero agora saber  
D'onde vem?  
E aonde a ida  
Tão depressa,  
De corrida  
Com essa  
Lanterna acesa?  
D'aqui não vai, sem primeiro  
Declarar  
O que quer  
Assim  
Achar;  
Com certeza  
Deve ser  
Cousa ruim  
De encontrar,  
Que esteja bem escondida,  
Poisque de dia a procura,  
Como em noite muito escura »  
A ladainha sabida  
De perguntas indiscretas,  
Insulsos alanzoados,  
De patêtas,

Malcreados,  
 Que sem cessar nos consomem.  
 — «Ando á procura de um homem»  
 Diz-lhe Esopo: «Já pois vê,  
 Não se trata de você.»  
 E logo as costas lhe deu...  
 O parvo não percebeu (216).

## FABULA 186.\*

## O gallo e a raposa

A um gallo fino, matreiro,  
 Que estava encarrapitado  
 No telhado  
 Do seu alto gallinheiro,  
 Viu de longe uma raposa;  
 E corre mui aguçosa  
 Até ao muro chegar.  
 — «Oh! meu gallo!  
 Aqui me tens:  
 Venho dar-te os parabens  
 E recebel-os de ti»  
 Lhe diz ella a oflegar,  
 E julgando engazupal-o,  
 Acabou-se a dura guerra  
 A final por toda a terra.

Salta d'ahi  
Sem demora,  
Quero dar-te  
Um bom abraço.  
Ando  
Fôra  
Desde a aurora  
Espalhando  
Em toda a parte  
Esta feliz novidade.»  
—«Espera, que eu já o faço»  
Lhe torna o gallo: «mal pensas  
Quanto gosto isso me dá,  
De se acabar a maldade,  
De findarem desavenças;  
Mas... demora-te um boccado,  
Pois vejo vir para cá,  
E não pôde aqui tardar,  
O cão que nos guarda o gado:  
Vamos, juntos festejar  
Num magusto  
Ou num jantar  
O ter-se acabado o susto  
Que reinava até agora.»  
—«Obrigada, meu rapaz!  
Não posso esp'rar  
Vou-me embora;  
Tenho ainda de levar  
A notícia a muita parte.»  
E, sem olhar

Para traz,  
Eil-a que parte  
Corrida

E fogindo a toda a brida.

Nada ha que mais me encanto  
Do que vêr grande pedante  
Que levou um magistral  
Piparote no nariz,

Quando quiz

Passar a carta de tolo  
A quem mais do que esse val'.  
Maior seria o consolo  
(Mas isso quando se apanha?)  
De lhe vêr curar a manha,

Atrevidas presumpções,  
D'uma vez

Com certas fomentações  
Puxadas a pontapés (217).

FABULA 187.\*

### Os dois philosophos

Dois philosophos tomaram  
Caminhos muito diff'rentes  
No seu modo de viver;

Pois nem ainda os prudentes  
De maneira egual encaram  
Como se ha de proceder,  
Um d'elles, aborrecido,  
Do mundo tinha fugido.

Inimigo da maldade  
Ou vaidade  
Que em todos e todo via,  
Verdadeiro misantropo,

Vivia  
De hervas e fructos,  
Quasi que a vida dos brutos ;

Dormia  
No duro chão,  
Quebrara o ultimo copo  
Para beber pela mão.  
O outro, postoque honrado,  
O mundo havia tomado  
Tal qual é; mas sem deixar,  
As vezes, de o censurar  
E, o que vale muito mais,  
De bons exemplos lhe dar ;  
Cumpridor do seu dever,  
Quanto um homem o deve ser :

No demais  
Não se agastava  
Com o que remedio não tinha.  
O mal ou o bem que lhe vinha  
Combatia ou aproveitava ;  
Nem deixava

Muita vez de visitar  
Não só humildes e pobres,  
Aos quaes gostoso fazia  
    Quanto bem  
    Elle podia;  
Mas ricos, grandes e nobres,  
    Com quem  
    la  
    Até jantar,  
Quando a isso convidado.  
Eis que se encontram um dia,  
Inesp'radamente os dois.  
'Stava umas hervas lavando  
O misantropo e, depois  
De as haver todas lavado,  
Disse, para o outro olhando  
E em tom muito avinagrado:  
    — «Hervas lavar  
    Se souberas,  
    Como eu faço;  
Tanto rico a adular  
Sempre de curvo espinhaço,  
Certamente não tiveras  
A troca d'algum jantar.»  
— «E tu» lhe torna sorrindo  
O outro: «que estás seguindo  
    Um viver  
    Proprio de feras,  
Essas hervas tão amaras  
    Não lavaras,



Se soubesses conviver  
 Com homens taes qual tu és,  
 Em que te julgues melhor.  
*Tu queres calcar aos pés  
 Dos homens o orgulho vão;  
 Não haja em teu coração  
 Outro orgulho inda peior* (215).»

## FABULA 188.ª

## A amphora velha

Nas ruínas de Pompeia  
 Se encontrou  
 Vazilha feia  
 Uma amphora vasia :  
 Porém logo se notou  
 Que largo tempo conteve  
 Um nectar, uma ambrosia,  
 Pelo aroma que reteve,  
 Mui capaz de perfumar  
 Outro vinho que em tal vaso  
 Inda quizessem lançar.

Nesse caso  
 Me parece  
 O homem quando envelhece,

Se elle soube aproveitar  
 Os tempos da mocidade;  
     Buscando  
     Sempre a verdade,  
     Estudando  
     Sem cessar;  
 Os que foram assim velhos  
     Pôdem dar  
 Bem bons conselhos;  
 Não os vás tu desprezar <sup>(219)</sup>.

FABULA 189.\*

### 0 naufragio

—«Carga ao mar!  
 'Stamos perdidos!»  
 Desatam em alaridos  
     A gritar  
 Capitão e marinheiros  
     De navio  
 Que se perdeu num baixio  
 Por culpa dos passageiros.  
 Eram todos a bradar:  
     —«A carga ao mar!»  
 Mas por fim  
 Ninguem quiz obedecer.

Todos buscam proteger  
O que é seu ; promptos estão  
Para contravir assim  
Das ordens á execução.  
Ninguém quiz sacrificar

Um só fio  
Para salvar  
O navio :  
Foi ao fundo,  
E afogados

Morrem todos, abraçados  
Ao que não querem perder.

Assim succede no mundo

A quem  
Prudencia não tem ;

Assim pôde succeder  
(E folgarei, se me engano)

Muito bem  
A um povo insano,  
Do qual digo  
Ser

Tanto maior o p'rigo,  
Que quantos eu vejo a bordo,  
(Marinheiros

Por ignorancia de officio,  
Passageiros

Por fugir ao sacrificio)

'Stão  
De accordo,

Em nada alijar  
Ao mar;  
Antes todos com mão  
Larga  
Tratam de augmentar  
A carga (290).

## FABULA 190.

## A ostra e os dois rapazes

Dois rapazes encontraram  
Nas areias junto ao mar  
Ostra que ambos disputaram,  
Para vêr  
Quem a havia de comer.  
A berrar  
Um affirmava que a vira  
Primeiro. Que era mentira  
Gritava o outro, e dizia  
Quando verdade isso fosse,  
Ao caso nada fazia,  
Pois d'ella tomara posse  
Logo, deitando-lhe a mão.  
— «Vamos já»  
Diz o primeiro,  
«Ter com aquelle marinheiro  
Que alli 'stá;

E elle decidirá  
A qual, por justa razão,  
Dos dois a ostra pertence. »  
D'isto o outro se convence,  
E lá vão

Ambos expor seu recado  
Perante o dito juiz,  
Sobre um penedo sentado.  
Ouvio-os muito calado  
O descalço Salomão;

E, depois  
De comer a ostra, diz:  
— «Dividil-a não podendo  
Entre os dois

Por ser pequena ;  
Nem com certeza sabendo  
Ao qual toda pertencia,  
Eu comi-a.

Assim, venha uma centena.  
Agora

Pois, vão-se embora,  
Cada qual leve uma casca  
(Ellas parecem-me eguaes),  
E, se acaso encontram mais,  
Vamos comel-as á tasca. »

Repara bem no que fazes  
Demandas não queiras ter,  
Pois te pode acontecer  
O mesmo que aos laes rapazes <sup>(211)</sup>.

## FABULA 19L\*

## A nuvem

Em tarde de quente v'rão,  
Dois sabios de contrabando  
(Como se encontram aos centos)  
Conversando  
Muito á mão,  
Começaram em commentos,  
Dando  
O seu douto par'cer  
Sobre uma nuvem, que os ventos  
Acabavam de trazer  
Para a crista de alto monte,  
Collocado  
No horizonte.  
Um diz:—«D'aqui a bocado  
Vem chuva, e deixal-a vir;  
Se meûda e não  
Atora,  
É pão  
E vinho a cahir;  
Temos anno de fartura.»  
—«Olhem o grande propheta!»  
Lhe brada o outro jarreta;  
«Fracos olhos tem você,

Pois não vê  
 Que nuvem tão carregada,  
 Longe de trazer choviscos,  
 Traz chuva grossa a valer,  
 Que os cães a podem beber  
 Em pé? Temos trovoada,  
 Não tardam raios, coriscos,  
 Saraivada!

Luz nova trovejada...  
 Este anno estamos servidos:  
 Vinhos, azeites perdidos,  
 E dizer adeus  
 Ao pão!»

— «Muito melhores que os seus  
 De certo meus  
 Olhos são,

Pois vejo perfeitamente  
 O que é aliás evidente;  
 E só chuva!» — «E trovoada!  
 Está com somno, vá dormir,  
 Que d'isto não  
 Sabe nada—»

— «Vê, e devia convir  
 Que dea enorme patada...»

— «Patadas são  
 De jumentos;  
 E veja lá como falla...»  
 Nem um nem outro se cala,  
 Que era confessar-se péco,  
 Té que á falta de argumentos

Desatam ao murro sêcco;  
 Poisque a ultima razão  
 Dos paes, dos reis e dos povos,  
 Tanto antigos como novos,  
 Até dos sabios, emfim,  
 Sempre foi erguer a mão  
 Para pôr fim  
 À questão.

Emquanto elles appellavam  
 Para o socco e se esmurravam,  
 A nuvem se dissipou  
 Nem rastos de si deixando,  
 Salvo aquillo que apanhou  
 Cada um dos dois brigando.

Quantos sabios estadistas,  
 Jornalistas  
 E outros taes  
 São prophetas  
 Bem eguaes  
 Áquelles grandes patetas (222)?

FABULA 192.

### A má visinha

Uma aguia, uma gata  
 E uma (com sua licença)



Porca, installaram morada  
Em vivenda apalaçada,  
No centro de immensa

Matta:

(Claro è que estou fallando  
D'um carvalho venerando.)

No mais alto da ramada  
Fez a aguia o ninho seu,  
Para estar perto do céu;  
Uma tóca aproveitando

Que no tronco azada

Achou,

A gata lá se alojou;  
E ia a porca fossando  
Com incessante trabalho  
Nas raizes do carvalho,  
Para assim accommodar  
A sua grande ninhada.  
Ora a gata era malvada,  
Typo da raça felina

Tão molina,

Raça que tem de acabar,  
E assim todos os malvados  
De desgraças causadores:

Sejam gatos,

Sejam ratos,

Tartufos, calumniadores,  
Sejam heroes afamados;  
Todos elles quantos são,  
Do maior ao mais pequeno,

Quanto é mau  
Quanto é perverso;  
A pão  
A tiro, a veneno,  
Debaixo da indignação,  
Do desprezo e da verdade;  
Ha de acabar-se a maldade!  
Para o mal a este universo  
Não creou a Divindade.  
—«Ora!» dirá o leitor:  
Que furor!  
Só por causa d'uma gata!  
Teu conto pela pacata  
Vai contando, que é melhor.  
Tens razão! eu ali vou.  
Até o segundo andar,  
A onzeneira trepou;  
E depois de perguntar  
E de dizer, como vai,  
Continua assim com um ai:  
—«Eu cá de susto ando morta;  
Nada ha peor, é bem certo,  
Do que ter  
Mau vizinho ao pé da porta.  
D'aqui, amiga, ha de ver  
Como põe a descoberto  
A javarda com trabalho  
A fossar  
De noite e dia:  
As raizes do carvalho

Pois saiba que ella porfia,  
Só com o intento  
De a desgraçar  
Mais a mim.  
Depois de escavado assim  
Cai o carvalho com o vento,  
Temos as casas no chão,  
E ella pôde, a qualquer hora,  
Nossos filhinhos comer,  
Quando  
Andarmos lá  
Por fóra  
Grangeando  
O triste pão.  
Eu cá,  
Para os defender,  
Se tal caso acontecer,  
Já  
Mal de casa me afasto,  
A procurar-lhes o pasto.  
Faça assim, se não quizer  
Ver-se depois desgraçada.»  
— «Vizinha muito obrigada»  
Diz-lhe a aguia: «Até  
Agora  
Do que conta não dei fê;  
O meu marido anda fóra,  
Como sabe; e quanto possa  
D'aqui não arredo pé.»  
Foi-se embora,

Vendo assim ter feito mossa  
 A noticia que ella deu  
 A malvada, e então desceu  
 Da outra vizinha á casa,  
 Para assentar nova vasa.

—«Vizinha» diz: «qualquer  
 Dia

Teremos a honraria  
 De ver

Nossos filhos pasto  
 Da fidalga lá de cima,  
 Não ficando d'elles rasto;  
 Se tal honra pouco estima,  
 Veja bem

Como se avem.»

—«Isso agora é para rir»  
 Responde a porca a grunhir.

—«Diga que é para chorar:  
 Tomando você sentido,  
 Ha de vê-la sempre a olhar,  
 Com o pescocinho extendido;  
 Para que? Senão pescar  
 Se uma de nós 'stá ausente,  
 E levar-lhe, de repente,

Para o seu ninho  
 Um filhinho?

Ande sempre d'olho áperta;  
 Olhe que ella é muito esperta,  
 Além de muito daminha:  
 Nunca devemos, vizinha,

Longe de casa caçar.  
 Mas não vê ella notar  
 Lá de cima esta conversa:  
 Adeus.» E foi-se a perversa.  
 Alcançou o resultado  
 Do seu enredo malvado:  
 Da lara não se tirando  
 Com medo a porca, e fossando  
     A vér  
     Se assim alcançava  
     O comer  
     Alli na terra,  
 Mais com isto a agua aterra,  
 Que mal o ninho largava.  
 Morrem ambas de laseira  
 E pôde a vil ouzeneira,  
 (Pois tanto a acreditaram,)

Devorar  
 A seu vagar  
 Os filhinhos que deixaram (213).

## FABULA 193.\*

**O cão fiel**

Certo ladrão      1991 222 199 199  
 Quiz entrar

Noite velha, numas casas,  
E para o cão,  
Que as guardava  
E sempre acordado estava,  
Não  
Lhe ir empatar  
As vasas;  
A chamal-o,  
A atirar-lhe com pão  
De longe para engodal-o,  
Começou com muito tento.  
O outro, que percebeu  
Logo o seu  
Damnado  
Intento  
Lhe diz: — «Estás enganado,  
Não me seduzes assim;  
Bem  
Alcanço qual o fim  
Que tem  
Tanto gatimanho.  
E d'onde te veio agora  
Affecto por mim  
Tamaninho?  
Pouco valem essas manhas;  
Não te vás  
D'ahi embora,  
Verás  
O que em breve spanhas.»

E ladrando furioso,  
 O brioso  
 E fiel cão  
 Afugentou o ladrão.

Cautela e sempre cautela  
 (Por muita que seja, é pouca)  
 Com quem arditosamente  
 Procura armar a esparrella  
 A nossa vaidade louca  
 Ou ambição imprudente (224).

## FABULA 194.

## Os frades que se regalem!

Quantos contos assacados  
 Aos pobres frades, coitados!  
 Quantas historias famosas,  
 Algumas de arrepiar,  
 Sabe Deus com que verdade!

(Quero crer  
 Que fabulosas:)  
 Uma porém,  
 Sem  
 Maldade,  
 Póde ter

Aplicação,  
E eis porque lh'a vou contar.

Fallarei d'um guardião  
Dos famosos franciscanos  
Era eu inda rapaz,  
(E quantos annos  
Lá vão!)  
Deixal-os dormir em paz.  
Passava  
Por comilão  
E, além d'isso, costumava  
Apreciar  
De antemão  
O jantar  
Que o aguardava.  
Porisso, a horas marcadas  
Ouviam-se umas pancadas  
À porta da sua cella:  
Não era nenhuma bella,  
Sim o mestre da cosinha,  
Que lhe vinha  
Dar noticias do jantar.  
— «Póde entrar!»  
Moi depressa lhe dizia  
O frade, que se lambia:  
«Entre, mestre; e diga lá  
O que hoje você me dá,  
Isso muito de vagar.»  
Assim lh'o recommendava



Para mais saborear.  
 Logo o mestre começava  
 O *menu* a recitar:  
 Vamos andando... um jantar  
 Muito é antiga portugueza,  
 Que a pobreza  
 Não cheirava.

Durante a tal ladainha  
 Agua á bocca ao frade vinha:  
 Com os olhos meio-fechados,  
 No ventre os braços cruzados,  
 E todos no paladar  
 Os sentidos concentrados,  
 Julgava ouvir o cantar  
 Dos côros celestiaes.  
 Teve a curiosidade,  
 Não ouvindo dizer mais,  
 De um dia lhe perguntar:  
 —E a nossa communidade?  
 Responde o mestre:—«O feijão  
 E o bacalhau a fartar  
 Tem suas paternidades.»  
 «Bom jantar!»  
 Serio exclama o guardião:  
 «Que se regalem os frades!»

Frades honve, e os ha, assim:  
 Á eira  
 Venha soalheira,  
 Chuva caia nos nabaes,

Para elles: aos demais  
 Basta e de sobra, o ruim (223).

FABULA 196.\*

O pretendente

Quando foi da acclamação...  
 (A de um rei,  
 Já não sei  
 De que nação,  
 Pois tenho fraca a memoria;)  
 Um facto se deu que a historia  
 De certo não contará,  
 O que sinto na verdade,  
 Poisque nos dá  
 A medida,  
 Inda talvez mal sabida,  
 De quanto pôde a cegueira  
 Da lisongeira  
 Vaidade.  
 Foi por essa occasião  
 Ter com certo figurão,  
 Que tinha seu valimento,  
 Um fuão  
 Pedindo que o protegesse,  
 Se podesse.

Pois fizera requ'rimento  
Para ser condecorado.

—«De certo documentado  
Muito bem o apresentou?»  
O outro lhe perguntou.

—«Isso com toda a certeza:  
Levava uma certidão  
De doutor muito afamado,  
Pelo qual eu fui tratado  
Mais d'um mez, de perna lesa  
Com dois coices que levei  
(Pespegando-me no chão)  
D'um dos cavallos de el-rei  
No dia da acclamação,  
Quando a pé o acompanhei  
Soltando grande alarido,  
Quasi que fico aleijado...»  
Dizem que foi attendido.

Feliz

De certo o paiz  
Onde um pobre cidadão  
Pôde ser condecorado  
Só por dois coices levar  
Em solemne occasião!

Ouvi

Porém

Que tambem

Não poucos alli

Havia

Podendo tudo alcançar

Não

Levando,

Senão

Dando

Com denodo e bizarria,  
Ou physica ou moralmente,  
Solemne pancadaria.

Um tal meio,

Embora feio

(Quando não é indecente)

Amargo medicamento

Teve sempre cabimento;

E receio

Que por muito tempo ainda

D'elle o mundo não prescindia,

Empregado

Mais ou menos mascarado (226).

FABULA 196.\*

### A grande razão

A um orador que prégou

Sobre S. Bartholomeu

Perguntou

Ao depois o sacristão:

— «Porque assim  
 Lhe chamam *meu*,  
 Devendo chamar-lhe *nosso*?  
 Scismado tenho e não  
 Posso.

Resolver esta questão,  
 Bem difficil quanto a mim,»  
 Fica o padre atrapalhado:  
 Mas, depois de haver pensado,  
 Respondeu-lhe muito serio:

— «É mysterio;  
 É *porque sim*,»  
 Pois, na minha opinião,  
 Deu a melhor solução  
 Que podia ao caso dar;  
 E, se alguém fôr estudar  
 Bem a fundo  
 Os problemas d'este mundo,  
 Outra lhes não póde achar (237).

## FABULA 197.

## O gallo fanfarrão

Numa capoeira havia  
 Tres gallos. Melhor diria:  
 Um gallo só no presente,

Um futuro, e outro passado.  
Este, velho e aposentado  
Era-lhe tudo indifferente.  
O segundo, pretendente  
E mettido a taralhão,

Qual o faz

Qualquer rapaz.

O primeiro, fanfarrão  
De forças fazendo alarde,

Não

Passava d'um covarde.

Mas pouco monta

Que o fosse,

Tinha a posse

Do *pennacho*; era o saltão  
Reinante na capoeira.

Trazia o frango de ponta,

E, levantada questão

Não

Sei por que frioleira,

Entre este, uma vez,

E um pato

Que para o gallo appellou,

Fez

Enorme espalhafato

E até de *pinto* o alcunhou.

O frango, cheio de brio,

Chama-o logo a desafio

E lhe dá, em ar de estreia,

Uma soffrivel tarefa.

Vencido porém,  
O gallo  
Não se tem  
Por desthronado  
E diz muito descarado:  
—«Quiz poupal-o:  
Ha de vir a ser valente.  
Assim vai constantemente  
Nossa raça melhorando:  
Somos mais  
Que nossos paes.  
É da natureza a lei;  
A quantos o ensinei!»  
Disse isto olhando  
De lado  
Para o gallo aposentado.  
Este perde a paciencia  
Ao ouvir tal insolencia;  
Vai-se a elle  
E por um triz  
Não lhe dá conta da pelle.  
Eis logo o vencido diz:  
—«Ainda mostra o que foi  
No seu tempo o velho heroe:  
Eu poupei-o,  
Fôra feio  
Nelle a velhice insultar:  
Mas na sua mocidade,  
Confesso valha a verdade,  
Havia de me esforçar,

Ou era eu o vencido.

Quantos assim tens ouvido  
Insolentes fanfarrões

Sem pudor

(E isto em todo o sentido)

A quem não

Servem lições

E vão

De mal a peor (228)?

FABULA 198.

**O idolo e o cão venerador**

Perante a estatua d'um deus

Levantada no caminho

Um cão se curva e lhe diz:

— « Bem sei quanto sou mesquinho

Mas não quiz

Os votos meus

Deixar

De te apresentar,

Como devo, mui submisso. »

— « Passo muito bem

Sem

Isso »



Lhe responde a divindade:

«E só te peço  
Ou te mando  
(Pois te conheço  
A piedade)  
Vil sabujo!  
Que vás cortando  
Depressa,

Não te dê alguma pressa  
E me deixes todo sujo.

Receia sempre o peor  
D'um homem *venerador* (222).»

FABULA 199.<sup>a</sup>

A raposa

Uma raposa  
Manhosa,  
(É tudo um mesmo dizer)  
Vendo que de dia a dia  
O negocio enfraquecia  
Por causa dos concorrentes  
Astutos e mais valentes;  
Assentou em se fazer  
De innocentes  
Defensora,

Protectora  
De opprimidos.  
Com discursos palavrosos  
Contra os grandes e pod'rosos,  
Os ricos empedernidos,  
Eil-a feita prégadora,  
Era uma santa... por fóra;  
Por dentro, a mesma raposa.  
Para si, nenhuma cousa  
Desejava;  
Ao bem publico votada,  
Aspirava  
Só a elle e a mais nada.  
Muitos lhe deram ouvidos:  
D'esta grande clientela  
Alguns eram opprimidos  
Não pouco, valha a verdade;  
Outros, pela novidade  
Attrahidos;  
Varios, porque á sombra d'ella  
Esp'ravam tambem lucrar;  
E muitos, muitos milheiros  
Seguiam quaes os carneiros:  
É gente  
Que foi creada  
Sómente  
Para imitar  
Sem nunca perceber nada;  
Confundindo o mal com o bem  
Vontade propria não tem.

Tanto fez, que convidada  
A final  
Foi, a prégar  
Ante a familia real.  
Alli sim, que ella brilhou!  
Trovejou  
Contra a cruel tyrannia,  
Que o pobre povo opprimia;  
Tudo num estylo e tom  
Que não os desprezaria  
Bourdalou ou Massillon;  
E deixou  
O auditorio embaçado.  
O proprio tigre chorou  
Tanto sangue derramado!  
El-rei quiz recompensar  
Nella a virtude e o saber:  
Depois de a condecorar  
Com sua sob'rana mão  
(Pois tomou o caso a serio)  
Dignou-se de lhe offrecer  
Um logar  
Rendoso na adm'nistração  
Do seu vastissimo imperio.  
A tartufa, violentada  
Por se ver assim roubada  
As suas nobres canceiras,  
A final se conformou  
(Té à ultima luctando)  
O ministerio accitando

De todas as capoeiras,  
No qual bem se abotoou.

Mais d'um ba que tem trilhado  
D'esta raposa o caminho,  
Que mui breve e direitinho  
O levou  
Até chegar  
Aonde um homem honrado,  
Que de taes meios renega,  
Sôbe muito de vagar  
Se por ventura lá chega (230).

FABULA 200.

Os nabos e os grêlos

— Quem comer  
Adeantado  
Não fique depois pasmado  
Por não ter  
De que viver. —  
À memória isto me traz  
Caso  
Que me aconteceu.  
Era eu  
Ainda rapaz

Quando li  
Carta que, por mero acaso,  
Sucedeu  
Nas mãos cabir-me, e que vi  
Ser de figurão  
De marca,  
Especie de patriarcha,  
Senhor de farta lareira  
Numa das terras da Beira,  
Escrevia a um seu irmão:  
Alem  
De todos contados  
Os casos graves passados  
Que da aldeia,  
Entretrinham os serões,  
Vinha a carta também  
Cheia  
De sensatas reflexões.  
Uma não me ha de esquecer:  
— «Foram os nabos poupados;  
E, porisso, regalados  
Stamos agora a comer  
Com indizível prazer  
Os bellos  
Gostosos grêlos.»

Assim nem sempre fazemos:  
Os nabos vamos comendo,  
E depois  
Grêlo não tendo

Nenhum,  
 Á nossa custa apprendemos  
 Que no cabo  
 Grêlo e nabo  
 Par'cendo dois  
 Tudo é um (234).

FABULA 201.\*

### O hortelão

Perguntado um hortelão  
 A razão  
 Porque tanto se esfalfava,  
 Sem que descanso tivesse  
 Já na rega já na cava  
 Em que andava  
 Trabalhando sempre a horta,  
 Respondeu: — «Se o não fizesse,  
 Tinha a hortaliça morta.»  
 — «Mas permitta que lhe diga»  
 Torna o outro: «que se dão  
 Muito bem,  
 Quando as deixam, neste chão  
 A urze, a gramma, a urtiga  
 Medrando sem  
 O cuidado

Que você com as couves tem.»

— «Mal peccado!»

Lhe replica o hortelão:

«Isso está bem

Explicado,

Pois umas as filhas são

D'esta terra,

E as outras não;

D'ellas parece madrasta,

Faz-lhes guerra.

E, demais, veja o senhor:

*Ao mal o desleixo basta*

*Para medrar a valer;*

*Mas o bem muito suor*

*Custa para não morrer (232).»*

FABULA 202.

A lebre e a tartaruga

Disse a tartaruga á lebre:

— «Embora o mundo célèbre

Numa voz

A tua veloz

Carreira

E diga que eu sou zoupeira;

Dê apostar

Não se me dava  
 Que eu chegava  
 Muito primeiro que tu  
 Àquelle rochedo nu  
 Que além se vê branquejar.»

— «Isso bem podia ser!»  
 Responde a lebre  
 A zombar:  
 «'Stás com a febre  
 De correr?  
 Apôsto,  
 Dou-te esse gosto:  
 Anda lá  
 Com o teu vagar,  
 Não comeces numa fuga,  
 Isso não vá  
 A matar.»

Eis que logo a tartaruga  
 Para tempo não perder  
 Vai andando como pôde,  
 Sem  
 Que muito se incommode  
 (Nem  
 É capaz de correr.)  
 Ficou  
 A lebre pastar  
 E depois foi se deitar  
 Quando farta de comer,  
 (E a tartaruga a andar...)  
 Acabou



Tarde da sesta  
A lebre e deita a correr  
Vendo que pouco já resta  
De caminho á tartaruga;  
Corre, voa, tão ligeira  
Como quando vai na fuga,  
Pelos galgos acossada.

Baldada

Foi a canceira:

A lebre ficou vencida.

Nas veredas d'esta vida  
Quem sempre e em linha

Recta,

Embora mais devagar,  
Sem se distrahir caminha,  
Póde muita vez lograr

Primeiro á meta

Chegar,

Do que outro com melhor perna,  
Se a carreira mal governa  
Costando, com o seu talento,  
Tudo vencer num momento (233).

FABULA 203.\*

## Os zangãos

De fome quasi a morrer,  
E não sei se despeitados  
De a todos ouvir dizer  
Que eram entes escusados,  
Os zangãos se recordaram  
De ter lido em lendas velhas  
(Se não foi que as inventaram)  
Que elles tambem descendiam  
D'umas famosas abelhas,  
As quaes, em tetpos, faziam  
Um mel tal  
Como o não houvera igual,  
Muito e muito superior  
Ao que então  
Era o melhor.  
Consultado o calendario,  
Eis decretam centenário.  
Vão  
Buscar,  
Desenterrar,  
Das taes abelhas preteritas,  
Suas avós benemeritas,  
As reliquias venerandas,  
Com as quaes andam

Em bolandas:  
Inventam jogos diversos,  
Dançam leves sarabandas,  
Recitam prosas e versos;  
Discursos ha que tresandam  
De heroismo,  
De nobre patriotismo.  
Perante os sagrados restos  
Fazem solennes protestos  
De morrer, ou de imitar  
Do seu mel o fabricar.

Acabado aquelle entrudo,  
Acabou tudo:  
Os pedantes,  
Depois de desmascarados,  
O seu viver não mudaram  
E ficaram,  
Como d'antes,  
Desprezíveis, desprezados.

Povo que quer caminhar,  
Não deve olhar  
Para irás;  
Isso é proprio da velhice,  
É signal de cadaquice.  
Caminhe a passo seguro  
Fitando só o futuro.  
De certo muito bem  
Faz

Quem  
Exalta os seus maiores  
(Se foram d'isso crêdores,  
Se não, é melhor calar)  
Mas trate de ir mais alem  
—Atrás  
D'um tempo outro vem—  
Não os procure imitar  
Servilmente,  
Porque não volta o passado  
Felizmente  
(É meu pensar)  
E cada epocha tem  
O seu papel designado.  
Novos meios  
Necessarios  
São  
A novos fins obter;  
Centenarios  
Não  
Passam de vãos recreios  
Para os ocios entreter;  
Uns joguetes,  
De badalos muita bulha,  
E fanha  
De foguetes,  
Mascarada,  
De impostura occasião,  
E... não  
Servem de mais nada (224).

## FABULA 204.

## O ovo

O primeiro que encontrou  
Um ovo (se de gallinha,  
Pata, perua... elle vinha  
Quem sabe?) tanto o mexeu  
Que o ovo em fim se rachou:  
Então o homem o bebeu  
E gostou.  
Quantos depois encontrava,  
Ou os bebia ou os dava  
A beber  
Aos filhos e á mulher,  
Todo ufano  
De haver feito um tal achado.  
Correu assim muito anno  
Té que, por acaso, um dia  
Num borralho que ainda ardia  
Cai um ovo  
E fica assado;  
E quem alli o encontrou  
Comeu, muito regalado,  
Aquelle  
Guisado  
Novo

Que elle  
Aos demais ensinou;  
E desde então  
E que os povos  
Bebem ou comem os ovos;  
(Mas a historia não  
Relata  
D'esta evolução  
A data.)

Passados annos e annos,  
Quando os instinctos humanos  
Se apuraram;  
Inventaram  
A panella!  
E após ella

Os tachos, as frigideiras...  
E foi quando começou  
A era das cosinheiras.  
Desde esta é que figurou  
De mil diversas maneiras  
O ovo até nossos dias  
Em milhares de iguarias,  
Invenções de lambareiros  
(Incluindo as lambareiras.)  
Pratos são muito cazeiros,  
De todos bem conhecidos:  
Ovos fritos e mexidos,  
Escalfados  
Recheiados,  
Ovos molles e... reaes,

Não se pôde dizer mais!  
(Fôra um nunca se acabar  
O querel-os todos contar.)

—«Mas d'esses feitios novos  
A base eram sempre os ovos;  
Cabe pois a quem  
Primeiro,  
Mesmo sem  
Ser cosinheiro,  
Se lembron

De partir e de beber  
O tal ovo que encontrou,  
A gloria da invenção.  
O mais foi imitação,  
Pouco tinha que fazer.»

Me vai o leitor dizer—  
—«Pois está muito enganado:  
O primeiro que o bebeu  
Não teve merecimento;

Apertado  
Pela fome  
O mesmo lhe succedeu  
Que ao jumento,  
Quando a tem e as hervas come.»

Ha invenção e invenção:  
Uma, só do acaso filha  
E dura  
Necessidade,  
Não

Nos causa maravilha;  
A outra, da reflexão,  
Que procura  
Das cousas a utilidade.  
E assim vai a humanidade  
Caminhando  
Em noite escura,  
Alcançando  
Em todo o caso,  
Por industria ou por acaso,  
De vagar  
Sua sorte melhorar <sup>(233)</sup>.

## FABULA 206.\*

**O rouxinol e a cotovia**

Disse o rouxinol um dia,  
Quando viu a cotovia  
Subindo sempre, a cantar:  
— «Se tu assim continuas  
Sem parar,  
O que valem essas tuas  
Cavatinas?  
Pouco ou nada.  
Se queres ser  
Escutada



Com prazer,  
 Não  
 Te deves tanto erguer  
 A cima d'estas campinas;  
 Fica mais perto do chão,  
 Onde estão  
 Os que te querem ouvir.»

Pôde servir  
 A lição  
 A poetas, estylistas,  
 De palavras alchimistas:  
 Se o que dizem faz sentido (?)  
 É perdido  
 Infelizmente  
 Para quasi toda a gente (226).

FABULA 206.

O homem e a raposa

Um lavrador apanhou  
 Uma raposa num lago,  
 E lhe amarrou  
 Com um baraço  
 Ao rabo estriga de estopa,  
 Sopa

De alcatrão ou breu,  
 Que acendeu;  
 E logo deixou  
 Fugir

A raposa assim a arder,  
 Para de exemplo servir.  
 Mas foi elle quem o deu:  
 Pois ella se lhe metten

A correr  
 Pela seara  
 Madura, que toda arden.  
 Sabiu a vingança cara  
 Ao lavrador leviano  
 Que nesse anno  
 Não fez eira...

A ira é má conselheira (<sup>137</sup>).

FABULA 297.

### O urso e os dois caçadores

Dois rapazes caçadores,  
 De certo não dos melhores,  
 'Stando falhos de recursos  
 À caça foram dos ursos:  
 Mas, imitando estadistas

E graves economistas,  
Que são facéis de imitar,  
Tinham pedido dinheiro  
Sobre a pelle do primeiro,  
Urso, que fossem matar,  
E sabe Deus com que usura?  
(Operação financeira  
De dívida fluctuante;  
La dizer... ladroeira,  
Porém já disse o bastante.)  
Eil-os vão  
Pois á procura  
D'um urso. Estes por cá  
Bem facéis são  
De encontrar  
(Só difficéis de aturar:)  
Tambem não  
Faltavam lá.  
Entrando numa floresta,  
Logo um urso!... Larga a bêsta  
O primeiro  
Que tal viu.  
E mui depressa subiu  
Tê ao cimo d'um pinheiro.  
Atira comsigo ao chão,  
Meio-morto, o companheiro;  
Mal lhe bate o coração  
Gelado dentro do peito.  
Chega o bicho, e vai direito  
Ao desgraçado

Prostrado:

Porém (ou seja verdade  
 Que os mortos elles não comem,  
 Ou lhe faltasse a vontade)  
 Depois de o ter farejado  
 Foi-se embora socegado,  
 A vida deixando ao homem.  
 Desce o outro do pinheiro  
 E pergunta ao companheiro,  
 Que estava já levantado:  
 —«Aproveitaste o discurso  
 Que tão pertinho do ouvido  
 Te 'steve fazendo o urso?»  
 —«Amigo!» lhe tornou elle:  
 «Por tudo quanto me disse,  
 Fiquei muito convencido  
*De que é enorme tolice  
 Vender dos ursos a pelle  
 Antes de os ter extendido* (218).»

FABULA 208.

### A raposa e as sarças

Fugia  
 Quanto podia  
 Uma raposa acossada:

Eis que desce uma quebrada  
Tão  
Grande e escorregadia  
(Era um barranco profundo)  
Que alli de certo morria,  
Se não  
A achasse forrada  
De sarças até ao fundo:  
Mas nas ques deixou ficar  
Muito sangue a gottejar.

Bemfeitores d'esta casta  
Semelham certa madrastra  
Que dava o pão á enteada  
Quando enfim  
Esta o pedia  
A chorar esfomeada,  
Mas bem duro; e de repente  
Pela bocca lh'o mettia  
A ver se assim  
Algum dente  
A desgraçada  
Partia (239).

FABULA 209.

**O bilhete de visita**

Farto de fazer visitas  
Massadoras, infinitas,  
Um dia  
Lembrou-se alguém  
Que podia  
Muito bem,  
Se não sempre, bastas vezes,  
Aviar certos freguezes  
Com cartitas  
De que conservava, escriptas  
Nas horas vagas, porção;  
E, chegada a occasião,  
As datava  
E assim mandava  
A este ou áquelle fuão,  
Pois, quaes  
São  
Muitas visitas,  
Entre si eram eguaes  
Ou bem pouco differiam  
E bom serviço faziam.  
Inda assim, breves embora,  
O seu tempo o homem chora

Que perde em as escrever,  
 Tinha muito que fazer:  
 Porisso, de quando em quando  
     Vai resumindo,  
     Cortando,  
 Até que tudo se some  
 Ficando sô o seu nome  
 As cartas substituído:  
 Tal é a origem bendita  
 Do bilhete de visita,  
 Que hoje, mercê do progresso,  
 Já todos usam impresso.

    Este bem  
     Assim obtido,  
 Poucando o tempo perdido  
 Em visitas e massadas,  
     Tambem  
     Se podia obter,  
     A meu ver,  
     Simplificando  
 Muitas cousas excusadas,  
     Sem gastar  
     O tempo em vão.  
     Simplificar  
     Com juizo  
 Guardando só o preciso,  
 É o caminho a trilhar,  
 Na vida particular,  
 Na publica adm'nistração (240).

## FABULA 210.\*

## O burro e o eclipse do sol

Vendo que o sol se escondia,  
Como ainda agora o faz,  
Por trás  
Do globo da lua,  
Eis que logo a bicharia  
De medo sua,  
Alto berra  
E atordoa toda a terra.  
Começa o burro a zurrar,  
Mais e mais forte zurrando  
Quando  
O sol vê despontar;  
No fim impando,  
A dizer:  
—«Vejam qual é o poder  
D'esta voz!  
Seus estampidos  
Temidos  
São  
Pelos astros do céu!  
Nas trevas, não  
Sendo eu,  
E para sempre sumidos



Agora 'stavamos nós.\*

Muitos dos mais aterrados  
 Ficaram capacitados  
 Do que o burro lhes dizia;  
 Que a mentira, acompanhada  
 De ousadia  
 Descarada,  
 Tinha já grande valia (24).

FABULA 211.\*

A arvore dos pomos de ouro

Um homem no seu quintal  
 Tinha planta, sem igual,  
 Arvore muito melhor  
 Que a figueira de Timão;  
 (De Athenas um cidadão,  
 Sempre de pessimo humor,  
 O qual antes de a cortar  
 Para o lume  
 Alimentar,  
 Espalhou pela cidade:  
 — Que, pois estava em costume  
 Irem-se alli enforcar,  
 Quem tivesse tal tenção

Fosse lá com brevidade,  
Ou perdia a occasião.)  
Dava esta pomos de oiro,  
Um milagroso thesoiro!  
Mal o soube aproveitar,  
E d'ahi se desgraçou,  
O dono que se lembrou  
De tal arvore arrancar,  
Para assim ver se lograva  
Mais oiro ainda alcançar.  
Eis como elle arrazoava:  
«—Tem causa sempre um effeito,  
É da logica preceito:  
Se oiro dás,  
Deve esse chão  
Onde estás,  
Onde nasceste,  
Tel-o mais do que te dá  
(Não  
Foste tu que o fizeste.)  
Claro está,  
Se te arrancar,  
Nelle que devo encontrar  
Oiro quanto appetecer:  
Isso, pois, vou já fazer.»  
E philosophava bem.  
Porém  
Da razão humana  
Nada mais nasce ou dimana  
(Muito embora o queira alguem)

Do que o simples argumento ;  
A razão é instrumento  
Que ás vezes aperfeiçoa,  
As vezes vai estragar,  
Quanto a memoria lhe dá.  
É qual moíno de vento ;  
Bom, nos ha de fabricar  
Farinha de trigo boa  
Se trigo capaz moer ;

Mã

Farinha quando o grão  
Fôr elle também assim ;  
Sendo o moíno ruim  
O bom trigo ha de perder.  
Dã-se o mesmo com a razão :  
Quantos homens ha que são  
Dotados d'ella bem clara,  
Porém d'ignorancia rara,  
E, que á falta de moer  
Cousas boas, sem sciencia  
Tudo julgando saber,  
Apenas moem tollices,  
Patranhas e pieguices...  
(Ai de mim! e a paciencia!)  
Outros tem grande fartura  
De sabaça,  
Se magna a sementeira  
Correspondeu-lhe a nascença ;  
Mas perdido sui o estudo,  
Poisque o moíno estragou

Quanto trigo nelle entrou.  
 Isto tudo  
 Quer  
 Dizer:  
 —*Que de pouco valor são  
 Sem a sciencia a razão,  
 Sem esta o muito saber.*—

Nunca o tal  
 Homem pensou  
 Haver alli um mysterio  
 Que excedia o seu criterio:  
 E o qual  
 Convinha deixar  
 Sem tentar  
 Descobrir-lhe a explicação.  
 Arranca a planta, e depois  
 Começa a cavar  
 No chão.  
 Cava um dia, cava dois,  
 Ignoro quantos cavou:  
 Mas sei que nada encontrou  
 Senão  
 Terra, e essa tal  
 Qual  
 Tinham elle e os demais  
 A rodó nos seus quintaes.  
 Sanar  
 Quer  
 Então

O mal,  
 Torna a arvore a plantar:  
 Era tarde, em poucos dias  
 Murcha e sêcca a viu morrer;  
 E, em vez das taes  
 Melhorias  
 Com que se tinha embalado,  
 Morreu pobre e desesperado (212).

## FABULA 212.

## O nariz curado

Um homem tão estragado  
 Chegou a ter o nariz,  
 Que a mestrança condemnado  
 Já lh'o havia a ser  
 Cortado,  
 Sem nada o poder  
 Salvar.  
 Isso o doente não quiz;  
 Especialista afamado  
 Vai consultar  
 E lhe diz:  
 — «Doutor, veja se me cura,  
 Sem que eu tenha de soffrer  
 A terrivel cortadura

Que os seus collegas me jaram  
(Aí! pobres dos que os aturam!)

Não se poder

Evitar.»

— «Qual cortar!»

Torna o doutor:

«Não, senhor:

Apenas entrou, bem

Vi;

Isso cai mesmo por si.»

Quantas cousas tem

Cabido

De maduras,

E quantas hão de cabir

Que nos parecem seguras,

Sem

Um dedo lhes bulir,

Qual o nariz combatido,

Mão grado as opiniões

Contrarias de sabichões;

Uns gritando: de as cortar,

E os outros: de as conservar?

Tudo quanto nasce e cresce

Muito faz se amadurece:

Mas, por fim, tem de acabar (247).

FABULA 213.

## O carro atolado

Atolado um carro estava:  
O carreiro praguejava  
Contra os bois, contra o caminho,  
E até contra si; enfim  
De pragas era um moinho:  
Mas o carro não andava.  
Lembrou-se dos céos por fim:  
— «Se com o mundo carregaste,  
Alcides, sem te cançar,  
Bem me podes ajudar,  
Não precisas de guindaste:  
Um dedinho,  
E me arrancaste  
O carro d'este atoleiro!»  
— «Ahi vou já, mui veloz»,  
Grita dos céos uma voz:  
«Mas espera um poncochinho,  
Pois quero ver se primeiro  
Me tiras com um fneiro  
Essa pedra que ahi vês  
Mesmo deante da roda  
Da direita do teu carro.»  
O carreiro

Assim o fez.

—« Bem: agora enche 'de barro  
E calhão essa sub-roda  
Onde a outra se meteu.»

O carreiro

Obedeceu.

—« Ora pois,

Mette o hombro a esse chedeiro;  
Falla aos bois.»

—« Chêga! » Está o carro a andar!

—« Hei de te sacrificar

Por este favor

Tammanho,

Grande Alcides, o melhor

Carreiro

Do meu rebanho»

Brada o carreiro

Encantado.

—« Obrigado! »

A voz lhe diz:

« Pouco tens a agradecer:

Apenas te quiz

Mostrar

Teres bastante poder

Para, com o esforço teu,

O carro desatolar

Sem ires importunar

Por cousa tão pouca o céu (244). »



## FABULA 214.

## O espinheiro

Um espinheiro rasgava  
Tudo quanto lhe passava  
Ao alcance dos espinhos,  
Tão agudos e damninhos  
Quaes espinheiros os tem.

— «Donde vem?»

Diz-lhe um salgueiro,

«Que feres tudo o que passa?»

— «De eu achar

Prazer e graça

Em

Rasgar

O mais que possa.»

Lhe responde o espinheiro.

Ha no mundo gente assim;

Que tem

Da maldade a bossa,

Que gosta de ser roim (215).

## FABULA 215.

## O rebanho

Um rebanho revoltou-se  
(Fosse lá pelo que fosse)  
Contra o cão, contra o pastor;  
E julgou que era melhor  
Acabar com a monarchia,  
Voltando à doce anarchia  
D'aquelles tempos primeiros  
Que os poetas inventaram,  
Quando ternos misturaram  
Os lobos com os cordeiros.  
Numa bella madrugada  
Foge tudo em debandada.

Houve quem  
Quizesse o mando  
Ter então da carneirada,  
Tal ensejo aproveitando  
Para também  
Governar;  
Mas levou basta marrada  
E nada  
Pôde alcançar.  
Correu tudo muito bem  
Naquelle primeiro dia;

Com fartura  
Pasto havia,

Não se extraviou ninguém.  
Mas, chegando a noite escura  
Cercada dos seus horrores,  
Viú-se o rebanho mesquinho  
Sem aprisco e guardadores.  
Torcem todos o focinho:  
Mais d'um já suspira afflicto  
Pelas cebolas do Egypto.  
Crescem com a noite os cuidados:  
Pelos lobos assaltados  
Eil-os que fogem sem tino;  
Muitos o cruel destino  
Soffrem de ser devorados;  
Outros morrem afogados.  
Varios acham seu exicio  
No fundo d'um precipicio.  
Raia enfim a madrugada;  
Reuniu-se em assembleia  
O resto da carneirada  
E, descontente com a estreia,  
Decidiu que era melhor  
Voltar logo ao seu pastor.  
Assim fazem sem demora,  
Assim vivem té agora,  
E bem è de acreditar  
Que hão de assim continuar.

Pôde ser que apaixonado

Do governo realista  
Tu me julgues, meu leitor?  
Pois estás muito enganado:  
Nem d'esse, nem de nenhum  
Da muito comprida lista:  
Porém, seja elle qual fôr,  
É forçoso que haja um.  
Escolham, pois, o melhor,  
Já que d'elle se carece,  
Tudo vai no escolher  
O que mais lhes convier.  
Se doenças não houvesse,  
De certo que se vivia  
E morria

(De velho) sem medicina,  
Remedios e boticarios;  
Assim males necessarios,  
Muitos governos tem sido.  
Quando o homem pervertido,  
Desatina  
Quando alem da tolo, é máo,  
(E quantas vezes malvado!)  
Sempre ha de ser  
Governado

Não pela lei, mas a páo  
(Tanto orça,  
Pois tudo quer  
Dizer  
Força)

E por um ou outro modo

Explorado  
Com qualquer  
Perfido engodo,  
É um governo ruim  
Por sahir da mesma massa  
Dos que elle governa assim.  
Não me consta que se faça  
Homem probo, justiceiro,  
Em villão  
Por ter a vara na mão;  
Ou sesudo financeiro  
Um safado caloteiro;  
Ou estadista profundo  
Papellão,  
Grande pateta,  
Palrador, chócho poeta,  
Como ha tantos pelo mundo;  
Porque foram acclamados  
Pelos seus apaniguados,  
Que os querem assim ruins  
(Todos sabem com que fins)  
Governando algum Estado.  
Sò povos degenerados  
Cumplices d'elles serão.  
Para ser  
Bem governado,  
Ou fazer  
Do desgoverno  
Bom governo,  
É vão

O nome alterar:  
Se o actor não vale nada,  
Que importa a peça  
Mudada?

Sempre ha de representar,  
Que mereça  
Pateada.

E, se o publico não presta,  
O que é mão, bom lhe pareço,  
E detesta  
O que fôr  
Optimo actor.

Porisso já disse alguém:  
—«Geralmente um povo tem  
O governo que merece.»

Povo, se governar queres,  
Ou, melhor,  
Desejas ser

Com justiça governado,  
(Pois tudo o mais é baldado)  
Deves tratar de apprender  
Os direitos e os *deveres*  
(De ordinario desprezados)  
Dos homens livres e honrados.

Se levado  
Da vaidade  
Cedes a instinctos ruins,  
Esqueces duras lições,  
Tomas por santa verdade

Quanto certos intrujões  
 Te imbutem para seus fins;  
 Não te vás depois queixar  
 De quem te *ha de*  
*Governar* (2<sup>o</sup>).

## FABULA 216.ª

## O capote

— «Venho, amigo,  
 Ter comsigo  
 Para pedir-lhe emprestado  
 Todo este dia  
 Um capote»  
 Dizia  
 Certo sujeito  
 (Suspeito  
 De haver pregado  
 E mais de uma vez calote)  
 A outro seu conhecido.

— «Tem chovido»  
 Responde o homem da capa,  
 Julgando que assim lhe escapa:  
 «E é provavel  
 Que hoje todo o dia chova;  
 Começou com a lua nova,

E note  
 O céu como está;  
 Com tempo tão detestavel  
 Como hei de emprestar capote?  
 Tenho um só.»  
 — «Essa é boa, e mette dó!  
 Dar-se-ha  
 Que exista algum miseravel  
 Que dois capotes não tenha?»  
 Pergunta em tom zombeteiro  
 Desconfiado  
 O primeiro.  
 — «Ha você» conclue zangado  
 O outro: «que nenhum tem,  
 E sem  
 O meu lá se avenha.»

Virtudes e atenções,  
 Ou por grosso ou por miudo,  
 Segundo as occasiões:  
 Nos outros deve haver tudo,  
 Ou não  
 São  
 Homens de bem;  
 Porém  
 Nós, que nos queixamos  
 Quando a porta lhes achamos  
 Algumas vezes fechada,  
 Basta termos pouco ou nada (247).



## FABULA 217.\*

## O boticario e os remedios

Não recuses para ti  
O que para os mais desejas:  
De contrario,  
Imitas o boticario  
Do conto que trago aqui,  
Qual espelho onde te vejas.

Cai doente  
De repente  
Boticario afreguezado.  
Perguntado  
Que remedio ha de tomar  
Dos que na botica tem,  
Desata logo a gritar:  
— «Vocês vem  
Com tenções de me acabar?  
A botica é excellente  
Para algum freguez doente;  
Para mim de nada presta,  
Que não conto morrer d'esta.»

Quantos boticarios ha,  
Tem havido, por ahi,

Apregoando maná  
Que não querem para si? (243).

## FABULA 218.\*

## O congresso dos ratos

Um gatarrão, um diabo  
(Por signal que era maltez,  
Sem orelhas e sem rabo)  
Tinha jurado dar cabo  
De quantos ratos havia  
Pela sua freguezia;  
E enviar, por uma vez,  
Todo o rato ou ratazana  
Aos bichanos de *Pantana*.  
Os ratos espavoridos,  
Em suas tocas mettidos,  
Chiando de fome e medo,  
Sempre na bocca com o credo,  
Não sabiam se escolher  
O morrer,  
Ou o emigrar,  
Como esp'rança derradeira  
Para a raça se salvar.  
Uma noite, pois, que ouviram  
Nos descantes do telhado

Medonba a voz do malvado,  
Em 'spaçosa carvoeira  
À pressa se reuniram  
Para trazer a questão  
À tēla da discussão.  
Brilharam os estylistas,  
Os profundos estadistas,  
De que havia profusão.  
Muita chufa alli se disse,  
Muita parva bernardice,  
Muito sēdiço argumento,  
Muita allusão  
Indecente;  
Appar'ceu muito jumento  
Com a tal pelle do leão:  
Foi, em summa... um parlamento.  
Mas votou-se finalmente,  
Proposto por um *prudente*  
Rato velho, visionario,  
Doctrinario,  
Medalhão  
Peste do Estado  
(Quaes os doctrinarios sãõ)  
Que fosse logo amarrado  
Um grande e sonoro guizo  
Ao pescoço do malvado;  
Que assim lhes daria aviso  
Toda a vez que se mexesse  
Com tenções de os ir caçar,  
E que cada qual pudesse

Fugir á morte macaca  
Dentro da sua buraca;  
Devendo o guizo levar  
Gravado o nome do auctor  
Que o remedio foi propor.  
Tudo vota a gente : ata  
Aos gritos de «fere o mata!»  
Quando se quiz pôr em obra  
Esse famoso decreto,  
O primeiro que sossobra  
É o auctor do tal projecto.  
Diz :—«Que esteja prompto a dar  
Pela patria o sangue seu  
Quem o pode duvidar ?  
Se até alli o não  
Deu,  
Bastantes vezes correu  
O p'riego de o derramar.  
Que outros se vão  
Arriscar  
Pela patria d'esta vez,  
Como elle fez  
Noutra idade  
Mer'cendo a immortalidade,  
Uma estatua e o Pantheão.»  
Assim fallou o portento  
E ninguem  
Lhe deu com um péo :  
De molbo ficou o intento  
Em

Aguas de bacalhão;  
 A pôr o guizo no gato  
 Nenhum rato  
 Allí se quiz arriscar.

Quando o caso é só fallar,  
 Muitos ha que fallam bem:  
 Mas, tratando de arrostar  
 Com algum p'rigo imminente,  
 Ha pouca gente  
 Ou ninguem (\*19).

## FABULA 219.\*

## O macho fidalgo

Um macho não se calava  
 Com a mãe; a qual blasonava  
 Fôra a egua mais formosa,  
 Mais famosa,  
 Mais nobre que tinha havido.  
 Descendia  
 (Como? só elle o sabia)  
 D'aquelle nobre cavallo,  
 Nascido  
 Do grande abalo  
 Que Neptuno á terra deu,  
 Quando um dia

Concorreu,  
De annos ha boas centenas,  
Com Minerva, a gran-matrona  
Sabichona,

Por causa da nobre Athenas.

Figurado

Sempre havia toda a vez

Que se fez

Casamento,

Baptizado,

Sabimento,

E outros taes

Actos nos Paços Reaes.

Leve qual o leve vento,

De corridas mais d'um cento

Tinha ganho aqui, além.

Era um nunca se calar:

Porém

Do pae não fallava;

E porisso se viagava

Zombando nelle o povinho

A dizer:—«Que o sen solar

Era longe de um moinho

Para o qual acarretava,

A suar.

Muito trigo e muito milho,

Emquanto o tolo do filho

De nobreza se gabava.»

Se o macho não se emproasse

Tanto, fallando da mãe,  
*Talvez* o povo também  
 Menos no burro fallasse (250).

## FABULA 220.

## O corvo querendo imitar a aguia

Não é o corvo de certo,  
 A meu ver,  
 Menos esperto  
 Do que os outros animaes;  
 Mas muitas vezes pretende  
 Exceder  
 Os seus eguaes  
 E ainda os que podem mais:  
 É nisso que elle se estende.  
 Assim foi que se extendeu,  
 E muito bem ao comprido,  
 Certo corvo presumido  
 Num caso que succedeu.

Vendo uma aguia levar  
 Para o ninho  
 Nas garras um cordeirinho,  
 Logo as contas foi deitar  
 De o mesmo também fazer.

Vai para isso escolher  
Num rebanho  
Com a vista um bello cordeiro,  
Mas tão lanzado e tanninho  
Que mais parece um carneiro;  
E, rosnando: — «Es mui guapo!  
Has de chiar-me no papo»  
Com ridicula fereza  
Se lançou  
À bella presa.  
Porém contra o feiticeiro  
O feitiço se voltou;  
Poisque tanto emmaranhou  
Os pés e as unhas na lã,  
Que foi vã  
Qualquer  
Tenção  
(Vendo a empreza malograda)  
De bater  
Em retirada:  
E peior  
Foi quando a mão  
Sobre elle o pastor  
Lançou  
E, por brinquedo, o levou  
Para casa aos seus rapazes.  
  
Repara bem no que fazes  
Quando aos outros te equiparas:  
Foge de acções indiscretas,



Qual o corvo não te mettas  
Em camisa de onze varas (251).

FABULA 221.

A mosca e o veado

Mosca atrevida e vaidosa,  
Das que perseguem o gado,  
Sobre a armação majestosa  
D'um veado  
Foi poisar,  
Vendo-o depois a cabeça  
Abaixar  
Para pastar,  
Lhe diz:—«Olha eu não te impeça  
Com o meu peso: vou-me embora,  
Já descancei um bocicado,  
E basta de incommodar.»  
—«Só agora  
Percebi  
Que 'stavas pousada ahí.»  
Responde o nobre veado.

Quantos ha que julgam ser  
Figurões muito notaveis,  
Ou por seu grande saber

Ou sua prudência rara,  
 Sem poderem perceber  
 Que são moscas miseráveis  
 E nas quaes ninguém repara (12).

## FABULA 222.

## O prego e o parafuso

O prego e o parafuso  
 Para pregar  
 'Stão em uso.  
 O segundo de vagar,  
 Prêga a taboa, a fechadura...  
 E fica a obra segura;  
 Sem ruído  
 Faz aceiado trabalho,  
 Digno de bom carpinteiro.  
 O primeiro,  
 O triste prego,  
 Batido  
 Ou a martello ou a malho,  
 Leva pancada de cego  
 Muito á pressa,  
 Que ora lhe dá na cabeça  
 (E, se alguma vez  
 Resvala

Sobre a taboa, vai rachal-a)  
Ora o intorta,  
Ficando ás duas por três  
Qualquer obra feia e torta :  
Mal segura  
A fechadura  
Sem nos dispensar a tranca,  
Pois se arranca  
Num momento.  
E não fallo no tormento  
Do estardalhaço  
Infernal,  
Com o qual  
Mui pouco agradeço.  
Por tudo isto, do prego  
Arrenego,  
Só uso  
Do parafuso.  
Pois ha muito parvo ou cego  
Que diz preferir o prego.  
Se é sincera a affirmação,  
Ignoro: alguns serão  
Em vez de parvos velhacos ;  
Mas seja lá como fôr,  
Faça-se tudo em  
Cavacos:  
O caso é só figurar,  
Sem  
Pensar  
No que é melhor;

Fazer bulha,  
Pois mais vale quem  
Mais grolha.

O intrujão 'stá seguro  
De que sempre ha de abrir laro:  
Por ignorante que seja,  
De encontrar  
Quem menos veja  
Tolo que o deixé  
Pescar,

Com linhas rectas ou curvas,  
Bello peixe  
Em aguas turvas:  
E, se a taboa se rachar,  
Tanto monta;  
Não racha por sua conta.

Respondia,  
Accusado  
Por alguém  
De que ás vezes defendia  
O mal em logar do bem,  
Escriptor  
Muito afamado:  
— «Para quem  
Eu me dirijo,  
É melhor  
Bater bem  
Rijo

Do que báter acertado (183).»

## FABULA 223.

## A opinião publica

Um moleiro ia uma vez  
Com seu filho, rapazito  
Já de quinze, mais ou menos,  
Vender á feira do mez  
Um burrito,  
Porém não dos mais somenos.  
Vai no burro o rapazinbo.  
Eis encontram um vizinbo  
Que, zangado, assim lhes grita:  
— «Cousa é pouco bonita  
Ir teu pae *pede calcante*,  
E tu, rapaz, mui chibante  
Nesse jumento montado.  
Como está tudo mudado  
Hoje em dia!  
No meu tempo quem  
Havia  
De ver o que hoje se vê!  
Mas a culpa tem  
Você,  
Que assim o foi educar.»  
Como não par'cesse bem,  
Mandou

O velho apear  
Ao filho, e elle montou.  
Vão andando até que vem  
De raparigas um rancho.  
Entra logo uma a gritar:  
—«Pobre rapaz, coitadinho!  
Descalcinbo  
E a tropeçar  
Por este ruim caminho,  
Enquanto o homem moi ancho  
Vai no burro amezendado,  
Qual a pessoa d'el-rei!  
Eu t'arrenego, malvado!  
O que tu qu'rias, bem sei...»  
—«As armas!» outra gritou  
E tocou,  
Fazendo da mão trombeta:  
«Té, teré, terètètè!  
Olhem! mentado  
Á gineta  
S. Jorge! não traz  
Estado,  
E seu pagem vem a pé.»  
Outra diz:—«É engeitado!  
E porisso o tracta assim  
O ruim  
Do Barrabás.»  
Cada qual n'elle derriça.  
—«Meninas, vão pentear  
Macacos; ou vão á missa,

Que 'stá o padre ao altar.

Muito riso

Pouco siso:

As suas palavras ôcas

Faço eu orelhas moucas;

Mandriças vão fiar!»

Porém quando as raparigas,

Com seus ditos e cantigas

Tomaram outro caminho,

Disse o velho ao rapazinho

Que montasse elle tambem.

Ainda não tem

Andado

D'este modo o seu bocado,

Logo com chufas o assa'la

De praguentos nova malta,

Um dos quaes exclama:—«Olá!

Fôra seu esse rossim,

Tinha você

Mais dô d'elle;

Nunca o maltratava assim.

Seu não é.

Ou lhe vai vender a pelle

E da feira volta a pé.»

—«Quem chegou à sua idade»

Brada outro: «isso não faz!

Que é uma barbaridade

Ir você mais o rapaz

Ambos no bruto montados,

Num burro dos mais safados,

Que não pôde com vocês.»

Seguia mui bem

Calado

O moleiro no seu burro;

Mas já lhe cheirava a esturro

O ser sempre criticado.

Quiz porém

Inda uma vez

A conselhos acceder

Para ver

Se, depois de tanta guerra,

Os deixavam ir em paz.

Põem ambos o pé em terra

E vão

Caminho da feira

Atrás

Do burro, que avança

Encantado com a mudança

Que lhe não

Parece asneira.

Inda nem

Tinham chegado

Ao principio do mercado,

Quando alguem

Rindo assim grita:

—«Esta agora é que é bonita!

O burro vai escoteiro,

E o rapaz mais o moleiro

Vão-lhe ás ancas

Dando ás trancas!



Não fora melhor leval-o  
 Num de vocês  
 A cavallo?  
 Qual o mais burro é dos tres?»  
 — «Metta tambem o bedelho!  
 Serei eu» lhe torna o velbo:  
 «Que fui um asno chapado  
 Por ter qu'rido, sem cessar,  
 Toda a gente contentar:  
 Mas agora estou curado,  
 Não torno mais a cair  
 Em seguir  
 Os conselhos de ninguem.»

Não tinha toda a razão:  
 Se tal fez, não  
 Andou bem  
 O moleiro; pois diff'rente  
 É seguirmos cegamente  
 O que um ou outro fuão  
 Nos diz ser cousa acertada  
 De, sendo ella bem pensada,  
 A abraçarmos então  
 Sem nos importar mais nada (254).

FABULA 224.

**O fanfarrão**

Um fanfarrão blasonava  
Que dera e havia de dar,  
Porém  
Que ninguem  
Lhe dava.

— «Nunca teve de lactar,  
Embora sempre vencesse,  
Com quem  
Mais força tivesse?»

Um ouvinte perguntou.

— «Isso nunca!» replicou  
Mui depressa  
O fanfarrão.  
— «Onde então  
Está essa  
Valentia?  
Pois mostral-a tem  
Sabido  
Só medido  
Com quem,  
Menos forças tendo,  
Provou maior bizzarria  
Combatendo

Com você que mais podia ?»

Se podes ou vales mais  
 Que os demais,  
 E se os vences á vontade,  
 Em que provas ter valia?  
 Porque tens d'isso vaidade (253) ?

FABULA 225.ª

A corte do leão

Em solemne recepção,  
 Num dia de grande gala  
 E corte d'el-rei leão,  
 Serviu o antro de sala.  
 Não cheirava ás violetas:  
 Mal podendo disfarçar  
 Um urso fez taes caretas,  
 Tapando  
 As ventas com a mão,  
 Que, levando  
 Um cachação  
 De el-rei, que os sabia dar,  
 Caiu redondo no chão,  
 Nunca mais se levantou.

—«Que tal te parece o cheiro?»

Perguntou

O leão a um macaco.  
Este, muito lisongeiro,  
Pois viu que para tabaco  
Levara, por verdadeiro,  
O urso, poz-se a gabar  
Aroma tão singular;  
Nem rosas nem ambrosia

Lhe podia

Comparar.

Julgou a lisongeria  
Muito calva ser de mais  
O senhor dos animaes,

Ou corria

Hora aziaga

Aos cortezãos: paga

Egual

Á do urso recebeu  
Este, que tambem morreu.

—«E a ti?»

Que tal

Te parece?»

Perguntou a uma raposa.

Responde esta:—«Que não ousa

Dar alli

Voto nenhum,

Embora bem

O quizesse;

Traz um catarrho nasal

E não tem  
Olfato algum.»

Anda mal  
Quem  
É brutal

E diz *verdades* grosseiras;  
Ninguém  
Lh'as vai supportar:

Anda de certo peor  
Quem mentiras lisongeiras,  
Elogios descarados,

Fôr

Dizer para agradar.  
Em taes casos o melhor  
É calar,

Se não somos obrigados  
A fallar,

(Silencios ha eloquentes)  
Se o formos, meios decentes,  
Procurar

Sabindo pelas tangentes (258).

FABULA 226.ª

O lobo e os pastores

Ha quem conte  
Que um lobo quiz emendar-se

De sua innata fereza,  
Costumar-se  
A comer  
Herva do monte.  
O vencer  
A natureza  
Difficil é na verdade:  
Impossivel, porém, não,  
Com a vontade  
Guiada pela razão  
Contra a instinctiva maldada.  
Stava já mais costumado  
Aquelle novo viver,  
Que o tal cavallo afamado  
A de todo não comer.  
Eis que vê  
De noite, numa clareira  
Do bosque, grande fogueira;  
E lá vai, pé ante pé,  
Muito a sesto  
Espreitar o que seria.  
Era uma ceia, uma orgia  
Depois de grande magusto,  
Onde com carne e com vinho  
Festejava o S. Martinho  
Uma chusma de pastores,  
Jogando muita laracha  
E aos abraços á borracha.  
— «Caspité! caros senhores!»  
Resmunga o lobo comsigo:

«Sou façanhudo inimigo  
 Eu, se faço o que fazeis...  
 Com que então,  
 Emitanto que assim comeis  
 As carnes dos animaes  
 Que defendeis,  
 Que guardais,  
 Vós que tendes bello pão  
 E mil boas cousas mais,  
 Coma en herva do chão  
 Ou morra ali de lascira?  
 Por vós agora ensinado,  
 D'essa asneira  
 Estou curado.  
 Sois qual era frei Thomaz  
 Quando moral prégar quiz:  
 —Faze tu o que elle diz,  
 Não faças o que elle faz.—  
 Pois eu vos quero imitar;  
 Quanta rez  
 Ora apanhar  
 Protesto que hei de comer.»

Ao que exemplo bom não  
 Der,  
 Toda a vez  
 Que o deva dar,  
 Ha de impetar  
 Com razão  
 Quanto mal venha a soffrer

Aquelle que é desgraçado  
So pelo haver  
Imitado (<sup>227</sup>).

## FABULA 227.\*

## O homem e as moscas

A mosca que elle apanhasse  
Olhem lá que perdoasse!  
E o mesmo sempre fazia  
Um homem, quanto podia,  
Destruindo o que era máo  
A veneno, a tiro, a páo.  
Ora um dia  
Alguem lhe disse:  
—«Guerra ás moscas é tolice  
Tocando as raias da asneira;  
Pois não vês  
Que, se matas dois, ou tres,  
Muitos centos,  
Quasi só  
Nessa canceira,  
Nessa comica cruzada,  
Dando  
Estás ponto sem nó?  
Não logrando



Teus intentos,  
 Moscas ficam aos milhões ?»  
 — «Guarda as tuas reflexões,  
 Que não valem mesmo nada»  
 O homem lhe respondeu :

«Deve esta raça  
 Malvada

Acabar. Desappar'ceu  
 E tudo o mais que é ruim,  
 Logo que cada qual faça  
 O mesmo que faço eu,

Quer  
 Dizer,  
 O seu  
 Dever.

Des outros não sou mentor  
 E verdade ; mas por mim  
 Devo, e hei de, responder.»

Pensassem todos assim  
 Andava o mundo melhor (258).

FABULA 228.\*

Os livros trancados

De visita a amigo seu  
 Um cavalheiro ceden

(No escriptorio, ou livreria,  
Emquanto por elle esp'rava)

À natural tentação

De apanhar,

De examinar

Folhas a livros cortadas,

Arrancadas,

Das quaes via

Que grande porção

Estava

Espalhada pelo chão.

Pasmado, não percebia

Do vandalismo a razão.

Eis o amigo vem, e diz :

— «D'essa acção,

Que lhe parece folia,

Quero fazel-o juiz.

Tenho livros e bastantes

Ahi

Por essas estantes,

Dos quaes grande parte li;

Marcando á margem aquillo

Que não fazia bom chyto :

Plagiatos,

Repetições,

Palavrões

Altisonantes,

Proprios sò de mentecaptos,

Que nos deixam como d'antes

E que são descòcos

Ocos  
Que nada vem  
Easinar.

Quero agora encadernar  
Parte dos livros; porém  
Só quanto d'elles prestar.  
Eis porque lhes fui cortar  
Toda a folha condemnada:  
Para que ha de ser guardada?.

Qual o musulmano Omar  
Quasi pensava o christão,  
E com alguma razão.  
Livros ha que valem... nada;  
E muitos outros tambem  
Nos quaes a tal tesoirada  
Era mui bem  
Empregada.  
Demais, creio

Que o mundo hoje está cheio  
De livros que tem  
De ser  
No futuro dispensados.  
Publicar que quer  
Dizer,

Todos os annos, tratados,  
As duzias, aos cem,  
Aos mil,  
(Levantando tanto pó  
Com agitação

Febril)  
 Sobre assumptos demonstrados?  
 Exploração  
 Mercantil?  
 Sendo a verdade  
 Uma só,  
 Um livro deve bastar,  
 Bem pensado,  
 Em cada sciencia ou arte  
 Para em toda e qualquer parte  
 Ensinar  
 Bellamente a humanidade,  
 E, á proporção que rasgado  
 Pelo seu esforço nobre  
 Fôr o véo que nos encobre  
 Inda parte da verdade,  
 Também ha de  
 Descobrir *Descobrir*  
 Essa furia de escrever <sup>(257)</sup>

FABULA 229.<sup>a</sup>

### O arroz doce dos Franciscanos

Isto foi ha muitos annos,  
 Inda havia Franciscanos!  
 Athletas d'outras edades,  
 Que o mundo no seu andar

Teve um dia de esmagar...  
Deixemos, porém os frades.  
O que desejo contar  
É só um dito engraçado,

Bem  
Pensado,  
E de valor,  
Fosse lá quem  
Fosse o auctor.

Do grande santo no dia  
Os seus filhos adoptivos  
É sabido,  
Tinham bom lauto jantar:  
A gastos não se fugia,  
Nos conventos respectivos:  
Comida boa e a faltar,  
Pois lhes era  
Permittido  
O quebrar  
A regra austera;  
E todo o bom Franciscano,  
Que de tal dia do anno  
Sandoso estava á espera,  
Atolava o grande dente  
Em perú, em pato assado,  
Enterrado  
No seu arroz competente,  
Em leitões  
E em cordeiros

Que á mesa vinham inteiros,  
E não em banalidades,  
Em *menus* de pasteleiros:  
Um jantar de indigestões,  
Se as podessem ter os frades!  
Alargavam-se os cordões:  
E fazia-se honra á mesa.  
Depois vinha a sobremesa;

E era do ritual

Um prato monumental  
De arroz doce por cabeça:  
Outrosim 'stava ordenado  
Que o dito prato, ou travessa,  
De flores viesse enfeitado.

Ora um dia

Veiu o prato ermo de flores!  
O que causou seus rumores

Em geral

Na fradaria

Que de bons olhos não via  
Jámais uma innovação  
(Era cousa natural  
O serem conservadores.)

Entre elles um sacristão

Já velho,

Rato pellado,

Indignado

Ia comendo e rosaando  
E feias pragas rogando  
A quem dera tal conselho.

Tanto fez que incommodou  
 Os que estavam ao seu lado,  
 Um enfim lhe diz: — «irmão!  
 Se o arroz doce não faltou,  
 Porque tanta indignação?  
 A falta que tem do enfeite  
 Fal-o-ha menos acceite,  
 Embota menos formoso?»

«Stá famoso!

E a razão

Mal vejo dos seus furores»  
 — «Pois vejo-a eu muito bem!»  
 Replicou o sacristão:  
 «Faltam este anno com as flores  
 E, para o anno que vem,  
 Se começam com mudanças:  
 Em nossas santas usanças,  
 Lá se vai o arroz tambem.»

O frade pensava bem:  
 Sua resposta discreta  
 Palavra foi de propheta!  
 Quanta cousa é conservada  
 (E quanta se conservou)  
 Só por 'star bem enfeitada,  
 E que hão de ver desabar  
 (Como muita desabou)  
 Se lhe chegam a tirar,  
 Como tiraram ao prato,  
 O seu primitivo ornato (260)?

## O macaco e a lanterna magica

Receiando com o patrão,  
Que mostra a lanterna magica,  
Ter alguma scena tragica  
De chicote e cachaço  
Por tratantada que fez,  
Certo macaco diz:— «pês!  
Para que vos quero?» E vai  
Dando, quanto pôde, á perna;  
E não sai  
Muito escoteiro  
O brejeiro,  
Poisque a lanterna  
Furtou.

Mas, se assim se abotoou,  
Muito embora fosse esperto,  
Não lhe tinha descoberto  
O modo de trabalhar.  
E porisso aconteceu  
Que, fugindo, se esqueceu  
De levar  
Tambem com ella  
O tal  
Candieiro, ou vela



Sem o qual  
Nada se via.

A lanterna quer mostrar  
Na patria, para onde foge  
Com o fim de a civilizar  
A troco de bom dinheiro  
(Já d'isso então se fazia,  
Como ainda se faz hoje:)  
Porém falta-lhe o saber,  
Falta a luz do candieiro...  
E, nada podendo ver,  
Furibundos os macacos  
Fazem a lanterna em cacos.

Assim foi e ha de ser,  
Quando tentarem fazer  
Num paiz innovações  
Ignorantes  
Intruções  
Com fama de sabichões:  
Depois de mil provas duras  
Fica tudo como d'antes,  
As escuras (261).

## FABULA 231.

## A sorte

Um mercador conseguia  
Facilmente enriquecer,  
Poisque todo lhe corria  
O melhor de appetecer.  
Onde outro qualquer  
Perdia,  
Era certo, elle ganhava;  
E, se alguém lhe perguntava:  
— «Como é isso?»  
— «Pois olhe, não é feitiço  
Nem milagre d'algum santo»  
Respondia com seu tanto  
De disfarçada vaidade:  
«Talvez me venha o proveito  
De algum jeito,  
Não direi habilidade...»  
Mas no intimo pensava:  
(Emquanto á cara puxava  
Os enormes collarinhos):  
— «Amiguinhos!  
É verdade bem sêdiça  
— Quem não sabe não diz missa.»  
Passados porém uns tempos,

Principia a desandar  
A roda: vem  
Contratemos.  
Já não pretende ganhar,  
Basta-lhe só não perder:  
Perde porem,  
Ou comprando  
Ou quando  
Busca vender.

Eis logo o homem começa  
A queixar-se amargamente  
Não de falta de cabeça,  
Mas sim da sorte mofenta,  
Que lhe estraga cruelmente  
Quanto com geito elle intenta.

Se tudo nos corre bem,  
Do nosso merito vem:  
O mal se nos acontece,  
É da sorte  
Que parece  
Um odio nos tem  
De morte,  
E quer-nos pôr mesmo rasos.

Sortes não ha nem  
Acasos:  
Tudo está por leis regido  
Que ninguem  
Póde dobrar;

E sempre é  
Bem  
Sucedido  
Nesta vida quem  
As vê :  
Quantas  
Vezes se enganar  
Tantas  
Certo, ha de perder.  
Embora tambem  
Se dê  
Que um ou outro, sem  
As vêr,  
Ou pensar  
Haver  
Taes leis,

As siga, e possa alcançar  
Posição, contos de réis.  
Assim, na farça chistosa  
O Jordão sem tal saber  
Falla ha tantos annos prosa (262).

## FABULA 232.\*

## O coelho e a doninha

À sua toca voltando  
Coelho que ao pasto fôra,

Vê que a estava occupando  
 Uma doninha; á qual diz  
 Que se mude para a rua

Sem

Demora.

Ella porém

Tal não quiz

E responde:—«A casa é sua?

Quem

Lh'a deu? quando a comprou?

E, se me diz

Que a herdou,

Mostre os títulos, se os tem,

Com que prove que ella fosse

D'aquelle que lh'a deixou?

Tenho posse,

A posse dá-me direito.»

Não viu o coelho geito

De a doninha se ir embora

Por vontade:

D'ahi a necessidade,

Que teve, de á *Boa-Hora*

Do cantão chamar a mãe

Pondo-lhe acção de despejo

Perante um gato de beca.

—«Cheguem-se mais; nem

Os vejo

Nem os ouço,

Pensão

De quem

Já foi moço:»  
 O dr. gato lhes diz.  
 Ambos vão de boa fé  
 Para ao-pé  
 Do seu juiz.  
 Isso foi o que elle quiz:  
 Unha aqui, unha acolá,  
 A ambos a morte dá.

Estou certo, e é honra nossa,  
 De que tal caso só possa  
 Dar-se entre os irracionaes,  
 Nunca em nossos tribunaes.  
 A verdade, porém, é  
 Que as causas muita vez correm  
 De embaraços tão cercadas,  
 Tantas despesas occorrem  
 (Dizem até  
 Velhacadas,  
 Corruptellas  
 Subalternas

Apesar de mil *tabellas*)  
 Que, em vez de dias, ou mezes, *duram*  
 Bastas vezes  
 São eternas;  
 E a final  
 Nas mãos do gato morrer,  
 Ou sem  
 Vintem  
 De laseira,

Venha entre um e o outro mal  
O grande demo escolher <sup>(163)</sup>.

## FABULA 233.

## Os tres desejos

Dois velhos (era um casal)  
Viviam, e menos mal  
Em tempos já muito antigos:  
Brigas  
Nunca, e cuidados  
Só os pelo céu mandados:  
A velha não tinha amigas,  
Nem tinha o velho inimigos.  
—Para o homem foi creada  
A mulher — assim o diz  
Já Moysès no *Genesis*;  
E cousa foi bem pensada!  
Pois aturar quem havia,  
Se não ella, uma creança,  
Ainda que fosse mansa,  
Quanto mais sendo  
Bravia?  
E, o homem envelhecendo,  
Quem atura o ralhador?  
Só pôde ser  
A mulher;

E, se fôr

Velha, melhor :

(Ainda assim o *libretto*

Ha de ter mais dum *duetto*.)

Facil serà enconral-a;

Mas, se a velha não houvesse,

Fora mister invental-a.

A vista d'isto

Parece

Que bem se pôde dizer

A vida do homem ser,

Por esse mundo de Christo,

Uma linha torta ou recta

A qual nasce e se completa,

D'um chinelo a começar

Noutro por fim a acabar :

Sai do chinelo da mãe,

Anda mal ou anda bem...

D'isso não quero tratar;

Mas, se tem

Longo o viver,

Ha de por certo ir buscar

Quem

O possa enfim soffrer;

E eis o ultimo êlo

Da cadeia — outro chinelo !

Eu já me 'stou preparando,

Poisque o meu se vai chegando.

Uma noite que sentados



Stavam á quente lareira  
Socegados,  
Disse a velha:—«Quem me dera  
Que uma boa feiticeira,  
Como dizem houve já  
Noutra era,  
Viesse agora por cá  
E desejos me cumprisse  
Tres, e quaes eu lh'os pedisse.»  
Mal tinha o dito acabado,  
Eis de cima do telhado  
Uma voz lhe respondeu :  
—«Ouvi o pedido teu  
E quero cumprir os tres  
Desejos que me pedirem ;  
Mas é só por esta vez.  
Para menos discutirem,  
Tu pedirás o primeiro,  
O teu marido o segundo,  
De ambos será o terceiro.»  
Pasmado, cogitabundo,  
(Era muito natural,)  
Ficou  
O velho casal!  
Pouco e pouco se animou,  
Decidido  
A bem pensar  
Cada qual  
O seu pedido.  
Estando

A velha a scismar  
Escapa-lhe então dizer  
(Quantas vezes se vê isso)  
Olhando  
Para o brazido:  
— «Quem me dera agora ver  
Um chouriço  
Aqui a assar nestas brazas.»  
Tremem de alto a baixo as casas  
E desce da chaminé,  
Qual um raio,  
Bello chouriço, que até  
Podera chamar-se paio.  
Quasi que teve um desmaio  
A velha! O velho indignado,  
Mal que pôde fallar, diz:  
— «Gran-de-ssi-ssi-ma gulosa!  
Eu não quizera outra cousa  
Senão,  
Vel-o pendurado  
Agora do teu nariz!»  
Eil-o na penca filado  
Da velha e tão  
Agarrado  
Que não  
Se tira d'alli,  
Por muito que ella derrice.  
Cai o velho logo em si  
Vendo que, em vez de emendar  
A pintura, a foi borrar,

E atrapalhado lhe disse :

— «Que havemos nós de fazer?»

— «Eu quero, eu quero morrer»

Grita a velha a bom gritar:

«Se não me tiram já isto!»

— «Stá bem visto»

Torna o velho:

«Não podes assim ficar,  
Chamemos já a conselho  
Os grandes facultativos;  
Tem de certo curativós,  
Quando o não possam cortar,  
Que o façam ahí seccar.»

Nisto ouviu-se dos telhados  
Descer uma gargalhada,  
Que os deixou capacitados  
De que não faziam nada  
Com a sciencia dos doutores.  
Recomeçam os clamores  
Da velha. Torna o marido :

— «Temos ainda um pedido  
Que fazer: seja a riqueza;  
Tudo ella muda em bellera.  
Mandas layrar um estojo  
De oiro fino e pedrarias,  
Nelle esse chouriço enfiar,  
Todos te gabam o antojo  
E, quando fores condessa,  
Veras logo com que pressa  
As outras andam assim.»

— «Eu vou dar

Cabo de mim :»

Grita a velha: «ou desejar

Havemos que este maldito

Me caia já do nariz!

Tenho dito:

E ficas no mundo só !»

Mal o diz,

Eis péga d'um facalhão

E... assim foi cortado o nó

D'aquella dificuldade.

Venceu a antiga amizade,

Cai o chouriço no chão.

Que lhes restava fazer ?

Por tudo não

Se perder,

Nas brazas foram assal-o

E... com pão

Era um regalo.

Quantos no mundo, leitor,

Se podessem desejar

Como o pôde aquelle par,

Escolheriam peor (262) ?

## FABULA 231.\*

## Os bodes e as cabras

Estavam muito agastados  
Os bodes por serem dados  
Cornos  
As cabras tambem,  
Adornos  
Com que ficaram  
Orgulhosas a mais não.  
Mas Jove, a quem  
Se queixaram,  
Lhes respondeu:—«O que tem  
Que se mostrem arrogantes,  
Quando são  
Sempre cabras, como d'antes?»

Esta vida é uma pega  
Que todos representamos;  
Sobre o throno, na tripeça,  
E no altar,  
Quer de chapéo, carapuço,  
Quer de espalim ou de chugo,  
Sendo creados ou amos,  
De trem, a cavallo, a-pé,  
Todo é

Representar,  
 Ser bom ou ruim actor:  
 Mas, no bastidor,  
 Tornamos  
 (Applaudidos, pateados)  
 A ser nem menos nem mais  
 Que uns desgraçados  
 Mortaes (<sup>265</sup>).

FABULA 235.\*

### O doido vendendo juizo

Por essas ruas corria  
 Um doido, não furioso,  
 E ao povinho curioso  
 Com mil visagens dizia  
 Que por um triste vintem  
 Elle o juizo vendia.  
 E não vá pastmar ninguem  
 De que houvesse compradores:  
 Quantos ha que nada tem  
 (Não fallando  
 Nos credores)  
 Alcançando  
 O serem reformadores  
 Da Fazenda nacional?

E é mesmo um pasmo vél-os  
Fallar com audacia tammanha,

Qual

O calvo a vender banha  
Que faz crescer os cabellos...

Mais d'um, pois, ia comprar  
(Já se sabe, á encoberta)

E, acabando de pagar,

Apanhava

Uma grande bofetada

D'aquellas de mão

Aberta.

E mais o doido lhe dava,  
Num papel muito embrulhada,

Uma braça de cordão,

Para que bem o guardasse

E d'elle assim se lembrasse.

Ao ver isto disse alguém:

— «Ninguem

Lhe chame ladrão :

Q que dá, mais d'um vintem

Vale, e até grossos tostões.

São

Duas boas lições,

Uma das quaes nos ensina

Qual a sina

Do que se mette com um louco;

Qual o troco

Que o espera em ar de graça.

Diz a outra que se afaste,

Quanto baste,  
Dos doidos quem  
Tem  
Juizo,  
Sendo o intervallo preciso,  
Pelo menos, uma braça (266).»

## FABULA 236.

## A escolha

Num antigo juizado  
Fôra um homem condemnado;  
Mas podendo elle escolher  
Entre tres penas marcadas,  
A saber :  
Apanhar  
Cem  
Bordoadas  
Bem  
Puxadas;  
Um cento de alhos comer;  
Ou com dez mil réis pagar.  
—«Não tenho que duvidar,  
Cômo os alhos a correr»  
O réo diz, e começou;



Mas ao cabo os não levou.  
Quando alli pelos oitentu,  
Tendo as guelas a arder  
Com mais alhos não aguenta;

Outra quer  
Pena das tres,

As pauladas d'esta vez.  
Vão-se a elle e dão que dão;  
Assim se malha no pão  
Que nas eiras secco está.  
O compasso ia *crescendo*,  
Até que grita: «Alto lá!»

O desgraçado  
Massado,

Suor e sangue escorrendo.

—«Ainda não tens a conta;»  
Diz-lhe o executor das leis.

—«Faltam vinte»—«Tanto monta!»

Bradou elle:

«Inda que faltassem tres;

Ahi tem os dez

Mil réis,

Que mais val'

A minha pelle.»

Mil vezes assim

Fazemos:

Por fugir d'um mal

Soffremos

Males certamente eguaes

E, porfim,  
O outro, demais a mais (267).

## FABULA 237.\*

## O leopardo e o macaco

Um leopardo e um macaco  
Tão dextro como velhaco  
À feira correm um dia;  
A mostrar sua valia.  
Cada qual barraca armou  
E tratou  
De bem  
Vender o seu peixe.  
— «Ninguem  
Deixe»

Gritava, em alto berreiro  
Do leopardo o pregoeiro:  
«De admirar a natureza  
Vencendo a arte em belleza.  
Meus senhores!  
Vinde ver como a nobreza  
Da fôrma pôde alliar-se  
E enfeitar-se,  
Com os primores  
Das mais delicadas flores;

Aqui tendes meu patrão,  
A maravilha da terra!

Tão

Bello, que a Inglaterra

Lhe traz gravado o retrato  
Como principal ornato  
Em seu famoso braço! »  
Movida por tal pregão

Havia

Gente que entrava,

Mas muito breve sabia  
Pois num momento se via  
O leopardo todo teso,  
Que á roda de si olhava

Com desprezo ;

E quem uma vez lá ia  
A visitar Sua Alteza,

Não voltava

Pelo vezo.

— «Ó clerô! ó nobreza!

Ó povo!»

Rugia

Do outro lado

Esganiçado

O macaco,

Começando o seu cavaco:

«Um ovo

Por um real!

Vinde ver o quanto val',  
Bem sup'rior á belleza,

A destreza  
A qual  
Nada se assemelha;  
Cousas do arco da velha,  
Mosquitos por cordas ver.  
Sei metter  
Aglhas por alfinetes:  
Danço em corda sem maromba;  
Depois de inventar a bomba  
Inventor fui dos foguetes.  
Eu canto ao som da guitarra,  
E ninguem me lança a barra  
Adeante a dançar  
O fado.

Animal mais engraçado  
Inda está por inventar!  
Hoje que tudo se imita,  
Que seda parece a chita,  
E até por manteiga fina  
Ahi vendem margarina,  
Não achais melhor estudo  
Do que vér como eu imito  
Os gestos, o canto, o grito  
De todos os animaes:  
Eu sei tudo...  
E muito mais!  
Tão perfeitamente bem  
Imito o genero humano  
Que provar ha quem  
Pretenda

Que o homem de mim provem,  
Outros que eu d'elle descenda:

Questão

De certo mais fina

Que entre o *jota* e o *i romano*

A famosa distincção,

E as taes de *lana caprina*.

Isto vai já começar;

E, quem não ficar

Contente,

Que se ausente

Recebendo a reſirada

O total da sua entrada.

Por tarde tão bem

Passada

Quem

Negará um vintem?

Corria tudo á chamada:

Lá dentro depois se ouvia

A continua gargalhada

Dos deuses, quando

Os servia

À mesa o coxo Vulcano,

Decano

Dos serralheiros.

Todos muito prazenteiros

Sahiam, rindo e louvando

O rei dos pantomimeiros;

E, se nem todos voltavam,

Muito poucos lá faltavam.

A nobreza  
Ou a belleza,  
Se não é acompanhada  
De sciencia ou gentileza,  
Corre o p'rigo de ser tida  
Em pouco ou talvez  
Em nada,  
E vencida  
\*Tê pela desfaçatez (268).

## FABULA 238.º

## O cão levando o jantar do dono

Um cão mui bem ensinado  
A levar  
Num cestinho  
Bem tapado  
O jantar  
Ao dono, que se occupava  
Nos campos a trabalhar,  
La muito direitinho,  
Nem para os lados olhava.  
Eis que lhe sai ao caminho  
Um bando de cães damnados...  
Por sopas. Pousa no chão  
Logo o cabazinho  
O cão;

Dê pellos arrepiados  
Mostra o dente  
Aquella gente  
Por quem vai ser atacado.  
Vendo o seu denodo vão,  
(Assostado  
Nem ficara o inimigo;  
E, tal era a abertura,  
Que pensar  
Fugir ao p'riço  
Fôra de certo loucura.)  
Abrindo o cesto aboccou  
Quanto pôde do jantar,  
E á canzoada  
Deixou  
A demais caperotada,  
Muito pouco de fartar.

Quantos cães por ahí vés  
De dois pés?  
Muito fieis, muito honrados  
E bizarros  
Sô enquanto  
Não  
Lhes dá o tal quebranto,  
Se atacados  
Por galfarros;  
E que mostram ser então  
Que a d'elles da mesma raça.  
Se nem és feito da massa

Dos heroes e dos valentes,  
Nem forças no peito sentes  
Para poder  
Defender

O que te foi confiado,  
Ao menos persiste honrado ;  
Muito embora sejas fraco,  
Não lhe juntes ser  
Velhaco (<sup>1899</sup>).

FABULA 239.<sup>a</sup>

### O rato e o elephante

Um rato poz-se deante  
De elephante  
Colossal  
E, depois de muito o olhar,  
Começou a criticar  
Com desdem,  
Reparando  
Sò no mal  
E occultando  
Todo o bem.  
Criticas podem servir  
Quando feitas sem  
Maldade,



Ou mentir,  
Para o erro se emendar,  
Para saber-se a verdade:  
Mas vão lá d'isso fallar  
A quem  
Morde por officio,  
Por inveja e até por vicio;  
Ganhando  
Seu bom vintem,  
Ou cousa qualquer que o valha,  
Quando  
Applauda, ou se não ralha!  
Seja bom ou seja máo  
Tanto monta;  
Todo o pão  
Para a obra lhe faz conta,  
É materia collectavel  
Que pela porta lhe passa.  
Paga não ha?  
— «Detestavel!  
Sem graça,  
E abaixo está  
Do peor:  
Sou eu que o digo.»  
Quando rende ou se é d'amigo,  
Não se lhe poupa o louvor...

Voltemos porém ao rato,  
Que não era mais cordato.  
No gigante reparando

Ja o pygmen criticando  
E dizia:  
— «T'arrenego!  
Eu de certo não fazia,  
Sendo Jove, um tal pespego,  
Um mostrengo alambazado,  
Qual tu és,  
Meu desazado,  
Da cabeça até aos pés.  
Que descommunaes orelhas!  
Que minguado rabinho  
Sem cabelo e sem guedelhas!  
Por tão pouco  
Mais te valera ser côto,  
E esse olhinho  
Dorminhôco!  
E esse andar!  
Que nem é chouto,  
Por muito que ás trancas dês.  
Zombar  
De ti Jove quiz,  
Quando fez  
Um tal nariz.  
Que te chega até aos pés;  
E esses dentes  
Indecentes  
Sempre de fóra da bocca,  
Apesar de não ser pouca.»  
Mais ia dizendo o rato...  
Sem sequer

O ouvir ou vêr,  
O elephante avançou  
E sob um pé o deixou  
Chato  
Como o seu dizer.

Quando  
Certos figurões,  
Mettidos a sabichões,  
Pregando  
Sempre quinão  
Decretam sem tom  
Nem som  
O que é máo  
E o que é bom,  
Lembro-me no mesmo instante  
Do rato e do elephante (279).

## FABULA 240.

## A perola

Dentro em perola formosa  
Dizem haver-se encontrado  
Um grão de areia alojado;  
Pois, a fim de combater  
A dureza tão damnosa

Que havia de a incommodar,  
A ostra o soube envolver  
Na materia preciosa.

Isto não tendo av'riguado  
O caso dou por provado;  
Que, de mais, faz recordar  
Um phenomeno moral

—O do mal

Quando o chega a dominar  
Animoso  
Coração,

E o foi tambem envolver  
Num casulo precioso,

A meu ver,

Mais do que as perolas são

—A energia da vontade

Contra tudo o que é maldade —

E que bem

D'ahi nos vem (171) !

FABULA 241.\*

Os tres avisos

Um rapaz  
Recem-casado  
Pela morte é visitado.

—«*Vade retro, Satanaz!*»

Gritou elle:

«Não te largo assim a pelle,  
 Pois tu vês tantos malvados,  
 Que ninguém pôde soffrer;  
 Milhares de desgraçados,  
 Que só desejam morrer;  
 Podes ceifar á vontade,  
 Nas aldeias, na cidade,  
 As donzellonas sêdiças,  
 Velhos chouchos, bolorentos,  
 E engeitadinhos aos centos,

Que não ha

Onde os metter!

E contra mim te encarniças?

Vae-te, não quero morrer;

Põe-te já

Fôra

D'aquí.»

Dizem que a morte não ri,

Mas d'aquelle

Vez

O fez.

—«*Vou-me embora*»

Lhe diz ella:

«Sô mais tarde voltarei;

E por signal até, tres

Avisos te mandarei:

Demora,

Não

Haja então  
Nem te ponhas a chorar,  
Pois de certo, has de morrer.»

Passou o tempo a correr,  
A voar,  
Como sempre usa passar;  
Velho agora era o rapaz.  
Eis que a morte lhe apparece:  
— «Ora! já tu ahí 'stás!»  
Mui pasmado elle lhe diz:  
— «Linda cedo te parece?  
Tão pouco favor te fiz?

Tens cem annos,  
És dos raros veteranos.»  
Responden a morte.— «E os tres  
Avisos, que prometteste  
Da outra vez,

Quando foi que m'os fizeste?»  
— «Vem d'ahi» lhe torna a morte:  
É inutil esse tedio,  
Obedece á humana sorte  
Que com prantos, não se affrouxa;  
Contra mim nenhum remedio:  
Vamos faze a tua trouxa  
E cessa de consumir-to;  
Se queres, vae despedir-to  
Das filhas mais dos rapazes,  
E vê se o fazes  
Depressa,

A correr,  
 Pois estou com muita pressa.»  
 —«Isso como hei de eu fazer»  
 Diz em tom de choradeira  
 O velho: «nesta cadeira  
 Annos ha vivo entrevado.»  
 —«Estavas porém cercado  
 De filhos, netos e netas,  
 Entretido  
 A ouvir e a contar-petas,  
 Dos velhos ocio sabido;  
 Encantado  
 De bellos, fortes os ver.»  
 —«Isso» torna com um gemido  
 O velho: «podia ser,  
 Se eu não fóra surdo e cego.»  
 —«E ainda ousas, pespego!»  
 Bradou  
 A morte: «negar  
 Que te mandei avisar?»  
 Logo ás costas o levou  
 Para onde não se sabe.

Por mais tarde que se acabe  
 A vida, bem  
 Poucos tem  
 Grande pressa de morrer;  
 Sempre encontram que dizer  
 Quando enfim a morte vem <sup>(272)</sup>.

FABULA 242.<sup>a</sup>

## O poeta e o critico

Um poeta que escreveu  
Poema (dos de assobio,)  
Sobre elle tambem  
Teceu

O mais pomposo elogio.  
Critico mordaz, a quem  
Um e outro submetteu,  
Sendo depois perguntado  
Se d'ambos tinha gostado,  
Muito serio respondeu:  
— «Melhor poema inventar  
E com mais arte  
Escrever

Talvez outro auctor podesse:  
Porém não ha de encontrar,  
Do mundo em nenhuma parte,  
Homem capaz de fazer  
Elogio igual a esse.»

Quem nos diz que o não tentasse  
Elle, se o outro pagasse?  
O dinheiro dá talento,  
Mudam os tempos com o vento (215).



## FABULA 243.ª

## A leiteira e a bilha de leite

Bilha bem cheia de leite  
(Mal-peccado,  
Se não era baptizado)  
Que, lá no seu entender,  
Havia de lhe render  
Mais que se fosse de azeite,  
Uma saloia ladina  
Vem a Lisboa vender  
E, em profundas reflexões,  
Venturas mil imagina:  
—«Levo aqui meus seis tostões:  
Só com tres  
Compro boa deitadura  
Lá na praça da Figueira  
Para a galinha *pedrez*;  
Não ha melhor createira.  
A ninhada está segura;  
E, se hom frango em janeiro  
Póde valer um carneiro,  
Boa ovelha hão de valer  
Os meus, ou antes as minhas,  
(Pois certo saem galinhas  
Dos ovos que hei de escolher

Bem redondos). Uma ovelha,  
 Não sendo nova nem velha  
 E não soffrendo lascira,  
 Dar pôde, logo á primeira,  
 Dois cordeiros bons e bellos.

Vou vendel-os  
 Mais a mãe ;  
 Tomo a alguem.

Uns bezerritos de meias,  
 Que me dão duas mãos cheias  
 De dinheiro:

Com este e o do mealheiro  
 Muito bem posso comprar  
 Uma junta de boisinhos,  
 Embora sejam ratinhos!<sup>1</sup>  
 Começa então a pular  
 De alegre batendo as palmas,  
 E promette missa ás almas  
 Se lh'o fazem alcançar.  
 Baldada foi a promessa,

Pois tropeça,  
 Cae no chão,  
 Estatelada...

Lá vai o leite, e lá vão  
 Os sonhos da desgraçada.

Este espelho  
 (Já bem velho)

Deves tel-o sempre á mão <sup>(271)</sup>.

## FABULA 244.

## O calvo e a mosca

Um calvo, sendo mordido  
Por mosca muito atrevida,  
Procurou  
Tirar-lhe a vida;  
E deu, com grande estampido,  
Sobre a calva tal palmada  
Que a deixou  
Assignalada.

Havia a mosca fugido  
E, zombando, disse ao calvo:  
— «Não acertaste no alvo,  
Foste em ti proprio bater  
Recebendo maior mal  
Do que eu te posso fazer.»  
— «Nojentissimo animal!

Nada  
Me doe a pancada;  
Doe-me só o ter  
Falhado  
E não te haver  
Esmagado;  
Sentiria até prazer  
Se com um murro te matasse,

Por mais que me maguasse.»

Quem tudo sofre calado  
Para não se incomodar,  
Vai levando, até que enfim

Já ninguém  
Lhe tem  
Respeito ;

Todo e qualquer galopim,  
Vil mosquinha,  
De também  
O enxovalhar

Se julgará com direito  
Molhando  
A sua sopinha.

Porisso, de quando em quando,  
Vai um ou outro *ensinando*.  
O medo é que guarda a vinha (378).

FABULA 245.\*

O solitario e o idiota

Do que mal  
Acompanhado  
Estar só mais val'  
Ao homem:

É um sensato dictado.

Se as fortunas sobremem,  
 Se as desgraças o consomem,  
 Estas sente mais pesadas  
 Quando não são partilhadas;  
 D'aquellas breve se farta,

Se não tem  
 Com quem  
 Reparia...

Verdade é isto: porém,  
 Quando mal acompanhado  
 Do mundo no borberrinho  
 E igualmente está sôsinho,  
 Não se falla ao cego em cores,  
 Ou ao surdo em harmonias,  
 No doce arôma das flores  
 Ao que de olfato é privado.  
 As altas philosophias,  
 Os segredos da sciencia,

Thesouros são  
 Escondidos

Aos faltos de intelligencia;  
 E tambem aos fementidos,  
 Insensiveis, indiscretos,  
 As magnas do coração,  
 Da alma os intimos affectos,  
 Melindres da consciencia!

.....  
 Um homem, desenganado  
 Do mundo, vai-se metter,  
 Para mais não conviver

Com ninguém,  
 Numa fazenda que tem  
 No meio de descampado.  
 Alli cuidar do seu gado,  
 Das searas, dos pomares,  
 Era todo o seu encanto.  
 Foi feliz : porém  
 Não tanto  
 Que o deixassem os pezares.  
 Quem  
 Não os tem  
 Os inventa,  
 E ainda mais se apoquentá,  
 Se calado vai soffrer.  
 Nasce o homem social ;  
 E sempre só,  
 Muito mal,  
 Certamente ha de viver ;  
 Porisso procura obter  
 (Qual a velha solteirona  
 Quando, á falta de melhor,  
 Pelo bichano ou tótó  
 Se apaixoná,  
 Mil vezes termo do amor  
 Da solitaria mulher)  
 Com que os ocios entreter,  
 Ondé vaze o coração.  
 Encontrando um aldeão,  
 Idiota sem maldade,  
 (Se taes ha, valha a verdade)

O pão  
 Lhe dá e o abrigo  
 E, em summa,  
 Alli tem quasi um amigo,  
 Ao qual tanto se acostuma  
 Que sempre juntos estão.

Em quente tarde de v'rão  
 O homem dormia a sêsta ;  
 Juntinho d'elle sentado  
 O bom do parvo velando  
 Desvelado  
 Ia as moscas enxotando  
 Quando  
 Na cara, na testa  
 Do seu amigo pousavam.  
 Mas as moedinhas teimavam...  
 Acaba por se zangar  
 Devêras o idiota,  
 Vai buscar  
 Um matacão  
 E, vendo uma que pousou  
 Sobre a fronte, a amarrota  
 Com tal geito, que a matou  
 E... juntamente  
 O patrão,  
 Que'alli fica estatelado.

.....  
 Não é prudente  
 O dictado (276) ?

## FABULA 246.

## As duas lagartas

Viviam duas lagartas  
Na mais estreita amizade;  
Sempre juntas, nunca fartas  
Da aprazível sociedade,  
Que o não podia ser mais.  
Na mesma folha nascido  
Haviam, de ovos eguaes,  
E grave doutor ouvido  
A um menino ensinar tinham  
Que as lagartas não morriam,  
Apenas se transformavam;  
Poisque dentro em si continham  
Uns entes que aos ceos subiam,  
Que voavam  
Com azas de lindas cores;  
Não comiam  
Vis legumes;  
Só viviam  
Dos perfumes  
E da ambrosia das flores!  
As lagartas, persuadidas  
D'um futuro tão brilhante,  
Foram mais e mais unidas



D'aquella hora  
Em deante.

— «Agora

A nossa amizade

É por toda a eternidade»

Uma á outra repetia.

Quando chega, enfim, o dia

Que lhes vai mudar a sorte,

Em que finda aquella vida,

Não soffrendo dura morte,

Buscam segura guarida

Onde ambas possam ficar

Juntas, embora insensíveis,

E juntas resuscitar

Para sempre immarcessíveis.

Assim foi: no mesmo instante,

Quando

Uma resuscitou,

A outra tambem tomou

O novo traje brilhante!

Mas, ganhando

Assim, perderam

Da antiga vida a lembrança;

Tammanha foi a mudança

Que não mais se conheceram!

Ambas sans vóos ergueram:

Uma da outra se aparta,

Vai da luz do sol gosar

Sem nada lhe recordar

Que tinha sido lagarta.

Não será esta a pintura  
Da nossa vida futura (277)?

## FABULA 247.

## As guitas

Havia out'ora uns bonecos,  
De papel,  
Ou de papelão, pintados,  
Pendurados  
Num cordel,  
Que estavam  
Mui socegados  
Se os deixavam:  
Mas, tarecos,  
Faziam evoluções,  
De que os meninos se riam  
Cada vez que lhes puxavam  
Umás guitas ou cordões  
Que ás pernas, braços prendiam.  
Eu muito d'elles gostava  
E ainda não  
Lhes achava  
Pois era creança  
Então,  
A notavel' similhaça

Que tem  
 (Diga-se a verdade)  
 Com os homens na sociedade.  
 Ha porém  
 Diferença, sim,  
 Não na materia ou pintura,  
 Ou na parva catadura,  
 Pois muitos eu vejo assim;  
 Mas no numero das guitas,  
 Adstrictas  
 Aos diversos movimentos  
 Segundo os seus pensamentos.  
 Quando se encontram na rua  
 Dois homens, ou numa sala  
 Eis cada qual puxa a sua  
 Guita, segundo a pessoa  
 Com quem falla,  
 E lhe faz ruim ou boa,  
 Séria ou faceta,  
 Careta.

Começa a conversação:

— «Passa bem, ao que parece:»

(A guita puxa do int'resse  
 Mais ou menos affectado.)

— «Ha dias, devéras não.»

— «O que sente?»

(Guita seria)

— «É bruchite impertinente

Que me têm apoquentado:

Ando mesmo uma miseria.»

— «Isso não ha de ser nada:

(Guita um tanto adoutorada)

Acônito e, volta e meia

'Stá curado.

E a *esposa* e os meninos?»

(Guita de desvelo cheia)

— «Olhe! um dos mais pequeninos

Deu-me ha dias bem cuidado.»

— «O que foi? que succedeu?»

(Guita de consternação)

— «Foi um cão

Que lhe mordeu.»

— «Estaria elle damnado?»

(Guita de muito assustado)

— «Isso não;

E felizmente

O pequeno está curado.»

— «Inda bem! Pobre innocente!»

(Guita de muito contente...)

Começa o outro freguez

Agora por sua vez

Noticias a perguntar;

E, quaes as respostas são

Já agradaveis já não,

Pelas guitas a puxar.

Isto feito ou cousa equal,

Cada qual

Para seu lado se affasta;

E uma só guita lhe basta,

Bem puxada,  
A da indiferença maior  
Ou de enfadonha maçada.

Não fôra muito melhor,  
Assim como resumido  
Cartas se tem e visitas  
Infinitas

A bilhetes, o ficar  
Substituído  
Tanto rasgar  
De haetas,  
Tantas pelas  
(Que não embaçam,  
Ninguem

Que senso commum tiver,  
Mas de certo maçam  
Quem  
Tempo não  
Tem  
A perder)

Por simples adeus com a mão,  
Um signal  
Convencional  
Da coisa significada  
E mais  
Nada,  
Como os taes  
Bilhetes são ?

Quando em cabeça ha de entrar

A maioria da gente,  
 Que é maçada  
 Impertinente,  
 E escusada,  
 O contar  
 Tudo quanto pensa ou sente,  
 Se 'stá bem, se 'stá doente,  
 A todo e qualquer fião  
 A quem apertar  
 A mão ?  
 Mas... é costume :  
 E os incautos,  
 Que não  
 'Stejam pelos autos  
 De comer tem muito lume <sup>(278)</sup>.

## FABULA 248.\*

## O concerto

Em tempos que já lá vão,  
 Entre os festejos reaes  
 Nos annos d'el-rei  
 Leão,  
 Foi por varios animaes  
 Um concerto planeado  
 Sob a direcção do burro

Que, solfa sabendo a fundo,  
 E tido em conta o seu zurro,  
 Por elles foi aclamado  
*Maestro*, e baixo profundo.

*Baritono* foi o toiro  
 Com sua voz de *Stentor*:  
 O gato foi o tenor

E o peso valia  
 D'oiro

(Já eram raros  
 E caros:)

O cão,

Que extendia a mão

E tambem tocava rufo,  
 Foi servir de baixo bufo.

Quanto ás damas:

Veiu a cantora das lamas

D. Rã contralto ser:

D. Cigarra, que então

Cantava de inverno e v'rão,

Todo o anno

E a valer

Foi soprano.

Nem coros alli faltaram  
 A troxe-moxe os formaram;  
 —Um desgraçado cardume,  
 Como ainda hoje é costume.  
 Tudo se fez á calada  
 Para não se convidar  
 Uma certa passarada

Que se mettia  
A cantar,  
Tal a D. Colovia  
Que as madrugadas alegre,  
Mais a D. Toutinegra;  
Negro melro que assobia  
(Quem ousara assobiar  
Em semelhante função?)  
Pintasilgo, tentilhão,  
O cochicho mui famoso,  
Pelo fertil imitar,  
E o rouxinol presumpçoso  
Do seu nocturno trinar  
(No canario nem se falla;  
Esse soprano de sala  
Não era então conhecido.)  
Á sorrelfa, sem ruido  
As cousas vão-se fazendo,  
Sempre uns aos outros tecendo  
Louvores á queima roupa,  
Poisque nunca o incenso poupa  
(Ainda o mais descarado.)  
Quem se quer  
Ver  
Incensado.  
Emfim o dia raiou  
Dos annos da Majestade  
E o concerto começou.

Com aquella chantrenidade



De todos bem  
Conhecida  
Zurra o burro, e em toda a vida  
Nunca tão bravo zurrou,  
Nem  
Ao ir com el-rei caçar!  
E cada qual  
Dos demais  
A parte que lhe cabia,  
Berra a quem  
Berrará mais.  
Em summa, para encortar;  
Foi desconcerto infernal,  
Matinada, ingresia,  
Que a final  
Ninguem se ouvia;  
Tê que o leão, enfadado  
Com tammanhos alaridos,  
Mandou dar por acabado  
O martyrio dos ouvidos  
E pôr os brutos na rua.  
Começa então cada um  
Em zom-zum  
E d'ahi em gritos, berros,  
Indignado  
A dizer  
Que não é sua  
A culpa, e a dar-se a perros  
Por se haver  
Associado

Com gente tão desastrada,  
Incapaz de fazer nada

Que se visse

Ou que se ouvisse.

A discordia entre elles lavra,

Palavra puxa palavra,

E foram quasi ás do cabo!

Então o metro lhes disse:

—«Acabou-se enfim o gabo,

Filho da sua vaidade

E solemne parvoice;

E agora reina a verdade,

Por se acharem desunidos.

Aquillo porém que são,

E um ao outro agora diz,

Sempre o foram e serão:

Unidos

Ou separados

Não valem uma de X.»

Assim fazem os partidos

Quando ficam derrotados:

As culpas ninguem

As tem,

São só dos associados;

E, (ainda mais engraçado:)

De graves erros tambem

E o inimigo accusado (279).

## FABULA 249.\*

## O homem e a cegonha

Tinha jurado matar,  
Sem ternuras nem perdões,  
Quantos pudesse apanhar  
    Passarinhos,  
    Passarões,  
E dar-lhes conta dos ninhos,  
Um lavrador desesp'rado  
Por ver tantos inimigos  
    De seus trigos.  
Arma redes, arma laços  
    Desvelado,  
    Não se poupou  
    A cansaços,  
Até que enfim apanhou  
Muitos e muitos milheiros  
Dos malditos ratoneiros.  
Entre elles foi encontrar,  
Escondida uma cegonha  
    Com vergonha  
De ser apanhada assim  
Entre sucia tão ruim.  
—«Para que me vais matar,  
Se não tens queixas de mim?»

A cegonha sou» diz ella :

«Na tabella

Dos deuses me vês do Egypto,

Porque lhe mato as serpentes ;

Bichos cômô, não sementes ;

E porisso te repito

Que me debes já soltar.»

—«Ignoro se tu me mentes

Não conheço a tal cegonha»

O lavrador replicou :

«Só sei que te vou

Matar,

Pois tens a pouca vergonha

De fazer sucia com gente,

Qual esta é, indecente ;»

E sem demora a matou.

Pôde o mesmo succeder

A quem

Com os mãos se metter ;

Vão todos pensar que têm

As mesmas manhas tambem (\*80).

## FABULA 250.\*

## O meu e o nosso

Príncipe ainda novato,  
Mas que nascera sensato,  
Tanto  
Que, passados annos,  
Consta metter a um canto  
Todos os outros sob'ranos,  
Indo um dia passear  
Disse ao seu *particular* :  
— «Dá-me cá esse meu manto.»  
— «Perdoará Vossa Alteza»  
Lhe respondeu o creado:  
«Se pareço confiado  
Atrevendo-me a dizer  
Que o fallar da realza  
Outro é e o deve ser,  
— O nosso manto — senhor;  
Assim o deveis pedir.»  
O príncipe agradeceu  
(A sorrir,)  
A lição  
Como um favor,  
(O mesmo fizera eu :  
É sempre de agradecer

Quanto alguém  
Nos vem  
Dizer

Com geito e boa intenção.)  
Pouco tempo era passado  
Quando um dia  
O príncipe, a quem  
Doia

Um dente, disse ao creado :  
— «Doe-me muito um nosso dente.»  
— « Senhor! » o outro responde :  
«Sinto que esteja doente  
Vossa Alteza : não sei onde  
Dente meu  
Tenha doendo

Graças a Nosso Senhor.»  
— «Fico agora percebendo»  
Lhe respondeu  
Sua Alteza,

«A profunda distincção :  
O que é dôr,  
Tristeza  
Ou mal  
É só meu  
Mas nossos são

O concheço e o prazer...»  
Com o tempo percebeu  
Ser  
Esse o sentir  
Mais

Geral:

O que é máo ninguem o quer  
 E trata de o impingir  
 Qual *mafarrico* aos demais;  
 Para o bem, todos eguaes  
 Dizem ser...  
 Quantos desejando estão,  
 Que o dos outros mór quinhão <sup>(251)</sup>?

FABULA 251.

### O escalracho

Sou máo; pois, nascido assim,  
 Nunca tive educação,  
 Ninguem fez caso de mim»,  
 Disse outr'ora o escalracho  
 A um honrado lavrador:  
 «Dá-me a rega, dá-me o sacho,  
     E verás se bom não  
     Sou,  
     E quantos  
     Lucros te dou.  
 Hei de vir a ser melhor  
 Do que tantos,  
 Rodeados  
 De cuidados,

Sabe Deus com que razão.  
Deixou-se capacitar  
O lavrador e tratou,  
De semear,  
E adobar,

O escalracho que, coitado !  
Se fosse bem cultivado,  
De certo melhoraria  
E seria  
Da maior  
Utilidade.

Em má hora o semeou  
Em peor  
D'elle tratou.

Cresceu logo (isso é verdade)  
Bello e farto, mas ruim  
Mais ainda, se possível.  
Espalhado

Cobre o monte, cobre o prado,  
E é enfim  
Uma peste inextinguivel.

Ninguem, mirando ao proveito  
Deve ajudar um malvado ;  
Poisque ficará  
Logrado,  
E não 'stá  
No seu direito ;  
Que podem, sem  
Culpa ter,



Os outros tambem  
 Soffrer  
 D'esse mal por elle feito (252).

## FABULA 252.

## Os olhos do dono

Comparados aos do dono  
 Todos os olhos tem somno;  
 Não sabem, não querem vér.

Isto pôde conhecer  
 A sua custa um veado.  
 Acossado  
 Num curral de bois entrou  
 E com pranto lhes rogou  
 Que d'elle tivessem dô.  
 Nem um só  
 De lh'o prometter deixou  
 E depois nenhum faltou  
 (O boi não é fementido);  
 Fica o veado sumido  
 Entre elles á manjadoura.  
 Vem os moços da lavoura,  
 Trazem herva, trazem feno,  
 Anda tudo em polvorosa

Do maior ao mais pequeno ;  
Todos numa dobradura,  
Pouca a obra, muita a prosa:  
Mas do novo aboletado,

Tão esbelto e bem

Armado,

D'elles nem

Um só deu fê!

Estava tudo acabado,

Quando chega o lavrador :

Lança um olhar em redor

E logo lhes grita: — «Olé!

Fechem-me essas portas já,

Que por cá

Temos cabeça que sobra.»

Mettem todos mão á obra

E a chuço mais a cajado

Deram conta do veado.

Embora possa doer

A muitos o que se perca,

A nenhum doe como a quem

De pagar tem

O que merca,

Quando lh'o façam perder (283).

FABULA 253.<sup>a</sup>

## Os frades de sabugo

Quando eu era inda menino  
Pequenino,  
Havia communidades  
De muitos e varios frades,  
A que pouca attenção dava:  
Mas as capellistas tinham  
Uns fradinhos de sabugo  
Que entretinham  
E de que eu muito gostava.  
Inda a fronte desenrugo  
Hoje pensando nos taes  
Manequins conventuaes:  
Imagem (por ali  
Ha muito que não os vi)  
Imagem monosinho,  
    (Um rolo  
    Liso e esguio,  
    De miolo  
Do sabugo) mui direito  
No tamanho e no feitio  
Qual o seu dedo meeminho.  
Era assim sem arte feito,  
Salvo a cara besuntada

(Ou onde a devia ter)  
De tinta preta e encarnada ;  
E, onde haviam de ser

Pés

Mui pegada

Com grude tinha ou com pez  
Chapa de chumbo pesada.

O bonéco já se vê

Estava

Sempre de-pé :

O mais simples dos brinquedos !

Quando levava

Com os dedos

Algum grande piparote,

Eil-o que dava

Pinote,

Cambalhota,

Desafiando a risota ;

Mas num instante voltava

À primeira posição

O meu fradinho pimpão.

Não deixo de ter saudades,

Às vezes,

D'aquelles frades

Que, não sei porque revezes,

Infelizmente acabaram ;

E muito me desconsola

Certa eschola

Que deixaram,

Eschola de trapalhões  
Ignorantes  
E pedantes,  
Que nos maçam e nos moem  
E, apesar dos trambolhões,  
(Que parece não lhes doem)  
Ficam sempre como d'antes  
Sempre em-pé,  
(Se não tem de chumbo o pé  
A cabeça tem de vento),  
Todos fé  
Em si e no seu talento,  
Detestáveis, detestados,  
Sem terem merito algum,  
Atrevidos  
Quaes moscas, e enxotados  
Por quem  
Tem  
Senso commum;  
Mas pelo vulgo attendidos  
Mais que os homens asisados,  
Só por serem descarados (284).

## FABULA 254.

## O remedio

—«Molhe  
Um bocado de pão  
Mui depressa,  
(Olhe  
Ella não  
Arrefeça)

Na frida e vá dal-o ao cão;  
Pois, logo que este o comer,  
Não tem você que temer,  
Está curado.»

Alguem disse

A um homem, que tinha sido  
Havia pouco mordido  
Por um cão, talvez damnado.

—«Essa tremenda tolice  
Nunca eu farei» tornou elle:  
«Pois, se agora salvo a pelle

Dando pão  
Àquelle  
Cão,

Apenas isso constar,  
É contar  
Sempre ter

Cães,  
 Que me queiram comer  
 Pães :  
 Antes quero  
 Mais algum tempo soffrer,  
 Pois espero  
 De melhor modo sarar.  
 Entretanto vou matar  
 E já, aquelle animal,  
 Porque não me faça mal  
 Outra vez,  
 Ou a mais alguém.»  
 Assim o fez  
 E andou bem.

Faça o mesmo quem  
 Podêr  
 Aquelle que o offender  
 Contra direito e razão.  
 Não digo que o vá matar,  
 Como fez o outro ao cão,  
 Mas trate de lhe ensinar  
 As regras de bem viver;  
 Pois também é caridade  
 A maldade  
 Cohibir e castigar (285).

## FABULA 255.

## A bitola

Um sapateiro ignorante,  
Mas fino que nem um coral,  
Seu filho tinha estudante  
Em lyceu nacional;

O rapaz lá ia

Andando,

*Cabulando*

O que podia :

Mas o bom do sapateiro,  
Que gastava o seu dinheiro  
Para que o filho estudasse,  
E não por que vadiasse,  
Lembrou-se, no seu vagar,  
De cada noite lhe ouvir

Traduzir

A lição que ao outro dia,  
De latim, tinha de dar.  
Se o bom do pae entendia  
Clara e correntemente  
Quando o rapaz traduzia,  
Estava muito calado :  
Porém, quando era evidente  
Ver-se o filho atrapalhado,



Ou fazer nenhum sentido  
 A supposta traducção,  
 Com o tirapé era então  
 Este muito bem zurzido.

O rapaz

Gritava: «Ai! Ai!

Ora o pae

De julgar não é capaz,  
 Quando traduzo latim.»

Tornava o outro: «Pois sim,

Dizes bem,

Não estudei:

Porém

Bellamente sei,

Embora fraco letrado,

Que o livro que estás a ler,

Mariola,

De modo algum pôde ser

De asneiras apontoado.»

Á falta d'outra bitola

O *chumeco* andava bem:

Nunca fiando porém,

Que o methodo é arriscado.

Mas para uns taes sabichões

Que apregoam maranhões

Em muito sonoras prosas,

E se não as entendemos,

Nos dizem que mal podemos

Distinguir o bom do máo,

Quando se falla em *latim*,  
 Para taes sim  
 São famosas  
 As mais tremebundas tósas;  
 Inda assim  
 Á penna, que não a páo (336).

## FABULA 256.ª

## O corvo e a raposa

Num carvalho empoleirado  
 D. Vicente,  
 Mui guapo,  
 Mui contente  
 De haver um queijo furtado  
 Pequenito  
 Mas curado,  
 Ia mettel-o no papo.  
 Uma raposa que o viu  
 Accudiu,  
 E dando ao rabo lhe diz:  
 — «Tu sempre és muito bonito!  
 Porisso Jove não quiz  
 Que soubesses bem cantar.  
 Fôra dar  
 D'uma vez muitas fortunas.

Pena é que não reunas  
A tão rara formosura  
Canto  
Cheio de doçura :  
As aves todas a um canto  
Metteras,  
E o rouxinol  
(Que devêras  
É horrendo)  
Não ficaria valendo  
Nem um triste caracol.  
Olha ! eu cá fazia assim :  
Tendo somente belleza  
Emendava a natureza,  
Puxando ia por mim  
Até saber cantar bem.  
E isso, quando se tem  
Como tu, grande talento,  
É  
Até  
Divertimento ;  
Assim pois debes fazer.  
Deixa ver  
Uma vez só,  
Quero ouvir-te dar um dô. •  
O corvo, todo encantado  
Solta um grasno aselvajado :  
Cae-lhe o queijo ; e a raposa,  
Depois de o ter engulido,  
Exclama na mesma prosa :

—«Dó de peito  
Devéras, e sem defeito!  
Poucos tenho assim ouvido.  
Has de vir a cantar bem,  
Mesmo melhor  
Que ninguém

Se quizeres estudar.  
Quando a tua estreia for,  
Não deixes de convidar,  
Esta humilde ensaiadora  
Que te quer victoriar:»  
E abalou. Só percebeu  
Então  
Que fôra  
Logrado

O corvo, e se enfureceu  
Contra a mestra da lição:  
Mas contra si, isso não;  
Embora fosse culpado  
Na verdade  
Elle tambem

Que se prestara ao caurim  
Por sua louca vaidade.  
Queijo ninguém  
Já lhe apanha,  
Mas não creio que emendado  
Ficasse da triste manha.

Todos nós somos assim  
(Mais ou menos) meu leitor;

Pois, se a palha bem cortada  
 Com cuidado  
 Nos for  
 Dada,  
 Ninguém lhe acha máo sabor (267).

## FABULA 257.

## As tres leituras

Orador muito afamado  
 E que fôra convidado  
 Para num comicio orar,  
 Tratou de se preparar  
 O seu discurso escrevendo.  
 Temendo  
 De se enganar,  
 Visto ser parte e juiz,  
 Quiz  
 A um seu amigo ouvir,  
 E lh'o deu a examinar.  
 —«Eu não te quero illudir»  
 Ao restituir-lh'o diz  
 O censor: «mais d'uma vez  
 Li isso; pois foram tres.  
 A primeira,  
 De carreira,

Pareceu-me obra excellente,  
Primorosa ;  
À segunda, menos má ;  
E não gostei, á terceira,  
Das ideias nem da prosa.»  
—«Serve!» o outro mui contente  
Exclama: «poisque sómente  
Ouvido uma vez  
Será,  
E não tres.»

Nunca se deve dizer:  
—Isto é bom, isto é ruim,—  
Sem primeiro se saber  
Qual o fim  
Para que foi dito ou feito ;  
Depende tudo do effeito  
Que tenha de produzir.  
D'aqui, porém, dedazir  
Não vás poderem os fins  
Santificar quaesquer meios  
Embora ruins  
E feios ;  
Pois uma cousa é dizer  
Que para algo se fazer  
Era tal meio o melhor  
(Por muito máo que elle fôr)  
Outra approval-o  
Ou louval-o.  
Quanto a obras litterarias

Não sentenças de estalo:  
 Muitas à vista primeira  
 Parecem cousa famosa,  
 Um astro novo no céu:  
 E a final são... luminarias.  
 Nem são verso nem são prosa,  
 À segunda ou à terceira  
 Leitura que se lhes deu;  
 De ideias moxinifada,  
     (Ou muito chapada  
     Asneira)  
 E mais nada (288).

## FABULA 258.

## Os sês...

Conheci um magistrado  
 (Já lá vai; - um delegado,  
 Que até final se queixava  
 De que preterido estava,  
 Eis como elle arrazoava:  
 — «Se a meu pæe, por ser *malhado*,  
 Não tivessem degredado,  
 Já eu, quando se acabou  
 A guerra, estava formado,  
     Esse

Tempo que passou  
Com o degredo  
Impedi, pois, que mais cedo  
Eu obtivesse  
Despacho.  
Logo acho  
Claramente  
Resolvido  
Que 'stou muito injustamente  
Na carreira preterido.»

Leitor, não te rias d'elle:  
Aquelle  
Errar  
É vulgar  
Muito mais do que se pensa  
(Sabe Deus se meu  
E teu;  
Seja dito sem offensa.)  
A quantos ouves dizer:  
«Se me houvessem educado,  
Instruido,  
Como o deveram fazer,  
Quanto  
Tinha aproveitado  
Em vez de tanto  
Perdido!»  
Ou: *Se eu fôra protegido,*  
Estaria collocado  
Tão bem ou talvez melhor



Do que está muito impostor,  
Muito diferente do que mostra.

Isto é, leitor,

Uma amostra.

Sempre o se. Resta provar  
Se, quando houvesse corrido  
Tudo muito a seu sabor,  
Lograra sorte melhor

Quem

Se estava a lastimar,

Tão doido.

Ignorante rematado

Bem

Podera ter ficado,

Embora muito ensinado

Emquanto ainda rapaz,

Visto ninguém

Ser

Capaz

De fazer

Do nada alguém;

Ou podera haver

Subido

Qual foguete, muito teso

Por outrem sendo ajudado

Mas quando, desamparado,

Cahido

Com o proprio peso.

Muito parvo é quem se cança

Com sés que não valem nada,  
 Pois nunca de certo alcança  
 Com a força da agua passada,  
 Fazer andar o moinho.  
 Antes bem aproveitado  
 Vá comendo o boccadinho  
 (Quando não seja um boccado)  
 Da fortuna que lhe coube  
 Ou que soube  
 Grangear;  
 Chega bem? que se accomode;  
 Não chega? veja se o pôde,  
 Com honra e brio augmentar;  
 Mais vale isso que chorar  
 Do Egypto pelas cebolas,  
 E outras caraminhólas (239).

## FABULA 259.\*

## Os cães e o leopardo

Brincavam uns cães de caça.  
 Um leopardo que ensinado  
 (Muito embora de outra raça)  
 A caçar fôra também,  
 D'elles mui prompto se achega  
 E pede ser accedido

No jogo como collega.

Assim foi: breve

Porém

O brinco

Deu em chorinco

E, máo grado dos cães, teve

Tal folguedo de acabar:

O leopardo, sem querer,

Arranhava-os a valer.

Com brutos não ha brincar

(Nem tão pouco que fazer)

Por mais que os podem

E pulam,

Tempo é deitar

A perder.

Até brincando se assulam.

Embora queiram, não podem

Seus instinctos esquecer.

—«Tu nasceste humilde e pobre,

Fiz-te rico, fiz-te nobre»

Dizia um rei ao primeiro

Figurão do seu paiz:

«Não pude, por mais que o quiz,

Fazer de ti cavalheiro (390).»

## FABULA 260.

## O cavallo e o veado

Era a vingança o prazer  
Dos deuses que já lá vão,  
É peccado num christão:  
Mas, gosto seja ou peccado,  
Um e outro podem ter

Resultado  
Amargurado.

Esse soffreu o cavallo  
Que, inimigo d'um veado  
E não logrando alcançal-o,  
Para d'elle se vingar  
Com o homem se foi metter.  
Montou-o este, e correu  
Sem cessar

Muito tempo a bom correr;  
Tantas ciladas armou  
Que o veado sossobrou  
E morreu.

—«Adeus, homem! Volto ao matto»  
Diz-lhe o cavallo: «Obrigado,  
Verás que nem sou ingrato  
Nem algum villão ruim.»

—«Stás a rir?»

Eu não te deixo voltar,\*  
 Torna o homem : «bem pensado  
 Has de ser sempre por mim,  
 E nada te ha de faltar;  
 Poisque me podes servir.»

A liberdade perdeu,  
 (Não lhe faltando a pitaça,)  
 O cavallo que morreu  
 Depois de basta canceira;  
 Tarde vendo que a vingança  
 É muito má conselheira (<sup>291</sup>).

## FABULA 261.\*

## O crocodilo e a cegonha

Dois rapazitos brincando  
 Na margem 'stavam do Nilo,  
     Quando  
     Horrendo crocodilo  
 Das turvas aguas sahio  
     E, levando  
     Um dos rapazes  
 Em suas fauces vorazes  
 Pelas aguas se sumiu:  
 O outro logo fugiu.

Pouco depois uns gemidos,  
Seguidos  
De muitos mais,  
Se ouviram do Nilo á beira:  
Eram prantos, eram ais,  
Capazes de enternecer  
Corações empedernidos.  
Uma cegonha matreira,  
Conhecendo o crocodilo,  
Não deixou de perceber  
A causa de tudo aquillo  
E diz: — «Se choras, malvado,  
Não é porque, tendo errado  
O erro teu reconheças  
(Quem jamais tal cousa viu?)  
Mas eram duas cabeças,  
E o dono d'uma fugiu,  
Mais feliz que o companheiro  
Miserando!  
Queres pois ver, embusteiro,  
Se chorando  
O podes capacitar,  
De que o outro o 'stá chamando;  
Esperas que haja de vir  
Ao seu amigo acudir  
E que podes devorar.»

Qual o crocodilo impunha,  
Assim hypocrita vil  
Procura com o seu ardil,

Sua arteira caramunha,  
Feito o mal, enternecer  
Para novo mal fazer (2<sup>o</sup>).

## FABULA 262.\*

## A coruja

Muito feia e muito suja  
(Pois passava a triste vida  
Em negros fôrros mettida)  
Velha c'ruja  
Qu'ria o azeite beber  
D'uma lampada que a arder  
Estava  
Em certa capella:  
Mas, se a vontade  
Sobrava,  
Muito medo tinba ella  
De chegar-se á claridade.  
Começa pois, sem olhar  
A lampada, a esvoaçar;  
Tanto vento  
Fez que enfim  
Logrou  
A luz apagar,  
E de azeite se fartou

Depois e muito a seu contento.

Assim  
 Despota procura  
 Extinguir  
 A santa luz da verdade  
 Para aos povos opprimir  
 À vontade,  
 Envolvido em treva escura <sup>(332)</sup>!

FABULA 263.

### O toiro e o veado

—«Amigo!» disse ao veado

O toiro: «se a este prado

Vier caçar

O leão,

Não

Vale desanimar

E fugir:

Havemos de resistir

E verás que, 'stando unidos,

Não ficaremos vencidos.

—«Tu que podes, faze assim»

Lhe replicou o veado:

«Eu porém, pouco esforçado,



Melhor consigo o meo fim  
Pondo-me logo em fugida.»

Quem forças tiver, resista;  
Mas, não as tendo, desista.

Meio azado  
(Sempre honrado)  
Saiba achar  
De sua vida  
Salvar.

Para que ha de resistir  
Em vão, sem ser  
Obrigado?

Offrecer  
Facil victoria  
Ao mais forte, e succumbir  
Sem obter  
Proveito ou gloria (294)?

FABULA 264.º

### O pintaroxo

Orfão de pae, malfadado  
Pintaroxo era estragado  
Pela mãe, avô e tia  
A porfia  
Com centos de pieguices,

Vontadinhas e tolices,  
 (Quaes ali verás fazer  
 Bem que com santa intenção,  
 Em geral, qualquer  
 Mulher

Que trate da educação  
 Do filho, sobrinho ou neto)  
 Para que elle a ser viesse  
 Depois, como succedesse,  
 Um parvo e analfabeto,  
 Ou manhoso,  
 Vil tratante,  
 Desprezível mentiroso  
 E detestavel  
 Pedante;  
 Um miseravel  
 Enfim.

Quantos não ficam assim?  
 E dos quaes a sociedade  
 Mais tarde soffrer a maldade,  
 (Tendo até de os castigar)  
 Que foram envenenados  
 Em vez de ser educados?  
 Pois, bem se pôde affirmar,  
 Que se escapa inda algum são  
 De uma *tal educação*,  
 Salvou-se por um acaso  
 E devem pesal-o a cera.

Mas, tornando ao nosso caso:

D'esta maneira estragado  
O pintaroxo crescera,  
Um perfeito... malcreado.  
Algum merito que tioba  
Ainda o mal aggravava.  
    Quanto fazia  
    Ou fallava,  
    Que talento  
O d'aquella creancinha!  
    Haveria  
    Egual portento?!  
Isto vendo um melro velho,  
    Da familia amigo  
    Antigo,  
Tanto fez, tanto teimou  
    Que levou  
    O tal conselho  
Das prognosticas a dar  
O passo mui acertado  
De o menino ir viajar.  
Lá vai elle empertigado,  
Suppondo o mundo espantar:  
Mas eil-o desenganado.  
Na cabeceira do rol  
    Entre os cantores  
    Melhores  
    Jolgando estar  
    Collocado,  
    Quiz cantar  
    Com o rouxinol

À desgarrada ;  
Apupado  
Foi com grande surriada.  
Competiu  
Com voadores famosos ;  
Logo viu  
Bem demonstrado  
Serem muito vagarosos,  
"Té ronceiros,  
Seus voos que tão ligeiros  
D'antes havia julgado.  
Com os taes *passaros bisnaus*  
Metteu-se;  
Levou  
Quinaus,  
Extendeu-se  
E, assim, provou  
Ser ignorante  
E pedante.  
Tendo em casa sempre ouvido  
Suas forças exaltar,  
Com os valentes quiz lutar ;  
Só mostrou  
Quanto era fraco  
E levou  
Para tabaco,  
Magistralmente zurzido.  
À sua custa ensinado  
Sem piedade,  
Sendo pela sociedade

Volta a casa depennado;  
Mas quanto outro de mudado!  
Sararam logo as costellas,  
As pennas breve voltaram  
Lustrosas todas e bellas;  
Não assim os seus defeitos  
Que lá por longe ficaram,  
E foi um dos mais perfeitos  
Pintaroxos conhecidos.

Ao conselho  
Do prudente melro velho  
A tempo deram ouvidos:  
Mas nem sempre, infelizmente!  
Assim é. Porisso coxo,  
Aleijado moralmente  
Vemos tanto piataroxo,  
Tanto vadio  
Sem brío,  
Porque foi mal educado.

Se não pode fazer tudo  
Com o mais acurado  
Estudo  
A melhor educação,  
Claro está  
Que, quando má,  
Os resultados serão  
Mil e mil vezes peiores.  
Se tu és pae, ou se o fores,  
Pelo seguro o conselho

Escuta  
 Do melro velho:  
 Teus filhos busca educar,  
 Para a lucta  
 Que na vida hão de mover.  
 Em casa mal pôde ser:  
 O mundo deve ensinar  
 A quem nelle ha de viver (205).

## FABULA 265.\*

## A menina e a abelha

Menina das mais formosas,  
 Toda lyrios, toda rosas,  
 Assentada ao toocador  
 Se esforçava,  
 Com o lavor  
 De velha  
 \*Que a ajudava,  
 Por bem feia se fazer  
 (Ha mais d'uma que o consiga...)  
 Eis nos labios uma abelha  
 Mui de leve a foi morder.  
 Aos gritos da rapariga  
 A culpada perseguida  
 Para salvar-se lhe diz:

—«Não mandes tirar-me a vida;

O que eu fiz

Qualquer fazia;

D'essa bocca tão formosa,

Que só parece uma rosa,

E enganou-me a ambrosia,

E nella corri pousar

Para o doce mel libar.»

—«Não mates a desgraçada,

Porque se foi enganar»

Disse a rapariga á velha:

«Deixál-a sabir, coitada!

Já quasi nem me doe nada,

Tanto de leve mordeu.»

Mestra abelha

Não morreu.

Se a vaidade

Ás vezes nos faz soffrer,

Não poucas sabe esconder

A triste realidade.

Que mal nos vem

Do que a tem,

(Qu'rendo o caso examinar,)

Que não seja incommodar,

A que nós temos também? (196)

## FABULA 266.\*

## O boi e a cigarra

— «Esse sulco ahí desgarra  
Não pouco da linha recta»  
Grita a uns bois quando lavravam,  
Apenas o acabavam,  
Uma cigarra  
Pateta.

— «Talvez!» lhe responde um boi:  
«Mas, se tão prompto nolaste  
Nesse rego alguns defeitos,  
Só foi  
Porque o comparaste  
Aos demais, todos direitos.»

Não se devem criticar  
Ligeiras imperfeições  
(Excepções  
Facéis até de notar  
Por um parvo,) quando em  
Obra  
Que tem  
Merito de sobra (297).



## FABULA 267.\*

## As exequias da leoa

Quando morre um figurão  
Que deixa amigos, parentes,  
Ou ricos ou influentes,  
Para as horas do caixão  
Nunca faltam pretendentes.  
Chovem logo nos jornaes

Eloquentes

Elogios

Das virtudes sem-eguaes,  
Dos talentos do finado.  
Correm os prantos em rios!  
Por mais que fosse safado,  
Inutil, parvo ou ruim,  
Houve nunca perda assim?  
E, se tanta bulha faz  
A morte d'um incapaz,  
D'um tolo ou pantomimeiro;  
Imaginem o berreiro,  
A solemne gritaria,

O que por lá não

iria

Na côrte d'elrei Leão

Quando a morte

Desfechou o fatal côrte  
 Da magnanima leoa  
 Na cabeça sacrosanta!  
 Não era só bella e boa;  
 Era isto e mais aquillo,  
 Tudo no superlativo...

Uma santa!

Do bem o symbolo vivo!  
 (Lagrimas de crocodilo,  
 Quasi todas falsidade...)

Tudo ardia

Noite e dia

D'esta vez,

Pelos campos e cidade,  
 Em dôr flogida ou profunda  
 Do leão com a viuvez,  
 Que toda a côrte enluctou.  
 No meio da barafunda  
 Alguem houve que notou,  
 E o foi logo ao rei contar,

Que o veado

Não chorara!

Como havia de chorar?

Um seu filho idolatrado,

Unico filho que tinha,

A rainha

Lh'o matára!

Mas até a el-rei se disse:

Que *em segredo talvez* risse!

— «Vil miseravel!» lhe berra

Enfurecido o leão:  
 «En pasma de ver que a terra  
 Não  
 Se abriu  
 E te sumiu!

Jupiter, meu pae, ignora  
 O teu crime; ou já agora  
 Estiveras fulminado!  
 Perdes pouco com a demora;  
 O teu supplicio cruento  
 Ha de servir de escarmento!»  
 — «Senhor!» exclama o veado:  
 «Impio fora o meu chorar,  
 Poisque a rainha tomou,  
 Moria apenas, o logar  
 Que Jove lhe reservou  
 Entre Venus e Minerva.  
 Dignou-se de me appar'cer,  
 Já divindade, e m'o disse,  
 Mas que nada referisse  
 'Tê Mercurio o vir dizer.»  
 Eis que levanta a caterva

Bestial  
 Acclamação,  
 Em signal  
 De adoração,  
 E o veado

Foi logo recompensado  
 Com prendas que el-rei lhe deu.  
 A orelha, vendo a mudança.

Já tarde mais d'uma torceu  
 Por lhe escapar  
 A lembrança  
 E aquella vasa perder.

Imitar  
 Quem não quizer  
 O veado, que se viu  
 Em calças pardas mettido  
 E por salvar-se mentiu,  
 Deve tomar  
 Se poder  
 O partido  
 De com feras não viver (298).»

FABULA 268.\*

### O mocho e o sapo

Um mocho estava  
 Mettido  
 Encolhido  
 No seu nicho;  
 Sapo, que se regalava  
 Ao sol sem pejo extendido:  
 — «Feio bicho!»  
 Lhe gritou.

—«Conheço que feio sou»  
 O triste mocho volveu :  
 «É só porisso que 'stou  
 Na minha toca de dia  
 Escondido, enquanto o véo  
 Da noute não cobre o céu,  
 Sem ter a tua ousadia!»  
 E meteu-lhe ao bucho a falla.

Não julguem haver  
 Direito  
 De arguir  
 Por qualquer  
 Defeito  
 Quem nunca d'elle fez gala  
 E até  
 O busca encobrir.  
 E qual é  
 As mais das vezes  
 O virtuoso censor?  
 O esquadrinhador  
 De fezes?  
 Se o indagares, leitor,  
 Has de achar,  
 Sem que muito tempo busques,  
 Ser tão máo senão peor  
 E de indole a mais villã,  
 Pois só procura infamar.  
 —«Tir'-te lá, não me enfarrusques!»  
 Disse a caldeira á sartã (229).

## FABULA 269.

## A pomba e a formiga

Uma formiga cahiu  
Num regato; e lá se viu  
Entre a cruz e a caldeirinha,  
Pois não sabia nadar.

Uma pombinha  
Que vinha

Beber ao mesmo regato,  
Para a salvar  
Foi boascar

Um torosinho de matto,  
E assim da morte a livrou.  
Dias depois a formiga  
Da porta do formigueiro

Viu pousada  
A sua amiga

No coroto d'um pinheiro,  
E notou

Rude cabreiro  
Que pretendia

Atirar

Sem dó valente pedrada,  
De certo para a matar.

Elle ia

Pé-ante-pé,  
 Mas descalço; e assim pôde ella  
 Morder-lhe um dedo do pé,  
 E com tal  
 Gana o fillo,  
 Que o homem a quem castou  
 Algum tanto a mordedella,  
 Deu um signal  
 E o sentiu  
 A pombinha  
 Que fugiu.

Grata a mesquinha  
 Formiga  
 Salvar pôde a sua amiga,  
 E ninguém  
 Haverá que alguma vez  
 Não possa pagar o bem  
 Que um mais pod'roso lhe fez (300).

## FABULA 370.\*

## Os dois coelhos

—\*Fujamos que vem  
 Além  
 Dois galgos a bom correr!\*

Grita para o companheiro  
Um coelho que pastava  
Com elle sobre um oiteiro.

—«Deixe ver»

Disse o outro, que gostava  
De tudo contradizer;

E depois:—«Fujamos, sim:

Ainda que, quanto a mim,

São podengos de má raça

Que andam por ahí á caça.

—«Você 'stá curto da vista

Para podengos chamar

Aos dois galgos que alli vem!»

—«É você

Que não vê

Bem:

Direi antes, não insista

Só por gosto de teimar...

Nem

Galgos correm assim.»

Continuam: nenhum quer

De sua teima ceder,

Sem

Que o p'rigo lhes importe:

Deitam a fugir

Emfim.

Mas já tarde: veio a morte

Tanta loucura punir.

A maior parte das teimas



São toleimas,  
E muitas tem igual fim (304).

## FABULA 271.\*

## O valor do saber

Ignorante enriquecido  
Com o muito que elle ganhara  
Ou com que se abotoara,  
Dizia, cheio de si,  
A homem muito instruido  
Porém pobre como Job:  
—«Eu cá nunca vi  
Um só  
De vocês, meu sabichão,  
Que pelas letras  
Sem tretas  
Conseguisse farto pão.  
Embora sabio, você  
Anda a-pé  
Com a bolsa ôca  
Fazendo cruces na bocca.  
Eu serei grande ignorante;  
Não obstante,  
Rôdo num bello carrinho;  
O bom vinho

Os guizados  
 Ainda os mais delicados,  
 Nunca me faltam na mesa;  
 Tenho as casas mobiladas  
 Com grandeza;  
 Meus creados  
 E creadas

Passam melhor que você  
 Nas suas aguas-furtadas.  
 Já se vê  
 Que a tal massada  
 D'esse estudar  
 A matar

Vale pouco ou vale nada.  
 O caso è *aproveitar*  
 As *boas occasiões*:  
 Tudo o mais são maranhões.

Decorridos poucos annos,  
 Com mil perdas, com mil danos,  
 Ou não sei pelo que fosse,  
 Acabou-se  
 Do dito Cresco a riqueza.  
 Entrou-lhe em casa a pobreza  
 E de casa o fez sahir,  
 Subir

Uns bons quatro andares  
 Para esconder seus pezares  
 Numa triste agua-furtada,  
 Qual a que fôra habitada

Pelo sabio pobretão ;  
 A quem a fortuna então,  
 Caçada de o perseguir,  
 Deixara enfim conseguir  
 Depois de tantos azares  
 Mostrar o merito seu ;  
 E porisso elle desceu,  
 Não subiu, os quatro andares.  
 Recebia como amigo

Seu antigo  
 Amphitrião ;  
 E, sem jámais se gabar,  
 Com gratidão  
 O tratava:

Mas este continuava,  
 Como d'antes, a affirmar  
 Que a massada  
 Do estudar  
 A matar  
 Vale pouco ou vale nada.

Que sim ou não  
 Reconheça  
 Um parvo a incapacidade  
 De sua triste cabeça,  
 Que vai nisso a humanidade ?  
 A lição  
 Procuro ella aproveitar  
 E deixe os parvos fallar (302).

## FABULA 272.

## A cautela

Uma vacca indo pastar,  
Ao vitello diz:—«Cautela!  
Fecha a porta e a janella,  
Não deixes o lobo entrar.  
Quando, de volta, eu bater  
Repara que hei de dizer:  
—Má peste mate o ladrão!»  
Foi esta combinação  
Ouvida por um dos taes  
Façanhudos animaes,  
Que allí andava caçando.  
E julgando  
Apanhar gordo pitão,  
Passado tempo, bateu  
A porta já bem trancada  
E, com voz moi disfarçada  
Mas ainda assim rouquenha,  
Deu a senha  
Combinada.  
O vitello (que era fino  
Apesar de ser menino,  
Diz, pela grêta espreitando:  
—«Eu não abro senão

## Quando

Me mostrar o seu focinho;  
E vou já chamar o cão.\*  
Vendo o intento malogrado  
O lobo fica assustado,  
Mette pernas ao caminho,  
Dando ao diabo a lembrança  
Da creança,  
Mais esperta que a mamã.  
Safou-se com pés de lã  
Por onde alli tinha vindo,  
E o vitello ficou rindo.

Porisso diz muita gente,  
E eu tambem digo com ella:  
—«Boa dieta e cautela  
Não fazem mal ao doente»  
Mais este caso recorda  
Que prudente  
É sempre ter  
Para o arco, quem poder,  
Duas em vez d'uma corda (203).

## FABULA 273.\*

## Os zangãos e as abelhas

Os zangãos, como entendiam  
Ter feito grande papel,  
Na florida primavera  
Fabricando  
A branca cera,  
Distillando  
O doce mel;  
Em altos gritos requ'riam  
Que lhes dessem seu quinhão.  
Apanhado um grande — Não,  
Demandaram as abelhas  
Com as quaes correr parelhas  
Pretendiam no saber.  
Eis começam a chover  
Mandados e citações,  
Exames e vistorias:  
Vem abaixo as livrarias  
Com aggravos, reflexões;  
E não se decide nada.  
Quando uma abelha assisada  
E em demandas muito dextra  
(Alguem diz — abelha-mestra)  
Requer sejam nomeados,

Dos dois lados  
Sem mais palra nem escriptos,  
Operarios bem peritos,  
Para que cera tão branda  
E tão doce mel fizessem,  
Ou melhor, caso soubessem.  
Isto os zangões não quiseram  
E perderam  
A demanda.

Pelas obras se conhece  
Quanto cada qual merece (304).

## FABULA 274.\*

## O noivo e as duas noivas

Um homem já quarentão  
Que começava  
A pintar,  
Porém  
São  
E escorreito  
Sem  
Defeito  
E com vintens,  
Não

Receiava  
Desdens  
E tencionava  
Casar.

Entre duas duvidava  
Senhoras que cortejava.  
Era-lhe uma quasi egual  
Em idade, e desejava  
(Cousa muito natural)  
Ainda par'cer menina  
Para o noivo conquistar :  
Grande mestra em disfarçar  
Os começos da ruina  
Com a tal arte que remoça  
(Ou que serve de enganar  
A quem quer  
Ser  
Enganado...)

A outra que elle mais moça,  
Formosa mas assisada,  
Quizera ver-se casada  
Com homem serio, abonado,  
Estimavel, qual aquelle;  
Porém muito receiava  
O reparo  
Na differença, que se dava,  
Entre a sua e a idade d'elle.  
Ambas pois, com o mesmo intento  
De obter um bom casamento  
(Desejo mui pouco raro)



Fazem-lhe guerra à cabeça,  
Uma, a mais velha, começa  
A sorrelha, quanto pelo  
Preto lhe vê, a arrancar;  
Não deixa a outra parar,  
Quando branco, um só cabelo:

O que deu em resultado  
O homem ficar  
Pellado,

Ou bem pouco lhe faltou.  
Mas com a tal operação  
Lucrou  
Tambem ver  
Curado

Para sempre o coração.  
Não casou:  
Receiando, se o fizesse,  
Que tivesse  
De viver

Sujeito á sua mulher.

Compellir ninguem  
Procure

Os outros ao seu pensar,  
Pois de certo ha de topar  
Com alguem  
Que não o ature (305).

## FABULA 275.

## A aranha e o bicho da seda

— «Tu sempre és muito xoupeiro!  
Dias se passam primeiro  
Que faças o teu cazulo»

Dizia

Ao bicho da seda  
Mestra aranha: «É num pulo  
Que a minha teia se fia  
E se enreda,

Ficando uma formosura;  
Não me leva nem um dia  
O fazel-a, mais o ninho.»

— «É porisso que não dura»  
Lhe replicou o bichinho.

De cousas feitas á pressa  
Quasi sempre a sorte é essa (106).

## FABULA 276.

## O valor das cousas

Conta alguem que um gallo achou  
Uma joia, a qual levou  
A mostrar, muito depressa,  
Ao primeiro  
Joalheiro

Que por acaso encontrou,  
Diz este:—«Por ella peça  
Quanto quer que em paga eu dê.»  
—«Quanto quero?! Olhe você»  
Responde o gallo: «eu não sei  
O valor d'isso que achei:  
Contente fico se pilho  
Em troca um sacco de milho:  
Ganha você, e eu tambem.»  
O gallo pensava bem.  
Não assim um ignorante

Mas pedante  
Que, herdando livro mui raro  
(Sem outra valia  
Ter)  
Que não sabia  
Entender,  
Vendel-o quiz muito caro.

E qual foi o resultado?  
Cheio de mofo, traçado,  
Não se pôde aproveitar;  
Quando o desejou vender  
Já  
Ninguem lh'o quiz comprar.

Uma cousa é boa ou má  
Quando alguém  
D'ella carece,  
Ou ninguem  
A appetitece <sup>(307)</sup>.

## FABULA 277.

## O almirante...

Intrusão se apresentava  
Bem fardado  
De almirante,  
D'um paiz lá mui distante  
Ou que elle tinha inventado:  
Mas usava  
De esporas, grandes bastante  
Para que dessem na vista.  
Alguem, passando revista  
Ao fardamento, lhe diz:

—«Pasma que no seu paiz  
De esporas ande a marinha!»  
—«Vejo que não adivinha»  
Lhe torna o outro: «é porquê,  
Do mar distante  
Não tem  
Ele, nunca teve esquadra,  
Porisso julga que quadra  
Em terra ao seu almirante  
De carne um bello cavallo,  
Visto não ter bom nem  
Mão

No mar *carallo de pão*,  
Percebeu?»—«Não muito bem;  
Desejo inda interrogal-o,  
Para melhor entender.  
Visto esquadra não haver,  
Um tal posto necessario  
Para que lhe pôde ser?»  
—«Eu almirante nasci;  
É logar hereditario...»  
—«Agora sim, percebi!»

A maior parte da gente  
Se com a primeira  
Razão  
Não  
Cede immediatamente,  
Uma segunda a contenta,  
Inda quando babozeira.

Raras vezes argumenta  
A ponto de haver terceira  
Que se torne necessaria:  
É esta a marcha ordinaria.  
E quem  
Muito alem  
For d'isto  
De alguns não será bem  
Visto;  
Pois mostra espirito sceptico,  
Meio caminho de heretico (300).

## FABULA 278.ª

## O binoculo

Um homem, que enriquecera  
Com negocios que fizera  
Nas terras do ultramar,  
Depois de bem collocar  
Sua fortuna a render  
Resolveu nada fazer.  
Tendo com ruins vivido  
D'elles 'stava aborrecido.  
Na aldeia se foi metter,  
Por pensar  
Alli achar

Dos costumes primitivos,  
A fabulosa innocencia,  
Espalhou  
Mil donativos,  
Fez o bem: mas encontrou  
Tammanha  
Manha  
E maldade,  
Tão negra maledicencia,  
Que por fim descorçoou  
E fugiu  
Para a cidade;  
Onde viu  
Que bem  
Podia 'star só,  
Sem  
Soffrer  
Nenhum teirò  
Quem  
Quizesse um tal viver.  
Estudos não tinha  
Tido,  
Nada lia,  
Contra os homeus prevenido,  
Evitando companhia  
Nos theatros se entretinha:  
Porém, rude,  
Não sabia  
Cousa alguma dos actores  
Nem como e tão amiude

Modam aquelles senhores  
De feitio: ora pastores  
(Com seu cajado e surrão)  
Ora reis  
(Sceptro na mão  
Manto e c'roa de europeis)  
Conforme são  
Obrigados  
Nos seus diversos papeis.  
Porisso sympathizava  
Com este ou com aquelle actor  
Representando melhor  
Os de heroes, de homens honrados,  
Pois julgava  
Serem bem desempenhados  
Por lhe 'starem ao sabor.  
Um binoculo comprou:  
Par'ceu-lhe, ao primeiro dia  
Que d'elle se aproveitou,  
Ver mui bem representando  
Papel nefando  
Um actor,  
Que de ha muito conhecia  
Por lhe ter  
Visto fazer  
Com primor  
Outro muito virtuoso.  
Não tendo a quem perguntar,  
Olhou  
Tornou



A olhar,  
E duvidoso  
Ficou.

Lê á sabida o cartaz:  
Toma os nomes dos actores  
Que lhe parecem meliores.

- Isto faz

Varias noites a seguir...  
Os olhos teve de abrir  
E ver que estava enganado:  
Cada actor representado  
Papeis tinha mui diversos,  
Virtuosos ou perversos,  
Como lhe havia tocado.  
Sobre o caso meditou

E pensou,  
Mais assisado,

Que para os homens julgar

Convem

Bem

Examinar,

Em dous e mais

Instancias,

Quaes

As suas circumstancias.

Assim o mundo apresenta

Bastas vezes

Quer dramas, quer entremezes,

Onde o homem representa,

Bem ou mal,  
Papel de justo ou malvado;  
Mas, não poucas, obrigado  
E contra o seu natural (<sup>309</sup>).

## FABULA 279.\*

## As bichas

Teve um homem de deitar  
Certo dia  
Umhas bichas em logar  
Onde muito lhe doia,  
E com effeito as deitou.  
Sugaram a bom sugar  
Tê que de fartas cahiram;  
Tingiram  
De sangue o chão,  
E o doente melhorou.  
Uma d'ellas diz-lhe então:  
—«Olha cá! pelo serviço  
Que te fiz, que me vais dar?  
Deves-me recompensar.»  
—«De certo, vou fazer  
Isso;  
Pois não to deixo morrer  
Com o sangue que me bebeste,

E do qual tanto te enchaste  
Que, assim, não podes viver.\*  
Disse e logo lhe pegou  
Pelo rabo e a espremeu  
Tanto, que ella vomitou  
Todo o sangue que bebeo:

E, quando não deitou  
Mais,  
Assim tratou  
As demais.

Depois num frasco as metteu,  
Para que d'ellas usasse  
Outra vez,  
Se o precisasse.

Com o Judeu  
Muito tempo assim se fez.,.  
Nanja eu  
Que o approvasse  
Hoje; porém acho graça  
Quando a cada passo vejo  
O despejo  
Com que certos emprezarios,  
Trapalhões, pantomimeiros,  
Usurarios  
De má raça,  
Que se tornam millionarios,  
Capitalistas, banqueiros,  
Arrotam com seriedade  
Os serviços que prestaram,

Immensos, á sociedade  
 Que em seu proveito sugaram!  
 E não poucos d'esses meccos  
 Em parvos encontram ocos!  
 Sabem governos achar  
 Que até vão recompensar  
 Com subidas distincções  
 Semilhantes intrujões!...  
 E o peor ainda eu calo,  
 Poisque no deserto fallo (310).

## FABULA 280.

## O pastor e o milhafre

Compõe a sua armadilha  
 Um pastor e, para o engano,  
 Nem lhe esquece o chamariz.  
 Quer empolgal-o um milhano,  
 Mas nas redes se envencilha  
 E, vendo-se preso, diz:  
 —«Pastor! deixa-me ir embora:  
 Porque me prendes agora?  
 Eu não sei que mal te fiz;  
 Com certeza que nenhum.»  
 —«E esse pobre chamariz»  
 Lhe retrucou o pastor:

«Já te havia feito algum!  
Vae-te calando; é melhor.»

Pensam quasi sempre assim  
Os homens e os animaes:  
—«Haja um Deus, sô para mim;  
Um demo para os demais (314).»

## FABULA 281.\*

## O velho e os tres rapazes

Ardava um velho tratando  
Do seu pomar e plantando  
De fructos novos enxertos.  
Eis que passam tres rapazes  
Muito alegres, muito espertos,  
Dos que criticam mordazes  
Crendo tudo desacertos.  
—«Ó velho! vê o que fazes;  
Não percas o tempo assim.  
Da tua vida no fim  
Não te vem ao pensamento  
O fazeres testamento?»  
D'elles lhe diz o primeiro:  
«Não fôra isso melhor  
Do que andares a dispor

Enxertos na tua idade ?  
— «Se queres testamenteiro»  
Diz o segundo : «Aqui 'stá  
Um, a quem deixes herdeiro  
Da metade

Do que tens: pouco será,  
Mas com pouco me contento.  
Faze pois o testamento  
E tuas pazes com Deus,  
Para que estejam dos céos  
Abertas de par em par  
As portas e, sem hater,  
Possa lá tua alma entrar.»

— «O que devias fazer »  
Diz-lhe o terceiro :  
«Pois gostas  
Tanto de lidar  
Com a enxada  
E eterno quinteiro  
Ser,  
Era deixar  
Bem cavada  
Numa altura,

Ah! por essas encostas,  
Descommunal sepultura  
Onde te enterrem depois  
Com a tua enxada abraçado,  
Em cima d'um grande arado  
E d'uma junta de bois !  
Assim, em tempos passados,

Eram (dizem) sepultados  
 Com armas e munições  
 Os mais inclitos varões.»  
 — «Rapazes!» responde o velho

«Agradeço  
 A cada um seu conselho.  
 Reconheço  
 Que breve devo morrer;  
 Talvez d'aqui a um momento.  
 Sei o pouco que já valho,  
 Nem  
 Me vem  
 Ao pensamento  
 Que possa comer  
 O fructo  
 Producto  
 D'este trabalho.

Feito está meu testamento  
 Por Deus. Tenho tres rapazes,  
 Todos tres  
 Homens capazes,  
 Gaapos quaes são vocês.  
 As minhas pazes  
 São feitas:  
 Contas ter  
 Sempre direitas,  
 Não fazer  
 Mal a ninguém,  
 Antes o possível bem,  
 A todos; e o soffrer,

Podendo, com paciência  
A vida quando era dura,  
Me dão  
Essa consciencia.  
Dispenso a tal sepultura  
Dada aos varões afamados  
Nos tempos que já lá vão:  
Uns poucos palmos quadrados  
De terra me bastarão.  
Estou velho; e toda a vida  
Levei em constante lida  
Para honrado  
O pão  
Ganhar  
E também para pagar  
Esta dívida que herdei,  
De deixar  
O que encontrei,  
Quanto possa, melhorado  
A quem ao depois vier.  
Foi, por já terem plantado  
O arvoredo e o pomar,  
Que os fructos pude colher  
E na sêta descansar  
Aquella sombra deitado.  
Sei que não podem viver  
Os velhos da minha idade:  
É porém  
Tambem  
Verdade



Que os moços podem morrer.  
 Venha pois quando quizer  
 A morte: terei o gosto  
 De a receber no meu posto.  
 Queira Deus que eu vá primeiro  
 Que vocês. Tanto janeiro  
 Devêras me 'stá pesando:  
 Tenho porém visto tantos  
 Na flor da vida morrer,  
 Que toda lhes era encantos!...  
 Vão pois sempre trabalhando  
 A valer.

Sigam este meu conselho  
 E que Deus os faça uns santos.<sup>2</sup>  
 Não sei se lhe obedeceram:  
 Mas é facto que morreram  
 Todos tres antes do velho.

Certo temos o morrer:  
 Não sabendo porem  
 Quando,  
 Vamos sempre trabalhando  
 Sem  
 Cessar,  
 Para a morte, que vier,  
 Nos achar  
 No honrado posto  
 A partir com alegre rosto (<sup>312</sup>).

## A sciencia e a experiencia

Vendo que um homem podava  
A eito um bello pomar,  
Certo sabio que passava  
E que nunca vira tal,  
Começa logo a gritar,  
Em p'rigos de ficar  
Louco:

—«Ó homem! você 'stá louco,  
Ou nasceu só para o mal?  
Pois com tamanha bruteza  
Destroe o que a natureza,  
Boa mãe,

Produz para o nosso bem?»  
—«Olhe que está enganado,  
Meu senhor!»

Replicou o podador:  
«O pomar, assim podado,  
Em vez de dez dá-me cem.»  
Ficou o sabio pasmado!  
Mas depois de muito ouvir  
(Embora mal cozinhado)  
Teve de se persuadir  
De que não

Tinha razão.  
Quando volta á sua terra  
Elle corta e elle serra,  
Sem olhar á estação,  
Todo a eito,  
A torto e mais a direito,  
Quantas arvores de fructo  
Lhe davam algum producto  
Té alli. O resultado  
De tão feroz attentado  
Aos preceitos mais vulgares  
De tal arte  
Foi, que na maixma parte,  
Lhe morreram os pomares.  
Consciencioso tratado  
Então o sabio escreveu,  
No qual deixou demonstrado  
Com evidencia sem par,  
Que não se deve podar ;  
E o livrêco remetteu  
A mais d'uma academia  
Com quem se correspondia.  
Passou o caso em julgado:  
Tinha a sciencia fallado!  
O ponto é que o mundo annúa,..  
Vê-se, porém, que da póda  
Inda a moda  
Continúa,  
Apesar do venerando  
Accórdão do tribunal:

Por signal  
Que os sabios abalisados,  
Sempre se vão regalando  
Com fructos  
Bellos productos  
De pomares bem podados.

Deve a sciencia  
Nascer  
Da sensata experiencia.  
Cumpra ao sabio apprender  
A maneira de podar,  
E a pratica exercitar.  
Esta vem sempre a primeira;  
Nem pôde deixar de ser  
Assim, poisque o homem sente  
Ainda instinctivamente  
Como se ha de conduzir,  
Primeiro que possa ou queira  
Principios estab'lecer  
De que a sciencia se forma.  
Torna se esta depois norma,  
Regra certa onde aferir,  
Quando haja que decidir  
Sobre pontos duvidosos,  
Segundo os mais numerosos  
Factos em que ella se funda.  
Pratica ou experiencia  
Sem sciencia  
Pôde haver

E até abunda,  
 Enquanto as necessidades  
 Da vida se contam poucas ;  
 Sciencia  
 Sem exp'riencia  
 Nunca pôde ter  
 Valor ;  
 É cheia de falsidades  
 E de theorias ócas,  
 D'ella te livra leitor (313).

## FABULA 393.

## Os membros e o estomago

Do corpo os membros um dia  
 Fizeram todos parede  
 Contra o estomago; pois qu'ria,  
 Segundo elles o arguiam,  
 Manducar  
 Sem trabalhar.  
 —«Tenho sede,  
 Tenho fome,  
 Hoje não me deram nada!»  
 Gritava o pobre a chorar.  
 Ao que os membros respondiam :  
 —«Quem não trabalha não come.

Acabou-se a marmelada  
De viveres, songa-monga,  
A custa da barba-longa.  
Mandrião! vae trabalhar.\*  
Foi-se o estomago calando;  
Nem podia mais faliar  
Por as forças lhe faltarem.  
E os membros a exultarem,  
    Já pensando  
Ter a victoria ganhada.  
Porem, longe de acabada,  
Estava a grande questão.  
    Muito em breve  
Fracos e frios de neve  
Se sentem elles, e então  
Ao outro deram razão;  
Pois, se trabalhavam todos  
Por muitos e varios modos  
Para o alimento lhe dar,  
Só elle sabia o geito  
De tal sustento empregar  
Do corpo todo em proveito.

Ou soldado ou general,  
    Fazer  
    Bem o seu papel,  
    Ser  
    Fiel  
    Ao seu dever:  
    Cada qual

O tome a peito,  
E tudo andaré direito (314).

FABULA 284.

O lobo e o homem

Disse o lobo a um pastor:  
—«Vocês fallam mal de nós;  
Ven isso já dos avós,  
Que o homem foi sempre ingrato...  
Mas mui bem sabe o calor  
Que a nossa pelle lhes traz  
Quando a apanham para um fato;  
E estes dentes com que faz  
Mais brilho ter, mais valor,  
Ao proprio oiro o artista!»  
—«Tu és qual o egoista»  
O pastor lhe respondeu:  
«Vivo, a ninguém  
Soccorreu:  
Porém  
Forçado a deixar  
Pela morte quanto é seu,  
Pela alma o vai legar  
Com serodia caridade,  
Vulgando em sua maldade

Comprar  
D'esse modo o céu.

Antes assim que peor :  
Acho porém  
Ser  
Melhor  
Fazer  
Nesta vida o bem ;  
Pois, que virtude haverá  
No que dá  
Sem  
Sacrificio  
Só para seu beneficio (315)?

FABULA 285.<sup>a</sup>

### Os peixes e o corvo marinho

Esperto corvo marinho  
Lembrou-se,  
Mais previdente  
Do que eu, do que alguma gente,  
De segurar o pãozinho  
Para quando velho fosse.  
Com essas tenções mudou-se.  
Eil-o junto d'um viveiro



Onde muito peixe havia,  
Gente que não conhecia  
O terrível pescador.

Lego no dia  
Primeiro

E outros muitos a-flo  
Nem sequer um guarda-rio  
O corvo deixou parar  
De todo o lago ao redor:  
Tiveram de se mudar.

Os peixinhos applaudiam;  
Presumiam

Nelle ter um defensor  
(Somos quasi sempre assim  
E o foram nossos avós:

Ninguem  
Parece ruim

Quando se int'ressa por nós;  
Basta que o saiba fingir:

Raro é quem  
Não vá cahir  
No laço, se hem  
Armado.)

Julgando-se acreditado  
Entre os peixes, foi um dia  
O corvo, com *ar de caso*,  
Confiar-lhes que corria  
Ser certo que em breve praso  
Sêcco o viveiro estaria.

As intenções

Do patrão  
Eram que rendesse o chão  
Com que se compram melões.  
Os peixes ficam passados!

Cosidos, fritos,

Assados

Já se julgam: muito afflicto  
Em frente ao corvo se juntam,  
—«Que havemos nós de fazer?»

Ao hypocrita perguntam:  
«Por quem é, só o senhor  
Nos pôde agora valer.»

—«Ao seu dispor

Aqui 'stou:

O peor

Será se vou

Afinal pagar

Com a vida

Idêa muito atrevida,  
Que tenho, para os salvar.  
Mas enfim, só por querer

Praticar

*Uma acção boa,*

Salvando gente

Innocente,

Exponho a minha pessoa  
E dê lá

Por onde der:

*Do céu me virá*

*O pago.*

Só de mim é conhecido  
Um lago,  
Muito escondido  
Entre os rochedos, no mar.  
Para allí sendo levados  
Por mim, podem descansados  
De certo sempre ficar.  
A noitinha aqui me tem,  
Pois ás noites se fará  
A mudança: que não vá  
Nesta faina ver-me alguém.»

Assim o fez: pouco a pouco  
Foi aquelle povo louco  
Pelo corvo transportado,  
Um a um, a sitio azado,  
Lago com pouca fundura,  
Aberto na rocha dura  
E entre penedos sumido,  
Mas enchido  
Só pelas aguas do céu.  
Alli o peixe mettido  
Já mui tarde conheceu  
O malvado que lhe deu  
Um tão sincero conselho.  
—«Povo! vê-tê n'este espelho.

A tratantes, intrujões,  
Com tenções  
Dê es emendar,

O meu fim não é  
Prégar

(Nem tinha mais que fazer:  
Fôra o meu tempo perder,  
Pois ficavam como d'antes.)

Os homens de boa fê,  
Incautos ou ignorantes,  
Pretendo só avisar.  
Gente ha, valha a verdade,

Que de ajudar

Tem

Vontade

Sem

Reservada tenção;

Gosta de extender a mão

A quem

De auxilio carece,

Ao fraco e ao innocente:

Mas d'isso raro apparece,

O contrario, infelizmente,

E quasi regra geral.

Fingem que querem servir

Para algum fim

Conseguir.

É máo, porém natural;

Poisque, emfim,

Por que razão

Ha de estafar-se por mim

Um qualquer, por quem ou não

Me afadigo?

Que muito me aperta a mão  
E diz ser meu grande amigo (319) ?

## FABULA 286. \*

## Milão de Crotona

Sete vezes vencedor  
Milão,  
O grão  
Luctador,  
Sob os louros repousava :  
Nem  
Por sombras se lembrava  
De que o tempo roedor,  
Tão voraz que tudo come  
Sem  
Nunca matar  
A fome,  
Não o havia de poupar.  
Louco, lisongeiro engano!  
Passa um, passa outro anno,  
As forças vem  
A faltar.  
Nos demais o vé e aponta ;  
Cada qual  
Mas sempre conta

Que ha de ser uma excepção.  
Assim pensava Milão,  
E sua louca vaidade  
A final  
Morte lhe trouxe fatal.  
Longe, um dia, da cidade  
Por denso bosque vagava  
Quando avista meio aberto,  
Sob'rano outr'ora do matto,  
Roble que o tempo escachava.  
Não viu nelle o seu retrato;  
Antes pensou  
Que de certo  
Mui facil lhe era acabal-o  
Só com as mãos. Isso tentou  
Mettendo-as no intervallo  
Que entre as duas partes viu:  
Esforçou-se, e mais o abriu.  
Porêto a final cançou:  
Quiz a empresa abandonar,  
Conseguiu  
Só entalar  
As mãos; que o roble fechou  
Quanto elle o havia alargado.  
A resistencia  
Ô infureco  
E, perdendo a paciencia,  
Lucta em vão  
E se enfraquece.  
Exaurido cai no chão

E, tendo a noite chegado,  
Foi das feras devorado.

Que preciosa lição  
O seu exemplo nos dá!  
Ninguém vá  
Julgar-se forte  
(Ou homem seja ou nação)  
Quando na proventa idade  
Tem a morte  
Perto já,  
Embora longe pareça.  
É tresloucada vaidade  
Excepção se imaginar  
Crendo eterna a mocidade.  
Essa  
Não  
Tarda em passar,  
E a decadência começa (117).

FABULA 287.\*

### O morcego

Nesses tempos primitivos  
Dos quizes fallecem archivos,  
E que só por tradição

Bem  
Pouco sabidos são,  
O morcego, falso e máo,  
Quiz jogar  
Com o tal páo  
Que tem  
Dois bicos;  
Isto é, aproveitar  
O par'cer  
Ave por ter  
Tambem  
Azas,  
Quando mamífero era;  
Para com seus mexericos  
Se ir mettendo pelas casas  
D'uns e d'outros animaes  
Naquelle era  
Rivaes;  
E assim  
Com muita maldade,  
Intrigando-os á vontade,  
Trazer tudo enrodilhado,  
Como fez.  
Mas por fim,  
Foi enxotado  
A bicadas,  
Pontapês,  
(Para não dizer patadas)  
E forte descompostura  
Por um e outro partido;



E tem de viver sumido,  
 Inda hoje, no seu canto  
 Sem ousar mostrar-se emquanto  
 Não aponta a noite escura.

De sentir é que outro tanto,  
 Inda peor,  
 Não se faça  
 Ao falso, ao venerador,  
 Animaes da mesma raça (218).

## FABULA 288.

## A macaca e o filho

Sempre aos beijos, aos abraços,  
 Sem nunca o largar dos braços  
 Que lhe serviam de cama,  
 Tanto mimo, tanta mama,  
 A um seu  
 Filhinho deu  
 Macaca pouco assisada  
 Que o macaquinho  
 Morreu.

Quanta mãe ha entre a gente,  
 Eguamente

Allucinada,  
(E quando aqui digo mãe  
Família digo também)  
Que não sabe, que não quer  
Cumprir bem  
O seu dever,  
Pretendendo educar filhos  
Com chorrilhos  
De tolices,  
Mimos loucos, piégnices,  
E cousas talvez piores,  
Sem lhes dar educação  
Ou carreira  
Verdadeira,  
Para ganharem seu pão  
Honrados trabalhadores.  
De tal mãe  
Se o filho morre,  
Qual macaquinho gosmento,  
Succumbindo ao tratamento,  
Inda a cousa corre  
Bem:  
D'elle só ha que dizer  
—Acabou seu sofrimento!—  
Mas, se acaso acontecer  
Que, inda assim, salvar se possa,  
Por sua desgraça e nossa,  
Vive mais um desgraçado,  
Aleijado  
Moralmente,

Um doente  
Condemnado  
A toda a vida soffrer;  
E a morrer,  
Se fór honrado,  
Mais tarde de inanção!  
E, se não, temos então  
Mais um augmentando a raça  
Parasita de vadios,  
De irrequietos, sem  
Brios;  
Feroz, constante ameaça  
De desgraça  
Sobre a pátria sua mãe,  
Que assim vem,  
Qual a outra, hastas vezes  
A caro pagar tambem  
Com desordens e revezes  
A pessima educação  
Que a seus filhos ambas dão!  
Digam, façam o que quizerem  
Illustres legisladores:  
Mas, enquanto não souberem  
Tammanho mal debellar  
Sendo bons educadores,  
Hão de sempre edificar  
Sobre a movediça areia.  
Quem semeia  
Ou quem deixa semear,  
A mão cheia

E á vontade,  
 A ignorancia e a maldade;  
 Quem tal faz ou tal consente,  
 Depois terá de colher  
 O que ahí 'stamos a ver  
 Cada dia, infelizmente (319)!

FABULA 289.\*

### O verdadeiro thesouro

Indo dar contas a Deus  
 Um lavrador chama os seus  
 Rapazes e assim lhes diz:  
 — «Se as fazendas eu não quiz  
 Jámais vender, ainda que  
 M'as quizessem bem pagar,  
     Foi porque  
     Sei 'star  
     Nellas enterrado  
     Um thesoiro  
     De bom oiro!  
 Onde? Não o soube encontrar.  
 Mas foi-me o facto affirmado  
 Por quem de certo o sabia.  
 Porisso, sempre a lavar  
 Tão fundo, quanto podia,

Andei toda a minha vida,  
Continuem nessa lida  
Vocês: não queiram vender  
As terras, quando eu morrer.»  
Finado o velho, os rapazes,  
Qual o pae, foram tenazes  
Em lavrar, sempre mui fundo,  
O solo que mais fecundo  
Veiu a ser de dia em dia:  
E porisso se cobria  
De optimos trigos que a oiro  
Bom e bello se vendiam,  
Assim deram com o thesoiro.

Mais o trabalho produz  
Do que as perolas de Ormuz,  
Quando estas muito valiam <sup>(320)</sup>.

## FABULA 290.\*

## O espelho da Verdade

Dos côos á terra desceu  
Com um bello espelho a Verdade;  
Em volta d'ella correu  
Curiosa a humanidade:  
Mas depois que se mirou,

Contra o espelho se voltou  
E, agastada,  
Á pedrada  
Em pedaços o quebrou,  
A Verdade, que tal viu,  
Mais não quiz ver  
E fugiu.

Começando a entender  
A tolice que fizeram  
Os homens logo se deram  
Ao trabalho de ir juntando  
Os boccados  
Do tão malfadado espelho  
Procurando  
Onde quer que se espalharam.  
E inda a tal mania dura :  
Andam sempre azafamados  
Desde então  
O moço e o velho,  
Naquelle ingrata procura,  
Pois tão  
Miudos ficaram !  
Comtudo  
Cada qual cre  
Que naquelles que apanhou  
Vê  
Tudo  
Muito á vontade  
E seus intentos logrou ;  
Quando hoje aquelles boccados,

Quer juntos quer separados,  
Pouco mostram a verdade (222).

## FABULA 291.\*

## A bolota e a melancia

Era nas horas da sesta  
Em  
Dia de quente v'rao,  
Quando o sol que tudo cresta  
Nem  
Poupa o duro aldeão.  
D'estes um se foi então  
Sob a frondosa ramada  
De majestoso carvalho  
Descançar do seu trabalho;  
Melancia (bem catada  
Por cautela)  
Levando-se se regalou,  
Só cascas ficaram d'ella;  
E depois philosophou,  
O que é geito  
De quem  
'Stá bem  
Satisfeito.  
—«Na verdade, a melancia»

Pensou  
Elle:  
«É que devia  
Nascer d'um grande carvalho;  
E nanja aquelle  
Negalho  
Da bolota,  
Que alli a custo se nota:  
Eu porém não sou chamado  
Para o mundo endireitar.»  
Tendo assim philosophado  
Começou a dormir.  
Eis que do carvalho cai  
Uma bolota e lhe vai  
Por acaso dar na testa.  
—«Ora está!»  
Diz o lapuz acordando  
E coçando  
Na pancada:  
«E que tal seria  
A festa,  
Se fôra, como eu dizia,  
Alentada  
Melancia!»  
  
Se ha  
Cousas que não  
'Stão  
Bem,  
Nunca as pretenda emendar



Quem  
Inda as vá  
Peiorar (222).

## FABULA 292.

## Os dois viajantes

À beira de ingreme estrada  
Dois viajantes toparam  
Levantada  
Rocha, na qual muito a custo,  
Por 'star do tempo comida,  
Esta inscripção decifraram:  
— «Homem, quemquer  
Que tu sejas,  
Se não és capaz de susto,  
Se não prézas uma vida  
Em vil ocio consumida,  
Se desejas  
Illustre sempre viver;  
Apodera-te da espada  
Enterrada  
Junto a mim no duro chão.  
Desce o valle á dextra mão,  
Uma fera has de encontrar:  
Com ella tens de lutar

Até vencer  
Ou morrer.  
Se vences, aos hombros teus  
A leva subindo o monte  
Que d'aqui  
Se vê defronte  
Com o cimo tocando os céos.  
O resto alli  
Saberá  
E seu galardão  
Terá,  
Quem taes proezas fizer.  
Nada mais posso dizer,  
Senão  
Que um nome immortal,  
Uma immarcessivel gloria  
Só se ganham com a victoria  
Alcançada sobre o mal.»  
—«Agradeço  
O seu favor!  
Seja lá  
Que premio fór,  
Ainda o mais excellente,  
Por tal preço  
Não ha  
Nada que me tente;  
Antes  
Humilde viver  
Do que taes p'rigos correr»  
Bradou

Um dos viajantes ;  
E logo, sem mais demora,  
Se levanta e vai-se embora.

O outro ficou  
Scismando :

—«Para que» disse: «viver

Bojando

Na immonda lama ?

Não pôde o homem morrer :

Nada morre. O que se chama

Morte é da vida começo.

Assim vai sempre subindo,

Sempre num progresso

Infundo,

Do mundo a força vital

Na planta, no animal,

No homem. Quem fôr mais forte

Na virtude, no saber,

Mais depois ha de valer

Nessa vida alem da morte.

Quem fôr mão, fraco, ignorante,

Verá passar-lhe adeante

O melhor,

Mais forte, mais sabedor.

É justiça e é razão;

Pois cada qual

Assim tem

O seu mal

E o seu bem

Fechados na propria mão.

Ela pois! Eu vou tentar  
Esta empresa.» Procurar  
Vai, e encontra forte espada  
Enterrada  
Onde o disse a inscripção.  
O valle intrepido desce  
Pela escuridão  
Que cresce,  
Entre penedos e abrolhos,  
Precipicios e escolhos  
De toda a sorte  
Encontrando;  
Vendo a cada passo a morte,  
Que arrosta sem  
Stremecer.  
Ouve mil vozes tambem,  
Medonhas, sempre gritando:  
—«Vais morrer!»  
Unindo horriveis lamentos  
Ao bramir dos elementos,  
Chega enfim do valle ao fundo:  
Alli enorme dragão  
Furibundo  
Se apresenta.  
Tremelhe a espada na mão  
Um só instante sentiu:  
Mas logo a lucta cruenta  
Travou, e a fera cabiu  
De sangue banhando o chão.  
Com ella aos hombros sujando

Vai o monte: vai sentindo  
Peso cada vez mais leve,  
Até que ao cimo chegando  
Nem peso havia nem fera,  
Pois tudo desappar'cêra!

Alli  
Os passos deteve,  
Deante de si  
Olhando,  
Descobriu  
Valle formoso

Que, em vez de horrendos penedos,  
Se vestia de arvoredos  
Matizados de mil flores;  
E ouvin  
O mavioso

Trinar de alegres cantores  
Que da florida ramada  
Saudavam a madrugada.

Via  
Defronte  
Um monte  
Erguido,

Muito mais que o já subido,  
Mas que, segundo mostrava,  
Facilmente se galgava.  
Uma voz então lhe diz:

— «Sê feliz!  
Bem o mer'ceste,  
Que soubeste

Com denodo o mal vencer.  
 Outros valles vais descer,  
 Onde não encontres susto;  
 Vais subir mais altos montes,  
 Cada vez com menos custo.  
 Sempre novos horizontes  
 Hão de a teus olhos mostrar  
 Maravilhas incessantes;  
 Rápidos que nem instantes  
 Te hão de os seculos passar.  
 Mais valendo, mais subindo,  
 Segue num progresso infindo  
 Tentando, mas sempre em vão,  
 Poder-te a mim egualar;  
 Porque eu sou a PERFEIÇÃO.  
 ..... (312)\*

FABULA 293.\*

### O fatalismo

Um turco, de ruim massa,  
 Doutorado  
 Na trapaça  
 (Como ha tantos por ali)  
 Levado  
 Foi ao Cadi  
 Por crime que... nem já sei.

—«Senhor!» brada o musulmano:

E engano,  
Não pequei;

Pois vós sabeis que o tyranno  
Destino nos arrebatá,

Nos mata  
A livre vontade,

Apaga a luz da razão.

Foi Allah  
Que assim o quiz:  
'Stá

Esta santa verdade  
Escripta no Alcorão.»

—«É certo» torna o juiz:

«Porém  
Tambem  
Lá  
Se encontra,

Que seja bem  
Castigado  
O malvado

Que for contra  
Os seus preceitos divinos,  
Cumpram-se ambos os destinos:

O de peccar foi o teu,  
O meu

De te castigar.»

E hom castigo lhe deu.

Faz este conto lembrar

Criminalistas modernos,  
Sempre ternos,  
Carinhosos,  
A favor dos criminosos,  
Que consideram doentes  
D'uma certa alienação  
A qual  
Dão  
O nome de criminal.  
E, portanto, irresponsaveis,  
Innocentes  
Até os chamam; porquê  
Innegaveis  
Hoje são,  
Para quem sabe o que lê,  
As influencias fataes  
De organismos  
E atavismos  
E mil outras causas mais,  
Que fazem um cidadão  
(Qual Minerva  
D'um só jacto  
Da cabeça do Tonante)  
Nascer  
Honrado ou ladrão,  
De indole boa ou proterva,  
Idiota ou litterato,  
Sisudo ou extravagante,  
Como sempre ha de viver.  
Não combato



Quanto abi ha de verdade :  
Perém nego a impunidade  
Que pretendem decretar.

Dá-se

A perversão moral  
Herdada, com que se nasce :  
Mas quem vai abandonar

Ao seu mal

Qualquer doente ?

Muita gente

Ha que, nascendo aleijada,

Consegue ficar

Sarada.

Nem sempre as receitas curam

É verdade : mas depuram,

Mas melhoram, quando não

Deixem o enfermo são.

Remédios ha, mui diversos

Segundo os varios doentes

Innocentes ;

E tambem os deve haver,

A meu ver,

Para os que forem perversos

(De doenças criminosas,

Aliás — contagiosas.)

Tem estas de ser

Tratadas

Não com macias pomadas,

Xaropes, emollientes

E mil drogas excellentes,

## Indicadas

Na douta pharmacopea,  
 Que se vendem na botica.  
 Outra cura lbes applica  
 (Multas, prisões e degredos...)  
 A lei que os crimes refreia ;  
 Remedios fortes, azedos,  
 Com os quaes tem sido curados  
 Casos que á primeira vista  
 Par'ciam desesperados.

Ao ouvir—que o vil faquista,

O ladrão,

O assassino,

Ou qualquer outro malvado,

Que o foi desde pequenino,

Sem ter nunca educação,

Não

É réo,

É desgraçado,

Innocente,

Já que doente

Nasceu,

Ou lbe faltaram com o ensino,

E não merece castigo ;—

Digo

Eu :

E aquelles que nascem sãos

Ou foram bem educados,

Hão de viver

Arriscados  
 A lhe irem morrer  
 Nas mãos?

Ou suas manhas soffrer?  
 A tiro, a veneno, a páo,  
 Dos tigres ás ratazanas  
 E inda muito mais alem,  
 Destrõe tudo quanto é mão  
 Com direito

O homem para seu bem.  
 —Poupem-se as feras humanas:—

Acceito,

Porém

Cuidado:

De as pôrem a bom recado  
 Não lesem ellas aiguem <sup>(324)</sup>!

FABULA 294.\*

A gralha depennada

Historia das mais sabidas  
 É a da gralha enfeitada  
 Com as lindas pennas cabidas  
 Aos pavões, e depennada  
 Depois por elles sem  
 Dó.

Vendo-se alli desprezada  
Para as gralbas se tornou;  
Mas tambem  
Lá não parou,  
Foi recebida á bicada  
E teve de viver só.

Assim deve acontecer  
Aos que se forem metter  
Com quem vale e pôde mais,  
Desprezando os seus eguaes <sup>(227)</sup>.

FABULA 295.<sup>a</sup>

## O banqueiro e o remendão

Um sapateiro de escada,  
Velho typo que se some;  
Pois tudo no mundo acaba,  
(Muda de fôrma e de nome,)   
Desde a rosa desfolhada  
Ao sopro da viração,  
Té o cedro que desaba  
Varrido pelo tufão;  
Desde a aldeia que, nascida  
Entre choupos e salgueiros,  
Desapparece sumida

Sob os matos e tojeiros,  
 Té ás Thebas, Babilonias,  
 As Athenas e *Parvonias*,  
 Que cahiram, cahirão,  
 Com o estampido dos trovões  
 Ellas mais os seus dynastas,

Ao longe juncando

O chão,

Legando

Ruinias vastas

A profundas reflexões :

Desde as humildes nações

Até o Povo Romano ;

Desde o individuo humano

As inteiras gerações ;

E desde os Napoleões

Té os chumécós de escada !...

Um remendão,

Um velhote,

Nunca largando o capote

Inda no pino de v'rão ;

Colxete no cabeção,

Ou gola, muito ensebada ;

Sempre em mangas de camisa

De simonte matizada,

Que fica a gente indecisa

De quando ella foi lavada ;

Chapéu alto, encarniçado,

Comprado

Quando lhe quadra  
Na velha feira da ladra,  
Para trás sempre inclinado;  
Mostrando hirsutos cabellos  
Sujos, por independentes  
De escovas sempre e de pentes,

Que, ao vel-os

E mais os dentes,

Logo nos fazem lembrar,

Pelo sujo e pela côr,

O gigante Admastor;

A cara lavada e plana

Só uma vez na semana,

Quando se vai barbear;

De cangalhas de latão,

Que ora no nariz assesta,

Ora estão,

Viseira de capacete,

Destacadas para a testa;

No collete

Usando poucos botões;

As calças quasi calções

Fugindo ao cano da bota,

Na qual um laivo se nota

(Embora raro engraxada)

Onde dá

O fio á

Faca:...

Um sapateiro de escada

Era um grande trovador  
(Uma terrível cigarra  
Insupportavel matraça :)  
Ninguem lhe lançava a barra  
Adeante, como cantor.

Sabia mui bem  
De còr

Quanto cantado se tem  
Desde a *Lilia abandonada*  
Até a *Carta adorada* ;  
Com seu depravado gosto

E furor  
*De dilettanti,*

Aleijando *tutti quanti*  
De melhor  
Se tem composto :  
Não se podia aturar.

Ora no primeiro andar  
Morava,  
Mas não cantava,  
Alli tinha o seu telonio  
Um banqueiro,  
De chorudo mealheiro,

A quem do oiro o demonio  
Noite e dia  
Perseguiu ;  
Meditando,  
Calculando,  
Sobre os fundos

Dos dois mundos;  
Um dos Crésos importantes  
Das dividas fluctuantes.  
Em seus calculos profundos  
Mil vezes interrompido  
Pelos teimosos descantes  
Do vizinho desvalido,  
Que tão alegre vivia;  
Entanto que elle, ao contrario,  
Homem mais que millionario,  
Mal podia  
Olho fechar;  
Manda o vizinho chamar.  
—«Mestre!» lhe diz: «se você  
A pergunta não me estranha,  
Diga-me lá quanto ganha,  
Termo medio, em cada um anno?  
Porquê,  
Pelo que se vê  
Ou eu ouço, sem engano  
Os seus ganhos não  
São  
Fracos,  
Deve ter bellos patacos.»  
—«Senhor!» responde o chumeco  
(Que para vir mais decente  
Puxara as repas de trás,  
Servindo os dedos de pente;  
Jaleco  
Vestido traz



Que sem exemplo envergara,  
E tentou limpar a cara  
Com cuspo e a ponta do lenço :)  
«Senhor! eu cá nunca penso  
Em cousas da *mathematica*,  
Jámais metto o meu bedelho  
Naquelle que não entendo :  
Mas vou, só com a minha pratica  
E seguindo o credo velho,  
Esta vida atamancando  
E comendo  
Cada dia  
O que o officio me vai dando.  
Bem  
Podia  
Render mais :  
Porém  
Hoje os cabedaaes  
'São pelas horas da morte ;  
Todo vai a peso d'oiro :  
Desde a sola até o coiro,  
E depois, o grande córte  
Que nos dão os sapateiros  
Estrangeiros !  
E agora ainda mais é  
Que já ninguém anda a pé ;  
Anda tudo de carrinbo,  
Não põe no chão um pésinho ;  
Qualquer dia andam descalços,  
Tudo mui serios percalços :

Mas, enfim, vai-se vivendo  
E fazendo  
Boas figas ao demonio.  
O meu padre Santo Antonio  
E mais o Senhor dos Passos  
Da Graça, que me 'stão vendo  
Do céu, afastem fracassos,  
Emquanto eu cá vou durando  
Espantando,  
O dia inteiro,  
Os meus males, a cantar»  
(Morde os beiços o banqueiro)  
«Sem no futuro coidar.  
O futuro a Deus pertence,  
'Stá fóra da nossa mão;  
Tanto orça,  
Pois, que pense  
Nelle o homem, como não:  
Sempre ha de ter  
Muita força  
O que tem de acontecer...»  
— «Isso é de homem de razão»  
Atalha aqui o banqueiro  
Fingindo um ar prasenteiro:  
«Gostei de o ouvir fallar;  
Tanto que o quero ajudar.  
Ahi tem  
Esse dinheiro:  
Você é homem de tem,  
Que eu já informado eston»

(O remendão cortejou)  
 «Leve-me essas inscripções,  
 São minhas: mas a você  
 Fracos papeis, quaes os vê,  
 Ainda bellos testões  
 Podem render cada mez,»  
 E com voz accentuada:  
*«Não havendo algum revez  
 Com que toda a papelada  
 Fique não valendo nada...»*  
 E, visto que até agora  
 Sem isso vivido tem,  
 Não o deve deitar lóra;  
     Deve poupal-o,  
     Guardal-o,  
 A vêr se chega a comprar  
 Suas inscripções tambem  
     E a arranjar  
     O pão  
     Da sua velhice.  
 Adeus, passe muito bem;  
     E não  
     Lhe esqueça o que eu disse.»  
 Agradecendo ao banqueiro  
 Foi-se embora o sapateiro  
 Direitinho logo a casa;  
     Isa em brasa  
 Para guardar o dinheiro,  
 Que bem cedo o atormentava.  
 Quando foi já não cantava,

E na volta não cantou ;  
Levou  
    Todo o outro dia  
Mettido na agua-furtada  
Dando tractos ao juizo,  
Por ver onde esconderia  
    Bem guardada  
E sem soffrer prejuizo  
A fortuna e... as alegrias.  
Comprava todos os dias  
Desde então sempre um jornal,  
    Do qual  
    Fez seu breviario,  
    Onde lia  
    Bem ou mal  
Tudo quanto elle trazia  
Do mercado monetario ;  
    E dizia  
    Muito serio,  
    Se cahia  
    O ministerio.  
Se as noticias estrangeiras  
Algo tinham de guerreiras,  
Emfim, se os fundos tremiam :  
— « Isto assim não pôde ser :  
Onde iremos nós parar ?  
Se as inscripções depreciam,  
Não é caso de brincar  
    *Para quem*  
    *Tem*

*Que perder...*

Foi ralhando a triste vida,  
Outr'ora tão divertida ;  
Nunca mais soltou um pio  
Ou, sequer, um assobio.

Quem lucrou  
Foi o vizinho,  
Visto que tão baratinho  
O sapateiro calou.

De tudo o que fica dito  
(Algun tanto compridito)  
Tirar se podem, leitor,  
Duas lições, qual melhor.  
A primeira é que a differença  
Entre as sortes nesta vida

É menor  
Do que se pensa,  
Quando fôr  
Bem reflectida.

Pôde o pobre ser feliz  
(Não fallo do que não tem  
Saude, forças, sustento ;  
Mas sim do remediado,

Que se diz  
Pobre tambem :)

E pôde o muito opulento,  
Com razão  
Apouquentado,  
Não

Ter socego um momento.  
O que possui quanto basta,  
(Pouco tendo que perder)  
Gosa ás vezes muito mais  
Do que quem  
Tem  
Capitães  
Arriscados, sem  
Saber

Onde a fortuna o arrasta.  
Hoje tudo é grande e bello;  
Amanhã o que será?  
A riqueza perderá?  
Todos fogem só de vê-lo.  
E mais soffre o que desceu  
Do que quem  
Nunca valeu.

A segunda, e a que tem  
Para mim maior valia,  
É que não se fie a quem  
D'um qualquer na sympathia.  
Raro encontrarás tratante  
Que não seja obsequiador,  
Exímio comediante,  
Tirando sempre proveito  
Para si d'esse seu geito;  
Pois, venha lá donde fór,  
Ha de pagar-se um favor.  
Devemos, pois, hesitar

Com receio de acceitar  
 Quanto nos seja suspeito.  
 Se ha males que vem  
 Para bem,  
 Não  
 Deixam de haver fortunas,  
 Pelo menos, importunas,  
 Falsos bens e que afinal  
 Dão  
 Em droga e em muito mal,  
 Como deu ao sapateiro  
 O presente do banqueiro (296).

## FABULA 296.

## O caminho a seguir

Ao seu possante  
 Elephante  
 Pergunta o cornaca, um dia,  
 Que caminho preferia ?  
 A subida  
 Ou a descida ?  
 — «Porque me perguntas isso ?  
 Ataso d'ora em diante  
 Deixará de haver caminho  
 Bem liso, bem direitinho,

Onde se faça o serviço ?  
 Lhe tornou o elephante.

Um homem, embora honrado,  
 Tem ás vezes de seguir

Obrigado  
 Ou contrafeito,  
 Caminho menos direito ;  
 Não por este ser melhor  
 Do que outro ainda peor,  
 Mas sem na escolha convir  
 E incapaz de reagir.

Quando poder,  
 Que reaja ;  
 E bem haja,  
 Se o fizer (227).

FABULA 297.

**O pinheiro e a cunha**

Para rachar um pinheiro  
 Certo leuador, primeiro  
 Estreita fenda lhe abriu ;  
 Depois nesta introduziu  
 Uma cunha, na qual deu  
 Tanta e tão rija pancada,



Com a cabeça da machada,  
 Que o pinheiro se rachou  
 E, feito em achas, morreu.  
 Antes da vida deixar,  
 Para a tal cunha fallou:  
 — «Não tenho que me queixar  
 Da machada;  
 Era-me estranha  
 E não me devia nada.  
 É só contra ti que eu bramo,  
 Pois, sendo feita d'um ramo  
 Que foi meu, com arte e manha  
 Te metteste no meu seio  
 E assim me partiste ao meio.»

Quantas vezes os destroços  
 Nos vem da sanha  
 Dos nossos (328)!

FABULA 298.

A mosca e a formiga

— «Já as formigas tem tosse!»  
 Dizia a mosca á formiga:  
 «Minha amiga,  
 Se você tola não fosse,

Não tinha o atrevimento  
De se comparar  
A mim.

Olhem o insecto nojento  
A qu'rer hombrear  
Assim

Com os que valem muito mais!  
Coitado, como se engana!  
Eu pelos Paços Reaes  
Entro, se me dá na gana  
(Onde mil vezes jantei,  
Muitas mil hei de jantar.)  
Na c'roa me vou pousar

D'el-rei;  
No sceptro real,  
E na frente,  
No cabelo

Da Rainha ou da Princeza,  
Sem que nada me amedronte.  
Fui modelo  
Do signal

Que outr'ora punha a belleza  
Para realçar a tez.

E vocês,  
Tristes formigas,  
Vivem quaes reles mendigas,  
Arrastando o vil sustento  
Para um buraco nojento,  
Um chiqueiro, onde não ha  
Nem ar, nem luz. Ah! 'stá

O seu retrato e o que eu sou;  
E cale a tola da bocca.»

—«Acabou?»

Disse a formiga:

«Cautela não fique rouca,  
Impostora d'uma figa!

Antes diga

—O mundo é meu—

E na carta mais não ponha:

Bem

Lhe póde chamar seu

Quem

Nasceu

Sem

Ter vergonha.

Olha a tola, que me falla

No viver sempre de sala

E entrar nos Paços Reaes!

Inda mal que tem

Entrada.

Você e outras que taes...

Mas não diz que é enxotada,

Não a podem lá aturar,

Nem

Nenhures:

Todos morta a querem ver.

Pousa na c'roa d'el-rei?

Ora... e pousa mais algures;

Onde? agora não direi:

*Verbi gratia*, numa forca

Ou nalguma cousa porca.  
Tenho-a visto no monturo  
Mil e mil vezes pousar.  
Você tem o condão raro

Do branco sujar  
De escuro;

E, o que for preto, de claro;  
De tudo enfim, conspircar.  
Se com sustento grosseiro  
Vivo neste pardieiro,

Tudo é meu  
De ninguém mais,

Ganho à força de trabalho.

E, demais,

Pouco me importa o seu  
Ralho

E os olhos com que me vê;

E vá pentear macacos:

Não quero o tempo perder

Em cavacos

Com tolas, como você,

Que nada sabem fazer

Senão fallar e comer.

Parasitas, mandriões,

Quantas moscas de dois pés

Ahi vês,

Apanhem d'estas lições,

Quando se vão

Comparar.

A quem sabe grangear,  
Trabalhando, o honrado pão <sup>(322)</sup>.

## FABULA 299.\*

## O bicarbonato

Uma senhora da moda,  
Mas... gulosa,  
Como ha muita que se gosa  
(Ainda da melhor roda)  
Com indigestos guizados,  
Muito embora delicados;  
A cada passo cahia  
Doente, por gulodice  
Que comia.  
Bicarbonato de soda  
Ser ottimo alguem lhe disse  
Contra as suas macacoas.  
Nunca mais  
Lhe metteu medo  
Fartar-se de cousas boas,  
Ou que tinha como taes;  
Pois já sabia o segredo  
Dos máos effeitos curar.  
Tanto nellas se metteu  
Que não a pôde salvar

O seu  
Remedio; e morreu!

É infelizmente  
Um facto  
Este do bicarbonato.  
Quanta gente  
Ha que imagina  
Poder muito impunemente  
Abusar da medicina  
(No physico e no moral!)  
Arranjam remedio certo  
Ou havido como tal,  
E eil-os capacitados  
De serem  
Sempre curados,  
Ou terem  
O céu aberto  
Apezar dos seus peccados (110).

FABULA 380.\*

### O regato

la limpido regato,  
Nascido numa collina,  
Dando

Volta na campina  
Toda em flor,  
Regando  
Muita bonina,  
Que lhe servia  
De ornato;  
Seguia  
O doce pendor  
Que o levava até o rio;  
Eis brada:— «Num rodopio,  
Misturado  
Com aquellas aguas, vou dar  
As ondas do largo mar!  
Não quero morrer  
Salgado;  
Hei de ser  
Independente,  
Levar a minha corrente  
Onde muito me approuver!»  
Assim fez: com aquelle fumo  
De vaidade, muda o rumo;  
Vai correndo,  
Vai descendo  
Até um valle profundo  
D'onde não pôde sahir.  
Foi-lhe enchendo  
O vasto fundo  
Que apenas logrou cobrir;  
E eis o regato louco,  
Pouco a pouco,

Convertido em charco immundo,  
 Pestilento,  
 Do qual foge toda a gente  
 Que não quer  
 Morrer  
 De peste.

Se o meu conto percebeste  
 (Facil é de perceber)  
 Bem claro havias de ver  
 O retrato  
 D'um novato,  
 D'uma cabeça de vento,  
 Que imagina ter  
 Talento,  
 Descobrir novos caminhos;  
 E dá na agua com os berrinhos,  
 Feito, por sua vaidade,  
 A praga da sociedade (221).

FABULA 301.

### O pavão e Juno

Pediu audiencia a Juno  
 Desconsolado o pavão  
 E disse: — «Real senhora!



Que todo o vivente adora!  
 É verdade que eu reuno,  
 (Por mercê de tua mão)  
 Na cauda belleza tanta  
 Que, ao vel-a, o mundo se espanta,  
 Quando brilha á luz do sol.  
 Mas, Senhora, a minha voz  
 É atroz.

Impossivel de aturar;  
 Emtanto que o rouxinol,  
 Mesquinho, desengraçado,  
 Que ninguem procura ver,  
 Apenas entra a cantar  
 É por todos escutado  
 Com indizivel prazer;  
 E tudo, para o ouvir,  
 Deita a fugir  
 Do meu lado.

Canto cheio de doçura,  
 Aos ouvidos sempre grato,  
 Qual no rouxinol o vejo,  
 Que diga com a formosura  
 D'estas pennas, eu desejo.\*  
 — «Bruto ingrato!

Ave invejosa!

Responde Juno irritada,  
 Ao ouvir-lhe aquella prosa,  
 Só pela inveja dictada:  
 «Cala-te ahi; se não queres,  
 Longe do que me requeres,

Ficar sem  
Cauda tambem.»

Já não é pouca fortuna  
Ter algum  
Talentto  
Alguem:  
Raro quem  
Mais d'um  
Reúna;  
Pôde julgar-se portento!  
Trate pois de utilisar  
Cada qual  
Aquelles dotes que tenha;  
Os dos outros invejar  
Nunca á lembrança lhe venha,  
E verá que não vai mal (238).

FABULA 302.ª

A queda

Não foi qualquer tombo ou salto,  
Sim queda monumental  
(E, por signal,  
De tão alto  
Que durou quasi um minuto)

A que um pobre homem deu.  
Medico serio e astuto  
A pretendeu  
Estudar,

Porisso lhe perguntou :

—«Teve tempo de pensar  
Enquanto a queda durou ?  
Conte lá o que pensou?»

—«Tive» responde o doente  
(Que, embora á morte escapasse,  
Steve seus dias no quente)

«E pensava:

Se isto sempre assim durasse,  
Era um gosto ; pois então  
Nem nada me incomodava,  
Até... vir bater no chão.»

Digo agora tambem eu,  
Ao ver tudo como vai:  
Enquanto a cousa assim cai

É um céu,  
Temos inda pão  
Com mel :

Afinal virá o fel  
Quando o corpo der em terra :  
Ora é isso que me aterra (222).

## FABULA 303.

## O leão docente e a raposa

'Stando infermo el-rei Leão  
Mandou deitar um pregão  
Dizendo que recebia  
Cada semana, tal dia.  
A visitar o seu rei,  
Cuja palavra era lei.  
Apressou-se a bicharia  
Lá foi também a raposa  
Que, depois de examinar  
Com olhos inquisidores  
Muito attenta os arredores,  
Entrar

No antro não ousa.

— «Porque 'stás a duvidar?»

Lhe pergunta o camarista

Urso, todo formalista:

«Dize lá, porque duvidas?»

— «Vejo mui bem as pégadas  
Das entradas»

A raposa lhe responde:

«Mas não posso enxergar onde  
Estejam as das saídas.»

Ha passos que nada custam

Bar a quem pouco reflecto,  
 Não lhes vendo prejuizo ;  
     Mas que assustam  
 E obrigam a reflectir  
 Aquelle, que com juizo,  
 Jámais num bêco se mette  
 Donde não possa sahir <sup>(324)</sup>.

## FABULA 304. \*

## As carapuças

Um saloio, muito *esperto*,  
     De olho aberto,  
 Qual o homem que esmiuça  
 Tudo no interesse seu ;  
     Resolveu  
     Mandar fazer  
 Uma boa carapuça.  
     Quiz elle comprar  
     O panno,  
     Para não haver  
     Engano ;  
 E depois o foi levar  
 A mestre, ao qual perguntou  
 Se a fazenda era bastante.

Vendo que no mesmo instante  
Este respondera — sim,

Começou

A matutar,

Não o fosse elle roubar,

Não lhe pregasse caurim.

E diz:— «O mestre podia

Ver se do panno fazia,

Talvez, duas em vez d'uma?»

Não poz duvida nenhuma

O alfaiate. Encantado

Por não ter sido logrado,

Parte o saloio; e no dia

Aprasado

Os barretes vai buscar.

Não os podendo encaixar

Na cabeça,

Por pequenos,

Eis que começa

A queixar-se

Em termos mui pouco amenos,

De que o mestre lhe estragara

O panno que lhe entregara:

Teve porém de calar-se

E ficar,

Muito embora contrafeito,

Com um só barrete, e esse feito

Dos boccados

Dos outros dois desmanchados,

E tres feitios pagar!

Já tenho visto espertezas  
 Darem nestas baratezas (332)...

FABULA 305.

Asno morto...

—No vinho está a verdade—  
 É dictado bem sabido.

Na rua d'uma cidade  
 Estava  
 Um homem extendido,  
 Por haver de mais bebido;  
 E gritava  
 A bom gritar,  
 Que o fossem d'alli tirar,  
 Poisque lhe tinha passado  
 Por cima do corpo um trem.  
 Diz-lhe alguem  
 Que tal ouviu,

—Estás de certo enganado :  
 Ao miolo te subiu  
 E o juizo te toldou  
 Muito quartilho de vinho ;  
 Nenhum trem aqui passou :  
 Só quando algum te pisar

Terás razão de gritar.»  
 — «Ora muito obrigadinho!»  
 Torna o homem bocejando:  
 Vai-me já d'aqui tirando,  
 (Vê se o fazes com geitinho:)  
 «Só preciso de ajudado,  
 Antes de ser esmagado;  
 Porque, depois de eu o /star,  
 Passe quanto trem passar,  
 Não me dá isso cuidado».

A cantela deve vir  
 Antes do mal se sentir (339).

FABULA 305.ª

A serpente e as rãs

Quando Jove finalmente  
 Mandou a cruel serpente  
 Ao lameiro  
 Das rãs, que loucas pediam  
 Rei sabedor e valente,  
 Em vez do inerte madeiro  
 Que não qu'riam,  
 Logo o povo se vê quente,  
 Pois lhe dá caça de morte



Este rei, que fero o come.  
 Em vão cada qual se some ;  
 Não evita a dura sorte  
 De acabar no cruel dente.  
 — «Porque nos matas assim ?»  
 De longe uma lhe gritou.  
 — «Vocês chamaram por mim...»  
 A serpente retrocou.  
 — «Isso nunca me lembrou ;  
 O pedido não foi meu.»  
 — «Ah! malvada !»  
 Berra a serpente assanhada,  
 A custo quando a colheu :  
 «Não queres ser *governada* ?»  
 E nos dentes lhe morreu.

Sempre o fraco ha de soffrer  
     Por ter,  
     Ou não,  
     O seu cão.  
 Antes um tosco madeiro  
 Que represente de rei,  
 Do que um sabio, um guerreiro,  
 Cuja vontade é a lei :  
 É o governo melhor  
 O menos *governador* (227).

## FABULA 307.

## O anão

Foi certo dia um anão  
À loja d'um mercador,  
E disse:— «Quero saber,  
Do panno que tem melhor  
Quantos covados serão  
Precisos para fazer  
Um bom collete e uma calça?»  
O logista os olhos alça  
(Ou baixa) para o anão  
E lhe diz, sem  
Hesitar:

— «Para um homem regular  
São tres: porém ao senhor  
Dois lhe bastará comprar.»  
O anão muda de côr  
E responde, a despeçar:  
— «Ora faça-me o favor  
De tres covados cortar!  
Saiba que um homem não é  
Medido a palmo ou a pé,  
Mas por suas qualidades.»

As bravezas de vaidades,

Qual esta  
 Do parvo anão,  
 Chamava alguém  
 Muito bem:  
 —Castigar o chão  
 Com a testa (328).—

## FABULA 308.

## O satyro e o viajante

Houve satyrós out'ora,  
 Que eram meio-divindades:  
 Os que se encontram agora  
 Mostram só más qualidades,  
 Não são pessoas de bem:  
 E tambem  
 O seu feitio é diferente,  
 Ao menos no que patente  
 (Vivos uns, outros pintados)  
 Nestes se vê e naquelles.  
 São uns qual a outra gente  
 Vestidos, do mesmo modo  
 Calçados  
 E alojados:  
 Os outros, ou nús de todo,

Ou mal cobertos de pelles,  
De cabra com pés e pernas,  
Na cabeça tendo cornos  
E, junto d'estes adornos,  
Umás orelhas felpudas  
Com as pontinhas muito agudas,  
Viviam pelas cavernas.

Em noite escura, invernosa,  
Horrorosa,  
Foi viajante acolhido  
Na gruta por um dos taes  
Ou deuses ou animaes,  
(D'isso não  
Farei questão.)

O homem, para a aquecer,  
Com a bocca sopra na mão;  
Depois, antes de comer  
Umás papas muito quentes,  
Com o fim de as arrefecer  
E não constipar  
Os dentes  
Ou escaldar  
A guela,

Sopra tambem na gamella.  
Pedi-lhe a explicação  
O outro, d'aquelles actos  
(Hoje grandes grosserias.)  
Desconhecidos nos mattos  
Pelos satyros de então.

— «Sópro, para as aquecer,  
 Nas mãos quando as sinto frias»  
 Torna o homem: «e no comer  
 Sópro para o arrefecer.»  
 Fica o satyro pasmado!  
 E, depois de ter scismado:  
 — «Grande favor me farás»  
 Diz: «quando a chuva parar,  
 De te pôres logo a andar:  
 Não quero viver com gente  
 Que, segundo bem lhe apraz,  
 Sopra frio ou sopra quente (330).»

## FABULA 309.

## O caranguejo e o filho

— «Que modo tu tens de andar!  
 Isso é quasi recuar»  
 Disse ao filho o caranguejo:  
 «Não pões os olhos em mim?»  
 — «Porque vejo  
 O que o pae faz»  
 Lhe respondeu o rapaz:  
 «Julguei que se andava assim.»

Lembro-me de ouvir um dia

Papagaio que dizia:

—«Careca o pae mais a mãe,  
Careca o filho tambem (240).»

FABULA 310.

**O gamão**

Jogava muito o gamão,  
E dizem que menos mal,  
Um homem que endoideceu,  
    Pois perdeu  
Numa certa occasião  
    Jogo tal,  
Que eram todos a dizer  
Absurdo de se perder.  
Comsigo sempre trazia,  
    Desde então,  
Um taboleiro e, se via  
Gente seria a conversar  
Onde elle podesse entrar,  
    Logo estava  
    Lá cahido ;  
    Armava  
    O jogo perdido  
E mui serio perguntava.

Se era possível perdê-lo ?  
 Ouvindo a todos — que não,  
 O desgraçado dizia,  
 Ao peito levando a mão :  
 — Pois aqui 'stá o camelo  
 Que o perdeu !  
 Com a tal mania  
 Morreu.

Verdades ha impossiveis :  
 Quer  
 Dizer,  
 Cousas que parecem taes  
 Por increveis  
 E fóra da natureza ;  
 Mas que se tornam reaes  
 E nos vencem de surpresa.  
 Que te possa acontecer  
 O que não desejas ver,  
 Nunca julgues impossivel ;  
 E, se tal caso se der,  
 Jámais será tão sensivel,  
 Que te chegue a enlouquecer.  
 É melhor  
 Sempre contar com o peor :  
 Se vier  
 Preparado já te encontra  
 Contra  
 O seu cruel effeito :  
 E, se acaso não se der,  
 44

Com certeza has de fiar  
Só por isso satisfeito (344).

## FABULA 311.\*

## O leão e o rato

Um rato muito estouvado,  
Indo esbarrar com um leão,

Ficou aterrado

E quedo,

Porém não

Penedo contra penedo,

Qual gigante

Adamastor.

Num tremor

E supplicante,

Lastimando a sua sorte,

(Via quasi certa a morte)

Estacado alli ficou.

Quem tal diria? Escapou!

O leão

Gostava pouco de ratos

(Apesar do parentesco

Dos leões com os outros gatos)

Ou tinha bom coração...

Fosse lá pelo que fosse,



Da presa não tomou posse,  
E o ratinho poz-se ao fresco.  
Passados dias, cahiu  
Incauto o leão num laço,  
Onde luctou e rugiu  
Embalde, por grande espaço ;  
E talvez alli morresse,  
Se o ratinho, que o ouviu,  
Acudir-lhe não viesse.  
O laço tanto roeu  
Que este, afinal, se rompeu.

Por ter nobre coração  
(Gosto mais d'esta versão)  
Poupou a um rato  
O leão;  
Livrou-se este de morrer,  
Porque lhe pôde valer  
O ratinho, que era grato.  
Sempre é bom fazer  
O bem  
Inda a qualquer  
João-Ninguem (112).

## FABULA 312.

## A abelha e o cuco

— «És monotono, meu cuco!»

Disse a abelha:

«Sempre essa mesma parelha  
De notas! é forte séca!»

— «E tu sempre o mesmo succo,

Minha mãe,

A fabricar!»

Diz-lhe o cuco:

«De mim não podes zombar.»

— «Olha, sabes o que mais?»

Torna-lhe a mestra: «o que é bom

Nunca pôde ser demais:

Mas isso raro acontece

Com o que não passa d'um som

Que, repetido, aborrece.»

Esta abelha, ao que parece,

Pouco devia gostar

D'ons diversos,

E mui afamados, versos

Que por 'hi ouço gabar (242).

## FABULA 313.\*

## O lobo, a raposa e o urso

Perante um urso trombudo,  
Mas agudo  
A verdade em discernir,  
Uma causa discutir,  
(E causa de ladroeira)  
Foram o lobo e a raposa.  
Accusada era a matreira  
Pelo outro, e com rancor,  
De lhe haver furtado cousa  
De não pequeno valor.  
Negava ella, teimosa,  
Auctora ser de tal roubo

Feito ao lobo

(Dado

Que lhe fosse feito.)

Ouvido e bem ponderado  
Pelo urso o allegado  
Já d'uma já d'outra parte,  
Neste mui notavel pleito,  
Convencido de que os dois  
Eram uns grandes birbantes,  
Lembrou-se d'este descarte:  
—•Eu conheço quem vós sois :

Fôra já  
D'aqui,  
Tratantes !  
A ti,  
Lobo,  
Nenhum roubo,  
Pois vives sò de roubar,  
Jâmais se fez ou fará :  
Tu, raposa,  
Se tal cousa  
Não furtaste,  
Foi porque não a encontraste,  
Que a tua vida è fortar.  
Saiam ambos sem demora  
Por aquella porta fôra !»

Esta decisão podesse  
Ter sempre toda a demanda,  
Na qual  
Ruindade houvesse  
Egual  
D'uma e d'outra banda.  
Ha gente de quem direi  
—Deve estar fôra da lei (24).—

## FABULA 314.

## O chiqueiro

Um homem que, sem saber,  
Se metten  
A crear gado,  
Entendeu  
Que um porco podia ser  
De certo muito aceiado,  
Quando assim fosse educado.  
Escolheu  
Porcalhão atocinhado  
E num curral o metten.  
Alli reinava a limpeza,  
Lauta mesa ;  
Mas... de chiqueiro  
Nem cheiro.  
O resultado fatal  
Foi que o porco se deu mal  
Com o aceio ;  
'Stava em meio  
Do que quando alli entrou  
E por um triz não morreu !  
Mas, quando o dono o metten  
— Outra vez no tal  
Chiqueiro,

Logo engordou  
E rendeu  
No mercado bom dinheiro.

—Nem todos podem ser tudo—  
Muito estudo  
Se perdeu,  
Muito se ha de  
Inda perder,  
Emquanto não se attender  
À verdade  
Do dictado.  
Só depois de bem saber  
Para que fim é creado  
Cada qual,  
Homem, planta ou animal,  
Só então,  
Lhe podem dar  
Cultivo ou educação  
Capaz de se aproveitar.  
Tudo o mais é illusão,  
Tudo o mais é theoria  
Oca, vã philosophia.  
Admitto as regras geraes :  
Mas não creio nas demais.  
Nisto vou com o que dizia  
Doutor dos mais  
Competentes :  
—Não ha doença, ha doentes—  
Quer

Dizer,  
Que é frioleira  
O tentar  
Fazer passar  
Todos por egual feira (245).

## FABULA 315.

## O mulato

Um mulato brasileiro,  
Rico, mandou educar  
Uma só filha que tinha.  
Bonita e bem educada,  
E o pae com muito dinheiro,  
Era certo, a mulatinha  
Não ficava por casar.  
Quer o pae vê-la casada  
E, porisso, determina  
Vir á Europa viajar,  
Escolher para a menina  
Noivo da mais branca gente.  
Dias antes de partir  
Foi-se porém despedir  
D'uma senhora, mui fina,  
Da qual era inda parente,  
E lhe expôz suas tenções.

Ora nessa casa havia  
Um rapaz, amulatado,  
Mas em bellas condições;

Afilhado  
Da senhora

E a quem ella protegia  
A ponto de o ter formado.

—«Porque vai  
Você lá fóra,

Tão longe, noivo buscar  
Para a sua rapariga?»

Pergunta ao pae:

«Ora  
Diga,

Não lh'o pode aqui achar  
Que responda ao seu desejo?»

Torna-lhe o outro:—«Não vejo  
Gêro que me faça gesto.»

A senhora, tendo a peito  
Proteger o tal rapaz,

Continúa:—«Pois Fulano,  
Formado

Não

Ha um anno,

E que vai ser despachado,  
Nenhuma conta lhe faz?

Bem educado,

Capaz,

Com talento e tão  
Pacato...?»



— «Nada! nada!»

— «Então

Porquê?»

— «É mulato.»

— «Agora essa!

Tem muita graça! E você?»

Retruca muito depressa

A senhora estomagada.

— «Isso é mais uma razão:

Bem fóra da minha mão

Esteve o eu tal

Nascer;

E, longe de concorrer

Para assim perpetuar

Na minha gente esse mal,

Quanto possa, lhe hei de obstar.»

O dizer:

— «Por mais um cacho

Venha essa parreira abaixo!

— Porque se ha de

Duvidar

De tal despesa fazer

Se outras se fazem aos centos

De menor necessidade?»

Estes e eguaes argumentos,

Repetidos cada dia,

Para mim não tem valia.

Procuremos

Melhorar;

Oh, se tanto não podemos,  
Ao menos não piorar (166).

## FABULA 316.

## O mestre de dança

Insigne mestre de dança,  
Famoso outr'ora na França,  
Seu filho desde menino  
Ensinara a bailarino.  
O rapaz dançava bem:

Mas alguém  
Ferro quiz  
Metter ao pae  
E lhe diz:

— «Seu filho vai  
Dançando muito melhor  
Que você dança ou dançou.»  
— «Isso bem era de 'sp'rar  
Com um professor  
Como eu sou,

E qual não pode encontrar  
Quando apprendi a dançar.»  
O velho lhe replicou.

Devemos ser  
Muito mais

Do que foram nossos paes,  
 Sem  
 D'ahi orgulho ter;  
 E nossos netos tambem  
 O mesmo devem fazer:  
 Cada qual é obrigado  
 A acrescentar o herdado (247).

## FABULA 317 \*

## Historia da machadinha

Lavrador  
 Remediado,  
 Porém parvo a mais não ser,  
 Casado  
 Com uma mulher  
 Da mesma força e teor,  
 Tendo uma filha solteira  
 Não menos forte na asneira,  
 Desejou vel-a casada.  
 Embora pouco atilada,  
 Era boa a rapariga,  
 Isto em todos os sentidos:  
 Só tinha aquelle senão.  
 Ha quem diga  
 Que é melhor para os maridos

Quanto ellas mais parvas são :  
Eu sempre direi que não.

Ha deveres  
De mulheres

Que, se dispensam sciencia,  
Pedem clara intelligencia.  
Mas deixemos a questão  
E vamos á machadinha.

Um rapaz em casamento

A moça pedido  
Tinba.

Dito e feito: num momento

'Stava o caso  
Decidido  
E até o praso  
Marcado.

Sendo o noivo convidado

Um certo dia a jantar,  
Quiz-lhe o velhote off'recer  
A beber

Um copo de geropiga,  
E mandou á rapariga  
Que a fosse ao quarto buscar.  
Era bem perto d'alli

E onde dormiam  
Os tres ;  
Muitos não podiam  
Ter

Nem tal cousa era mister.

Eu ouvi  
 Mais d'uma vez,

Quem sabia, repetir  
 —Ao lavrador possuir  
 Basta uma casa onde caiba,  
 Mas terras que não as saiba.—  
 Foi a moça e demorou-se  
 Tanto que, enfim, levantou-se

Sua mãe

E a foi buscar:

Resolheu ella tambem

Lá ficar.

Ergue-se afinal o pae

E eis-o vai

Rospando; porém

Não volta.

O rapax, que se revolta

Vendo aquelle estranho enguiço

Trás d'elles foi e pasmou

Quando todos tres achou

Em prantos e soluçando

—«O que é isso?

Que desgraça aconteceu?»

—«Filho!» a velha respondeu

Para a parede apontando

(E os demais fazendo côro

Com o seu chôro)

«Outro quarto que lhes dar

Não temos. Ha de ficar

O berço do innocentinho

Que vier,  
 Se Deus quizer,  
 Debaixo da machadinha  
 Que alli tu vês pendurada.  
 O coração me adivinha  
 Que me mata o meu anjinho,  
 Pois lhe cai na molleirinha...»  
 Solta grande gargalhada  
 O rapaz — « De os aturar»  
 Lhes diz: «ha muito estou farto :  
     Vou viajar,  
     Hoje parto,  
 Sô voltarei outra vez,  
 Se lá por fóra encontrar  
 Parvos mais do que vocês.»  
     Assim fez...  
     Porém voltou,  
 Depois de muita fadiga,  
 Farto de parvos achar,  
     E casou  
     Com a rapariga (246).

FABULA 318.

### O dilemma

Um viajante chegou  
 A uma aldeia, e encontrou

Todo o povo alvoroçado.  
 Celebrava-se um noivado  
 E, conforme o ritual  
 Allí sempre respeitado,  
 Mei sécios os noivos iam  
     Cada qual  
 Em macharrão de tremér,  
 E ambos montados deviam  
 Entrar no adro da egreja.  
 Aquí é que ella vai torta.  
 Tem o adro baixa porta  
     E, ou porque a mulher  
     Seja  
 Muito alta, ou porque veja  
     Com terror  
 Que o toucado se lhe entorta,  
 Se a cabecinha curvar,  
     E o não quer  
     De enfatuada;  
     Não pôde a entrada  
     Transpôr  
 D'ahi dilemma fatal:  
 Ou a cabeça lhe cortar,  
     (Podia  
     Isso lá ser?)  
 Ou as pernas ao animal  
 (Sem ellas como ha de andar?)  
     Que havia  
     De se fazer?  
 Vendo impedido o noivado

'Stava o povo desesp'rado.  
Brada o viajante:—«Esperem!

Se o querem,  
Arranjo eu isso;

Mas serei recompensado.»

—«Está dito!»

Respondem todos num grito.  
Eis logo o homem montado  
'Trás da noiva, e no toutiço  
Um grande murro lhe prêga  
Apenas a besta chega  
À porta, que assim passou,  
Visto que a moça abaixou,  
Mão grado seu, a cabeça.

Embora isto pareça  
Tolice monumental,  
Quantos dilemmas se dão,  
Inda mal,  
Que são  
Na realidade

Da mesma força e verdade  
E o mesmo remedio tem?  
Quantas vezes diz alguém  
De cabeça empertigada:

—«Eu não posso!»

Mas lá vem  
Temporal grosso,  
Irresistível



Pancada,  
 Que tudo torna possível  
 De cabeça bem  
 Curvada (249).

## FABULA 319.\*

## A imitação

Dizem (e não muito mal  
 A meu ver)  
 O homem ser  
 Animal  
 Por instincto imitador.  
 Mais exacto era o dizer  
 Que, em geral,  
 É grande macaqueador.  
 Ora entre uma e outra acção,  
 Do que certa gente  
 Pensa,  
 Vae muito além a differença.  
 Raro será de encontrar  
 Bom auctor  
 Que não  
 Seja imitador,  
 Ainda que inconsciente ;  
 Porém, se quer

Imitar,  
É mister  
Comprehender  
Com perfeição  
O modelo ;  
E para a macaqueação  
Basta vê-lo.  
É a primeira crear  
Uma cousa semelhante  
No semblante,  
Mas differente  
Bastante,  
Para não se confundirem,  
Se uma pela outra aferirem.  
A segunda, copiar  
Tolamente  
E sem criterio,  
Tornando parvo o que é serio,  
Sem o qu'rer parodiar,  
Mas não sabendo melhor.

Um doutor  
Dos mais prudentes,  
Que porisso o seu saber  
Fazia muito valer  
Aos olhos de seus doentes,  
(A confiança segura  
No medico, é meia cura)  
Consentia  
Que outro, mas inda caloiro,

O seguisse enquanto ia  
Tribando o seu calcadoiro.

Um dia

Diz de repente

A doente

Que achou um pouco peor :

— «De que val' eu receitar,  
Se, em vez de me obedecer,

O senhor

Laranjas ousa comer ?

Isto assim

Não pôde ser. »

Quiz o doente negar ;

Porém confessou enfim.

— «Diga-me aqui entre nós»

O outro lhe perguntou

Apenas 'stiveram sós :

«Como assim adivinhou

O que elle comido tinha ?»

— «Amigo! não se adivinha:

Das laranjas pude ver

As cascas, que elle esconder

Mal soube com o travesseiro.»

Feito doutor

Curandeiro,

Passado tempo, o novato,

Achando

Que um seu doente

Está peor,

E notando  
Certa palha  
Junto ao leito,  
De repente  
Grita e ralha

E faz grande espalhafato:  
—«Isto assim não leva jeito:  
Para que hei de eu receitar?  
Não ha sciencia que valha  
Com quem se vai atirar  
Tolamente  
A comer palha:  
Se d'esta não escapar,  
Já lh'o digo, a culpa é sua.»

Furioso o padecente  
Prêga com o doutor na rua (350).

FABULA 320.\*

### A velhice e a mocidade

Dama outr'ora mui formosa,  
Porém já entrada em idade,  
Convencer-se não podia  
De que, semelhante á rosa  
Que brilha apenas um dia,

Breve tempo dura a flôr  
Festejada pelo amor,

—A saudosa

Mocidade.—

E porisso attriboia

Sua triste soledade

Ao máo gosto dos rapazes

Da moderna sociedade,

Os quaes amaveis, loquazes,

Com jovens bellezas via.

De azeda, não se calava:

Criticava

Como entravam numa sala,

Seu vestir e até a falla,

Que dizia

Usavam muito baixinha

Por affectação absurda,

Quando era ella que tinha

O caruncho de 'star surda.

Assim vai na humanidade

Com a velhice e a mocidade.

Esta, ás vezes, sem

Prudencia

Não procura

Nem

Atura

As lições da exp'riencia :

Mas a velhice tambem

Mil vezes não anda bem.

Cançada da vista e ouvido,  
 Pouco vê e ouve peor  
 Do seu tempo o que não fôr;  
     E afinal  
 Tudo lhe parece mal,  
 Julgando o mundo perdido (254).

## FABULA 321.

**O lavrador e o filho**

Lavrador, que o filho viu  
 Já crescido e bem capaz  
 De trabalho, o conduziu  
 Á fazenda onde marcada  
 Tinha a tarefa. — «Rapaz!  
 Quero esta terra cavada:  
 Sabes como isso se faz»  
 Lhe diz: «e o podes num dia.  
 Aqui me tens com o jantar  
 Assim que dêr meio-dia.»  
 Foi-se elle, e o moço ficou.  
 A tarefa era pequena,  
 Comtudo descorçoou.  
     A chorar  
     A sua pena,  
 Numa pedra se sentou

Do trabalho se esqueceu.

Appareceu

Com o jantar

O pae, e nada viu feito ;

Mas, logo emendando a mão,

Lhe diz :— «Tiveste razão :

Para uma vez

Com effeito

Foi demais

O que marquei. Mas tu vais

Dividir a obra em tres

Ou quatro, e uma só parte

Até á noite cavar,

Pois eu não quero estafar-te.»

Acabando de jantar,

Sósinho o rapaz

Ficou

E gostosamente faz

O que seu pae lhe indicou.

Reparte

Em quatro o terreno ;

Cada talhão moi pequeno

Sendo assim,

Logo cavou

Um d'elles... Cresce-lhe o brio,

Segundo cava e, enfim,

Leva todos quatro a fio

E da tarde antes do fim !

Lavradores,

Professores,  
Olhae  
Bem para este espelho,  
Do pae  
Segui o conselho.  
Rapazes! é trabalhar,  
Faça calma ou faça frio,  
Mas desde o nascer  
Da aurora,  
Sem nunca desanimar.  
Haja brio,  
E tereis certo o vencer  
Nesta lucta pela vida,  
Embora  
•Crua e renhida (332).

FABULA 322.\*

**O jantar e o cosinheiro**

Um homem, indo jantar  
A grande casa de pasto,  
Deu por bem gasto  
O dinheiro,  
Não cessando de gabar  
(Pois era conhecedor)  
O saber



Do cosinheiro ;  
 E até pediu por favor  
 Para a cosinha o ir ver.  
 Foi, e dá com um mondongueiro  
 Fossando immundo chiqueiro.  
 Tanto nojo lhe causou  
 Que todo fora lançou.

Quando gosto d'um jantar,  
 Não procuro quem o fez :  
 Sempre penso  
 Que é melhor não me arriscar  
 A saber  
 Que elle talvez  
 Toms rapê,  
 Ou até

Dos proprios dedos faz lenço.  
 Quem taes empresas tentar  
 Terá de se arrepender  
 Nove vezes sobre dez.  
 Para que se hão de perder  
 Illusões, inutilmente ?  
 Bastam as que dia a dia,  
 Infeliz ou felizmente,  
 Nos vai levando a exp'riencia,  
 Pondo em luz toda a verdade  
 Á custa de annos de idade...

Póde a obra ter  
 Valia,

Ser  
Bom guia  
Nas veredas da sciencia,  
Nos preceitos da moral,  
De brilhante poesia  
Um verdadeiro primor ;  
E afinal  
O seu auctor  
Não passar  
D'um traficante,  
D'um pedante,  
Que ninguem  
Quer aturar,  
Ou d'um character safado,  
Que nos faça recordar  
O dictado,  
Que jámais deve esquecer :  
— Bem  
O prega fr. Thomaz...  
Faze quanto te disser,  
Mas, cuidado !  
Não faças o que elle faz (352).—

## FABULA 323.

## O conselho

— «Vae ver o tempo que 'stá»  
Um velho disse ao creado:  
«Se chove, se choverá?  
Desejo dar  
Uma volta,  
Mas não me quero molhar  
Nem ficar  
Enlameado.»  
O moço volta  
A correr  
E lhe diz: — «'Stá a chover,  
E a rua cheia de lama.  
Ficar-se ainda na cama  
É melhor;  
Talvez que o tempo levante.  
Se sahisse  
Já, com similhante  
Dia,  
Era grande parvoice,  
E o senhor  
Seria  
Tolo de todo.»  
— «Agradeço

O teu conselho  
Lhe disse  
Sorrindo o velho:  
«E de certo o seguirei.  
Mas confesso  
Não te agradecer o modo  
Grosseiro como foi dado:  
É d'isso que não gostei.»

Bons conselhos prezo eu:  
Mas tomara  
Nunca ser  
Aconselhado  
Por quem me quer  
Ver  
No céu,  
Mão grado  
Meu  
E á má cara (384).

FABULA 324.

### Os doidos

Um homem endoideceu,  
E a mania  
Que lhe deu

Foi de não dever andar ;  
Julgando, se um dia  
Andasse,  
Que forçosamente  
Havia  
De esmagar  
Quantos deante  
Encontrasse,  
Pois nascera,  
Infelizmente,  
Tão gigante  
Como nunca tal houvera.  
Tirar-lhe aquella chimera  
Não poderam ; e morreu  
Assim, o pobre sandeu.

Ha no mundo muita gente  
Do mesmo modo demente ;  
É dizer,  
Que julga gigante ser.  
Uns porém,  
De ruim raça,  
Nada os tolhe ou embarça,  
Toda a vez que lhes convem,  
De incommodar,  
De pisar,  
A seu bel-prazer alguem.  
Entes são dos mais p'rigosos,  
Contra quem  
Muito nos val'

Quando, com o excesso do mal,  
Ficam doidos furiosos  
E os fecham no hospital,  
Que para esses taes foi feito;  
Ou tambem, se o seu defeito,  
Em menores proporções,  
Lhes carrêta cachações,  
Pontapés, grande massada,  
Que ás vezes deixam curada,  
Ou menos forte, a mania  
Do mal creado  
Doente.

Outros ha que quasi eguaes  
São ao fallado  
Demente;

A sua philosophia  
Longe não vai muito mais:  
Tremem sempre de dar passo  
Que fracasso  
Vá causar.

Tudo são hesitações!  
As suas opiniões  
(Embora das mais batidas)  
Só medidas  
Com cuidado  
Requintado

As ousam manifestar.  
Julgam que qualquer palavra,  
De sua bocca sabida,  
Póde ir escandalizar,

Se por muitos for ouvida;  
Póde abalar  
A sciencia

E, qual um fogo que lava,  
Desenvolver heresia  
Que resultados bem serios  
Dê em muita consciencia.  
Tudo nelles são mysterios,

Gravidade  
E cautela em demasia.  
A responsabilidade  
Que lhes pertence é tammanha,

(A seu ver)  
Que tudo acanha  
Quanto deviam fazer.  
De ordinario são

Honestos,  
Mas modestos  
Isso não ;  
Porque tão  
Grande modestia  
É molestia ;

Ou antes grande vaidade,  
Que lhes esconde a verdade  
De que, a cousa bem pensada,  
Quanto fizerem,  
Disserem,

Vale pouco ou vale nada.  
De resto  
Antes os quero

Com o seu proceder austero,  
 Ar modesto,  
 Comica chanternidade,  
 Do que os outros mentecaptos  
 Dados aos espalhafatos,

A maldade:

Mas uns e outros detesto.  
 Tudo se pode dizer  
 E quasi tudo fazer  
 (O que é bom, bem entendido)  
 Com decencia  
 E escolhido

O logar, o tempo e o modo.  
 Uma cousa é ter  
 Prudencia;

Outra, nos olhos peneiras:  
 Uma coisa é com denodo  
 Procurar seu fim honesto;

Outra, ser  
 Sempre molesto,  
 Em toda a parte e a todos,  
 Com maneiras  
 Altaneiras

E insupportaveis apódos.

Que se julgam uns gigantes  
 Ha ainda outros dementes.  
 Tem valor, mas são pedantes;  
 Pois pensam que o mundo, antes  
 De lhes nascerem os dentes,



'Stava em trevas mergulhado ;  
Foram elles o sol nado  
Para tudo alumiar!

Não os ha  
Capacitar  
De que 'stá  
Alto o telhado

Só por paredes haver ;  
De que uma flor deve ter  
Raiz, haste, sem as quaes

Não podia  
Subsistir.  
É mania  
E nada mais,  
Que faz rir  
Ou bocejar  
Quem

Fôr sensato e prudente.  
Util, porém,  
O doente

Não é para comparar  
Com os outros, pois tem  
Valor,

Embora muito menor  
Do que lhe apparente  
A mente.

Desengana-te, leitor,  
(Se acaso estás enganado :)  
Cada qual,

Seja quem  
Fôr,  
Com certeza é obrigado  
A fazer  
O seu dever,  
Evitando  
Sempre o mal,  
Forcejando  
Pelo bem  
Seu e dos outros também.  
Mas não lhe entre na cabeça  
Imaginar quecareça  
D'elle o mundo: caminhou  
Sem  
Isso e caminhará.  
Assim foi e assim será.  
Se o não vê, mal  
Meditou;  
Não lhe ficou  
Em memoria  
Quanto nos ensina a historia,  
Com a qual  
Não te massarei.  
Só direi:  
Homens de grande valia,  
Os que mais se abalisaram  
Nesta vida, só juntaram  
Algo ao que tinham herdado  
Do passado;  
A saber, fraca quantia,

E essa nem toda val'  
 Alguma não se aproveita.  
     A final,  
     E feita  
     Toda a justiça,  
 É sempre o caso citado  
 Da aguia mais a carriça <sup>(355)</sup>.

## FABULA 325.

## O pescador e o peixinho

Eu não gosto de pescar,  
 Porque nunca apanho nada;  
 Tudo vem a ser massada,  
     Que mal  
     Se pôde lograr.  
 Provavel é que gostasse,  
 Sendo um dextro pescador.  
     Cada qual  
     Para o que nasce,  
 E com isso irá melhor.  
 Uns por gosto ou por *contracto*  
 São famosos caçadores:  
 Eu caço, mas é no prato.  
 Outros grandes pescadores,  
 Que sabem até pescar  
 Nas aguas turvas, não tracto

Agora d'esses senhores.  
Só me proponho fallar  
D'um que pequenino peixe  
Em claras aguas pescou;  
Um barbito  
Que o supplica muito afflicto  
A triste vida lhe deixe.  
—«De que te posso servir,  
Miseravel como sou?  
Só se fôr para o teu gato.  
Dez, qual eu, não  
Dão  
Um prato.

Larga-me, pois, para eu ir  
Por essas aguas crescer;  
Então,  
Outra vez pescado,  
Poder-me-has comer  
Assado

Ou por bom preço vender.»  
—«Fallas qual um doutorado»  
Respondeu o pescador:  
«Mas eu sempre ouvi dizer  
E sempre assim o pensei,  
Que um *toma* é muito melhor  
Do que dois *eu te darei.*»  
E pondo termo ao caváco  
Metten o peixe no sacco.

Não se devem desprezar

Cousas, por serem pequenas:  
 Muitos poucos, muitos fazem,  
 Que a abundancia por fim trazem  
 A quem os soube ajuntar;  
 E de gotas de agua apenas  
 Se compõe o immenso mar (356).

## FABULA 326.

## O leão indo para a guerra

Mandou pôr em pé de guerra  
 Seu exercito o leão:  
 Dos valles, bosques e serra  
 Convocados logo são  
 Seus vassallos animaes.  
 Em conselho (que o d'Estado  
 Antes fôra consultado)  
 Reuniu os generaes.  
 Entre as questões principaes  
 Tratou-se mui seriamente  
 A maneira mais prudente  
 De as forças organizar.  
     Houve alguém  
     Que duvidasse  
 Util ser que se empregasse  
 (Ou antes o não quizera)  
 No serviço militar

O burro, por ser quem  
Era ;  
E a lebre  
Pela tal febre  
Do medo, que não a larga,  
Votou-se, porém,  
Que o burro  
Era bem  
Utilizado  
Para carga,  
E além  
D'isso aterraria  
Com o seu zorro  
Asselvajado

O exercito inimigo  
Que ainda o não conhecia ;  
E a lebre, visto corria  
Tanto, era de aproveitar  
Para despachos levar  
Onde não houvesse p'rigo.

Assim, governo prudente  
Lança mão de toda a gente,  
Quanta tenha ao seu dispôr,  
Seja ella como fôr.

Assim quem  
Juizo tem  
Não rejeita

As cousas que o parvo enjeita  
Ignorando o seu valor <sup>(157)</sup>.

## FABULA 327.\*

## O cão e a sombra

Com boa chicha no dente  
Um cão ia mui contente  
    À beira  
    D'uma ribeira  
Para a qual olhando, viu  
    Outro cão  
    (Pois não  
    Julga sombra seja)  
Par'cendo ter abocado  
Do que o seu, melhor bocado ;  
    E sentiu  
Remordel-o negra inveja.  
    Com fereza  
Ao outro logo se lança...  
    Só alcança  
    O perder  
    A sua presa,  
Que nas aguas se sumiu ;  
E não logrou nem morder  
Na sombra que lhe fugiu.  
  
Escarmentos possam ter  
    Eguaes

Ou mais  
Amargosos  
Sempre, abjectos invejosos (128).

## FABULA 328.\*

## Os abutres e os pombos

Entre os abutres ardia  
No ar  
A guerra  
E na terra ;  
Tudo por causa d'um cão  
Que jazia  
Morto e já podre, no chão !  
E, se o leitor indagar  
Porque os senhores da terra,  
Um contra o outro o irmão,  
Se guerreiam 'té á morte  
Através seccas e chuvas,  
Transpondo mares e rios,  
Soffrendo fomes e frios,  
Sem lhes importar  
A sorte  
Dos orfãos e das viuvas,  
A quem vão  
Roubar



O pão ;

Achará que taes revezes  
Tem por causa, bastas vezes,  
Pouco mais que um triste cão  
Morto e já podre no chão.

.....  
Deixemos estas materias,

Muito serias

Para aqui as discutir,

E vamos a referir

O que os abutres fizeram.

Pennas e sangue choveram

Entre ferros alaridos ;

Muitos abutres morreram,

Muitos mais ficaram f'ridos ;

Era uma guerra de morte

Sem treguas e sem quartel !

Lastimando a triste sorte,

As desgraças e os p'rigos

De seus crueis inimigos,

Os pombos (pois não

Tem fel)

Com embaixadas, pedidos,

Tanto fazem que, afinal,

Seus gemidos

Termo dão

A'quelle mal.

Depois de feitas as pazes,

Os abutres tão

## Vorazes

Cumpriram seu compromisso,  
 Nunca mais se guerrearam:  
 Mas bem perderam com isso  
 Os pombos que os congraçaram.

Desde então  
 Os tristes soffrendo vão  
 A mer'cida penitencia  
 De sua grave imprudencia.

Quando vires dois malvados  
 Um no outro engalinhados,  
 Se não

Tens obrigação  
 De entrevir, de os separar,  
 Foge de os accomodar

Por bondade  
 Ou devoção  
 (A meu ver)  
 Mal entendida.

Para que vais tu salvar  
 A quem ha de,  
 Se poder,

Mais tarde tirar-te a vida?  
 A quem é, só pôde ser,  
 A peste da humanidade (182)?

## FABULA 323.

## O saber

Certos caloiros estavam

Ao cavaco

Sobre o merito d'um lente

Com fama de muito fraco.

Convictos alguns teimavam

Que era grande mandrião,

Mas insipiente

Não.

Um veterano atilado

(Té alli muito catado)

Soltando uma gargalhada

Eis profere na questão

Sentença

Interlocutoria

Com força definitiva :

— «Qual historia !

Fulano não sabe nada.

Mas tambem

A sabença

É relativa :

Porisso, josto que o tomem

Vecês por um grande homem

(Andam bem)

Visto serem tão pequenos  
Que sabem ainda menos.»

Sempre tem  
Algum valor  
Saber mais  
Do que os demais,  
Inda quando seja pouco:  
Será porém  
Grande louco  
(Por maior  
Sabio que fôr)  
Quem  
Julgar  
Que o degráo, onde  
Se encontra, não deve estar  
Longe do cimo da escada  
Muito mais que do começo;  
Aquelle  
Sempre se esconde,  
E d'elle  
Nem se vê nada:  
Pois infindo é o progresso (160)!

## FABULA 300.\*

## A chuva fatal

Que a tal hora de tal dia  
Cahiria

Uma chuva tão damnada  
Que toda a gente, molhada  
Por ella, enlouqueceria:

Timba isto annunciado  
(Segundo a tradição diz)

Ao povo do seu paiz  
Sabio muito abalisado.

Era um homem de verdade,  
Todo chão :

Credito ninguem lhe deu,  
Pois não

Era filiado

Em nenhuma sociedade  
Das da mutua admiração.

Chega o dia designado,  
E choveu

A bom chover.

Eis que pela porta fóra,  
Sem demora,

Deitam todos a correr.  
Quaes chapeos

Nem carapuços?  
Uns de pé, outros de bruços,  
De gatinbas,  
Para assim aproveitar  
(A se molhar  
E a beber)  
D'aquella chuva dos ceos  
'Tê as ultimas pinguinbas.  
Todo o povo enlouqueceu:  
Porisso  
O não  
Percebeu,  
Do feitiço  
Continuando a descrer.  
Depois de doidos varridos  
Vão  
Com grandes alaridos  
Do sabio á porta bater.  
Para bem lhe demonstrar  
Que, longe de ser  
Propheta,  
Era um misero pateta.  
Teve elle de se esconder;  
E por alli não ficar,  
Com p'rigo, entre taes orates  
Alvo de seus disparates,  
A correr  
Foi procurar  
Onde a cabeça molhar.  
Por fortuna ainda achou

Pêça, na qual se molhou  
 Todo muito bem molhado:  
 Tanto assim, que até ficou,  
 Mais do que os outros, sandeu;  
 O que depois lhe valeu  
     Do povo ser  
     Respeitado  
 E grande sabio morrer.

A lembrança não lhe invejo  
     Nem  
     A aconselho ao leitor:  
     Porém  
     Vejo  
 Que elle assim soube escolher  
     O caminho  
     Melhor  
     E mais comezinho  
 (Embora menos decente)  
     De viver  
 Naquelle nação demente (361).

## FABULA 331.ª

**A cabeça e a cauda da serpente**

A cauda d'uma serpente  
 A cabeça disse um dia:

— «Que demais a enfastiava  
 Caminhar constantemente  
 Atrás d'ella; pois sabia  
 Que não era sua escrava,  
 E governar-se podia.»

A outra lhe respondeu:  
 — «Que sem olhos ninguém via;  
 Porisso, o destino seu  
 Era viver  
 Governada.»

Não se dando por cangada,  
 A cauda diz:— «Pois eu  
 Nego  
 Que sou cega? Mas ser  
 Cego  
 Não tem  
 Nada  
 Que fazer

Com o talento de ninguém.  
 Cegos ha que fazem meia,  
 Obra muito delicada;  
 As escuras na colmeia

Aparelha  
 Mestra abelha,

Quando volta a primavera,  
 Dóce mel e branca cera;  
 E a fortuna, quem o nega  
 Que esta deusa seja cega,  
 E governa o mundo todo?

Pois eu sinto



Um maravilhoso  
 Instincto,  
 E portentoso  
 Talento :

Porisso não me accommodo,  
 Com servir não me contento,  
 Hei de tambem governar.»  
 E mil outros argumentos,  
 Quaes aos contos

Ahi vemos empregar,  
 Yendentes a demonstrar  
 Que quem fôr cego é que vê,  
 E o que muito estoda e lê  
 Não passa de nullidade.

Basta ter habilidade,  
 Inutil é estudar :

E não a houve calar.

— «Safa!» dirá o leitor :

«Que tinha muita sabença

A tal cauda!» — «Sim, senhor !

Porém (com sua licença)

Ella inda assim não valia

A que se vê cada dia

Ahi em muitos meninos.

Methodos intuitivos,

Transcendentes, repentinos...

Além de sabios jornaes,

Trazem muito reflexivos

Hoje os povos.

E com laes

Systemas novos  
Não se carece de estudo:  
Basta decretar saber,  
Eis logo se sabe tudo  
De repente  
E a bom valer.

Mas, voltemos á serpente.  
A cauda diz «Tens razão»  
O tronco (tambem é cego.)  
E lá vão  
De escantilhão,  
A correr com toda a pressa  
Ao revés,  
Até cahirem num pégo  
Onde morrem todos tres  
—A cauda, o tronco e a cabeça!  
Esta, coitada, a gritar  
Que andassem mais devagar!

Digam lá o que disserem  
E façam o que fizerem;  
O verdadeiro saber  
Valeu  
Vale e ha de valer;  
E só quem sabe trunfar  
Ganha e *deve governar*.  
Governe, pois, a cabeça  
Que nasceu  
Para esse fim;

E a cauda que lhe obedeça,  
 Cabe a esta obedecer:  
 É o que deve fazer,  
 Ou terá sorte ruim.  
 Olhe a primeira porém  
 Que ella tem  
 De governar com prudencia,  
 Sempre attentando no bem  
 Dos privados de sciencia.  
 O da cauda e o seu juizo  
 Não causem o mesmo riso  
 A toda a sensata gente,  
 E o pobre corpo pereça  
 Por igualmente  
 Demente  
 Ser a cauda ou a cabeça (362).

## FABULA 332.\*

**O mocho e a lagarta**

Um mocho  
 Já velho e chôcho,  
 Que havia muito estudado  
 Porém mal,  
 Estava capacitado  
 De que, afinal,

Tudo morre  
Neste abysmo de miseria,  
E que só é immortal  
A increada materia.

(Quanta gente,  
Infelizmente,  
Hoje assim tambem  
Discorre !)

Não obstante, môcho honrado.  
Muitos terás encontrado  
Na mesma contradicção,  
Poisque são,

Para o mal e para o bem,  
De suas crenças o inverso.  
Nem todo o... môcho é perverso.  
Tinba este, coração :

Uma lagarta encontrou  
Entre as folhas do seu ninho  
E a ella se affieçou.  
Signal é de peito nobre  
Proteger o fraco e o pobre.  
Passados dias, notou

Que, apesar  
Do seu carinho,  
A lagarta adoecia ;  
Mal comia,

'Stava sempre a dormir.  
— «Vem a morte !» pensou elle.  
Muda a lagarta de pelle,  
De fórma; morta não está,

Inda bôte, se lhe tóca...  
 —«Bem pouco mais durará»  
 Diz o môcho «é evidente:»  
 E leva a pobre doente  
 Para um cantinho da tóca  
 Onde seabe docemente.  
 Tempo depois lá voltou  
 E, cascas só encontrando,  
     Exclamou  
     Quasi chorando:  
 —«Assim todo morre e passa!  
 E creiam nessa trapaça  
 De haver almas immortaes,  
     Entaipadas  
 Nos corpos dos animaes!  
     Forte péta!  
 Não é a mim que ella embaça,  
 Só merece gargalhadas.»  
 Notado o môcho não tinha  
 A formosa borboleta,  
 Que da tal mumia mesquinha  
     Se soltara  
     E voara,  
     A bom voar,  
 Alegre as flores buscar.

Será isto  
 Não ter  
 Visto  
 Nunca haver

Bem  
 Reparado,  
 Que põe em  
 Caminho errado  
 Tanto... môcho, embora honrado (163)?

## FABULA 333.

## A cotovia e o dono da seara

Já Ceres pelas campinas  
 Mostrava as madeixas louras  
 C'roadas das purpurinas  
 Papoilas, que das lavouras  
 São veneno, embora enfeito;  
 Qual na vida é o deleite,  
 Se nos mancha o coração.  
 Quer  
 Dizer,  
 'Stavam maduras  
 As searas d'um cantão.  
 Eis porqué em aperturas  
 Andava uma cotovia,  
 Que via  
 Muito atrazada  
 A sua tenra ninhada.  
 A cada instante podia

Ser a ceifa começada.  
 Quando, pois, fôra sabida  
 A procurar o sustento,  
 Aos filhos recommendava  
 'Sivessem de ouvido attento  
 A quanto alli se fallava.  
 Para acudir logo ao p'rito,  
 Se o dono d'aquelle trigo,  
 O quizesse ver ceifado.  
 Pouco tempo era passado  
 Quando uma tarde appar'ceu  
 O tal dono e um filho seu ;  
 E fallou assim o pae :  
 — «Este trigo está maduro ;  
 E então, pelo mais seguro,  
 Amanhã de madrugada  
 Levanta-te tu e vae  
 Pedir a quantos parentes  
 Aqui temos residentes,  
 Nol-o venham ajudar  
 A ceifar.»

Aterrada

Fica toda a pequenada,  
 E á cotovia o contou  
 Apenas esta voltou.  
 — «Isso não ha da ser nada.  
 Ah! tem ;  
 Comam e durmam-lhe bem.»  
 Assim foi. No outro dia  
 E no seguinte ninguem !

'Stava ausente a cotovia  
 Quando de novo alli vem  
 Com o filho o dono, e lhe diz:  
 — «Dos parentes nenhum quiz  
 Ajudar-nos a ceifar!  
 Vae pois, e já, convidar  
 A quantos amigos temos,  
     E veremos  
 Se amanhã, d'uma assentada,  
 Nos fica a ceifa acabada.»  
     Ardendo em brasa  
     A ninhada  
 Tudo conta á cotovia,  
 Julgando chegado o dia  
 De pôr escriptos na casa.  
     — «Quaes amigos!»  
     Torna a mãe:  
     «Não  
     Se trata de ir aos figos.  
 Amanhã escutem bem.»  
 Assim foi; poisque ninguem,  
 Nado o dia, appareceu  
     Senão  
     O rapaz e o pae,  
 Que disse:— «Ao amanhecer  
 De amanhã, tu e mais eu  
     Vamos metter  
     Mãos á obra,  
 Ceifar ambos este trigo;  
 E verás como isto vai.



Forças temos e de sobra  
 Para o trabalho vencer.  
 E sabes o que te digo :  
*Mais meus parentes e amigos*  
*Do que eu sou, não os deve haver. »*  
 Ficaram pouco assustados  
 Os pequenos, já aos p'rigos  
     Costumados :  
 Não a cotovia assim,  
 Pois, sem o tempo perder,  
 Faz a trouxa nessa noite  
 E sitio busca qualquer,  
 Que seja menos ruim,  
 Onde com os filhos se acoite (361).

## FABULA 334.

## O jardineiro e as flores

Umás flores  
     Animadas,  
 Quer dizer, umas meninas  
     Adornadas  
 De mil graças femininas  
     (Uns amores  
     De matar!)  
 Foram visitar

As rosas  
 E outras flores,  
 Do que ellas, menos formosas,  
 Ao jardim  
 D'um jardineiro,  
 A joia dos amadores.  
 Não tinham conta nem fim.

— «Que cheiro!  
 Que lindas côres!»

Gritavam as raparigas:  
 «Abençoadas  
 Fadigas  
 As que com flores  
 Se tem,

Quando tanto gosto dão!»  
 — «Assim sejam: mas tambem  
 Não deixam de ser pesadas...»  
 Replica o outro. — «Ora não  
 Vale assim exaggerar.

O que faz? Begar  
 As vezes

Durante os mais quentes mezes,  
 Livrar  
 Algumas do sol,  
 Apanhar  
 Um caracol?

A tarefa não é nada,  
 Ao prazer  
 Dos effeitos comparada.  
 Eu sempre quizeria ver

Esse afanoso lidar»  
 Diz uma.—«Pois, se quizer,  
 Facil é. De madrugada  
 Amanhã aqui me tem:  
 Talvez que lhes cause dô!...»  
 —«Ai! tão cedo?  
 Tenho medo  
 De faltar, se prometter:  
 Porém  
 Por uma vez só...»  
 Vieram; e encontraram  
 Trabalhando o jardineiro  
 Já no seu trajo frasqueiro.  
 Pasmaram  
 Então de vêr  
 Quanto dava que fazer  
 De flores um só canteiro!  
 Era semear,  
 Sachar,  
 Pôr,  
 Dispôr  
 E rega e monda,  
 Sem se poder  
 Dizer  
 «Bonda!»  
 —«Caros alhos,  
 Meu compadre!»  
 A mais jovial lhe brada:  
 «Que massada!  
 Eu, nem á mão de Deus Padre.»

A semelhantes trabalhos  
 Me quizera sujeitar  
 Só por flores alcançar,  
     Nem que ellas de ouro  
     Nascessem  
     E rendessem  
     Bom dinheiro,»  
     Fazem côro

Logo as outras raparigas.  
 — «Pois, senhoras, sem  
 Fadigas

E ás vezes mil dissabores.»  
 Lhes responde o jardineiro:  
     «Não ha flores  
     Nem...  
     Amores (265).»

## FABULA 335.

## O pintor e o sapateiro

Os antigos esculptores  
     E pintores  
 As obras que executavam  
 Expôr sempre costumavam  
 Ainda não acabadas,  
 Para que fossem julgadas

A tempo de as emendar.  
 D'elles um expoz pintado  
 Famosissimo guerreiro  
 De grandes botas calçado,  
 As quaes vendo um sapateiro  
 Começou a criticar:  
 Certo defeito lhes viu,

Não sei qual,

Na sola ou no cabedal.

O pintor, que tudo ouviu,

O erro reconheceu

De bom grado

E ao critico agradeceu.

Mas, quando o chumeco quer

(De si todo enfatuado

Pelo

Bello

Resultado)

Ser

Juiz

De toda a demais pintura

E critica-a procura

Tolamente e sem saber,

Logo o outro o atalha e diz:

— «Não podem as suas notas

Sobir acima das botas;

Nisso é mestre a bom valer,

No demais... nem aprendiz.»

O mesmo deves dizer

A pedante sapateiro  
 (Como tanto ahi se vê)  
 Quando  
 Queira sobranceiro,  
 Tomando  
 A mão  
 Pelo pé,  
 Decidir qualquer  
 Questão  
 Acerca da rabeção (366).

FABULA 336. •

### Os bons argumentos

Veiu um dia ter commigo  
 Certo amigo  
 E me disse: — «Veja lá  
 Você,  
 Que é  
 Um bacharel,  
 Se me lê  
 Esse aranzel,  
 Bem difficil de entender;  
 E me dá  
 O seu par'cer:  
 Devo eu ganhar, ou não,

Em juizo tal questão  
 Que libras já me custou?  
 E um folheto me entregou.  
 Era extensa allegação  
     De advogado  
     Moi letrado,  
 Que a dita causa tratava.  
     Alli não  
     Faltava nada  
 Que a pudesse defender:  
     Mas baldada  
 Sahira a jurisprudencia  
     Do doutor;  
     Todo o poder  
     Da sciencia  
 Ficou sem nenhum valor:  
 Era causa desgraçada.  
 Volta breve o tal amigo  
 E diz: — «O que lhe par'ceu?»  
 — «Olhe, sabe o que lhe digo?»  
     Torno eu:  
     «Quando um tãõ  
     Grande letrado  
     Como o seu  
     Não  
     Encontrou  
 Mais por onde lhe pegar  
 Do que alli apresentou,  
 Loucura è duvidar:  
 A vista do arrazoado

Fiquei bem capacitado  
De que a demanda perdesse.  
Isso mesmo aconteceu.

Um doutor em theologia,  
Impugnando  
A doutorando  
Sua these inaugural,  
Perguntou  
Se, para tempo poupar,  
Não  
Lhe podia  
Indicar  
A razão  
Fundamental,  
Emfim, a pedra angular  
Da these que apresentou?  
Cai o outro em  
Tal cumprir  
E a pô  
A vê reduzir  
Num momento!  
— «Mas, nem  
Só  
Nesse argumento  
A minha these se funda;  
Mais d'um cento  
Lhe apresento  
Tanta prova nella abunda!»  
Brada



O doutorando então.

—•A questão

'Stá acabada»

O arguente lhe replicou:

•Visto que já confessou

Seu valor

Ser inferior

Ao do que não

Vale nada.»

Bem pensado quanto expuz,

Eu no costume me puz,

Para entender

De repente

Questão

Que se me apresenta,

De ir ver

Como o defendente

(Quando habil seja e honrado)

A sustenta.

Não a pôde defender?

Nada mais tenho a dizer,

Fico do contrario lado (297).

## FABULA 337.

## Os jogadores

Dois rapazes, que gostavam  
Do bilhar,  
Iam jogar  
A casa d'um seu amigo,  
De quem  
Eram o castigo:  
Porém  
D'isso não curavam  
(Tinham tardes entretidas...)  
Nas partidas  
Apostavam  
Cada vez  
Um copo de bom Xerez  
Contra um copo de Madeira;  
Mas tudo se ia buscar  
(Já se sabe, sem pagar)  
À frasqueira  
Do dono do tal  
Bilhar;  
Que, afinal,  
Julgando asneira  
Sustentar  
Com seus bem modestos meios

Aquelles vícios alheios,  
Teve de se resolver  
A mesa e tacos vender.

Os partidos contendores

São

Taes

Quaes

Os jogadores

À custa alheia apostando.

A nação

É o tal dono da casa ;

Vai pagando

Com a frasqueira, que se vasa,

O divertimento alheio ;

Com a differença que não

Póde

Ter o meio

De o bilhar também vender...

Ou de algum modo os sacóde,

Ou em talas se ha de ver <sup>(368)</sup>.

FABULA 338.\*

### O dó de peito

Em S. Carlos a cantar

'Stava tenor afamado,

Costumado,  
 Para applausos excitar,  
 A dar  
 De quando em quando o a geito  
 Um brilhante dô de peito;  
 Cousa muito appetecida,  
 Sempre tida,  
 Seja lá pelo que fôr,  
 (Talvez por bastante rara)  
 Em multissimo valor.  
 Eu (aqui à puridade  
 Direi) nunca percebi,  
 Quando a ouvi,  
 A tal grande habilidade,  
 Que a lembrança traz a arara  
 E me parece, ao cantar  
 Ser  
 Quaes são ao bem dançar  
 Cambalhotas de tremer  
 Ou saltos de embasbacar.  
 .....  
 Cantava, pois, o tenor:  
 Eis de repente ao redor  
 De mim oço immensas palmas,  
 Que dava a rapasiada  
 Encantada.  
 Contemplar  
 O profundo enthusiasmo  
 D'aquellas ditosas almas  
 Era um enlevo, era um pasmo!

Nada tendo percebido  
 (Tampouco eu) que lhe explicasse  
 O repentino alarido

(Talvez se acabasse  
 Entretido

O derriço a namorar)  
 Um alli mesmo ao meu  
 Lado

Começou a perguntar,  
 Muito e muito asafamado,  
 Aos *dilettanti*:— «Deu ? Deu ?»  
 (Era o dô apreciado)  
 E, quando ouviu dizer— *Sim!*  
 De enthusiasmo se encheu  
 E foram palmas sem fim.

Dôs de peito ou cousas taes,  
 Com pasmos artificiaes,  
 A quantos vés applaudir  
 Que os não poderam ouvir,  
 Nem apreciar  
 Sabiam,

Se por acaso os ouviam ?  
 Aos parvos o *bem cantar*  
 De mui pouco ou nada val':  
 Basta-lhes ouvir soltar,  
 Com mais ou com menos geito,  
 Não um canto natural  
 Mas agudo *dô de peito* (349).

FABULA 339.\*

## O gato e os ratos

Não tinha ainda morrido  
O mais terrível dos gatos  
—Robinó. E basta o nome,  
Outr'ora bem mais temido  
Por todo o povo dos ratos  
Do que a peste, a guerra e a fome.  
Robinó ainda vivia:  
Mas, já de avançada idade,  
No ocio com dignidade  
Repotreado dormia  
À sombra da antiga gloria.  
E porisso a rataria,  
Leiga nos fastos da historia,  
D'elle já não receiava  
E na casa á solta andava.  
Dos bichanos para o mal  
Pouco a pouco se formou  
Um partido nacional  
Entre aquelle povo omnivoro,  
(Fallar intento dos ratos)  
E depois se organizou  
Sob o nome de *gativoro*,  
(Quer

Dizer

— Dos papa-gatos.)

O chefe d'esse partido,  
Patriota destemido  
E a nata dos oradores,  
Na sala, onde num estrado  
Rebinó 'stava deitado,  
Convoca um *meeting* e diz:

«Senhores!

Eu hoje quiz

Todos aqui reunir,  
Para que juntos possais  
Decidir,

Se devemos soffrer mais,  
Sem lbe dar justo castigo,  
Entre nós um inimigo?»

— «Isso não! antes a cova!»

Gritam todos com furor.

— «Appar'ceu a *idéa nova!*»

Brada o illustre orador:

«Possa o seu nobre raiar

Aos vindouros indicar

D'aquelle bichano a sóva

E de todos os demais.

Morram os torpes bichanos!

Diga-se um dia:— «Houve gatos

Até nos Paços Reaes!

Houve aquella infame raça

E, durante largos annos,

Com seus feios desacatos

A terra inteira cobria,  
Sempre aos nossos dando caça.

Um dia

Todos os ratos

Se erguem qual um rato só

E d'elles fizeram.... pó.»

Eia pois, amigos meus!

No altar da patria juremos

Que nunca mais comeremos

Senão de gato

Pitões,

Emquanto gatos houver.

Dizem que não é máo prato:

Em breve o iremos

Saber.

Mais não devemos

Sofrer

Que fique no mundo um só.

Acabem por uma vez:

Seja o primeiro

A morrer

Esse estrangeiro

Maltez.

Esse infame Robinó!»

Correm todos de roldão

Contra o illustre gatarrão.

A este, que alli dormia

Ou nenhum caso fazia

D'aquelle desaguisado,

Renasce-lhe a gana velha,



Vendo-se assim atacado  
 Por insolentes pygmeus ;  
 Bem como outr'ora a Samsão  
 A guedelha,

Quando se viu insultado  
 Por covardes Phillisteus.  
 Eil-o está em pé no chão,

Solta um berro,  
 Quaes o grande D. João  
 Deu com a sua voz de ferro  
 Nos campos de Aljubarrota,  
 Quando

Em completa derrota  
 Pôz o outro de Castella.  
 Logo mexem a canella

Alguns não 'sp'rando  
 Por mais ;

Sobresahindo aos demais,  
 Pela pressa que se deu,  
 O tal famoso orador.  
 Muito rato alli morreu,  
 Alguns, de puro temor.

E jamais  
 Ao resto, que se escondeu,  
 Succedeu

Metter-se em espalhafatos.  
 Diziam :— «Sô imprudentes  
 Se lembram de acordar gatos,  
 Para lhes morrer nos dentes (370).»

## FABULA 340.\*

## O macaco e o escravo

Um macaquinho mettea  
 A mão  
 Numa ratoeira  
 Com milho, e d'elle a encheu;  
 Depois, por mais que o tentou,  
 Não  
 Logrou  
 Ver-se livre da pulseira.  
 Alli um negro appar'ceu  
 Um escravo, a quem doeu  
 A sorte do desgraçado  
 (Comparado  
 O mal d'elle havendo ao seu.)  
 E lhe diz:—«O milho larga;  
 E só elle que te embarga  
 Poderes a mão  
 Tirar.»  
 —«Isso nunca hei de fazer  
 Pois vou o milho perder  
 E sem juizo deixar,  
 Á toa,  
 Presa tão  
 Boa»

Retruca logo o bugio.

— «Não

Deixes,  
Bruto sem  
Brio!»

O negro aqui

Lhe bradou:

«Porém

De ti

Só te queixes,

Quando te venham matar;

Indigno és de viver.»

E com desdem

Se afastou.

Saude queres, riqueza,

Liberdade, sem

Deixar

De paixões satisfazer;

De sempre ter

Lauta mesa

Sumptuosos atavios,

Que mal podes sustentar?

Trabalhar

Não te convem

Para um dia conseguir

Resistir

A quem

Teus brios

Queira calcar?

'Stás demente!  
Deixa tão  
Parvas esp'ranças,  
Pois de certo honradamente,  
O que intentas, não  
Alcanças.  
Justos fins requerem meios  
Idoneos para os obter.  
De si se deve queixar,  
Nunca de agravos alheios,  
Quem seu dever  
Desprezar.  
Para a honra e o proveito  
Um sacco só é estreito (374).

## FABULA 341.

## O caniço e o carvalho

— «Bem sei que és immenso e forte,  
Porém não te invejo eu isso»  
Diz ao carvalho o caniço:  
«Sópre do sul ou do norte,  
Muito pouco se me dá.  
Eu cá  
Me azeito,  
Pois tenho

O condão

De vergar

E não

Quebrar :

Nunca me acontece mal.

Tu, porém,

Embora com tanto alento,

Qualquer dia um pé de vento

Ou terrível vendaval

Dos que nos invernos vem

Prêga contigo no chão.»

— «Tens razão»

O carvalho respondeu :

«Mas cada qual

Segue o seu

(Melhor

Ou peor)

Destino.

Tu, por seres pequenino,

Curvar-te podes, e eu

Não.

Inda assim prefiro o meu :

Rojas no chão,

Desgraçado,

Com qualquer sopro de vento ;

Pisado

A cada momento,

Coberto de pó e lodo,

Exposto a tudo soffrer !

Tal não quizera o viver.

Eu resisto com denodo  
 Á furia dos vendavaes;  
 E, quando não possa mais,  
 Antes prefiro morrer,  
     Quebrar,  
 Mas nunca torcer.»

Mais val' findar  
 Nobremente,  
 Como o faz briosa gente,  
 De que de rojo viver,  
     Não se lhe importar  
     Com isso,  
 Imitando o vil canço (372).

## FABULA 342.

**Os odres de vinho e os odres de agua**

Lá em tempos muito antigos  
 Eram os povos amigos  
 De seus reis, mais que hoje são.  
 As culpas de quem serão?  
 Do pouco que d'isso sei  
 Aqui nada lhes direi  
     (Senão  
     Ser caso isolado)

O erro estar  
Só d'um lado.)  
Sempre festejar  
Buscavam

Aquelles que os governavam.  
Nos annos d'um rei de então  
Seo povo determinou

Fazer vistosa  
Função

Nas ruas da capital;  
E para tal  
Se lembrou

(Aquella gente ditosa

Ainda não conhecia,  
Nem os molinos  
Dos sinos

Nem as bombas do foguete

Nem salvas de artilheria)

D'um banquete  
Fraternal

Pelas praças da cidade,

Onde cada qual

Comesse

À vontade

E, depois, da Majestade

Tambem

Bebesse

À saude;

Devendo estar

Uma fonte

Do palacio bem  
Defronte,  
Vinho e não agua a jorrar ;  
E, para se fazer  
Isso,  
De—cada um seu almude  
Do roxo nectar trazer—  
Tomaram o compromisso.  
Houve a festa e o tal banquete  
De bufete :  
Houve danças e folias,  
Expansivas alegrias,  
Com seus apertos de dedos,  
Tudo enfim  
Proprio d'aquelles folguedos.  
Mas no fim,  
Quando correram  
À fonte, que então se abriu,  
Só com simples agua deram  
E se viu  
Que, em vez  
De cada burguez  
O seu vinho alli vasar  
Agua trouxe e nada mais,  
Contando com os demais  
Para o dolo se encobrir.

Ha muita gente  
A pedir,  
A gritar,



Que se faça tudo e bem :  
 Porém,  
 Quando a vez  
 Lhes vem  
 De seriamente  
 Ajudar,  
 Um só não ha entre dez,  
 Entre cem,  
 Que eu não veja fraquejar (379).

## FABULA 343. \*

## A medalha

Um amador numismata  
 Não vulgar,  
 Sempre á cata,  
 Havia já muitos annos,  
 De medalhas alcançar  
 Dos gregos e dos romanos,  
 Encontrou uma mui rara  
 Com o busto do Macedonio !  
 Mas logo, pelo demonio,  
 Pouco se enxergava ou nada  
 Da cara  
 Por 'star gastada  
 Do tempo, que tudo come.

—«Não sei porque se consome?»

Observa um amigo seu  
Vendo-o pouco satisfeito  
Com o defeito:  
Outro é o pensar  
Meu.

Se desejava a medalha  
Para lhe representar  
Quem ganhou  
Tanta batalha,  
Quem foi  
O famoso heroe;  
O seu intento logrou;  
Entra na regra geral,  
Em sangue illustre observada  
E o representava mal  
Não 'stando ainda *safada* (274).»

FABULA 344.

As difficuldades vencidas

Por fugir á soalheira  
(Era um sol de derreter)  
Camponios trabalhadores,  
De certo não  
Dos melhores,

À pressa se vão  
 Metter  
 No telheiro d'uma eira.  
 Alli a sêsta fagueira  
 Dormiram; depois da qual  
 Tem a idéa estapafurdia  
 De dizer,  
 Quando os chama o maioral,  
 Que não se podem mexer  
 Para tornar ao trabalho;  
 As pernas em tal balburdia  
 Umás com as outras estão  
 Que nenhum pôde saber  
 Quaes d'ellas as suas são.  
 Fomentação...  
 De carvalho  
 O outro lhes applicou,  
 Para que as duvidas cessem.  
 Logo os donos apparecem,  
 Cada qual dos meliantes  
 De suas pernas  
 Ficou  
 Tão  
 Senhor como era d'antes.

Há questões  
 Muito renhidas  
 (Algumas entre nações,  
 Outras não  
 Passam de internas)

Que assim  
 Chegam a ter fim  
 (E ficam bem  
 Decididas)  
 Recebendo a solução  
 Do dito caso das pernas;  
 Quando vem  
 Revolução,  
 Crua guerra,  
 Que prêga todos em terra.  
 Eis tudo logo arranjado  
 A poder d'um bom cajado (375).

## FABULA 345.

**O proprietario e o proletario**

—•Eu trabalho a bom valer,  
 Sou honrado proletario  
 E nenhum vil mandrião;  
 Infame proprietario,  
 Nem fui de ricaço herdeiro.  
 Filhos sustento e mulher  
 Com o suor d'este meu rosto;  
 Não  
 Vivo á custa do povo:»  
 Gritava em alto berreiro

Homem forte e ainda novo.

— «Com que então

Trabalha com muito gosto?»

Houve alguém

Que perguntou.

— «Quem

Disse tal?» lhe voltou

Em tom azedo o primeiro:

«Parvos haverá

Assim:

Cá

Por mim

Trabalho por ter dinheiro

E, se o chego a conseguir,

Só penso em me divertir.

Hei de fazel-o render,

Passar

Vida regalada;

(Assim eu tenha saude!)

E, quando morrer,

Deixar

Pão aos filhos e á mulher.»

— «Mas se trabalha

Obrigado

Onde está essa virtude

Por você apregoada?

E, se deseja viver

No ocio quando o poder,

Porque ralha,

Todo inflammado

Em rancor  
 Contra aquelles que o herdaram  
 Ou ganharam,  
 Se, do seu odio apesar,  
 Tenções tem  
 De os imitar  
 Logo que possível for,  
 E acha que faz muito bem?  
 De bocca muito calada  
 Fica o outro: e eu tambem  
 Não direi aqui mais nada (376).

## FABULA 346.

**O caloiro armado e desarmado**

Um caloirito, um novato,  
 Um tareco  
 Badameco,  
 (Isto foi ha muitos annos)  
 Amigo de espalhafato,  
 Deu-lhe a pancada na bóla  
 De imitar os veteranos  
 Que via, em dias friados,  
 Com seus varapãos armados  
 E de jaqueta á hespanhola;  
 Emfim, mui bem mascarados

(Costume que tinha então  
Todo o veterano pimpão.)  
Veste-se pois a capricho  
O tal bicho,  
O tal broeiro;  
Sai de casa mui lampeiro  
Com um certo ar  
Iracundo  
Que lhe ficava a matar;  
Cajado  
De marmeleiro  
Comprado  
Por bom dinheiro,  
Pensando assustar o mundo.  
Porém, por sua  
Desgraça,  
Logo alli pela Couraça  
De Lisboa treme e sua  
Com um veterano topando  
Que lhe diz chalaceando:  
— «Menino! não seja mão.  
Eu licença não lhe dou  
De trazer um varapão.»  
Com este se abotoou,  
E grande favor lhe fez,  
Que ainda assim foi cortez.

Lição

Esta

A pequenina nação,

Que lhouramente se apresta  
Em seu balofo valor  
Para metter-se em folias,  
Em altas cavallarias,  
Seja lá pelo que fôr,  
Em vez de juizo ter.

Procure ser  
Respeitada,

Porisso que é governada  
Com prudencia e com saber;  
Não se lembre de mais nada.  
Só podem grandes nações

Metter  
O corpo em funcções (377).

## FABULA 347.ª

**O chaparral é nosso!**

Num julgado em Portugal  
Ha chaparral  
De valor,  
Do qual  
O povo é senhor,  
Tendo-lhe muito custado  
Não se ver d'elle esbulhado.  
Posso



Tambem  
Affirmar  
Que ninguem,  
Seja velho ou seja moço,  
Frac a mulher  
Ou criança,  
Se cança  
De alli dizer  
E gritar :  
— É nesso  
Este chaparral !—  
Procurando defender  
A porfia a sua herança.

Façamos nós assim todos,  
Indo pela mesma senda,  
Quanto ao nosso Portugal.  
Cada qual,  
Pelos modos  
Que podér,  
Com honra e com heroismo  
Bem defenda  
Contra *qualquer*  
Despotismo  
A sua terra natal (278).

## FABULA 348.

## O URSO

Vinha a noite. Um desgraçado  
Todo dia tendo andado,  
Sem poder  
Esmola obter  
E a negra fome matar  
Sentou-se á beira da rua  
E pensou:  
— «Agora nada mais ha  
Que contra mim desfechar  
Possa a crua  
Sorte já.»  
Mal findou,  
A elle vem direitinho  
Um urso (que se soltára)  
Grunhindo  
E mostrando cara  
(Ou focinho)  
Das taes  
De poucos amigos.  
O homem, fugindo,  
Então  
Percebeu que jámais  
'Stão

As miserias ou os p'rigos  
Acabados neste mundo.

Por mais  
Que se escorra  
A taça  
Da desgraça,  
Conserva borra  
No fundo.

D'esta vida no decurso  
Conta sempre com o tal urso (379).

FABULA 349.\*

A protecção do Marquez

Se lhes fosse aqui  
Narrar  
Quanto contam por ahi  
E eu ouvi  
Que disse e fez  
O nosso grande Marquez ;  
Fôra um nunca se acabar.  
Não fallo das leis, reformas,  
Normas  
Que em tudo deixou ;  
Das quaes sou,

Como é justo, admirador.

Olhemos

Nós em redor,

Veremos

Claros e bastos

Os seus luminosos rastos.

Fallo de anedotas mil

Que não transmite o buril

Da *seria* historia

Ao futuro ;

Mas sim o menos seguro

Canal

Da geral

Memoria,

A que chamam — tradições,

As quaes muitas vezes são,

Senão

Sempre verdadeiras,

Deducções

Muito caseiras

Das idéas bem

Sabidas,

Das acções

Mais conhecidas,

Que teve e fez sem

Questão ;

Mytho, emfim, que envolve o heroe

E nos ajuda a julgar

O que em

Verdade elle foi.

D'estas uma vou contar.

Negociante da praça  
De Lisboa, vendo perto,  
Quasi imminente, a desgraça;

Nesse aperto  
Se valeu  
D'algueu,  
Que lhe prometteu  
Fallar bem  
D'elle ao Marquez:

Um bom empenho (expressão  
Que, talvez,

Usada nesta acceção,  
Só se encontra em portuguez.)

Decorre tempo: ninguém  
Da parte d'elle lhe vem  
Cousa alguma prometter.

Já nenhum negociante

Se quer  
Na praça metter  
Com parceiro  
Semelhante:

Cheirava a pobre... (mão cheiro!)

Para longe se desvia,  
Como out'ora se fazia  
Com os miseraveis leprosos.

Às horas da praça um dia,  
Quando andavam  
Aguçosos

Os outros em  
Seus negocios  
Nem  
Olhavam

O pobre cortindo ocios,  
Qual do desalento a imagem;  
Eis pára uma carroagem  
E laçao agaloado  
Entra muito asafamado  
Dizendo: — «O sr. Marquez  
Procura-o o sr. Fuão.»

D'uma vez

Mudam-se as scenas então.  
Todos pasmam, todos vão  
Chamar o afortunado.

Este correu  
Encantado

Ao Marquez, que o recebeu  
Á portinhola, e lhe disse

Pouco ou nada,  
Senão  
Que não  
Succumbisse,

Pois em breve melhorada

A sorte havia de ter;

E o deixou  
Sem

Mais dizer.

Despedido assim, voltou  
Pouco animado;

Mas vê  
 (O que bem  
 A custo crê.)  
 Como tudo está mudado !  
 São  
 Attenções, sympathia,  
 A porfia ;  
 Muitos apertos de mão ;  
 Emfim, em vez de desdens,  
 Calorosos parabens ;  
 Mais d'um á parte lhe jura  
 Estar todo ao seu dispôr,  
 Seja lá para o que fôr.  
 Tudo emfim se transfigura ;  
     E o triste, em vez  
     De quebrar,  
 Pôde fortuna lograr ;  
 Isto devido ao Marquez  
 Que, afinal, tão pouco fez !

Que vezes só ô preciso  
     Um sorriso  
     Ou um olhar,  
     D'aquelle que quer  
     E tem,  
     Para se poder  
     Salvar  
 Do abysmo um homem de bem (280) !

## FABULA 350.\*

## A preta bonita

Feia como a noite escura,  
Preta dos quatro costados,  
(Excellent creature)  
Vivia, em tempos passados,  
Em Coimbra. Os estudantes  
Gostavam de a caçoar,  
Como era o costume d'antes.  
É mais alto o seu pensar  
Hoje, que a troça aos b'roeiros  
E caloiros.  
Muito menos zombeteiros  
Mais profundo  
É seu visar  
Aspiram a outros leiros;  
Pois raro talvez será  
Aquelle que não está  
Meditando grande plano  
Para reformar  
O mundo.  
Que se em pratica o posér  
(E dé lá por onde dêr)  
Feliz do genero humano!  
Naquelles tempos porém



Problemas taes não solviam ;  
 Cabulavam,  
 Estudavam,  
 E tambem  
 Se divertiam  
 Caçoando

(Não direi que sempre bem.)  
 A muitos, da preta andando  
 Na rua, de lhe dizer  
 Às vezes vinha a lembrança  
 — «Que pretinha tão bonita !  
 Tão catita !

Quem m'a dera em casa ver !»  
 Ella então muito se ria  
 E dizia  
 À vizinhança :  
 — «Sei que sou feia a valer ;  
 Porém que lhe hei de fazer ?  
 Gosto de assim os ouvir.»

Ninguem se lembre de rir  
 Da preta ;  
 Pois quanta peta  
 Não gostará de engulir,  
 Quanta insolsa louvaminha  
 Que lhe coce a burbulhinha ?  
 E (aqui muito á puridade)  
 Vamos lá,  
 Onde estará  
 A maldade ?

Ao louvor,  
Quando este fôr  
Dado sem fins de enganar,  
Não  
Lhe vejo grande mal.  
Tê a pilula amargosa  
Da verdade  
Póde tornar  
Saborosa.  
Com geito e moderação,  
É sinal  
De educação.  
Verdades nuas  
E cruas,  
Não sendo a tanto obrigado,  
Sô as diz um mal-creado (381).

FABULA 351.\*

### O pintor e os miolos

Para pintar bons paineis  
Não bastam tintas, pinceis  
Superfinos,  
Nem  
Tambem  
Perfeitas

## Telas.

Pinturas inda as mais bellas

De peregrinos

Pintores

Foram feitas

Com meios muito inferiores

Aos que nós por ahí vemos

Nas mãos de todos: porém

Não affirmará ninguem

Que temos

Hoje melhores,

Mais inspirados pintores.

Póde muito a educação:

Todavia,

Se faltar a inspiração

E o talento especial,

Será menos efficaz.

Aperfeiçoa, não

Cria:

É esta a regra geral

Sem que lhe veja excepções:

Do nada nada se faz.

Farto das perseguições

De principiante teimoso

Que pouco geito mostrava,

Um pintor famoso

Havido

Por seu bello colorido,

E a quem o tal não largava,

Sempre e sempre a perguntar  
Que havia de misturar,  
Na palheta, ás suas côres  
Para lbes poder juntar  
Os macios, os vigores  
Que as telas d'elle animavam  
E incomparaveis tornavam:  
—«Miolos» lbe respondeu;  
•Pois assim o faço eu.»

Sem elles, caros leitores,  
Por mais que cada qual faça,  
    Todo é vão,  
    Não  
    Passa  
D'um trapalhão (388).

FABULA 352.

### O habito e o monge

Não faz o habito o monge  
Nem turbante faz o moiro.  
É verdade: mas de longe  
Tudo quanto brilha é oiro,  
E tal ficará de certo  
Para quem nunca de perto

Ó observar com criterio.  
Assim passará por serio  
Homem que nunca se ri:  
E quantas vezes não vi  
Tido em conta de illustrado  
Um parvo, sempre calado;  
Com a cabeça a menear  
Só respondendo ao que ouvia,

E um sorriso

Que ora podessem tomar  
Por applauso, e ora não,  
Segundo a opinião

De quem via

Alli mais qualificado?  
Em todo o caso é preciso  
Que cada qual represente

(Se quizer

Ser

Respeitado)

Neste mundo o seu papel  
Da maneira mais decente:

Do contrario, não

Se queixe

D'alguma lição

Cruel,

Que o deixe

Bem convencido

De quanto andava illudido.

Dois deputados vieram

Da provincia, e se metteram  
(Não havia hotéis então)  
Em casa d'um cidadão,  
Seu amigo, morador

Em travessa

De mui raro viador ;  
E de frente de barbeiro  
Politicão

E palreiro,

Como quasi todos são.

— «Nada vejo que me impeça  
De ir fazer a barba alli,  
Tal e qual estou aqui,  
De chinellas sem chapeo»  
Disse um quando amanheceu :

«Esta rua é um deserto.»

— «Não irei assim, de certo»

O outro lhe respondeu :

«Vá indo que eu depois vou.»

Assim foi. O tal barbeiro

Começou

Logo o primeiro,

Que chegou,

A barbear.

Depois de se preparar

(Esmeradamente o fez)

Entra o segundo freguez.

O mestre, logo que o viu,

A elle

Se dirigiu

E, chamando o aprendiz,

Lhe diz :

— «Tu vais aviar

Aquelle

Homem ; e eu vou

Barbear

Este senhor.»

— «Essa agora é que é melhor !»

O outro, fúto, bradou :

«Pois então

Quer deixar-me a barba em meio,

Por quem depois de mim veio,

Só por ser um figurão?»

— «Nenhumas explicações»

Responde o mestre com entono :

«Agora lhe quero dar.

Em loja de que eu for dono

Haverá

Sempre attenções

Com quem m'as deve mer'cer.

Se conta lhe não fizer

Desde já

Pôde marchar (307).»

## FABULA 353.

## A raposa e as uvas

Raposa pouco matreira,  
Depois de muito saltar  
E de bastas vezes dar  
Com as costas no duro cbão,  
Às uvas de alta parreira  
Tentando ver se chegava;  
Desenganada  
Porfim  
De que o intento se baldava,  
Disse então:  
— «Verdes estão,  
Nem assim...  
Nem maduras, valem nada.»

Um parvo e villão  
Ruim  
(Como ha tantos) dos que dão  
O nome de independencia  
À mais grosseira insolencia,  
Dizia  
Sem pejo um dia  
A outros, perante um velho  
Honrado



E condecorado  
 Com uma carta de conselho:  
 —«Pasma como os conselheiros,  
 Que ahí vemos aos milheiros,  
 Quando se encontram e fallam  
 Ficam serios, não  
 Estalam  
 De riso...» —«Pois em verdade  
 Muito rimos, com razão  
 E a bom rir»  
 Torna o velho: «da maldade  
 De invejosos zombeteiros  
 Que nem podem conseguir  
 Ser uns tristes conselheiros (284).»

## FABULA 354.

## Os lóts

Victima da ingratição,  
 Perseguido  
 Dos homens pela maldade,  
 Que alguém foja á sociedade  
 E, tolhido  
 De verter  
 Os prantos do coração  
 No seio d'uma mulher,

D'um amigo, d'um irmão,  
Busque em toda a natureza,  
Mas longe da humanidade,  
Allivio á sua tristeza;  
Ou escolha um animal,  
Que lhe seja lenitivo  
No meio da soledade:  
Sentimento é natural.  
Mas preferir, sem motivo,  
Um cão  
Ou bruto qualquer  
Ao homem, seu semelhante;  
A quem, talvez não  
Distante,  
Soffrer  
Por falta de pão,  
Ao doente,  
A creança abandonada:  
É sómente  
Um tristissimo sinal  
De cabeça transtornada,  
De depravação  
Moral.  
Não  
Trato aqui d'esse mal:  
D'outro pretendo fallar.

Em Londres houve um sujeito,  
Que ganhou um dinheirão,  
Porque tinha grande geito

Da cães fraldeiros curar,  
 É de todos bem sabido,  
 Que os brutinhos  
 Pelas damas adorados  
 (Para de homens não fallar)

Enfraquecem,  
 Adoecem,  
 Por ter comido  
 Demais  
 Bollinhos  
 E cousas taes,

Por muito apsaricados.

Cão doente,

Era immediatamente  
 O grande doutor chamado.

Lá corria

*Mister Smith* asafamado,

E dizia,

Mal olhava o tótósinho:

—Oh que joia! que lindeza!

Coitadinho!

É bem grave o seu estado:

Mas tenho quasi a certeza

De que ha de voltar curado...

E o mettia

Num cestinho,

Que trazia,

Bem forrado

De setim acolchoado.

Logo em casa lhe pegava

Pelo rabo, e o atirava  
A um grande pateo que tinha.  
Alli, com mais companheiros,  
Em vez de caldo e gallinha  
Achava ossos e pão,  
Per cama palhas no chão;  
E, além d'isso, uns enfermeiros  
Munidos de bom chicote  
Faziam todos andar,  
A certas horas, a trote  
De estafar.  
D'isto tudo o resultado  
Era o cão  
São  
Qual  
Um pêro ficar.  
Muito bem ensaboado,  
No tal  
Cestinho mettido,  
À lady restituído  
Voitava;  
E a mão  
Generosa  
Pouco achava  
O muito que ao doutor dava  
Pela cura milagrosa.  
  
Quantos tôtôs de dois pés,  
Que ahi vês  
Incapazes, enfezados

Talvez

Ficassem curados,  
E tendo muito valor,  
Se a tempo fossem tratados  
Por competente doutor (385)?

FABULA 355.\*

A economia

Para um ente racional  
(Não tendo o instinto do mal)  
Estragar  
Não é gozar.

Um homem remediado  
Vivia  
Com o seu creado  
E na melhor  
Harmonia,  
Salvo quanto a economia,  
Pois se indignava  
E ralhava  
Vendo o menor  
Desperdício.

(Ralhar, ás vezes, é vicio  
E raro pôde ser bom:

Em regra, é tempo perdido;  
 Vai-se costumando o ouvido  
 Àquelle mais alto som,  
 E já não produz effeito.

Se um creado  
 Não tem geito,  
 Se faz sua  
 Falcatrua

E, tendo sido avisado,  
 O não vemos emendado,  
 É melhor pôr « na rua  
 Sem mais gritos  
 Nem conflictos.)

Ora, um dia,  
 Commissão

Andando em sua missão  
 Para fim caritativo,  
 À porta lhe foi bater;  
 E acerca de ninharia

Se perder  
 Ouviu um *recitativo*  
 Entre o servo e o seu patrão.  
 Com agrado recebidos

Logo são.  
 Pasmados  
 Ficam

Dos soccorros offrecidos  
 Tantos, que mal  
 Os explicam,

Do tal  
 Dialogo lembrados.  
 Vendo aquella admiração  
 O homem diz: — «A razão  
 Ah! vêem de eu rathar;  
 Pois, se não  
 Fosse poupado,  
 Estava agora privado  
 De os poder auxiliar (388).»

FABULA 356.\*

### O gigante anão

Um anão muito famoso  
 Corria  
 O mundo a mostrar-se,  
 Ninguém fartar-se  
 Podia  
 De o ver e de o celebrar:  
 Tanto elle era singular  
 De pequenino e formoso!  
 E por graça  
 Alcides fôra alcunhado.  
 Muito diff'rente na raça,  
 Um perfeito mocetão,  
 De força herculea, fazia

O mesmo com fim equal  
 E, por acaso, alojado  
 Eil-o na hospedaria  
 Onde estava o tal  
 Anão.

Uma dama da cidade,  
 Curiosa em demasia  
 (Como, aqui á poridade,  
 Ainda as ha hoje em dia)  
 Vencida da tentação  
 Do *micrómeças* mirar,  
 Lá foi: porém perguntou  
 Pelo Alcides. O porteiro,  
 Sem da alcunba se lembrar,  
 A levou  
 Ao verdadeiro.  
 Ao ver quanto ella  
 Pasmou,

Percebeu este o engano,  
 Mas, notando que era bella,  
 Lhe diz com ar mui magaaõ:  
 — Queira sentar-se, senhora:

Sou  
 Aquelle a quem procura.  
 Só por mera utilidade  
 Lá por fóra  
 Me encolho nessa estatura  
 Tão pequena;  
 Mas, sendo desnecessario  
 Em casa, estou á vontade,



O que assim me desempena...»

Quantos ha, pelo contrario,  
 Que por meios naturaes,  
 Sabem fugir estatura  
 Muito differente da sua.  
 Enquanto essa illusão  
     Dura,  
 Uns gigantes collossaes,  
 Vistos de longe... na rua;  
     Mas, de perto, são  
     Pigmeus  
 E ridiculos sandeus (367).

FABULA 357.ª

### A aguia e a andorinha

—«Eu sou capaz de voar  
     Sem parar  
 Um dia inteiro, e tu não»  
 Disse á aguia a andorinha:  
     D'onde vem,  
     Pois, que rainha  
 Das aves és acclamada?  
     Que razão  
     Haverá em  
     Tal despacho?»

— «Porque eu  
Chego quasi ao céu,  
E tu voas muito baixo,  
Pouco te afastas do chão:  
É só porisso, e mais nada»  
A aguia lhe replicou.

Não basta dizer  
— Eu sou  
(E ser)  
Capaz de escrever  
Em verso ou classica prosa  
Muita cousa:  
Esta deve ter  
Valia.  
Certo critico dizia  
D'um auctor muito fecundo:  
— «Sabe a nossa lingua a fundo;  
Mas nem ainda uma vez,  
A meu ver,  
Soube elle aquillo que havia  
De escrever  
Em portuguez (382).»

FABULA 358.

**O nivel diferente**

No tempo em que a *senhoria*  
Tanto decerto valia,  
    (Señão mais)  
Como vale a *excellencia*  
    Hoje em dia,  
Em que todos são eguaes ;  
    Cidadão  
Muito forte na sciencia  
Difficil da precedencia,  
Fallando com figurão,  
O qual, segundo entendia,  
Bem de todo não subia  
Ao ponto de reboçado  
Para gozar de excellencia :  
O tratou de senhoria.  
Quando o outro respondeu  
Sem hesitação lhe deu  
De excellencia o tratamento.  
    O primeiro,  
Vendo que elle se doia,  
Ou por lhe ser lisongeiro  
O ouvir-se assim tratado,  
Muda no mesmo momento

E excellencia lhe vai dar.

Pasmado,

Porém,

Ficou!

O outro também

Mudou,

E lhe volta senhoria!

Muito a lucta duraria

Sem

Ter geito de parar,

Se o figurão

Não

Pedisse

Ao outro que decidisse

Em

Que haviam de ficar.

—«D'um ou d'outro tratamento»

Lhe diz elle: «me contento;

Ambos me são indifferentes,

Comtante que o seu

E o meu

Fiquem sempre bem diff'rentes.»

Hoje rimos do que fomos;

Amanhã, do que hoje somos.

Não é mais ajuizado

O presente que o passado.

Ouro é o que ouro val',

Seja papel ou metal.

Desappareçam embora

Senhorias, excellencias;  
 Tudo fica como agora:  
 Sempre haverá precedencias,  
 Que não podem acabar.  
 Ao antigo nascimento  
 Succeda o merecimento  
 (Assim o podesse eu ver,  
 Mas inda tem de tardar...)  
 Entretanto desafio  
 Um homem que tenha brio  
     A dizer  
     Que não  
     O ha de maguar  
 Quando o forem collocar  
     Ao lado  
     D'um mal-creado,  
     Chumeco, vil besunção,  
     Ou d'um safado  
     Intrução (389).

## FABULA 359.\*

## O rebanho e o lobo

Um carneiro  
 Grande e bello  
 (Do que tinha de ouro o velo

Quem sabe, se descendente?)  
Vendo o rebanho a tremer  
    (Namorado  
    O pegreiro  
    'Stava ausente  
    Do seu gado,  
    Gemor  
    Fôra

Aos pés de linda pastora.  
E afastara-se o rafeiro,  
Do mau exemplo levado)  
Lhe disse com arreganho:  
—•Se acaso algum lobo vem,  
    O que tem?  
Não será elle tammanho,  
    Tão feroz  
    E tão valente,  
Que possa mais do que nós:  
Os cornos valem o dente.  
Todos unidos havemos  
    De mostrar-lhe  
Que mais do que elle podemos,  
    E dar-lhe  
    Conta da raça:  
Basta que com brio faça  
Cada qual o seu dever.  
Eia pois, se elle vier:  
Nunca mais seja eu carneiro  
    Se primeiro  
    O não

Fôr logo atacar.  
Assim que elle me fiar  
(Pois é certo que me flla,)  
Se nenhum então  
Vacila,  
À marrada  
Convidado  
O malvado  
Larga a ossada.\*  
Juraram todos vencer  
Ou morrer.  
Chega um lobo : e o tal carneiro  
Cheio de brio guerreiro,  
Corre a elle destemido,  
Como havia promettido,  
E o pretende combater :  
Mas de ninguem é seguido.  
Todos a tremer  
Fugiram  
Mal  
O inimigo viram ;  
Cada qual  
Se quer salvar  
Sem dos outros lhe importar ;  
E o carneiro pateou,  
Porque nelles se fiou.

Quem isto  
Lê  
E não vê

Que o homem tem sido assim  
Antes e depois de Christo?  
Um egoista ruim  
Que, porisso, ha de soffrer  
Quem o quizer  
Explorar?  
Trata só de se salvar,  
E procura abotoar-se  
Quanto pôde  
Com disfarce,  
Dos demais não se lhe dá.  
Ou mui raro lhes acode.  
No cynismo  
Do seu immundo  
Egoismo.  
Se a alguém vê espesinhar,  
Diz: «Eu cá  
Não nasci para emendar  
O mundo:  
Deixal-o ir  
Como muito bem quizer.»  
Desconhece  
O que o verdadeiro int'resse  
De accordo com a sã justiça,  
Lhe devera suggerir  
Que para o homem viver  
Na sociedade,  
Carece  
De combater  
Sem cessar



A maldade,  
 A injustiça,  
 Quantas vezes appareça;  
 Quer ella lhe seja avessa,  
 Quer vá os outros lesar.  
 A causa da humanidade  
 É tambem  
 A de todo o homem de bem;  
 E se hoje somos por vós,  
 Amanhã sereis por nós.

Houve um rei  
 (Portuguez era e de lei:)  
 Rara  
 Lição  
 Nos deixou.  
 Um seu vassallo levou,  
 Sem razão  
 E brutalmente, com a mão  
 D'um fidalgo, pela cara.  
 — «Alcaide!» bradou  
 El-rei,  
 Mal o facto lhe constou:  
 «Acodi! que ora levei  
 Nesta minha face honrada  
 Infamante bofetada (390)!»

FABULA 360.<sup>a</sup>

## A critica

Certo cão  
De estimação,  
Como dizem, atacou  
Um soldado em sentinella.  
Este logo com a baioneta,  
Que lhe espeta  
Na guela,  
Sem mais cer'monia o matou.  
É o soldado  
Accusado  
Pelo dono ao commandante.  
—«Você foi muito adeante  
Do que lhe era permittido  
Devia ter reflectido  
Que bastava defender-se  
Com a c'rouba da arma, e abster-se  
De ir logo assim ás do cabo»  
Este lhe diz asp'ramente.  
—«Mas olhe, meu capitão.»  
Volta o soldado: «o tal cão  
Contra mim vinha com a frente,  
Não  
Com o rabo;

E mostrava cada dente!...»

Mai facil é criticar  
O que este fez ou aquelle;

Mostrar  
Que muito melhor  
Podia ter elle  
Andado:

Resta saber se peor  
O tal critico andaria,  
Ou de outro modo o podia

Na pelle  
Do criticado  
Quando se houvesse encontrado<sup>(591)</sup>.

FABULA 361.\*

Os juizes oppostos

De vinho muito afamado  
Um tonel fôra atacado  
Por certo mal, um sabor,  
Que lhe tirava o valor.

Para o poder  
Combater

Chamar manda o lavrador  
A dois peritos famosos,

Serios ambos e zelosos  
Em cumprir o seu dever.  
Um d'elles, depois de ter  
Provado o vinho, affirmou

Que sem erro

Percebia

O tal gosto ser

De ferro,

Que cahira no tonel:

O outro sobre o pichel

Jurou

Que consentiria

Em lhe chamarem caloiro

Se o sabor não era a coiro.

Assim

A junta deu fim

(Como ellas costumam dar)

Sem nada se aproveitar.

Quando o tonel se vason,

Alguem na borra encontrou

Chave de ferrugem cheia

E na argola... uma correia.

Póde bem acontecer

Sobre assumptos contraversos

Juizos haver

Diversos,

E não deixarem de ser

Verdadeiros; dependente

Cada um d'elles da diferente

Aptidão do julgador  
 Em saber  
 Descortinar  
 Uma ou outra qualidade  
 A que dá maior  
 Valor.  
 A verdade  
 Só se chega a alcançar  
 Só resulta d'essa lucta,  
 D'essa renhida disputa  
 Levada á saciedade (398).

## FABULA 362.

## Os dois imitadores da natureza

—Quem boa fama crear  
 Póde em paz ir-se deitar  
 E dormir mui descansado.—  
 Dictado  
 Bem  
 Corriqueiro;  
 Mas nem  
 Sempre o seu sentido  
 Verdadeiro  
 É de todos percebido;  
 Pois sómente

Nos aponta  
Como se julga em geral,  
Tanto monta  
Que se pense bem ou mal.  
Ora mal (infelizmente)  
Pensa a mór parte da gente.  
E foi assim que julgou  
No caso que se passou  
Entre dois actores dos taes  
Que o fallar ou o grunhido  
Imitam dos animaes.

Um já muito conhecido,  
Afamado,  
Constantemente applaudido  
Pelo povo embashacado,  
E sempre tido  
O maior  
Alli e por toda a parte,  
Naquelle famosa arte,  
Um dia desafiado  
Foi por outro imitador.  
Soa a hora do certame!  
O portento,  
Mal ao palco tem subido,  
Declarando o seu intento  
D'um bacorinho imitar  
É logo, sem mais exame,  
Com palmas e alarido  
Recebido

Inda antes de começar.

Imitou

(E muito mal)

Novos loiros alcançou.

Eis que apparece o rival;

Declarando arremedar

Com a voz o dito animal.

Começou,

Porém não pôde acabar

Tal pateada levou!

— «Parvos!» lhes bradou,

Tirando

Do gabão

Um verdadeiro leitão:

«Aqui tendes vós o actor

A quem estais pateando...!»

Pois não

Se dá por vencido

Do contendor

O partido,

Gritando:

— «Que a imitação,

Toda cheia de belleza

Excedia a natureza;

E que o suino animal

Gronhia, mas muito mal!»

Se de Virgilio, ou de Homero,

Ou d'outro classico auctor,

Que citar aqui não quero,

Alguma passagem for  
Destempero,  
Um solenne disparate,  
(Ou seja o erro do auctor  
Ou talvez d'algum copista,)  
É belleza, sem debate;  
Um primor!  
Ignaro controversista  
É de certo e temerario  
Quem defender o contrario.  
Não se lhe admitte negar  
A verdade do traslado  
Comparado  
À natureza.  
'Sta julgado  
Sem appello;  
E, se logra demonstrar  
Que tomam como belleza  
O que é contrario ao modelo  
E aos principios da razão,  
A resposta é—que o talento  
Não  
Admitte julgamento;  
Nem ao menos percebendo  
Que o julgam, assim dizendo (393).



## FABULA 363.\*

## As orelhas da lebre

A cem leguas desterrado  
Da residencia da côrte,  
E sob pena de morte,  
Por decreto promulgado  
Reinando certo leão,  
Foi todo o animal ornado  
De galhos de qualquer sorte.  
Nunca se soube a razão  
De se tomar tal medida

(A meu ver, bem  
Entendida,

Pois não

Gosto das marradas

Que aos milheiros ahí dão

Sem

Motivo nem

Razão,

Pessoas... civilizadas.)

O certo é que os galhudos,

Quer pequenos quer

Grãdos,

Trataram de se mudar

Sem

Esp'rar,  
 Por segunda intimação.  
 Para remédio sequer,  
 Nem  
 Ficou um... pão-do-ar.  
 Mui timorata uma lebre,  
 'Stando ao sol, toda se assombra  
 Das orelhas vendo  
 ,A sombra;  
 Fica logo ardendo  
 Em febre

Não fossem taes espantalhos  
 Accusados de ser galhos.  
 Feitas estas reflexões,  
 Mui serias, com os seus botões  
 Trata logo de emigrar:  
 Antes porém visitar  
 Vai uma coelha  
 Velha

E d'ella se despedir.  
 — «Adeus! que me vou embora.»  
 — «E porquê? Onde quer ir?»  
 — «Vou por esse mundo fóra;  
 Podem elles confundir  
 Galhos e orelhas, e assim  
 Dar tambem cabo de mim.»  
 — «Safa!» responde a coelha:

T'arrenego!  
 O que não distingue a orelha  
 Do galho é peor que cego.»

—«Pois diga-se o pôde haver  
Maior que quem  
Não  
Quer  
Ver.»  
Torna a lebre: «Lá vão  
Leis  
Onde o qu'reis.  
E bem  
Me podem dizer  
Que na letra da tal lei  
Não 'stou eu,  
Mas sim no 'spirito seu,  
E que d'isso pouco sei.  
Ou talvez nem digam nada;  
Como fazem muita vez  
Aos fracos suas mercês:  
Safo-me pois à calada.»

Quanta coisa interpretada  
É, ora assim, ora assado,  
Segundo o interessado  
Vale menos, vale mais,  
E isto até em tribunaes (294)!

## FABULA 364.

## O inspector de incendios

Um predio ardia !

Corria

Para lá o povo

Em barda,

Velho, novo

Da jaqueta até a farda :

Incluindo o aguadeiro,

Ninguem quer

Ser

Derradeiro.

Correm de boa vontade

Ardendo com outro fogo,

—O da santa caridade,

Para o mal se debelar.

Todos... não digo; um faltava

(Falta era de estranhar !)

Dos incendios o inspector,

Mui longe d'alli

Morava

E d'ahi

O seu tardar.

—«Não se pôde isto aturar»

Disse

Alguem: «esse senhor  
Dos incendios muito perto  
Devia sempre viver.»

*Esperto*

Que o dito ouviu

O tomou

Por bernardice,

Da qual

Se riu

A valer;

E como tal

O espalhou

Sem demora,

E até agora

Todos se riem tambem.

A meu ver

Não andam bem.

A fórma que o pensamento

Tomou

É de certo, má:

Porém

Mui facil será,

Reflectindo-se um momento,

Pereber

Que o homem qu'ria dizer:

— «Quem

Lhe pertence acudir

A um dever

Andará mal

Se for mui longe habitar  
Do local  
Onde tenha de o cumprir.  
Devia o inspector morar  
Em logar  
O mais central  
Possivel do povoado,  
Achando-se assim presente  
Quasi que instantaneamente  
Apenas fosse chamado,  
E jamais em sitio ermo  
Ou fóra de villa e termo.

Ao seu dever dedicado  
Tenha cada qual de nós  
Pelo mais serio cuidado  
'Star prompto á primeira voz (195).

## FABULA 363.

## As caçadas

Quando caloiro eu cheguei  
A Coimbra, ainda havia  
Caçadas,  
Mais ou menos abrutadas.  
Se escapei  
Sempre d'ellas, não podia

Deixar

De covarde achar

Quanto em taes casos se via,

Quantos torpes desacatos

Dos novatos.

Os caloiros supportavam.

Mas fiquei mais indignado

Quando, aquelle anno passado,

Vi que os que tinham soffrido

Caçoavam

O caloiro desvalido,

Com a mesma brutalidade

E falta de coração

Que com elles tinha havido.

Foi a primeira noção

Do valor da humanidade

Que alli tive. Desde então

Repetiram-se as lições.

(Eu não fallo de excepções,

Mas sim da regra geral.)

Quem mais se queixa do mal

É quem depois faz peor,

Assim que o pôde fazer.

Mau senhor

O que foi escravizado.

Baro dará com prazer

Quem já se viu obrigado

A pedir.

Martyr hoje perseguido

Amanhã vai perseguir,  
Esquecido  
Da injustiça soffrida.  
Tal é o quadro da vida!  
Poucos ha que exceptuar:  
Felizes e desgraçados  
Amassados  
Foram no mesmo alguidar (208).

## FABULA 366.

## O organista e o sacristão

Tocava, e até muito bem,  
O orgão certo organista  
Ajudado d'um sacrista  
Que tocava elle tambem  
(Mas os folles). Certo dia  
Em que festejavam santo  
Graúdo na freguezia,  
Andou  
Com tanta mestria  
(Já se sabe qual dos dois)  
Que deixou  
Tudo num encanto.  
Então  
Cheio de effusão



Lhe gritou

O sacristão :

— «Sabemos o nome aos hoist!»

E depois

Nos braços o apertou.

O homem tinha razão

Apesar

De muito a exaggerar.

Todo aquelle que labora

Segundo a sua aptidão,

Tem direito a algum quinhão,

Seja em que trabalho for,

Do resultado final,

Muito embora

Desegual

Aos demais

(Ou de quem o fez melhor,

Ou de quem trabalhou mais.)

Cada qual,

De certo modo,

Como pôde concorreu

Com esse auxilio que deu

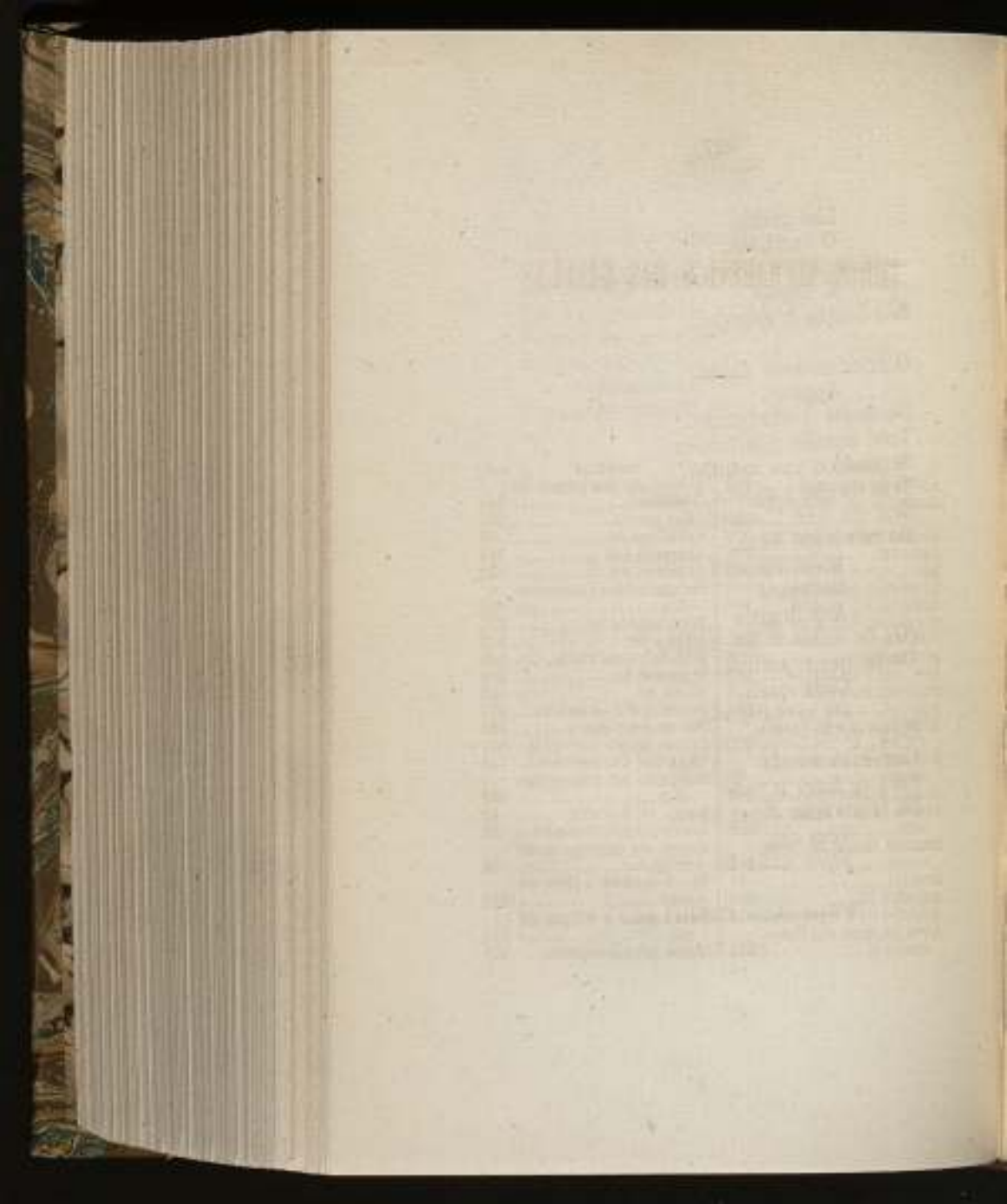
Para se fazer o todo.

Na amarração d'um navio

Tem seu

Valor cada fio (397).

**Fim das fabulas.**



## INDICE ALPHABETICO DAS FABULAS

FABULAS	PAG.	FABULAS	PAG.
Abelta (a) e o cuco.....	652	Arvore (a) dos pomos de ouro.....	451
Abelta (a) ou os benefi- cios.....	83	Asno morto.....	681
Abetres (os) e os pombos	730	Asrologo (o).....	98
Agua (a).....	202	Avarento (o).....	384
Agua (a) e a angorinha.	803	Avestruz (o).....	131
Agua (a) e o mocho....	213	Banqueiro (o) e o remen- dao.....	654
Agua (a) e o mocho....	295	Bicarbonato (o).....	671
Albardas (as) e as al- bardas.....	203	Bichas (as).....	612
Almirante (o).....	606	Bilhete (o) de visita.....	448
Alto (os) e os baixos....	310	Boloculo (o).....	608
Amphora (a) velha.....	403	Bitola (a).....	562
Anão (o).....	684	Bodes (os) e as cabras..	511
Anforina (a) e os passa- rutos.....	254	Boi (o) e a cigarra.....	586
Aninães (os) atacadados da peste.....	37	Bolota (a) e a melancia .	641
Anã (a) e a angorinha.	363	Bons (os) argumentos...	752
Anã (a) e o ticho da seda.....	604	Boticario (o) e os reme- dios.....	467
Anã (as) e as boas	306	Burro (o) e o cão.....	43
bovas.....	306	Burro (o) e o caosinho..	25
Ano (a).....	97	Burro (o) carregado de reliquias.....	34
Agrário (o).....	268	Burro (o) com a pelle do leão.....	311
Arminho (o) e o porco..	47	Burro (o) e o eclipse do sol.....	450
Artes (a) doce dos Fran- ciscanos.....	494	Burro (o) e o espelho...	307

FABULAS	PAG.	FABULAS	PAG.
Burro (o) e o seu dono...	180	Charlatão (o).....	331
Burro (o) flautista.....	180	Chiqueiro (o).....	685
Burro (o) (trilogia).....	210	Chuva (a) fatal.....	736
Busto (o) e a esposa.....	174	Cigarra (a) e a formiga.....	215
Cabeça (a) e a cauda da serpente.....	737	Coelho (o) e o ouriço... 391	
Cabras (as).....	126	Concerto (o).....	544
Cacoadas (as).....	824	Congresso (o) dos ratos... 468	
Cães (os) e o leopardo... 372		Conselho (o).....	717
Cães (os) valentes.....	261	Conselho (o) de Salomão 73	
Caldeiro (o) armado e des- armado.....	776	Cordeiro (o) protegido... 217	
Calvo (o) e a mosca.....	533	Cordeiro (o) tosquiado... 39	
Camelo (o).....	29	Côrte (a) do leão.....	480
Caminho (o) a seguir... 665		Corvo (o) e a água.....	114
Camisa (a) do homem fe- liz.....	370	Corvo (o) e a raposa... 574	
Canna (a) do foguete... 45		Corvo (o) querendo imi- tar a água.....	473
Caniço (o) e o carvalho 766		Coruja (a).....	577
Cão (o) e a sombra... 729		Cotovias (as) e o dono da seara.....	744
Cão (o) com as orelhas coortadas.....	165	Coxos (os) e os gogos... 86	
Cão (o) culpado.....	245	Crocódilo (o) e a cogo- nha.....	575
Cão (o) desenganado... 200		Crítica (a).....	812
Cão (o) fel.....	415	Culpa (a) armada.....	174
Cão (o) levando o jantar do dono.....	520	Cyrene (o) e o cosinheiro 14	
Cão (o) o lobo e o pastor 294		Deputado (o) em herba... 232	
Capote (o).....	465	Desmoralização (a).....	323
Caraoguciro (o) e o filho 687		Difficuldades (as) veni- das.....	772
Carapuças (as).....	679	Dilemma (o).....	704
Caridade (a) economica... 292		Divisão (a) do trabalho... 235	
Carriça (a).....	51	Dó (o) do peito.....	717
Carro (o) atolado.....	457	Doido (o) vendendo juizo 512	
Carvalho (o).....	68	Doidos (os).....	718
Carvalho (o) e o caniço 368		Dois (os) calvos.....	578
Cantella (a).....	528	Dois (os) coelhos.....	593
Cavallinho (o) do zadrez 151		Dois (os) dragões.....	69
Cavalle (o) e o touro... 122		Dois (os) imitadores da tarefa.....	815
Cavalle (o) e o veado... 514		Dois (os) machos.....	43
Cego (o) e o paralytico... 258		Dois (os) philosophos... 400	
Chaparral (o) é nosso... 778		Dois (os) ratos.....	219

FABULAS	PAG.	FABULAS	PAG.
Dois (os) sujos.....	61	Gato (o) e os ratos.....	760
Dois (os) viajantes.....	643	Gigante (o) anão.....	801
Doze (os) das fadas.....	146	Gralha (a).....	160
Doze (as) cadellas.....	79	Gralha (a) depenhada.....	653
Duze (as) lagartas.....	538	Grande (a) razão.....	422
Duze (as) panelas.....	162	Grilo (o) e o rouxinol..	111
Dupla (a) demonstração.	145	Guilts (as).....	540
Economia (a).....	790	Habito (o) e o monge... 790	
Educação (a).....	149	Hera (a) e o limilho... 229	
Encontro (o).....	189	Hercules e Juno.....	238
Ecalracho (o).....	553	Historia da machadinha.	701
Escolha (a).....	514	Homem (o) e a cegonha.	549
Escoltor (o) e o invejo- so.....	5	Homem (o) e a mula... 129	
Esopo e o burro.....	290	Homem (o) e a raposa.. 443	
Esopo e o parvo.....	396	Homem (o) e as moscas.	490
Espadim (o) e o espelo..	250	Homem (o) e os animaes	152
Espelho (o) da verdade.	639	Hortelão (o).....	432
Espanheiro (o).....	459	Hortelão (o) e os caçado- res.....	23
Estuario (o).....	224	Idolo (o) e o cão venera- dor.....	426
Esquias (as) da lesa... 587		Imitação (a).....	707
Extremos (os).....	278	Inspector (o) dos incen- dios.....	922
Faleio (o) e o frango... 188		Inundação (a).....	65
Fanfarrão (o).....	484	Jantar (o) e o cosinheiro	710
Fatalismo (o).....	658	Jardineiro (o) e as flores	747
Fogão (o).....	365	Jardineiro (o) e os cara- coes.....	42
Frades (os) de sabugo.. 557		Javardo (o) e os passari- nhos.....	81
Frades (os) que se regu- lem!.....	417	Jogadores (os).....	756
Fundador (o) e o con- quistador.....	241	Jogo (o).....	77
Galinha (a) boga.....	166	Julz (o) ad hoc.....	282
Galinha (a) e os pati- nhos.....	351	Juizes (os) oppositos... 813	
Gallo (o) e o pavão... 85		Jupiter e Apollo.....	148
Gallo (o) e a raposa... 398		Ladrões (os) e o burro.. 358	
Gallo (o) fanfarrão... 423		Lagarta (a) e o bicho da seda.....	267
Gamão (o).....	688	Lavrador (o) e o filho.. 712	
Gamella (a).....	46	Leão (o) com a albarda do burro.....	313
Ganso (o).....	230		
Gato (o) e a rata velha.. 141			
Gato (o) e o espelho... 91			

FABELAS	PAG.	FABELAS	PAG.
Leão (o) doente e a raposa.....	678	Mar (o) e o naufrago ...	109
Leão (o) e o burro á caça.....	12	Maré (a).....	177
Leão (o) e o homem.....	186	Mã vicinha (a).....	410
Leão (o) e o moscardo.....	105	Medalha (a).....	771
Leão (o) e o mosquito.....	90	Membros (os) e o estomago.....	623
Leão (o) e o rato.....	690	Mensina (a) e a abelha.....	584
Leão (o) indo para a guerra.....	727	Mestre (o) de dança.....	700
Leão (o) moribundo.....	17	Neu (o) e o no-so.....	551
Leão (o) e lobo e a raposa.....	7	Milão de Crutona.....	631
Lebre (a).....	58	Mithafre (o) e o rouxinol.....	157
Lebre (a) e a tartaruga.....	433	Mocho (o) e a lagarta.....	741
Leiteira (a) e a bilha do leite.....	531	Mocho (o) e o sapo.....	599
Leoa (a) e a coelha.....	289	Morcego (o).....	613
Leopardo (o) e o manco.....	516	Mosca (a) e formiga.....	667
Livros (os) truncados.....	491	Mosca (a) e a mula.....	383
Lobo (o) a raposa e o urso.....	693	Movca (a) e o veado.....	475
Lobo (o) e a cegonha.....	13	Mulato (o).....	637
Lobo (o) e a velha.....	170	Nutua (a) apresentação.....	349
Lobo (o) e a viola.....	168	Nabos (os) e as grelos.....	430
Lobo (o) e o cão.....	283	Nariz (o) curado.....	455
Lobo (o) e o cordeiro.....	10	Naufragio (o).....	404
Lobo (o) e o homem.....	306	Nível (o) differente.....	805
Lobo (o) e o homem.....	625	Noivo (o) e as duas noivas.....	601
Lobo (o) e os pastores.....	487	Nuvem (a).....	408
Lobo (o) feito pastor.....	115	Oculos (os).....	176
Lobo (o) moribundo.....	72	Odres (os) de vinho e os odres de agua.....	708
Macaca (a) e o filho.....	635	Oiro (o) e o cobre.....	199
Macaco (o) e a lanterna magica.....	498	Olhos (os) do dono.....	553
Macaco (o) e o escravo.....	764	Opinião (a) publica.....	479
Macaco (o) e o golfinho.....	27	Orelhas (as) da lebre.....	819
Matto (o) fidalgo.....	471	Organista (o) e o sacrificio.....	836
Macleira (a) brava.....	112	Ostra (a) e os dois rapazes.....	406
Manteiga (a) e a margarina.....	158	Ovelha (a).....	133
Manto (o) do santo.....	108	Ovelha (a) e o passarinho.....	103
		Ovo (o).....	439
		Pardaes (os).....	260
		Pardal (o) presidente.....	127

FABULAS	PAG.
Pastor (o) e o mar .....	20
Pastor (o) e o milhafre .....	614
Pastor (o) e o rouxinol .....	179
Pastor (o) e os passari- nhos .....	354
Pastor (o), o lobo, o hur- ro e a raposa .....	104
Pastores (os) e os lobos .....	16
Pato (o) .....	118
Pavão (o) e Juno .....	674
Pavão (o) e o corvo .....	251
Pavão (o) os perus e o gato .....	101
Pêra (a) e a rola .....	346
Peixes (os) e o corvo ma- rinho .....	626
Perola (a) .....	525
Pezames (os) .....	393
Pescador (o) e o peixinho .....	725
Philosopho (o) e o mocho .....	76
Pisheiro (o) e a canha .....	606
Pintaroxo (o) .....	579
Pintor (o) e o sapateiro .....	750
Pintor (o) e os miolos .....	788
Poeta (o) e o critico .....	530
Pomba (a) e a formiga .....	592
Porco (o) e o carvalho .....	143
Prêgo (o) e o parafuso .....	476
Premios (os) .....	341
Presos (os) innocentes .....	218
Preta (a) bonita .....	796
Prisidentista (o) .....	420
Proprietario (o) e o pro- clario .....	774
Protecção (a) do mar- quês .....	781
Protesto (o) .....	261
Quebra (a) .....	670
Questão (a) da preceden- cia entre os animaes .....	91
Rã (a) e o loiro .....	50
Rãs (as) .....	136

FABULAS	PAG.
Bachador (o) e Mercurio .....	32
Raposa (a) .....	427
Raposa (a) côta .....	321
Raposa (a) e a cegonha .....	374
Raposa (a) e as aranhas .....	446
Raposa (a) e as uvas .....	794
Raposa (a) e o bode .....	123
Raposa (a) e o leão .....	208
Raposa (a) e o tabacho .....	192
Raposa (a) e o lobo .....	579
Raposa (a) e o lynce .....	194
Raposa (a) e o vendo .....	62
Raposa (a) e o macaco .....	67
Raposa (a) moribunda .....	349
Rato (o) e a ostra .....	520
Rato (o) e o elephante .....	522
Rato (o), o gato, o gatto e a rata velha .....	195
Ratos (os) e as doninhas .....	335
Rebanho (o) .....	590
Rebanho (o) e o lobo .....	807
Regato (o) .....	672
Religio (o) de parede .....	279
Resmelio (os) .....	560
Responsabilidade (a) .....	276
Rio (o) e o dique .....	183
Rosa (a) e o monturo .....	207
Rouxinol (o) e a cotovia .....	442
Rouxinol (o) e o heijallor .....	205
Rouxinol (o) e o milhafre .....	344
Saber (o) .....	733
Santo (o) e o frade .....	245
Santo (o) na aldeia .....	174
Sapo (o) e o pyrilampo .....	6
Satyro (o) e o viajante .....	685
Sciencia (a) e a experien- cia .....	620
Serpente (a) e a creanga .....	233
Serpente (a) e a lima .....	36
Serpente (a) e as rãs .....	682
Serra (a) .....	242
Sós (os) .....	560

FABULAS	PAG.	FABULAS	PAG.
Sino (o) e a sineta.....	376	burro.....	528
Sol (o) e o homem.....	125	Urso (o) e os dois caça- dures.....	444
Solitario (o) e o idiota..	534	Valor (o) das cousas....	695
Sorte (a).....	560	Valor (o) do saber.....	595
Tempos (os) e os costu- mes.....	231	Velha (a) e a galinha... 299	
Toiro (o) e o veado.....	578	Velhice (a) e a mocidade 710	
Toiro (o) e o vitello.....	182	Velho (o) e o burro.....	340
Torrente (a) e o rio.....	170	Velho (o) e os tres espa- zes.....	615
Tóóés (os).....	795	Velho (o) e seus filhos..	30
Tres (os) avisos.....	524	Verdade (a) e a fabula..	1
Tres (os) desejos.....	505	Verdadeiras (as) econo- mias.....	319
Tres (as) leituras.....	567	Verdadeiro (o) theouro. 638	
Urso (o).....	780	Zangões (os).....	456
Urso (o) civilizador.....	55	Zangões (os) e asabelhas 600	
Urso (o) e o macaco....	53		
Urso (o), o macaco e o			



## NOTAS AO FABULARIO

---

(1)

### FABULA 1.ª

Valemos  
Quanto par'cosmos

O dictado diz muito bem: — O habito não faz o monge: — porém não é menos justo o outro — Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. — Julgamos pelas apparencias, ás vezes forçadamente, por não termos vagar ou interesse ou ainda possibilidade de julgar de outro modo. Se vejo um homem de maneiras delicadas e bem trajado, indico que teve boa educação e que tem meios. Devo porém tomar informações a seu respeito, se quizer conviver ou travar com elle relações intimas.

(2) Depois de assim revestida

V. D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de guia de casados*; onde um marido diz ironicamente a sua mulher muito esquilha, que até a respeita quando a vê não so vestida, senão revestida.

V. fabulas 11.ª, 14.ª, 15.ª, 352.ª ... e notas respectivas.

(3)

### FABULA 2.ª

V. introdução, áceres dos assumptos das fabulas.

V. fabula 3.ª, 97.ª, 136.ª, 301.ª, 327.ª, 353.ª ... e notas respectivas.

(4)

## FÁBULA 4.ª

O assumpto d'esta fabula é tirado d'um *fablicu* francez que li em uma nota á fabula correspondente de La Fontaine e, a meu ver, com razão, allí preferido ao que adoptou o grande fabulista. Em ambos elles, porém, o egoismo do leão é demasiadamente calvo: raro se apresentará assim. Prefere que aproveitasse a langente lembrada pela raposa.

V. fabulas 9.ª, 43.ª, 67.ª, 85.ª, 267.ª, 294.ª ... e notas respectivas.

(5)

## FÁBULA 5.ª

Culpas não ter  
No cartorio,  
E morre sem oratório.

Nem todos saberão que se trata do cartorio do escrivão que declarava, quando alguém queria mostrar-se livre de culpas, se o requerente tinha ou não algum processo crime por concluir no seu cartorio. Hoje pedem-se certidões do registre criminal.

O oratório era ainda mais serio. Os condemnados á pena de morte passavam os seus tres ultimos dias *de oratório*, isto é, preparando-se com as consolações e auxilios religiosos para a terrivel jornada.

Aquí o que se quer dizer é—condemnado sem ser ouvido e executado immediatamente.

(6) La Fontaine diz nesta fabula—*Le raison du plus fort est toujours le meilleur*: deve entender-se que mal se pode resistir ao mais forte embora lhe falte razão? ou qual o auctor falar ironicamente? Procurei ser mais claro—Fuz o innocente do malvado com quem não poder luctar.

O lobo esforça-se por mostrar ter uma tal ou qual razão que o autoriza a vingar-se. Nisto a presente fabula é muito verdadeira: até os peiores procuram iludir a propria consciencia. Byron faz dizer ao seu Manfred: «Cheguei a ponto de não justificar as minhas acções aos meus proprios olhos, ultima depravação da maldade!»

V. fabula 7.ª, 39.ª, 138.ª ... e notas respectivas.

(7)

## FÁBULA 7.ª

Deixe-o ficar, que está bem.

Esta moralidade pode à primeira vista parecer errada: porém attenda-se a quo se trata aqui de representar um malvado empedernido. Os outros animaes bem o conheciam e, porisso, o abandonavam. A cegonha acudia-lhe com esperança na recompensa e ia levando-o pago bem merecido. Somos os carraecos de muitos destes necivos ou ainda levemente incommodos. Não o sejasmos de nossos semelhantes; mas não temos o direito de praticar a caridade com prejuizo alheio. Quem, reflectindo, ousa coadjuvar a fuga de um liogo Alves?

V. fabula 5.ª, 72.ª, 32.ª ... e notas respectivas.

(8)

## FÁBULA 8.ª

Sollava deixando o mundo...

Os poetas da antiguidade, pelo menos alguns, diziam que o cygne sentindo chegar a morte sollava um canto melodioso: é ahí o—«derradeiro canto do cygne» Digo alguns, pois vejo em Virgílio (Eneida I, 139) cygnes cantarem sem ser *in extrema*.

(9) Seu triste rondó final.

O rondó (com licença de quem sabe musica) parece ser —uma aria na qual ha duas ou tres repetições, depois de cada uma das quaes recommença a primeira, que sempre termina a aria. Dou-o como o li. Se me lix perceber, confesso que eu não percebo. É *final* quando a *dancia* (não sei se os gallos tambem cantam *rondos*; julgo que não, nunca tal ouvi) o canta no fim da opera, qual o cygne no fim da vida. Assim tenho ouvido chamar a ultima e magnifica aria da Lucrecia Borgia e outras, e nesse senti-lo é aqui tomado.

(10) Tem muitas vezes valor

Sem sempre infelizmente. Porisso se diz: «Quem faz festa a gallegos. . . .» Pessoas ha a quem boas razões nto convenzem nem boas maneiras captivam.

V fabulas 1.<sup>a</sup>, 102.<sup>a</sup>, 183.<sup>a</sup>, 225.<sup>a</sup>, 259.<sup>a</sup>, 323.<sup>a</sup>, 350.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(11) **FABULA 10.<sup>a</sup>**

Vinhum, letras protestadas,  
Exigir o pagamento

La este pensamento na historia da revolução franceza escripta pelo inguez Carlisse. Nennuma outra me tem satisfeito tanto, por sua imparcialidade e bom-senso.

(12) Sempre leão.

Vespasiano dizia que «um imperador deve morrer em pé.» (Suetonio, Duod. Caes. xxiv.)

(13) Em memoria da caçada.

Allude á fabula 4.<sup>a</sup>

(14) (Era urso e doutrinario)

Como em mais occasiões tem de figurar nas presentes fabulas esta peste social, que é para a politica o que a hypocrisia para a verdadeira religião; fallarei d'ella aqui mais detidamente, citando depois esta nota cada vez que for necessario.

Doutrinarios (do francez *doctrinaires*) são os adeptos de um systema politico nascido nos primeiros annos da restauração em França; o qual, rejeitando o principio do direito divino dos reis e o da soberania absoluta dos povos, lhes substitue a soberania da razão, unico legislador verdadeiro da humanidade. Tere chefes illustres taes como Royer Collard, Maine de Biran... Nada ha mais razoavel do que tal doutrina, e nada mais santo do que os principios da religião Christã. Todavia esta serviu muita vez de capa a tufões e malvados; e aquella aos astutos, egoistas e pedantes. Já Remusat, que fora da seita, dizia: «*doctrinaire être abstrait et nuisible.*» (*N. Revue politique et littéraire*, de 22 de março de 1834.)

Outro auctor francez disse d'elles que «não mettam a doutrina no seu procedimento, porem este na doutrina.»

Foram preponderantes no reinado de Luiz Filippe, e cavaram-lhe a ruina.

(15)

**FABULA 11.ª**

Que me parece melhor.

Grande differença, no meu entender, ha entre—pobre—e—miseravel;—termos que na linguaagem commum muitas vezes se confundem. O miseravel é pobre; mas nem todo o pobre é miseravel.

O ser pobre depende até certo ponto da posição social, da educação do individuo, e de necessidades facticias. Neste sentido todos são mais ou menos pobres. A miseria é a falta dos meios indispensaveis para se viver, ainda na posição mais indigna. Parece-me pois que rasoavelmente a significação da palavra se póde subdividir nas de—remediado—e—miseravel.

(16) Pois menos que elles não valho.

Esta phylancia tem causado a desgraça de muita gente, que imagina valer muito mais do que de ordinario vale.

V. fabulas 12.ª, 58.ª, 149.ª, 175.ª, 211.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(17)

**FABULA 12.ª**

Para os figos afogar

Antigamente não se bebia café nem chá ao almoço, e em muitas terras ainda se não bebe.

Conia Garcia de Hesende (*Chron. de D. João II cap. 46*) que o Duque de Bragança, degolado em Evora em 1483, almoçou no dia da execução uns figos lampós e uma vez de vinho.

(18)

**FABULA 14.ª**

Segundo Plinio os golfinhos...

Eram creanças d'aquelles tempos e Plinio se refere a ellas. (*Hist. Nat. ix, 8*). Cite-o, como o fazia um celebre professor de

materia medica, dizendo: «Segundo Plínio, o mel é doce» e acrescentava: «Passemos á prova,» mandando correr uma tigela com mel pelos bancos dos estudantes, os quaes, já se sabe, molhavam todos o dedinho. A mania dos antigos de citarem auctores tocava as yslas do ridículo; e fez dizer a alguém que «era preciso ser muito erudito para escrever tão mal.»—Hoje recrudescceu talmente a mania do francês para, como disse Dnix no *Hypocrite*,

«Mostrar ao mundo que francez sabemos.»

(19) Por não ficar ás escuras.

Contrapuz a escarnada realidade á poesia antiga. Dos golfinhos e d'outros cetaceos, bem como de alguns peixes, se extrahê uma gordura a que chamam—azeite de peixe—. Serviu e ainda serve em alguns paizes para alumiar. Lembro-me de assim ter sido feita, em tempo, a iluminação de Lisboa, que no seu genero era então das melhores na Europa.

(20) Descendemos de Theseu.

Theseu foi o fundador do estado de Athenas, reunindo diferentes tribus. N'elle buscava origem, verdadeira ou não, a mais antiga nobreza d'aquelle republica.

Aproveito a occasião para recomendar a leitura da excellente obra de Fustel de Coulanges—*La cité antique*.

(21) O que me diz do Fireu?

Pi ea, porto muito afamado de Athenas a 8 kilometros da cidade e a esta reunido por duas muralhas, uma d'ellas obra de Themistoclea, e a outra de Pericles.

(22) E não morrem afogados?

Diz o auctor do *Hypocrite* fallando d'um tolo pendente:  
Se não sabe fallar, sabe calar-se...

V. fabulas 10.ª, 18.ª, 59.ª, 60.ª, 92.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(13)

## FÁBULA 15.ª

Que estes tem mais os jumentos.

Não é minha intenção mostrar desprezo pelos camelos ou jumentos, e ainda menos por aquelles que, faltos de intelligencia, lhes são muitas vezes comparados. O fim d'esta fabula é avisar os incautos, para que observem bem antes de declarar um potente quem não passa d'um pascalhão.

V. fabulas 14.ª, 18.ª, 90.ª, 164.ª, 234.ª, 278.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(14)

## FÁBULA 16.ª

Apenas se desatou.

A união faz a força. A associação, cujos effeitos são já maravilhosos, ha de transformar a humanidade.

V. fabulas 133.ª, 359.ª ... e notas respectivas.

(15)

## FÁBULA 18.ª

Se martyr, se confessor ...

Martyr foi quem soffreu a morte pela fé, confessor quem publicamente a confessou sem, por esse motivo morrer. Todo o martyr foi confessor: mas nem todo o confessor teve a palma do martyrio.

(16)

Ora queima

O que adora ...

Allude ás palavras de S. Remy (Remigio) quando baptizou Clovis rei dos Francos.

Nesta fabula não se criticam tanto os parvos vaidosos como aquelles que os levam a pensar que tem valor, pelas grandes zambais que lhes fazem.

V. fabulas 14.ª, 15.ª, 29.ª, 92.ª, 103.ª, 120.ª, 125.ª, 129.ª, 154.ª, 164.ª, 177.ª, 181.ª, 222.ª, 253.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(27)

**FABULA 19.ª**

De sejar com a immunda baba.

O homem de bem nem sempre pôde ter tempo ou occasião de se justificar, nem a fortuna de ser a sua justificação lida ou ouvida por quem antes leu ou ouviu a calúnia. É o peor é que sempre se dá mais credito ao mal do que ao bem.

V. fabulæ 122.ª, 138.ª, 214.ª, 269.ª ... e notas respectivas.

(28)

**FABULA 20.ª**

No ventre de seus juizes...

Antigamente até queimavam os corpos dos supplicados e lançavam as cinzas ao vento ou ao mar. As vezes, arrastavam as casas, lavravam o chão e salgavam-o, para que nem herba alli crescesse. Não deixavam tambem de sequestrar-lhes os bens, ficando as familias na miseria e infamadas. Lá iam pois, senão os corpos, os bens para o ventre das denunciantes, dos governos, etc.

(29) Por modelo.

O camelo, nesta fabula, representa o legislador que demasiadas vezes, naquelles tempos de muito boa fé, julgava que injustiças e atrocidades podiam atrundir a colera divina. Aqui não se critica tanto o camelo ou os seus imitadores, como se apontam os desvarios, filhos das crengas de estão.

V. fabulas 92.ª, 117.ª, 151.ª, 231.ª ... e notas respectivas.

(30)

**FABULA 21.ª**

Como fição o cordeiro.

Assim necessariamente deve ser aos olhos de quem acredita numa Providencia infinitamente justa e sabia. Com taes idéas se deviam educar as creanças e usnea com tortores, tão só irracionais, mas até dambrosos, pois lhes deixam no espirito vestigios falsos e indeleveis.



V. fábulas 246.<sup>a</sup>, 292.<sup>a</sup> 232.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(31) **FÁBULA 22.<sup>a</sup>**

Dos nocturnos raloneiros.

Caracões, lesmas e quejandos, de noite é que procuram o seu pasto.

(32) Para o quintal do vizinho.

O chamado—bom coração—é bastas vezes, posto que inconscientemente,—remulado egoísmo.—Não lhe podemos dar ouvidos à custa alheia.

V. fábulas 7.<sup>a</sup>, 90.<sup>a</sup>, 133.<sup>a</sup>, 146.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(33) **FÁBULA 24.<sup>a</sup>**

Da no chão com o proprio peso.

Nem sempre é assim. Alcançada a posição, ha quem nella se sustente apesar do seu pouco merito. Lembra o dictado — quem não tem letras tem tréas;—o que, se não é muito louvavel, não deixa de servir.

(34) **FÁBULA 25.<sup>a</sup>**

Bovinou  
O coração

Bello dito de Garret no seu—Alfame de Santarem.

(35) **FÁBULA 26.<sup>a</sup>**

Não ousou  
Além passar.

Crenga poetica e popular, de que o arminho prefere o deixar-se spanhar pelo escador ao sujar-se na lama.

(36) Não passa um homem honrado.

E dizem os porcos, os tartufos, os traficantes: «A culpa é d'elle; porque não se sujeita?»—«Porque não posso»: responde elle, qual o arminho, «porque não nasci porco...» e morre. O que os faz muitas vezes estimam, pois dava um exemplo e era a condemnação viva do proceder d'elles.  
V. fabulas 143.<sup>a</sup>, 341.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(37)

**FABULA 33.<sup>a</sup>**

Não approvo a philosophia do macho. Sou fraco admirador da resignação das victimas da injustiça e da espoliação. Isso querem os melvados: «sofra,» e alié, «vá-se calando em quanto não lhe vem peor.»

Victimas houve brutace  
Que assassino lhe chamaram!

Diz Béranger numa das suas cantigas—*Complainte sur la mort de Trevaillon*. O macho apanhou bem, porque se meteu a taralhão.

V. fabulas 18.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 135.<sup>a</sup>, 220.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(38)

**FABULA 38.<sup>a</sup>**

«Não quizeram fazer de urso»

Dizia-se no meu tempo em Coimbra—fazer de urso—figurar, v. g., no dia da distribuição de premios. (V. Cabologia) Aqui é tomado no sentido de—fazer triste figura.

(39) Quantas vezes com razão?

É quantas sem ella! O melhor argumento produzido contra os concursos é, para mim, uma razão irrespondivel a favor d'elles. Se um ministro vai esculhir o ultimo classificado, a quem nomearia elle se não houvesse concurso? Ao menos nomeou um homem legalmente habilitado. Devemo' nos lembrar tambem de que os concursos são obra do poder executivo, que lançou mão d'elles para se livrar, alé certo ponto, das pressões inatendiveis de partidarios.

(40) R... d'isto não direi mais.

Pois podia dizer, mas levava muito tempo. Uma epocha não é mais do que a carrica das epochas anteriores. Um grande homem na sciencia ou nas artes é qual a flor que não existiria sem a obscura raiz, o caule e as demais partes da planta. A carrica é ridicula, porque imagino que uma açua não podia ter voado mais do que ella; mas é facto que lhe excedea o vôo as três dezenas de palmos.

V. fabulas 316.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup>, 329.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(41) **FABULA 30.**

Como as maiorias vão.

Fallo das maiorias em geral.

(42) *Vejam bem este entrechat;*

Figura das contradanças chamadas *francozas*, muito usadas no meu tempo de rapaz, e mais difficil que o *balancé*. Dava-se um salto e, no seu intervallo, cruzavam-se os pés uma ou mais vezes, segundo a mestria do dançante.

(43) No que muito mal fazia.

Péssimo costume de ruins professores e que pôde produzir nos discipulos ou o desalento ou a indignação contra o mestre, e portanto a má vontade ao estado.

(44) Concluem que o mestre é fraco.

Conclusão tantas vezes tirada pelas familias. — O menino tem talento (isto sempre); se, pois, não aprende quando o filho de fulano (muito menos talentoso) está adiantado, a culpa é do mestre. . . . E se o filho de fulano anda no mesmo mestre, o mau resultado provém de esto se interessar mais por elle etc.

Isto tudo é decidido pela familia perante o menino!!

(45) Alumno  
de mações.

Quando se quer dar cabo d'um cão, diz-se que está doado. Quando se quer perder alguém, attribuem-se-lhe

todos os defeitos—é isto, é aquillo—e principalmente é a nome a que a maior parte da gente não sabe dar sentido e, porisso, o resumo de toda a perversidade: segue-se, como nesta fabula se diz, dar cresta ao que elle tem e tirar-lhe a vida. Se não (hoje) a ferro e a fogo, com a calumnia e a fôlta.

(46) Dote que bem poucos tem.

Pouquissimos. Vale mais saber ensinar pouco, do que ter muita sciencia sem a poder communicar a ninguém.

(47) Mas fica sempre gentío.

Os grandes defeitos dos systemas de ensino são, em geral, considerar todos como capazes de aprender e de ensinar. Contam sempre com boa terra e bom lavrador, e . . . perdem as sementes e o tempo. «Em muitos casos, dá um auctor inglez, «a escola compõe-se d'um individuo que não sabe, ensinando a outros incapazes de saber.» Demais, que triste sorte não tem geralmente os professores a quem regaliam o pão, ou negam perante os discipulos a consideração indispensavel!

V. fabula 168.ª, 230.ª . . . e notas respectivas.

(48) **FABULA 31.ª**

A ponto de sossobrar.

Creanças populares. A primeira pôde provir de o leão, quando entra de noite nalguma aldeã, se assustar com o ruído de tal sentinella; a segunda, do elephante não gostar de campachis pouco limpa mesmo para elle.

V. fabula 177.ª e nota respectiva.

(49) **FABULA 32.ª**

Diz-lhes que busquem palhinhas

Preferi que a rá se fizesse ajudar das outras (que figuram como sociedade de mutua admiração); porque não percebe como, á força de se encher de vento, ella podesse rebeutar.

Quem sendo do lamianho da rá quer chegar ao d'um

toiro, é louco; quem procura honradamente elevar-se, tem êxito.

V. fabelas 27.<sup>a</sup>, 72.<sup>a</sup>, 84.<sup>a</sup>, 154.<sup>a</sup>, 220.<sup>a</sup>, 294.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(50) **FABELA 33.<sup>a</sup>**

É o que se vê todos os dias, mórmente em politica; e cada um fica muito satisfeito vendo o outro sujo, sem attender ao estado indecente em que elle fica tambem.

V. fabula 77.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(51) **FABELA 34.<sup>a</sup>**

Tenho eu as forças d'um cão?...

Não por certo, se este fôr dos de grado ou de raça; porém sim, se fôr qualquer *lôô*. A raposa é covarde e de-culpa-se com as suas poucas forças. Menores são as do gallo, e ninguém o accusa de covardia.

(52) De educações anteriores.

Herdamos, pelo sangue, o bom de nossos antepassados e tambem o mau. Veja-se a grandê obra de Gustave Lebon—*L'homme et les sociétés*; porém não se adoptem algumas conclusões desanimadoras que elle tira, sem as poder demonstrar, valha a verdade.

(53) Sendo má a educação.

A boa pôde muito, porém não tudo: mais pôde infelizmente a educação ruim.

V. fabelas 62.<sup>a</sup>, 166.<sup>a</sup>, 167.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(54) **FABELA 35.<sup>a</sup>**

A quizerem applicar.

Uma let é qual receita de medico — má ou boa, segundo fôr applicada.

V. fabelas 30.<sup>a</sup>; 230.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(55)

**FABULA 37.ª**

Aos homens deu  
Sombra e fructo...

Sombra ainda elles dão hoje; fructo é sabido que o deram aos homens primitivos; e felizes dos que não o olvidaram peor.

(56) Que era tão grande o carvalho.

Depois da perda é que se avalla a falta. Reconhece-se o merito quando acabam as rivalidades e as paixões mesquinhas.

V. fabulas 174.ª, 341.ª ... e notas respectivas.

(57)

**FABULA 38.ª**

De thesouros enterrados.

A mythologia e as historias da idade media estão cheias d'estes dicharócos. Seriam elles sómente filhos da imaginação dos povos, ou viriam por tradição d'aquelles antepassados chamados ante-diluvianos, que de certo não se extinguiram repentinamente? ...

(58) [Muito embora talentosas]

O talento não é tão commum como muita gente suppõe; nem é preciso que o seja e nem infelizmente sempre o acompanha o senso commum. O talento resulta de uma froualdade intelectual exaggerada, não raro á custa das outras. O grande erro é imaginar que quem tem talento para uma coisa é apto para todas.

V. fabulas 88.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 300.ª ... e notas respectivas.

(59)

**FABULA 39.ª**

Esta fabula é o complemento das fabulas 5.ª e 7.ª  
O malvado ainda á hora da morte achava virtude e não ter podido praticar o mal.

V. fabulas 5.ª, 7.ª, 167.ª, 231.ª ... e notas respectivas.

(60)

**FABULA 40.ª**

Admira, e busca imital-a.

V. Proverbios de Salomão, cap. vi, vv. 6 e 8.

(61) O que acabe assim  
Ganhar.

Esta doutrina não está em contradicção com a da fabula 281.ª. Uma cousa é entreter-se procurando ainda ser útil, outra é sem necessidade e sobre-posse procurar o lucro.

(62) Que muitas vezes sai cara.

As leis, bem como os preceitos medicos, estão patentese todos; porém, quem não sabendo direito nem medicina os quizer applicar a si, ha de pagar caro tamanha imprudencia.

V. fabulas 82.ª, 149.ª, 211.ª, 233.ª, 289.ª ... e notas respectivas.

(63)

**FABULA 41.ª**Depois da escola queimada,  
Onde ensinava a verdade.

A quantos não tem isto acontecido? Hars será a verdade que não tenha custado sangue.

(64) Não lhe poupeado bicada.

Os mochos são o alvo da troca dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: porisso os pas-ariolheiros as vezes servem-se d'elles para chamarizes cercando-os de ratos enviagados.

Não é menos notavel a fuga do milhafe deante da chideira das andorinhas, explicada no mytho de Teres (o milhafe) Frogne (a andorinha) e Philomea (o rouxinol.)

(65)

**FABULA 42.ª**

Marcavam os padre-nossos.

Jogar a padre-nossos quer dizer--não jogar a dinheiro.  
Nicolão Tolentino diz:

Vem e traze o teu baralho,  
Ministro dos meus destroços;  
Farei do vicio virtude  
Apontando a padre-nossos.

(66) Mas é um parvo chapado

Nisto, como em muitas outras cousas, são mais os que se fingem parvos do que os que o são na realidade.

V. fabulas 131.<sup>a</sup>, 158.<sup>a</sup>, 160.<sup>a</sup>, 218.<sup>a</sup>, 337.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(67) **FABULA 42.<sup>a</sup>**

O dilado é bom; mas não deve ser seguido imprudentemente, e muito menos a custa ou com perigo d'outrem.

(68) Fizeram sem dó ao povo.

Ninguém pôde negar que houvesse e haja ainda hoje injustiças que reclamem remedio; mas d'ahi ás utopias mais ou menos sinceras dos communistas vai longe.

(69) Inda em cima diz mal d'ella.

—Chama-lh'o antes que t'o chame — é manha velha, e meio de muito tratante limpar a sua consciencia e a sua reputação nos olhos dos parvos.

V. fabulas 4.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 67.<sup>a</sup>, 80.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(70) **FABULA 45.<sup>a</sup>**

Serve até para milagres.

Falla-se das offeras de cera feitas pelos devotos para commemorarem os beneficios recebidos de Deus ou dos santos. Alguns davam (ou ainda dão) o seu peso em cera; d'ahi o dito—deve pesar-se a cera—por—escapar d'algum grande perigo.

(71) No seu tempo, delectavel.

Segundo Plinio, disse um celebre professor de materia medica (fab. 14.<sup>a</sup>) «o mel é doce.»



## (72) Voluntarios a cordel.

Durante as luctas politicas entre cabralistas e palmeiras o governo mandava prender os individuos que recusavam alistar-se nos batalhões chamados—de voluntarios—, aos quaes o povo porisso chamava—a cordel.

## (73) Que tenho de atordoar-te.

Atordoa as abelhas com fumo quando se cretam as colmeias.

V. fabulas 76.<sup>a</sup>, 122.<sup>a</sup>, 124.<sup>a</sup>, 163.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(74) **FABULA 40.<sup>a</sup>**

Não vaidoso;

O orgulho é o exagero do brio e funda-se, ou julga-se fundado, em merito real. A vaidade é uma especie de tolice, que torna ridiculo quem a tem, fundada em bugiaras; e, quando exagerada, apenas incommoda a quem a alura.

V. fabulas 18.<sup>a</sup>, 24.<sup>a</sup>, 61.<sup>a</sup>, 84.<sup>a</sup>, 120.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(75) **FABULA 41.<sup>a</sup>**

Gago que a valer ficasse.

Quem vive muito tempo num país adquire a pronuncia, a intuição, o cantar da falla do povo respectivo. Parece que tambem é possível pegar-se o gaguejar nervoso.

(76) **É fugir  
De conviver...**

Quem poder siga este systema, que é o mais prudente: nada se pôde ganhar na companhia de ruins e de mal-creados senão, pelo menos, dissabores.

V. fabulas 67.<sup>a</sup>, 85.<sup>a</sup>, 105.<sup>a</sup>, 109.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 183.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 245.<sup>a</sup>, 259.<sup>a</sup>, 267.<sup>a</sup>, 308.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(77) **FABULA 48.ª**

Semelhante, mas em ponto menor e mais rápida, é das moscas no centro dos quartos.

V. fabulas 68.ª, 95.ª, 232.ª ... e notas respectivas.

(78) **FABULA 49.ª**

Poesia mal costurada.

Dito d'um philosopho inglez. A metaphysica, no sentido restricto e odioso do termo, reinou entre a classe scientifica, quando o espirito humano não tinha cousas mais serias em que se empregar, e enquanto a sciencia não assentou na experiencia.

V. fabulas 75.ª, 104.ª, 282.ª ... e notas respectivas.

(79) **FABULA 50.ª**

Como o Intim é conciso!

Vide a admiração de Monsieur Jondain na comedia do *Bourgeois Gentilhomme* com respeito a concisão da lingua turca.

## (80) Quando trata do que é seu.

Diz o ditado—Mais sabe o tolo do seu, que o esperto do alheio.—Comtudo encontram-se homens que passam por habéis e não sabem cuidar do que é seu: porisso, não raro, os escolhem para governar o alheio!

## (81) Julgavas de certo assim.

O criterio dos nossos julgamentos é geralmente a nossa utilidade, mais ou menos disfarçada ou coonestada.

V. fabulas 106.ª, 216.ª, 345.ª ... e notas respectivas.

(82) **FABULA 51.ª**

Perdida toda a energia.

Por mais que digam (e façam, infelizmente) a educaçáo do

homem deve ser diferente da educação da mulher. A elle pertencem a força, a energia, que em alguns casos terá de ser rude; a ella, a graça, a doçura e as virtudes domesticas.

A educação continua-la em casa, depois que o homem chega á puberdade, é um veneno cujos effeitos são incuraveis. A educação espartana, modificada pelas conveniencias da sociedade moderna é a unica que convem ao homem. O mundo para lá exmihia, máo grado dos que não o querem ver. A educação dos collegios, dos lycæus, das escolas industriaes (que se tornam cada vez mais necessarias) é d'isso prova irrefutavel. A familia tem mais, muito mais, deveres do que direitos; e estes quasi que se limitam a ella ser auxiliada pela sociedade na educação dos filhos, que, se lhes pertencem hoje, é como um deposito que tem de entregar amanhã. A familia é o principio e um meio, não o fim, da sociedade. A raiz não é o fructo.

A quem nelle ha de viver  
O mundo deve educar.

Acresce que uma educação, não direi perfeita, mas apenas sufficiente, torna-se cada vez mais difficil, ou impossivel numa familia; principiando pelos metos pecuniaris que exige.

V. fabulas 168.<sup>a</sup>, 264.<sup>a</sup>, 288.<sup>a</sup>, 302.<sup>a</sup>, 354.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(83)

**FABULA 52.<sup>a</sup>**

É a differença que se dá entre os calculos dos phenomenos provaveis, baseados em serias observações, para um ou dois dias, e os prognosticos das folhinhas, bordas d'agua, etc.

Se poder de lá sahir.

Nada se perde se lá ficar: o peor é que muitos podem tambem sahir, se lhe seguirem as pegadas.

V. fabulas 161.<sup>a</sup>, 210.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(84)

**FABULA 53.<sup>a</sup>**

Nada mais sensato do que a admiração pelas acções dos

grandes homens: nada mais parvo e desastroso do que a idolatria por elles, a ponto de ver sabedoria, grandeza, perfeição em todo quanto diziam e faziam. Grandes homens disseram e fizeram grandíssimos desaeitos, alguns dos quaes lhes deram na cabeça ou, o que foi ainda peor, deram na cabeça dos outros. Não ha ninguem perfeito, nem totalmente imperfeito. Grandes genios tem dito e praticado enormes erros, quasi que involuntariamente; e do mesmo modo os parvos dizem e fazem as vezes cousas de valor.—Erojam-me os adoradores de Gran-Lamá. A subleidade d'um grande homem ou d'um homem virtuoso nunca pôde sancionar uma parvoice ou uma acção má. Não approvo do modo algum o dito de Bossuet; quando lhe perguntaram se era licito a ecclesiasticos assistir a espectáculos, respondeu:—Ha grandes principios contra, e grandes exemplos a favor!

V. fabulas 54.<sup>a</sup>, 302.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(80)

**FABULA 54.<sup>a</sup>**

Curvem-se a cada passo d'estas criticas aos homens de merito e até a nações. Vão esquadriñar os defeitos que se exageram, e a si-m servem de consolação a quem os tem, sem as virtudes e meritos que não querem ver. É o defeito contrario do apontado na fabula anterior. Pôde-se escrever má prosa quando se é Virgílio, e maos versos quando se é Cícero; podem-se commetter erros quando, como a Inglaterra, se é uma grande nação. Evitem-se os defeitos e procure-se egualar o merito.

V. fabulas 97.<sup>a</sup>, 239.<sup>a</sup>, 266.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(80)

**FABULA 55.<sup>a</sup>**

Ainda quando nos pertença aproveitar os serviços alheos, não temos o direito de espiñar a quem nos os presta. Favores pedem-se, agradecem-se; mas não se exigem, até a elles ha direito.

(87)

**FABULA 56.ª**

Nunca sentimos tanto os males alheios como quando nos tocam, ou receamos nos venham a tocar pela porta. A maior parte das vezes a compaixão nasce de pensarmos na possibilidade de que males eguaes nos podem acontecer, e que assim havemos de merecer a compaixão dos outros. Tanto isto é verdade que foi resumido no preccito moral e grande regra pratica de—Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

(88)

**FABULA 57.ª**

Não damos importancia ás cousas e ás pessoas serão quando nos podem ser uteis ou, ainda mais, nocivas. Cumpre-nos nada desprezar e, quanto possível em relação ás pessoas, não crear incompatibilidades futuras.

A facilidade de perderem a cabeça por qualquer vantagem que alcancem, é sestro dos insignificantes, a quem qualquer altura aonde subam dá vertigens.

(89)

**FABULA 58.ª**

O bem e o mal são relativos. A sociedade faz-nos desprezar o bem que temos, e desejar outros maiores. A privação do bem é que nos dá a medida do seu valor.

V. fabulas 11.ª, 12.ª, 116.ª, 175.ª, 235.ª ... e notas respectivas.

(90)

**FABULA 59.ª**

Faz lembrar aquelles de quem dizem que tem máo vinho. *Es digo ta vtro veritas.*

V. fabula 90.ª ... e notas respectivas.

(91)

**FABULA 60.ª**

Os costumes tem valor segundo as pessoas. Os sentidos dos rusticos são geralmente menos apurados que os dos ho-

mens cultos, quando estes não os tenham viciado com excessos.

V. fabulas 142.<sup>a</sup>, 159.<sup>a</sup>, 163.<sup>a</sup>, 257.<sup>a</sup>, 335.<sup>a</sup>, 338.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(92)

**FABULA 81.<sup>a</sup>**

Ha gente que, á falta de merito proprio, procura identificar-se com um talento morto ou vivo, um personagem de quem se constituem sacerdotes. É tambem a explicação de certa idolatria de que se fallou na nota á fabula 53.<sup>a</sup>

(93)

**FABULA 82.<sup>a</sup>**

A quadra popular diz:

Pilriteiro, das pilritos;  
Porque não das coisa boa?  
Cada qual dá o que pôde  
Segundo a sua pessoa.

Pôde muito a educação, mas não tudo. Desenvolve, melhora os bons instinctos, atenua mas não pôde destruir os ruins; não cria nada do nada; nem pôde transformar completamente em uma só geração; ainda muito depois apparecem effeitos de atavismo.

V. fabulas 34.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(94)

**FABULA 83.<sup>a</sup>**

«O mundo é um palco» diz Shakspeare. Cada qual tem que representar um papel, com tanto que possa representá-lo bem. Grandes homens tem cahido quando o seu papel já era desnecessario, ou quando não o souberam adaptar ás circumstancias. Vide Napoleão 1.<sup>o</sup>.

V. fabula 234.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(95)

**FABULA 84.<sup>a</sup>**

As sciencias dependem cada vez mais umas das outras. Para se conhecer bem um paiz ou uma lingua é preciso ler

algum conhecimento dos outros países e línguas. As sciencias porém tem-se subdividido por tal maneira que ninguém pôde hoje ser encyclopedico. A maior parte dos homens mal tem tempo e intelligencia para apprender um não de vida. Alguns mais favorecidos podem estudar bem uma sciencia e ter o indispensavel conhecimento das outras. Quem as quizer abraugar todas dá em trapalhão ou lince.

V. fabulas 15.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(96)

**FABULA 63.<sup>a</sup>**

Deixa estar . . .

Intelleto, quando não prejudicadissimo, o systema de metter mão a crianças, que ou ficam acanhadas ou perdem o respeito a quem assim as trata.

De cangalhas no nariz.

— Cangalhas — chamavam, (quando eu era menino), aos grandes otulos de latão ou peita.

Cartilha na esquerda mão

Cartilha, ou carta, era o abecedario.

Desculpe-me o leitor a *sympathia* que eu tenho pela palavra espora. Éo usada pelos que tem aspirações no *high life* e ao *fino tracto*, outras expressões da mesma laia.

O lobo desculpa-se, como quasi todos o fazem desde Adão e Eva para cá. Nunca somos nem fomos parvos, os outros é que afinsaram, etc.

V. fabulas 67.<sup>a</sup>, 85.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 104.<sup>a</sup>, 106.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup>, 256.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(97)

**FABULA 66.<sup>a</sup>**

Ha muito valentão theorico. — «Eu no lugar de futuro faldas... acontecia... Havia de ser comigo... etc.»

V. fabulas 134.<sup>a</sup>, 147.<sup>a</sup>, 197.<sup>a</sup>, 224.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

[98]

**FABULA 67.<sup>a</sup>**

É o fructo que sempre (ou quasi sempre) se tira do nes associarmos com gente pouco honesta. Nem aqui, nem nas fabulas—da raposa e do bode e—do corvo e da raposa, figura esta zombando depois das victimas, porque entendo que não é isso o que fazem os liangeiros e intrajões. Não cabem nessa.

V. fabulas 103.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 256.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

[99]

**FABULA 68.<sup>a</sup>**

Os antigos, como se sabe, tinham idéas as mais absurdas dos astros e até da terra. Mal sabiam elles que o homem havia de chegar aos conhecimentos que hoje tem sobre tal objecto. A resposta é a que o sol poderia ter dado naquelles tempos; e a que deve dar (se alguma) quem despreza a opinião dos parvos.

V. fabulas 95.<sup>a</sup>, 159.<sup>a</sup>, 180.<sup>a</sup>, 229.<sup>a</sup>, 260.<sup>a</sup>, 335.<sup>a</sup>, 338.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

[100]

**FABULA 69.<sup>a</sup>**

Não ha carne sem osso, nem fructa sem caroco. A fructa boa é a que, além do muito pouco, tem os caroços pequenos; trulemas de a alcançar, e tambem carne com pouco osso. Não nos peguemos com as apparencias. Debaxo das flores se esconde a serpente.

V. fabulas 11.<sup>a</sup>, 59.<sup>a</sup>, 90.<sup>a</sup>, 234.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

[101]

**FABULA 70.<sup>a</sup>**

Nem tudo ao mar nem tudo á terra. Postoque muitas vezes a fortuna ajude os audaciosos e que se diga com alguma razão—«Quem não se arriacou não perdeu nem ganhou»—muitos tambem são victimas da propria audacia. De outro lado a demasiada prudencia, quando não chegue a tornar um homem demente, torna-o tímido, acanhado e incapaz de fazer cousa que preste.

V. fabula 140.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.



(102)

**FABULA 31.**

Eu não fallo dos cordatos...

É quem pôde fallar contra elles? Devemos ser justos para com os animaes; direi quasi, para com as cousas. A exaggeração e o sentimentalismo parvo é que são condemnaveis. Desprezar desgraçados para acudir a animaes, é peor do que abandonar os desvalidos que nos cercam para salvar os que nos dizem estão soffrendo na China ou, ainda, mais longe.

Não houve um, mas dois culpados.

Os animaes são capazes de ensino e ensinam-se como nos. Se os proprios criminosos e até os bebedos são doentes, na opinião de alguns sábios, tambem para essas doentes ha remedios, embora se não vendam nas boticas.

V. fabulas 227.<sup>a</sup>, 244.<sup>a</sup>, 254.<sup>a</sup>, 293.<sup>a</sup>, 300.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(103)

**FABULA 32.**

Ninguem é para tudo. Cada qual que se contente de brigar ao que pode e não vá expôr-se a perder a boa opinião de que goza, fazendo *fiaca*. O publico ha de sempre julgar o pelo peor lado. Faça como o Jupiter da fabula. Quem mostra merito no desempenho d'um lugar leva a crer que teria desempenhado bem qualquer outro.

V. fabula 32.<sup>a</sup>, 63.<sup>a</sup>, 79.<sup>a</sup>, 220.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(104)

**FABULA 33.**

A natureza deu a cada um as armas necessarias para se conservar na batalha da vida. Usar d'ellas honestamente para sua defesa, se não é um dever, é pelo menos um direito incontestavel. Quem prefere soffrer, soffra, mas não se queixe.

V. fabulas 71.<sup>a</sup>, 172.<sup>a</sup>, 244.<sup>a</sup>, 254.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(105)

## FÁBULA 74.ª

Cuja palavra era a lei.

É o raio o teu olhar,  
Tua palavra é a lei:

Diz Lamarque no cântico da sagração de Carlos X. Não é meu intento censurar as mudanças de opinião politica de Lamarque, nem de qualquer outro poeta. São poetas, têm e cantam o bello ou o sublime onde o encontram. Faltam-lhe o espaço para dizer mais a tal respeito.

Não sendo nenhuma tola. . .

Esta rã foi typo, e ao depois o exemplo, dos que governaram ou ainda governam. O peor para elles tem sido que os demais tambem se vão chegando e abrindo os olhos. Os governos e as leis são necessitadas, que vão diminuindo com a civilização dos povos.

Que reinava. . . .

É a theoria, ou a ficção, base dos systemas constitucionaes.

V. fabulas 101.ª, 153.ª, 199.ª, 212.ª, 215.ª, 129.ª, 306.ª . . . e notas respectivas.

(106)

## FÁBULA 75.ª

Deram vivas, deram palmas. . .

*Quod volumus, facile credimus.* Quem não tem visto homens sabios, intelligentes . . . credidarem, cegos pelo desejo, nos maiores disparates?

São conheço os baptizados. . .

Dizia uma velha do meu tempo de rapaz: «Livre-me Deus dos demônios baptizados, que eu me livrarei dos do inferno.» Custava com as cruces e com a agua benta, e botava bem.

V. fabulas 11.ª, 104.ª, 149.ª, 155.ª, 179.ª, 211.ª, 272.ª, 285.ª, 303.ª, 329.ª . . . e notas respectivas.

(107) **FABULA 76.ª**

Ha gente que se julga tão justa, tão santa, tão perfeita, que não quanto faz ou que d'ella promana é uma benção para a humanidade, que lh'o deve agradecer.

V. fabulas 44.ª, 45.ª, 124.ª, 279.ª ... e notas respectivas.

(108) **FABULA 77.ª**

Ignorantes e patetas  
E demais a mais, velhacos.

Ha Nicolao Tolentino:

Se não és tolo és velhaco,  
E talvez que sejas ludo.

Ha velhacos que não são tolos; porém raro será o tolo que não seja um tanto velhaco. É uma compensação, uma arma contra a intelligencia alheia que queira abusar.

V. fabula 33.ª... e notas respectivas.

(109) **FABULA 78.ª**

Pois que das cousas pequenas.

*De minutis non curat Praetor.* — Quem governa deve ter idéas vastas e generosas. Outros, governados por elle, que cuidem de cousas mais miúdas, e assim até as infimas. Um bom dono de casa deixa certos cuidados a sua mulher, a qual, se a familia é grande, escolhe a quem coube as miúdenças. O *suo grande* não toca senão em occasiões sollemnes.

(110) **FABULA 79.ª**

V. fabulas 32.ª, 63.ª, 72.ª, 220.ª, 234.ª ... e notas respectivas.

(111) **FABULA 80.ª**

A educação (não me campo de o dizer) pôde muito; mas

não pôde tudo, pelo menos numa só geração, e isto quer se trate de indivíduos quer de povos. Em todo o caso o que ella deve poder, se convenientemente dada, é o que se diz aqui do callão. A sociedade interessa com o aperfeiçoamento de todos os seus membros; de alguns porém só pôde coadjuvar que não se tornem ruins ou incommodos.

V. fabelas 51.<sup>a</sup>, 62.<sup>a</sup>, 98.<sup>a</sup>, 107.<sup>a</sup>, 131.<sup>a</sup>, 158.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 211.<sup>a</sup>, 264.<sup>a</sup>, 288.<sup>a</sup>, 309.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup>, 321.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(112)

**FABELA 81.<sup>a</sup>**

Ninguém ha que faça falta.

Isto é verdade em absoluto. Ha quem faça falta, e muita falta, aos seus ou aos estranhos; não porem a sociedade ou a humanidade. O que elle deixou de fazer, outro ou outros o farão, se fôr necessario. Os destinos do mundo não podem depender da vida mais ou menos curta de um homem, nem da sua vontade; não podem soffrer porque o malaram, ou porque morrea de qualquer indigestão.

(113)

**FABELA 82.<sup>a</sup>**

Falla-se do homem em geral. Muito mais se podia dizer, mas não cabe aqui.

É não fôra decretado

Quer dizer que o homem tinha de viver.

O burro isto é o asno satisfeito com a sua perfeição; o urso, o felis, o gordo, o bem enroupado sem merito; o porco, o subujo, o sem senso moral, para quem todos os meios são bons; o macaco, o descarado, o sem brío, o sallimbanco, o galopim; a serpente, o covarde, o traçotiro, o calumniador, o hypocrita et resiqua: todos hão de ser vencidos pelo homem, isto é, pelo saber, pela justiça, pelo brío, pelo bem. Podem ainda muito, já poderam mais; mas hão de desapparecer de todo.

V. fabelas 99.<sup>a</sup>, 127.<sup>a</sup>, 141.<sup>a</sup>, 202.<sup>a</sup>, 231.<sup>a</sup>, 239.<sup>a</sup>, 291.<sup>a</sup>, 334.<sup>a</sup>, 366.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(114)

FABULA 82.<sup>a</sup>

Com voz unctuosa e meiga.

Diz-se tom avinagrado o que é aspero, cheio de *fel*; parece, pois que a voz da manteiga deveria ser unctuosa e suave ou meiga.

Cada um tem direito a honradamente se fazer valer; mas não a servir-se dos outros para trépar, infamando-os não poucas vezes.

V. fabulas 84.<sup>a</sup>, 345... e notas respectivas.

(115)

FABULA 84.<sup>a</sup>

—Quem o alheio veste na praça o despe—e pode ainda castigar-lhe caro, ou porque julguem, sendo pensamento alheio, que os outros que apresenta são também roubados; ou porque, sendo caso mais sério, terá de pagar condemnação e castas. Não posso aqui alargar-me sobre a propriedade litteraria, para mim sagrada, se alguma o é, porém contra a qual parece haver não menos aversão do que contra a outra. Constando só na forma que se dá a um pensamento (que sabe Deus d'onde vem), parece uma grande injustiça pôr-lhe restricções. Acho que os seus defensores não acertam quando a collocam na mesma linha que a propriedade artistica ou forma material plastica; mas, como disse, não ha aqui logar para discutir.

V. fabulas 83.<sup>a</sup>, 294.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(116)

FABULA 85.<sup>a</sup>

E seus tres pés de supporte

Assim ha ainda, e haverá, panelas de ferro pela provincia. Servem os pés de trampe a esta sempre ao lume.

Por allí não haver tacho.

A rivalidade natural não se podia dar.

Cada qual com seus eguaes

Devemos conviver com os nossos iguaes, porém não ha inconveniente, antes sera bom, que vivamos tambem com os que nos são um pouco inferiores, e um pouco superiores. Todos se hão de achar bem com isso. A regra da nossa conducta deve ser: urbanidade com os nossos inferiores, familiaridade moderada com os nossos iguaes, deferencia sem baixeza com os nossos superiores, justiça e respeito para todos: é fugir, quanto ser possa, de parvas e ruias.

V. fabulas 6.<sup>a</sup>, 67.<sup>a</sup>, 89.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 139.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 245.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(117) **FABELA 86.<sup>a</sup>**

Pois um cão não é cadella

A colleira com pregos era uma novidade para o tal cão: tomando-a como moda nova de colleiras, despeçasta-a, porisso que *modas* são mais proprias de senhoras (cadellas) do que de senhores (cães).

(118) **FABELA 87.<sup>a</sup>**

Sem de nada aproveitar.

Ha homens essencialmente trabalhadores, dotados de memoria incrível; porém com falta de critica, ou de espirito synthetico.

Pôde dizer-se que juntam muita materia prima, arrastando-a dos archivos; não fazem pouca, são utilissimos, embora não possam ir além. Da-se assim uma divisão de trabalho, sem a qual pouco se pôde caminhar, no estado em que se acha a enorme tarefa que o passado nos legou, e a que estamos preparando para o futuro.

(119) **FABELA 88.<sup>a</sup>**

Não sei; mas vejo julgar...

Esse defeito parece-me filho do sentimento de harmonia. Por isso se julgam (e mal) os corações pelas caras. Algu-

De-se-nos que a um rosto formoso não podem corresponder sentimentos ruins. Se nisto nos enganamos, muito mais o fazemos, julgando que a uma aptidão correspondem todas. Algumas ha e não poucas que até excoçam completamente outras. Demosthenes arrasta com a sua eloquencia os athenienses contra Philippe, e logo do campo de batalha em Coroneia largando o *ascudo*, o que para os gregos era o cunho da covardia. É sempre a—muita parra, pouca uva.

V. fabulas 38.ª, 103.ª, 162.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 300.ª, 333.ª ... e notas respectivas.

(120)

## FABULA 80.ª

De alcateia

Que se o seu farnel deitasse...

Não será preciso adverter á maioria dos leitores que alcateia não significa somente ajuntamento de lobos; mas sim explicar lbes — *farnel* (de fardel, fardo) termo pouco usado em Lisboa, e que vai desaparecendo da nossa lingua a proporção que se multiplicam as boas hospedarias e os bufetes dos caminhos de ferro. É termo coevo da *desalagem*, onde primitivamente só se encontrava o abrigo; e de *alforjes*, nos quaes cada viajante levava os seus comestiveis, isto é, o seu farnel.

Tocar-lhes logo a viola

Gente ha a quem nada satisfaz: obtidos noventa e nove favores e recusado um, ficam furiosos como se todos lhes tivessem sido negados. São o tosei das Danaides; e porisso é estranho-nos d'elles e do prompto.

(121)

## FABULA 80.ª

Talvez por necessidade

Muitas vezes esta impelle o homem a fazer o que parece imprudencia a quem esta fora do perigo.

Dem nos pôde metter medo

Ha doenças physicas e males mortaes que se apresentam ás vezes com symptomas tão leves que até aos mais competentes enganam; e vice-versa.

Quanta vez...

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor, e raro será encontrar patife que não tenha modos delicados e insinuantes: são os seus meios de caber.

V. fabulas 11.ª, 75.ª, 94.ª, 104.ª 285.ª... e notas respectivas.

(122)

FABULA XL.

Os tem havido

Assim o creio firmemente: alguns até os tenho conhecido. Os verdadeiros santos tem sido a honra da humanidade, combatendo e dando o seu sangue pela causa do progresso moral e intellectual.

Fôo um tartufo com pranto

Li ha pouco um artigo muito interessante de mr. Coquilin (*Revue Littéraire*) acerca da celebre comedia. Pretende elle que Molière não quiz pintar um hypocrita; e faz a distincção entre este e o tartufo. Se entendi bem, hypocrita é aquelle que não acredita, mas para seus fins fingue acreditar: tartufo o que acredita, mas a quem o egoismo ou ignorancia leva a crer numa certa religião que lhe é facil de cumprir e que, com sacrificios relativamente pequenos, lhe assegura o bem estar nesta vida, e na outra a felicidade eterna.

Os Phariseus, que prégravam a verdadeira doutrina (Evangelho de S. Mattheus, XXII 2.ª e 3.ª) tinham para seu uso proprio essa tal religião e eram tartufos. Lembra-m o—*il est avec le ciel des accommodements*. Val-se peccando, vão se tomando as pilulas o mais doucadas possivel. Sendo, com isso, amigos do bens, tem privilegios e desculpas, recusadas aos demais, por honrados que sejam, quando fallam. Em todo o caso pensam nada ter a perder e tudo a ganhar. Se é verdade aquillo que acreditam, passaram bem neste mundo e melhor hão de passar no outro; se tudo é falso, ao menos



viveram bem cá na terra. Sancho Pança (quem tal diria!) era, segundo este systema, um grande tartufo. Não procurava nem quera saber se o seu amo estava ou não doido varrido; era seu amo... E lá ia vivendo a custa e a sombra d'elle, esperando apachar mais cedo ou mais tarde o governo de alguma ilha. Assim aconteceu; mas foi o da barataria. Os tartufos, pois, menos detestaveis que os hypocritas, são porém mais ridiculos, não deixando muitas de ser egoistas. Eis o que Molière, na opinião de mr. Coquefeu, quiz, representar na sua comedia. Não sei se o commentador zoeiro; mas acho que apresenta um typo que em verdade existe e que muito differe do hypocrita; pois que, ou por ignorancia ou por egueira, ha quem acredite que o céu itself é, a verdade, transige e que podemos entrar em certas ajustes com elle.

(123)

**FABULA 91.ª**

... O direito

Se deve olhar e o avesso

É o que ás vezes não faz, e muitas não quer fazer, a maior parte da gente. Casos ha em que não se pôde: falta o interesse ou o vagar, e temos de nos contentar com o que vem; isso porém não é julgar.

Por toda a gente gabado

Toda, é modo de fallar: mas de certo a maior parte da gente, que pelo motivo acima apontado — leviandade ou não ser capaz de ter opinião sua, julga como ouve julgar tanto em bem como em mal.

V. fabulas 11.ª, 12.ª, 104.ª ... e notas respectivas.

(124)

**FABULA 92.ª**

Um parvo, um anaplabeto,

Enfim ... um sandeo completo.

Fui-me sangrando em raude. Haverá quem seja tão parvo que faça o que este fez? Só não tendo mais intelligencia do que uma creancinha. Porém, quizes patas, são muitos homens; senão em tudo, em muitas cousas. As satyras como as carina-

turas é permitido exaggerar para serem percebidas de todos. A applicação é verdadeira: porcos há eguaes ao burro da fábula, que chegam a capacitar-se de que merecem o incenso que se queima as reliquias; e que se estivessem em altas posições adquiriam *ipso facto* os meritos e virtudes que estas requerem: o mesmo diréi eu de não poucos que ja as occupam, e tanto basta.

V. fabula 18.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(125)

**FÁBULA 91.<sup>a</sup>**

A primeira vez que o mar

A muitos que nasceram á beira-mar talvez isto pareça estranho, não se lembrando de que ha milhões de individuos (alguns até na Europa) que nunca tiveram occasião ou desejo de ver o mar, e que mal formam idéa d'elle.

O rapax, cheio de susto

Como era muito natural, vendo pela primeira vez o mar crescer sobre elle com ruído medonho.

O homem não ver

Não crer

Só cremos fundado aquillo que desejamos: isto na mulher boa fé e toda que vejamos evidentemente o contrario.

V. fabulas 104, 157 ... e notas respectivas.

(126)

**FÁBULA 92.<sup>a</sup>**

Perto do ninho pensado.

Parece que os rouxinões machos não estão no chôco, porém cantam perto do ninho onde está a fema; quasi todos os passaros não domesticos só cantam durante a primavera.

Não percebes dos pardacs

É natural ás aves. cantarem quando ouvem o canto de outras, e até a falla humana. O rouxinol que não queria ser interrompido, e o pastor que gostava de o ouvir, astringiam

a inveja o plar dos pardoes. Talvez esta não exista nos que tem dois pés e pennas, mas não succede outro tanto com os que não as tem: d'ahi a verdade da fabula.

(127)

**FABELA 96.ª**

Por certo não és capaz

—Para quem é bacalhau basta—pensa muita gente quando se trata do proximo.—Não sabe o que é bom.—Resta porém indagar se é justo que não o saiba; e ainda mais se não é injustissimo impedil-o. Tivessem todos presentes sempre, que o bem que fazemos aos outros ainda aproveita mais a nós, ninguém pensava de tal modo.

V. fabulas 194.ª, 280.ª ... e notas respectivas.

(128)

**FABELA 97.ª**

Ninguém pôde louvar uma má acção ou erros commettidos ainda pelos maiores homens; mas indigna-nos quando vemos um miseravel, incapaz de entender o que é bello, criticar, qual papagaio, o que lhe disseram ser defeito.

V. fabulas 328.ª, 357.ª ... e notas respectivas.

(129)

**FABELA 98.ª**

Sei perfeitamente que é preciso primeiro acudir ás consequências do mal ja feito; e ninguém pôde deixar de louvar os esforços de quem o tenta e o consegue em parte; mas como não ver, pelo estudo d'esse mal, o que se podia e devia tentar para o prevenir? Alguma coisa se tem feito nos outros países civilizados; muito pouco entre nós, e receio que menos bem, o que longe de impedir o mal futuro o ha de agravar. Não cabe aqui dizer o que me parece se devia tentar: se eu tiver vida e saúde, mencioo ainda coordenar e publicar o que a experiencia bem ou mal me tem ensinado; mas o grito santo é este que aqui deixo:

Ensinem a ganhar pão  
honradamente ...!

V. fabulas 107.\* 132.\* 168.\* 264.\* 238.\* 309.\* 321.\* 81.\* 99.\* 222.\* 226.\* 281.\* 334.\* ... e notas respectivas.

(130) **FABULA 99.\***

A tudo vence o saber ...

E ha de vencer. A victoria final pertencerá a *Ormuzd*, isto é, ao Bem. Como se vê tirei do assumpto velho uma moralidade que tambem nelle se continha,—a necessaria victoria do saber, do trabalho e da razão, sobre a força material e bruta.

V. fabulas 82.\* 127.\* 202.\* 261.\* 269.... e notas respectivas.

(131) **FABULA 100.\***

Só elle sabe, contado!

—Não sentenças de estado—diz Nicolao Tolentino. Quem está bem, vê tudo cor de rosa. Num jantar, onde acabavam de comer parte de um pastelão com bella massa folhada ouviu um menino dizer que os pobres não tinham pão.—E porque não comem elles massa de pastelão? disse muito certo o menino.

V. fabulas 181.\* 278.\* 360.\* ... e notas respectivas.

(132) **FABULA 101.\***

Este facto foi-me contado como verdadeiro.

Depois de feitas as pazes.

Depois do reconhecimento, por parte de Portugal, da independencia do Brazil em 1825.

Quando vinham ás centenas.

Assim em princípio, enquanto no Brazil não houve universidades, nas quaes ainda ha pouco figuravam homens distinctos, formados em Coimbra.

Bello doce de tijolo.

Nome que dão ou davam á goiabada, em razão da sua cor vermelha e pelo feitio que tomava nas caixas, ordinariamente de corrediça onde vinha, em troca de marmelada e de doce de ginja, que para lá ia e que julgo ainda vai.

Eram senhores do bolo.

.....  
Tudo se ha de nivelar.

Entendamo' nos: só entro na questão de facto. Se tinham ou não direito a elle, tanto quanto o caletro, não é para aqui: o certo é que o guardaram mal, se acaso o não podiam guardar melhor. O verdadeiro bolo, aquelle de que aqui se quer fallar, é o direito que todos, quantos o poderem, tem a ser gente. Para isso se trabalhou e trabalha, diga-se a verdade, apesar dos que tinham o bolo todo e com excesso da parte dos que o querem ter. Assim como os montes com o tempo se vão desfazendo e no decurso de milhões de seculos, hão de desaparecer, assim as classes inferiores, que vão subindo com o trabalho e progresso, hão de nivelar-se ás superiores. Para lá caminhamos. Que motivo haverá para succeder o contrario, quando a instrução e sobretudo a educação forem eguaes? Mas isso não pode dar-se completamente, respondem os incredulos; nem tão pouco se dá, ou se viu nunca, na mesma classe social, onde ninguém nega haver aquella egualdade, digo eu.

V. fabula 34.ª, 135.ª; 133.ª, 215.ª, 226.ª e notas respectivas.

(133)

**FABULA 302.ª**

Fleca a um filho muito bem.

E poucas cousas lhe poderão ficar melhor. O amor filial e o amor patrio sentimentos são nobilissimos, quando de todo limpos do amor proprio, que nos leva a falsear a historia, isto é a verdade, que está acima de tudo. Não te podes defender cala-te, ausenta-te. O adversario ha de cahir em si e cõcar da sua grossa acção. Devemos fugir sempre de taes questões. O silencio é muito melhor resposta do que uma defesa má. Lembra-me aquelle moço que veiu perante o senado romano a defender seu paes, e, vendo a impos-

sibilidade da defesa, desstou a chorar. O senado, aquelle assembléa de reis, vencido pela eloquencia das lagrimas, perdoou ao pae, o que não haveria feito se o filho tentasse defendel-o faltando a verdade.

Que historias nos vem contar.

Vem a pello o que com tanta graça diz, no seu estylo magnifico de pamphletario, o nosso A. Herculano no prologo de um dos seus romances, dando o calculo proporcional entre os portuguezes e seus inimigos, ou quantos d'estes valia um portuguez.

Os francezes até ha poucos annos não cediam nisso a ninguém; tinham ou deviam ter ganho todas as batalhas. Não ha muito que li um livro moderno, o qual injuriando Wellington diz: «que o miseravel tivera a ignobri gloria de vencer aquelle a quem outros mil vezes mais illustres nunca puderam derrotar». O peior é que estas e outras sonoras parvoíces são muito admiradas até entre nós!

(134) **FABULA 103.\***

Não estará farto o leitor de ouvir gabar todos os dias tantos talentos, sem nada ver que elles fizessem?  
V. fabula 159.\* e notas respectivas.

(135) **FABULA 104.\***

Sem unhas eram velludo.

Não posso jurar que os gatos durmam com as unhas recolhidas; é porém mais que provavel que sim, pois só as deitam de fora quando lhes faz conta.

Na cabeça o tal malvado.

Não é para admirar que o lansudo do rato, vendo um figurão, que lhe pareceu bellicososo, de barrete vermelho, julgasse que era republicano. Se visse o gato de mitra julgal-o-la bispo; assim como não duvidou de que o gallo fosse o diabo por o ver de rabo alçado, moda de que os ratos não usam, pois andam com elle de rastos.

Eu do outro o *Asno*  
*Tracato*

Expressão usada por aquelles que tomam certas manei-  
ras, muitas vezes caricatas, como signal de verdadeira edu-  
cação.

É um animal  
Facato...

Faz a ralaçãna, que não tinha medo d'elle.  
V. fabula 90.ª e notas respectivas.

(136) **FABULA 105.ª**

Alcunhado de bisoiro.

—Oiro bisoiro, prata barata—diziam quando eu era me-  
nino, para significar prata e oiro falsos. Aqui inventei uma  
gymnologia (não sou o primeiro que o faço) que não será  
das peiores: posto que esteja persuadido de que forçaram  
aquella palavra só porque rima com oiro, assim como prata  
com barata.

V. fabulas 4.ª, 67.ª, 109.ª, 102.ª, 245.ª ... e notas respecti-  
vas.

(137) **FABULA 106.ª**

D'aquelle familia amiga

Verdade é que sempre o tinha dado ou vendido a outros.  
Podia talvez desculpar-se: pois não havia de ter viveiro de  
cães: de mais estava certa de que elle seria alli muito bem  
tratado, etc., etc. Se alguma culpa levissima havia, o cão  
esqueceu-s.

Mostram sentimentos taes.

Mostram. Não entro aqui na grande questão da intelligen-  
cia dos animaes, se ainda é questão; e muito menos da sua  
responsabilidade, e por consequencia da sua virtude relati-  
va: mas é innegavel que praticam actos, inconscientes ou  
não, que podem servir de exemplo: d'ahi a verdade das  
fabulas em que figuram.

## Só para proveito seu.

Isso é assim não só na humanidade em geral, mas em quasi todos os individuos quando não reflectem. Se só chegarem a acreditar que o Omnipotente creou todas as estrellas (incluindo as que só se vêem com um grande telescópio, e as que nunca se hão de ver) para elles gosarem d'um bello céu estrelado!

## Pela perda que soffreu.

Ou verdadeira ou não, a phrase está consagrada pelo uso: e tambem me parece verdade que nós só choramos os que nos estimavam, suavisavam nossos males, embelezavam nossa vida, cuja falta sentimos; e não os nossos inimigos, ou algum mandarim chinês que conheciamos só do nome.

## Que todos lhe tem.

Amor,

A vaidade e a falta de uso do mundo levam muitas vezes a acreditar isto. Os loggias parvos ainda dizem aos freguezes, que elles julgam ainda mais parvos: «*Por ser para V. ...*» Cada um meda a mão na própria consciencia e veja se está disposto a fazer sacrificios por todo e qualquer. Lembra-me o dito do misanthropo de Molière—

•*En quelque préférence une estime se fonde,  
Et c'est n'estimer rien qu'estimer tout le monde.*

É tomar os tentos do jogo por dinheiro.

(138)

## FABELA 107.\*

Como quer um cavalleiro que seus filhos sejam bem educados, se os deixa conviver com os moços das cavalleirias e com os baileiros da praça, os quizes podem ser muito capazes de educar cavalleiros, mas não cavalleiros.

V. fabelas 80.\* 105.\* 288.\* 309.\* 354.\* ... e notas respectivas.

(139)

## FABELA 108.\*

Eu ouvi...



Este facto parece que se deu realmente.

Bispo Conde

O bispo de Coimbra era conde de Arganil, senhor de Cão e alcaide-mór de Avô. Segundo II, o conde de Arganil, e não sei se o demais, veio á mitra de Coimbra por umas trocas feitas com o celebre Infante D. Henrique. Hoje só se diz—o Bispo Conde, fallando do de Coimbra, embora todos os bispos, tenham honras de conde. Trata-se aqui do grande D. Francisco de Lemos, da familia dos Balthos, que ainda tem representantes em Candeixa-a-Nova, homem de grande merito e muito privado do Marquez de Pombal.

São igualmente culpados.

Quantos que se mettem com parvos julgando lucrer, ou com velhacos esperando valer-se das manhas d'estes, se lastimam depois e se apregnam victimas?

V. fabula 296.\* ... e notas respectivas.

(149) **FABULA 309.\***

Porém é ave tão rara...

Não duvido que haja pessoas assim, mas parece-me que nunca as encontrei. A approvação ou applauso illustrado e sincero de pessoas estimaveis, sendo moderado, é cousa muito de apreciar.

E porisso despeitada.

A nossa vaidade é que de ordinario nos torna insupportavel a do proximo.

Porque ninguém é perfeito

É sentimento louvavel o desejar ver só perfeições nas pessoas que estimamos, e sentir encontrar-lhes defeitos. Não é porém sensato exigir impossiveis; e muitas vezes é contraproducente o tornar-se censor importuno.

V. fabulas 183.\* 265.\* 343.\* 350.\* ... e notas respectivas

Quasi seu pae fui assim...

É certo que a roseira e as demais plantas tiram a sua substancia da terra, da atmosphera e até... do monturo. Porisso este com alguma razão reclamava o quasi parecido da rosa.

Eis porque te não aturo.

Uma das maiores difficuldades de se estabelecerem relações íntimas ou amigáveis entre as diversas classes da sociedade consiste, não na desigualdade das fortunas ou no differente grão de intelligencia e de saber, mas na disparidade da educação. As outras differenças dão-se tambem em cada uma das classes, e sem maior inconveniente. Convivem allí, pelo menos soffrivelmente, os mais ricos com os mais pobres, os mais intelligentes com os menos aptos, os mais instruidos com os mais ignorantes. A differença de educação é que produz difficuldades no trato entre os individuos d'uma classe nuda com os da immediatamente inferior, embora estes sejam eguaes ou se avantejem aquelles na fortuna ou no saber. Pesada até para os individuos das classes inferiores, torna-se insupportavel para os das outras. Não me parece que se tenha reflectido bastante nesta difficuldade por parte de muitos que de boa fé desejam ver estabelecida a harmonia social. Não attendem a isso uns, porque não pensam que uma causa que julgam futil pode ter grande influencia; outros, porque não tendo recebido educação e sendo-lhes porisso pesada a odeiam; tem a subterfa feroz da heuteza. — «Vejo o orgulho» dizia Socrates a Antisthena, «atravez dos buracos de teu manto.» Aquella aversão nascida da impotencia tenho-a em vieto manifestada em individuos aliás respeitaveis por seu caracter e saber.

Um meio efficax para conseguir tão desejavel fim é a educação, quanto ser possa, em commun em bons estabelecimentos publicos. Em Inglaterra é isso muito procurado; e as familias que podem mandam seus filhos para certos collegios que allí substituem os lyceus (Estou, Rugby, ...) e para as universidades só com o fim de elles obterem tão interjevel beneficio.

O progresso das sciencias e das artes tem emobrecido

varias carreiras e até officios. O derramamento da instrução ha de concorrer muito para encurtar distancias: nesta porém, assim como na intelligencia, nunca haverá a egualdade que pode attingir-se na educação que se encontra ás vezes, e não era impossivel encontrar sempre, nas classes mais baixas da sociedade. Tratem de elevar, illustrar, enobrecer, e não de rebaixar, obacurecer, aviltar. Tenho fé que assim o ha de conseguir a utilidade geral bem entendida, quando não seja a necessidade.

V. fabulas 101.<sup>a</sup>, 135.<sup>a</sup>, 150.<sup>a</sup>, 250.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup>, 358.<sup>a</sup>, 359.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(142) **FABULA III.<sup>a</sup>**

O que a raposa pede...

O forte não tem manchas nem d'ellas precisa; despreza-as. O fraco sim: sem protecção, é necessariamente manhoso ou morre. É verdadeiramente ruim o que far manhoso ou mau sem necessidade de o ser. Entenda-se que fallo sempre do forte no sentido moral.

V. fabulas 34.<sup>a</sup>, 63.<sup>a</sup>, 167.<sup>a</sup>, 208.<sup>a</sup>, 214.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(143) **FABULA III.<sup>a</sup>**

Esta trilogia apresenta o sentir de quem não desdenha ás vezes o que julga rebaixal-o, se nisso encontra o seu interesse: a vaidade que cega aquelle que é empregado, ou ainda explorado, por quem está em melhores circumstancias; o despreito de quem quizera compartilhar, mas não pôde, essas miseraveis honrarias; e a lição finalmente que merecem os que chamam verdes as uvas ás quaes desejariam chegar mas não podem.

V. fabulas 6.<sup>a</sup>, 61.<sup>a</sup>, 294.<sup>a</sup>, 352.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(144) **FABULA III.<sup>a</sup>**

Nem todos tem equal valor só por estarem na mesma posição social ou terem distincções eguaes. Os facões muito altos e os grandes chapéus que usam alguns homens muito

baixinhos para parecerem de estatura regular, servem só para os tornar ridiculos. Cada um é o que é; e uma modura muito valiosa pode até patentear mais o nenhum valor da pintura que encerra.

*Diz Voltaire (Henriade I.)*

*Tu brüte au second rang, qui s'éclipse au premier.*

V. fabulas 372.ª, 358.ª ... e notas respectivas.

(135)

**FABULA 311.ª**

Esta fabula é das que não carecem de se lhes apontar a moralida de se o fiz, foi por ver que ultimamente se tornou moda a scudir pela cigarra. Não ha melhor flandres! vida alegre e dissipada para uns, e quem trabalha que pague os devars dos outros! Chama-se a esta exploração philantropia! e os seus apostolos procuram tambem para si. É louvavel que lastimem e socorram a quantos soffrem, embora por culpa sua; mas isso está muito longe da glorificação da vaidagem.

V. fabulas 99.ª, 119.ª, 200.ª, 281.ª, 289.ª, 298.ª, 355.ª ... e notas respectivas.

(136)

**FABULA 312.ª**

No fundo d'esses sentimentos de protecção aos outros e de amor do bem geral está, ao mais das vezes, o interesse proprio; a ponto de serem quasi sempre aquelles pospostas a este, quando não haja outro meio de o satisfazer.

V. fabulas 22.ª, 106.ª, 163.ª, 179.ª... e notas respectivas.

(137)

**FABULA 313.ª**

Com sopa de ravines  
E licos de rouxinoes.

Ravines—sopa doce de rodellas de massa com fino e saboroso recheio—vem do Italiano *risolli*. Licos de rouxinoes—nunca os comi, nem desejo. Não sei d'onde vem que assim se diz para significar manjar muito delicado.

Em francez de cozinheiros,

É como o latim de botica: *Cum sirupo de limonibus*.  
 Nada ha mais parvo do que aquelle francez, não fallando  
 no das modas etc.

Seja creada ou quem fór,

O rato do campo tambem havia de ter tido sustos; porém  
 eram de outra natureza e estava a elles costumado. Os po-  
 zigos novos são os que mais assustam.

V. fabulas 143.<sup>a</sup>, 162.<sup>a</sup>, 175.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup> ... e notas respecti-  
 vas.

(148) **FABULA 117.<sup>a</sup>**

Assim muitas vezes acontece, a ponto que o mentiroso  
 cheza a acreditar na propria mentira. Lembra tambem a  
 fabula de Pygmalião namorado da estatua que fizera, e mul-  
 tiplisimos paes vendo só perfeições nos filhos.

V. fabula 148.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(149) **FABULA 118.<sup>a</sup>**

O frade merece a lição por sua falsa modestia. O santo  
 foi um pouco mausinho, e peccou pelo menos venialmente,  
 o que pôde acontecer ainda aos santos.

V. fabulas 174.<sup>a</sup>, 234.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(150) **FABULA 119.<sup>a</sup>**

A hera faz muito menos mal aos troncos das arvores  
 do que geralmente se pensa. O pior damno provém de  
 abafar a folhagem por onde a planta respira, e privar-a  
 da luz. Tambem não deixa de ser de algum proveito, além  
 da sua belleza. Tomei-a, como vulgarmente a tomam, pelo  
 typo das desprezaveis parasitas.

V. fabulas 82.<sup>a</sup>, 99.<sup>a</sup>, 114.<sup>a</sup>, 281.<sup>a</sup>, 282.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ... e notas  
 respectivas.

(151) **FABULA 120.<sup>a</sup>**

Fartas estamos de os ver, e fartissimos de os ouvir. O

mundo é assim; a fã (ainda de um parvo) scaba por vessel-o. Levanta-se' alguém trombeando o proprio mérito e logo é recebido por um tolle geral, sem mais exame. Se succumbe, todos o pisam; se resiste, cedo ou tarde quasi todos o admiram. É a pedra esbida no meio da corrente da agua; ou esta a arrasta, ou, se não pôde, abre-se em torno d'ella.

V. fabulas 1.ª, 14.ª, 15.ª, 18.ª, 32.ª, 103.ª, 129.ª, 161.ª, 253.ª, 338.ª ... e notas respectivas.

(152)

FÁBULA 101.ª

Ainda nenhum comprei

Contam isto de um parvo. É certo é que os corvos vivem muitos annos.

O neto de D. Vicente

Em Lisboa chamam *Vicentes* nos corvos; porque, segundo reza a lenda, dois corvos eram a unica tripulação do navio que trouxe o corpo de S. Vicente a Portugal, navio que com elles sgura nas aguas de Lisboa, cuja se sustenta sempre dois corvos. Aos conegos regantes de S. Agostinho, porque lhes pertencia o convento e exreja de S. Vicente, chamavam *frades Vicentes*; e estes tinham dom, logo ... Talvez haja dons com menos fundamento do que o do meu corvo.

Não é tamanha a differença.

Entendamo'-nos: é immensa e cada vez maior em abso-luto, comparadas duas epochas afastadas; não é tamanha como se pensa, relativamente ao gozar e soffrer das pessoas que viverem em cada epocha. Cada qual vive no meio em que e para que nasceu, tão bem ou tão mal como outra pessoa num meio peor ou melhor de outra epocha. Viveria de certo peor, se pudesse passar a um meio antes mais ruim; e melhor, noutro mais civilizado. Aquillo que nunca se coheceu e não é indispensavel, não faz falta; e cousas ha indispensaveis para povos civilizados, das quaes-nações barbaras ou pouco adiantadas não fariam caso. Isto explica o porquê certas invenções, que se julgam modernas, appareceram em tempos remotos e foram desprezadas e esquecidas por não se carecer d'ellas ainda.

V. fabulas 116.<sup>a</sup>, 175.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(153) **FABULA 122.<sup>a</sup>**

Que mais não tinha veneno

As serpentes venenosas quando mordem expremem ao mesmo tempo umas vesículas cheias de veneno que tem debaixo de certos dentes furados. Parece hoje provado que toda a saliva é venenosa, mas só *quantum sufficit* para o fim a que é destinada.

Na India e em outros países ha pelotiqueiros que fazem scotes com cobras as quaes arrancam os dentes e que porisso não podem morder e envenenar.

Uma fabula que mente.

Foi em Lessing que vi pela primeira vez o assumpto d'esta fabula tratado no sentido pelo qual tambem o encarei. Na verdade o tal aldeão, não sendo uma criança, de todo inexperiente, de certo era idiota ou vilão ruim.

V. fabulas 103.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 124.<sup>a</sup>, 163.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(154) **FABULA 123.<sup>a</sup>**

Puxa tu, que eu vou gemendo.

Ha muita gente que foge trabalhar gemendo, quando os outros puxam. É sabido que os marinheiros acompanham o puxar dos cabos com um som cadente que lhes serve de compasso.

Ha tartufos de todas as denominações; e porisso tambem os ha de principiaes, que são os doutrinarios. Todos atrovagam interesses superiores desde os (que elles chamam) de Deus até os dos desgraçados, dos devassos e das feras. Já se sabe a maior parte de tuas procurações procuram para si.

V. fabulas 67.<sup>a</sup>, 122.<sup>a</sup>, 124.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(155) **FABULA 124.<sup>a</sup>**

V. fabulas 45.<sup>a</sup>, 126.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(156)

**FABULA 125.ª**

Todos sabem como foram famosas as armas brancas de Toledo. Todos sabem também que a folha d'um espadim da corte serve só de encher a balha.

V. fabula 14.ª, 15.ª, 18.ª, 22.ª, 23.ª... e notas respectivas.

(157)

**FABULA 126.ª**

Quem funda, quasi sempre cedece a um sentimento de orgulho (boa manha, se com isso lucram os demais) quem destrõe raro o faz que não se ja por inveja, ou para edificar a seu modo e então entra na classe dos fundadores, e não é para censurar se o fizer melhor do que aquillo que já estava. Muitas vezes (menos porém do que se pensa e pratica) é impossivel construir sem primeiro destruir o que existia.

V. fabulas 291... e notas respectivas.

(158)

**FABULA 127.ª**

Não me lembra agora o nome d'aquelle a quem attribuem a invenção da serra: mas tenho idéa de dizerem que outro figurão se matou desesperado por não ter elle sido o inventor de instrumentos tão util e tão simples. Não sei se as cousas se passaram como ax conto; é porém possível e até probabilissimo que assim fosse. A sciencia está cheia de accusos que, disse alguem—só acontecem a homens de mérito seria mais exacto dizer—a quem d'elles sabe tirar proveito. Também é verdade que o pouco—bem aproveitado rende mais do que o muito esbanjado. Em todo o caso devemos fazer o que diz m os inglezes—tirar o possível proveito d'um ruim negocio.

V. fabulas 84.ª, 99.ª, 204.ª, 280.ª... e notas respectivas.

(159)

**FABULA 128.ª**

Parecem-me que, alem da moralidade palpavel e applicavel, pode tirar-se d'esta fabula mais outra de applicação mo-



derna. Não entrareis aqui em dissertações sobre o jury, grande instituição ainda tão pouco conhecida entre nós, já (e principalmente) por culpa dos legisladores que tem feito dos juizes de facto, juizes leigos de direito; já pela natural tendência, que quasi todos tem, de pensar que podem ubertinizar-se a lei e dar assim o que não é seu; e isto (seja dito em sua defesa) na melhor boa-fe.

V. fabulas 71.ª, 130.ª, 156.ª, 227.ª, 234.ª, 293.ª, 313.ª, ... e notas respectivas.

(100) **FÁBULA 129.ª**

Não se lhe deve chamar sociedade de mutua admiração, a qual raro existe; mas de mutuo proveito, e degenera as vezes em associação de malfeteiros; sem os azares a que se expunham os do Pinhal da Azambuja, Serra da Falsperra, Pégões e quejandos lugares famosos.

Quaes as dois mulos de Erasmo,

O proverbio latino diz — *Asinus unum fricat*. Erasmo na seu *Biogio da toucuro* chama-lhes mulos. São os nossos leigos a darem-se reverendissima.

V. fabulas 15.ª, 18.ª, 29.ª, 60.ª, 68.ª, 142.ª, 161.ª, 222.ª, 253.ª, 337.ª, 330.ª, 338.ª ... e notas respectivas.

(101) **FÁBULA 130.ª**

Quando se tracta de saber a verdade ou quem tenha razão, de nada valem as qualidades boas ou más do individuo que a diz, ou que tem direito a justiça. Não admira Cícero quando nas *Tusculanas*, declara «que não se lhe dá de errar com Platão. Devemos sempre querer acertar seja com quem for».

É manha velha, quando se quer atacar as opiniões de alguém, começar por deprimil-o e até por calumniar-o; chegando a propalar e a inventar factos de vida privada que tuda vem para o caso: assim procuram prevenir contra a victima o publico ignaro ou malevolu.

V. fabulas 90.ª, 128.ª, 262.ª, 268.ª ... e notas respectivas.

(162)

FÁBULA 131.<sup>a</sup>

Ja Doucege dizia:

Procurador, não me enganas;  
Tu procuras para ti.

Nem todos serão, assim mas não faltam.  
V. fabulas 42.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 158.<sup>a</sup>, 160.<sup>a</sup>, 199.<sup>a</sup>, 218.<sup>a</sup>, 239.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup>,  
337.<sup>a</sup>, 359.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(163)

FÁBULA 132.<sup>a</sup>

Não approvo o rigor (e ainda menos, quando manifestado com mais modos ou maistratos) no ensino e educação das creanças. Também não me agrada o systema medico de causticos, sangrias, vomitorios, tremedios hercicos na phrase de Hufland) que ás vezes são indispensaveis. Gostando o rigor não deixa de ser necessario do mesmo modo para reprimir a revolla ou castigar a má vontade. Abusou-se e nullissimo d'elle: hoje em epocha de reacção cahem no extremo opposto. Já Swift no seu Gulliver apresenta o systema de ensinar a geometria cortando as figuras em boios e marneada que os meninos comiam.

Não insisto por falta de espaço; só accrescentarei que assim como um grande medico disse—não ha doenças, tu doentes—bem se pode dizer—não ha systema absoluto de educação, ha creanças a educar. Não nego (nem de certo o medico negaria) que haja principios gerais a seguir; porém nem todos os doentes, nem todos os educandos, podem passar pela mesma feira: o que é emoliente para uns é caustico para outros e inutil para muitos.

Tire-se o que ha de utopia na maior parte dos apregoados systemas, e de charlatanismo em não poucos de seus expositores, e todos valem o mesmo, com pouca differença, ou tanto quanto valer quem os poser em pratica e os individuos a educar.—De nada nada se faz:—para o emino é necessario quem saiba ensinar e quem seja capaz de aprender.  
V. fabulas 20.<sup>a</sup>, 51.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 148.<sup>a</sup>, 161.<sup>a</sup>, 168.<sup>a</sup>, 239.<sup>a</sup>, 255.<sup>a</sup>,  
264.<sup>a</sup>, 288.<sup>a</sup>, 321.<sup>a</sup>, 331.<sup>a</sup>, 354.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(164)

## FÁBULA 132.\*

Não me agrada...

Os asylas de mendicidade que podem ser, de são realmente um bem para alguns; até dizem que uma especie de conventos para certos mandriões que preferem tudo ao trabalho com que ainda podiam são um mal para outros, e uma injustiça barbara para muitos; a quem com o fim de os beneficiar (ou de se verem livres d'elles; pois o mais forte e mais usado argumento que tenho ouvido contra os mendigos é—que incommodam) roufam o ultimo bem que lhe resta — a liberdade equiparando-os assim aos criminosos. Demais, é um remedio inefficax, contra a mendicidade: senão, vejam se ella tem diminuido depois da fundação de tantas d'aquellas casas: ou se é desnecessario dar-lhe continuamente caça. É sempre a fabula do rio e do dique. —Elles dizem: acodem ás cidades de todas as villas e aldeias — Deverá! Forte milagre que corram os famintos aonde esperam achar pão ou migalhas, e as moscas aonde ha mel! Porisso de quando em quando mandam, com toda a seriedade, que sejam remetidos para as suas terras, onde encontram a fome, pois sem o trabalho com que já não podem, o que não de elles encontrar? e se podem, são vadias e, como taes sejam castigadas... Porém, e mais simples exotar as moscas. Não sei de remedio immediato para tão grande mal, nem me consta que alguém o achasse, para o allenuar no futuro ao vjo o Estado tornando obrigatoria a instrução profissional; quasi o contrario do que por ahí em geral se tem feito e está fazendo.

V. fabulas 98.\* 146.\* e notas respectivas.

(165)

## FÁBULA 133.\*

Em geral os mais incapazes são os mais promptos a admirar e a exaggerar as grandes façanhas, tão grandes que se torna quasi impossivel pratical-as; e assim acham desculpa para nada fazer. Os desgraçados orientaes, cobertos de imaudicie e vivendo em ociosa miseria inventaram as mil e uma noites.

(166)

FABULA 135.<sup>a</sup>

—Sofra, não ha remedio, tenha paciencia:—são conselhos que me soam mal, dados as mais das vezes pela covardia em proveito dos oppressores. A conformidade só é razoavel e até um bem quando evidentemente não ha remedio algum possível ao mal, e ainda assim não exclue o protesto contra a injustiça.

## Os protestos, quando justos,

Podia ter escolhido os do martyres tanto da refreição como da sciencia; porém, quiz mostrar o direito bem descarado, e não duvidei porisso advogar a causa do mais egoista e antipathico dos brutos, porque o direito é um só e para todos o mesmo. E' contar pouco com a justiça da causa dos negros o apresental-os todas intelligentes, honrados e até asseitados o mesmo direi dos proletarios. O seu a seu dono, seja elle quem fór.

(167)

FABULA 136.<sup>a</sup>

Antes de se transformar em crysalidas muitas lagartas flam um fio tenuissimo, que para nada presta. A que figura neste fabula appellava para a delicadeza do seu fio, já que não podia invocar coisa melhor.

V. fabulas 3.<sup>a</sup>, 54.<sup>a</sup>, 301.<sup>a</sup>, 327.<sup>a</sup>, 365.<sup>a</sup>, 353.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(168)

FABULA 137.<sup>a</sup>

Julenel mais conveniente e mais claro tomar para esta fabula o titulo do—argueiro—de que falla o Evangelho, do que o de—alforçes—da fabula antiga, tão graciosamente contada por La Fontaine.

## Quatro eu tenho e sou capaz

Parece hoje evidentemente demonstrado que os macacos não tem quatro mãos, mas duas e dois pés. Aqui aproveitei a opinião mais popular.

—«Óiba!» The diz: «o onção,

Deve ser animal quasi imperceptivel, talvez porisso ainda não vi. E, diz o Diccionario contemporaneo, o *acarus sivo*, e encontra-se na farinha e no queijo.

(169)

**FABULA 138.ª**

Esta fabula, mais verdadeira do que parecerá a muita gente, tem larga applicação. Foi este execrando meio empregado antigamente em grande escala, e ainda, o continúa a ser mas tem de mascarar-se. O caso está em fazer calir a viclima no laço—*Le mettre dans son tort*— como dizem os francezes. Depois elles, os sacerdotes da justiça, os defensores natos da moral publica (deviam-lhe essa compensação) apontam o desgraçado á indignação dos algozes e dos parvos illudidos.

V. fabula 130.ª ... e notas respectivas.

(170)

**FABULA 139.ª**

—De quem se afasta do seu, o seu se afasta—diz o citado. Não devemos esperar dos outros maior interesse por nós e pelas nossas cousas do que aquelle que nos proprios mostramos.

V. fabula 153.ª, 181.ª, 272.ª, 333.ª, 355 ... e notas respectivas.

(171)

**FABULA 140.ª**

Ha muitos que para uma cousa se lhes não estragar nunca a usam, o que vale o mesmo que não a ter.

V. fabula 79.ª ... e notas respectivas.

(172)

**FABULA 141.ª**

Nunca devemos olhar a intervallos transitorios de regresso, mas sim ao andar dos annos e dos seculos; e para quem não for moço, inda bastará o principio de sua vida. Demais, devemos attender ao resultado geral, e nunca chorar por qualquer cousa que se perdeu temporariamente, pois, as

ella fór cousa boa, ha de voltar embora modificada na fórma.

V. fabulas 20.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 99.<sup>a</sup>, 101.<sup>a</sup>, 160.<sup>a</sup>, 212.<sup>a</sup>, 229.<sup>a</sup>, 309.<sup>a</sup>, 316.<sup>a</sup>, 324.<sup>a</sup>, 329. . . e notas respectivas.

(173)

**FABULA 142.<sup>a</sup>**

As toupeiras, pelo menos algumas especies, não são cegas, só vêem pouco; e aquellas que o são, é por terem os olhos atrophiados pela falta de uso. Escolhi uma da primeira classe pela mesma razão porque a escolheu o par-dal: fez-me conta.

V. fabulas 56.<sup>a</sup>, 60.<sup>a</sup>, 95.<sup>a</sup>, 150.<sup>a</sup>, 239.<sup>a</sup>, 268.<sup>a</sup>, 335.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(174)

**FABULA 143.<sup>a</sup>**

O cão tem sido o thema dos maiores, mais poéticos e mais sentimentaes elogios: ainda assim o nome de—sahujo nunca enobrecerá ninguém. O cão é elogiado porque serve e se humilha. Já disse alguém que—quanto mais conhecia os homens, mais estimava os cães.—Era digno de viver com elles.

V. fabulas 26.<sup>a</sup>, 172.<sup>a</sup>, 340.<sup>a</sup>, 341.<sup>a</sup> . . . e notas respectivas.

(175)

**FABULA 144.<sup>a</sup>**

Poucos grammas de ouro valem uma libra, que corresponde a grande peso de moeda em cobre. O que é mau reproduz-se com grande facilidade, no physico e no moral. Não quer isto dizer que valham mais (para o homem, já se sabe) os leões do que os coelhos: porém dão maior apreço aquelles e é isto quanto basta para a verdade da fabula.

(176)

**FABULA 145.<sup>a</sup>**

Destruir  
A ruína fama . . .

Não é facil; mas é possível. Quem fizer uma acção má e

se arrepender, não deve demorar-se em praticar uma ou mais acções boas. Esta é a prova do verdadeiro arrependimento e regeneração, e o unico remedio contra o mal; não protestos nem prantos inúteis e estereos. Eis o que se devia explicar ás creanças. Um homem arrependeu-se do mal que fez? está regenerado? Prove-o. O doente deve, por assim dizer, amar o remedio, ou pelo menos tomal-o de boa vontade, por mais amargo que seja.

V. fabula 293.\* ... e notas respectivas.

(177) **FABULA 146.\***

E vejo que deixou 'schola

lla em verdade muita gente que a segue de boa fé.

Emquanto lei não heuer

—«Se é crime ter cão» (disse numa celebre sentença o nosso Monsinho da Silveira, sendo juiz-de-fóra em Setúbal) «tambem é crime ter cadella.» Se o pedir esmola é um crime, o dá-la será virtude? Não serai tu quem resolva aqui este espinhoso problema; só direi que todos os arrumamentos que tenho ouvido produzir contra os mendigos (falla dos que não são vadios, porque a esses punem-os a lei) se resumem a... «incommodam!»

V. fabula 98.\* 133.\* ... e notas correspondentes.

(178) **FABULA 147.\***

Como vens com as costas quentes

É essa a origem da valentia de muita e muita gente.

V. fabula 66.\* ... e notas respectivas.

(179) **FABULA 148.\***

Depois de feitas as pazes

Teffro-me á fabula 113.\*

Quem é fraco

Até certo ponto é uma compensação, para se tornar possível a lucta contra os fortes. Também se diz e, em geral, com verdade — Quem não sabe trapaçaria. Quem não tem letras tem trêtas.—Fallo sempre da fortaleza moral.

Que não é o que imaginam  
O modo de educar gente

Não seja o filho educado em casa. É o meu delenda Carthago. Não cessarei de o repetir. Passada certa idade, a casa paterna, e mais que tudo os mimos maternos, são a causa pelo menos do acanhamento physico, moral e intellectual de muitissimos homens, ainda dos melhores.

V. fabulas 107.<sup>a</sup>, 168.<sup>a</sup>, 264.<sup>a</sup>, 309.<sup>a</sup>, 354.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

[180]

FABULA 140.<sup>a</sup>

Li esta fabula, si rite recorder, numa tradução de Lechman. Parece que d'ella foi tirada a do—homem e a gallinha dos ovos de ouro—a meu ver falsa. Semelhante homem não era ambicioso, senão doído ou imbecil. Como podia elle esperar que contivesse a gallinha em si um thesouro? Para o contendo muitissimas vezes maior que o confisco?

V. fabulas 211.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

[181]

FABULA 150.<sup>a</sup>

Entendamo'-nos. Esta fabula é evidentemente verdadeira quanto ao passado; e, se o não é (pelo menos de todo) quanto ao presente em nações civilizadas isso dependeu não dos pastores, senão dos lobos, que foram conquistado e detida o seu direito a viver.

A que chamam social...

Nobilissimos são, mas até hoje, pouco fructiferos, os esforços d'aquelles que de boa fé procuram resolver a. fuita a theorica e a pratica immediata vai sempre grande intervalo. E como não seria assim, se nesta materia raro é aquelle que sinceramente deseja o que proclama! grandes sacrificios são feitos e até agradaveis de aceitar em theorica, ma-



duros de cumprir na pratica. Do outro lado as pretensões quasi sempre vão muito alem do termos do que é justo. Dahi a necessidade da luta. Até hoje, infelizmente, nenhuma verdade de qualquer natureza que fosse, nenhum bom feizo de castar perseguições e até muito sangue!

V. fábulas 98.<sup>a</sup>, 101.<sup>a</sup>, 133.<sup>a</sup>, 133.<sup>a</sup>, 222.<sup>a</sup>, 292.<sup>a</sup>, 231.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(187) **FÁBULA 187.<sup>a</sup>**

As crendices são mais nocivas e geraes do que vulgarmente se cuida. É a perversão d'um sentimento natural do homem, — o do maravilhoso, o qual bem dirigido lhes pode ser útil, suavizando as penas da vida, e mal educado o leva até a imbecillidade e ao crime.

(188) **FÁBULA 188.<sup>a</sup>**

§ 1.<sup>o</sup>—

Hoje rimos do que fomos  
Amanhã do que hoje somos.

Baro será o dia em que não criticamos nos outros as nossas passadas perfeições, ou os nossos defeitos passados, quando não presentes.

V. fábulas 137.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(184) **FÁBULA 188.<sup>a</sup>**

Os bons exemplos! eis o grande meio civilizador dos povos; não o — *Apprendet de mim* ... como dizia o Mestre.

V. fábulas 89.<sup>a</sup>, 107.<sup>a</sup>, 155.<sup>a</sup>, 309.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(185) **FÁBULA 184.<sup>a</sup>**

Se os homens não julgassem geralmente só pelas apparencias, já os asnos não iam vestir-se com a pelle dos leões. Fazem pois elles muito bem.

V. fábulas 15.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup>, 155.<sup>a</sup>, 165.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(186)

FÁBULA 155.<sup>a</sup>

Quem desce por culpa sua é mais para desprezar do que quem procura subir, embora sem o poder por falta de merecimento: ao menos mostra apreciar o que é nobre e bom. V. fabula 154.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(187)

FÁBULA 156.<sup>a</sup>

Ao erro cruel do castigo vingador succeden em reacção a mania, perigosa por excesso, da creença na possibilidade, senão certeza da regeneração dos criminosos: D'ahi as barbaes e barbaras cadias se tornaram-se para muitos idiotas fabricas de santos.

(188)

FÁBULA 157.<sup>a</sup>

## Era qual o Tenebroso

Todos sabem, ou facilmente podem saber o que era em *Mar tenebroso*. Aquella e outras idéas semelhantes, desviaram o espirito dos povos, retardaram o seu desenvolvimento, depois promovido por homens quaes Copernico, Galileo e outros...

A humanidade não é, e jamais será homogenea. Não devemos rir do passado: o nosso tempo tambem ha de apresentar aos vindouros mares tenebrosos e outras paradas, que muitos acreditam hoje, outros flegem acreditar (há se bem porquê) e alguns combatem se não com perigo de vida como antigamente, de certo com o de perseguições sardes e implacaveis. Assim foi e assim será. A verdade só medra com sangue, fome e perseguições, o martyrio emfim de mil formas. Vem depois o fazerem reliquias dos desgraçados que succumbiram na luta.

Quanto ao sentido da fabula, é elle maisissimo clarissimo vá metter-se no que não entende.

V. fabulas 49.<sup>a</sup>, 52.<sup>a</sup>, 104.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(189)

FÁBULA 158.<sup>a</sup>

Não ha muito que um celebre escriptor e philoosopho n-

gias, Herbert Spencer, foi convidado por certo círculo eleitoral para o representar no parlamento. Desculpou-se elle com os seus trabalhos e avançada idade (ou doenças, já me não lembra); e accrescentou que de pouco serviria no parlamento, pois as questões, quando lá chegavam, já o paiz as tinha resolvido. Não é assim infelizmente, segundo o que se vê na pratica; basta porém que o seja em parte, isto é, que toda uma nação se interesse no que lhe diz respeito e o discuta com prudencia. Para este fim servem os jornaes (serios) e ainda os meetings (quando o s-jam tambem). Não critico pois estes em geral, mas só os que ás vezes são promovidos ou convocados por quem até chega a ter culpas nos cartarios!

Mal sabios sociologistas.

Longe de mim o pensamento de zombar dos trabalhos, tão eruditos e tão interessantes, da moderna philologia e zoologia com os quaes me regalou em horas vagas. A raposa é que quiz abusar da respeitabilidade d'estes, attribuindo-lhes opiniões da sua lavra.

Qual o *detenda* Carthago

Quem não sabe da celebre teima de Catão o antigo para se destruir a famosa rival de Roma?

Que todo o *meeting* assim  
Convocado

Só me refiro aos que o *fazem* assim, e muito desejaria da cordura e illustração dos convocados (e enganados), aquella correção condigna.

V. fabula 339.ª e notas respectivas.

(190)

FABULA 150.ª

Como pôde alguém achar prazer no applauso de um parvo, ou ainda de quem tudo applaude sem criterio?

V. fabulas 60.ª, 68.ª, 129.ª e notas respectivas.

(191)

## FÁBULA 180.\*

Quantos homens, e por vezes quantas nações lesteiras, se queixam amargamente de os outros haverem praticado contra elles acções eguaes áquellas que julgam ter gloriosamente praticado contra os outros! Lembrou-se de um historiador notavel se indignar porque a França, quando invadida pelos aliados fosse espoliada (sic) dos quadros e outros objectos de arte que tinha tirado á Italia, pelo direito da guerra! O mesmo repete um de seus maiores poetas—Béranger—na sua ode sublime—*Les enfants de la France:—D'un vil fauteur prompt à venger l'injure!*...

(192)

## FÁBULA 181.\*

Contam que a um annuncio absurdissimo, que promettia mundos e fundos por pouco dinheiro, acudiram tantos pedidos que, para acabar com elles teve de publicar-se uma declaração de que fóra aposta para provar que, por mais absurda que fosse uma coisa havia sempre de achar alguém que a acreditasse. Estava ganha a aposta: tinham apparecido milhares de crondeiros e continuando a apparecer ainda mais, faziam aquella declaração para que cessassem.

(193)

## FÁBULA 182.\*

E Demosthenes lembraram...

É sabido que aquelle grande orador, tão heroico na tribuna contra Philippe de Macedonia, fugiu vergonhosamente na batalha de Coroneia abandonando o escudo, o que a Grecia era tida como prova da maior covardia.

Já vi isto em qualquer parte...

Se não me engano, foi num combate prognosticado por Heitor a Telemacho.

E os filhinhos apertaram...

Vide Camões—Lusiadas iv, 38 e Virgilio—Encida vii, 318.

Lido em Cornélie é belleza.

Na famosa narração do combate do Cid contra os mouros lbeeje é citado como rasgo de grande belleza:—*Et le combat cessa faute de combattants.*

Se o poeta dizesse que acabou o combate porque os inimigos todos tinham morrido ou fugido, mostrava a valentia dos vencedores ou a covardia dos vencidos; porém, uns morreram, outros fugiram (de certo para se conservarem á patria) e os restantes entregaram-se afinal, vendo a batalha perdida (isto consta da narração). Quizera, pois saber onde está a maravilha do facto, onde a grandeza do pensamento; e se não é isso o que acontece as mais das vezes. De factos europeus não faltam infelizmente exemplos, nos cursos de litteratura e, o que é peor, para educar o sentimento esthetico da mocidade!

Assim fez Caio Varrão...

Na batalha de Cannas ganhada por Annibal sobre o exercito romano commandado por Paulo Emilio e Caio Varrão e dada por causa d'este contra a opinião d'aquelle seu collega. P. Emilio morreu no combate, Varrão escapou com dez mil homens. Chamado a Roma, o senado agradeceu-lhe o não ter desesperado da salvagão da republica. O senado, aquella *assembléa de reis*, sabia muito bem o que fazia, e com a sua prudencia contribuiu efficaxmente para a ruina de Annibal.

Em brilhante centenário...

A mania d'esta macaqueação de procissões ha de passar de moda, ainda que não seja sendo pelo abuso.

Quando ha publicos reveses,

É verdade que a quem tem pouco a falta d'este é tão sensivel como a do muito a quem é aliastado; a differença está em que o pouco é mais facil de recuperar. Os estragos da queda são proporcionaes á altura d'esta.

V. fabulas 53.<sup>a</sup>, 203.<sup>a</sup>, 362.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

Decerto que aquelles amos

Temos o caso da fábula anterior — quem tem pouco ou nada pouco perde também com a mudança de posição. O burro tracta seus donos de amos; o que não é para admirar nos tempos em que fallavam com elles tanto a mão.

Quando correm algum perigo

Se (no sentido religioso) muita gente junta não se salva mais fácil-lhe é salvar-se, se não toda, parte d'ella, nos negocios mundanos.

V. fabulas 123.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(195)

**FÁBULA 104.<sup>a</sup>**

Em mesmo presenciel a primeira parte d'esta fábula, isto é, a queixa do premiado, a qual me suggeriu a resposta de outra. Quantas vezes as creanças que mais cedo se desenvolvem intellectualmente mostram depois menor apidão do que as de desenvolvimento mais tardio? Isto sem levar ainda em conta os motivos pelos quaes, ás vezes, os premios são concedidos.

V. fabulas 14.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup>, 103.<sup>a</sup>, 273.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(196)

**FÁBULA 105.<sup>a</sup>**

É a lucta pela existencia. Para viver é necessário tirar a vida a outros. O que faz o homem ainda o mais virtuoso e o mais sensível com relação as plantas e aos animaes?

(197)

**FÁBULA 106.<sup>a</sup>**

É muita de muita gente confessal-os e até exageral-os para depois ouvir que os demais os negam. Chamam a isso os ingleaes — pescar cumprimentos. Outros apriscam o rol de suas imperfeições, que são todas ellas virtudes exageradas. A vaidade é muito manhosa...

V. fabulas 62.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 261.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(198)

**FÁBULA 107.<sup>a</sup>**

Tal  
A vida assim  
O fim.

*Qualis vita  
Pius sit!*

Diz a conhecida sentença latina.

V. fabula 26.<sup>a</sup>, 39.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 259.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup>, ... e notas respectivas.

(199)

**Fábula 199.<sup>a</sup>**

A galinha, sendo uma das aves mais domesticadas, é também das melhores criadeiras, e um dos exemplos mais poéticos de amor materno.

Ficando sempre patinhas

É muito difícil, senão impossível, vencer os maus instintos das crianças sem as arrancar ao meio onde os vêem praticar por todas ou quasi todas, momentaneamente por aquelles que estimam e devem respeitar. Nada direi acerca de quanto as desgraçadas mestras ou governantes (hoje *instituídas*) tem muitas vezes que soffrer nos vesperos onde cabem. Amargo pío! Fazem-me lembrar os capellães das antigas casas grandes, que muitas vezes serviam de bobos... Como ha de uma criança respeitar essa a quem não vê os outros guardar respeito!

V. fabulas 107.<sup>a</sup>, 164.<sup>a</sup>, 309.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(200)

**Fábula 200.<sup>a</sup>**

Nos tempos em que os pastores...

Fallo dos pastores de Florian, das Cartas d'Echo e Narciso e ainda (porque pode haver primores em generos emulora detestaveis e falsos) da Marília de Dirceu, etc., etc.

Ele um cravo

Era a comparação sabida, sendo nesses tempos o cravo e a rosa as primicias d'entre as flores; como ainda hoje, na minha humilde opinião, é a rosa.

## Na Rua dos Capellistas.

«Rua Nova de El-Rei» se ficou chamando depois do terramoto em vez de «Rua Nova» nome que, julgo, tinha antes. Foi a primeira que existiu fora das primitivas muralhas de Lisboa. Para alli se mudaram e lhe deram o nome vulgar os *Capellistas*, assim chamados por terem loja junto à capella dos Paços da Ribeira. Além dos principaes combistas alli se encontram (e onde não se encontrarão ellas hoje!) lojas de modas mais em conta do que as de primeira ordem das *Modistas francezas et reliqua*.

## Capazes de enternecer

Todos reconhecem o fraco que as mulheres, em geral, tem pelos trapos. Infelizmente esse fraco é o seu forte.

## Nesta vida...

Tudo tem seu lugar, attendendo-se á occasião e á dose. Os bois e os carneiros (até os porcos!) e os trigos são de certo mais úteis do que os reuimões e as rossas que, embora dispensaveis, não se devem desprezar, visto satisfazerem um prazer do homem e suavizarem-lhe a existencia. Pode aqui dizer-se: «Não só de pão vive o homem.»

Accrescentarei que a verdadeira poesia eleva a alma inspirando-lhe sentimentos nobres e generosos.

(201)

## FABELA 170.ª

## De crear bicho

Dicto popular, fundado em que muita vez uma parcaida pode produzir o desenvolvimento de um cancro, a que o povo chama—bicho, por julgar que o é. Explicar a verdadeira natureza d'este não é para aqui. Conviria que na instrução primaria apresentassem *vari* succintamente idéas verdadeiras combatendo estas e outras mais perigosas, taes como a da espinhela cabida, do poder das pragas, das ligas, das benedeiras e mulheres de viridade... que atropelam a intelligencia das crianças e são uma vergonha para a humanidade.



(207)

## FABULA 171.\*

Esta fabula, porisso mesmo que é verdadeira, ha de desagradar a muita gente amavel e encantadora. Paciencia! O meu fim não é escrever historias da carochinha.

D. Maria Justina  
Sua esposa

Esta senhora é uma das principaes figuras, se não a primeira, da comedia social. Seu esposo para ler a paz em casa e as vezes tambem para que fechem os olhos aos seus peccados fóra d'ella, concorda num—*modus vivendi*, não raro pitor do que aquelle que intento descrever aqui. Assim cada um, procurando enganar o outro, se engana a si mesmo.

(208)

## FABULA 172.\*

São vou tão longe como os que dizem—«não o podes esmagar? Nes-lhe o chapen.» O brio e a honra não medem forças nem distancias. Porém, não estando estes em perigo, é loucura correr a uma sorte inutil e evidentemente funesta.

Quanto ao resentir-lhes bem a mão, é só para o fim de impor que repitam. O sentimento de vingança pode desculpá-los quando o agravo é alrox e ainda verto sangue; não é porém louvavel. Quanto a perdoar, se o culpado não está arrependido, não merece perdão; e se o está, não carece d'elle. Se o perdão significa abstenção de vingança, deve perdoar-se sempre: não assim se quer dizer que tentamos castiga por um malvado ou um tratante porque já não pode lesar-nos.

(204)

## FABULA 173.\*

No norte da Europa ha fogões nas egrejas. É uma necessidade. Não se vá á egreja para alli estar mui confortavelmente, mas é preciso que lá se possa estar. Não approvo egrejas-salas com distincções odiosas de ricos e de pobres; mas deve haver nellas o arranjo e ainda as commodidades indispensaveis, e principalmente o maior asseio.

Que não se deve fazer...

Este pensar, com prudencia, é acerto; sem critério, é incompativel com qualquer progresso, e porisso altamente errado.

(205)

**FABULA 311.ª**

Tirei duas fabulas do mesmo assumpto: esta e a 341.ª, na qual dou razão ao Carvalho, pois — antes quebrar que torcer. Nesta critico a demasia do seu orgulho, equiparando-o ao canhão. Se o carvalho da fabula antiga pôde ser a imagem do orgulho, tambem o será de quem é bruto; e o canhão, se representa a modestia, corre tambem o risco de fazer o papel de sabujo ou ao menos, de fraco; o que não é para se aconselhar.

(206)

**FABULA 375.ª**

A medicina antiga estava, como é sabido, cheia de credulices e de talismãos.

**Ser feliz**

Estou convencido de que, não havendo miseria ou sofrimento, pôde haver felicidade igual em todas as classes. D'ahi o dictado—dá Deus o frio conforme a roupa—o qual ainda assim não deve tomar-se em absoluto. Em todo o caso a felicidade depende muito do genio particular do individuo: d'isto se encontra um exemplo encantador no vigario de Wakefield de Goldsmith.

(207)

**FABULA 436.ª**

Para viajar com verdadeiro proveito deve o homem ter não só intelligencia mas instrucção e o conhecimento da lingua do paiz onde viaja. Quando não, é o mesmo que um ignorante, surdo, visitando um museu.

(208)

**FABULA 497.ª**

A lição é tambem applicavel aos individuos. Imitar o bem é muito louvavel. Se a rã se limitasse a procurar ser uma

guapa creatura no seu genero, como o era o boi no d'elle, teria tido juizo e não esloirava.

(209)

**FABULA 178.\***

Todo quanto nos é inutil não vale o trabalho de o alcançarmos, mórmente com sacrificios. Diziam quando eu era menino: «Kágado, para que queres botas, se tu tens as pernas tortas?»

(210)

**FABULA 179.\***

Tambem  
Te podes furtar.

Estou que um lobo esfaímado, se poder alcançar enguias não as registará. O que me parece insuavel é que alguém o lobo e a raposa aqui são gente; acredite que a imagem da lã no fando de um peço seja um pedaço de queijo.

E assim sôbe a enzoncira.

De pequeno ouvi sempre a palavra *enzona* com a significação de intriga, enredo, mentira; *enzonar* com a de metter *enzonas*; *enzoncira*, quem as mettia. Neste sentido vejo a primeira no *Diccionario contemporaneo*, mas fazendo-a derivar por corrupção de *enzena*, *enzenar*, a qual dá tambem o sentido de—bisbilhotar, que so alli vejo sem que nada a autorize. Este Diccionario não traz *enzoncira* e *enzoncira*, o que me parece tapco.

Moracs e outros não apresentam aquellas palavras, mas a de *Enxada* ou *Enxada*, odio, inimizades, o que me leva a crer que d'ella por corrupção derivam *Enzona*, *Enzonar* e *Enzoncira*, etc., no sentido de quem fomenta odio e inimizades mentindo para maas fins.

Quando sem justo motivo

A que carga de agua? Não é impossivel, mas certamente rarissimo, e deve despertar desconfiança.

(211)

**FÁBULA 190.<sup>a</sup>**

No Alemtejo lavram (ou lavravam) com muare e cavallos, e assim o fazem em quasi todos os paizes do norte da Europa.

E direi mais que o devias.

Estou completamente de accordo. Quem sabe e tem força é que deve mandar.

V. fabulas 33.<sup>a</sup>; 331.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(212)

**FÁBULA 191.<sup>a</sup>**

Não procurei fazer a apologia da avareza, nem pugnar *pro domo mea*. Sem ser prodigo, nunca fui avarento, antes menos poupado. Deve-se pôr em justiça a todos, ainda aos mais antipathicos.

Esta fabula na bocca de um avarento é talvez falsa; poucos, provavelmente, se desculpariam por este modo; mas não deixa de ser verdadeira, pelo menos em grande parte, quando explica a razão que move a muitos, ainda inconscientemente.

Tambem não é menos verdade que a cada passo vemos adorar nelles o bezerro de ouro. Odeiam-os quando não se podem aproveitar d'elles; porém nem sempre quem odeia despreza; muitas vezes é inveja, e mostram mais consideração ao burro carregado de reliquias e ao avarento, do que ao homem de merito e ao caritativo. Porque maldizem na ausencia quando chegam a aviltar-se diante d'elles? Se não respeitassem o burro e não adulassem os avarentos, teriam direito a fallar. Não é isso, porém, o que geralmente se vê. Quem é pois mais vil? ex. que respodem e adulam, ou o alvo das zumbainas e adulações?

(213)

**FÁBULA 192.<sup>a</sup>**

É o pensar de muita gente. O mundo foi feito para elles: o que não lhes serve de nada presta. Para muitos o pronome pessoal tem uma só pessoa—eu.

(214)

FABULA 182.<sup>a</sup>

Contentemo'-nos com o jantar e com o fructo, não procuramos ver o cosinheiro nem comer o carogo. Fructos ha que o tem venenoso, outros cuja polpa junto d'elle amarga e porisso se chamam—gostos da vida.

Diz auctor que muito prezo:

O padre Manuel Bernardes—*Luz e calor* (parte 1.<sup>a</sup>, doutrina 9.<sup>a</sup>) «Quatro mães muy formosas parem quatro filhos muy feios: a verdade pare odio; a prosperidade, orgulho; a familiaridade, despeço; a segurança, perigo.»

Parce que o padre formou aquelle bello pensamento tomando a 1.<sup>a</sup> parte da *Andria* de Terencio, acto 1.<sup>o</sup>, scena 1.<sup>a</sup> v. 41; a 2.<sup>a</sup> de Plauto, *Stichus*, acto 2.<sup>o</sup>, scena 1.<sup>a</sup>, v. 28; a 3.<sup>a</sup> de Quintiliano, liv. 3, cap. 10; e a 4.<sup>a</sup> de Velleio Paterculo, *Historia Romana*, liv. IX, cap. 116.

(215)

FABULA 184.<sup>a</sup>

Nas tem  
Certo ....

Assim se acreditava ou se procurou fazer acreditar: tanto podem a dependencia e o servilismo! Contou-me um fidalgo velho que vira em sua casa o capelão que levava o vislão a um creado, em zumbais com o patrão, para que a ex.<sup>a</sup> entrasse primeiro no quarto! Ainda hoje as salvas de artilheria a uma pessoa real coisam de mais estoiros que as ao Santissim.

É melhor  
deixar ....

A dôr gusta-se com o desahafar—terno cheiro de verdade. Não podemos soffrer nem gozar, por muito tempo.

(216)

FABULA 185.<sup>a</sup>

(Para o seu lume accender)

Dix o nosso Nicolao Tolentino:

E já as vizinhas vão  
Pedir as vizinhas lume...

O accender lume não era, ainda na minha meninice, cousa tão facil como é hoje: não havia phosphoros...

À ladainha subida...

Quem tem pressa não pôde passar por certas ruas e portas de toja, onde os yadidos assaltam os transeuntes. Desgracados! não sabendo como occupar o seu tempo, empregam-o dando provas de falta de educação.

(217) **FABULA 186.<sup>a</sup>**

Passar a carta de tolo...

Para mim entendo que é um dos maiores insultos, e talvez peior de sofrer quanto muitas vezes, senão sempre, é impossível applicar-lhe o remedio das tacs fomentações. Quanto aos doutrinaricos v. nota a fabula 10.<sup>a</sup>

(218) **FABULA 187.<sup>a</sup>**

—Nem muito ao mar, nem muito á terra.—O optimista e o pessimista erram igualmente na pratica da vida. Muitas vezes a verdade se encontrara nos extremos. É certo que quanto mais orgulho ou vaidade temos, tanto mais nos ferrem e scandalizam estes defeitos nos outros.

(219) **FABULA 188.<sup>a</sup>**

Um velho, quanto mais instruido é, tanto menos se aborrece e se vê aborrecido. Um velho ignorante, a braguas com as enfermidades proprias da sua idade, e ainda em cima asedado pelo pouco ou nenhum caso que d'elle fazem, torna-se uma verdadeira peste na sociedade.

(220)

FABULA 189.<sup>a</sup>

Em theoria, raras se encontram que não estejam promptos a fazer actos de heroismo e de abnegação: na pratica porém é muitas vezes o avesso, nem querem sujeitar-se a sacrificios que se lhes tornam proveitosos: os outros que se sacrificam.

(221)

FABULA 190.<sup>a</sup>

Não pretendo insinuar que os juizes comam a ostra: mas é verdade que muitas vezes as despesas legais deixam cada um dos litigantes só com um casco. D'ahi querem alguns que a *justiça* seja gratuita. Tem graça em sua ingenuidade! E quem havia de pagar, poisque os juizes e demais empregados hão de viver? E quantos juizes, quantos tribunales e escrivães não seriam necessarios, segundo tal systema, a custa da barba longa?

(222)

FABULA 191.<sup>a</sup>

Uma das doenças mais vulgares é a mania de prophetizar, e tanto mais vulgar e insupportavel, quanto mais ignoros são os prophetas. Não a cara nem ao menos a attenção o continuo desmentido que recebe dos factos. Em politica é o principal fundo da sciencia de quasi todos os jornaes. Hoje prophetizam para amanhã; amanhã tem de contar os acontecimentos que desmentem os seus profundos calculos; e ou lhes dão uma volta, ou os contam candidamente, ou ainda tem a coragem de sustentar que assim o tinham previsto, e ficam sempre como os frades de sabugo.

V. fabula 253.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(223)

FABULA 192.<sup>a</sup>

Com sua licença

Assim dizia no meu tempo a gente do povo quando fallava em burros ou em porcos, aos quaes em Coimbra (e talvez noutras partes) chamavam os das vistas baixas. Estes euphe-

mesmos de vezes são inconvenientes: assim dizer levado de S. Pedro por...

Para estar perto do céu-

V. fabula 107.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

Ha de acabar a maldade

Deve este ser o crêdo de todos os que acreditam numa Intelligência suprema e, portanto, no progresso; e é o meu.

A enxada trepou;

Enxada—V. nota à fabula 179.<sup>a</sup>

O meu marido anda fóra

Entendi dever dar-se esta circumstancia; sendo, vivendo as aguias nos castes, esta não podia correr o perigo inventado pela gata, ficando assim a fabula falsa.

(224)

**FABULA 103.<sup>a</sup>**

V. fabulas 11.<sup>a</sup>, 75.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 105.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 157.<sup>a</sup>, 163.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup>, 356.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(225)

**FABULA 104.<sup>a</sup>**

Quantas historias famosas...

Muitos dos mais ardentes partidarios dos frades concordavam em que estas corporações estavam geralmente reclamando profundas reformas, pelo menos em Portugal.

À eira

Venha a soalheira

Chuva caia nos nabões,

--Sol na eira e chuva no nabal: — diz o rífão. Os nabões precisam de chuva no mesmo tempo em que o sol é necessario para o trabalho nas eiras. Estar bem já não é pou-



ou querer de mais é loucura; e egoísmo, se com incommodo do alheio.

(226)

**FABULA 195.\***

O facto deu-se effectivamente; não sei porém, valha a verdade, se o homem alcançou a mercê.

Solemne pancadaria

Ouvi a Alexandre Herculano que conhecia pessoas, as quae tinham alcançado a sua posição social a murro. A murro, ou com descomposturas descabeladas nos jornaes... tudo é um, tudo são meios que, se não honram a quem com elles alcança o seu fim muito menos, aos que deixam alcançá-lo d'esse modo. Infelizmente tem sido este para muitos o caminho mais curto, se não o mais *directo*.

(227)

**FABULA 196.\***

É certo que as melhores soluções apenas afstam as difficuldades: sempre tem de chegar-se até o inexplicavel.

V. fabula 277.\* e nota respectiva.

(228)

**FABULA 197.\***

Ha quem, á semelhança dos frades de sabugo, por mais piparotes que leve, fique sempre em pé: tão pouco lhe pesa a cabeça!

V. fabula 253.\* ... e notas respectivas.

(229)

**FABULA 198.\***

Costumavam os gregos e os romanos collocar nas encruas, sítuadas dos caminheiros estatuas, ou antes marcos rematados com a cabeça d'alguma divindade, ordinariamente Mercurio

V. fabula 287.\* ... e notas respectivas.

(130)

**FÁBULA 100.ª**

Seguam quæes os carneiros...

*Mors pecudum*—diziam os latinos. Basta, às vezes, levar á força um que esteja na frente do rebanho, para todos os demais o seguirem. O exemplo tem grandíssimo poder mómente para o mal: socega a consciencia dos parvos.

Bourdalou ou Massillon

A ironia aqui é tão clara que julguei poder empregal-a sem falta de respeito aos dois grandes oradores sacros francezes.

(131)

**FÁBULA 100.ª**

O facto deu-se. O auctor da carta era um cavalheiro instruido, mas um tanto apedantado, como é natural que o sejam aquelles que pouco sabem da sua arte, onde são oráculos. A carta veio ter á minha mão porque (naquelle tempo) era muito costume nas terras pequenas empregar em embrulhos as cartas recebidas.

(132)

**FÁBULA 101.ª**

É bem sabido que as plantas sem o amanho, e os homens sem a educação perdem, pelo menos em parte, as boas qualidades com que nasceram.

V. fabula 201.ª ... e notas respectivas.

(133)

**FÁBULA 102.ª**

O talento pôde muito, mas não tudo. De que serve um bom instrumento nas mãos de quem não quer usal d'elle? Que vale um bom terreno, se o deixam estar inculto?

(134)

**FÁBULA 103.ª**

Plutarcho na vida de Lycurgo refere que em todas as fei-

tas de Esparta havia tres côcos, representando as tres épocas da vida humana. O dos velhos dizia:—Fomos outr' ora moços, valentes e ousados; o dos moços:—Assim o somos nós hoje e promptos a prova-lo; e o das creanças:—Um dia o haremos de ser e excedel-os a todos. A origem d'estes côcos (cheios de verdadeiro e nobre patriotismo) não é conhecida; julga-se porém muito anterior aos grandes tragicos gregos. É para notar que geralmente os promotores de centenários ostentam desprezo pelos descendentes dos festejados; e não admittem que se honrem de uma tal descendência!

V. fabulas 62.<sup>a</sup>, 162.<sup>a</sup>, 273.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(235)

**FABULA 304.<sup>a</sup>**

Quantas descobertas foram feitas e depois desprezadas, (d'ahi o dizer-se que nada ha novo sob o sol) porque a humanidade ainda não estava em circumstancias de as poder aproveitar.

O merito não consiste em achar por acaso; mas em descobrir estudando, ou em tirar o verdadeiro proveito do que por acaso se encontrou.

V. fabula 127.<sup>a</sup> ... e notas respectivas.

(236)

**FABULA 305.<sup>a</sup>**

A forma litteraria não é para desprezar; porém, é um accessorio que varia e até perde parte do seu merito com o tempo, o qual torna até incomprehensivel para quasi todos a linguagem em que ella foi modelada. A idéa permanece, vai revestindo formas novas segundo as épocas, e é admirada em linguas diversas.

Não se deve pois desprezar a forma, que é meio poderoso de espalhar a idéa e que sempre conserva o seu grande merito para quem está nas circumstancias de a poder aprehear; nem tão pouco sacrificar-lhe a idéa, ou gastar com a forma tempo demasiado, pois isso esfria a inspiração.

(237)

**FÁBULA 266.<sup>a</sup>**V. fabula 260.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(238)

**FÁBULA 267.<sup>a</sup>**

Quantos brigam com o Pantano que não sabem onde se metter quando sentem o menor perigo!

Mas, imitando estadistas...

Pedir emprestado (ainda certo de o poder pagar) para despendar em cousas que não sejam de urgentíssima necessidade, equivale a comprar caro em vez de barato e a colher o trigo em verde. Demais, quantas cousas se julgam necessarias, que uma pequena demora mostra serem inúteis ou escusaveis?

(Operação financeira.

É de fé que homens de bem negociem e enriqueçam com as dividas fluctuantes; assim como é certo que hoive e ha negociantes honrados: não sei porém o que o dinheiro traz consigo, que tantas vezes suja; e será talvez porisso que os termos noutro tempo decentes de—tratante e de—traficante, são hoje injuriosos. Até já se diz negocio e negociaes em mau sentido...

Porém, ou seja verdade...

Era, ou ainda é, creença popular que os ursos não comm corpos em patrefação.

(239)

**FÁBULA 268.<sup>a</sup>**

A má vontade e o mau modo podem tornar amargo ainda o maior beneficio.

(240)

**FÁBULA 269.<sup>a</sup>**

Acabando com certos preconceitos e augmentando o va-

lor do tempo, muito se tem modificado as relações sociais no que dá respeito a cerimoniaes e mesuras. Quanto menos, porém, forem as regras que a sociedade imponha, mais severa tem ella direito de ser (e o deve) contra as suas infracções. As bases da boa educação são as mesmas da verdadeira religião: seguir o recto caminho, não fazendo aos outros o que não queremos que nos façam a nós; antes procurando ser-lhes agradaveis como desejamos que elles sejam para connosco. Quanto ao serviço publico, muito por certo se tem simplificado; porém estamos ainda bem longe do que devia podia e ha de ser.

V. fabula 238.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(241) **FABULA 239.<sup>a</sup>**

V. fabula 151.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(242) **FABULA 240.<sup>a</sup>**

A fabula da «gallinha que punha ovos de ouro» é falsa, como se disse em nota á da «velha e a gallinha» (149). Antes porém de encontrar esta ultima fábula eu composto a presente fabula, que não inutilisari por julgar serem de interesse algumas observações que nella apresento.

V. fabula 149.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(243) **FABULA 241.<sup>a</sup>**

A natureza esta sempre produzindo porisso que tem de destruir continuamente. Ambas as cousas não passam de transformação. Cossas houve optimas que se tornaram inuteis e até prejudiciaes. Assim ha de succeder com muitas que hoje parecem optimas e indispensaveis.

V. fabulas 174.<sup>a</sup>, 234.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(244) **FABULA 242.<sup>a</sup>**

É natural que o fraco peça o auxilio de quem pode mais;

porém não é justo nem razoável nem briso pedir-o quem pode passar sem elle.

(345)

**FABULA 214.<sup>a</sup>**

Ha genios a que eu chamo *incorruptíveis* (perdo pelo ouriçado neologismo); são o Sr. Agudo do conto allemão: riram-se de arremellar. Parece que pessoas tão azedas e nervosas deviam durar pouco. Pois não é assim; morrem de velhas, animadas pelo demão que tem sempre no corpo.

V. fabula 208.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(346)

**FABULA 215.<sup>a</sup>**

As maiorias governaram e hão de sempre governar; pois não se deve ter em conta o numero de individuos sem intelligencia nem vontade, mas a força intellectual ou ainda physica. Quem não pode ou não quer, que se queixe da natureza ou de si; mas nada remedia com isso.

V. fabulas 25.<sup>a</sup>, 73.<sup>a</sup>, 161.<sup>a</sup>, 218.<sup>a</sup>, 221.<sup>a</sup>, 235.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(347)

**FABULA 216.<sup>a</sup>**

Á falta de cada um poder ou desejar ver os seus defeitos, que punha os olhos nos outros e verá se esta fabula é ou não verdadeira. — Porque não faz fulano isto ou aquillo? — Porque não tem estas ou aquellas qualidades?... — É tu, porque não fazes e não tens o que dizes que elle devera ter e fazer?

(348)

**FABULA 217.<sup>a</sup>**

Todos ou quasi todos tem bellos conselhos para os outros: mas quanto a segui-los, muda o caso de figura.

(349)

**FABULA 218.<sup>a</sup>**

Sem orelhas e sem rubo.

O fim d'aquella mutilação, ainda hoje usada, era asseme-

Diz-se nos macacos! O mesmo faziam a uns chesinhos ingleses (*proy-dogs* — cães macacos) a que chamam *doges*; aos quaes para identico fim de'formavam tambem o focinho.

Doutinario

V. a nota á fabula 10.<sup>a</sup>

Ha pouca gente  
Ou nenhum.

Labris nunca falta; mas é bem certo que—cáo que ladra não morde, e—muitas vozes, poucas nozes.

V. fabula 152.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(250)

FABULA 210.<sup>a</sup>

Somos a continuação de nossos avós; é um sentimento, pelo menos, desculpavel o estimarmos que elles fossem bons, e illustres: D'ahi deve nascer para nós o desejo de os imitar (no que fór possivel) ou ainda exceder, e nunca o orgulho ou vaidade, lembrando-nos de que muitos ha que degeneram e que, porisso, o bom nascimento é apenas uma feliz presumpção. Ainda menos devemos alardear da nossa ascendencia, poisque assim podemos ferir os sentimentos de quem a teve ruim ou menos illustre.

Tambem não se deve invejar, no mau sentido, o nascimento de ninguém, tentando rebaxar-o aos olhos dos outros e affectando desprezo, as mais das vezes filho da inveja ou da vaidade offendida.

V. fabula 203.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(251)

FABULA 220.<sup>a</sup>

As maiores aguias podem levar coelhos e até cordeiros e cabritos para o ninho. O que é possivel e natural em alguns, pode até ser ridiculo que outros o tentem sequer. O arrojoprudente só tem desculpa, e chega até a ser louxavel e nobre, quando nasce do desejo de praticar alguma cousa útil ou grande.

Em camisa de onze varas

Metter-se em grandes trabalhos e desgostos: Vem, segundo dizem, de que as alvas dos enforcados levavam onze varas de panno.

V. fabula 134.\*... e notas respectivas.

(252) **FABULA 221.\***

Está tudo por ahí cheio d'estas moetas, em grande parte inoffensivas e que até, senão fossem tantas, podiam servir de divertimento a quem não tivesse mais que fazer.

(253) **FABULA 222.\***

—*Il vaut mieux frapper fort que frapper juste*—dizia Voltaire; e ainda hoje isso é verdade com relação á maior parte da gente. O estardalhaço, o palavrão (quanto mais sonoro e incomprehensivel melhor) as côres assumidas é que arrastam a multidão e com ella, não raro, gente mais ou menos sensata, salvo depois o arrependimento.

V. fabula 161.\*... e notas respectivas.

(254) **FABULA 223.\***

Não posso dar razão ao moleiro, como o lex La Fontaine, —*Il le fit et fit bien*.

—Todos os conselhos ouvirás, mas o teu não deixarás—diz o dictado. Quem toma ás cegas qualquer conselho que lhe dão, e ás cegas toda de parecer, so de si deve queixar-se se o resultado for mau. Todo o homem deve ter principios fixos pelos quaes regule o seu proceder e não os abandonar, qual catavento, á primeira objecção que lhe façam.

(255) **FABULA 224.\***

Quem pretende ser, ou é, superior aos demais não pôde tirar validade de os vencer. Que gloria pôde provir ao homem de subjugar uma creança; ao forte, o fraco; ao instruido, o ignorante?



(256)

**FABULA 225.\***

Dizer verdades desagradáveis sem para isso ter missão ou absoluta necessidade, é d'um mal-creado; e ainda quando se dizem por serem perguntadas ou se deverem dizer, seja sempre sem rudeza. Os remedios não se applicam á bruta. Verdades ditas assim produzem, não raro, o effeito contrario ao que se deseja obter. — *Que de veritas non me fides habet!* disse já um escriptor francez.

V. fabula 315.\* ... e notas respectivas.

(257)

**FABULA 226.\***

Os homens, em geral, levam-se mais pelo exemplo do que pelas maximas. — Se é esse o verdadeiro caminho (dizem elles) porque não o segues? A primitiva significação de—escaudallar é fazer tropeçar, dar mau exemplo. — *Apprendi de mim*—disse o Mestre.

V. fabula 153.\* ... e notas respectivas.

(258)

**FABULA 227.\***

Compra cada um com o seu dever, sem lhe importar se os outros cumprem ou não o seu; salvo quando lhe compôr fazel-o.

(259)

**FABULA 228.\***

Quando a humanidade tiver estudado mais, ha de haver só uma arithmetica, uma geometria, uma historia, etc., quer dizer, um só tratado sobre cada uma das sciencias e artes. As dvidas que ainda existem e as melhores ou piores demonstrações (não esquecendo o espirito mercantil) são a causa de tantas obras sobre o mesmo assumpto.

(260)

**FABULA 229.\***

**Athletas d'outras edades**

Todas as acções, todas as instituições se devem julgar,

quanto possível fór, não isoladamente mas acompanhadas das circumstancias em que existiram. Não se segue que por uma instituição ter sido optima ou indispensavel noutro tempo, o seja ainda hoje, em que pôde ser inutil ou até prejudicial. Com os tempos mudam os costumes; e com os ventos, os tempos.

Quanta coisa conservada...

Mau é mexer no que está combalido. O dourado ou o verniz podem encobrir muitos defeitos; se o tiram, fica a obra mostrando que não tem valor.

(261) **FABULA 230.ª**

Um bom instrumento nas mãos do ignorante, leis boas com ruins governos são, pelo menos, inúteis.

(262) **FABULA 231.ª**

Quem acredita em sortes, em bruxarias, em magos obscuros, em enquiços, influências benignas e malignas... como pôde zombar dos selvagens e dos seus manjús?

O Jordão fallava prosa

Todos conhecem, ou devem conhecer, o *Bourgeois Georgette* de Molière.

(263) **FABULA 232.ª**

Muitos são victimas de demandas, ás vezes mais inevitáveis.

Tanto para a administração da justiça como para a applicação dos remedios não basta a honradez. O juiz e o medico podem na melhor boa-fé desgruçar ou matar um individuo.

(264) **FABULA 233.ª**

A velha não tinha amigas.

Diz D. Francisco Manuel de Nello na sua *Carta de Guia do casal* que—os homens perdem os seus inimigos, e as mulheres, as suas amigas.

Quem havia de aturar...

Só a paciência da mulher, que para isso foi creada. O mesmo com o velho, que é uma segunda creança. Porisso, instinctivamente, os paes preferem as filhas em que vêem o seu ultimo concheio; e as mães, os filhos que lhes não de servir de amparo pela morte ou velhice do marido.

Dois homens difficilmente se aturam ou convivem: dois velhos menos, salvo se forem muito illustrados. Porisso o homem acaba ordinariamente debaixo do chinello da mulher, isto é, dependente d'ella, no sentido de precisar de quem o ature.

Quantos no mundo, leitor...

Quem não tem desejos? e quantos fazem bom uso d'elles se chegam a vê-os realizados?

(265)

**FABULA 234.<sup>a</sup>**

—O mundo é um palco—! diz Shakspeare. Trate cada qual de representar o papel que lhe coube. Quem desempenhar bem o de sapateiro de escada será melhor actor do que quem representa mal o de heroe. De mais, lembre-se cada um, que está representando, que—se é Cesar, podia ser João-Fernandes.

(266)

**FABULA 235.<sup>a</sup>**

O povo te quando fallo assim quero dizer o homem: tem geralmente queda invencivel para acreditar no maravilhoso; e, quanto maior for o absurdo, mais serão os crendeiros. A fé é indispensavel ao homem, porque, não podendo saber tudo, tem de acreditar na palavra dos que sabem o que elle ignora. O ponto é ir bater a boa porta.

(267)

**FABULA 236.<sup>a</sup>**

Tenho representado muita vez o papel d'este real. E quem o não terá feito?

(268)

## FABULA 327.

Que o homem do mim provém.

Opinião menos exactamente attribuida a Darwin que, por sustentar que o homem e o macaco derivam d'um mesmo typo ou ente, não pretende dizer mais do que diz quem afirma que o burro e o cavallo provém de um typo commum, e não um do outro.

Que entre o jota e o i romano.

Por muito tempo se escreveram ambos com a mesma letra; (j); chamando-lhe ora *i vogal*, ora *i consoante*, assim como o *u* vogal e o *u* consoante com outra para ambas (v). Quando isto se alterou houve acrisas polemicas, visto não haver mais em que entreter a actividade do espirito humano.

Tolentino alludindo á questião e fallando da seu mestre, —poço de tabaco e de sciencia, disse:

Entre o jota e o i romano  
Que differença se encontrasse,  
Trabalhava havia um anno;  
Obra que, se elle a acabasse,  
Feliz do genero humano!

E as taas de lãa caprina

Outra questiluncala sobre a natureza do pello da cabra e o da ovelha. Esta e outras questões eram intermisaveis, porque á falta de sciencia experimental tratavam-se metaphisica e até... religiosamente, (e agora o verás) com Platão, Aristoteles, os Santos Padres... não raro cheirando o caso a heresia!

A continua gargalhada.

Vulcano, vendo os ares turvos no Olympo por causa dos ciúmes de Júpiter, tomou o lugar de escanção e começou a servir o nectar. Os deuses acharam tanta graça ao desengração coxo, substituindo Hebe ou Ganimedes, que desalaram numa estrepitosa gargalhada, a qual ainda hoje duraria se elles existissem. Com ella termina Homero o 1.º Canto da Iliada.

A nobreza...

A nobreza e a belleza não são nada para desprezar; porém, quando desacompanhadas de merito pessoal, pouco valem e são mal empregadas.

(269)

**FABULA 239.<sup>a</sup>**

Ha muitos que dizem: «Se ha de ser outro...» Como se devesse necessariamente fazer-se o mal. Cada um responde por si.

(270)

**FABULA 239.<sup>a</sup>**

O verdadeiro sentido da palavra—critica—não exclue o elogio merecido; porém o abuso d'ella foi-a synonyma de —censura, e quantas vezes injusta e ignorante?

Locage disse das satyras—que prestam e se estimam quando não calumniosas—; e podia juntar—ignaras e com fins de ganho sordido. Quem houvera mais vil do que aquelle que ganha torpemente o pão a maldizer e a calumniar?

Quando

Applaudes, ou se não ralhás.

É o chantage da Lei Penal franceza.

Sou eu que o digo.

Esse eu é, não poucas vezes, um fugido com os rr dos lycos ou que nem pôde fazer exame de instrucção primaria, mas se arvorou em litterato e até politico!

(271)

**FABULA 240.<sup>a</sup>**

O caso deu por provado.

O facto é que na China ha pescadores que introduzem nas ostras perleiras figurinhas de madeira que depois tiram revellidas de madre-perola.

O de mal...

Neste sentido ha poucos males que, vencidos, não possa dizer-se d'elles que vieram para bem. O homem que nunca

souffrir pôde comparar-se, moralmente, ao que vive na absoluta falta de exercício e, porisso, não tem vigor ou energia physica.

(272) **FABULA 221.<sup>a</sup>**

Quantos desejam que a morte os avise a tempo e a horas, e não vêem que ella nos está avisando todos os dias!

(273) **FABULA 222.<sup>a</sup>**

V. fabula 239.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(274) **FABULA 223.<sup>a</sup>**

Levo aqui meus seis tostões ...

O calculo foi cuidadosamente feito e depois approvado por pessoas mui autorizadas, visto lidarem com taes negócios.

Só com tres

A saloia tirava os ovos por esse preço, por melhores e mais frescos que fossem.

Compro boa deitadura

Não encontro a palavra nos dictionarios que tenho: peor para elles. É tão boa e usada como—amassadura, cozadura, pão que se amassa, que se coze de uma vez. Nute o leitor para seu governo que, segundo as autoridades na materia, a deitadura deve constar de numero impar de ovos; se fizer o contrario, depois não se queixe.

Para a gallinha pedrex

Esta especie de gallinhas foi das mais estimadas, momente como prolificas. Eis a quadra popular:

Ninha gallinha pedrex  
Fôe-me dois ovos ao dia;  
Se ella me porresse tres,  
Melhor coiza me faria.

O coração humano é insaciavel!

E se bom frango...

Ouvia eu dizer, quando creança:

Pinto do janciro,  
Se salta ao poleiro,  
Vale um carneiro.

Quer dizer: se escapa, tem grande valor.

Fois certo saem gallinhas...

Grêça muito antiga, da qual ja falla Persio numa de  
sua satyras—que dos ovos mais redondos saem gallinhas  
e dos mais agudos gallos... talvez por causa da crista?

Um bezerriço de meias.

Neste contracto avalia-se o animal que se dá a crear (ou  
de meias) e depois, quando se effectua a venda tira-se do  
preço realzado aquelle valor e o resto reparte-se igual-  
mente entre o dono do animal e quem o criou.

Embora sejam ruibos.

Chamam-se assim os de raça pequena; são o porco do  
gado vaccum.

Dizem que o assumpto d'esta fabula veio, como outros  
mitos, da India. Não percebo porque tivesse de vir de tão  
longe.

(275)

**FABULA 244.**

São fazer caso de cousas insignificantes é prudencia:  
porém cuidado, não se tornem ellas pela frequente repe-  
lição males incuraveis. Quem se respeita deve fazer-se res-  
peitar e não consentir que qualquer faça d'elle o seu arre-  
burribo.

(276)

**FABULA 245.**

Do mundo no borborinho

Moral ou intellectualmente pôde-se estar só entre milha-

res de pessoas. Imagine-se um individuo no meio de Fekin, sem alli ter relações e ignorando o chinês. Antes porém se que rodeado de parvos ou de malevolos; do mal o mesmo.

(277) **FABULA 246.ª**

O assumpto d'esta fabula faz lembrar a resposta de Jesus Christo aos saduceus (Evangelho de S. Matheus, cap. XXI, v. 30.)

(278) **FABULA 247.ª**

Uma pouca de *gratia* é necessaria para se viver na sociedade; mas... pouca. Porque nos havemos de admirar de que saibam da nossa vida os outros, se a estamos contando a todos continuamente?

V. fabula 1.ª e notas respectivas.

(279) **FABULA 248.ª**

Esse soprano de sala

O canario, que por ali vemos e ouvimos, é uma creação da selecção artificial; não se encontra no estado selvagem. O mesmo acontece com outros animaes e com algumas plantas, v. gr. o trigo.

De graves erros tambem

Queixam-se de os adversarios jogarem o seu jogo, sabe Deus se menos licito que o d'elles. São como Mr. Jourdain (Bourgeois Gentilhomme) que accusa a creada de interverter a ordem no jogo do florete: — « Tu tires *quarte* auant de *frer tierce* —, quando a verdade é que a maior parte das vezes os partidos cahem do poder pelos seus proprios erros e, portanto, sobem pelos erros alheios.

(280) **FABULA 249.ª**

Entre sucia tão ruim.

Ruim para o lavrador. O mesmo diriam os passaros fal-



lano dos homens; cada qual falla da festa como lhe vai nella. Os passaros, porém, representam aqui os amigos do abito, com responsabilidade moral.

(281)

**FABULA 250.<sup>a</sup>**

Disse ao seu particular

*Particular*, abbreviação de—credo particular, que se usa no Paço. A pesar de se ver claramente que o facto não pôde dar-se em nossa época, declaro terminantemente que durante o tempo da minha estada no Paço, não se deu facto algum a que esta fabula possa alludir.

Com geito e boa intenção

Ha pessoas que tem o dom de tornar tudo desagradavel, dolo os conselhos mais amigos e salutaes: são medicos que curam á bruta.

Quantos desejando estão  
Que o dos outros mar quinhão.

Pelo menos quanto á egualdade; pois geralmente se deseja esta com os que tem mais fortuna ou melhor posição social, sem se admitirem eguaes pretensões nos inferiores. V. fabulas 225.<sup>a</sup>, 323.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(282)

**FABULA 251.<sup>a</sup>**

Tão fortes são às vezes os maus instinctos que resistem á educação; e nesse caso a instrução torna-os mais perigosos. É armar um malvado.

(283)

**FABULA 252.<sup>a</sup>**

Se é verdade que o egoismo exaggera muitas vezes a cautella; não o é menos que a indiferença para com os incommodos alheios vem de estes não nos causarem incommo do tem prejuizo. Os dois defeitos podem ter a mesma origem. Assim tambem o orgulho (ou a vaidade) pôde nascer do

sentimento aristocrático ou do democrático.—«Vejo-lhe o orgulho pelos bigodes do seu mestre.» Disse Socrates de Antisthenes, fundador da escola cynica, depois tão desacreditada.

(344)

**FABULA 333.ª**

Certa escola  
Que deixaram.

Haro é que o que se chama—escola—continue as idéas do mestre. Da de Socrates ashiram algumas bem diferentes. Platão foi discipulo de Socrates, e Aristoteles de Platão; e todavia estes dois ultimos philosophos foram quasi antagonistas. Os cynicos e os epicureus estavam longe, bem longe, de seguir as idéas de Antisthenes e de Epicuro.

Sempre em-pé.

A imperturbabilidade de certos individuos é que os faz gente: lembram o dictado—quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

(285)

**FABULA 334.ª**

Stá curado.

Crença antiga e não sei se ainda moderna. É o—curar a ferida feita pelo cão com o pelo do mesmo animal.

É contar...

Ha muitos infames que vivem de morder ou de ameaçar que mordem: O melhor, ou o necessario quando a lei ou os tribunaes não protejam o homem de bom assim exposto, é, podendo ser, tirar a tres leras a vontade de morderem, com o mesmo direito e dó com que se tratam as bestas bravas e os bichos peçonhentos.

(286)

**FABULA 335.ª**

Mas fino que nem coral.

Os coraes antigamente foram muitissimo mais estimados

do que são hoje ainda os mais valiosos; d'ahi o dizer-se—*fin* como um coral. Porém tendo a palavra—*fin* outra significação, applicou-se o dito para significar—*persona esmera, ladina, qualidades que de certo nunca pertenceram aos coraes.*

#### O chameco

Termo popular mais usado no Porto que em Lisboa, e muito mais na ilha da Madeira. Deriva-se da palavra inglesa *chesseler*, fabricante de sapatos, sapateiro; e usa-se entre nós no sentido de remendão, trapalhão, etc., etc.

#### Que o methodo é arriscado.

E é, deveras; mas á falta de outro criterio, temos de recorrer ao senso commum, isto é, ás regras deduzidas dos enlecimentos da nossa epocha. Não devemos admirar que homens, alias illustrados, de ou ras eras não admittissem certas hypotheses hoje demonstradas como verdades inegaveis, porque essas hypotheses iam de encontro aos principios scientificos então admittidos.

(257)

#### FABULA 250.-

#### Dó de petto

Gymnastica musical e encanto de muitos que são, e multissimos mais que se dizem ser, amadores e conhecedores de musica.

E abalou. Só percebeu

Então

Que fóra logrado...

São julgo natural que a raposa (o lisongeiro) depois de enganar dō com os pratos na cara ao enganado e ainda em cima uma roda de tolo, com a competente moralidade. Também vejo que quasi sempre o enganado, ou desenganado, se volta sómente contra o intrujão, sem dizer *mea culpa*.

V. fabulas 67.<sup>a</sup>, 129.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(288)

## FAVELA 257.\*

Nunca se deve dizer.

A celebre falla ou proclamação de Napoleão I antes da batalla das Pyramides não resiste á analyse; é um dos monumentos deste tempo que tem saído da bocca humana. Mas foi efficacissima, affenta a occasião e aquelles á quem era dirigida; e portanto optima. O calavário sempre tem governado e ha de ainda por muitos seculos governar o genero humano. É obra feita e muito commodada para a maior parte da gente a quem allivia do terrivel incommodo de pensar. É o—*forte à la crème* do Marquez na—critica da *École des femmes* de Molière.

Quanto a produções litterarias, mórmente poeticas ou assim chamadas, a regra é que—quanto mais incomprehensíveis por absurdas, tanto mais admiradas—«É dizendo isto é ode certamente»—dix o Tolentino na satyra do *Biblar*. Mas quem lê isso hoje?

(289)

## FAVELA 258.\*

Conheci um magistrado.

É facto. Também me parece verdade ser tal mania muito commum. É a theoria do—bode emissario—lançar sempre as culpas a alguem; ou á sorte ou, hoje, á sociedade. Triste consolação! mas serve á muita gente, e da melhor. É a creença a bater no móvel onde se magoea, ou o caso do socio do Tolentino:

—Que este honrado, infeliz cabelheleiro  
Pelas manchas da béstia pane a albarda.

(290)

## FAVELA 259.\*

Um leopardo, que ensinado

É isto usado pelo menos na India.

O brinco  
Deu em chorindo

Este *chorinho* não é meu; inventou-o o povo para fazer rir as duas partes, o ditado. Não o encontro em dicionário algum; mas como serve e se entende e não é indecente, aproveitei-o. Sempre me pareceo que uma palavra decente, que os portuguezes em geral entendem, é mais portugueza do que outra, embora empregada por grandes classicos, que para se entender obriga a folhear o *Elucidario*.

Sem todos saberão que *apartamento* (no sentido francez de quarto) *refusar* (*recusar*) *reproche*, *reprochar* (lançar em rosto) são palavras vernaculas e se encontram em Barros Lousa, Sa de Miranda, Vieira, D. Francisco Manuel... Por essas e outras é que eu adoptei e sigo a regra apontada, que cedo ou tarde todos seguem. As linguas vivas, porisso que são vivas, estão-se transformando continuamente.

Tu nasceste humilde e pobre.

— Fis-te duque, não pude fazer-te cavalheiro. — Attribue-se o dito á rainha Christina de Hespanha, como dirigido ao celebre Espartero, um d'aquelles homens que estando ao poder foi, com razão ou sem ella, maldito como uma fera sanguinaria; e que no fim da vida se viu adulado ou adorado pelos seus antigos adversarios. Quantos assim! E vão lá acreditar em opiniões e juizos de politicos...

(291)

FABELA 260.\*

Era a vingança o prazer  
Dos deuses que já lá vão.

Os deuses do paganismo tinham carta branca para toda a sorte de pafaria. Eram os antigos fidalgos, os antigos prelados barões e, até certo ponto, os antigos desembargadores. Tambem a justiça e a vingança (*Nemesis*) eram uma e a mesma cousa. Hoje cahiu-se no extremo opposto: a sociedade a grande culpada de tudo... ou antes os homens honrados mal tem o direito de se defender. As sympathias são todas para os malvados e bebodos (infelizes doentes) de cuja regeneração se tracta muito mais (senão exclusivamente) do que da verdadeira educação para, quanto possível, evitar que os haja. Muita botica, muitos remedios, porém os mais agradaveis que possam ser; e pouca ou nenhuma

ma hygiene. Assim, quem governa não somente dá, mas tece a corda para se enforcar.

(292) **FABULA 361.\***

Pouco depois um gemido

É creença popular que os crocodilos gemem, fingindo que choram, para atrahir victimas: d'ahi—lagrimas de crocodilo.

(293) **FABULA 362.\***

Não ha eslamnia que não levantem as corujas. Todas lhes affirmam só porquê... são feias e apparecem de noite!

Os lavradores supersticiosos perseguem-as e a mesmo fazem aos mochos e espos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damnosos. Mas são de mau agouro: e matam esses e outros desgraçados animaes, ou os peçam vivos numa porta ou os espetam num pau, para exemplo! Aqui, como em muitas outras fabulas não culpa o animal mas aquelle que tem as qualidades que lhe são attribuidas.

(294) **FABULA 363.\***

V. fabula 171.\* ... e notas respectivas.

(295) **FABULA 364.\***

Tão necessaria me parece a intervenção da mulher na educação de seu filho quando creança, como prejudicial e ridicula quando este chega aos 14 ou 15 annos. Alligora-se-me um coronel de *zulus* a educar uma menina. Na primeira hypothese leremos (salvo o milagre) um—marica, atado e pretencioso; na segunda, o que se chama vulgarmente uma cavallona. É isto é o mais baratinho possível.

Que levou  
O tal conselho  
Das prognosticas a dar...

Aos ignorantes dá-lhes muitas vezes para ser prophetas; (Tide o Bandarra e outros) e é sestro de muitas D. D. Marias: — «Dhe, sr. Fulano, lembre-se que lh'o digo eu; a tantos de tal... verá!»

Com os taes passaros luraes

Quem me dirá que especie de passarola é, ou era, esta?

O mundo deve ensinar...

Para dizer quanto a este respeito sinto e para prova-lo tornava-se o presente livro, já tão volumoso, verdadeiramente descommunal. Se eu teimar em viver, tenciono publicar o noutro livro já em parte escripto.

V. fabulas 34.º, 31.º, 64.º, 80.º, 107.º, 168.º, 288.º, 309.º... e notas respectivas.

(296)

**FABULA 295.º**

Ha mais d'uma que o consiga...

A uma rapariga que demasiadamente se enfeita serve de desculpa a sua pouca idade; mas, se ella soubesse quanto perde com isso physica e moralmente, não o fuzia de certo. Uma mulher casada, e ainda mais uma velha, podendo ser respeitavel, torna-se, pelo menos, ridicula e desprezivel: porém, quando para tanto possui os precisos meios o mal é só d'ellas e com ellas fica.

Se a vaidade...

A discreta satisfação da vaidade é ainda necessaria no estado em que se acha a illustração humana.

V. fabulas 6.º, 13.º, 18.º, 27.º, 28.º, 31.º, 32.º, 44.º, 46.º, 53.º, 60.º, 81.º, 109.º, 137.º, 219.º, 307.º, 324.º, 359.º... e notas respectivas.

(297)

**FABULA 296.º**

Muitos ha que, qual a mosca, vão logo direitinhos á podridão; a outros, pelo contrario, tudo lhes é cheiroso

quanto é havido como tal: os primeiros são maos, os outros—parvos.

Nas fabulas—os ratos e as doninhas e—os dois imitadores da natureza, não se procura criticar os defeitos dos grandes mestres, sim a parvoíce de quem pensa que tudo nelles deve ser perfeição.

V. fabulas 162.ª, 302.ª... e notas respectivas.

(298)

**FABULA 297.ª**

Deve a memoria dos mortos ser respeitada, já em attenção as familias e aos amigos que deixaram, já porque não podem defender-se. Só a historia deve ser para com elles severa, quando o mereçam, porém sempre justa. Escandaliza ver elevado as nuvens um malvado ou um parvo, por aquelles mesmos que na vespera até o calumniavam exaggerando os seus defeitos.

Quanto as necrologias vulgares, são estas ordinariamente as primeiras armas dos parvos e dos analfabetos: E triste d'el-o porém a maior parte d'aquelles ensaios diverte: a fouce da impia morte, a dura Parca, a ampulheta da eternidade, os decretos dos destinos, a lagrima da saudade eterna vertida na urna e quejandas monstruosidades e até sentimentos que seriam impios se, quem os preferre, tivesse imputação.

(299)

**FABULA 298.ª**

E quem é as mais das vezes

— Chama-li'o antes que l'o chame. — Muitos dos mais zelosos defensores da moral publica são os que mais a offenderam e a offendem ainda, pateando, com o desejo de infamar, aquillo que ninguem via. Nasce isso tambem as vezes do desejo de mostrar que, se elles andam mal, tambem outros assim fazem, senão peor.

(300)

**FABULA 299.ª**

Entre a cruz e a caldeirinha

Num grande perigo.—Assim iam, entre nós, os pad-



centes em procissão até à forca entre a cruz alçada e a caldeirinha da água-benta.

- V. fabula 311.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(301) **FABULA 270.<sup>a</sup>**

V. fabula 170.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(302) **FABULA 271.<sup>a</sup>**

Não é para admirar que um analfabeto julgue inúteis os meios (a instrução e a educação) que não leve, e que tantas vezes pouco servem a outros para alcançarem o que elle obteve sem os ter. Mas não deixam porisso de ser o que são,—burros carregados de reliquias, ou com a pelle do leão; e, faltando-lhes a boa maré, dão a costa e voltam à albarda. O que porém os torna mais insupportaveis é a sua ruidosa vaidade.

(303) **FABULA 272.<sup>a</sup>**

Tive muitas vezes de mudar os nomes dos animais das fabulas antigas para as tornar mais verosímeis. O lobo atacava logo a cabra que figura ordinariamente nesta.

V. fabulas 4.<sup>a</sup>, 121.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(304) **FABULA 273.<sup>a</sup>**

**Operarios bem peritos**

Perito—é aqui tomado evidentemente no seu genuino sentido, de—hábil, entendido sabedor...

(305) **FABULA 274.<sup>a</sup>**

À forca nem para o céu; nem tacs são os meios de levar para lá ninguém. Lembra-me o que disse o almirante Balão ao bispo que d'esse modo o queria converter. Ainda assim nuso pensar que o Carlos Magno não perde no confronto com algumas produções modernas que, verdade, verdade nada tem que perder.

(306)

**FABULA 275.<sup>a</sup>**

O fazel-a, mais o ninho

As mais das vezes escondido nalguma fenda ou buraco por isso raro se vê.

(307)

**FABULA 276.<sup>a</sup>**

As cousas valem segundo a sua maior ou menor abundancia, as nossas necessidades verdadeiras ou facticias e até, a nossa vaidade.

(308)

**FABULA 277.<sup>a</sup>**

Quantos admirantes por ahí tem apparecido? Noutras terras maiores, como Londres e Paris, encontram-se a cada passo.

A maior parte da gente

E porque não toda? A questão está no numero de argumentos ou razões. A final vem sempre o eterno—é por que *é*.

Vide fabula 129.<sup>a</sup>,... e notas respectivas.

(309)

**FABULA 278.<sup>a</sup>**

A fabulosa innocencia

No seculo passado houve a mania de admirar as virtudes dos selvagens. A sciencia acabou com tal erro. Ainda hoje, porém, muita gente boa acredita na innocencia dos habitantes das adicias...

Assim o mundo

Para rectamente julgarinos alguém com relação a um facto de que é accusado ou porque é louvado, precisamos de conhecer bem todas as circumstancias em que elle estava quando o praticou. Porisso a historia ainda é por muito tempo ha de ser—*uma historia*.

Papel de justo ou malvado

Tem-se ainda modernamente dado o caso em theatros nossos, de haver espectadores sinceros que pateiam um

setor quando representa bem o seu papel de malvado. Devia tomar-se como um protesto contra quem apresentasse monstruosidades em scena.

Vide fabula 234.ª ... e notas respectivas.

(310)

**FABULA 279.ª**

Com o judeu

O odio contra os judeus noutros tempos, não provinha, tanto de os accusarem de dicitidas, como de elles serem agiotos desapiedados e da inveja ás suas riquezas, ainda quando bem adquiridas. As mesmas causas estão ainda hoje produzindo os mesmos effeitos na Russia e na Alemanha.

E não poucos d'esses mécos

Aqui é que se dá o caso de caberem num sacco, senão a honra, as *honras* mais o proveito.

(311)

**FABULA 280.ª**

Os animaes, principalmente os domesticos, tem consciencia do mal que fazem, isto é, de que obram contra preceitos estabelecidos. Na idade media, chegou-se a processar e condemnar animaes por crimes de que foram accusados!

(312)

**FABULA 281.ª**

De fructos novos enxertos

A palavra — enxerto tambem significa — arvore fructifera nova que se dispõe ou transplanta. Provavelmente vem-lhe o nome de já estar enxertada.

Assim em tempos passados

Era costume, nos tempos heroicos e ainda mais tarde enterrar, pelo menos os chefes, com armas e bagagens, e ás vezes mulheres, escravos e cavallos: prova de que acreditavam na continuação de uma vida material, que não explicavam a si proprios. Esses costumes ainda se encontram, em parte, entre os povos barbaros.

'Stá feito o meu testamento  
 Por Deus...

Assim diz o povo quando o individuo que está nas circumstancias de testar tem filhos.

E que Deus os faça uns santos

Quando eu era criança, assim diziam os paes ou superiores ao darem ou deilarem a benção.  
 V. fabula 40.<sup>a</sup> e notas respectivas.

(313) **FABULA 282.<sup>a</sup>**

E que nunca vára tal

Sábios ha, mormente os que se entregam a profundas e metaphysicas incubrações, que são de uma ignorancia jasmosa acerca de factos ainda os mais communs.

Deve a sciencia  
 Nascer

A verdadeira sciencia tem nascido da experiencia. Não se negam as inspirações; mas tem estas de passar por aquelle cadinho. Demais, essas inspirações, quando serias, vem a espiritos syntheticos e nascem de factos anteriores e bem comprovados. Não se adivinha.

(314) **FABULA 283.<sup>a</sup>**

Esta fabula é celebre pelo uso que d'ella fez Menenio Agrippa, pessoa consular, mandada pelo senado romano a tractar com o povo que se retirara para o Monte Aventino no anno de Roma 492. Quem quizer saber o que era o povo e a aristocracia d'aquelles tempos e d'outros mais remotos, e não se expõe a crer ou a dizer disparates, leia *La cité antique* de Fustel de Coulanges.

De vivéres songa-monga

Songa-monga—expressão, julgo que, pouco usada fora de Lisboa e que não vem em Moraes, mas sim no *Diccionario contemporaneo*; significa—sonso, manhoso.

## Do corpo todo em proveito

Sem todos os *estomagos* assim fazem: d'ahi barrigudos com pernas delgadas, e tambem as vezes indigestões e *comidorias*.

(315) **FABULA 284.\***

É o que se chama—dar pelo amor de Deus o que não podem dar ao demo.

O Tolentino diz:

É d'estas que dão a Deus  
O que o mundo já não quer.

(316) **FABULA 285.\***

Se o egoismo e a vaidade nos não cegassem, devíamos pensar que nenhuns motivos ha para que os outros se interesssem por nós mais do que nos por elles.

(317) **FABULA 286.\***

Milão de Crotona, celebre athleta, que viveu no 6.º seculo antes de J. C. e do qual se contam outras lendas.

Que ha de ser uma excepção.

Quasi todos assim pensam e porisso a experiencia ou exemplo dos outros serve de tão pouco.

(318) **FABULA 287.\***

## Ao falso ao venerador

Itaro será o *venerador* que não seja velhaco. Venera-se a si, e venera, pelo menos aparentemente, os que lhe estão superiores ou de quem espera proveito e é desapiedado para com os que estão abaixo d'elle. Qual o capaxo, pesa sobre o chão, tanto quanto sobre elle pesam.

V. fabula 198.\*... e notas respectivas.

(319)

**FABULA 288.\***

V. fabulas 34.\*; 51.\*; 64.\*; 80.\*; 107.\*; 168.\*; 309.\*... e notas respectivas.

(320)

**FABULA 289.\***

Ormuz.—hoje povoação miseravel, na ilha do mesmo nome, á entrada do golpho Persico; out'ora poderosa e riquissima pela pescaria das perolas. Tomada por Affonso de Albuquerque em 1515.

(321)

**FABULA 290.\***

E seus intentos logrou.

E ainda é bom que já não possa obrigar os demais a acreditar no seu achado.

(322)

**FABULA 291.\***

O que está tem de ordinario uma razão de ser. Tirada esta, por bem ou por mal, ha de dar-se necessariamente uma alteração. Fôra prudente antes de fazer reformas estudar as causas ou motivos do que existe. Mas isso... dava trabalho e impedia a explosão dos grandes talentos.

(323)

**FABULA 292.\***

Julgo que li pela primeira vez esta fabula em Florian; porém lá o viajante tinha de levar um elephante ás costas; era aclamado rei, não me lembra por que povo... Idéas de então.

(324)

**FABULA 293.\***

Levado foi ao Cadi

Cadi—magistrado turco que exerce funcções administrativas, civis, criminaes e até religiosas.

Escrepto na Alcorão

Não sei de véras se lá está; porém os turcos e mahometanos em geral, são, ou passam por ser, fatalistas.

Não combato...

Creio que individuos ha, os quaes nascem tão maos que a educação e o castigo pouco podem sobre elles; e outros de tão boa índole que nem a desgraça nem os maos exemplos os pervertem. Tambem estou capacitado de que alguns nascem tão faltos de intelligencia, que se perde o tempo em os querer ensinar, e outros com tanta aptidão que, se não os educam, educam-se elles a si proprios. Tudo isto porém são excepções. A maior parte dos homens nascem capazes de melhorar ou de peiorar, segundo a educação ou exemplos que receberem, e as circumstancias em que viverem. Em todo o caso trate-se dos idiotas, tenham os doidos a bom recado, e castiguem os malvados para que não continuem e para que sirvam de escarmento. Os proprios irracionaes temem o castigo e d'elle tomam ensino.

(325)

**FABULA 294.<sup>a</sup>**

Aos que se foram metter

Por vaidade parva e desprezando os seus eguaes, pois entendendo que procurar subir por meios licitos é prova de brío.

V. fabula 32.<sup>a</sup>... e nota respectiva

(326)

**FABULA 295.<sup>a</sup>**

Dei a esta fabula uma forma completamente differente d'aquella pela qual é conhecida. Pareceu-me que um remedião a quem dessem uma bolsa de dinheiro não perdia porisso o socorro, (provavelmente deixava de trabalhar enquanto o dinheiro durasse) e muito menos iria restituir a somma dada julgando que assim lhe voltava a alegria! Pelo menos o mais certo, e portanto o mais verdadeiro, é que o gastasse. Outra coisa deveria ser com o pobre que collocassem em posição de ter alguma coisa que perder, pois d'ahi nasce a maior parte dos cuidados.

Tê os chumceos descada!

Chumeco—vide nota á fabula 255.

## Nunca largando o capote

O traje descripto é o dos chumecos do meu tempo de rapaz.

## De simonte matizada

Hoje já bem pouca gente toma rapé. Antes d'este, trazido de França (*tabac rapé*—isto é, raspado, ralado,) tomou-se, e julgo tomam ainda, tabaco torrado ou secco ao lume, a que chamavam simonte, esturro, esturrinho, etc. Falla o Tolentino, na sua satyra—os *Amantes*, d'uma velha

Que em festival sociedade  
Até o rapé reprova,  
Chamando-lhe porquidade;  
Mas vai fartar-se na alcova  
De simonte e de cidade.

## As Athenas e Parvonias

Quem ainda não leu a *Parvonias* (Lisboa) leia-a que não perde o seu tempo.

## Chapeo alto encarniçado

Ha chapeos de seda ordinarios que se tornam avermelhados quando envelhecem.

## Na velha feira da ladra

Restos, julgo eu, da 1.<sup>a</sup> feira de Lisboa, mercado semanal como os que ainda existem em Coimbra e noutras terras. Começou, como devia, no rocío; recuou para o lado do antigo *passo publico* (hoje parte da Avenida); subiu ao Campo de Sant'Anna e está hoje no de Santa Clara. Mas porque era ladra? Não sei.

## De cangalhas de latão

Assim chamavam a uns grandes oculos fixos, que os ricos usavam com aros de ouro ou prata, e os pobres com



elles de latão, encostando-os à testa, quando nalgum intervalo os dispensavam.

Na qual um laivo se nota

Ainda hoje aprendizes e officiaes de sapateiro do mesmo modo e com o mesmo resultado dão o fio à faca de que usam.

Desde a—Lilia abandonada

«Joven Lilia abandonada» — versos do primeiro visconde de Castello, que se cantavam com uma musica tirada da Semiramis de Rossini.

Até a—Carta adorada...

Coro da duquesa de Gerolstein, opera comica de Offenbach. Ambas estas cantilenas se tornaram popularissimas em Lisboa, e julgo que em todo o paiz.

De dilettanti

Palavra italiana que significa—amador—e se applica aos da musica.

Alejando *tutti quanti*

Palavras italianas que significam — todos, tudo quanto haja.

Alli tinha o seu telonio

Casa, escriptorio dos arrendatarios ou exactores dos tributos. O publicano Matheus (depois Evangelista) estava no seu telonio quando J. C. o chamou ao apostolado.

Em cousas da *mathematica*

No *Divertimento erudito*, especie de encyclopedia dos principios do seculo passado e muito elogiada nasquelle tempo, encontra-se esta palavra sempre assim escripta.

Qualquer dia andam descalços

O remendão não o dizia com malicia, mas é o que pode acontecer a quem quer andar muito de carruagem.

## Leve-me essas inscripções

Estava que fossem poucas; e o banqueiro só lhes perdia o juro.

## Baro encontrarás tratante

É um meio certo de prenderem os homens de bem pela gratidão.

(327) **FABULA 296.ª**

V. *fabulas* 17.ª, 108.ª, 193.ª, 213.ª, 227.ª, 238.ª... e notas respectivas.

(328) **FABULA 297.ª**

As offensas dos nossos são as que mais doem, não raro nascidas de interesses offendidos. Dizia alguém, censurado por ter demandas com seus irmãos: — «Nada tenho que partilhar senão com elles.»

(329) **FABULA 298.ª**

## Fui modelo...

Os *signes*, de que as senhoras usavam no seculo pasado, chamavam-se em França *mouches*—moscas.

## De tudo emfim conspurcar

Aqui a palavra é tomada no seu sentido genuino e não naquelle em que, com tanta graça, Garrett o pôe na bocca de Barnabé Fulgencio na sua, nunca assás lida, *D. Philippe de Valeno*.

(330) **FABULA 299.ª**

Conheci uma senhora, aliás muito estimavel, que apens boa de uma indigestão logo reconhecava com as suas golições, e respondia a quem a censurava: — «Eu curei-me para estar boa, e não para comer de dieta. Tanto goliçou...»

(331) **FABULA 300.ª**

V. fabulas 38.ª, 160.ª, 202.ª, 331.ª... e notas respectivas.

(332) **FABULA 301.ª**

V. fabula 327.ª

(333) **FABULA 302.ª**

V. fabula 189.ª...

(335) **FABULA 303.ª**

V. fabula 4.ª, 5.ª, 43.ª, 52.ª, 63.ª, 67.ª, 70.ª, 72.ª, 75.ª, 79.ª... e notas respectivas.

(335) **FABULA 304.ª**

Antigamente todos iam comprar o panno aos mercadores; nem os alfayates o tinham.

(336) **FABULA 305.ª**

No vinho está a verdade

*Do vinho veritas.*—O verdadeiro sentido do ditado é que o vinho leva o individuo a mostrar o seu verdadeiro caracter. Por isso é fugir de quem tem mau vinho.

(337) **FABULA 306.ª**

Sempre o fraco ha de soffrer...

Preso por ter cão, preso por não ter cão:—vem isto num conto antigo, em que um pobre diabo depois de ter sido preso por ter um cão, o foi novamente por deixar de o ter.

## O menos governador

Quanto mais um povo é civilizado de menos governo carece—isto é verdade também para cada individuo.

V. fabulas 136.<sup>a</sup>, 205.<sup>a</sup>, 359.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

(338) **FABULA 307.<sup>a</sup>**

Castigar o chão  
Com a testa.

— Toma chão, que te dou com a testa — ouvi eu dizer muita vez em Coimbra.

(339) **FABULA 308.<sup>a</sup>**

Para saber o sentido moderno da palavra—satyro, V *Diccionario Contemporaneo*.

(340) **FABULA 309.<sup>a</sup>**

Os caranguejos não andam para trás, mas para um lado (o direito, se não me engano).

«O caranguejo» dizia um examinado: «é um insecto vermelho que anda para trás.» — Perfeitamente! — lhe respondeu o examinador; «apenas lhe farei observar que não é insecto nem vermelho, e que não anda para trás; no mais a definição é exacta.» Quantas assim!

(341) **FABULA 310.<sup>a</sup>**

Verdades ha impossiveis

A primeira vez que ouvi esta expressão, muito significativa, foi na *D. Maria Paes*, drama do nosso mimoso poeta João de Lemos.

(342) **FABULA 311.<sup>a</sup>**

V. fabula 269.<sup>a</sup>...

(343) **FABULA 312.<sup>a</sup>**

Mas isso raro acontece

Ha poesias que pouco fando tem e que nem porisso ca-

roem de merito, não pelo que dizem mas pela harmonia que em nós despertam; são como a musica sem palavras.

(344) **FABULA 313.ª**

Lembra-me um mestre que, quando via dois rapazes a brigar, batia logo em ambos e assim decodia a questão. E o mais é que raro se enganava. Chicaneiros ha que são a peste dos tribunaes: ainda quando elles se lançam uns aos outros, não vai a cousa mal...

(345) **FABULA 314.ª**

V. fabulas 26.ª, 34.ª, 63.ª, 111.ª... e notas respectivas.

(346) **FABULA 315.ª**

Ainda estão vivas pessoas do tempo em que este caso aconteceu.

Porque se ha de duvidar...

Parece que seria mais um motivo para não se fazer tal despeza, e tentar que se acabassem as inuteis.

(347) **FABULA 316.ª**

Insigne mestre de dança

O celebre Vestris, mestre de dança e compositor de baillados na Opera de Paris (1748—1781); estimadissimo, porém tão toalmente vaidoso que dizia: «A Europa tem só tres grandes homens—eu, Voltaire e Frederico II.»

(348) **FABULA 317.ª**

Esta historia da machadinha é uma collecção de historias, algumas engraçadas e com boa lição. Aproveitei-lhe o principio para esta fabula, e duas das historias para as fabulas—«O dilemma» e—«As difficuldades vencidas.»

(349) **FABULA 318.ª**

E conforme o ritual

Em algumas terras de Portugal, encontram-se usos

ainda mais exóticos taes, como o do noivo arrambar a porta, mal segura geralmente, do quarto da noiva, etc.

D'ali dilema fatal...

É o dictado—Ou cortar a cabeça à noiva ou as pernas à besta.

V. fabulas 317.<sup>a</sup>, 344.<sup>a</sup>... e notas respectivas.

(350)

**FABULA 319.<sup>a</sup>**

Ainda que inconsciente

Ninguem inventa senão no sentido primitivo da palavra (achar). O mesmo fundo em que se encontram as idéas é herdado ou communicado. O mais que se faz geralmente é dar maior desenvolvimento ao que outros já acharam. Todavia o que chega a desenvolver e a demonstrar sufficientemente merece a glória da invenção.

(351)

**FABULA 320.<sup>a</sup>**

É natural que os velhos não gostem de novidades, as quaes já mal se podem amoldar. Devem, porém, lembrar-se de que apreciaram novidades quando eram rapazes, e que se ha principios immutaveis, as suas applicações variam constantemente; e não dar importancia a cousas futeis.

(352)

**FABULA 321.<sup>a</sup>**

Saber como isso se faz

Tem que saber, embora não muito, e apprendem-o os rapazes vendo cavar. Os philosophos que querem reformar o alphabeto, tambem hão de occupar-se de tão interessante materia quando... lhes fizer conta.

(353)

**FABULA 322.<sup>a</sup>**

Raro será o auctor que diga com as suas obras: por isso, quem não quizer perder a illusão não procure conhecê-lo.

(354) **FABULA 322.<sup>a</sup>**

Diz, já não sei que auctor francez:—*Que de vertus vous ne faites haïr.*

Ha conselhos que scandalizam e até revoltam pelo modo como são dados: as boas intenções, a amizade não auctorisam a grosseria.

(355) **FABULA 323.<sup>a</sup>**

Dão-se aqui tres formas do mesmo sentimento—o egoismo: a forma brutal, insupportavel e damnosa; a inutil e ridicula; e a pedante, mas util.

Se não fosse a agua, isto é, a serie das gerações passadas, os maiores homens eram apenas tristes carriças.

V. fabula 28.<sup>a</sup>...

(356) **FABULA 324.<sup>a</sup>**

Eu não gosto de pescar.

Para nos serem agradaveis, as nossas noções precisam de incentivo ainda que não seja senão o lucro ou a vaidade satisfeita.

(357) **FABULA 325.<sup>a</sup>**

Assim governo prudente

É preciso que o deixem ser os partidarios que o sustentam no poder: mas, infelizmente, nem entre estes mesmos pôde elle ás vezes escolher a vontade.

(358) **FABULA 326.<sup>a</sup>**

V. fabula 301.<sup>a</sup>...

(359) **FABULA 328.<sup>a</sup>**

É creença popular, significando que são mansos, incapazes de odios, o symbolo emfim da innocencia. Creença sem fundamento, e que o digam os que d'elles tem tractado.

Não procurez congrazar...

La Fontaine vai mais longe, aconselhando que os instiguem, que os aculem uns contra os outros. Estava de mau humor quando tal escreveu, nem era capaz de o fazer nem de o aconselhar seriamente. Impedir, porém, que feras se destruam umas ás outras, e isso com perigo nosso ou de terceiro, para tanto não estou inclinado.

(360) **FABULA 329.\***

Este caso deu-se em Coimbra na minha presença. Ainda é vivo o veterano, que não sou eu, nem era então ca-loiro.

(361) **FABULA 330.\***

A posição de um homem sabedor e sensato entre ignorantes e analfabetos é muito mais desagradavel, senão intoleravel, do que a de um individuo d'aquellas classes entre homens de merito.

(362) **FABULA 331.\***

#### Methodos intuitivos

É indubitavel que os methodos de ensinar se tem aperfeicção; mas nem todos os systemas nascidos moderadamente são baseados na verdadeira experiencia. Dou muito mais por quem sabe e tem o dom de ensinar do que por a maior parte dos methodos mais apregoados. Assim é com as leis: de que serve serem ellas boas se não forem bem entendidas e bem applicadas?

#### Ganha e deve governar

Não se podem deixar os interesses da sociedade á mercê de palradores ignorantes que repetem, quaes os papagalos, palavrões que não entendem; nem ainda de pessoas bem intencionadas, ás quizes faltam a pratica e a energia necessarias para governar.

V. fabulas 330.\*, 314.\*, e notas respectivas.



(363)

## FÁBULA 333.ª

De suas crenças o inverso.

Não só o inverso de suas palavras; pois, como diz o Mestre: «Não basta dizer—Senhor! senhor! mas fazer a sua vontade:» porém o inverso das suas crenças.—*Video meliora proboque, delersora sequor*—reconheço e approvo o que é melhor, mas sigo o peor.

Tambem é verdade que muita gente apresenta theorias mais, das quaes está muito longe em seu procedimento. Para se ser justo basta tirar as consequencias logicas dos bons principios e pol-as em pratica. Tenho notado que neste mundo ha muita falta de logica, muita demazia de rhetorica, e muito abuso de *bicarbomato*.

(364)

## FÁBULA 333.ª

Mais meus parentes e amigos...

É certo que os homens precisam do auxilio um dos outros, porém deve só pedir-se em caso de urgencia. Quem tem brio deve contar primeiro com as suas forças; não é digno nem justo que os outros carreguem commosco para nos poupar as pernas.

(365)

## FÁBULA 334.ª

Todos gostam dos fructos e ainda das flores; poucos porém do trabalho necessario para uns e outras se produxi-rem. Entre os que dizem *querer poucos querem deveras* pois não tem animo para empregar os meios e fazer os necessarios sacrificios. Diz um ditado alemtejano:—para comer ninguem se faz amarello (se assusta) para trabalhar, o corpo não é de ferro.»

(366)

## FÁBULA 335.ª

Expôr sempre costumavam...

Facto referido, com relação a *Apelles*, por Plinio, Liv. XXIV, Cap. 35, n.º 22.

Mas, quando o chumeco quer

Chumeco — V. nota ao banqueiro e o remendão (fab. 295.)

Não podem as suas notas...

D'ahi vem o dictado—*ne sutor ultra crepidam*, e o nosso—quem te manda a ti sapateiro tocar rabecaõ?

Grande mal provém de vulgarmente se julgar habil para tudo aquelle que o é em certo ramo das sciencias ou artes.

(367)

**FABULA 336.\***

Ambos os factos narrados nesta fabula aconteceram; um commigo em Lisboa, e o outro em Coimbra numas theses da theologia.

(368)

**FABULA 337.\***

Os partidos contendores

Em todos os partidos ha gente hourada e de boa-fé; são, porém, compostos de homens e, pois que infelizmente a maioria d'estes....

(369)

**FABULA 338.\***

Presenciei eu o facto em S. Carlos, cantando o mauvoso tenor Mongini; e tenho-o presenciado muitas vezes no theatro do mundo, onde o palavrão campanteo corresponde ao dó de peito. O ouvido (ou as orelhas) é o meio de levar geralmente a humanidade,—*more peccatum*. A maior parte da gente louva e até admira o que ouve admirar e louvar, accomoda-se bem com a obra feita.

(370)

**FABULA 339.\***

Robinó e basta o nome

Allude a fabula—o gato e a rata velha.\*

Appar'cent a idéa nova!

Ah! está um dos taes palavrões com que os impostores e charlatães políticos illudem os pobres. É mais velha do que quantas Sés ha, tomada tanto no bom como no mau sentido. No bom é a do Evangelho (contra o qual tantos são ingratos) e ainda mais antiga do que elle, mas nunca tão bem formulada, pelo menos no mundo occidental. No outro sentido, sempre existiu e infelizmente existe, praticada com bruteza no pinhal da Azambuja, na serra da Falperra, na communa de Paris *et reliqua*.

Diga-se um dia:—Houve gatos!\*

Imitei Racine na sua tragedia Ester— Il fut des Juifs! Um dos pensamentos mais energicos de quem tão poucos assim escreveu.

Esse estrangeiro  
Maltez

Robinó era gato maltez, e talvez não naturalizado; pelo menos convinha accusal-o d'essa p'cha.

Quaes outr'ora D. João...

Assim diz Alexandre Herculano no seu *Monje de Cister* na magnifica scena dos Pagos de a par S. Martinho.

Sobresaindo aos demais...

Caso pouco raro. O exemplo vem de Demosthenes, que ao menos nisto é facil de imitar, e não lhe tem faltado imitadores. Conservam-se para o bem do seu partido, e do povo...

{371}

**FABULA 340.\***

É sempre o desejar os fins sem querer empregar os meios.

{372}

**FABULA 341.\***

Como se vê lendo esta fabula e a 174.ª, tirei do anti-

go assumpto duas moralidades differentes. Quando se trata do orgulho, carvalho e canhão nada são neste mundo; quando de brio, estou do lado do carvalho e dos antigos ditados: — «Antes quebrar que torcer» — «Morra o homem e fique a fama.» Ditados bons não nos faltam... nem tão pouco boas leis, mas...

V. fabulas

(373)

**FABULA 342.**

Senão

Ser caso isolado...

È o *in medio consistit virtus*. Raras vezes a razão estará d'um só lado.

Fazer vistosa função.

Sinos, foguetes, salvas de artilheria, bodes, danças, tudo são manifestações de alegria mais ou menos brutaes e selvagens que vemos tambem, quanto está ao seu alcance, entre povos quasi no estado primitivo. Beber á saúde, tirado das libações aos deuses, é mais delicadamente ridiculo. Quanto a moralidade da fabula é sempre a toima de querer os fins sem empregar os meios.

(34)

**FABULA 343.**

Não nego a influencia do nascimento, do stavisimo ou do sangue, como ainda lhe chamam: porém este tambem se altera e corrompe. Disse um philosopho que os descendentes dos grandes homens são os outros homens tambem illustres. Não, fechando os olhos á evidencia deixará de ver-se que os filhos raro succedem aos paes nas grandes qualidades; nas boas é mais commum, porém nem sempre certo.

Itz Camões:

«Do grande e justo Pedro nasce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto)...

A nobressa (herdada) obriga (os successores); dizem muito bem os francezes; é preciso porém que os herdeiros tenham forças para satisfazer a taes obrigações.

(375)

## FABULA 244.

Esta fabula (como já se disse em outra nota) é tirada da historia completa da Machadinha.

E fica tudo arranjado

Assim acontece quando foi da grande revolução franceza. Parece-me que quem ler as memorias, ainda mesmo as partidarias do antigo *regime*, anteriores aquelle catolicismo, ha de reconhecer que as cousas poderiam ter corrido de outro modo, se houvesse boa vontade, da parte de quem podia e devia ceder. Vide tambem a já citada historia da revolução franceza do inglez Carlisle e a obra recente—*La chute de l'ancien regime*—por mr. Chérest.

V. fabula 318.\*...

(376)

## FABULA 245.

E o caso do -la vai um—dos gaiatos, avisando os cocheiros.

Ha muito que melhorar começando pela moralidade publica; e podia ficar-se por ahí, porque o fundo do emadecimento directo da sociedade é e sempre foi o que podia ser no estado da civilização passada e presente. Aquelle é o caminho e não o de evidentemente mudar tudo pela base ainda que em sentido razoavel. A sociedade nunca está prompta para essas mudanças repentinas; e tanto que sempre volta um pouco (quando não muito) atraz depois d'ellas.

Acabem com a propriedade, dividam tudo igualmente (suppondo o absurdo possível); o Estado tinha, cedo ou tarde, de mandar administrar tudo em proveito commum. Como encontraria administradores melhores que os actuaes proprietarios? pois que estes alem do interesse proprio, não são para quem possa ou queira ver donos absolutos dos bens que disfructam, pagam tributos, (rendas) ao Estado. Pague quem já *tudo* o que é justo e está resolvido o problema sem revolução e a bem de todos. Se hoje não ha moralidade para tanto se conseguir não seria a posse violenta que a faria nascer; quem não pode o menos não pode o mais. Napoleão I não podendo, para atacar a Inglaterra atravessar o Pas-de-Calais (7 legoas) quiz ir destrui-la na

India, atravessando meio mundo, e... foi morrer a Santa Helena.

Muitos não vêm isso, porque soffrendo acreditam em remedios de curandeiros. D'estes alguns andam de boa-fé, outros não tendo que perder, ou contando ganhar muito procuram turvar as aguas.

(377)

**FABELA 346.**

Isto aconteceu no meu tempo de Coimbra.

Logo alli pela couraça  
De Lisboa...

Coimbra está entre duas calçadas a que chamam couraças «a de Lisboa que deita para o lado do rio; e a dos Apostolos que deita para o poente e sobe até a antiga casa dos jesuitas (os apostolos); isto se o município não as tem christamado já com o nome de algum grande homem ou o da bella *Olinda que ninguém conhece*, como diz Boccaccio.

Uma nação pequena deve imitar a Belgica, e muito mais a Suíça que ainda assim são respeitadas. A ninguém fica mal andar a pé por não ter meios para sustentar um bom cavallo ou um trem: antes assim do que na seje do Tolentino ou no Rossinante de D. Quixote.

(378)

**FABELA 347.**

É o julgado de Monforte, comarca de Castello Branco. O chaparral (plantação de chaparros, azinhas, sobreiros pequenos) é logradouro do povo e, excepção de muitos, está bem cuidado e aproveitado. Alvo da cubica de mandões tem sido até hoje victoriosamente defendido, e (coisa digna de notar-se) as *prisioneiras* palavras que naquelle julgado se ensinam ás creanças são — O chaparral é nosso! A idéa está tão fixa que basta alguém pronunciar a palavra chaparral deante d'um homem d'aquelle povo, para ouvir immediatamente a resposta instinctiva:—O chaparral é nosso!

Honra aos cidadãos de Monforte! e assim digamos nós todos — Portugal é nosso, e não d'um ou d'outro partido! Portugal é nosso! deve ser o grito de guerra

contra todo o despotismo ou espoliação, venham elles dos estrangeiros, do governo, das camaras municipaes, dos mandões, dos marialvas, dos galopins, porque todos querem collocar-se acima da lei e porisso são despotas, quanto o podem ser, e concorrem com a força que tem para o mal geral.

(379)

**FABELA 348.**

Deu-se este facto ou semelhante com um emigrado politico em Paris.

(380)

**FABELA 349.**

O mytho tem quasi sempre um fundamento de verdade; é o ponto que se acrescenta ao conto.

Só se encontra em portuguez

Pelo menos que eu saiba. A maior parte da gente que emprega o termo não repara no seu primitivo sentido, nem attende a que fica *empenhado*, isto é com dividas... as vezes bem duras de pagar.

(381)

**FABELA 350.**

Já se sabe, sem estrellas; porque com ellas diz muito bem Garrett:

Noite escura tão formosa,  
Linda noite sem luar,  
As tuas estrellas de ouro  
Quem as podera contar!

E haverá nada mais formoso e sublime?

É mais alto o seu pensar  
Hoje que troça aos h'roeiros.

Não lamento a perda das cacaodas brutaes que se encontram ou encontravam em quasi todas as universidades

e escolas. O receio d'ellas, porém, impedia que os cabiros, soltos de repente de todo o constrangimento, abusassem da liberdade e se *corruptavam* moralmente. Passavam assim por um estado intermedio que tinha algumas vantagens.

O *Prociro*—significa em Coimbra o calceiro boçal, vindo das localidades onde o povo não come senão baroa.

Quem lhe coco a borbullinha

Diz-se de quando se falla em conformidade com a paixão ou desejo de alguém.

(382)

**FABULA 351.ª**

E innegavel que os meios materiaes ao alcance dos artistas estão hoje altamente aperfeiçoados, bem como a instrução recbida pelos mesmos artistas. Onde havia as excellentes fabricas de pinceis, de telas e de tintas? onde as grandes escolas de anatomia e de aries no tempo dos Phídias, dos Praxiteles, dos Miguelis Angelos e dos Raphaelis?...

Um pintor...

O dicto é attribuido a Turner, pintor inglez ja d'este seculo, e celebre pelo seu brilhante colorido.

(383)

**FABULA 352.ª**

O facto deu-se ha annos, com um deputado lente de medicina na Universidade e homem de grande mérito, que passava por excêntrico e o era um pouco, porém que respeitava as conveniencias sociaes.

Como quasi todos são.

Foram tambem (elles ou os cabeleireiros, tudo é um) poetas (Quita...) e em muitas terras pequenas criam canarios. Ja se vê que o officio só por si não é bastante para lhes occupar a actividade intellectual.



(384)

**FABULA 353.<sup>a</sup>**

A mais grosseira insulencia

É a mania de *dizer verdades*, propria de mal-creados e ordinariamente filha da inveja.

Ser um triste conselheiro.

Dizia um membro da Academia franceza: — «Sommes nous au complet, on se moque de nous; sommes, nous trente neuf, on est à nos genoux.» Sabe-se que os membros da Academia franceza são eleitos e que o seu numero é limitado a quarenta.

(385)

**FABULA 354.<sup>a</sup>**

Mr. Smith azafamaço

Ha tantos individuos d'este nome em Inglaterra que o dizer—«mr. Smith» é o mesmo que entre nós «o sr. Fulano».

Por competente doutor

Já se sabe, em termos, e os remedios conforme os doentes. Tudo, porém, preferivel na educação de um homem a aparições e pieguices sempre ridiculas e altamente prejudiciaes.

(386)

**FABULA 355.<sup>a</sup>**

O pouco, bem governado, basta e até sobeja, o muito esbanjado nem sequer chega.

(387)

**FABULA 356.<sup>a</sup>**

Li esta péta na *Revista franceza de litteratura*, que a recommendava para uma fabula, sem lhe indicar moralidade, a qual me pareceu poder ser a que lhe dei.

Da micrónegas mirar

Micrónegas palavra inventada por Voltaire, e formada

de duas da lingua grega, que significam—*pequeno e grande*, para designar Fontenelle, chamando-lhe assim—pequeno grande homem.

V. fabula 15.ª...

(388) **FABULA 337.ª**

O critico dizem que foi Mousinho da Silveira, que era bastante sarcástico; o criticado, o patriarca D. Francisco de S. Luiz. O dito é muito mais agudo e chistoso do que verdadeiro.

(389) **FABULA 338.ª**

As questões *chamadas* de hysope são ridiculas para qualquer emquanto lhe não passam pela porta. Quer o quem o brio quer a vaidade, poucas ha que não causem incommodo e, portanto, rancores. Só um grande philosopho, um santo, um descarado ou um imbecil lhes não dá nesse caso valor; mas cada qual que isto ler metta a mão na consciencia.

Depois de composta e impressa esta fabula é que fui informado de como o caso se passou. Deu-se com o Marquez de Ponte de Lima, ministro de D. Maria I, e um individuo que, alaristado, o tratou de senhoria quando o fidalgo visitou o seu solar. No demais as idéas são as mesmas que expuz, bem como a opinião do Marquez.

(390) **FABULA 339.ª**

A desunião dos fracos, nascida da covardia ou do egoismo, é que os torna facilmente victimas dos que são mais fortes que cada um d'elles. Deveriam nisso imitar os maus que geralmente se associam.

(391) **FABULA 340.ª**

Se isto é verdade quanto a factos contemporaneos, cujas circumstancias não podem ser conhecidas, o que será quanto aos que passaram ha seculos, e que conhecemos tão pouco?

(392)

**FABULA 361.\***

Cada qual, geralmente, começa a encerrar o facto d'um só lado—o que mais lhe agrada: d'ahi a contenda entre varios que o estudam; e d'ahi tambem o estudar-se o facto a fundo. É a analyse precedendo a synthese. A verdade nasce da discussão de boa-fé entre homens instruidos.

(393)

**FABULA 362.\***

Nenhum auctor é perfeito. A idolatria é sempre filha da ignorancia, da fraqueza de espirito, ou do interesse de ser sacerdote do idolo. Admire-se o que é bom seja de quem for, e do mesmo modo despreze-se o que é ruim. A auctoridade d'um auctor funda-se unicamente na verdade e na razão, e portanto só a estas pertence.

Só o verdadeiro é bello:—mas nem todo o verdadeiro. Como criterio da verdade deve recorre-se á natureza. A poesia tem muitas liberdades, não pode porém ser falsa, fazendo—*brancas as furnigas*—e ainda menos absurda. A poesia augmenta, exaggera até, porém não cria, quando falia, senão monstruosidades ou disparates. Cuidado com os *dó de peito*!

V. Fabulas 162.\*, 266.\*... e notas respectivas.

(394)

**FABULA 363.\***

Não ficou um... pão-do-ar.

Pão-do-ar chama-se (ou chamava-se) por euphemismo a materia dos galhos.

Que na letra da tal lei...

Deviam as leis ser feitas de tal modo que a letra indicasse bem o seu espirito. Os inglezes chegam a fazer seguir cada lei de um vocabulario explicando o sentido das palavras sobre que possam dar-se duvidas.

(364)

**FABULA 364.\***

O caso é attribuido a um figurão de letras gordas que

por factos taes que com elle se deram ou lhe foram attribuidos se tornou celebre) porém honrado cumpridor de seus deveres; o que vale mais do que ser bem-fallante quanto ás suas obrigações, antepondo-lhes porém as suas conveniencias.

(396)

**FABULA 365.**

Os escravos, os pobres, os martyres... tornam-se de ordinario, quando podem, os peiores amos, ricos e perseguidores. A historia o prova a cada passo, e assim o vemos na pratica da vida.

(397)

**FABULA 366.**

Tudo tem seu valor. Um conto de réis, se lhe tirarem um real fica necessariamente 99999 réis; e as contas em que elle entrar ficarão inevitavelmente erradas. Todos tem, ou podem ter, alguma utilidade e a devem empregar em seu proveito e tambem no proveito dos outros; *(ainda que não seja senão a escrever fabulas.)*

Fin das notas

## INDICE

### Das principaes materias a que se allude nas presentes fabulas e notas respectivas

**Ambição.**—Posto que esta palavra signifie verdadeiramente o desejo de alcançar honras e gloria, e a palavra cobiça, bens de fortuna, confundem-se ellas comtudo no uso commum, tomando-se não poucas vezes a primeira e quasi sempre a segunda em mau sentido. Uma ou outra exprime o desejo de possuirmos mais do que temos. Sendo nos limites do que podemos gosar sem prejuizo proprio ou alheio, a ambição nada tem de condemnavel; mas só o é quando se torna mania ou loucura.

V. Fabulas 11.<sup>a</sup>, 12.<sup>a</sup>, 27.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 40.<sup>a</sup>, 69.<sup>a</sup>, 72.<sup>a</sup>, 74.<sup>a</sup>, 118.<sup>a</sup>, 149.<sup>a</sup>, 178.<sup>a</sup>, 911.<sup>a</sup>, 233.<sup>a</sup>, 339.<sup>a</sup>, e respectivas notas.

V. Tambem—compensações, conformidade, prudencia.

**Apparencias.**—Quando mais instruido o homem é e mais experiencia tem tanto menos se deixa enganar pelas apparencias e por ellas julga.

«Mais j'admiraïs bien plus l'aurore

«Quand je connoissais moins les cieux.

du Étranger.

Faltando aquellas bases ou o tempo para examinar, forçosamente havemos de formar o nosso julgo, segundo as cousas se nos apresentam.

Eis a razão porque nunca devemos acreditar na nossa infallibilidade, antes contar em quem pode julgar com mais conhecimento de causa. Noutro sentido devem conservar-se as apparencias não com o fim de enganar, mas por decoro, ao que não se pode chamar hypocrisia; ao defeito contrario é que com justiça se dá o nome de descaramento.

V. Fabulas 1.ª, 11.ª, 14.ª, 15.ª, 18.ª, 21.ª, 22.ª, 59.ª, 64.ª, 65.ª, 69.ª, 70.ª, 76.ª, 88.ª, 90.ª, 92.ª, 93.ª, 94.ª, 96.ª, 100.ª, 104.ª, 116.ª, 120.ª, 121.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 125.ª, 126.ª, 141.ª, 161.ª, 164.ª, 165.ª, 173.ª, 175.ª, 176.ª, 221.ª, 224.ª, 236.ª, 247.ª, 257.ª, 273.ª, 278.ª, 279.ª, 285.ª, 290.ª, 293.ª, 322.ª, 324.ª, 345.ª, 352.ª, 355.ª, 356.ª, e notas respectivas.

V. tambem, — critica, hypocrisia, impostura, opinião publica.

**Associação.** — Nasceu o homem para viver em sociedade, sem a qual pouco ou nada pode, é a microscopica roda ou moeda da grande machina. A associação alem de necessaria para se effectuar qualquer empresa e se gosarem facilmente grandes commodos é o escudo dos fracos contra a prepotencia dos mais fortes; dos bons contra os maus: sendo para lastimar que se dê mais vulgarmente e mais firme entre estes do que entre aquelles.

V. Fabulas 16.ª, 17.ª, 133.ª, 179.ª, e notas respectivas.  
V. tambem — contractos, convivencia, nivel social.

**Hero.** — É o sentimento da dignidade propria, a base de todo o caracter nobre e respeitavel, o punctum que Archimedes pedia para firmar a alavanca e levantar o mundo. Dado elle, sempre se pode esperar combater os maus instinctos e alcançar a regeneração do culpado ou vicioso e sem elle é escrever na areia ou como diz o povo enfiar agua. Contam que Socrates encontrando na rua um moco dado a devassidão, este coron «animo!» lhe brada o philospho «ainda ha remedio!»

V. Fabulas 14.ª, 17.ª, 26.ª, 71.ª, 77.ª, 82.ª, 83.ª, 108.ª, 114.ª, 119.ª, 134.ª, 139.ª, 143.ª, 155.ª, 172.ª, 193.ª, 203.ª, 213.ª, 227.ª, 238.ª, 244.ª, 254.ª, 281.ª, 283.ª, 296.ª, 298.ª, 321.ª, 333.ª, 340.ª, 341.ª, 343.ª, 347.ª, 358.ª, e notas respectivas.

V. tambem — merito, honradez, trabalho.

**Calumnias.** — Falsa imputação que ataca a honra ou cre-

dito de alguém. Differe de diffamação que junta a calumnia a publicidade. Também se diffama, quando se publicam erros ou defeitos que embora esses estavam secretos. Filha não raro de leviandade, as mais das vezes nasce da inveja ou desejo de vingança. Propalar defeitos alheios embora verdadeiros pouco differe de calumniar, pois difficilmente se poderá ter a certeza absoluta da sua existência, e produz o escandalo mais nocivo do que proveitoso.

V. fabula, 19.<sup>a</sup>, 30.<sup>a</sup>, 121.<sup>a</sup>, 130.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. Também — critica, inveja.

**Caridade.**—Toma-se geralmente pelo resumo das obras que no catholicismo catholico se chamam de misericordia. Ainda assim e preciso attender-se ao sentimento que nos leva a pratical-a. Quando o fazemos movidos pelo coração todas aquellas acções se tornam verdadeiros prazeres e trazem consigo a sua recompensa. Ha quem diga que então nos collocamos no lugar do socorrido e que é isso que nos impelle. Seja porém como for, a caridade assim entendida não se pode comparar com a que nos impõe a razão quer nos cause ou não prazer. A verdadeira caridade é o amor do proximo em Deus e por Deus, isto é em vista do que é bom, santo e justo sem attendermos ao merito ou demérito de quem a recebe, ou a sympathia que em nós desperta.

Quanto ao exercicio da caridade no sentido de acudir com esmolas aos necessitados, faça cada qual o que poder, que a mais não é obrigado, e não tenha a louca (posto que piedosa) pretensão de representar o papel da Providencia, que não o encarregou d'essa impossivel tarefa. A viuva do Evangelho dando o pouco que podia deu mais do que os que offereceram ricas esmolas (S. Lucas xxi. 2 e 3).

V. Fabulas 7.<sup>a</sup>, 22.<sup>a</sup>, 76.<sup>a</sup>, 114.<sup>a</sup>, 122.<sup>a</sup>, 133.<sup>a</sup>, 146.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 269.<sup>a</sup>, 311.<sup>a</sup>, 355.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — egoismo, hypocrisia, impostura.

**Compensações.** — O francez Azais escreveu um livro sobre este assumpto, architectando sobre alguns dados verdadeiros, uma theoria falsa de completa harmonia entre o bem e o mal que se podem gozar ou soffrer na vida. As compensações dependem da índole e organização dos individuos e da educação que tiveram, o que quer dizer que

as mesmas causas para produzirem os mesmos effeitos devem dar-se em identicas circumstancias. Estou persuadido de que não havendo miseria nem ambições e gossando-se de saúde, os prazeres e os desgostos se contrabalançam; isto é, pouco, differem em intensidade nas diferentes classes sociais. É fatal que quanto mais se pode gozar ou se gosa tanto mais se sofre também. Ha prazeres e privações que uns homens são capazes de sentir e outros não; nem os desejam nem as temem. Não se pode porém tomar a letra o dictado — dá Deus o frio conforme a roupa, posto que haja n'elle muita verdade.

V. fabulas 11.ª, 27.ª, 69.ª, 116.ª, 121.ª, 162.ª, 175.ª, 263.ª, 295.ª, e notas respectivas.

V. também — ambição, apparencias, conformidade.

**Conformidade.** — A resignação só é para louvar e aconselhar quando não é filha de peçonha ou falta de energia e de heio, e quando nos convencemos de que o mal não tem remedio possível, só nesse caso nos devemos confirmar: sólo sempre o dizello de protestar contra o mal, e o embudo de (como dizem os inglezes) aproveitar o possível d'um mau negocio. No parlamento diabolico (Farriso Perdido de Milton) vem um discurso de certo demónio, sobre a materia sujeita, que se não fosse de quem é, seria de pressa muito sensata.

V. fabulas 11.ª, 12.ª, 27.ª, 73.ª, 96.ª, 258.ª, 348.ª, e notas respectivas.

V. também — ambição, heio, compensação.

**Contractos.** — O homem precisa de conviver, de se associar; d'aquí a necessidade dos contractos. Estes podem ser convenientes e até vantajosos a ambas as partes; entretanto porém com as pessoas com quem se fazem e com as responsabilidades futuras... e desconfiar dos que se nos apresentam muito vantajosos só para nós.

V. fabulas 5.ª, 9.ª, 43.ª, 67.ª, 105.ª, 123.ª, 179.ª, 183.ª, 229.ª, e notas respectivas.

V. também — associação, convivencia.

**Convivencia.** — O homem procura companhia quando gosa ou quando sofre. A convivencia pune o homem obrigando-o a dominar as suas paixões para não se tor-



nar insupportavel. O homem ainda illustrado, quando não o occupa o trabalho, mal soffre a solidão; precisa de convivencia, não só pela necessidade que sente de communicar as suas idéas, mas ainda pela conveniencia de as discutir. A convivencia tambem nos abre os olhos sobre os defeitos e as boas qualidades dos outros. Deve ser muito escolhida, mormente nas primeiras edades: dize-me com quem andas dir-te-hei as manchas que tens.

V. fabulas 4.ª, 6.ª, 43.ª, 47.ª, 61.ª, 80.ª, 83.ª, 89.ª, 105.ª, 109.ª, 110.ª, 112.ª, 119.ª, 123.ª, 166.ª, 168.ª, 179.ª, 183.ª, 185.ª, 189.ª, 192.ª, 198.ª, 209.ª, 225.ª, 245.ª, 247.ª, 249.ª, 259.ª, 267.ª, 274.ª, 287.ª, 294.ª, 308.ª, 320.ª, 322.ª, 323.ª, 330.ª, 350.ª, 352.ª, e notas respectivas.

V. tambem — associação, contractos.

**Critica.** — Esta palavra toma-se hoje geralmente, no sentido de — censura; tanto abusaram os criticos. Em vez de ser a apreciação conscienciosa do bem e do mal tornou-se o synonymo de satira. A critica, se contemporanea a obra criticada, nasce muitas vezes da inveja, não raro se associa à calumnia e é para alguns um modo de vida torpemente lucrativo, quer elogiando e que não tem valor, quer fazendo receiar censuras, ao que os francezes chamam — *chantage* — uma especie de pesca na qual se faz ruido para que o peixe caia na rede. A critica séria deve avaliar o homem ou a sua obra, attendendo as circumstancias que o cercaram, ou em que foi feita; absoluta ou relativamente. O auctor pode ter muito merito com relação ao tempo em que escreveu; a obra pode ter sido muito valiosa noutros tempos mas ser de pouco valor actualmente. A tudo isto rarisimas vezes se attende. E tambem commum a cegueira de não admitir defeitos no auctor que tem verdadeiro merito; é o *ipse dixit*. Até se formam associações que exaltam todos e quequer pensamentos ou ditos do seu idolo, como o fazem as irmandades com os do seu padroiro. A tudo isto porém não se pode chamar critica, senão grande falta d'ella.

V. fabulas 2.ª, 3.ª, 19.ª, 37.ª, 48.ª, 54.ª, 56.ª, 60.ª, 68.ª, 71.ª, 81.ª, 82.ª, 86.ª, 88.ª, 92.ª, 95.ª, 96.ª, 97.ª, 99.ª, 100.ª, 109.ª, 120.ª, 121.ª, 130.ª, 136.ª, 138.ª, 141.ª, 142.ª, 144.ª, 159.ª, 164.ª, 163.ª, 174.ª, 180.ª, 181.ª, 223.ª, 225.ª, 239.ª, 249.ª, 255.ª, 257.ª, 267.ª, 278.ª, 281.ª, 305.ª, 312.ª, 334.ª, 335.ª, 336.ª, 338.ª, 345.ª, 355.ª, 356.ª, 360.ª, 361.ª, 362.ª, 364.ª, e notas respectivas.

V. também — apparencias, calúnia, indole, inveja, merito, opinião publica.

**Direitos e deveres.**—Ha perto de dois seculos que se falla muito mais dos direitos do homem do que dos seus deveres. Dir-me-hão que vem a dar no mesmo poisque uns suppõe os outros. Não me parece isso tão verdade na pratica, como o dizem. A maior parte da gente fica em meio caminho pugna pelos seus direitos ou que imagina fer e quanto aos seus deveres deixa aos outros o trabalho de pugnarem por elles e de os fazerem cumprir. É um estado de continua guerra, quando, começando pelo outro lado, o seria de perfeita paz, qual se dá entre os homens honrados e de boa educação. O egoísmo, fundo necessario do character humano, leva o homem áquelle continuo conflicto. Para não nos iludirmos completamente convem que tratando-se dos nossos direitos sejamos acanhados; e dos nossos deveres, deixemos enanchas o para mangas; não nos fiando em nos no primeiro caso, pois assim o fazem os advogados e medicos prudentes quando se trata das suas demandas ou saude. Colloquemo-nos quanto possível no lugar d'aquelle que pleiteia commosco.

V. fabulas 22.ª, 25.ª, 27.ª, 33.ª, 71.ª, 73.ª, 108.ª, 113.ª, 128.ª, 130.ª, 139.ª, 150.ª, 165.ª, 226.ª, 277.ª, 244.ª, 251.ª, 293.ª, 296.ª, 328.ª, 364.ª, e notas respectivas.

V. também — justiça, impostura.

**Educação.**—É termo generico que comprehende todo o desenvolvimento, physico, moral e intellectual de que o homem é capaz. Vem do latim — *educio*, que as francezes traduziram muito bem por *élever*, levantar, conduzir a creança até a idade viril. Divide-se (pelo menos) em physica, moral e intellectual (litteraria, artistica, professional), todas são mais ou menos necessarias para o desenvolvimento da humanidade porém a última (a intellectual), mais ou menos indispensavel ao individuo segundo a sua posição social e aptidões. A educação moral (incluindo a que se chama boa educação, maneiras, etc.) é muito mais necessaria, do que geralmente se pensa, ás classes, ainda as mais infimas da sociedade, e independente da intellectual, e porisso possível de ellas a obterem. A educação physica descurada por alguns seculos e muito apreciada na Inglaterra, deve dar-se com prudencia e *quantum sufficit* para conservar

ou melhorar a saúde e não para crear arlequins e polí-  
queiros. Quando a educação intellectual ou instrução nos  
diversos ramos, mormente considerada como litteraria e  
professional, a segunda não se deve sacrificar à primeira.  
Esta é muito mais difficil de receber e muito menos neces-  
saria do que a outra para a grandissima maioria dos ho-  
mens. A egualdade de intelligencias ou de aptidões é uma  
das maiores falsidades que se tem propalado, um dos mais  
notaveis exemplos de como se chega a negar a evidencia  
quando se armam theorias a cada passo desmentidas na  
pratica. A desigualdade de intelligencia ou de aptidões dá-  
se até entre individuos os mais bem dotados, poisque a  
maior parte não a tem para adquirir todos e quaesquer co-  
nhecimentos, sendo apta para uns e muitas vezes total-  
mente incapaz de outros. Demais a capacidade de cada  
individuo tem limites que largos em alguns, são muito  
apertados noutros; isto dá-se tanto nos individuos, co-  
mo nas epochas em que vivem, cujo progresso os mais  
illustrados representam, mas não pôde ser ultrapassado  
senão pelas epochas que se seguirem.

Quanto á verdadeira boa educação, muitas ha que a con-  
fundem com certa delicadeza natural, e maneiras. Estas  
a fazem sobresair, porem são insufficientes só por si, e,  
sem ella, muitas vezes ridiculas e até incommodas para  
os demais; poisque as bases da boa educação em nada dif-  
ferem das da religião—cumprir á risca os nossos deveres  
e não fazer aos outros o que não quieriamos que elles nos  
fizessem a nós. Pode praticar-se uma falta de educação com  
maneiras muito delicadas, como se pode roubar com ho-  
nitos modos, é o dourado a encobrir madeiras ordinarias  
ou em mau estado de conservação.

V. fabulas 1.ª, 30.ª, 34.ª, 51.ª, 62.ª, 64.ª, 78.ª, 80.ª, 97.ª,  
98.ª, 107.ª, 110.ª, 114.ª, 132.ª, 134.ª, 138.ª, 143.ª, 151.ª, 153.ª,  
161.ª, 164.ª, 171.ª, 176.ª, 185.ª, 188.ª, 201.ª, 202.ª, 206.ª, 209.ª,  
222.ª, 225.ª, 226.ª, 237.ª, 240.ª, 243.ª, 247.ª, 251.ª, 255.ª, 259.ª,  
264.ª, 271.ª, 283.ª, 288.ª, 319.ª, 321.ª, 324.ª, 331.ª, 335.ª, 352.ª,  
354.ª, e notas respectivas.

V. tambem — convivencia, maneiras, nivel social, philo-  
sophia, prudencia, trabalho.

**Egoismo.** — Amor de nós mesmos. Se formos a bem  
analysar, rara será a acção humana, ainda a mais louva-  
vel que o não tenha por movel; poisque ainda o prati-

carros o bem com o fim de merecermos aos olhos da nossa consciencia, tambem é egoismo, nobre embora. Não pode o homem deixar de ser algum tanto egoista pois tem de defender-se contra tudo, desde a natureza inanimada até os seus semelhantes. É tambem o egoismo, embora inconsciente, que torna mais apreciadas as acções generosas praticadas por outros, porque podemos lucrar ou vir a aproveitar com ellas. Tambem nos faz sympathisar com os males alheios, collocando-nos na posição de quem as sofre. Enfim, ha egoismo louvavel e nobre, o que nos eleva sem sacrificarmos os nossos semelhantes; necessario e portanto innocente o que nos conserva e augmenta, respeitando quanto ser possa o bem estar alheio; condemnavel (verdadeiro egoismo) o que nos leva a tudo e todos sacrificar ás nossas conveniencias, orgulho, vaidade, caprichos... quem o tem torna-se o inimigo encarnado dos seus semelhantes e a peste da sociedade, que com toda a justiça o ha de combater e inutilisar se tanto poder.

V. fabulas 4.<sup>a</sup>, 22.<sup>a</sup>, 23.<sup>a</sup>, 50.<sup>a</sup>, 56.<sup>a</sup>, 106.<sup>a</sup>, 115.<sup>a</sup>, 121.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 163, 182.<sup>a</sup>, 194.<sup>a</sup>, 216.<sup>a</sup>, 250.<sup>a</sup>, 257.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 284.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup>, 359.<sup>a</sup>, 365.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. tambem—caridade, generosidade, direitos e deveres.

**Honrades.** — Consiste na pratica da moral com relação á sociedade. — «Vemos» diz E. Hartmann «numa e mesma sociedade o codigo moral d'um individuo compor-se de dois capitulos: o primeiro contem as regras que são communs a toda a sociedade; o segundo a moral profissional que varia com o officio do individuo.»

Homens ha na sociedade que se contentam com o segundo capitulo mencionado por Hartmann, que se julgam honrados e são tidos geralmente como taes, quando estão fora da alçada do Código Penal. Serão o que quizerem, mas para mim o homem honrado é aquelle que não deixa de o ser em tudo e em todas as occasiões.

V. fabulas 17.<sup>a</sup>, 108.<sup>a</sup>, 193.<sup>a</sup>, 238.<sup>a</sup>, 296.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. tambem—apparencias, brío.

**Hypocrita.** — Muito se tem abusado d'esta palavra applicando-a á prudencia e á decencia. Hypocrita é o homem que apparenta o que não é, e encobre as suas más

qualidades para enganar e lucrar, e nesse sentido—bons exteriores com maus interiores são hypocrisias—como diz Vieira.

A hypocrisia, diz La Rochefoucauld, é o tributo que o vicio paga á virtude. Esta maxima, porém, muito bellamente formulada deve entender-se em termos que não se tenha por virtude o que é um grande vicio. É um tributo louvavel quando alguém esconde defeitos que só a elle prejudicam para não escandalizar os demais e cair no seu desprezo, que nem sempre seria justo, porém muito pouco accetavel quando se occultam ruins qualidades e se apparentam boas para em seu proveito enganar; assim, dizem, chora o cocodilo. Quem tiver uma chaga repugnante trate de a encobrir para não causar nojo aos demais; devendo porém, se ella for contagiosa, fugir todas as occasiões de lha communicar, dando-se por sã e escorceto. Quem não pôde ser casto, sem blazonar de que o é, seja pelo menos cauto; a estes todos chama hypocritas o descarado e o devasso.

V. fabulas 20.<sup>a</sup>, 30.<sup>a</sup>, 56, 76.<sup>a</sup>, 90.<sup>a</sup>, 91.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 104.<sup>a</sup>, 118.<sup>a</sup>, 127.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 124.<sup>a</sup>, 137.<sup>a</sup>, 145.<sup>a</sup>, 156.<sup>a</sup>, 167.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 198.<sup>a</sup>, 199.<sup>a</sup>, 261.<sup>a</sup>, 262.<sup>a</sup>, 267.<sup>a</sup>, 284.<sup>a</sup>, 285.<sup>a</sup>, 287.<sup>a</sup>, 293.<sup>a</sup>, 299.<sup>a</sup>, 308.<sup>a</sup>

V. tambem—apparencias, caridade, impostura.

**Imitação macaqueada.**—O homem copia ou imita sempre, embora inconscientemente; pôde porém não só imitar com conhecimento de causa, mas ainda desenvolver, embellezar o que imita; isso é o mais que lhe é dado alcançar e só o fax o verdadeiro merito.

A macaqueação é um acto quasi machinal proprio dos homens e de muitos animaes. É um bem quando se macaquea o que é bom, sem o deturpar, e serve de regra de conducta a quem não é capaz de se dirigir; o que acontece a muita gente e boa.

V. fabulas 1.<sup>a</sup>, 13.<sup>a</sup>, 27.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 62.<sup>a</sup>, 63.<sup>a</sup>, 117.<sup>a</sup>, 203.<sup>a</sup>, 220.<sup>a</sup>, 219.<sup>a</sup>, 346.<sup>a</sup>

V. tambem—critica, politica, vaidade.

**Impostura.**—Pode em parte dizer-se d'ella o que ficou dito da hypocrisia, poisque muitos alcunham de impostura o que é só compostura. Toma-se tambem no sentido

de presumpção e está para a vaidade, como para o orgulho a soberba e a arrogância.

V. *fabulas* 4.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup>, 27.<sup>a</sup>, 39.<sup>a</sup>, 52.<sup>a</sup>, 56.<sup>a</sup>, 64.<sup>a</sup>, 66.<sup>a</sup>, 67.<sup>a</sup>, 74.<sup>a</sup>, 76.<sup>a</sup>, 83.<sup>a</sup>, 84.<sup>a</sup>, 91.<sup>a</sup>, 92.<sup>a</sup>, 93.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 104.<sup>a</sup>, 111.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 122.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 124.<sup>a</sup>, 125.<sup>a</sup>, 131.<sup>a</sup>, 134.<sup>a</sup>, 136.<sup>a</sup>, 138.<sup>a</sup>, 146.<sup>a</sup>, 147.<sup>a</sup>, 148.<sup>a</sup>, 158.<sup>a</sup>, 160.<sup>a</sup>, 161.<sup>a</sup>, 164.<sup>a</sup>, 167.<sup>a</sup>, 171.<sup>a</sup>, 180.<sup>a</sup>, 186.<sup>a</sup>, 197.<sup>a</sup>, 198.<sup>a</sup>, 199.<sup>a</sup>, 203.<sup>a</sup>, 210.<sup>a</sup>, 221.<sup>a</sup>, 227.<sup>a</sup>, 230.<sup>a</sup>, 224.<sup>a</sup>, 235.<sup>a</sup>, 237.<sup>a</sup>, 247.<sup>a</sup>, 253.<sup>a</sup>, 256.<sup>a</sup>, 261.<sup>a</sup>, 267.<sup>a</sup>, 273.<sup>a</sup>, 277.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 281.<sup>a</sup>, 283.<sup>a</sup>, 293.<sup>a</sup>, 294.<sup>a</sup>, 295.<sup>a</sup>, 298.<sup>a</sup>, 299.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup>, 346.<sup>a</sup>, 353.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — apparencias, critica, hypocrisia, opinião publica, politica, vaidade.

**Indole.** — Quer boa quer má depende da organização de cada individuo e dos instinctos herdados. Indoles ha tão ruins que resistem á melhor educação; outras são boas que pouco soffrem com a peor. Também as ha intermedias, que são as mais communs, e para estas é que a educação se torna mais necessaria, bem como para algumas que são por assim dizer indifferentes e igualmente capazes de melhorar ou peiorar. A indole ruim de certo que attenua a responsabilidade moral do individuo que a tem, mas não a destroe; e muito menos deve tirar garantias aos que nasceram mais bem dotados ou aproveitaram os beneficios da educação. Se ninguem é culpado por ter nascido com instinctos ferozes, também o não é quem soffre de doença contagiosa ou de leucura; curem uns e outros ou isolem-se para não causarem prejuizo aos demais.

V. *fabulas* 3.<sup>a</sup>, 13.<sup>a</sup>, 19.<sup>a</sup>, 26.<sup>a</sup>, 34.<sup>a</sup>, 39.<sup>a</sup>, 62.<sup>a</sup>, 63.<sup>a</sup>, 80.<sup>a</sup>, 97.<sup>a</sup>, 111.<sup>a</sup>, 119.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 143.<sup>a</sup>, 165.<sup>a</sup>, 166.<sup>a</sup>, 167.<sup>a</sup>, 176.<sup>a</sup>, 183.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 208.<sup>a</sup>, 214.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 259.<sup>a</sup>, 268.<sup>a</sup>, 287.<sup>a</sup>, 314.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — educação, critica, inveja.

**Inveja.** — Não é a vontade de com os nossos esforços alcançarmos qualidades, posição, fortunas eguaes ás que vemos nos outros mais bem favorocidos, nem a magua de não as podermos honradamente possuir, pois a isso devo chamar se emulação, sentimento muito nobre; mas o desejo de as possuirmos embora aquelles fossem d'ellas despojados, e a magua que nos causam as venturas alheias de que não podemos nem podíamos gosar.

V. *fabulas* 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 29.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 54.<sup>a</sup>, 69.<sup>a</sup>, 95.<sup>a</sup>, 97.<sup>a</sup>, 126.<sup>a</sup>, 136.<sup>a</sup>, 201.<sup>a</sup>, 227.<sup>a</sup>, 244., 252.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — calúnia, crítica, indole.

**Justiça.** — Devo-se a todos, ainda os peiores. Shakspeare faz dizer a Bruto na sua apologia acerca da morte de Cesar (Julio Cesar, 3.<sup>a</sup>, sc.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup>). — Assim lagrimas pela sua amizade, alegria pelos seus triumphos, respeito pelo seu valor e a morte pela sua ambição... Os motivos da sua morte estão registados no Capitólio em narração imparcial nada diminuindo da gloria que elle justamente alcançou, nem carregando as culpas que lhe mereceram a morte.

Ao mau hasta a sua maldade e o castigo que lhe foi applicado: negar-lhe algum merito que tenha parece ainda maior injustiça do que alguns a quem tiver muitos; é roubar o pobre, affligir o afflicto.

Recusar-se também que procurando praticar com alguém o que se affigura justiça, se façam favores á custa elleita Representar de Providencia é admissivel até certo ponto, requer porém muita prudencia, pois se corre o risco de apenas imitar D. Quixote, ou de ser altamente injusto.

V. *fabulas* 5.<sup>a</sup>, 20.<sup>a</sup>, 22.<sup>a</sup>, 41.<sup>a</sup>, 128.<sup>a</sup>, 130.<sup>a</sup>, 133.<sup>a</sup>, 136.<sup>a</sup>, 138.<sup>a</sup>, 146.<sup>a</sup>, 150.<sup>a</sup>, 156.<sup>a</sup>, 165.<sup>a</sup>, 232.<sup>a</sup>, 293.<sup>a</sup>, 313.<sup>a</sup>, 363.<sup>a</sup>, 365.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — apparencias, direitos e deveres.

**Manceiras.** — Perdem muito do seu valor se não tiverem por base a boa educação, pois d'ella devem ser o complemento e o adorno, mas ainda assim e na falta d'aquelle sempre podem tornar um homem supportavel senão estimavel. Lord Cherterfield não cessava de as recomendar ao filho nas suas celebres cartas, as quaes tirado o que o tempo tem alterado nos costumes são ainda um dos melhores compendios para a educação de um cavalheiro. As manceiras agradam aos superiores, captivam os inferiores, e são indispensaveis para se conservar a convivencia.

V. *fabulas* 1.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 109.<sup>a</sup>, 166.<sup>a</sup>, 182.<sup>a</sup>, 184.<sup>a</sup>, 185.<sup>a</sup>, 225.<sup>a</sup>, 247.<sup>a</sup>, 256.<sup>a</sup>, 274.<sup>a</sup>, 343.<sup>a</sup>, 350.<sup>a</sup>, 362.<sup>a</sup> e notas respectivas.

V. também — convivencia, educação, nível social, vaidade.

**Mérito.** — Raro se encontrará perfeito em alguém, e rarissimo de mais de uma especie. Demais, depende da epocha em que viveu ou vive o individuo, e como esta acaba e a humanidade progride, tende sempre e a diminuir quanto ao genero em que se deu e a importancia d'esse mesmo genero. Um famoso constructor de aqueductos quando as aguas eram conduzidas sobre arcarias, seria de certo muito menos apreciado hoje em que ellas se levantam por meio de syphões; um escriptor de grande merito com relação ao estado de adiantamento do país em que vive e da lingua ainda meio-barbara, tel-o-ha muito menor em epocha mais avancada. Não se lhe deve diminuir o merito, julgado no seu tempo; mas raro se lhe podera conceder igual na actualidade. A sua obra perde ainda mais do valor com a açáo do tempo, pois quanto a forma torna-se inintelligivel para a maior parte da gente, e quanto as ideas, que são mais ou menos admiradas ou ainda admissiveis segundo o desenvolvimento social.

V. fabelas 10.<sup>a</sup>, 13.<sup>a</sup>, 37.<sup>a</sup>, 68.<sup>a</sup>, 82.<sup>a</sup>, 87.<sup>a</sup>, 88.<sup>a</sup>, 95.<sup>a</sup>, 99.<sup>a</sup>, 103.<sup>a</sup>, 115.<sup>a</sup>, 114.<sup>a</sup>, 125.<sup>a</sup>, 134.<sup>a</sup>, 136.<sup>a</sup>, 164.<sup>a</sup>, 176.<sup>a</sup>, 197.<sup>a</sup>, 202.<sup>a</sup>, 203.<sup>a</sup>, 273.<sup>a</sup>, 276.<sup>a</sup>, 283.<sup>a</sup>, 298.<sup>a</sup>, 343.<sup>a</sup>, 345.<sup>a</sup>, 356.<sup>a</sup>, 337.<sup>a</sup>, 358.<sup>a</sup>, 362.<sup>a</sup>, 366.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. tambem—brío, honradex, talentos, trabalho.

**Nível social.** — A humanidade nunca foi nem é homogenea; d'ali niveis diferentes que difficilissimamente se harmonizam entre si, isto quanto a intelligencia, instrucáo, religião... etc. Os grandes philosophos antigos tinham porisso duas doutrinas: uma a *esoterica* (secreta) só para os adeptos; outra a *exoterica* (vulgar). Socrates foi victimo por se descuidar em seguir a risca este systema. O christianismo exigia um noviciado antes de se revelar completamente aos que pretendiam abraçal-o; o mesmo succedia com outras religiões antigas que tinham seus mysterios quasi os de Eleusis, onde só eram admittidos os adeptos que passassem um certo numero de provas. Os homens collocados em niveis sociaes diferentes, tendo portanto pensar e interesses diversos, antipatizam geralmente entre si, donde nasce o desprezo nos de nível superior, a inveja e o odio nos do inferior. Os partidarios do verdadeiro progresso, trabalhando para diminuir ou acabar com essas differenças o devem fazer educando e elevando sempre e nunca rebaixando ou destruindo.



V. fábulas 6.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup>, 26.<sup>a</sup>, 50.<sup>a</sup>, 85.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 112.<sup>a</sup>, 113.<sup>a</sup>, 114.<sup>a</sup>, 204.<sup>a</sup>, 341.<sup>a</sup>, 352.<sup>a</sup>, 356.<sup>a</sup>, 358.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — associação, brio, convivência, educação, maneiras.

**Opinião pública.** — Nasce de varias opiniões particulares, que hoje se propagam de ordinario pela imprensa; e que, fundadas em informações mais ou menos exatas e em apreciações mais ou menos apaixonadas, interesseiras ou esclarecidas pouco e pouco se confundem e se modificam segundo a indole e estado de desenvolvimento moral e intellectual da sociedade, não sendo porisso raro, antes vulgarissimo, que se altere findando no contrario do que começou a ser. — A opinião publica é pois norma muito pouco segura. É forçoso porém respeitá-la pelo menos ostensivamente; porque, como disse Mirabeau — quando todos erram todos tem razão — salvo em caso de grave injustiça, porque por cousas futeis não vale a pena expor-se ao martyrio.

V. fábulas 1.<sup>a</sup>, 14.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup>, 29.<sup>a</sup>, 30.<sup>a</sup>, 41.<sup>a</sup>, 53.<sup>a</sup>, 60.<sup>a</sup>, 88.<sup>a</sup>, 92.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 103.<sup>a</sup>, 120.<sup>a</sup>, 125.<sup>a</sup>, 134.<sup>a</sup>, 138.<sup>a</sup>, 142.<sup>a</sup>, 145.<sup>a</sup>, 154.<sup>a</sup>, 159.<sup>a</sup>, 161.<sup>a</sup>, 164.<sup>a</sup>, 173.<sup>a</sup>, 182.<sup>a</sup>, 210.<sup>a</sup>, 222.<sup>a</sup>, 223.<sup>a</sup>, 231.<sup>a</sup>, 234.<sup>a</sup>, 235.<sup>a</sup>, 237.<sup>a</sup>, 247.<sup>a</sup>, 249.<sup>a</sup>, 253.<sup>a</sup>, 257.<sup>a</sup>, 277.<sup>a</sup>, 279.<sup>a</sup>, 312.<sup>a</sup>, 330.<sup>a</sup>, 334.<sup>a</sup>, 335.<sup>a</sup>, 338.<sup>a</sup>, 350.<sup>a</sup>, 357.<sup>a</sup>, 362.<sup>a</sup>, 364.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — apparencias, critica.

**Orgulho.** — Sentimento nascido da estima que temos de nós mesmos. Em termos comedidos é o brio — qualidade nobre sem que a qual o homem se torna desprezível e desprezado; exaggerado degenera, por factos, em soberba e arrogancia, o que o torna prejudicial a quem o tem e insupportavel aos demais. O orgulho basea-se ou julga basear-se em qualidades moraes e intellectuales; a vaidade funda-se geralmente em qualidades physicas e apparencias espectaculosas.

V. fábulas 34.<sup>a</sup>, 37.<sup>a</sup>, 174.<sup>a</sup>, 186.<sup>a</sup>, 234.<sup>a</sup>, 286.<sup>a</sup>, 324.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — brio, vaidade.

**Philosophia.** — A definição que mais me tem quader de quantas li e já me não lembro é — a explicação racional dos factos, tomando este termo no seu sentido mais

lato. Assim pôde haver philosophia de cada uma das sciencias ou conhecimentos humanos; quando aquellas se elevam a ponto de explicar racionalmente os factos em que se fundam tornam-se philosophicas.

Philosophia toma-se tambem vulgarmente no sentido de juizo, sensatez que levam o homem a que não dê a cada acontecimento mais valor do que elle merece; e a saber conduzir-se no meio dos contratempos da vida, a ser prudente.

V. fabulas 1.ª, 11.ª, 14.ª, 15.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 24.ª, 28.ª, 30.ª, 32.ª, 39.ª, 43.ª, 49.ª, 52.ª, 58.ª, 59.ª, 69.ª, 88.ª, 90.ª, 92.ª, 94.ª, 98.ª, 100.ª, 110.ª, 116.ª, 121.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 125.ª, 126.ª, 127.ª, 128.ª, 132.ª, 133.ª, 141.ª, 150.ª, 151.ª, 153.ª, 155.ª, 164.ª, 169.ª, 234.ª, 238.ª, 240.ª, 241.ª, 247.ª, 250.ª, 251.ª, 258.ª, 260.ª, 273.ª, 276.ª, 278.ª, 281.ª, 282.ª, 283.ª, 285.ª, 288.ª, 293.ª, 294.ª, 295.ª, 299.ª, 303.ª, 305.ª, 307.ª, 310.ª, 315.ª, 318.ª, 329.ª, 322.ª, 324.ª, 325.ª, 326.ª, 328.ª, 330.ª, 334.ª, 336.ª, 343.ª, 345.ª, 348.ª, 356.ª, 358.ª, 359.ª, 361.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. tambem — educação, politica.

**Politica.** — Sciencia de governar os povos e que exige profundos e especiaes conhecimentos e longa experiencia, que porisso poucas podem ter; mas que muitos ou quasi todos julgam possuir. Varia necessariamente segundo os povos a governar e segundo as differentes epochas do desenvolvimento d'estes. Quem d'isto duvidar leia o que cada dia estão escrevendo, uns dos outros, os diversos partidos e verá tambem em pratica a verdade das fabulas. — Os dois ramos, — a dupla demonstração. — Os jogadores...

Bom ou mau, porém é indispensavel haver um governo, e se este não fór o melhor que podia ser a culpa é de todos, partidos politicos e governados.

V. fabulas 10.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª, 33.ª, 35.ª, 38.ª, 42.ª, 43.ª, 72.ª, 74.ª, 77.ª, 78.ª, 79.ª, 88.ª, 94.ª, 101.ª, 110.ª, 115.ª, 123.ª, 131.ª, 133.ª, 135.ª, 139.ª, 141.ª, 143.ª, 150.ª, 153.ª, 158.ª, 160.ª, 161.ª, 162.ª, 171.ª, 173.ª, 174.ª, 180.ª, 189.ª, 191.ª, 195.ª, 199.ª, 203.ª, 207.ª, 209.ª, 210.ª, 212.ª, 215.ª, 216.ª, 221.ª, 226.ª, 228.ª, 229.ª, 230.ª, 235.ª, 248.ª, 260.ª, 262.ª, 267.ª, 279.ª, 283.ª, 285.ª, 286.ª, 288.ª, 291.ª, 300.ª, 302.ª, 306.ª, 310.ª, 318.ª, 326.ª, 331.ª, 337.ª, 338.ª, 339.ª, 343.ª, 344.ª, 346.ª, 347.ª, 359.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. Tambem — educação, impostura, philosophia, talento.

**Progresso.**—Lei geral do desenvolvimento de todos os seres; assim como o é da sua decadência. Tudo o ser que nasce, desenvolve-se, estaciona e decahe. Da-se isto com relação aos indivíduos, as raças, as nações; dar-se-ha também com relação a humanidade em geral? Conhecemos diversas fases do seu desenvolvimento, e não podemos deixar de ter a convicção de que foi continuo, e que ha de ainda durar pelo menos por um tempo que escapa a todos os calculos. Findará elle, e chegará a epocha de estacionar, e a da geral decadência? Vivemos; ainda inconscientemente nos nossos antepassados, viveremos do mesmo modo nos nossos vindouros; porém viverão elles sempre na terra? Não deixará esta de existir no estado em que possa sustentar a vida organica tal qual hoje existe? Estou que estes problemas bem como o da origem primitiva das cousas são d'aquelles a que o homem nunca dará solução; e confesso, na minha ignorancia, que nem vejo nella grande utilidade.

V. fabulas 20.<sup>a</sup>, 21.<sup>a</sup>, 28.<sup>a</sup>, 30.<sup>a</sup>, 33.<sup>a</sup>, 35.<sup>a</sup>, 82.<sup>a</sup>, 98.<sup>a</sup>, 101.<sup>a</sup>, 110.<sup>a</sup>, 121.<sup>a</sup>, 123.<sup>a</sup>, 125.<sup>a</sup>, 141.<sup>a</sup>, 173.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 203.<sup>a</sup>, 204.<sup>a</sup>, 209.<sup>a</sup>, 212.<sup>a</sup>, 229.<sup>a</sup>, 247.<sup>a</sup>, 292.<sup>a</sup>, 315.<sup>a</sup>, 316.<sup>a</sup>, 324.<sup>a</sup>, 329.<sup>a</sup>, 361.<sup>a</sup>, 362.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também—brío, trabalho, vida futura.

**Providencia.**—Providencia ou ainda providencia (de ver antes). É o contar com o que os acontecimentos, que se sabem podem produzir ou desfazer. É a grande arte de vida na opinião de Cicero; e na de Vieira, —«um homem prudente nunca dirá — não cuidei.» Exagerada degenera em timidez, tornando o homem acanhado e incapaz de tentar coisa que preste. O acaso não existe: porém, como não é possível calcular todos os acontecimentos futuros, calculem-se os mais proximos e provaveis e esteja-se sempre disposto a arrostar com o peor.

V. fabulas 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 11.<sup>a</sup>, 12.<sup>a</sup>, 16.<sup>a</sup>, 32.<sup>a</sup>, 40.<sup>a</sup>, 53.<sup>a</sup>, 49.<sup>a</sup>, 51.<sup>a</sup>, 52.<sup>a</sup>, 57.<sup>a</sup>, 58.<sup>a</sup>, 63.<sup>a</sup>, 65.<sup>a</sup>, 67.<sup>a</sup>, 69.<sup>a</sup>, 70.<sup>a</sup>, 72.<sup>a</sup>, 73.<sup>a</sup>, 75.<sup>a</sup>, 77.<sup>a</sup>, 79.<sup>a</sup>, 85.<sup>a</sup>, 94.<sup>a</sup>, 100.<sup>a</sup>, 104.<sup>a</sup>, 105.<sup>a</sup>, 115.<sup>a</sup>, 127.<sup>a</sup>, 134.<sup>a</sup>, 139.<sup>a</sup>, 140.<sup>a</sup>, 149.<sup>a</sup>, 150.<sup>a</sup>, 155.<sup>a</sup>, 161.<sup>a</sup>, 170.<sup>a</sup>, 172.<sup>a</sup>, 179.<sup>a</sup>, 183.<sup>a</sup>, 188.<sup>a</sup>, 190.<sup>a</sup>, 192.<sup>a</sup>, 200.<sup>a</sup>, 206.<sup>a</sup>, 207.<sup>a</sup>, 220.<sup>a</sup>, 225.<sup>a</sup>, 232.<sup>a</sup>, 233.<sup>a</sup>, 235.<sup>a</sup>, 236.<sup>a</sup>, 243.<sup>a</sup>, 251.<sup>a</sup>, 258.<sup>a</sup>, 258.<sup>a</sup>, 259.<sup>a</sup>, 260.<sup>a</sup>, 263.<sup>a</sup>, 270.<sup>a</sup>, 274.<sup>a</sup>, 325.<sup>a</sup>, 328.<sup>a</sup>, 333.<sup>a</sup>, 339.<sup>a</sup>, 344.<sup>a</sup>, 348.<sup>a</sup>, 355.<sup>a</sup>, e notas respectivas.

V. também — philosophia.

**Superstição.** — Provem da ignorancia, da fraqueza de espirito, do receio, da necessidade de acreditar, inherente ao homem quando mal dirigida pela primeira educação. Acanha o espirito e faz praticar acções pelo menos inúteis e ridiculas. Quando excessiva degenera em fanatismo e perseguição aos que não a partilham. Todo o ignorante, é supersticioso; porém este nem sempre é ignorante; homens ha illustrados que são supersticiosos, ja porque se deu uma falta no desenvolvimento da sua intelligencia; ja porque foi esta evada naquella sentida, e sem remedio na primeira educação que receberam. Ha muitissimo mais supersticiosos do que vulgarmente se imagina e sempre os haverá em todas as classes da sociedade, enquanto durar a desastrosa educação que em todas ellas se dá ás creanças.

V. fabelas, 26\*, 32\*, 117\*, 151\*, 231\*, 299\*, e notas respectivas.

V. tambem — apparencias, hypocrisia, impostura.

**Talentos.** — Disposições naturaes, aptidões a cima das vulgares para se obterem conhecimentos, e porisso variam aquellas tanto como estes. Antiguamente significou vontade, desejo donde — *talante*. Fernão Lopes na Chr. de D. João I — c. 9. diz — «muito talentoso (desejoso) de ver tal feito acabado. Assim significa em francez antigo. — *Talent de bien faire* — foi a devise do famoso infante D. Henrique, e bella, porque a boa vontade vence muito — mais faz quem quer que quem pode, diz o rillo. Neste sentido a significação antiga da palavra tornou-se contraria á moderna, porquê o talento é independente da vontade. *Talentosa*, porém, significa em lalin não só uma certa somma ou peso de metal precioso, senão tambem riquezas thesours, e d'ahi vem a significação moderna da palavra entre nos.

Muitissimas vezes, infelizmente, tomam-se por talento as suas apparencias, mórmente nas creanças precoces, dotadas do que a gente séria chama esperteza de rato; e nos homens a impostura, a audacia, a facundia óca e apparatusa com que sabem lançar poeira nos olhos. Tambem vulgarmente se erra julgando que aquelle que tem talento para uma sciencia ou arte o possui para outras e até para tudo. O talento é apenas um meio um instrumento de superior qualidade que pode ficar esteril por falta de applica-

ção, e servir para o bem e para o mal, segundo as mãos que o empregarem, e nem sempre é acompanhado de prudência e de senso commum. O talento facilita o trabalho (quando não desgosta d'elle) mas não o substitue totalmente. Ouvi dizer a dois homens ambos d'elle dotados (era um Alexandre Berculano) que não acreditavam em talentos, mas sim no trabalho.

V. fabelas 13.ª, 15.ª, 38.ª, 53.ª, 63.ª, 87.ª, 88.ª, 92.ª, 103.ª, 134.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 231.ª, 257.ª, 258.ª, 263.ª, 264.ª, 275.ª, 300.ª, 331.ª, 351.ª, e notas respectivas.

V. tambem—apparencias, impostura, indole, merito, opinião publica.

**Trabalho.**—O homem não pode viver sem trabalhar ou aproveitar-se do trabalho alheio. O homem que vive só para o prazer não differe do animal imitado senão pela especie do chiqueiro onde se relouca. Um ocio assim é prejudicial a si mesmo e inutil, senão nocivo, aos outros. O trabalho eleva, enobrece o homem que, sem elle, fora o mais miseravel dos animaes.

V. fabelas 40.ª, 82.ª, 87.ª, 99.ª, 114.ª, 119.ª, 127.ª, 202.ª, 203.ª, 207.ª, 213.ª, 258.ª, 271.ª, 273.ª, 275.ª, 281.ª, 282.ª, 298.ª, 321.ª, 333.ª, 334.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. tambem — brio, merito, progresso, talentos.

**Validade.**—Desejo da admiração e applauso dos outros de ordinario fundado em motivos frivolos e até ridiculos. Raro quem não é um pouco valdoso. A validade alheia incommoda-nos as mais das vezes porque vem ferir a nossa. Esta, se nos causa dissabores tambem nos porpreciosa prazeres. A validade pode ser o movel de acções ruins e tambem o é de acções boas e até gloriosas. No tracto entre os homens ha uma troca de transgencias com a validade, sem as quaes a convivencia seria quasi impossivel. Deve dar-se, porém, com moderação, para que não degenerem em baixaza, e possa conservar algum valor. Molière faz dizer no seu Misantropo: —«Que apreço se pode dar aos protestos de estima de quem os vai logo repetir ao primeiro bisborrea que encontrar?»

V. fabelas 6.ª, 13.ª, 18.ª, 27.ª, 28.ª, 31.ª, 32.ª, 44.ª, 46.ª, 48.ª, 53.ª, 60.ª, 61.ª, 62.ª, 64.ª, 69.ª, 82.ª, 84.ª, 102.ª, 106.ª, 112.ª, 118.ª, 120.ª, 134.ª, 137.ª, 145.ª, 147.ª, 152.ª, 154.ª, 177.ª, 189.ª, 182.ª, 191.ª, 165.ª, 197.ª, 203.ª, 219.ª, 220.ª, 221.ª,

256.ª, 265.ª, 270.ª, 274.ª, 304.ª, 307.ª, 324.ª, 331.ª, e notas respectivas.

V. também—orgulho, convivência, maneiras.

**Vida futura.**—Do passado provem o presente e d'esta ha de vir o futuro, porque nada morre, senão que se transforma. Tudo me leva a crer que essas transformações hão de ser sempre para melhor, pois que o progresso é a lei innegavel da natureza desde os tempos historicos e ainda os prehistoricos de que temos conhecimento.

V. fabulas 21.ª, 246.ª, 281.ª, 292.ª, 332.ª e notas respectivas.

V. também—progresso.

## EMENDAS E ALTERAÇÕES A FAZER NAS FÁBULAS

(OS VERSOS AQUI IMPRESSOS  
DEVEM SUBSTITUIR OS EMENDADOS OU ALTERADOS.)

Pag.	Versos	
1	5	De ser
		Mais dura que um osso
	8	Depois de 'star bem de molho
	10	Que num pego muito fundo
2	11	Cabia quem Procurava
	3	Seja qual fór o sentido,
	7	Sem Vestido
	8	Sem Seguer uma camisa!
	12	E era caso de fugir,
	13	Pois quem Não se escandaliza
	14	De ver
	15	(É, peor, de ouvir)
	18	Ninguem A quiz receber.
	29	Sempre caridosa ser.
3	1	Ha mulher que não As tenha
	3	Do coração?

Pag.	Versos	
3	6	Achegue-se bem de mim;
	20	De trapos e de ouropes
	23	Que as civis e que as moças;
	25	Porque, enfim, Era mulher.
	27	Depois de assim
	28	Revestida (2), Recebita
4		Foi'tê nos pucos reaes
	8	Quando a viu ataviada
	11	Se gosto d'ella enfeitada,
	12	Se foi acerto adonal-a!
	15	Poisque, sabendo d'ural-a,
	20	Quando a verdade se diga (Com maneiras Não grosseiras)
	21	Livre de tanto rodicio
	22	Com que ainda se mitiga,
	24	Te pão-pão E queijo-queijo
	25	Porém, Ainda não, Veia
	26	( <i>Elunira-ze!</i> )
	28	Muita fabula até lá
29	No mundo tem De appar'cer	
5	1	Se te enfadam meu censor,
	2	( <i>Depois d'este verso</i> )      Só prazer
6	19	Novo escultor
	2	Disse:—«Muito bem pensou
	3	(Se não foi aconselhado)
	8	Vem d'ahi: pois onde está
	9	O merito do escultor
	10	Quando o acaso assim lhe dá
	11	Tão
12	Prestimoso metal	
13	Não	
7	20	Imagine o leitor
	2	D'um vallado no meu campo Nojento sopo que o viu



Pag.	Verseos	
7	4	Nelle a peconbenta haba.
	10	Nada fiz de que me accuses.»
	11	Torna o sapo:—«E porque lizas?»
13 a 17		Bradei eu, alli ao—pé
		«Que torpe sempre deseja
		Destruir, enlodacar
		Tudo quanto bello seja.
		Não te quero eu esmagar
		Que me sujavas o pé.»
	20	Ha raposa
	21	O leão disse uma vez:
8	13	Os socios saõ
	15	Que aos consocios perguntou:
	26	Coma a raposa o menor.»
	29	Recobe tal exclução
9	6	A raposa que tal viu
	12	Brada o leão:
16 a 26		«Um doutor:»
		A raposa respondeu:
		«Parece que 'stou a vel-o
		Com seu capello
		Vermelho
		Este conselho
		Me den:
		—Jamais vas com teu
		Senhor
		Metter-te a pigar as pernas;
		Pois, que esperas?
		Sirvam-te os outros de espelho (4).»
10	4	O malvado,
	5	Nem
		Lhe deixará provar
	8	E morre sem
		Oratorio (5).
	9	Cordeirinho maldadado
	10	E novato
	12	Para beber num regato
11	3	Quando eu nelle quis beber;
	6	Volta tremendo o cordeiro:
11 a 19		Es tu que mentes, meu
		Traste,

Pag.	Versos	
11		E sei tambem que fallaste Ha dois annos contra mim.» —«Inda nao Era nascido Ha só um Que ao mundo vim.» «Seria algum Teu irmão, E por elle vais pagar.» —«Irmãos não Tenho.»—«Atrevido!
12	11	Vinha cahir na cilada
	14	Do burro, no fim Da festa
	15	«A troupa é ruim Ou presto?»
	17	Torna-lhe o outro; e esta caça,
	18	Ignorando a tua raza,
13	1 a 3	O lobo, uma vez, um osso, Por muito comprido ou grosso, De todo não enguliu
	9 a 11	Quando sem Falla acenava E nem Eu só lhe oudia;
	19	De quanto bicho alli via.
	13	Se o trabalho lhe pagava.
14	13	Quando algum Homem de bem
	14	Vir um Malvado enganado,
15	5	Majestosos animaes,
	8 a 11	—«Não Sou ainda tão Bocão» Disse então O gosinheiro Pois logo cahiu em si; Que va matar Um galteiro
	14	Foi um ganso que apanhou;

Pag.	Versos	
15	19	Sem gritos ou palavras
	20	E ainda de bom humor
	21	Tem, ás vezes, seu valor (10).
16	7	Houveram emfim por bem
	13	Entregam como refens,
	19	—Atras d'um tempo outro vem.—
17	4 a 11	Matam os refens Dos cães, Correm directo aos curraes! (Os zagaes Dormiam todos, fiados Na santa fé dos tractados) Alli com os filhos, então Quasi em forças seus eguaes, 14 a 16 Lembra-te deste painel; Cum malvados Foge sempre de tractados. 18 8 ( <i>Depois d'este verso</i> ) Sem cessar 9 Outr'ora, que o receitaram, 11 Quando injusticias passadas 13 Exigir seu pagamento (11). 14 Não Foi o tigre presente; 15 ( <i>Elimina-se</i> ) 17 Ainda aos mais inferiores ult. Mas nada lhe disse, e foi-se; 19 2 Em lembrança da caçada (13). 6 Assim á chucha-calada, 9 Se vingou; 26 Já moribundo o leão: 20 7 Mas—homem remediado— 11 Mais o seu gado. 21 4 A dizer:—«Se tenho pão 5 Também O tem O meu elo; 8 Queira ou não Até morrer. 9 Vida minha, desgraçada! 11 A levam tanto: e porquê? 17 Não posso trabalhar mais

Pag.	Versos	
21	18	Do que faço. E os demais...
	19	Pois não se ganha com o ocio?
	20	Tiveram outro trabalho,
	22	Com as terras do Ultramar.
	ult.	Este perdeu-se em baixio,
22	21	Garpindo se julga alguém,
	22	Até vir maior desgraça
23	9	(Ele moço já não Era)
	21	Basta dizer que me pelto
24	19	Brada o amigo afinal,
	20	Com effeito é começada.
	25	Foi sua morte vingada,
	27	No mesmo estado
	29	Qual um paiz conquistado
25	1	Um escandalo,
	2	Cyclone que alli passou!
	18	De trabalho e de pancadas,
	19	Notando quanto estimadas
26	1	Não attendendo a que raças
		E tamanhos differiam:
	12	Dar o seu lindo pésinho;
	22	( <i>Depois d'este verso</i> ) De terror
27	4	Longe de serem damnhos,
	5	Eram até animaes
	6	Aós nautas mui serviaes,
	10	Ou se via lá em p'rigos:
13 a 17		Doz humens. Lindas chimeras!
		Illusões d'antigas eras,
		Erros de ha muito passados!
		Hoje os golfinhos fígados
		São
		Por causa das gorduras,
	18	Que pessimo cheiro deitam,
	19	Mas que muitos aproveitam
	20	Por não
		Ficar as escuras (19).
28	11 a 12	À terra os humens levando
		Em cima do seu costado.
	14	Um d'elles, indo montado
	17	Lhe pergunta, conversando:

Pag.	Versos	
28	19	Aparentado Do que eu.
	20	Filho sou de magistrado,
	21	Tenho irmão grande letrado,
	ult.	Quando estava de partida.»
29	3	Quem Nelle vinha montado ;
	6	Mergulha sem Mais enyaco
	10	Quantos mariscos não ha
	11	Que por muito bem Calados
	12	Tem De sabios alvará,
14 a 16	( <i>Eliminao-se</i> )	
30	ult.	Que mostrou Junto do leito
31	3	Do feixe nenhuma Vara.
	5	Eis logo o velho as separa
	6	Uma
		Após outra partiú.
	17	Nenhum
		Mais se recordou ;
	19	Ver-se cada um Perfido
32	5	Com os queixumes que sollava,
		Em triste pranto banhado.
	7	Outro, se mal lhe chegava
	8	O gaúbo para comer ?
	9	Porisso nada o acalma :
	21	—«Aqui o tens todo inteiro,
33	16	E com este se abraçou
	29	( <i>Eliminao-se</i> )
34	1 a 4	O d'ouro, muito depressa, Deixa logo, pelo certo, (Não Lhe vá elle fugir) De gritar :—« Esse é o meu ! » Então Necessario lh'o deu...

Pag.	Versos	
35	8	Quem Nasceu sem Nenhum ter.
	15	O tal Burro, na certeza
	18	Da qual
	26	Havia sabido,
	ult.	Ora Queima
36	4 e 5	<i>(Abra-se um espaço entre estes dois versos).</i>
	18	Lhe diz a lima zombando:
	19	«Do que estas ali fazendo.
38	11	Dos momentos atentados;
	27	Viu-se um carneiro
39	9 e 10	<i>(Abra-se um espaço entre estes dois versos).</i>
	13	Quando tinha de acabar
	14	Como sempre ha de fazer,
	15	<i>(Elimina-se)</i>
	17 e 18	Dos que tomam por modelo O camelo
		Ou outro parvo qualquer (29).
40	20	Ben
		Preso de pés e mãos;
	23	Contento porém Ficou.
41	1	Não será assim com a morte?
	7	Nem carneiro nem Um anho
	9	Quanto mais quem Tudo cria?
	11	Assim também É a morte.
	21	Has de surgir melhorado,
42	6 a 8	Constante Que seja santo Cada qual a sua custa.
	15	O matal-os
43	3	Para aldeia
	4	De alta serra;
	12	Até o cimo da encosta;
	15	—«Amigo!» Volta o caemurro,

Pag.	Versos	
44	2	Não
	6	Te arredes do meu lado
		Pelo lobo serei
		Breve.»
	7	— « Não
		Sci
		Porquô? Tu vais leve,
	9	Ou combater
		A valero
	18 a 21	Foge o cão,
		E num momento
		Chega o lobo: triste fim
		Porque foi villão
		Ruim,
		Teve em paga o tal jumento.
45	12	Apesar
		De ser ruim,
	15	Dar
		No chão com o proprio peso (33).
46	15	Pelo filho; e pela nora
47	11	Rexinou
		O coração (34)
	16	Tratou
		Do velhinho tonto.
	21	Nem tentou
	22	Atravessar (35).
48	1	Quando
		Óhava
	9	Longe de lhe dar
		Cuidado
	18	— «0 que tu fizeste vl.
	20	Nem
		De certo o tentarei.
	26 e 27	Vil tartufo, traçcante,
		Ou galopim descarrado,
49	ult.	Eis, quando
		Menos se esp'rava,
50	3	Fondo a murrô e a bordoadá
	5	Coerem direito aos dobrões;
	6 e 7	( <i>Eliminam-se</i> )
	13	Até alguém

Pag.	Verzas	
50	14	Lhe acudir, Porem Ninguem Lhe valeu
	21	Quasi que alli o mataram!
	24	Só tal recibo deixaram
51	4	—«Se, cumprindo teu dever,
	5	Fosses levando o dinheiro
	9	Um notavel figurão, Fazendo tanto ruido;
	10 a 13	Talvez ahí não Stivesses Estrelado E moido
		De pancadas, nesse chão.»
	15	Quem Se for assim metter
	18	Bem Lhe pode acontecer
52	2	Se parvoice, não sei;
	3	Pouco importa. Ella juntou-se
	27	Nos concursos se hão De dar
53	1	Cançada esta de voar,
54	7	Dizia o urso Ao velhaco Do macaco.
	8	
	9 e 10	—«Olha, amigo, o teu discurso-
	11	Voltou este: »é doutrinal;
	13	É facto que danças mal,
	14	Pior não podia ser,
	15	D'um modo quasi indecente:
	17	( <i>Elimina-se!</i> )
	18	Mas se tu dançasses bem
	19	De certo tambem Se ria.
	23	Ou se baile muito mal,
	24	Ou com graça, com mestria,
55	10	Quanto lograra apprender
56	13	Reparem neste <i>entrevistat</i> (52);
	16	Ou qual café?



Pag.	Versos	
56	ult.	Breve se viu apupado,
57	16	Foi-lhe isso muito melhor
	17	Que ser civilizador
	19	Quaes bastantes inda são,
	22	Quem
		Se mette a educar
	27	Mais do que o vulgo imagina,
58	3	É só gente no feito,
	4	Na essencia sempre gentio (47).
10 e 11		Defeito de natureza,
		Impossivel de curar: *
	14	— «Ao leão misero gallo
	ult.	«Se vejo cão,
59	2	Que não
		Me posso conter
	4	Num charco, formoso
	12	Não
		Quero ficar anã.»
	13	Chama cutão
		Suas vizinhas,
60	12	Acaba por estoirar;
13 e 14		E esse mal vai em augmento.
	15	( <i>Abomina-se</i> )
	18	Abelhudo, o rabeção:
	23	Ha concertos aos milhetros
	ult.	Quando morre um nesceto ou um louco,
61	1	Peior é quando taes rãs
	4	Nunca chegam a ser toiros,
	5	E com o seu parvo coaxar
7 e 13		Santo e justo
		É
		Todos embora a custo,
		Sem quebra de honra, e com tino
		Melhorarem seu destino;
		Julgo até
		Isso um dever,
		Ou mui nobre sentimento,
		Que um homem aspire a ser
62	1	Éra um alvo de neve,
63	4	Dés
		A's

Pag.	Versos	
63	9	De Villa-Diogo,
		Nascendo assim bem
		Armado.
	12	Ninguem
		Me via fugir,
	16	«Estou mui capacitado
	21	Com susto dos cães estava;
	22	Pois minha mãe
		Abalava
	24	Em
		corrida
	29	( <i>Elimina-se</i> )
64	1 a 4	Logo que um latir
		Ouvia
	5	Ou trompa de cacador:
	13	Talvez o mesmo fossem
65	7	E, sem abundantes chovas,
	11	Noite e dia
		Aos ceos erguliam.
	12	Perto havia
		Uma represa,
	19	De ao povo dar
		Um conselho:
66	6	Eis deitam logo a correr,
	7	Não querem mais escutar
	10	Tudo a cito
	15	Os campos lhes alagou!
	23	Todos se voltam cunã
	24	Contra o velho
	25	E o seu prudente conselho!
67	3	Mes eu tenho mais talento;
	4	(Haverá no mundo egual?)
	11	Lhe respondeu a matreira:
	17	Sincero se respondia.
68	11	Quando o gigante nascera,
	21	Tão
		Grande abalo soffreu
	22	Com o peso descommunal!
70	2	Eram estes de uns dragões
	3	Que, vai muito e muito anno,
	9	De thesouros enterrados (37);

Pag.	Versos	
70	10	Eichos, nos quaes o diabo
	11	Gostou sempre de encaxar-se
	12	Porisso elles tinham rabo
71	7	Eis comecam na carreira,
	10	Ó das cem mal
		Pode andar,
	11	Pois cada qual
		A primeira
	12	Quer
		Ser
		E as mais governar;
	19	O primeiro caminhando
	21 e 22	Sem
		Estorvo ter
		Sem
		Medo
	28	Quando o outro nem metade
72	5	(Embora pouco talento)
	7 a 9	Que um cento
		De talentosas (58)
		Sem ter siso,
	10	As quaes com balofas prosas
	11	Nos vão dar, por nossa magua,
	16	— »En fui grande peccador!
	17	Mas se ás vezes andei mal,
73	3	Que teimosa
		Me insultava,
	5	Vivo um filho a quem a vida,
	6	Tão generoso, poupei?»
	8	Diz raposa
		Descarada,
	15	(Por comeres sem cautela
		O outro cordeiro d'ella)
	16	Um osso
	17	Nessa guela,
74	6	Perguntou com voz amiga :
	23	— »Permitirá que lhe diga,
	26	Ou tinha bem fraca a vista
75	1	Trabalha a mais não
		Poder,
	14 a 16	Não

Pag.	Versos	
75		Tinha entendido O velho de Salomão O conselho, Percebeu Na metade
75	18 24	
75	9	Com pobre mocho,
	10	Velho, chécho
77	1	—«Sim, porisso é que ha de ser,»
	2	O sabio diz: «mocho amigo!
	4	Um lanzado, que jogou
	14	Feitos de cobre doirado;
78	2	Soltou alta berraria
	14	Assim fax quem toma a serio
	15	O louvor, o vituperio,
	20 e 21	Quem tomar por sacro fogo Aquelles tentos do jojo,
79	9	Da qual lhes passo a fallar (67).
	20	Corre tempo, a senhoria
	21	Pede, em boa cortezia
	22	A casa, que mais um mox
80	1	A inquilina requer:
	2	Não tem onde se metter;
81	6	As regras do hem-viver,»
	7	Ficou pois a senhoria
	9	Na rua, e a outra cadella,
	10	Inda em cima diz mal d'ella (69).
82	2	Ou farto, no chão Se estende
	5	Enquanto o somno não Vem,
	8	—«Amigos! podem ficar,»
	19	Na terra ou nella se escondem.»
	21	Mas só deste modo, o sim
	24	Outros, nem ainda assim,
83		(Titulo da fab.) Os beneficios,
	10	D'ella são Os côtos
	11	Bentos
	12	Que afastam os mans intentos
	14	E com isto não

Pag.	Versos	
83		Acabo.
	20	Que direi do mel então ?
84	1	No seu tempo, delectavel (71).*
	6	Stares calada,
	28	Dá só vontade
85	3	Dão,
	4	Se não
	17	— Uns os ligos vão
		Comendo,
	19	— «Men marido não
		Defendo
86	1	Razão
		Tens de assim fallar,
	2	Pois não
		Ha que comparar,
	5 a 7	Nem me peja
		Confessal-o;
		Porém nunca foi vaidoso (74);
	20	Com dinheiro e escorreito
	21	Quiz um homem viajar.
87	9	É nunca vista, encontrou,
	10	Pois notou
	22	Era tambem
		Novidade
	24	Ver alguem
		Direito andar
88	2	Por aquella troca indida,
	4	— «Isso não sou!
	7	Todos vejo e gaguejando.»
	8	Logo os outros se offenderam:
89	5	Contrafeito ou de bom grado,
	6	Tal
		E qual
		O vir fazer;
	9	Muito dissabor soffrer.
	18	Soffra pois com paciencia
	sté	Ou fuja da convivencia
o fim da fabula.		De quem
		Não sabe fallar
		Nem
		Decentemente andar (76).

Pag.	Versos	
90	5.	De mosquitos
	6	Revoavam
	13	Numa venta se lhe lança;
91	14	Forem o maior abalo,
	9	De mui perfeita saude.
92	15	Que entre os dons presume estar.
	29	Põe-se em-pé e sem demora,
93		(Titulo da fabula) A precedencia.
	16 e 17	(Eliminam-se)
94	10	E a raposinha matreira,
	12	O que faz ainda agora,
	15	<i>Hoc opus, hic labor est;</i>
	23	Fica assim
	25	Rima não tem.)
95		(Sem
	1	Sempre o brosa é sandeu,
		Havia de julgar
		Bem
	18	De certo não acho:»
96	21	Fulo, pergunta o leão,
	23 e 24	Então
	6	Eu a ficar,
97	7	De ha muito reconhecido;
		E a quem toda o não
		Souber
		Eu o ensino, se quizer.»
	17	Nada
	19	Responde o leão
	21	Tras d'elle vão
98		Os demais
	21	Primeiro os feros, valentes,
	27	Furiosos, a qual mais,
	2	Era forte, mui certoiro...
	13 e 14	Ficando um arco bonito
	20	E o arco, dando um estalo,
99	21	Deve ser bem
		Educado
	22	O homem; porém
		Cuidado!
	1	Fugir sempre a demasia;
7	As mesmas distancias vão.	

Pag.	Versos	
99	1	E ainda prophetizando
	7	Acabou,
	8	Porém segue outros caminhos:
	10	Cousa é pouco para aqui;
	22	Selle cabiu e ficou
	23	De molho até o pescoço.
	24	Assim no mundo acontece
	ult.	O que s'á de si deante,
100	1	O que tem
		De si no-pé,
	6	(Elimina-se)
	7	Qu'entender;
	8	Tê que vai enfim cair
101	7	Quem
		A disse,
	8	Nem
		O dito mais correcto
	17	Mas d'elles ninguem
		Fez caso,
102	2	Que elle tem!
		Que perfeição!
	3	Diz um: — «É como elle berra
17 a 23		Vejo aos de vocês
		Eguaes;
		A sua voz, os seus pés,
		Que os d'elle não
		Valem mais;
		Mas as bellezas que tem
		Em
		Perês vê-as alguem?
103	10	Por a lã. Impaciente
	11	Logo a ovelha o enxotou.
12 a 20		—«Quando o pastor te tosquia
		O vello, 'stas socegada.»
		O passarinho exclamou:
		«E a mim, que tãõ
		Poucochinho
		Te pedia,
		Não
		Das nada!
		Que injustiça!»

Pag.	Versos	
103		Ao que a ovelha respondeu: —«Nunca o pastor me derriga
		Nem
		Assim me faz doer;
104	3	A quem
		Quizer (86).»
		(Titulo da fábula) O pastor, o lobo, o burro
		e a raposa
	9	Ou qualquer mal
		Que lhe deu.
105	9	—«Sempre has de ser
	10	Muito bruto!»
	11	Diz-lhe a raposa: nem vés
106	4 a 11	Eu
		Não
		Sei que mal
		Lhe fiz,
		Para ao seu
		beal
		Nariz
		(Ou focinho)
		Subir tão
		Forte mostarda.
		Se o sr. tem
		Força em
		Bardis
		Contra este insecto mesquinho,
		Não
	22 a 30	Lhe fica bem tal ira:
		E apesar
		D'esse costado,
		Das fortes garras e dentes,
		Da guedelhada cabeça
		E esse temido
		Rugido;
		Para ficar
		Convencido
		De que mette tanto
		Medo
107	1 a 4	Com seus ditos insolentes
		Quanto



Pag.	Versos	
107		Um burro Com o seu xurro, Ou com o seu ladrar Um cão.
		Bradou elle muito azedo:
15		Mais e mais o outro se exalta.
16		Gritando:— «Veja se agarra,
18		Não lhe dá treguas: o dardo
19		Lhe ferra onde mal o espera.
21		Escorrendo esta a fera:
22		<i>(Depois d'este verso)</i> Esse orgulhoso leão
108	25	Por quem tanto desprezou!
	26	<i>(Elimina-se)</i>
	9	No combate mais reuvido,
	10 a 12	Aquelle que em fraca lucta
109		Ha de vencido Morrer (88).
	5	O santo pensava bem;
	17	E, se era vão Seu lamento,
110	18	Ao menos desabafava.
	2	O viu manso, mudo, e quedo
	3	Mal se lhe sentindo o arfar;
	8	Aquelle a quem tu roubaste;
	9	Uma só, uma vez basta,
111	11	—E injusto o teu lamento
	15	D'elle, pois, que seja a queixa.
112	6	Antes ter
	14	Ouvem leus meigos trinados:
	11	Que só fructo amargo dava,
	12	—Era fel,
	13	Não se engalia;—
113	15	E alli feito o doce mel
	18	Macieira.
	3	Morando mai perto d'ella:
	13	O que logra a companhia
	até	De quem
	o fim da	Tem
	fabula	Maior valia.
		E d'isso Ura vaidade
		Não sabendo melhorar;

Pag.	Versos	
113		Consegue apenas provar A sua incapacidade, Louca e cega, Pois mostra assim ter a crenga Do merito ser doença, Que qual a saras se pega (92)
114	11	Corvos. Esta Pois provado;
	14	Assim faz; nem se enfastia
	16	E 'staria
	20	Nas isso ainda não vein:
115	5	Corvada,
	11	(Elimina-se)
	13	Lhes fazem dar boa fructa... Contra a raça mal se lucta (93),
	16	Pois andavam
	19	Se passavam Sem um roubo.
	20	Julgou melhor
	21	Ser pastor,
116	1	Gozar
	2	De bello retanbo.
	23	Que inutil fora o artil
117	25	E os sensatos jejuando,
118	1	E quixer Deixar o roubo,
4 a 8		Se vai metter-se a raposa; E não Procure esta obter A sua presa á Má Cara
		Que lhe pode sahir cara A tentação, Se a tiver (94).
	16	-Essas prendas tão Gabadas
	18	A final são Uma peza,
	19	Se com as de outros confrontadas:
	20	Tu qual o peixe não

Pag.	Versos	
		Nadas.
	21	Nem voas qual a andorinha,
	22	E, se ao gamo comparado,
		Como ouças dizer que corres?
119	1	Es um trapalhão
		Chapado
	5 a 11	<i>(Eliminam-se)</i>
	20	Forem
		De menos proveito.
	21	Quem
		Assim não
		Estudar.
	23	De certo
	24	Que há de ficar
		Um trapalhão
		Budamcoo,
	ult.	Qual era o pato marreco (95),
120	2	Que inda hoje te heis de dar
	15	E na dextra com a guedriha.
121	12	Nada ganhei com as demoras
	14	Sem cousa alguma trazer.*
	16	—«Foi por ter
		Ouvidos dado
		A promessas de mulher!*
122	1 a 7	Um rapasito montava
		Forte e briso cavallo.
		Ucada um toiro:—«Esse regalo
		Não
		Tinha connigo; ao chão
		Com certexa o atirava.»
	10	E muito mais do que eu sou»
	11	O cavallo
		Lhe voltou;
	12	«A vista d'isso, o que esperas,
	17	Porque lbe lavreis a terra?
	23	Ou do perigo se sacode
		Quando pôde
		Apanhar para tabaco (97).
123		(Titulo da fabula) A raposa e o bode.
	3	<i>(Abra-se espaço entre este e o seguinte verso)</i>
	6	Com raposa

Pag.	Verzas	
	13	Até Se lê Em Camões.
124	22	'Stando en la, verzas que posso
	2	Lembraram cousas assim!
	8	Como a raposa lhe pede.
	16	Que nada pode durar;
	17	Muita gente vem buscar
	18	Agua a este bello poço.»
	19	Aquelle que se metter
	até	Com um tratante,
	o fim da	Não se espante
	fabula	Se algum dia o vir comer
125	10	A carne e deixar-lhe o caso (98).
	11	Um palmo, escasso medido.
		—Mais curto nem mais comprido»
126	6	Responde o sol;» fêo eu,
		Como os tem
	7	E nós não os temos
		Tu bem
		Podes
	8	(Depois d'este verso) Sabes que te deu o leite
	10	(Elimina-se)
128	14	Na barriga, sem demora.
	16	Ingenhoca,
	18	Tirar a mustos a vida.
	20	Nunca mais topou
		Comida
129	3	Taes coizeis d'ella Jevou
	4	Que ficou
130	11	Naquelle besta manhosa,
	12	Que por traz d'ella passou.»
	13	—Pois esta muito cogonado:
	15	Porisso dois castigados.»
	22	O mais certo é ficar
		Coxo!)
	23	Ella, por assim m'os dar
	27	Para ver se toma emenda
131	1	Que um bruto um villão
		Hum
	3	Não

Pag.	Versos	
131		Tenhas que duvidar, Socegar,
132	16	Vá andando, que é melhor (103).
133	ult.	Ao ouvir-lhe a triste historia
	5	Num volver
	12	D'olhos te mudo.
	14	Com que se hão De ver
	16	Bem quentes Não
134	2	Me façás tal favor - Armas não
	3	Queres Vê lá então
	7	Se preferes Tão
	8	Agudos Que ninguém se chegue a ti.»
9 a 15		—«Senhor, o que te pedi É que me deixem em paz, Só isto me satisfaz; Pois receio Que um tal meio De defesa, que me das, Me possa também tentar A lesar.»
	22	—«Senhor, eu amaldiçoada
	24	Mui depressa acode a ovelha.
	27	Não quer Nada
135	1	Sem um veneno mortal,
	6	Quando l'o queiram fazer;
	10	Já não o posso emendar, D'outros remedios não sei.»
	13	Torna a ovelha:» até A morte
	17	Se tal queres
136	4	Muito manso
	11	Dixer, se erraram
	16	Será de certo imprudente.
137	11	(Abra-se um espaço entre este verso e o seguinte)

Pag.	Versos	
137	14	Jove lhes lança do céu,
	15	Era negro que nem breu.
	22	Do logar onde cabiu.
	25	Quanta ra all; se vis
138	7	Pensava achar
		Um guerreiro.
	9	Se não
	10	Fosse um Numa ou Tito,
	14	Quando vin que era... madeiro!
	16	(E tanto, que deixou 'schola...)
139	7	Por ella, d'elle em logar.
	24	Discernindo
140	ult.	Quem vos ha de governar
141	14	E cruces não afugentam)
	15	Os dava por achados
	17	Nos muscus os devem ter
	19	Para depois de saber,
142	24	De cambullhada
	26	Salta-me o gato no chião
	28	Aquí dois, acolá um;
143	4	E pouco siso mostrar (106).
	ult.	Não tratas de agradecer.
144	4	Do mais não queres saber.»
	6	Volta o porto: «se não visse
	10	Nanja por tu desejares
	12	Para em sustento m'a dares.
	15	Tanta generosidade
	20	Ficava sem mim.
		No chão,
	ult.	O que não
145		Podem guardar (107)?
	18	Vendo como demonstrado.
	19	Foi por um e outro lado.
146	22	E tão immundos cavacos;
	7	(Depois d'este verso) Eis que depois de o benzer
	10	( <i>Elimine-se</i> )
147	2	A empolgava num instante.»
	9	Teras a grande nobreza
	16	Accões grandes, bizarras:
	26	Com negócios sem
		Valor,

Pag.	Versos	
148	1	—«Não ha no universo inteiro
149	8	A poder talvez alguém
	11 e 12	Se o quizesse, muito bem
	18	E melhor do que ninguém (110),
	20	Teve-a o outro desgraçada!
		<i>(Abre-se um espaço entre este verso e o seguinte)</i>
150	3	A cem legoas ao redor,
	7	Valido do cosinheiro
	18	Nem
		Tem
		Modo
151	2	Pois se elle pedra ficou,
	3 e 4	<i>(Eliminam-se)</i>
	7	E não
		Causar
		Prejuizo
		A mão
		Que nelle tocar (111).
	9	Ninguem
		No mundo faz falta
	10	Impossivel de supprir.
	11	Se um dá baixa, outro dá alta;
152	1	Não
		Les deu isso cuidado:
	2	Um péso
		Que havia a mais,
	15	Dois passinhos cada vez...»
153	3	A fazrem limpa:
	11	O contrario, mui de certo
	12	Lhes davam conta das pelles,
	13	Ou quasi para o deserto:
	23	Poderosos animaes,
154	8	—«Eu não
		Sei »
	17	Tua voz afeminada,
	23	Sem cascos mui alentados,
	27	O teu rosto. Ao inimigo
155	1	Facilmente evito o p'riço
	24	Cá me avenho.
	26	E só quer
		Comer

Pag.	Versos	
156	3	Como faz bem boa gente,
	10	Que me queira exaggerar.
	14	Tem
		A louca pretensão
	17	As mãos do chão!»
	18	«Como ha de elle ser
		Alguem;»
	23	Do que a força que elle tem?»
157	24	Subia o porco ao fumeiro;
158	8	Tanto vale o trabalhar
159	13	De carinha descoberta,
	24	Não
		E justa
161	5	São
		Minhas »
	19	E até do bem grangeado;
162	10	Com a outra mal se emparelha,
163	13	Venha commigo, vizinha,
	15	( <i>Elimina-se</i> )
	16	— «Para quem é
		Bom sera »
	27	Basta que se chegue a mim
	29	Para lhe servir de escudo,
164	3	A de barro. Lá vão ellas
	22	Já tem rachas tem
		Buracos . . .
		Até que se fez em
		Cacos;
		E a outra . . . nem
		Um belisco.
165	5	Ou mau gosto
	9	Passava mui bem
		Sem
		Ella
	10	Fois um cão
		Não
		E cadella,
	11	Breve porém
		Enxergou
	14	Quando assim o ornamentou;
	17	Não



Pag.	Versos	
		Podendo este encontrar
166	18	Mui sorrateira
167	4	( <i>Elevina-se!</i> )
	5	Incapaz sendo de ver;
	9	É ser
168	5 a 7	O fructo comido
		Sem
		Pensar
		Que ser alguém
		Muito bom, muito ruim
	8	Depende sempre do fim
169	2	Eis sente d'um lobo o uivar.
	3	Por armas só o cajado
	6	Deve trepar-se a um muro.
	12	Pois esp'rava
24 a 27		O lobo tudo comen;
		Mas d'alli não se mexia,
		E com a esp'rança se lambia
		De apanhar maior piteo.
		Eis que, para se entreter
170	1	O homem larga a cantar
	4	Muito depressa fugiu.
	8	Tanto de me ouvir assim
	9	Não
		T'o guardava para o fim
171	6	Vendo que em
		Realidade
	8	Não deu nem
		Um só mergulho;
	15	O viajante, contente,
19 e 20		Que nem grande nem
		Pequeno
		Sem
		Cachôpos
172	13	Com outras que pouco assustam,
	14	E que a vida ou a honra custam.
	18	E nos encobre ar cortex,
173	20	Assim os quer
		Ter
		Feclados
	ult.	Que poder

Pag.	Versos	
175	5	Faça tambem, Sem
	14	Eufados nem Glamores,
	16	Para se fornar Conceito
	17	Se deve oihar E o aveaso:
	18	Os que não fazem assim
175	2	Erram muito quanto a mim.
	5	Por seu bello modelado,
	6	Passa alli uma raposa
	7	Que, tendo bem Reparado,
	8	Diz:—Es bello, porém Que;
	16	Es de gesso
	17	Sandeu deveras completo,
	18	Quiz uns oculos comprar ; ( <i>Elimina-se!</i> )
176	7	O outro até duvidou
	8	De que elle soubesse lêr;
	24	Como elles, lezse
	ult.	Quanto sandeu havers
178	7	Perde o medo
	8	E vai brincar.
	19	Foi então
	22	Que se assustou: Não
179	5	O podem conseguir!
	6	( <i>Depois d'este ceoso</i> ) Que do mal a mare cresce E o homem não o quer Ver
	7	( <i>Elimina-se!</i> )
180	1	Eu jamais, De le escutar.
	2	( <i>Elimina-se!</i> )
3 e 4		—O maldoso reboligo Não percebe dos pardacs
	8	( <i>Elimina-se!</i> )
	10	E nunca teria ouvido

Pag.	Versos	
180	11	Seu descarado Alarido,
181	2	De cevada,
	3	Por certo que és incapaz
	17	Sem me sinto resolvido
	20	—«Pois está muito enganado
182	6 e 7	À sã verdade a mentira Ao que é bom o que é ruim.
	8 a 12	Pode haver gostos assim; Mas não falta quem se ageite Ao peior E só o aceite Por não ter cousa melhor (127).
	18	Bezerrito mui pedante
183	ult.	Ao longe tudo alagava
184	1	E fazia,
	3 e 4	Para aos estragos fugir, Povo que ás margens vivia
	14	Muito pouco lhe durou
185	3	Enche mais e assim consegue
	17	O seu fim;
	19 e 20	Grande sequeiro tornar Fertil, por ser regadio.
186	13	Fór;
	21	Pelos annos respeitado
	ult.	Grupo em marmore lavrado,
187	1	Onde se via
	3	Vencido no duro chão
	13	—«Se o fosse...» volta a repousa
	ult.	Nada disse el-rei Leão (130).
188	21	Ou tu és surdo, ou de certo
189	4	Porisso não Obedeço
	8 a 13	Vendo evocar as pennas, Cabeças, Pés ás dezenas Por esse chão espalhados, D'outros por elle chamados, Pouco me fo em promessas.»
		Muito azada.
190	14	
	28	E cortam do outro lado

Pag.	Versos	
	29	Enormissimo boccado.
191	4 e 5	Assim diziam Zombando:
	16	Quando elle ia
	20	Foi então
		Que pertebem,
	22	Não
		Com doce-de-afelo,
	28	Com notavel imprudencia;
192	13	Quem a meu pae comparar.
	15 e 16	Aguillo é que foi vencer Com devoto batalhar
193	3	Se offendida, de seu pae
	26	Forém d'ahi não Passava.
194	3	Tambem
		Se pôde applicar
	6	Que <i>historias</i> nos vem Contar (133).
195	7	Não é bastante dizel-o:
	8	Em que o mostra no que faz,
	ult.	Quando avisto
196	10	Mas affirmar-o mal posso
	11	Não
		O vi bem á vontade.
	13	São
		E robusto;
	14	Com toda a chantrenidade
198	2	Ou se te houvesse
199	12	Quer
		Dizer:
	16	Em vez d'ouiro
		E
		Duronel,
	18	A cõr da abelha tambem
		O zangão tem,
		Incapaz
	19	De fazer o doce mel
	20	Que ella faz,
	ult.	( <i>Elimina-se</i> )
200	1	( <i>Elimina-se</i> )

Pag.	Versos	
200	2	Quem
		Se associa ao ruim
	3	Cedo ou tarde tem
		Mau fim (136).
	6	Em casa de lavrador
	12	Não
		Estou
201	24	Não
		Tivesse o mundo ratos,
202	9	Que será bem
		Pouco esperto
	14	(Elimina-se)
	15	Não attendendo ao valor
203	10	Não
		Para que degenerem
204	6	A um fuão
		Que li'as compraase
	9	Não
		Tardou
	17	Ver-se albardado,
	19	De tal compra e assim lhe diz.
	23	Eu pago a outra, porque
	28	Num tolo sem tal saber.
205	4	Quando soffreram revezes,
	22	—Não me aprax ser escutado
206	1	Com justiça, e que não minta
	9	Foi pois ter
		Com o beija flor
	10 e 11	Com quem
		Travou amizade
	14	Sem
		Ver
	15	Pianda
	24	Nunca a este acontecia
	28	Se muitos são
		Inimigos
207	1	Não
		Pode haver
		Dois amigos,
	2	Sem um ao outro soffrer,
	3 e 4	(Elimina-se)

Pag.	Versos	
207	5	Embora com sacrificio
	6	( <i>Elimina-se</i> )
	13	Quanto digo
	14	Quanto faço (140).
208	2	Apesar
		De tão
		Ruim.)
	3	—«Negar
		Isso não
		Pretendo
	5	«Nem
		Me mostro desdenhosa
	9	Para que cheiras tão mal?»
	10 a 12	( <i>Eliminam-se</i> )
	13	—«Se tenho farium sédico»
	16	«Se cheiro assim orgulhosa,
209	24	Porém, não perdo assim
211	4	Com ar
		De mofa sorriu
	16	De gaudio em si mal cabia
	21	E a quem elle não
		Pagou
212	6	Não
		Fôra pelo outro burro,
	10	Mas agora só, gritou!
	11	—«Tê lá bem
		Se me conheces
	13	Visto que breve te esqueces
	14	De quem
		Sou,
	18	E já
		Não
	19	Aqui ha
		Bem poucos dias!»
213	6	Fica d'isso dispensado:
	14	Cheiras aos raios que embaças:
	17	Dar-te cabo da sciencia:»
	18	Pespegou
		Com alvex
214	5	Isso aqui não
		Vale nada,

Pag.	Versos	
214	7	Senão,
		Diga,
	19	Foi porque te trouxe Pallas :
	ult.	Nem todo o matto é ourégam (144),
215	1	Alegre levava o v'ráo
	12	Eil-a de fome a chorar ;
	13	(Elimina-se)
	ult.	A formiga nunca empresta,
216	1	E nisso não
		Ania mal :
	8	Quem sabe se até gostava
	10	—Eu tinha mais que fazer!...
	14	Enquanto eu não me poupava
	26	Mas o cigarra pior.
	27	Nunca se deve queixar
	ult.	Ou de sorte desgraçada
217	1	Ou dos outros com rancor
	2	O que for
	3	Assim
		Levar
	4	Vida alegre e regalada,
	16	Ao pé d'elle se deixou
218	21	Mas vezes mil
		Acontece :
	23	(Sempre a custa do innocente)
	25	Tudo pelo vil
		Interesse
	25	Quando ha mais de um pretendente (146)!
	ult.	(Elimina-se)
219	1	Dois genios não ha eguaes
	2	Entre os homens : nem se encontram
	3	Entre os outros animaes.
	ult.	Bem pouco podia dar.
220	8	O pobre, por mais não
		Ter,
	10	Disse o cidadão :
		—vô mano!
	16	Estou ainda solteiro,
221	1	Me dão
		Ao miolo tratos,
	3	Onde esses p'rigos não

Pag.	Versos	
221		Ha.
	27	Lhe serve de brincadeira.
	29	Onde não
222	2	Ha cosinheiro,
		Quando são,
	4	Qual eu peccatos;
	8	Emfim sou exemplo vivo;
	21	E promettem ir ocar
	22	—«Aqui teras onde roas»
223	10	Lhe diz o outro: «ô vontade;
	18	Mercearias
	21	Nem sabe onde se metter,
	23	Diz-lhe o mano: «não é nada,
		Ella nunca vem
	24	Aqui.»
		—«Seja crenda ou quem
	29	Eor.»
		Nem
224	1	Sei como não morri!
		Safe-me já
		Sem
		demora;
	2	E, se me vejo lá
	7	Prometto pesár-me a cera:
	ult.	Um mausoleu?
225	1	Um heroe... Cesar? Pompeu?...
	7	A tal ponto se esmerou
	13	Entes que a imaginação
	18 e 19	Que o tal frade
		Car'cia
		De santidade,
	20	Pois como hei de affirmar tanto
	21	Sem certeza de verdade?!
226	1	(Eltimiza-se)
	19	Pois é Sua Santidade
	20	Um grande apreciador
	22	—«De certo... de quem
	27	E sorve enorme pilada.
227	5	Poisque ha de ser cardcal.»
	8	Vendo que o outro pescou
	16	«Sei que um servo indiguo sou;



Fig.	Versos	
227	19	—«Amigo, sem Ser propheta,
	20	Bem Me parece que 'stou
	21	Da carreira a ver-lho a méta.
	28	Meu padre; e, louvado Deus,
	29	Bons catholicos, Os seus
	ult.	Terroros são naturaes,
228	?	Pode mais.
	4	—«Ai de mim! obedecer.»
	9	—«Depois...» continúa o santo.
	12	—«Pode, pode...: ha de morrer
	13	Após esse souho lindo»
	15	«Como se fosse um... donato!
	22	Com a pitada.
229		(Titulo da fábula) A heza e o tomilho
	5	Es de muito baixa esfera:
	6	Bem
		Mesquinha
	7	Te foi mãe
		A natureza;
	8	Não
		Te deu força ou destreza;
	9	Nunca te has de levantar,
	11	Tanto assim que me liguel
	13	—«La isso de certo não.»
	14	Lhe respondeu
		O tomilho.
	16	Tal eu
		Quizera
	18	Miseravel parasita.
	19	Que serve só de impecilho;
	20	É, vivendo a custa alheia,
	ult.	Do seu
		Immenso valor!
230	1	Matas o teu
		Bemfeitor
	2	Sugando-lhe a força e a vida;
	5	Por esse chão extendida;
	6	E has de ser nos pés calcada,
	11	Quantos parasitas ha,

Pag.	Versos	
230	20	Um ganso; e porisso teve
231	1	Com os cysnes se vai metter
	3	Tractos soffrendo o pescoço
	9	Quando assim
	11	<i>(Elimina-se)</i>
	13	Quantos cysnes não tens visto
	14	<i>(Elimina-se)</i>
	17	Os corvos, duram cem annos.
	18	Assim dizem; que eu não sei,
	20	Para saber se é verdade.
232	5	A um neto e seu affilhado,
	8	Dasso-lhe um dia:
		— Affirmado
	10	Passando de mão a mão;
	22	Com que perseguem as feras.
	23	E não pouco nos atiram.»
	28	Até de velho morrer!»
233	3	Em vez de armas caçadeiras,
	14	Que já não tinha veneno,
	20	E mordeu
234	2	Pois que os dentes te arrancaram;
	3	Mas para igual ruindade
	8	«Uma fabula que mente,
	17 e 18	No seu seio
		Sem receio,
		Para alli ella aquecer
		E de frio não
		Morrer!
	19	Ou seria mais verdade
	23	Para a pelle lhe vender.
	26	Pois foi tal
		E qual
		Assim:
235	2	Sempre está prompto a enganar
	18	Do que era o seu companheiro.
236	2	Ao tão
		Famoso preceito
	8	Para si, o bem supremo;
	26	Que ninguém
		D'ella duvida;
	27	Pois nos ramos pol-a em

Pag.	Versos	
		Pratica
236	29	Tu com essas unhas tammanhas,
	ult.	Que a natureza te deu,
237	10	Começam ambos na lida:
	25	De seres tão botocudo»
	29	—«Tratante!» lhe torna o gato:
	ult.	Não é a ella que segues,
238	2	E tua consciencia
	12	Ou com capa de prudencia:
	17	Malvados sem Consciencia,
	19	Tratam de tirar proveito
	20	Do mundo que julgam seu (154).
239	17	Pois os hombros encolheu;
	20	<i>(Elimina-se)</i>
	27	<i>(Depois d'este verso) Morfeu... tinha adormecido.</i>
	ult.	Se podem, a vão
240	15	A qual não lhe dando apreço,
	20	<i>(Abra-se um espaço entre este verso e o seguinte)</i>
241	4	Ao que já então
		Se olhava
	5	E não
		Ao ferro e ao córte,
	7	A salas só destinado;
	18	Numa sala, onde no meio
	19	Junto a grande mesa estavam
242	12	O edificio e gritou
	14	Aqui mui nobre solar
	15	Digno até d'um grande rei!»
	23	E a mamãe de lhe sorrir,
	24	Tanta gracinha lhe achou!
	25	—«Mal sabem» seu papá lhe diz,
	26	<i>(Que assim quiz</i>
	28	Uma salutar lição):
243	4	Tu, fazendo esse castello
	9	Tu, avesso a trabalhar
	21	E porisso o abandonou,
	ult.	O qual, tendo em vão tentado
244	1	Talhar com elle, notou
	9	Da serra foi inventor,
	17	Por quem

Pag.	Versos	
244		Busca descobrir
	18	As causas pelos effeitos,
	20	Os demais senão defeitos?
	25	Inda algum bem?
	28	Se este for
	ult.	Desperdigado (158)!
245	9	— Sendo cão d'um lavrador,
14 e 15		E o seu pastor
		Atacado!—
	19	Não
		Para se desculpar
	20	(Que elle mui bem confiecia
	21	Quanto o castigo mer'cia);
	22	Mas para que nos mais servisse
	23	De lição
		O caso seu,
	ult.	A soluçar assim disse:
246	8	A presa deixou em
		Meio,
	9	Stava só, ninguem
		Me via
	15	Fosse logo divulgar;
	16	Talvez, quem sabe? acusar-me
	18	(Depois do verso) Sem ao menos vacillar
	20	Mafui-a para salvar-me!
21 e 22		Scena de horror
	23	Sobrevem o meu pastor!
	26	Perco de todo a cabeça,
	27	Lanço-me a elle; o cajado
	ult.	Não
		Me quiz alli matar
247	8 e 9	E porventura maior
		De que talvez a tiraste:
	11	Quão
		Facilmente
	24	Entre o libello
248	6	Porisso as nações modernas,
	11	Abandaras
	13	Chamado assim quando fores,
	14	Não
		Te esqueça
	15	Pesar bem

Pag.	Versos	
238	17	As intenções Nem Sempre serão Ladões
	20	Por lançarem mão
	21	Do alheio; Nem Sempre será tão Feio,
	24	Porém se foe
	26	Que o reo de feito é malvado.
	27	Não podes fazer favor
240	2	E a baptizado
	6	Desprezando tal dictado
	7	Um intrução
	12 a 21	Visitar certo burguez (Trapalhão enriquecido) Nunca d'elles conhecido, E assim bem se divertirem Aproveitando saão Menos mau, Entram: vai logo direito Um d'elles ter com o sujeito Que lhes indica o creado, E diz, muito descarado:
250	5	Por seu turno o companheiro
	24	Uns aos outros, sem pudor,
251	7	E as letras, que assim endossam,
	13	E depois
	14	A experiencia que tentaram,
252	9	E filho de deputado
	16	Tal Qual É o meu papá. Querem ver?
253	17	Rei de salvar o paiz.
	5	Quer
	7	Ser Vestido e calçado:
	9	Roto, com os dedos de fora,
	10	Por lhe faltar O dinheiro:

Pag.	Versos	
253	12	Não podem comprar <i>Bovidos!</i>
	18	A casa, o falo, o comer
	23	Ou fique sem Sobremesa
	24	Quem Não Souber A lição;
	27	Cada qual os que quizer
254	4	Isto feito e muito bem
	9	A mamão, que o abraçou
	10	Com muito e muito beijinho
	17 a 19	E muito procurador Negocios d'outrem tratando, Para si vai procurando (102).
255	2	Dinheiro e tempo esbanjando
	3	Se burro vai, burro vem,
	5	Ou pôde vir peiorado,
	6	Todo ancho e empertigado
	13	Em que ella via
	17	Gritou a passarinhada:
	18	«Para mim aquillo é nada;
	23	De que em breve vão Fazer
	26	Em Que apanham os pardaes
	27	É a vocês hão De apanhar.
	28	Portisso sem
	ult.	É comer toda a linhaça
256	1	Com cautela
	3	Nem Deixando Rastos d'ella;
	18	— Meus conselhos desprezaram
257	6	Eis que a passarada Toda
	8	E lhe fax vil assuada
	13	E ingrezia
	15	Sessão de algum parlamento;
258	1	Enquanto pode vencer

Pag.	Versos	
258	7	Escutae-me, mães e paes:
259	11	Não
	14	Fosse, como culpado, Ao seu bordão
		Encostado
260 a 30		—«Fôra bruto! que nem vê Que aqui stou!»
		Grita o misero tollido, Que contra o cego se agasta, Ignorando que elle o é.
		—«E você Ali no chão Extendido E a grunhir Porque de mim não Se afasta?»
260	1 a 5	Lhe torna o cego:» Se vê Que nada posso enxérgar!» —«Deixam-me aqui a pedir Até Me virem buscar, Não Me posso ter Em pé.» —«Irmão» O cego lhe diz:
	8	Que nem você possa andar
	10	É contudo lhe foi dar
261	4	Se ha de
	9	Enquanto esta nos reger,
	12	Longe de se combater
	16	Todos nisso não de ganhar (164).
	17	( <i>Elimina-se!</i> )
262	1	Elle tinha viajado
	2	Nas cinco partes do mundo,
	14	Na India sim, o regalo
263	11	Seus visos tem de demencia.
	16	São
	17	Brilhantes poesias;
	19	Porém valem pouco ou nada,
	21	Lendas de antigas edades,
	23	Ocios para divertir,

Pag.	Versos	
264	4	Em carro puxado a bois,
	19	Libes não
	ult.	Importa:
		A outra, que vão
		Mungir
265	5	Já a carqueja
	9 a 12	E chonriços me stou vendo
		Pendurado num funciro
		Pois eu muito bem entendo,
	15	Quero assim, até morrer.»
	22	Seja ou não
		Certo o proveito
266	2 a 8	Geralmente, nada
		Val' ;
		Se o não
		Querem attender,
		D'elle podem rir
	14 e 15	Não
		Cai o ruble no chão :
267	15	Obra tão bem
	17	Acabada
		—» Talvez, haja quem
		Exceda
268	3	Elogiar.
	4	Alto o dito repetiu
	20	Racionais,
		Irracionais
269	1 e 2	Livros de qualquer
		Reccio
	4 a 6	Não levando a ninguém custas,
		De attender
		A queixas justas.
	8	Muitas de certo has de ter.
	9	<i>Elimina-se/</i>
	13	Do que eu haverá alguém?
	17 e 18	O que elle ás vezes não
		Faz ;
	26	Fêto pobre;
270	1	D'ahi vem
		Seres norma e imitação
	4	Do alto apreço fallar



Pag.	Versos	
270	6	Sempre dá ao meu dançar ;
	19	«Deixa fallar O macaco,
271	2	Da minha ebantrenidade,
	17	Faze-lhe o grande serviço
	18	De lhe aparar as orelhas,
	26	Que não quer
	28	Encodado,
272	1	immensa, gorda e tão
		Fcia.
	3	Onde não
		A possam ver,
	4	Vem
		Esta affirmar que tem,
	7	Razão
		De estar
	11 a 13	Mas a gordura
		É que dá a formosura:
	17 e 18	Grita e alto protesta
	26	Com o seu tamanho decente,
273	2	Esse, sim, terá razão
	3	De se queixar, coitadito,
	4	Sempre é muito pequenito !...»
	9	Em si vé a perfeição.
	13	Cheio de orgulho e tolice
	ult.	(Elimina-se)
274	1 a 3	Mas não pode perceber
		Que tem no seu um madeiro (168).
275	6	Um tabefe.—«Ai! ai! ai!»
	21	Cada dia estamos vendo
	23	«O qual leio,
	24	De antigos já praticado.)
276	11 e 12	Quem
		Da causa é causador
		Tambem
		O é de cansado :
	13	Porisso quasi culpado,
	30	E assim se deixe roubar.
	ult.	Lavrador,
277	6	De ver bem se nao havia
	8	Dando para o gallinheiro.

Pag.	Versos	
277	10	Fiado Num bom rafeiro;
278	3	E menos elle perder,
	ult.	Para o sol, vesti a cegar:
279	5	(Abrir um espaço entre este verso e o se- quente)
	11	Privados da luz do dia.
280	ult.	Só um passo, e pôde ver
281	1 a 6	Que, sessenta quando são, Correu o círculo inteiro, Entretanto o companheiro Vagabundo caminhou D'um ao outro das signaes Que as horas alli declaram. Nos caminhos deseguaes Ambos, pois, elles gastaram Uma hora que passou, Que não pôde voltar mais.»
	15	O que eu vejo claramente
	23	E que, embora tendo luzes,
282	5	De fazer quanto ella faz,
	11	As azas hei-de-a seguir.»
	15	Quando elles ambos partiram;
	18	Poisque logo se sumiram.
284	6	Eu já não Sou;
	14	Não comes hervas ou folhas
	15	Nem bolotas ou raizes;
	16 e 17	Embora da nossa raça Fracos são esses narizes
	18	Para viveres de cara
	ult.	Uteis, senão Necessarios;
285	2	São
	6	Inimigos, Dizem-se amigos
	11	Ou simples divertimento;
	15	(Pois na humana sociedade
	17	Pouco me importa se é justa
	20	Que aos homens cabe o vencer,
287	3	E não

Pag.	Versos	
287		Sou grande deuter
	4	Eu me tenho por ladino
	15	Já se sabe, esmordaçado,
	28	E famosas sopas gordas,
288	1	E um viver... franciscano!*
	5	— Partamos
		Já para a herdade—
	7	— «Vamos!»
		lhe responde o cão,
	19	São
		Effeitos da colheira,
	23	— «Pois tu não
		Andas à solta?»
	29	Que eram bellas na verdade!
289	7	Mais que se ao rabo sentisse
	12	Só aquelle que tiver
291	16	Talvez mesmo nem acerte
292	4	Que nunca deu uma 'smola
	8	Não gastando um só vintem;
	11	Muito o pobre do mendigo.
	12	Este era sempre um vadio
	17	Que não
		Car'cia
	20	Senão
		De ser castigado.
	ult.	Digno sim de compaixão;
293	1	( <i>Elimina-se</i> )
	3 a 8	Escondendo, sem ter pão
		Sua sorte desgraçada
		Nalguma agou furtada
		Onde de fome morria?
		E quanto elle o lastimava!
	12 e 13	( <i>Eliminam-se</i> )
	14	Eis porque nada lhe dava.
	16	Desprezar aquella escola,
	23	Aos velhos, aos aleijados,
294	3	Aquelle que 'smolas dá
	4	E o pobre que as vai pedir...
	11 a 13	Da caridade a mania
		De certo não
		Haveria

Pag.	Versos	
294	14	Tanto pobre que pedisse (177)?
295	1	—Nem tu faças tanto alarde,
	3	D'essa grande valentia!
	9	Não
		Fujo
	10	De ti, sabujo!
	12	Se estivesse desarmado.»
	13 e 14	( <i>Eliminando-se</i> )
	16	Qual era o cão
		( <i>Título da fábula</i> ) O mocho e a aguia
296	1 a 3	De lindas pennas cobertas
		Tão
		Espertos...
	3	Olla, são
		Mesmo umas flores!
	6	Já não
		Devisto do intento.
	8	Só se estas de todo cega.»
	12	Nem vos posso maltratar.»
	13 e 14	E com verdade dizia
	16 a 26	Fois é o forte brioso,
		Verdadeiro,
		Aborrece o mentiroso,
		Tem nojo do trapaceiro;
297	3 a 7	Nons pinhaes
		E em toca mal holorenta
		Ninhada
		Fcia e nojenta
		Foi ella encontrar
		Um dia.
298	3	Signaes que outr'ora me deste.»
299	6	Um ovo e (quem tal diria?)
	12	Pensou
		Ella; e assim o fez.
	17	Fois o papo rebentou,
300	11	Porém
301	27 a 30	( <i>Eliminando-se</i> )
302	1	—«Pastor! Se tu não me queres
	8	Sempre a pelle é arriscar...
	26	Em serem seis; da-me cinco:
303	6	Me seja por ti rouhado!

Pag.	Verzas	
303	7	Nenhuma te quero dar.
	13 a 19	— «Rece, licenças, conselhos... Nada emfim te quero dar. Inimigos somos velhos, E dix' sensato dictado: — Quem seu inimigo poupa (Quanto mais quem o soccorre) A's mãos de certo lhe morre— Uma bala e nada mais.»
	22	( <i>Elimina-se</i> )
	28	Queres que eu more de fome,
	29	Pois não me deixas viver...
304	9 a 11	Por ti em Proveito teu: De certo tambem Vim eu Ao mundo para viver.
305	10	Questão,
	19	Quanto convenha fazer.
306	6	Pois as julgavam... fanestas!
307	8	Que eram pétas
	11	As prezadas borboletas,
308	8	Porque julgava
	11	Posto que da sua raça;
	16	O que ha de d'ahi surdir,
	18	— «Olha, que te stás A rir Péga mordax Lhe gritou.
	21	A imagem diz: — «Reparado, Tenho melhor.
	26 a 28	Apresenta, e bem Profundo
309	ult.	Sígnas são de quem A vida Se alguém Quer
	8	Elle a todos causa riso.
	11	No mesmo instante julgamos
	13	Pois somos sempre — perfeitos (183).
	20	Muito a encosta
310	12	

Pag.	Versos	
310	13	Dos oiteiros 'tê o cimo;
	14	Mas aos valles nem
		Um limo
	16 e 17	Reparando alguém
		Lhe disse:
		—«De tuas cousas pouco entendo;
312	21	Das terras da sua herdade.»
	5	Era bem
		Pobre o espolio
	6	De quem
		Occupara o solio...
	9 a 12	( <i>Elimina-se</i> )
	15	Por um burgo aproveitada!
314	5	Embora um tanto arriscadas,
315	9	Em esperar.
	11	O outro pôde a traição
	19	Mas, meu genro, que ha de ser,
	24	( <i>Elimina-se</i> )
	25 e 26	Veja pois, em que lhe custe,
	28	No perder
		A garra e o dente;
316	6	Não
		Foi chloroformizado,
	26	Mas, já sem
		Garras nem
		Dentes,
	ult.	E sujeitou-se a calada,
317	13	Tu, porém, nobre qual eras,
	23	E um leão;
	ult.	Quaes os tristes burros são (186)!
318	7	Quasi que a seu bel-prazer;
319	22	Brada ei-rei: «este malvado!»
	23	E foi-se sem dar
		Signaes
	24	De se importar
		Com os demais.
	25 e 26	—Quem confessa o seu peccado
	ult.	Não merece ter
320	1	Castigo—
	2	( <i>Elimina-se</i> )
	3	Tal doutrina contradigo;

Pag.	Versos	
320	7	E o fizer,
	13	A um malvado
	14	Que chora, bem
	19	Qual o é, naturalmente,
321	5	Foi-lhe qual o Tenebroso,
	8	Fêz praça caminhando
	9	( <i>Elimina-se</i> )
	10	Viu mil ostras bocejando
	17	Cousa boa, e a atacou.
322	12	Apesar de archi-manhosa,
323	10	Geral
		Do povo:
324	4	Nos commodos, na belleza,...
325	8	Não
		Se perdem nas nações,
	10	Em phrases, que são
		Retabulos
	20	— <i>Quem</i>
		<i>Tem</i>
		<i>Habe ndo</i>
		<i>Se senta</i> —
		Se não
326	11	Hoje de certo os não ha;
	12	Nas porquê? Bem claro está:
	13	Nos queira o... cõto mostrar,
	17	Teve a outra de se erguer...
	20	A regougar!
329	9	Escutava;
	11	Quanto approvava,
	17	Estacou
ult.		Tudo é ronbo!
330	6 a 8	( <i>Entre parêntesis</i> )
	26	Deixa tambem
		Que te diga
	27	O que vem
		De conhecer
331	4	À qual já chamava minhas;
ult.		E inda os ha
332	6	Um estadista,
	13	Impingindo bem
		Ou mal

Pag.	Versem	
332	15	A quem
	22	A pode vender, Quer Dizer, Ao charlatão burro enfim...
	ult.	
333	15	( <i>Elimina-se</i> )
334	3 e 4	Não cuidando de mais nada;
335	4 a 6	Os charlatães tem Os pés Bem Seguros, Tudo lhes é beneficio,
336	15 a 17	( <i>Entre parenthesis</i> )
	18	Quizera que o orador
337	4 a 6	Quer Dizer (Se não me engano Já vi isto em qualquer Parte)
		— Uns tinham valor insano, As de Villa-Diogo E o fex logo, Quem Morreu por lá Ou bem Ou mal enterrado:
	6	
	8	
	11	Antes sim commemorado
340	1	Entanto que os ratos rasos
	9	Por fugir à soalheira,
341	2	—«Foge tu» volve o jumento:
	6	Ou contigo
	ult.	Porém Que nada lucrara E — mais ia
342	16	Quanto grato devo estar
	26	( <i>Elimina-se</i> )
343	12	Negros, d'uma deitadura, Como costumam nascer,
	26 e 27	D'un que, quando elles cresceram, Se mostrou cynce não ser;
344	2 a 4	



Pag.	Versos	
344		Era marreco, e mais nada (196).
346	5	Signaes não
		Eram de dôr,
	7 e 8	D'aquelle casal tão
		Terno.
		Não
		Longe havia
	11	Sem cessar um só momento
347	6	D'ali a boa harmonia.»
	7 a 9	( <i>Elimina-se</i> )
	10 e 11	—«Isso nunca se ha de vêr
	15 e 16	(As vezes sem
		Tom nem
		Som
348	3	«Sou teimosa,
	8	Você como se dá bem
	10	O qual, sempre tenho ouvido,
	12	Julga que as demais são
		Toscas
	13	E que não
		Sabem viver,
	15	Commigo, sempre creada
	17	Louvido Deus, té agora
349	8	Oh! quem
		Me dera voltar
	11	Sem
		Maldade
	18	Eil-os nos bandos que vêm!
	19	( <i>Elimina-se</i> )
	20	Quem
		D'elles me livrará?»
350	1 e 2	E á
		Qual
		Um tal
		Maná
	5 e 6	Quem pilhara essa caçada!»
	22	—«Lá
		Vão ellas
		Muito á
		Ufa
351	10 e 11	Qual tinha vivido,

Pag.	Versos	
351	12	Sempre em gallinhas pensando (198).
	13 a 16	( <i>Eliminam-se</i> )
352	27	Nella entram a nadar.
353	9	E soccorro não Ibes deu.
	11	Então D'aquelle ninhada;
	26	Mil vezes suas passadas
	27	Pois muitas meninas tem
354	22	No tronco d'alguem salgueiro,
355	1	Tempos que bem longe vão!
	5	E por aqui ficares.
	9	Menos ternos... maisiosos...
	12	Lonco andava:
	26	Na rua dos Capellistas,
	19	Tira d'alli os sentidos
	20	E vai armar grande rede
	23	Mais Ibes não falla
	28	Puxa a guita e, num momento,
356	5	(Eu cá de certo os comia)
357	6	Ninguem Sabe se as papou;
	7	Consta porém Que ficou
	10	Tendo verdade e belleza,
	13	Mas, egual a sobremesa,
	19	Sustenta a imaginação
	20	Não Serve para alimento;
	ult.	Por boa e sensata prosa (200).
358	16	Que, por motivo d'um burro
	17	Furtado, dois ratoneiros,
359	1	Logo entre elles o dinheiro,
360	21	—«Habitamos» continúa:
	22	«Este grande casarão
361	5	Possas encontrar,
	11	—«Coitadinha! já bem velha,
	25	Ibe lançou!
362	4	Tire d'ahi o sentido:
	15	Diz, julgando esconjurar
363	5	—«Sempre tenho visto e lido»

Pag.	Versos		
363	12	Despedil-o sem tardar;	
	19	No que for só agradável (202)†	
	20	Quantas Teias, Paciente,	
364	1	Outras tantas de repente	
	4	Lá	
		lam de moscas cheias	
	7	Da aranha, já Meio-louca,	
	8	De fazer cruzes na bocca,	
	20	Nunca te vas tu metter	
	22	A luctar,	
	365	17	Semelhante innovação;
366	21	Resumindo-se em dizer:	
	22	— Nunca se deve fazer	
	23	O que ainda não Se fez	
	27	O fogão Na igreja pôr. De morrer!	
	367	8	
	369	5	<i>(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)</i>
8		Ao longe ficando o chão	
13		Não É nada;	
23		Que a terra 'stão	
370	8	Não, Senhor;	
	12	Segundo as crenças de então,	
	14	<i>(Elimina-se, deixando um espaço)</i>	
	15	Estando um rei a morrer Não Sabendo a facilidade	
	17	Lembrou-se (valha a verdade,	
	18	Sem Se rir)	
	371	2	A pesquisa,
	3	<i>(Elimina-se)</i>	
	4 e 5	Lá vão pois indagadores	
	8 a 18	Que ali muito pouco dura, Por inveja, por pobreza,	

Pag.	Versos	
371		Com mais ou menos razão Não A encontram na nobreza!
372	27 10 12 21 22	Só miserias, dissabores, Cuja sorte lastimaram; Nunca a tinham visto assim! A sua morte! Ha Um par d'annos nasci-
	24	( <i>Elimina-se</i> )
373	25 5 6 12 14	E sempre vou resistindo, * Senão quieto duemir, Que hem pouco tarda a vir, * Pasuados porim Ficaram Nem Sombras acharam
374	21 6 a 12	Em festins e serenatas E não ter fome ou fastio Nem lhe importar calma ou frio (Corra a sorte má ou boa) Nenhum mal Quer physico, quer moral Sentir, que muito lhe doa, ( <i>Depois do verso</i> ) Quanto é bom de appetecor Aquelle que não o tem Ou que o chegou a perder (206). Muita cousa; Não és nenhuma zopeira, Nas terras por onde andou; Ha sino descommunal Para o poder Fereber A qual então Se encasqueta, ( <i>Elimina-se</i> )
378	1	Pequenina, suja e feia
379	15	Que o thesouro disputado
380	16-20 6 25	Era... um peido de marfim (209); Que elles alcanham de palos E desecu

Pag.	Versos	
381	3	Ao miolo,
	4	Nada achou.
	7	Na grande diplomacia)
	10	Breve o demo lh'o mandou.
	15 a 19	O seu auxilio não pede — «Cantela!» Lhe gritou Ella: «Se tambem queres beber, Podes no balde descer;
382	8	E assim sobe a enzonzeira
	15	Mais alguem
	20	Ha de aqui vir (Lobos tem Outro pensar :)
	21 e 22	Sem Saber o que fazia,
	26	E elle afogado morren.
	27	Quando Sem
383	18 e 19	Quem Não cumpriisse O seu mando,
384	1	De que não fazemos caso.
	2	Bem Sei que podes ferrar:
	5	Eu te pilho com este rabo,
	11	E, dizei mais, que o devias:
385	4	Aos palacos e aos tostões,
	5 e 6	Um vizinho lhe censura Aquella grande amargura;
	8	A seu ver, quanto dinheiro
	10	No mealheiro.
	13	Ponha uns callaos no logar,
	24 e 25	Malvados, sem coração Terem mesmo para si;
386	6	Se o dinheirinho guardava
	8	Que estava
	12	O saber.
	23	— «Chegam a exaggerar,
	25	Que se esconde na pobreza.»

Pag.	Versos	
387	1	— «Basta podel-o deixar
	2	No seu testamento a alguém.
	9	Que se compra mesmo o céu!
	18	Labutando em dura lida
388	11	Vê no oiro o arrimo, o escudo:
	21 e 22	Isso agora vou sofrer;
389	2	O velho, e em parte não.
	22	Que bastas vezes o mundo
	25	Ao avarento é porquê
390	4	Algo assim vir
	6	Emquanto, em geral, despreza
	9	Parte nessa culpa tem,
	10	Não pouca, o mundo também (217).
	18	A passazada
	22	Voltou.
		— «Fizeram obra bonita!
391	13	Juntos viver:
394	3	Jove não
		Quiz demorar
	6	Ainda em tão
		Terra idade.
395	8	Ou talvez inda melhor-
	ult.	Embora o saiba no céu.
396	18	De Athenas, e dando a perna
	19	Muito e muito azafamado,
	ult.	Que tinha accessa na mão,
397	2	Para o seu lume accender
	5	Se lhe atravessa,
	7	E diz muito zombeteiro:
	8	— «Eu quero agora saber
	14	Lanterna accessa?
	26	Como em noite muito escura,»
	29	Insulsos alanzondas
398	7	Nada o parco perechen (216).
	13	E corre muito aguçosa.
	20	E julgando engaxupat-o:
	21	«Acabou-se a dura guerra
399	18 e 19	E não
		Pode aqui tardar,
		O cão
		Que nos guarda o gado

Pag.	Versos	
399	20	Vamos juntos festejar
401	28	O mal ou o bem
		Que lhe vinha
	ult.	Nem
		Deixava
402	5	Fazer podia;
	11	Eis que se encontram um dia
	15	De todas haver lavado
403	6	<i>(Quando ha no teu coração</i>
		<i>(Titulo da fabula) A amphora.</i>
	10	Vaxilha feia,
404	7	Os que forem assim velhos
	8 e 9.	Dar
		Podem bem haer conselhos:
405	5	Nenhum quiz sacrificar
	ult.	De accordo
406	15	Gritava o outro e dizia,
407	19	Assim venha uma centena!
	26	Repara bem no que fazes:
409	6	Em pé!
		Temos trovada,
	18	O que alias é evidente:
410		<i>(Titulo da fabula) A má vizinha</i>
411	17	Para alli accommodar
412	11	Que furor,
	15	<i>(Abrir um espaço entre este e o seguinte verso)</i>
	17	A enzoneira trepou;
	29	De noite e dia
	ult.	As raizes do carvalho:
413	23	— «Vizinha, muito obrigada»
414	3	A malvada, que desceu
415	2	Mas não vá
		Ella noiar
	3	Lá
		De cima esta conversa:
	4	<i>(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)</i>
	16	E pôde a vil enzoneira
	19	De seu vagar
	20	Farta herança que deixaram [223].
416	21	Tanto galimanhio,
	24	Tammanho.

Pag.	Versos	
418	4	Dos famosos franciscanos.
	6	[Al! quantos annos
	27	O que hoje você me dá;
419	17	Não
		Ouvindo dizer mais
	ult.	Chuva caía nos umbraes
420	2	Basta e de sobra o ruim (225).
	5	Ja não
		Sei
	7	Pois tenho fraca memoria)
	9	Mui de certo calara.
421	16	Saltando grande alarido;
422	11	(Quando não seja indecente)
	12	Amargo medicamento,
423	12	<i>(Abrir espaço entre este e o seguinte verso).</i>
	18	Outra não
		Lhes pode achar (227).
424	17	Trazia o frango de ponta;
	26	E até de pinto o alcunhou!
426	1	Ou era eu o vencido.»
	12 a 14	Um cão
		Se curva e lhe diz:
		— «Bem sei quanto sou mesquinho;
		Mas não
		Quix
428	10	Desejava...
	13	Só a elle e a mais nada...
	29	Confundindo o bem
		Com o mal
431	13	Os casos graves passados,
	14	Que da alheia
432	20	A urze, a grama, a urtiga
434	5	Que além
		Se vê branquejar.»
	6	— «Isso bem,
		Podia ser!»
	26	A lebre a pastar
435	2	A lebre e deita a correr,
	12	Quem
		Sempre e em
		Linha



Pag.	Versos	
435	14	Embora mui devagar,
	15	Sem
436	6	Se destrahir caminha,
	8	De ter lido em
		Lendas veilhas
		Que elles tambem
		Descendiam
	10	As quacs, em
		Tempos faziam
	13	Muito e muito superior
438	3	(Se foram d'isso credores;
	26	De foguetes;
440	25	Pratos são muito caseiros,
	28	Escalfados,
441	15	Pouco tinha que fazer: *
	16	Me vai o leitor dizer.
442	10	— « Se tu assim continhas
444	2	Que accendou;
	7	Mas foi elle quem o deu,
	8	Não ella, que se metteu
	13	Ao lavrador lexiano,
445	4	Sobre a pelle do primeiro
	5	Urso que fossem matar,
	6	E sabe Deus com que usura!
	10	Porém
		Já disse o bastante
	14	Dem
		Faceis são
	17	Tambem
		Não
447	13	Que dava pão á entxada
448	7	Se não
		Sempre, hasias vezes,
449	2	(Tinha muito que fazer:)
	8	As cartas substituindo.
	22	Sem
		Gastar
	25	O tempo em
		Vão
	27	É o caminho a trilhar
450	ult.	Eternamente sumidos

Pag.	Versos	
451	7	Descarada.
	12	Que a figueira de Timão,
452	18	Tê-o mais do que te dá
453	1	Do que o simples argumento.
	8	Farinha de trigo boa,
	11	Farinha, quando o grão
	12	Fôr ruim:
	13	E, sendo o moinho assim,
	17	Dotados d'ella bem
		Clara.
	18	Porém
		De ignorancia rara,
	20	Cousas boas, sem
		Sciencia
454	10	Haver
		Alli um mysterio
456	19	Mau grão as opiniões
	20	Contrarias dos sabichões:
457	1	Atolado um carro estava.
459	6	— « D'onde vem »
	7	Diz-lhe um salgueiro:
	11 e 12	Em rasgar
	14	Lhe voitou o espinheiro.
	ult.	Que faz gosto em
		Ser ruim (245).
460	12	Foge tudo em
		Debandada.
	18	Governar:
461	25	Assim fazem sem
		Demora.
	26	Assim vivem 'té
		Demora.
	27	É bem
		E
		De acreditar
462	2	Me julgues tu, meu leitor.
	4	Nem d'esse nem
		De nenhum
	6	Porém,
		Seja elle qual fôr,
	9	Já que d' elle se carcece ;

Pos.	Veross	
462	15	De velho, sem Medicina;
	16	Bolicarios;
	18	Muitos governos tem Sido
	19	Quando o homem pervertido
	20	Desatina,
	21	Quanto, além De tolo, é mau,
463	7	Não Me consta que se faça
465	9	Por este dia
	14	De haver pregado,
	15	E mais d'uma vez, calote!
466	2	O céu como está;
	14	O outro: - que nenhum tem;
	19	Segundo as occasiões,
	23	Homens de bem:
	ult.	Basta termos pouco ou nada (247):
467	6	Claro espelbo em que te vejas.
	11	Dus que na botica tem?
	18	Que não quero morrer d'esta.»
470	9	Este famoso decreto,
	13	Pela patria o sangue seu,
	29	De molho ficou o intento
472	19	Do pae não fallava:
	20	E porisso se vingava,
	21	Zombando d'elle, o povinho
473	5 e 6	A meu vez, menos esperto
	9 a 11	Imitar Ou polor macaquear Aqueles que podem mais:
474	1	El-o pois vai escolher
476	2	Sem
	4	Poderem perceber E nas quaes ninguem Repara (252).
	5 a 7	Para pregar Stão em uso
	16 e 17	O prego e o parafuso. Que batido,

Pag.	Versos	
475		É a martello ou a malho,
477	3	Deixando as duas por tres
	14	Eu mui pouco engraço.
	17 e 18	E só uso O parasuso,
	22	Ignoro-o, e alguns serão,
	23	Em vez de parvus, vullacos.
	26	Cavacos;
478	4	O charluão 'sts seguro
	5	De que sempre ha de abrir furo;
	8	Quem menos veja,
	18 a 23	Avisado Por alguém De que só se defendia, As vezes, com argumentos Virulentos Porém
479	22	De pouco valor Como não
480	3	Par cesse bem, Vão
482	10	Andando até que vem
	20 a 22	Assim ver Parece asneira. Porém
483	5	Não tinham chegado —«Metta tambem O bedelho!
	8	Por ter querido sem Cessar
	12	Em
	15 e 16	Seguir E se tal
	21	Fez, andou mal De, sendo ella bem
	ult.	Pensada, Sem
483	9	Nos impartar mais nada (254),
486	3	E côrte d'el-rei Leão, O leão A um macaco,

Pag.	Versos	
487	6	E diz verdades grosseiras :
	8	Litas vai supportar.
	10	Quem
		Mentiras lisungeiras
	18	(Silencios ha eloquentes) :
	19	Se o formos, meios decentes
	20	Procurar,
489	2	Eu, se faço o que fazeis! . .
	15	Sois qual
		Era frei Thomaz
	16	Quando moral
		Pregar quiz :
	19	Pois eu vos quero imitar;
	22	Juro que a hei de emmer.»
490	2	Só por o haver
491	2	Moscas ficando
		Aos milhões!»
492	12	Pasumdo, não
		Percebia
	21	Dos quaes grande parte II.
493	1	Ocos
495	18	Decrescer
495	2	Deixemos, porém
		Os Irades,
	13	Tinham bom, lauto jantar :
496	19	Na fradaria,
497	11	Mal vejo dos seus furtores.»
	12	— «Pois vejo-a eu muito bem»
498	6	Certo macaco diz: — Pés!
	ult.	Candieiro ou vela;
500	3 e 4	(Eliminam-se)
	8	E se alguém
		Lhe perguntava :
	11	Nem
		Milagre d'algum santo»
	13	De mal occulta vaidade :
	21	E verdade bem
		Sédica
	22	— Quem
		Não sabe não diz missa. —»
	ult.	Pasados porém

Pag.	Versos	
500		Uns tempos,
501	9	Intenia vender.
502	20 e 21	O Jordão fallava prosa
		Annos sem tal perceber (262).
503	6 e 7	Porém
		Ella tal não quiz.
	8	Respondendo:—«A casa é sua?
	10	Tenho posse;
	23	Do canhão
	24	Chamar a meca
		Pondo-lhe acção
		De despejo
	26	—«Cheguem-se mais; não
	28	Nem
		Os ouço
504	3	Ambos vão
		De boa fé
505	3 e 4	Viviam, o menos mal
		Dois velhos (era um casal)
	9 e 10	A velha não tinha amigas
		Sem o marido inimigos,
	14	E foi cousa bem
		Pensada?
	15	Pois aturar quem
		Havia,
506	4	Ha de ter mais de um <i>duetto</i> !
	13	Uma linha tórta ou recta,
507	8	E tres desejos comprisse
	9	Taes
		E quaes
		Eu li os pedisse.»
508	12	Gordio chourço, que até
509	5 a 9	Se não me tiram já
		Isto!»
		—«Stá
		fem visto»
		Torna o velho:
		Pódes lá
		Assim ficar?
		Vamos chamar
		A conselho

Par.	Versos	
513	16	Para que bem O guardasse
	29	Que lhe dá em ar de graça.
514	9	Mas deixando-lhe escolher
515	25	A miúdo assim
516	2	O outro, de mais
		A mais (257).
	5	Á feira correm um dia,
	20	E enfiar-se
	all.	Das mais delicias Bores:
517	11	Mas muito breve sahia,
	12	Poisque num momento via
	22 e 23	Berrava do outro lado
	26	Começando o seu cacaco;
519	9	E quem não Ficar
520	1	A nobreza,
	10	Um cão que fora ensinado
521	4	Por quem Vai ser atacado.
	7	Nem Ficara o inimigo;
	8	E tal era a abertura,
	18	Quantos cães ali não vês
	19	De dois pés,
	26	Por galferos,
	28	Que a d'elles da mesma raça?
523	14	Tanto monta:
	16	Para tal obra luz conta,
	23	Do peor!
524	5	Sendo Jove, um tal pespégo,
	9	Da cabeça até os pés.
	19	Por muito que ás trancas dês!
	24	Que te chega até os pés:
525	5	Qual o seu diser.
	11 e 12	Decretam sem Tom Nem Som
	18	Dizem já ter-se encontrado
	19	Um grão

Pag.	Versos	
525	ult.	De arcia alojado A dureza tão Dannosa
527	3	«Não te largo assim a pelle.
	8	Pódes ceifar a vontade
	11	Velhos chóchos, bolorentos
	19	Dizem que a morte não ri!
528	3	Pois de certo has de morrer.»
	10	Muito pasnalo elle diz;
	17	Fazer-me, da outra vez,
	20	Inutil é esse tedio
	22	Que com prantos não se afrouxa;
	23	Contra mim nenhum remedio.
	24	Vamos, faze a tua trouxa
	25	E cessa de consumir-te.
	28	Mas vê se o fazes.
529	5	O velho: «nesta cadeira,
	6	Annos ha, vivo entrevado.»
	16	Se eu não fosse surdo e cego....»
529	17	«—Ousas ainda, pespégo!»
	21	Logo ás costas o levou,
530	2	Poema defeituoso,
	5	Elogio o mais pomposo.
	9	Se de ambos tinha gostado
	21	O dinheiro da talento;
531	8	Vem
		A Lisboa vender
	9	E, em
		Profundas reflexões
532	22	(Pois, certo, saem gallinhas
	8	Tomo a alguém
	11	De dinheiro.
	22	Cal no chão
	25	Os sonhos da desgraçada!
533	11	«—Não acertaste no alvo,
	16	Vae um ou outro ensinando,
534	18	— Do que mal
	21	Ao homem:—
535	4	Quando não São Partilhadas;



Fig.	Versos	
335	10	Quando mal acompanhado,
	13	Não se falla no ego em côres
	21	Aos falhos de intelligencia;
	25	D'alma os intimos affectos
	ult.	Para mais não Conviver
336	16	E, sempre só,
	17	Muito mal
	24	Termin mil vezes do amor
	29	Idiota sem Maldade,
337	3	E, em Summa
	4	Ahi tem Quasi um amigo
337	12	la as moscas enxotando,
	18	Devêras o idiota;
	21	E, vendo que uma pousou
	23	Com tal gaza, que a matou
	25	O patrão
338	13	Uns antes que aos céos sabiam,
340	3	<i>(Elimina-se)</i>
	7	<i>(Depois do verso)</i> Havia outr'ora uns bonocos,
341	17	Eu d'elles muito gostava
	19	Lhes achava,
	ult.	A notavel semelhança
	14	Dois homens, ou numa sala,
	16	Com quem Falla, —«Passa bem, Ao que parece»
342	3	Aconito e, volta e mais,
	28	Para seu lado se afasta;
343	13	<i>(Que não embaçam</i>
344	4	E esusada
	7	Se 'sta bem, Se 'sta doente,
	9	A quem Apertar
	14	Stejam pelos autos,
	15	De comer tem

Pag.	Versos	
544	ult.	Muito lume (278). Sob a direcção Do burro
545	9	De oiro
	11	E caros...
	22	E a bom valer,
	27	Como inda hoje e costume.
546	16	Não Era então Conhecido.)
	17	Á surrella, sem ruido
	22	(Ainda o mais descarado)
547	9 a 11	Berra a quem Berrará mais A parte que lhe cabia.
	12	Em summa, para encurtar:
548	5	E (caso mais engraçado?)
549	21	Entre súa láo. Ruim.
	ult.	Se não Tens queixas de mim?
550	8	— «Ignoro se tu me mentes,
	20	Hão de pensar que elle tem
551	15	Outro é e deve ser.
	19	(A sorrir)
552	23	Ou mal,
	24	É só meu;
553	3	E trata de o impingir,
	4	Qual mafarrico, aos demais;
	9	— «Sou mau; pois nascido assim,
	11	Ninguem fez caso de mim.»
554	3	O lavrador e tratou
	5	De adubar
	13	E em peior
	16	Bello e farto; mas ruim
	19	Cobre o monte, cobre o prado;
	20	E enfim
	22	Ninguem, mirando ao proveito,
	23	Deve ajudar um malvado.
555	8	A propria custa um veado.
	16	(O boi não é fementido).

Pag.	Versos	
558	5	Bem pegada
	8	O bonico, já se vê,
	14	Algum rijo piparote,
559	12 a 16	Em si e no seu talento, Sem terem merito algum
		Atrevidos, Detestaveis, detestados
560	9	Quaes moscos e cuxotados
		Nada mais tem Que temer;
	10	'Stá curado:*
	11	Disse
		Alguem
561	13	Assim o fez,
	22	As regras do bem Viver;
	23	Pois tambem É caridade
	ult.	Castigar (285).
562	2	Mas fino que nem coral,
	4	Num lyceu nacional.
	7	Cafulando
	8	O que podia,
	12	Não para que valiasse;
	29	Quanto o rapaz traduzia,
563	1	Ou fazer nenhum sentido
	4	Este aspramente xurzido.
	8	De julgar não é capaz
	19	Tornava o outro:—«Pois sim!
	27	E, se não as entendemos,
564	1	Quando se falla em <i>latim</i> ...
	20	Que soubesses bem cantar:
565	14	Emendava a natureza;
	17	E isso, quando se tem,
	26	O corvo, tudo encantado,
	27	Solta um graso assetvajado.
	28	O queijo co; e a raposa,
566	2	Derreza, e sem Defeito!
	6	Que ninguém,
	9	Não deixes de convidar

Pag.	Versos	
567	1	Pois, se a palha bem
		Cortada
	5	Ninguem
		Lhe acha mau sabor (287).
	21	Na primeira,
568	3	Na segunda, menos má;
	4	E não gostei, na terceira,
	8 a 10	Será Ouvilo uma vez, Que não tres.»
	15	Para que foi dito ou feito:
569	1	<i>Não sentencies de estado.</i>
	4 e 5	E astros novos no céu; Porém ficam luminarias;
	7	Na segunda ou na terceira <i>(Tudo da fábula) Os sos...</i>
	14	(Ja morreu! um delegado)
	16	De que preferido estava.
	17 e 18	—«Se a meu pae, por ser <i>malhado</i> ,» <i>(Eis como elle arrazoava!</i>
	19	«Não tivessem degradado;
	21	A guerra, estava formado.
570	4 a 6	Obtyesse O meu Despacho, Logo eu Acho
	27	Ou:—«Se eu fora protegido,
	ult.	Melhor
571	1	Que muito impostor,
	2	Bem differente do que mostra.»
	24 a 26	Qual foquete, muito teso, Por outrem sendo ajudado; Mas, quando desamparado,
572	1	Com res que não valem nada,
	10	<i>Grangear</i>
	12	Não chega? veja se o pôde
	18	Um leopardo, que ensinado
	21	Mai prompto d'elles se achega
573	8	O leopardo, sem Querer,

Pag.	Versos	
573	11	(Sem Tamponco que fazer.)
	16	Até brincando se assulam;
	22 e 23	Figurão Do seu paiz: «Não Pudo; por mais que o quiz, Das denses que já Lá Vão, Diz-lhe o cavallo: «Obrigado; Sem algum villão Ruim.» Não Te deixo lá voltar.» E nada te ha de Faltar, A liberdade Perdeu ( <i>Elimina-se</i> ) Depois de basta canceira (Embora tendo a pitança), Não é Porquê, Tendo errado E que o has de devorar.» Com arceira caramunha, Depois muito a seu contento. Para os povos opprimir Mais tarde soffre a maldade Pois bem se pôde afirmar Que, se escapa inda algum são Tanto fez, tanto teimou, Porque foi mal educado... Com o mais accurado Toda lirios, toda rosas, Qualquer fazia, Que mal nos Tem Dos Que o tem
574	2	
	20	
	22	
575	1	
	4	
	6	
	7	
	9	
576	13	
	26	
577	1	
578	1	
	6	
580	20	
	24	
	25	
581	15	
583	19	
	21	
584	10	
585	3	
	21 e 22	

Pag.	Versos	
585	24	Pouco mais que molestar
	25	A que nos temos tambem (296)
587	14	(Entre este verso e o seguinte) Mas para o homem honrado, Humilde embora illustrado, Para o util cidadão Fugindo no immundo mercado Que vende reputação, O biquinho Caladinho!
589	15	Apenas morta, o logar
590	5	Assim os homens bofrados
	até	São
	o fim da	As vezes obrigados
	fabula	A mentir; Não Direi Para fugir
		A cruel morte (esses tempos, Felizmente, Já Lá Vão)
		Mas a fataes contratempos, Não Se mata hoje ninguem, Innocente,
		A ferro e fogo; porém Os tartufos sempre tem Muitos meios E rudesios
		De conseguir santamente. Seu intento
		Com a calumnias que consome Destruindo a fogo lento, Matando um homem a fozes Tendo-lhe inflamado o nome (298).
591	7	Sem ter
	25	A tua ousadia! Ser tão Mau scão

Pag.	Versos	
591	28	Peior — Tir'-te lá não De enfarrusques!
592	2	Num regato; e allí se viu
593	14	Salvar
	17	Póde a sua amiga, Não possa pagar O bem
595	4 a 6	(Como? ninguém o sabia Nem tratava de o saber, Pois basta dinheiro haver, Pouco importa como havido . . .) Dizia Cielo de si E os cruzados
596	1	
599	9	Mais esportá que a mamã,
600	12	Com as quacs o correr Parellas
601	2	Sem Mais palva nem Escriptos.
	3	Operários bem Peritos.
	6	Ou melhor, caso o soubessem,
	9	(Depois do verso) Para novas evitar As abelhas desde então Tem cuidado de os matar Mal começa o quente v'ráo.
602	19	A outra muito mais moça.
	29	De obtiverem bom casamento
603	1	Fazem-lhe guerra a cabeça;
	10	Ou bem Pouco lhe faltou
	13	Tambem Ver
605	6	Que por acaso encontrou.
	15	O gallo pensava bem:
606	5 e 6	Já Ninguém Nem A peso o quiz comprar

Pag.	Versos	
606	7 a 11	Muita cousa é boa ou má Segundo o caso se da De alguém D'ella carecer, Ou ninguém A appetecer (307).
	12	Charlatão se apresentava
	15	D'uma paiz muito distante
608	18	Tendo com ruins vivido,
609	1	Dos costumes primitivos
	20	Seguisse um tal viver.
	27 e 28	Purem Rude Não Sabia Nem Como e tão Amiude
	ult.	
610	20	Ver allí representando
611	10	E ver que stava enganado:
614	3	E não poucos d'esses mecos
	8	Semelhantes intrujões!...
	13	Nem esquece chamarla.
615	4	Já te havia feito alguma?
616		Diz o segundo: «aqui está
617	3	Os mais inclytos varões.»
	24 e 25	As pazes Com Deus estão feitas
618	7	Nos tempos que já Lá Vão:
	15	E também Para pagar
	20	A quem Ao depois vier.
620	3	Philosopho que passava
	5	Desata logo a gritar,
	16	Lhe voltou O podador
	19	Ficou O sabio pasmado!



Pag.	Versos	
620	30 até o nll.	E sem Mais vez nem Ouvir Imaginou Descobrir, Cheia de philosophia, Uma nova theoria De podar.
621	1 a 30	Dito e feito Compra logo um bom pomar, Corta, serra, Dá com elle quasi em terra, Segundo o novo preceito Que inventou. Finalmente tanto fez Que o . . . podou Por uma vez. Consciencioso tractado Então o sábio escreveu, No qual deixou Demonstrado —Que não se deve podar— (Ja que o seu Pomar morren Da theoria a pesar Que salvou-o não logrou.) Vêmos porém que da poda A moda Continuou E talvez ira durando; Pois ignorantes, Pedantes E sábios abalizados Vão-se sempre regalando Com os fructos, Bellos productos De pomares bem podados. (Abra-se um espaço) Deve a sciencia Nascer De sensata experiencia.
622	1 a 29	

Pag.	Versos	
622		<p>Vem  Esta sempre primeiro;  Nem pôde deixar de ser,  Poisque o homem vê ou sente,  Ainda instinctivamente,  Durante muito janeiro  Antes que possa ou que queira  Princípios estabelecêr.  De que a sciencia se forma,  A qual depois tem por norma  Verdadeira.  Regra certa onde afeirir  Quanto haja que decidir  Sobre pontos duvidosos,  Segundo os mais numerosos  Factos em  Que ella se funda,  Pratica ou experiencia  Sem  Sciencia  Pode fazer  E até abunda  Enquanto as necessidades  Da vida se contam poucas;  Sciencia sem experiencia</p>
623	1 a 10	<p>Nunca pode ter  Valor;  É cheia de falsidades  E de theorias ocias,  D'ella te livra leitor (113).  <i>(Numeroso da fábula)</i> 283.*</p>
624	2 6 19 21	<p>De viv'res souga-monga  Sem mais podia fallar  Para alimento  Lhe dar,  De tal sustento  Empregar</p>
625	3 7 9	<p><i>(Título da fábula)</i> O homem e o lobo  Um lobo disse a um pastor :  Mas gostam bem do calor  Quando a apañam para um fato!</p>

Pag.	Versos	
626	14	Finorio corvo-marinho
629	3	Dem escondido
	10	A mudança; que não va
	12	Assim o fez. Pouco a pouco
	20	Das puras aguas do céu.
	25	— Fovo! vê-te n'este espelho!
630	18	Ao fraco e ao innocente;
	19	Mas d'isso raro apparece:
	25	E mau, porém
		Natural;
	29	Um qualquer por quem
		Eu não
631	4 a 6	Milão, grande lactador,
	20	Nos demais o vê e aponta
		Cada qual:
633	13	Excepção
		Se imaginar
635	1	E tem
		De viver sumido
	3	Sem
		Ônsar mostrar-se enquanto
	15	Filhinho
		Deu
636	27	Por sua desdita e nossa,
637	7	E, se mau, será então
	29	(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)
	23	Mas, enquanto não
		Sogherem
	26	Hão
		De sempre edificar
	29	Qu'permittie semear,
	ult.	A mão
		Cleia
638		Quem
		Tal fax ou tal consente
	5	O que estamos sempre a ver
	6	Sem
		Remedio infelizmente (319).
	11	Jamais vender, ainda que
	13	Foi porque
	18	Onde? Não

Pag.	Versos	
638		O soube achar.
	ult.	Tão
		Fundo, quanto podia,
639	9	Veiu a ser de dia em dia;
	13	Assim deram com um thesoiro,
	ult.	Mas, depois que se mirou,
640	13	Do tão malfadado espelho
	15	Onde quer que se espalharam,
	17	Andam sempre asfomados
	25	Que nos pedacos que achou
641	2	Fonce mostram da verdade (322)!
	9	D'estes um que foi então
	15	Levando, se regalou,
	17	Ao depois philosophou,
	19 a 21	De quem está satisfeito.
643	13	Se desprezas uma vida
644	11	Tera
645	20	Nessa vida alem
	21	Da morte
		Quem
		For mau, fraco, ignorante,
652	14	Ou qualquer
		Outro malvado,
	16	Sem ter
652		Nunca educação,
653	14	Cuidado
	15	De as porem a bom recado,
656	28	Paça...
657	1 e 2	Era grande trovador
		(Uma terrivel cigarra,
	4	Ninguem
		Lhe lançava a barra
659	20	Tudo vai a peso d'ouro
	28	Não
		Põe no chão
		Um pesinho ;
661	1	(O remendão
		Cortejou)
	3	São
		Minhas; mas a você
662	7	Dem

Pag.	Versos	
662		Guardada
	8	E sem
		Soffrer prejuizo
663	8	Visto que bom baratinho
665	6	Deixa de haver fortunas,
	10	Em droga o grande mal
666	4	Tem as vezes de seguir,
	10 e 11	Mas sem
		Na escolha convir,
		Tohido de reagir,
	14	E hem
		Haja
669	20	Entrada
	21	Alli você e outras fazes...
	23	Não a podem lá soffrer
671	5	Como faz tanta que se gosa
675	8	É atroz,
	25	Ave invejosa!»
677	ult.	Orz é isso que me aterra (333),
678	2	Mandou deitar
		Que pregão
	5	A visilar
		O seu rei
	7	Apressou-se a bicharia.
	21	«Mas não posso enxergar
		Onde
679	1	Dar
		A quem pouco reflecte,
682	4	«Vae-me tu d'aqui tirando,
	6	Só precisó de ajudado
	20	Logo o povo se vê quente,
683	2	Em vão
		Cada qual se some
	3	Não
		Evita a dura sorte
684	9	(Ou baixa) para o freguez
	13	São tres;
		Porém
		Ao senhor
	15	O outro muda de cor
685	7	Houve satyros outr'ora,

Pag.	Versos	
685	11	Não São Pessoas de bem;
686	6 20	Com as pontinhas muito agudas. E não Constipar os dentes
689	24	Receitar Sempre o prior Se vier,
690	25 11 12 14 16	(Nem o caso era d'amor). Supplicante, (Via Quasi certa a morte) Quem tal diria? Escapou!
691	1 4	Da presa não Tomou posse, Inexato o leão
692	18 19	Num laço, De diversos, Mias bem chôchos, versos
693	4	Uma causa discutir
697	4	Fazer Passar
698	20 25	Proteger O tal rapaz E que vai ser
701	19 21	Despaclado, Isto em Todos os sentidos; Ha quem
702	1 2 24	liga Quanto ellas mais parvas são, Eu sempre direi que não: Era bem
ult.		Perto d'alli Nem
703	4 6 18	Tal causa era mister, —Ao lavrador possuir Mas terras que não as saiba. Vendo aquelle estranho enguiço,

Pag.	Versos	
703	21	Em prantos e soluçando,
	27	Com seu choro:)
704	12	Hoje parto;
705	12	E ou porquê a mulher
	21	Transpor
707	16	Vai muito além
	21	A diferença.
	ult.	Muito embora inconsciente;
		Porém
		Se quer
709	18	Porque logo adivinhou:
	20	—«Men caro: não se adivinha:
710	20	De que, semelhante a rosa
711	4	Mocidade.
712	ult.	Numa pedra se sentou,
714	3	Bem para este espelho;
	15	Crua e rentida (152).
716	20	Faxe quanto te disser;
717	17	Já com semelhante
718	6	Não te agradecer
		O modo
721	5	Que resultados mui serios
722	3	Gomica chantrenidade,
724	3	Com certeza é obrigado
12 e 13		Julgar que o mundo careça
		D'elle, sempre caminhou
726	23	—«Mas eu sempre ouvi dizer,»
	26	Do que dois, eu te darvi;»
	27	E, pondo termo ao cavaco,
728	9	Utilizado
	20	Onde não
		Bouvesse perigo
	22	Lança mão
		De toda a gente,
	27	Não
		Rejeita
730	12	Porquê os senhores do mundo
		Ardendo em odio profundo
	15	Através séccas e chuvas,
	21	A quem
		Vão

Pag.	Versos	
731	3	Tem
	16	Por causa bastas vezes, Sem treguas e sem Quarrel
	18	As desgraças e os perigos
	21	Tem Êel)
	26	Aquella mal.
734	21	Nem se vê nada ;
735	3	Uma chuva tão Dannada
	4	Que toda a gente, molhada
	7	(Segundo a tradição Diz)
	21	Sem Demora
736	1	Nem Carapuços?
740	22	Valcu,
742	ult.	De fórma; morta não 'stá,
743	26 a 29	Será isto:— Não ter Visto Nem Lhe ser Bem Demonstrado)---
745	12	O tal dono e um filho seu,
746	26	Tu e eu
747	11	A trouxa faz nessa noite
	17	Quer Dizer, Emas meninas
750	4	De ouro
754	5	Que ellas me nascessem
	18	Tal Cumprir
756	16	Já se sabe sem pagar
757	18*	Do bilhar tambem Vender
	20	Oq em



Pag.	Versos	
757		Talaz se hade ver (368).
760	12	E porisso a rataria,
763	3	Qual a Sansão
		A gueselha.
	12 e 13	Quando em completa derrota
	15 e 17	Sem esp'rar por nada mais,
		Deram todos a canoella;
	19	Tanto á pressa se 'sconden
	24 e 25	Aos restantes succeden
764	18	—«Isso nunca hei de eu fazer
	19	Poisque vou assim perder,
765	20	Lauta mesa,
771	12	E sempre á cata,
	20	Da cara,
772	13	O seu intento logrou :
	15	Em sangue illustre observada,
773	9	Que não
		Se podem mexer
	12	Úmas com as outras estão,
774	10	Que prêga todos em
		Terra
775	17 a 19	(Assim eu tenha saude)
		Passar
		Vida regalada;
779	24	A sua terra natal
		Eu grito : (é o mais que posso)
		— «Este chaparral
		É nosso (378) !
780	2	Todo o dia tendo andado
	5	E a negra fêmea matar,
	14	Um urso (que se sollara)
782	9	Da séria historia
786	6	Gostavam de caoar,
	13	E seu visar,
787	10	Às vezes vinha a lembrança :
789	18	Gria.
	20	E não lhe vejo excepções :
	21	Do nada nada se faz,
792	3	Na casa d'um cidadão,
	19	«Vá indo que eu
		Depois vou.»

Pag.	Verse	
703	21	Se conta lhe não fizer,
796	5	Escolhendo um animal,
	9	Nas preferir sem
		Motivo
	13	A quem
		Talvez não
797	28	Dem
		Porrado
	ult.	Logo em
		Casa lhe pegava
802	19	Percebeu este o engano ;
804	20 e 21	Soub' elle o que pretendia
		Escrever
805	2	Tanto de certo valia
808	27	Eia pois se elle vier,
809	12	Chega um lobo e o tal carneiro,
810	1	Que o homem tem
		Sido assim
	5	Quem
		Ó quizer
		Explorar?
	16	Se a alguém
		Vê espelhar
	21	Como muito bem
		Quizer.»
	25	—Que para o homem viver
811	5	Quer va nos outros lesar,—
812	13	Do que lhe era permitido.
813	16	Por certo mal — um sabor
814	8	De ferro
	18	Sem
		Nada se aproveitar,
	20	Alguem
		Na borra encontrou
	27	Póde bem
		Acontecer
	24	Sobre assumptos controversos
815	12	Quem
	13	Bua fama crear
		Póde em
		Faz ir-se deitar

Pag.	Verseos	
816	2	Como se julga em Geral
	4	Que se pense bem Ou mal
	5	Ora assim, infelizmente,
	7	E julgou
	24	Mal ao palco tem Subido
	27	E logo, sem Mais exame,
817	9.	Porém não pôde acabar:
	28	Ou de outro classico auctor,
818	6	E belleza sem Debate;
	10	Quem Defender o contrario,
	15	Stá julgado
819	13	Gosto das marradas
821	20	É ora assim, ora assado,
822	14	Para o incendio debellar,
	17	O respectivo inspector
	19	Morava,
823	13	Sem Demora,
	20	E, de certo, má:
825	5	Dos novatos
	22 e 23	Vai logo fazer Peior Se o poder,
826	3	Da intolerancia soffrida.
827	6 a 8	O homem tinha razão, Sendo só para notar O seu muito exaggerar.
	11	Tem
	12	Direito a algum quinhão,
	12	Seja em Que trabalho fór,
	18	Ou do que trabalhou mais.

FIM DAS EMENDAS E ALTERAÇÕES  
DAS FÁBULAS

## Emendas no índice das fábulas

Pag.	Col.	Linha	
829	1. <sup>a</sup>	2 e 3	( <i>Eliminam-se</i> )
		8	( <i>Elimina-se</i> )
		13	Amphora (a)... 403.
830	2. <sup>a</sup>	8	( <i>Depois da linha</i> ) Benefícios (os)... 83.
		12	Côete (a) do leão... 485.
831	1. <sup>a</sup>	71	Exequias (as) da leoa... 587.
		15	( <i>Depois da linha</i> ) Homem (o) e o leão... 625.
832	1. <sup>a</sup>	16	Leiteira (a) e a bilha de leite... 531.
		19	Leopardo (o) e o macaco... 516.
		29	( <i>Elimina-se</i> )
		40	Manteiga (a) e a margarina... 158.
		11	( <i>Depois da linha</i> ) Mochô (o) e a agnia... 295.
833	1. <sup>a</sup>	27	( <i>Depois da linha</i> ) Precedencia (a)... 93.
		39 e 40	( <i>Eliminam-se</i> )
		26	Rio (o) e o dique... 183.
834	1. <sup>a</sup>	ult.	Ses (os)... 569.
		15	Urso (o) civilizador... 55.

## Emendas e additamentos ás notas

Pag.	Linha	
835	17	( <i>Depois da linha</i> ) Quanto a cumprimentos, necessarios são elles (como boa educação) para se manter a convivencia indispensavel ao homem. Nem todos podem ser philosophos, occupar-se de profundas estudos e viver sóz; a maior parte precisa, depois do trabalho, de um romanso agradável e encontra-o nesse meio innocentemente ficticio, onde circula aquella moeda que mal se pôde dizer falsa, pois não engana ninguém. O arco nem sempre pode estar armado. V. fábulae 169, 166, 183, 187, 225, 259, 223, 250, 352... e notas respectivas.

Pag.	Libros	
838	10	Vespasiano dizia que um imperador deve morrer em
839	24	multas terras ainda assim é.
	31	Eram creanças antigas e Plinio se refere a ellas:
840	25	Firen, antigo e muito afamado porto de Athenas a 8 kilometros da
842	14	herva alli crescesse. Não deixavam tambem de confiscar-lhes
843	1	V. fabulas 246.* 292.* 332.*... e notas respectivas.
	10	V. fabulas 7.* 133.* 146.* e notas respectivas.
844	17	V. fabulas 18.* 32.* 220.*... e notas respectivas.
846	20	V. fabulas 168.* 230.*... e notas respectivas.
	27	V. fabula 177.*... e notas respectivas.
847	19 e 20	<i>L'homme et les societés</i> ; porém não se adoptem algumas conclusões desanimadoras, que alias não pôde provar.
848	20	O talento não é tão vulgar como muita gente suppõe;
	26	V. fabulas 88.* 169.* 202.* 300.*... e notas respectivas.
849	14 e 15	( <i>Eliminam-se</i> )
850	21	V. fabulas 4.* 9.* 67.* 179.*... e notas respectivas.
851	7	Atordoa as abelhas com fumo quando se erestam as col-
	26	Quem poder siga este systema que é o mais prudente;
	25	nada se pôde alcançar na companhia de ruins e de mal-crea-
854	17	V. fabula 362.*... e notas respectivas.
	19	Ouvem-se a cada passo d'estas criticas feitas a homens de me-
ult.		a elles ha direito, porque os vemos fazer a outros. Quanto ao modo de exigir, ainda o que nos pertence, deve ser causando o menor incommodo. Dizia um funcionario

Pag.	Linha	
854		publico quando o respectivo ministro abusava da sua posição incomodando-o inutilmente — «que não se queixava da carga mas de quem não estava quieto em cima d'ella.»
856	27	( <i>Entre as linhas 27 e 28</i> ). Calça bota de canhão A heroína de Aragão de J. H. da Costa e Silva diz: —«Calço bota de canhão Que faz andar de villão.» Não ha muito ainda se usavam os saloios, e não sei se ainda alguns os usará.
858	12 e 13	havia de chegar aos conhecimentos que hego tem sobre laes assumptos. A resposta é a que o sol poderia ter dado naquelles
860	1.ª	( <i>Depois da linha</i> ). Quando o mal não está no pello, Mas na raiz do cabello... Dicto discreto que, quando rapaz, ouvi a pessoa do Alentejo, significando que o mal é difficil de curar ou incuravel, se na raiz da planta ou na massa do sangue, como diz o povo.
861	10	Ou es doído ou és velhaco, E talvez que sejas tudo.
862	22	( <i>Entre as linhas 22 e 23</i> ). Conspureado Tem aqui esta palavra a significação que com tanta graça lhe dá Garrett na D. Philippa de Vilhena—Conspureo-o— diz Barnabé Fulgencio, no sentido de desprezar ou insultar.
864	8	para todos; e fugir, quanto ser possa de parvos e ruins.
865	8	—mulo da covardia. É sempre o — muita parra, pouca uva.
	17	sim explicar-lhe — farnel (do fardel, fardo) termo pouco
	23	( <i>Entre as linhas 23 e 24</i> ). Muito depressa fugiu

Pag.	Linhas	
865		Dizem que os lobos não podem soffrer musica. Não é o mel ...
	32	(Entre as linhas 32 e 33) Um cano d'agua da chuva
		Ouvi o dicto a José Estevam de Magalhães referindo-se á maior parte dos rios do Portugal.
867	10	—quelin, quiz representar na sua comedia.
	14	Não sei se o com- que o céo (isto é, a verdade) transige e que podemos entrar
	ult.	senão em tudo, em muitas cousas, as sátiras e as caricaturas
868	20	geralmente só erémas fundado aquillo que descjamos; isto na melhor boa-fe
870	3	Que qual bobo tambem ousa.
		A verdade sempre se fez ouvir, com mais ou menos proveito, chegando a ponto de não desdenhar a bocca dos bobos.
871	1.º	Nome que dão os d'avam a — goiabada — em razão da sua
872	22	(Entre as linhas 22 e 23) Com toda a chantrenidade.
		Neste sentido ouvi a palavra em Coimbra e gostei muito d'ella.
873	22	Podia talvez desculpar-se, poisque, possuindo outros, não queria ter viveiro de
874	15	Que todos lhe tem
876	23	da brutoza. — Vejo o orgulho» dizia Sócrates a Antisthenes
	36	—gios que alli, até certo ponto, servem de lyceus (Eton, Rugby . . .) e para
880	3	recebido com um tolo geral, sem mais exa- mo. Se succum-
881	24	(Entre as linhas 24 e 25) Hypocritas doutrinaris
	26	os ha de principios políticos, que são os doutrinarios. Todos adyngam
	30	V. fabulas 10.º, 67.º, 122.º, 124.º, 170.º, 285.º... e notas respectivas
882	12	estava. As vezes (menos porém do que se

Pág.	Linhas	
883	26	pensa) é mais do que o muito—esbanjado. Em todo o caso devemos
	5	dencia que quasi todos tem, de pensar que podem substi-
	27	errar com Platão. + Devemos sempre querer acertar seja com
884	14	não deixa de ser necessario do mesmo mo- do, para reprimir
885	4	te) um bem para alguns, até dizem que uma especie de con-
	6	lho com que ainda podiam, são um mal pa- ra outros, e uma
	10	gos é—(que incommodam) roubam o ultimo bem que lhes
	22	de encontrar? e se podem, são valiosos, e porisso
	25	consta que alguém o achasse; para o atten- nuar no futuro se
886	7	( <i>Entre as linhas 7 e 8</i> ) —Vae prégar A uma horta Ouvi dizer isto muitas vezes, em rapaz. Na verdade quem fór prégar a uma horta, que espera em paga, senão alguma coize!
887	29	não for moço, ainda bastará em muitos ca- sos, o principio de sua vida. Demais,
889	1	se arrepender, não deve demorar-se, mas logo que possa praticar uma ou
890	11	( <i>Em seguida á linha</i> ) que tantas vezes se avanta a força physica,
891	11	homem, o do maravilhoso, o qual bem diri- gido lhe pôde
892	11	( <i>Em seguida á linha</i> ) Quem errou e está ar- repellido deve ser o primeiro a desejar satisfazer a opinião publica e a propria consciencia, que lhe impõem o castigo.— «Como ha de a minha oração ser ouvida» exclama o rei no Hamlet de Shakspeare: «se estou gusando o fructo do meu cri- me!»



Pag.	Linhas	
803	19	( <i>Entre esta linha e a seguinte</i> ) Conservando-se em vocabulos Milhares de exemplos se encontram; basta- ra citar a palavra— <i>lavra</i> . O presente póde ser muitas vezes comparado a um palimpsesto onde se póde descobrir o pas- sado.
804	11	( <i>Entre esta e a seguinte linha</i> ) Sabes? a do bom arinto, Bom signal para a raposa se lembrar d'ella; o proprio lobo não desdenha a uva á falta de melhor, e assim fazem os cães.
	20	( <i>Entre esta linha e a seguinte</i> ) Em ambas os parlamentos V. fabulas 218 e 339.
805	10	perdida (isto consta da narração). Quisera pois saber onde
	12	e se não é isso o que acontece as mais das vezes? De taes
	13	européis não faltam, infelizmente, exem- plos
	14	e o que é peor nos cursos de litteratura, para educar o sentimento esthe-
	24	— <i>sembleia de reis</i> , sabia muito bem o que fazia, e com a 803
	34	V. fabulas 53*, 203*, 206*, 302*... e notas respectivas.
806	2	nada, pouco perde tambem com a mudança de posição. Aqui o
	6	Se (no sentido religioso) muita gente junta não se salva.
	23	( <i>Em continuação</i> ) É necessario não exagger- rar o sentimentalismo, ou tem de se mor- rer para não destruir animal algum, nem planta pois tambem tem vida. Ha gente que não coize d'uma gallinha se a viu ainda viva! Tanto póde a piguice.
809	24	accessorio que varia e chega a perder par- te do seu merecimento com
910	42	—leis ou escusavris?
911	11	do que devia, podia e ha de ser,

Pag.	Linhas	
917	2	rimar as duas partes do ditado. Não o encontro em dic-
	14	que são vivas estão transformando-se continuamente
950	33	A nobreza (heraldada) abriga (os successores): dizem muito

### Emendas e alterações ao índice por materias

Pag.	Linhas	
959	6	coibica, bens de fortuna; confundem-se ellas
	17	costumo no uso
		mais experiencia tem, tanto menos se deixa enganar pelos
960	6	so defeito contrario é que com justiça se dá o nome de
	17	de, sem a qual pouco ou nada pode: é a microscopica ro-
	20	facilmente grandes commodos, é o escudo dos fracos con-
	31	so; e, sem elle, é escrever na areia, ou, como diz o povo, cutiar
	33	dudo a devassidão, este caruq—! Animo! lhe brada o philo-
961	1.ª	dito de alguem. Differe da diffamação que junta a calu-
		mnia a publicidade. Tambem se diffama, quando se publicam erros ou defeitos que, embora reaes, estavam secretos. Filha não raro da levandade, as mais das vezes nasce da inveja ou desejo de vingança. Propalar defeitos alheios, embora verdadeiros, pouco differe de querer calumniar, pois difficilmente se poderá ter a certeza absoluta da existencia

Pag.	Linha	
961		d'elles, e produz o escandalo que é, em re- gra, mais nocivo que proveitoso
	13	Ainda assim, é preciso attender ao senti- mento que nos
	14	leva a pratical-as. Quando o fazemos movi- dos pelo coração,
	20	a razão, e que é independente do praxer que nos causa. A verdadeira ca-
	21	ridade é o amor do proximo em Deus, e por Deus, isto é, em
	22	vista do que é bom, santo e justo, sem at- tendermos ao iné-
	27	que a mais não é obrigado; e não tenha a louca (postoque
	30	Evangelho, dando o pouco que podia, deu mais do que os
	38	fre o bem e o mal, que se podem gosar ou soffrer na vida.
962	3	de que, não havendo miseria nem ambições e gosando-se de
	5	pouco differem em intensidade nas diver- sas classes so-
	6	ciaes. É fatal que, quanto mais se gosa ou se pôde gosar,
	8	uns homens são capazes de sentir, e outros não; nem os
	16	aconsellar quando não é filha da preguiça ou falta de
	18	mal não tem remedio possível. Só nesse caso nos devemos
	23	não, sobre a materia sujeita, que, se não fosse de quem
	28	sociar: d'ahi a necessidade dos contractos. Estes podem
963	7	mórmente nas primeiras edades:—dize-me com quem au-
	17	de ser a apreciação conscienciosa do bem e do mal, tornou
	27	o cecram, ou em que esta foi feita, absolu- ta ou relativa-
	29	tempo em que escreveu: a obra pôde ter

Pag.	Linhas	
963		sido muito valiosa noutros tempos, mas ser de pouco valor actualmente.
964	4	deveres. Dir-me-hão que vem a dar nomezmo, pois que
	7	meio caminho; pugna pelos seus direitos ou que imagina
	8	ter e, quando nos seus deveres, deixa nos outros o tra-
	9	balho de pugarem por elles e de l'os fazerem cumprir.
	26	o desenvolvimento physico, moral e intellectual, de que o
	31	moral e intellectual (literaria, artistica, profissional). Todas
	33	humanidade, porém a intellectual literaria ou artistica só se torna
	34	possivel ou conveniente ao individuo segundo as suas especies
	38	sociedade, e independente da intellectual e, porisso, pas-
965	2	queiros. Quanto á educação intellectual ou instrução nos
	16	individuos tem limites que, largos em alguns são mui-
	17	—to apertados noutros; isto dá-se tanto nos individuos co-
	23	n fazem sobresahir, porém são insufficientes só por si e,
	30	—nitos modos; é o abusado a encobrir madeiras medianarias
966	3	pode o homem deixar de ser algum tanto egoista, pois
	11	nos chega sem sacrificarmos os nossos semelhantes;—ne-
	12	cessario e portanto innocente, o que nos conserva e ang-
	14	—condemnavel (verdadeiro egoismo) a que nos leva a tudo
	16	dade caprichos... ; quem o tiver torna-se o inimigo encar-

Pag.	Linhas	
966	18	com toda a justiça o ha de combater e inutilizar-se tanto
	19	podér.
967	9	prejudicam, para não scandalizar os demais e calir no
	10	seu desprezo, que nem sempre seria justo; porém muito
	16	—casos de lh'a comunicar, dando-se por são e escoreito.
	25	imitação, macaqueação. — O homem copia ou imita
	32	—caqueia o que é bom, sem o deturpar; e serve de regra
968	16	boas que pouco soffrem com a peor. Também ha indoles in-
	27	—trus ou isolem—os para não causarem prejuizo, aos de-
	38	—cejo de os possuirmos, embora aquelles fossem d'ellas des-
969	3	<i>V. tostem</i> —calumnia, critica, indole.
	4	Justiça. — Deve-se a todos, ainda aos peiores. Shaks-
	6	de Cesar ( <i>Julio Cesar</i> , act. 3. <sup>a</sup> sc. 2. <sup>a</sup> ):—
		Assim, lagrimas pela
	10	parcial, nada diminuindo da gloria que elle justamente al-
	14	plicado: negar-lhe algum merito que tenha parece ainda
	15	maior injustica do que negar alguns a quem tiver muitos: o rou-
	17	beceio-se tambem que, procurando praticar com al-
	18	guem o que se adigura justiça, se façam favores a custa
	20	ponto; requer porém muita prudencia, pois corre-se o
	25	<i>V. tostem</i> —apparencias, direitas e deveres.
	28	—mento e o alorno; mas, ainda assim e na falta d'aquella, sem-
	29	—pre podem tornar um homem supporta-

Pag.	Libros
968	—vel, senão estimavel.
969	31. suas celebres <i>Cartas</i> , as quaes, tirando o que o tempo tem alterado nos costumes, são ainda um dos maiores
	32. Hores compen-
	34. —dam aos superiores, captivam os inferiores e são indita-
970	2. —rissimo o demais de uma especie. Tmalem
	3. depende da epo-
	4. —cha em que viveu ou vive o individuo; e,
	4. —há e a humanidade progride, tende sempre a diminuir
	5. quanto ao genero em que se deu e a importancia d'esse
	8. de certo menos apreciado hoje em que as
	9. aguas se
	9. levantam por meio de syphões: um escriptor de grande
	14. comeder equal na actualidade, a sua obra com a acção do tempo
	15. perda do seu valor quanto á forma que se
	16. torna
	16. intelligivel para a maior parte da gente: e
	26. —monizam entre si; isto quanto á intelligencia, instrucção
	32. —lamente aos que pretendiam abraçá-lo: o mesmo succede
	33. com outras religiões antigas, que tinham os seus mysterios,
	37. e interesses diversos, geralmente antigathizam entre si:
	44. differenças, devem-o fazer educando e elevando sempre e
971	7. e que, fundadas em informações mais ou menos exactas e
	8. em apreciações mais ou menos apaixonadas e interesseiras
	9. ou esclarecidas, pouco e pouco se confundem e modificam

Pag.	Linhas	
971	11	intellectual da sociedade; não sendo por- isso raro, antes
	14	pouco segura. É forçoso porém respeitá-la, pelo menos
	28	—de nobre sem a qual o homem se torna desprezível e
	29	desprezado: exaggerado porém degenera, por factos, em soberbia
	39	—do de quantas li e já me não lembro, é— a explicação ra-
972	4	fundam, tornam-se philosophicas.
	6	de juizo, sensatez, que levam o homem a que não dê a cada
	20	Política. — Sciencia de governar os povos, exigindo
	22	cia: sciencia que porisso poucos podem ter mas que muitos
	25	epochas do desenvolvimento d'estes. Infe- lizmente, tem-se torcido para não poucos individuos uma especulação lucrativa em larga escala... Quem d'isto duvidar
	28	fabulas—os dois sujos—a dupla demonstra- ção—os jo-
	29 e 30	—gadores... Bom ou mau porém, é indis- pensavel que haja um governo;
	31	e, se este não for o melhor que podia ser, a culpa é de to-
973	2	seres, assim como o é da sua decadencia. Todo o ser que
	3	nasce e se conserva, desenvolve-se, esta- ciona e decar. Da-se isto com
	8	ha de ainda durar; pelo menos, por um tempo que es-
	10 e 11	de estacionar, e a da geral decadencia? Vi- vemos, ainda que inconscientemente, nos nossos antepassados, viveremos
	15	—je existe? Estou que estes problemas, bem como o da ori-
	16	—gem primitiva das cousas, são d'aquelles a que o homem

Pag.	Linhas	
973	26	sucedem, podem produzir ou desfazer. É a grande arte da
	29	em timidez tornando o homem acanhado e incapaz de
974	1	Superstição.—Provém da ignorancia, da fraqueza de
	2	espírito, do receio, da necessidade de acreditar, inherente
	3	ao homem, quando mal dirigida pela primeira educação. Aca-
	6	—guição aos que não a compartilham. Todo o ignorante é supersti-
	7	—cioso; porém este nem sempre é ignorante, homens ha il-
	10	esta civida naquelle sentido e sem remédio na primeira
	12	—sos do que vulgarmente se imagina, e sempre os ha-
	13	vera em todas as classes da sociedade, enquanto durar a
	20	vontade, desejo, d'onde— <i>tolante</i> . Fernão Lopes na Ch. <sup>a</sup> de
	24	D. Henrique; e bella, porque a boa vontade vence muito—
975	34	—tadas do que a gente sensata chama—es- perfeza de rato; e nos
	1	ção, e servir para o bem ou para o mal segundo as mãos.
	2	que o empregarem; e nem sempre é acompanhado de pru-
	13	Trabalho.—O homem não pode viver sem trabalhar ou sem
	14	se aproveitar do trabalho alheio. O homem que vive só
	24	Vaidade.—Desejo da admiração dos outros. Esta, se nos causa dissabores, tambem nos
	28	proporciona pra-
	33	dar se, porém com moderação, para que não degenera
	34	em baixez, e para que possa conservar algum valor. <i>Nulière</i> faz



Pag.	Linhas	
975	35	dizer ao seu Misanthropo:—«Que apreço merecem os
	37	—meio hisborres que encontrar!»

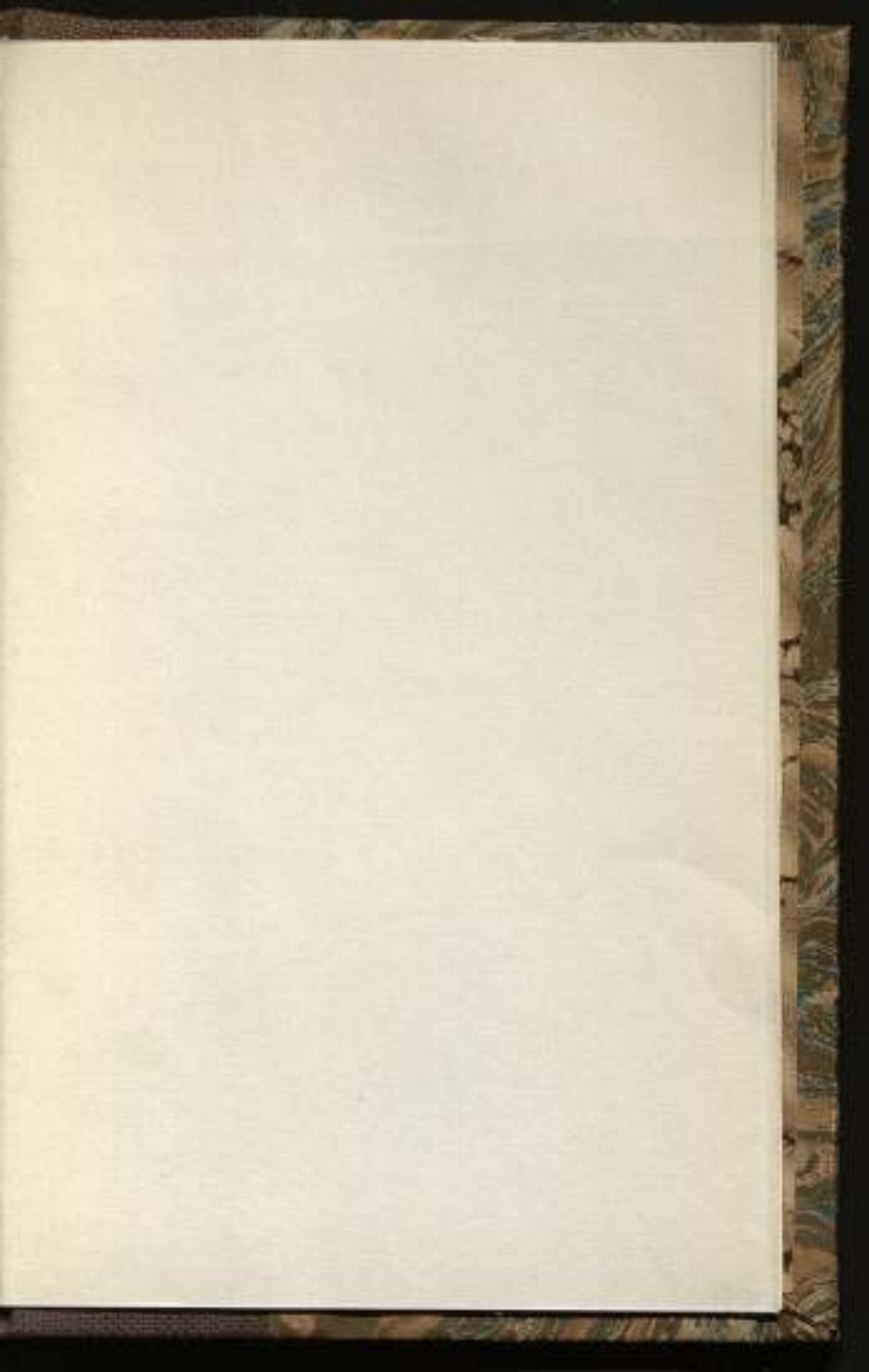
NR. Durante a impressão d'este livro preparei, além das emendas, as alterações que me pareceram necessarias ou convenientes; com o fim de imprimir uma nova edição mais correcta; e decidi-me a publicar estas desde já (embora tornem muito maior o volume do livro) não só pela razão de que me falte vida e saúde para realizar a nova edição, mas por desejar que as pessoas que tiverem esta possam também aproveitar-se d'ellas. Apesar de tantas emendas, alguns erros de certo ainda escaparam. Espero porém que serão, a maior parte, typographicos e facéis de emendar.



## INDICE GERAL

---

	Paginas
Dedicatória a S. Magestade Real.....	ii
Introdução.....	vii
Fabulas.....	1 a 827
Indice alphabetico das fabulas.....	829
Notas.....	835 a 858
Indice por materias.....	959 a 970
Emendas e alterações a fazer nas fabulas ...	977 a 1062
Emendas e addições a fazer ás notas.....	1062 a 1068
Emendas ao indice por materias.....	1068 a 1075



THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

OF

SCOTLAND

